

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ISSN

Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

V.26 - N° 3



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Universidade Federal de Minas Gerais

REITORA: Sandra Regina Goulart Almeida
VICE-REITOR: Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras:

DIRETORA: Graciela Inés Ravetti de Gómez
VICE-DIRETORA: Sueli Maria Coelho

Editora-chefe

Heliana Ribeiro de Mello

Editores-associados

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG)
Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG)

Revisão e Normalização

Alda Lopes Durães Ribeiro
Heliana Ribeiro de Mello

Editoração eletrônica

Alda Lopes Durães Ribeiro
Henrique Vieira da Silva

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.1 - 1992 - Belo Horizonte, MG,
Faculdade de Letras da UFMG

Histórico:

1992 ano 1, n.1 (jul/dez)
1993 ano 2, n.2 (jan/jun)
1994 Publicação interrompida
1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)
1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.
1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)

Nova Numeração:

1997 v.6, n.2 (jul/dez)
1998 v.7, n.1 (jan/jun)
1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

ISSN: Impresso: 0104-0588
 On-line: 2237-2083

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

V. 26 - Nº 3- jul.-set. 2018

Indexadores

Diadorim [Brazil]

DOAJ (Directory of Open Access Journals) [Sweden]

DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]

EBSCO [USA]

JournalSeek [USA]

Latindex [Mexico]

Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]

MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]

MLA Bibliography [USA]

OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]

Portal CAPES [Brazil]

REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]

Sindex (Scientific Indexing Services) [USA]

Web of Science [USA]

WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]

ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Editora-chefe

Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Organizadoras do número

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Aparecida Negri Isquerdo (UFMS, Campo Grande/MS, Brasil)

Editores Associados

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Conselho Editorial

Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina)

Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França)

Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos)

Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel)

Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)

Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal)

Tjerk Hagemeijer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Alessandro Panunzi (UniFl, Florença, Itália)
Alina M. S. M. Villalva (ULisboa, Lisboa, Portugal)
Aline Alves Ferreira (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)
Ana Lúcia de Paula Müller (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ana Maria Carvalho (UA, Tucson/AZ, Estados Unidos)
Anabela Rato (U of T, Toronto/ON, Canadá)
Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Aquiles Tescari Neto (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Augusto Soares da Silva (UCP, Braga, Portugal)
Beth Brait (PUC-SP/ Universidade de São Paulo-USP, São Paulo/SP, Brasil)
Bruno Neves Rati de Melo Rocha (UFPA, Altamira/PA, Brasil)
Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
César Nardelli Cambraia (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Cristina Name (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
Charlotte C. Galves (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Deise Prina Dutra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP/ UPM, São Paulo/SP, Brasil)
Dylia Lysardo-Dias (UFSJ, São João del-Rei/MG, Brasil)
Edwiges Morato (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Emília Mendes Lopes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Esmeralda V. Negrão (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Flávia Azeredo Cerqueira (JHU, Baltimore/MD, Estados Unidos)
Gabriel de Avila Othero (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Gerardo Augusto Lorenzino (TU, Filadélfia/PA, Estados Unidos)
Gláucia Muniz Proença de Lara (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Hanna Batoréo (UAb, Lisboa, Portugal)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Heronides Moura (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Hilario Bohn (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Hugo Mari (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ida Lucia Machado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ivã Carlos Lopes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara, Araraquara/SP, Brasil)

João Antônio de Moraes (UFRJ, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil)
João Miguel Marques da Costa (Universidade Nova da Lisboa, Lisboa, Portugal)
João Queiroz (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
José Magalhaes (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
João Saramago (Universidade de Lisboa)
José Borges Neto (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Laura Alvarez Lopez (Universidade de Estocolmo, Stockholm, Suécia)
Leo Wetzels (Free Univ. of Amsterdam, Amsterdã, Holanda)
Laurent Filliettaz (Université de Genève, Genebra, Suíça)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC, Fortaleza/CE, Brasil)
Livia Oushiro (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Lodenir Becker Karnopp (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Luiz Amaral (UMass Amherst, Amherst/MA, Estados Unidos)
Luiz Carlos Cagliari (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Luiz Carlos Travaglia (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
Marcelo Barra Ferreira (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcia Cançado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Márcio Leitão (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, Brasil)
Marcus Maia (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Antonieta Amarante M. Cohen (UFMG, Belo Horizonte/ MG, Brasil)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Maria do Carmo Viegas (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Luíza Braga (PUC/RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Marta P. Scherre (UNB, Brasília/DF, Brasil)
Miguel Oliveira, Jr. (Universidade Federal de Alagoas)
Milton do Nascimento (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Monica Santos de Souza Melo (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Patricia Matos Amaral (UI, Bloomington/IN, Estados Unidos)
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Philippe Martin (Université Paris 7, Paris, França)
Rafael Nonato (Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Raquel Meister Ko. (Freitag, UFS, Brasil)

Roberto de Almeida (Concordia University, Montreal/QC, Canadá)
Ronice Müller de Quadros (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Ronald Beline (USP, São Paulo/ SP, Brasil)
Rove Chishman (UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil)
Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Seung- Hwa Lee (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Sírrio Possenti (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Suzi Lima (U of T / UFRJ, Toronto/ON - Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Thais Cristofaro Alves da Silva (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Tommaso Raso (UFMG, Belo Horizonte/MG-Brasil)
Tony Berber Sardinha (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Vander Viana (University of Stirling, Stirling/Sld, Reino Unido)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF, Niterói/RJ, Brasil)
Vera Lucia Lopes Cristovao (UEL, Londrina/PR, Brasil)
Vera Menezes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Wilson José Leffa (UCPel, Pelotas/RS, Brasil)

Sumário / Contents

Apresentação/ Introduction

A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas <i>Onomastics in different perspectives: research results</i> Maria Cândida Trindade Costa de Seabra Aparecida Negri Isquerdo	993
---	-----

Toponímia-Toponomástica/ Toponymy-Toponomastics

Toponímia e Geografia Cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade <i>Toponymy and Cultural Geography: weaving threads of investigation within the scope of interdisciplinarity</i> Rodrigo Vieira do Nascimento Karylleila dos Santos Andrade Carolina Machado Rocha Busch Pereira	1003
Topônimos latino-americanos: como nomear um país? <i>Latin American toponyms: an etymological study</i> Leticia Santos Rodrigues	1031
Estratigrafia linguística da hidrotponímia de Portugal continental <i>Linguistic stratigraphy of mainland Portugal's hydrotponymy</i> Carlos Rocha	1057
Verbetes toponímico: microestruturas para hidrônimos <i>Toponymic entry: Microstructures for hydronyms</i> Ana Claudia Castiglioni	1095
Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios <i>Minas Gerais religious toponymy: the names of municipalities</i> Ana Paula Mendes Alves de Carvalho	1123

Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais <i>Tradition and memory: an anthroponymic study of the names of the city of Ponte Nova – Minas Gerais</i>	
Glauciane da Conceição dos Santos Faria	1151

Antroponímia-Antroponomástica/ Anthroponymy-Anthroponomastics

Onomástica Parkatêjê: aspectos semânticos dos nomes próprios de pessoas <i>Parkatêjê Onomastics: Semantic aspects of human proper names</i>	
Tereza Tayná Coutinho Lopes	
Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira	1177

Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of usage of Lithuanian and Brazilian masculine anthroponyms <i>Entre línguas e culturas: um estudo exploratório sobre os usos de antropônimos masculinos lituanos e brasileiros</i>	
Márcia Sipavicius Seide	
Lolita Petrulionė	1201

A alcunha galego no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS <i>Galego as a nickname in the Portuguese of Santa Catarina: Findings from ALERS</i>	
Fernando Hélio Tavares de Barros	
Lucas Löff Machado	
Grasiela Veloso dos Santos Heidmann	
Neusa Inês Philippsen	1227

Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São Bernardo <i>Literary Onomastics in Graciliano Ramos: the names of characters of Vidas Secas and São Bernardo</i>	
Kleber Eckert	
Maiquel Röhrig	1277

Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira:
uma abordagem morfológica, histórica e construcional

*Male Names in X-Son in Brazilian Anthroponymy:
a Morphological, Historical and Constructional Approach*

Natal Almeida Simões Neto

Juliana Soledade..... 1295



A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas

Onomastics in different perspectives: research results

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
candidaseabra@gmail.com

Aparecida Negri Isquerdo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul /
Brasil
aparecida.isquerdo@gmail.com

A Onomástica se integra à Lexicologia, caracterizando-se como uma disciplina da linguagem que possui duas áreas de estudo: a Antroponímia e a Toponímia. Ambas têm como objeto de pesquisa o nome próprio: a primeira, a Antroponímia, trata dos nomes das pessoas – os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos. Já a segunda, a Toponímia, se integra à Onomástica como a área que investiga o léxico toponímico, por meio do estudo da motivação e origem dos nomes próprios de lugares.

Os estudos onomásticos remetem ao nosso passado, a nossas origens, por isso despertam, desde sempre, a curiosidade não só de estudiosos, mas de todas as pessoas em geral. Ultrapassando a mera função nomenclatória, os nomes de pessoas e os nomes de lugares são

produtos de um sistema de denominação que reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores. Embora nos pareçam familiares porque os conhecemos e deles, habitualmente, fazemos uso, quando paramos para pensar sobre a natureza dos nomes próprios de pessoas e lugares, nos damos conta de que, quase sempre, são de significados incompreensíveis, estranhos para nós, mesmo designando pessoas e lugares conhecidos.

Isso ocorre porque em Onomástica a função referencial, seja ela voltada para o nome de pessoa ou para o nome de lugar é a que se destaca; “já o seu sentido nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo, que vem se mantendo na língua, atravessando gerações”¹. Por se tratar de estudos que envolvem a função referencial ou denotativa da linguagem, não se pode falar em Onomástica – Toponímia e Antroponímia – sem se esbarrar na função primeira desses signos linguísticos que é a referência, nem, tampouco, deixar de estudar a função simbólica ou representativa que eles sustentam, isto é, a vinculação do significado de um nome a uma determinada pessoa ou localidade implica necessariamente a pergunta sobre o que ele simboliza, o que representa ou denomina.

Como a Onomástica nos traz valiosas informações que podem ser utilizadas em diversas áreas do conhecimento humano, sublinhamos o fato de que essa disciplina linguística tem um caráter interdisciplinar, interessando não só à ciência linguística, como, também, a outras ciências, cabendo destacar a História, a Geografia, a Arqueologia, a Genealogia, a História Social e a Cartografia que se utilizam de informações proporcionadas pelas pesquisas antroponímicas e toponímicas, o que é uma mostra suficiente da riqueza e importância da área.

Em se tratando das definições dos termos Toponímia e Antroponímia, em 1928, Leite de Vasconcelos estabelecia conceitos e classificações acerca da ciência do nome próprio no seu manual *Antroponímia Portuguesa*, em que se ocupa dos antropônimos de Portugal desde a Idade Média. Sobre o termo “Antroponímia”, o autor já o havia proposto e empregado em 1887, na *Revista Lusitana*. No manual de 1928, destaca:

¹ Seabra, 2006, p. 1956.

Temos como se vê, muitas espécies de “nomes próprios”. A secção da Glotologia que trata d’eles (origem, razão de emprego, forma, evolução, etc.), convieram os filólogos em a designar por “Onomatologia”, que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundárias: 1) Estudo de nomes locais, ou “Toponímia”, na qual se inclui igualmente o elemento líquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos que dão freqüentemente nomes a sítios (a “Toponímia” é pois Onomatologia geográfica). 2) Estudo dos nomes de pessoas, ou “Antroponímia”, expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na “Revista Lusitana”, I, 45. 3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: “Panteonímia” (de pantóios, que quer dizer “de toda a espécie”, “variado”). No estudo dos nomes de seres sobrenaturais nada nos impede de chamar “Teonímia” (Theonymia) ao dos nomes de deuses.²

Mas são as definições dadas, em 1951, por Dauzat (que concebe a Antroponímia e a Toponímia como ciência), que têm orientado muitos dos estudos atuais sobre a questão do nome. Segundo esse linguista, “Antroponímia é a ciência dos nomes de pessoas (antropônimo, nome de pessoa); Toponímia, a ciência dos nomes de lugares (topônimo, nome de lugar). E a Onomástica, a união destas duas ciências (termo empregado, às vezes erroneamente, como sinônimo de Antroponímia)”.

Em 2011, foi criada uma lista de termos onomásticos importantes, recomendados pelo International Congresso of Onomastic Sciences (ICOS 2011): Toponomástica e Antroponomástica³ – as duas áreas da Onomástica, termos que hoje já podem ser encontrados em diversos trabalhos de pesquisas no Brasil e no exterior, convivendo com os tradicionais termos Toponímia e Antroponímia.

Nesses primeiros anos do século XX, os estudos onomásticos no Brasil vêm se destacando, sobretudo, em pesquisas ligadas a diferentes Programas de Pós-Graduação. Antes, tais pesquisas se concentravam na Universidade de São Paulo, integradas aos estudos linguísticos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), tendo como foco os estudos toponímicos, privilegiando os nomes de origem indígena. Esses estudos tiveram início com o Professor Carlos Drumond, quando

² Leite de Vasconcelos, 1928, p. 02

³ Hough, 2016, p.03

publicou, em 1965, sua tese de Livre-Docência – *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*. De acordo com esse estudioso, no Brasil, “a maior parte das pesquisas toponímicas era feita amadoristicamente, sem os rigores de uma metodologia apropriada.”⁴ Não ignorando essa situação, incentivou e orientou a Profa. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP) a estudar e a pesquisar a Toponímia do Brasil, resultando em sua Tese de Doutorado, um trabalho científico que legou aos estudos toponímicos os “princípios teóricos e modelos taxenômicos” para o estudo dos nomes de lugares do Brasil.

Dick incentivou muitos pesquisadores a trabalhar com seu modelo no Brasil. Foi, assim, em cada Universidade, com o apoio de Dick, mas com variações regionais, crescendo as pesquisas toponímicas nas várias regiões brasileiras, em especial no Sudeste e no Centro-Oeste. Em se tratando das pesquisas antroponímicas, não há, ainda, em nosso país, grupos de pesquisas tão coesos, apenas alguns nichos em estado embrionário.

1. Sobre os artigos deste número temático.

Este volume traz 11 artigos que discutem resultados de pesquisas desenvolvidos por linguistas de diferentes universidades brasileiras, portuguesa e alemã, que se dedicam a investigações acerca de questões relativas à Onomástica, no âmbito da Toponímia/Toponomástica e da Antroponímia/Antroponomástica.

1.1 A Toponímia/Toponomástica

Como já anteriormente assinalado, a Toponímia/Toponomástica é uma área interdisciplinar, o que ficou evidenciado nos artigos publicados neste número temático da Revista RELIN. Iniciando a publicação, o artigo de Rodrigo Vieira do Nascimento, Karylleila dos Santos Andrade e Carolina Machado Rocha Busch Pereira, todos da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Palmas – Tocantins/Brasil, discutem pontos de interlocução entre Toponímia e Geografia Cultural, no âmbito da interdisciplinaridade, utilizando-se de uma abordagem de análise metodológica qualitativa e de caráter bibliográfico.

⁴ Dick, 1990, p. 11.

Na sequência, Letícia Santos Rodrigues, da Universidade de São Paulo, São Paulo/Brasil apresenta um estudo etimológico de topônimos latino-americanos, mais especificamente, dos topônimos referentes aos nomes dos países que compõem a América Latina, sob o esteio metodológico da Etimologia. Para tanto, pauta-se na consulta a diferentes dicionários etimológicos, além de outros materiais de apoio. Percebe-se que as razões relacionadas às escolhas dos topônimos analisados foram diversas, tais como aspectos físicos/geográficos e/ou culturais, personalidades históricas, religião e, às vezes, até motivações ainda desconhecidas.

O terceiro artigo, intitulado *Estratigrafia linguística da hidrotoponímia de Portugal continental*, assinado por Carlos Rocha, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa/Portugal insere-se na história da onomástica portuguesa, tendo como objetivos: (1) definir os limites do inquérito linguístico na análise etimológica dos hidrotopônimos de Portugal continental; (2) enquadrar na discussão da estratigrafia linguística a caracterização nacional e regional do hidrotopônimos. Com a finalidade de contribuir criticamente para a recuperação da Etimologia como disciplina mais atuante no contexto dos domínios da História da Língua e da Linguística Histórica, o autor retoma uma linha de investigação que remonta a trabalhos desenvolvidos não só por autores portugueses clássicos, como, também, pelas propostas de pesquisadores contemporâneos. A conclusão do estudo demonstrou que a hidrotoponímia de Portugal continental tem origem maioritária em itens do léxico comum latinoromance, embora conserve um importante património pré-latino, contando, ainda, com interferência lexical, morfológica e fonológica do árabe.

Estudando a hidronímia do Brasil, Ana Claudia Castiglioni, da Universidade Federal do Tocantins, *campus* Araguaína, Tocantins/Brasil, partindo de um repertório de topônimos, obtidos no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS, que denominam elementos geográficos referentes a diferentes tipos de correntes hídricas como água, arroio, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta, propõe modelos de microestrutura para verbetes toponímicos, tendo como suporte teórico os pressupostos da Toponímia e da Terminologia.

A toponímia religiosa em nomes de municípios do estado de Minas Gerais/Brasil é o tema do artigo de Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, docente do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Branco, que teve por objetivo apresentar resultados de um estudo toponímico dos nomes dos 853 municípios de Minas Gerais. Após análise sincrônica e diacrônica, a pesquisadora apresenta casos de variações, mudanças e retenções no léxico religioso toponímico.

O sexto artigo que integra esta publicação, intitulado *Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais*, de Glauciane da Conceição dos Santos Faria, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/Brasil, contribui com os estudos toponímicos sugerindo uma nova proposta de classificação para a taxa do antropotopônimos, utilizando como *corpus* 410 antropotopônimos que nomeiam logradouros urbanos da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais.

Os artigos publicados nesse primeiro bloco de trabalhos evidenciam diferentes perspectivas de estudo da toponímia, à medida que exploram dados representativos da macrotoponímia (nomes de países da América Latina e nomes dos municípios mineiros); da microtoponímia rural (hidrotoponímia de Portugal continental e topônimos que nomeiam correntes hídricas de Mato Grosso do Sul) e da microtoponímia urbana (nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova/Minas Gerais), além de uma abordagem transdisciplinar dos estudos toponímicos (toponímia do Tocantins).

1.2 A Antroponímia/Antroponomástica

Este número da revista traz também cinco artigos que procuram ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a Antroponímia.

Para começar, o artigo escrito por Tereza Tayná Coutinho Lopes e Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira, ambas da Universidade Federal do Pará, Belém, Pará/Brasil, intitulado *Onomástica Parkatêjê: aspectos semânticos dos nomes próprios de pessoas*, discute fenômenos semânticos específicos, presentes na constituição dos antropônimos na língua Parkatêjê, que refletem conhecimentos culturais, valores e pensamentos dessa etnia.

Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of Usage of Lithuanian é o segundo artigo que versa sobre estudos

antroponímicos dentre os publicados neste número temático da RELIN, escrito por Márcia Sipavicius Seide, da Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon/Cascavel, Paraná/Brasil e por Lolita Petrulionė, da Šiauliai University, Šiauliai/Lituânia. É um estudo que analisa os usos de prenomes masculinos na Lituânia e no Brasil mediante um estudo exploratório comparativo baseado em dados estatísticos disponíveis em sites institucionais de cada país. Os resultados da pesquisa confirmaram a existência de nomes equivalentes em ambos os países. Esses são nomes cristãos cujo uso foi influenciado pelo Catolicismo, religião predominante nos dois países.

Na sequência o artigo *A alcunha galego no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS* retoma a figura dos galegos no folclore luso-brasileiro ao descrever o uso da alcunha galego no português falado no Estado de Santa Catarina/SC, no sul do Brasil. Esse artigo foi escrito por quatro autores: Fernando Hélio Tavares de Barros, da Universidade Christian-Albrechts de Kiel (CAU), Kiel, Schleswig-Holstein/Alemanha; Lucas Löff Machado, da Universidade Católica de Eichstätt e Ingolstadt (KU), Eichstätt, Baviera/Alemanha; Grasiela Veloso dos Santos Heidmann, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso/Brasil e Neusa Inês Philippsen, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Campus Sinop), Sinop, Mato Grosso/Brasil/Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo/Brasil.

O quarto artigo, assinado por Kleber Eckert e Maiquel Röhrig, ambos vinculados ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul/Brasil, trata da *Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São Bernardo*. O objetivo central do texto é a análise etimológica e simbólica dos nomes dos principais personagens dos romances *Vidas Secas* e *São Bernardo*, a fim de verificar se existe uma relação entre o significado do nome e o comportamento ou as características físicas dos personagens desses romances.

O número temático da revista se encerra com o artigo de Natival Almeida Simões Neto, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia/Brasil e de Juliana Soledade, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia/Universidade de Brasília, Brasília, DF/Brasil que propõem uma análise de nomes masculinos terminados em -son tomando por base a lista de aprovados dos vestibulares de 2016 e

2017 da Universidade do Estado da Bahia. O artigo, intitulado *Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional*, analisa a trajetória do formativo –son na criação de antropônimos no Brasil.

A exemplo do conjunto de textos que versaram sobre a toponímia, os voltados para a antroponímia também focalizam um leque distinto de abordagens como o estudo de *antropônimos* na língua Parkatêjê; os usos de *pre nomes masculinos* na Lituânia e no Brasil; a *alcunha* galego no português falado no Estado de Santa Catarina; a análise etimológica e simbólica dos *nomes* dos principais *personagens* dos romances *Vidas Secas* e *São Bernardo* e a trajetória do *formativo –son* na criação de *antropônimos* no Brasil.

Como pode ser observado pelo leitor, os artigos aqui apresentados procuram ampliar e aprofundar o conhecimento sobre os estudos toponímicos e antroponímicos, confirmando, por meio de estudos empíricos, que a Onomástica é uma área que envolve não só aspectos linguísticos, mas que também procura relacionar os nomes de lugar e de pessoa a fatores socioculturais, históricos e ideológicos. Tem-se, por fim, a expectativa de que este número temático da Revista RELIN para além de divulgar resultados de pesquisas orientadas pelos constructos teóricos das disciplinas Toponímia/Toponomástica e Antroponímia/Antroponomástica, possa estimular novas pesquisas na área.

Referências

LEITE DE VASCONCELOS, J. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

DAUZAT, A. *Dictionnaire Étymologique des Noms de Famille et Prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

HOUGH, Carole. *Names and Naming*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2016.

SEABRA, M. C. T. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.



Onomastics in Different Perspectives: Research Results

A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Federal University of Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brazil
candidaseabra@gmail.com

Aparecida Negri Isquerdo

Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul / Brazil
aparecida.isquerdo@gmail.com

Onomastics is an integral part of Lexicology, characterized as a language discipline containing two fields of study: Anthroponymy and Toponymy. Both use proper names as the focus of study: the first, Anthroponymy, treats people's names – the proper names of individuals, the parental or last names, and the nicknames. By contrast, the second, Toponymy, is the area of Onomastics that investigates the toponymic lexicon, through the study of motivation and origin of the proper names of places.

Onomastic studies harken back to our past, to our origins, and thus always awaken curiosity, not only of scholars, but also of people in general. Surpassing the mere function of nomenclature, the names of people and places are products of a system of denomination that reflect the way of life of a given culture and how this represents their values. Although they may appear to us as familiar, because we know them and routinely make use of them, when we stop to contemplate the nature of the proper names of people and places, we almost always realize that these stem from incomprehensible meanings that are strange to us, even when they refer known people and places.

This occurs because, in Onomastics, the referential function, be it geared toward the name of the person or the name of the place, is what stands out, “whereas its meaning cannot always be found stored in the mind of the listener, nor in that of the speaker, especially if it is a very old toponym, which has been maintained in the language, transcending generations.” (SEABRA, 2006, p. 1956). As this research deals with studies that involve the referential or denotative function of language, one cannot speak of Onomastics – Toponymy and Anthroponymy – without first bumping into the primary function of these linguistic signs, which is the reference, nor without studying the symbolic or representative function that they sustain. In other words, link of the meaning of one name to a specific person or location necessarily implies the questions surrounding what it symbolizes, what it represents, or what it denominates.

As Onomastics brings valuable information that can be used in many fields of human knowledge, we stress the fact that this linguistic discipline has an interdisciplinary characteristic, interesting not only to linguistic science, but also to other sciences, of which History, Geography, Archeology, Genealogy, Social History, and Cartography stand out, as they use information provided by anthroponymic and toponymic studies, which is, in itself, a sufficient show of the wealth and importance of this field.

Regarding the definitions of the terms Toponymy and Anthroponymy, in 1928, Leite de Vasconcelos established concepts and classifications regarding the science of proper names in her Portuguese Anthroponymy manual, in which Portuguese anthroponyms since the Middle Ages can be found. Regarding the term “Anthroponymy”, the author had already proposed and employed this term in 1887, in *Revista Lusitana*. In her 1928 manual, we can see:

We have, as you can see, many types of “proper names”. The section of Glotology that treats these (origin, reason for employment, form, evolution, etc.) led philosophers to designate it through “onomatology”, which, according to some types, should break down into three secondary disciplines: 1) the study of local names, or “Toponymy”, in which the liquid elements (rivers, lakes, etc.) are equally included, and other products from nature, such as trees and rocks that frequently give names to small farms (the “Toponymy” is, therefore, a geographic Onomatology); 2) Study of the names of people, or “Anthroponymy”, expression

that the author first proposed and employed in 1887, in “Revista Lusitana”, I, 45; 3). The study of various other proper names, that is, from stars, winds, animals, supernatural beings, ships, things: “Pantheonismy” (from “pantheons”, which means “of all species”, “varied”). In the study of names of supernatural beings, nothing hinders us from naming “Theonymia” the reference to the names of Gods. (LEITE DE VASCONCELOS, 1928, p. 2)

But these are the definitions given in 1951 by Dauzat (who viewed Anthroponymy and Toponymy as Science), which have guided many current studies on the question of names. According to this linguist, “Anthroponymy is the science of people’s names (anthroponym, a person’s name); Toponymy, the science of the names of places (toponym, the name of a place); and Onomastics, the union of these two sciences (term employed, sometimes incorrectly, as a synonym for Anthroponymy).”

In 2011, a list of important onomastic terms was created, recommended by the International Congress of Onomastic Sciences (ICOS 2011): Toponomastics and Anthroponomastics (HOUGH, 2016, p. 3) – the two areas of Onomastics, terms that today can already be found in many studies throughout Brazil and abroad, interacting with the traditional terms of Toponymy and Anthroponymy.

In the early years of the twentieth century, onomastic studies in Brazil were on the rise, especially in studies linked to various Post-graduate programs. Before this, such research was concentrated at the University of São Paulo, integrated within linguistic studies from the College of Philosophy, Letters, and Human Sciences (FFLCH), focusing on toponymic studies, giving preference to indigenous names. These studies began with Professor Carlos Drumond, when, in 1965, he published his habilitation thesis, entitled “*Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*” (“Contribution of Bororo to Brazilian Toponymy”). According to this scholar, in Brazil, “most toponymic research was done at an amateur level, without the strictness of an appropriate methodology.” (DICK, 1990, p. 11). Not ignoring this scenario, Professor Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP) was encouraged and advised to study and research the Toponymy of Brazil, resulting in her Doctoral Thesis, a scientific work that bequeathed to toponymic studies the “theoretical principals and taxonomic models” for the study of names of places in Brazil.

Dick encouraged many researchers to work with her model in Brazil. Thus, in each university, with Dick's support, but with regional variations, toponymic research began to grow in various Brazilian regions, especially in the Southeast and Midwest. Regarding anthroponymic research, there are no such unified research groups in Brazil, only some niches in embryonic stages.

1. On the articles of this edition's theme, entitled Onomastics.

This volume brings 11 articles that discuss the results of research developed by linguists from different Brazilian, Portuguese, and German universities, who dedicated themselves to investigations surrounding questions on Onomastics, in the realm of Toponymy/Toponomastics and Anthroponymy/Anthroponomastics.

1.1 A Toponymy/Toponomastics

As described above, Toponymy/Toponomastics is an interdisciplinary field, which became evident in the articles published in this thematic edition of the journal RELIN. Beginning this publication, the article written by Rodrigo Vieira do Nascimento, Karylleila dos Santos Andrade, and Carolina Machado Rocha Busch Pereira, all from the Federal University of Tocantins, Palmas campus (Palmas, Tocantins, Brazil), discusses points of interlocution between Toponymy and Cultural Geography, in the realm of interdisciplinarity, using an approach of qualitative and bibliographic methodological analysis.

Next, Leticia Santos Rodrigues, from the University of São Paulo (São Paulo São Paulo, Brazil) presents an etymologic study of Latin American toponyms, more specifically, of the toponyms referent to the names of the countries of Latin America, through the methodological lens of Etymology. For this, this author was guided by her queries in different etymologic dictionaries, in addition to other supporting materials. One can see that the reasons behind her choices of what toponyms to be analyzed were diverse, such as physical/geographic and/or cultural aspects, historical figures, religion, and, at times, even unknown motivations.

The third article, entitled *Linguistic stratigraphy of mainland Portugal's hydrotoponymy*, written by Carlos Rocha, from the College

of Letters of the University of Lisbon (Lisbon, Portugal) inserts itself in the history of Portuguese Onomastics, with the following goals: (1) define the limits of the linguistic query in the etymologic analysis of mainland Portugal's hydrotoponyms; (2) to frame, within the discussion of linguistic stratigraphy, the national and regional characterization of hydrotoponyms. Aimed at contributing critically to the recovery of Etymology as a more active subject in the context of the domains of Language History and Historical Linguistics, the author resumes a line of investigation that goes back to works developed not only by classical Portuguese authors, but also by contemporary researchers. The conclusion of his study demonstrates that mainland Portugal's hydrotoponymy has a preponderant origin in lexical items that are common in *latinoromance*, although they do conserve an important pre-Latin heritage, as they also rely on lexical, morphological, and phonological interference from Arabic.

Studying the hydrotoponymy of Brazil, Ana Claudia Castiglioni, from the Federal University of Tocantins, Araguaína campus (Araguína, Tocantins, Brazil), beginning with a repertoire of toponyms, taken from the databank of the Toponymic Atlas Project of the State of Mato Grosso do Sul (ATEMS), which denominate geographic elements referent to different types of water currents, such as *água, arroio, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta* (In English, these terms can be roughly translated as: *water, stream, bay, river head, cape, small waterfall, canal, large waterfall, large and small channels, creek, river mouth, lake, lagoon, spring, reservoir, brook, small stream, large stream, river, small river, falls, run-off, ebb, and flow*), proposes microstructure models for toponymic entries, using the presuppositions of Toponymy and Terminology as her supporting theory.

The religious toponymy in the names of towns in the state of Minas Gerais, Brazil, is the theme of the article written by Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, Professor at the Federal Institute of Minas Gerais –Ouro Branco Campus, who sought to present results from a toponymic study of the names of the 853 municipalities of Minas Gerais. After a synchronic and diachronic analysis, the researcher presents cases of variations, changes, and retentions in the religious toponymic lexicon.

The sixth article in this publication, entitled, *Tradition and memory: an anthroponymal study of the names of the town of Ponte Nova, Minas Gerais*, written by Glauciane da Conceição dos Santos Faria, from the Federal University of Minas Gerais, (Belo Horizonte, Brazil), contributes to toponymic studies, suggesting a new proposal of classification for the list of anthropotonyms, using as a corpus 410 anthropotonyms that name the urban spaces of the town of Ponte Nova, Minas Gerais.

The articles published in this first group of studies show different research perspectives of toponymy, in that they explore data that are representative of the macrotoponymy (names of Latin American countries and names of towns in Minas Gerais), of the rural microtoponymy (hydrotoponymy of mainland Portugal and toponyms that name water current in Mato Grosso do Sul), and the urban microtoponymy (names of public spaces of the town of Ponte Nova, Minas Gerais), in addition to a transdisciplinary approach to toponymic studies (the toponymy of Tocantins).

1.2 A Anthroponymy/Anthroponomastics

This journal's edition also brings five articles that seek to expand and further knowledge on Anthroponymy.

To begin, the article written by Tereza Tayná Coutinho Lopes and Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira, both from the Federal University of Pará (Belém, Pará, Brazil), entitled *Parkatêjê Onomastics: Semantic Aspects of People's Proper Names*, discusses specific semantic phenomema present in the formation of anthroponyms in the Parkatêjê language, which reflect cultural knowledge, values, and notions of this ethnicity.

Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of Usage of Lithuanian is the second article that sets up a debate on anthroponymic studies among those published in this thematic edition of RELIN, written by Márcia Sipavicius Seide, from the Western University of Paraná (Marechal Cândido Rondon/Cascavel, Paraná, Brazil) and Lolita Petrulionė, from Šiauliai University (Šiauliai, Lithuania). This study analyzes the uses of male first names in Lithuania and in Brazil through a comparative exploratory study, based on available statistical data in the institutional sites of each country. The results of this study

confirmed the existence of equivalent names in both countries. These are Christian names whose use was influenced by Catholicism, the predominant religion in both countries.

Next, the article *Galecian as a nickname in the Portuguese of Santa Catarina: findings from ALERS* returns to the figure of Galecians in Luso-Brazilian folklore upon describing the use of the nickname “Galecian” in spoken Portuguese in the state of Santa Catarina (SC), in the southern regions of Brazil. This article was written by four authors: Fernando Hélio Tavares de Barros, from the University of Christian-Albrechts de Kiel (CAU - Kiel, Schleswig-Holstein, Germany); Lucas Löff Machado, from the Catholic University of Eichstätt and Ingolstadt (KU – Eichstätt, Baviera, Germany); Grasiela Veloso dos Santos Heidmann, from the Federal University of Mato Grosso (UFMT – Cuiabá, Mato Grosso, Brazil), and Neusa Inês Philippsen, from the State University of Mato Grosso (UNEMAT/Campus Sinop - Sinop, Mato Grosso, Brazil & the University of São Paulo (USP) - São Paulo, São Paulo, Brazil).

The fourth article, written by Kleber Eckert and Maiquel Röhrig, both linked to the Federal Institute of Education, Science, and Technology of Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves Campus (Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brazil), treats the *Literary Onomastics in Graciliano Ramos: the names of characters of Vidas Secas and São Bernardo*. The core aim of the text is to make an etymologic and symbolic analysis of the names of the main characters in the novels *Vidas Secas* and *São Bernardo*, in an attempt to verify if there is in fact a relationship between the meaning of the name and the behavior or the physical characteristics of the characters of these novels.

This journal’s thematic edition ends with the article written by Natival Almeida Simões Neto, from the State University of Feira de Santana (Feira de Santana, Bahia, Brasil) and Juliana Soledade, from the Federal University of Bahia (Salvador, Bahia, Brazil) and the University of Brasília (Brasília, DF, Brazil), who propose an analysis of the male names that end in *-son*, based on the list of candidates who were approved in the 2016 and 2017 college boards at the State University of Bahia. The article, entitled *Male Names in X-Son in Brazilian Anthroponymy: a Morphological, Historical, and Constructional Approach*, analyzes the trajectory of the formation of *-son* in the creation of anthroponyms in Brazil.

As in the example of the group of texts that debate toponymy, those focused on anthroponymy also focus on a distinct array of approaches, such as the study of *anthroponyms* in the Parkatêjê language, the uses of male first names in Lithuania and Brazil, the nickname *Galecian* in the Portuguese spoken in the State of Santa Catarina, the etymologic and symbolic analysis of the *names* of the main *characters* from the novels *Vidas Secas* and *São Bernardo* and the trajectory of the formation of *-son* in the creation of *anthroponyms* in Brazil.

As the reader can see, the articles presented here seek to expand and further knowledge concerning toponymic and anthroponymic studies, confirming, through empirical studies, that Onomastics is a field that involves not only linguistic aspects, but also seeks to relate the names of places and people to sociocultural, historical, and ideological factors. Therefore, the expectation is that this thematic edition of the journal RELIN will move beyond the mere presentation of study results geared toward the theoretical constructs of the subjects of Toponymy/Toponomastics and Anthroponymy/Anthroponomastics, and foster new research in the field.

References

- LEITE DE VASCONCELOS, J. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.
- DAUZAT, A. *Dictionnaire Étymologique des Noms de Famille et Prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.
- HOUGH, Carole. *Names and Naming*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2016.
- SEABRA, M. C. T. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.

**Toponímia-Toponomástica/
Toponymy-Toponomastics**



Toponímia e Geografia Cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade

Toponymy and Cultural Geography: weaving threads of investigation within the scope of interdisciplinarity

Rodrigo Vieira do Nascimento

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins / Brasil
rdrgviera@hotmail.com.

Karylleila dos Santos Andrade

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins / Brasil
karylleila@gmail.com

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins / Brasil
carolinamachado@mail.uft.edu.br

Resumo: A Toponímia é o estudo dos nomes de lugares; baseia-se, entre outros aspectos, na etimologia e nos dados semânticos dos nomes próprios de lugares (elementos físicos e humanos), ao passo que a Geografia Cultural apropria-se das manifestações culturais advindas de um lugar, assim como as crenças, danças, mitos e lendas. Este estudo busca investigar os pontos de interlocução entre Toponímia e Geografia Cultural, considerando que se revelam interdependentes mas, ao mesmo tempo, entrelaçadas na mesma trama no que se refere à amplitude de seus fios de conteúdo interdisciplinar. Assumimos a noção de interdisciplinaridade como o paradigma investigativo. A abordagem de análise metodológica é qualitativa e de caráter bibliográfico. Para realizar esta discussão, serviram de suporte teórico-metodológico os trabalhos de Dick (1990, 1999, 2006, 2007, 2008) e Andrade (2012, 2015, 2017) no campo da Toponímia, e os estudos de Claval (2001, 2002, 2011), Tuan (1979), Corrêa (2009) e Holzer (1999, 2003) no campo da Geografia Cultural.

Palavras-Chaves: toponímia; geografia cultural; interdisciplinaridade.

Abstract: Toponymy is the study of place names; it is based, among other aspects, on the etymology and semantic data of proper names of places (physical and human features), whereas Cultural Geography studies the cultural manifestations occurred in a particular place such as beliefs, dances, myths and tales. This study aims to investigate dialogue points between Toponymy and Cultural Geography, considering the fact that they reveal themselves as interdependent and, at the same time, intertwined in the same weft, as regards the range of their threads of interdisciplinary content. We assume the notion of interdisciplinarity as the investigative paradigm. The approach of the methodology analysis is qualitative and of bibliographic nature. This discussion was supported theoretically and methodologically by Dick (1990, 1999, 2006, 2007, 2008) and Andrade (2012, 2015, 2017) in the Toponymy field, and by Claval (2001, 2002, 2011), Tuan (1979), Correa (2009) and Holzer (1999, 2003) in the Cultural Geography field.

Keywords: toponymy; cultural geography; interdisciplinarity.

Recebido em 10 de dezembro de 2017

Aceito em 11 de fevereiro de 2018

1 Considerações iniciais

Ao debruçar-se sobre os estudos que enfocam o léxico de uma língua, o pesquisador apreende, por certo, a cultura, a história, o modo de vida, a visão de mundo daquela comunidade de fala que a utiliza. As palavras que constituem o sistema lexical de uma língua, conforme Andrade (2017, p. 586), “são como um espelho: refletem os aspectos do mundo concreto em uma realidade”. Utilizando-se do léxico, a autora (2010, p. 106) destaca que o ser humano sempre “atribuiu nome a tudo que o cerca: às coisas, aos animais, às pessoas, ao espaço físico e cultural em que vive”. Nomear é, para o homem, “uma necessidade de organização e de orientação” (ANDRADE, 2017, 586).

Ao eleger o nome de um lugar, “o homem faz uso de suas habilidades linguísticas, associando à denominação aspectos da realidade da comunidade, agregando a ele motivação, convenção e identificação”

(DAL PIZZOL, 2014, p. 17). Assim os nomes de lugares são “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população” (DICK, 1990, p. 22). Dessa forma, o estudo linguístico dos nomes dos lugares pode ser um empreendimento de muitas facetas. Pode favorecer o conhecimento do “significado e da motivação do nome do lugar, por considerar as relações linguísticas, sociais e culturais que se estabelecem entre o universo pesquisado e o nome propriamente dito – o *topônimo*” (PEREIRA, 2009, p. 55). Estudar o ato de nomeação dos lugares traduz, portanto, “o pensamento, valores pessoais e sociais do homem enquanto ser social de diferentes sociedades no decurso da história” (ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 11).

No nosso entendimento a toponímia preza por alcançar a relação existente entre o homem e o próprio topônimo, conforme suas motivações denominativas. Os estudos toponímicos compreendem, em outras palavras, “o estudo das relações (motivações) que são estabelecidas entre o homem e o nome de lugar” (ANDRADE, 2015, p. 30) e costumam partir da etimologia para “reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória” (CARVALHINHOS, 2002-2003, p. 172). São, portanto, investigações linguísticas, etimológicas e geo-históricas, um retorno às manifestações socioculturais, socioeconômicas e sócio-históricas de um determinado lugar.

No que diz respeito à Geografia Cultural, ela rompeu o padrão de um saber supostamente neutro nos estudos geográficos e proporcionou uma visão social e atuante em um mundo cada vez mais dominado pela globalização dos mercados, pelas mudanças nas relações de trabalho e pela urgência das questões ambientais e etnoculturais.

É oportuno situar, nessas linhas gerais, a existência do estudo sobre o lugar como uma singularidade entre a Toponímia e a Geografia Cultural. O lugar é referência fundamental nas análises dos estudos toponímicos, bem como da Geografia Cultural. É fundamental, desse ponto de vista, que as pesquisas que enfocam, propriamente, o lugar-nome-indivíduo possam compreender “os nomes de lugares a partir dos diferentes significados, olhares e áreas de atuação, pois, por se organizarem de maneira dinâmica, constantemente (re)inventam-se no tempo e no espaço, sobrepondo-se a valores socioculturais, econômicos, políticos e religiosos” (ANDRADE; NASCIMENTO; REIS, 2014, p. 8).

A proposta deste estudo é identificar de que forma essas áreas se articulam/interseccionam, tendo em vista, marcadamente, o seu objeto de estudo: os nomes de lugares. Esse diálogo investigativo assumirá caráter interdisciplinar. Substituiu-se um pensamento “[...] disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (MORIN, 2003, p. 89). Esta pesquisa, por sua vez, divide-se em quatro seções: na primeira, expõe-se uma discussão sobre a interdisciplinaridade como saber sistêmico e complexo; na segunda, propõe-se uma reflexão sobre os aspectos histórico-linguísticos da Toponímia; na terceira etapa discutem-se os caminhos da consolidação da Geografia Cultural e, por fim, na quarta subseção, dividida em dois momentos, apresenta-se uma discussão acerca da noção de lugar, como categoria, e sua relação de convergência com a Toponímia e a Geografia Cultural. Nessa subseção, promove-se uma discussão dos nomes de lugares e de que forma esse estudo está relacionado com os Documentos Legais (PCN e DCN).

2 Interdisciplinaridade: saber sistêmico e sintonizado

Refletir sobre a interdisciplinaridade é emergir nos pontos de encontros/desencontros entre as várias áreas do conhecimento (científico, cultural, filosófico, literário, etc.), ao considerar novos horizontes, novos olhares e novas abordagens teóricas e metodológicas direcionadas à problematização do saber e da valorização humana. Uma “[...] abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento” (NOGUEIRA, 2001, p. 27). Nesse panorama os PCN retratam que a interdisciplinaridade supõe:

Um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários (BRASIL, 2002, p. 88-89).

A interdisciplinaridade aparece como “uma possibilidade de enriquecer e ultrapassar a integração dos elementos do conhecimento”

(ANDRADE, 2012, p. 207). A esse respeito assumimos uma postura diferente da abordagem disciplinar, e que supere, assim, a visão do modelo cartesiano, baseado na propositiva linear, redutora e desarticulada do conhecimento e das ciências, visto que as fronteiras ou caixas disciplinares “se tornam compartimentadas e impedem o contato, a circulação e o diálogo com as outras disciplinas, freando os movimentos interdisciplinares e resistindo às novas teorias provenientes do exterior” (JAPIASSU, 2006, p. 34).

O eixo condutor deste estudo é, incomensuravelmente, sintonizado, sistêmico, integrado, conectado, dialogizado, uma vez que assumimos o viés da interdisciplinaridade como perspectiva de ensino e, sobretudo, de pesquisa: como *paradigma investigativo*, caracterizado “pela utilização de elementos ou recursos de duas ou mais disciplinas para a operacionalização de um procedimento investigativo” (SILVA, 2011, p. 597).

Propomo-nos contribuir na construção de uma visão interdisciplinar para o estudo dos nomes de lugares, quanto às questões epistemológicas da Toponímia e da Geografia Cultural. Particularmente, o eixo que integra, conecta e dialoga é a noção de lugar. Conceito pertinente às duas áreas, mas aqui analisado sob a ótica de suas particularidades e diálogos. A nosso ver, lugar pode estabelecer o sentido não fragmentário acerca dos nomes de lugares nas duas áreas do conhecimento.

3 Da Lexicologia à Toponímia

Léxico vem do grego *λεξι*, que significa “palavra”. Segundo Antunes (2012, p. 27), o léxico de uma língua natural pode ser compreendido como um repertório de palavras de uma língua. A autora enfatiza que “as palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem.” A Lexicologia, disciplina que se ocupa do léxico das línguas, de forma completa e integrada, “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 16). Lorente (2004, p. 21) afirma que a tradição acadêmica, especialmente na Europa, identifica com frequência a Lexicologia como o estudo da estrutura interna, formal e semântica da palavras.

Nomear “é uma atividade inerente ao homem” (CARVALHINHOS, 2008, p. 1), em que o indivíduo classifica seres e objetos e, concomitan-

temente, se organiza. *A priori* significa identificar como sendo algum objeto e implica que a coisa referida seja colocada dentro de uma determinada categoria específica, ou seja, qualquer objeto particular é membro de uma classe geral ou representante de tal classe. O léxico de uma língua está precisamente ligado ao processo de nomeação. E a Onomasiologia, situada no campo das denominações e designações, apropria-se do processo semântico da nomeação. Carvalhinhos (2007, p. 2) enfatiza que “o nome próprio tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de origem, entre outros aspectos”, considerando, principalmente, que “o nome próprio pode originar-se de fontes históricas, bíblicas ou modernas” (2007, p. 7).

Sendo uma das ciências que integram a Lexicologia, a Onomástica relaciona-se ao estudo da origem e das alterações dos nomes próprios, referindo-se, principalmente, a locais e pessoas. Ramos e Bastos (2010, p. 87-88) asseveram que a origem da Onomástica está relacionada “às primeiras especulações filosóficas sobre o nome e, no Ocidente, está intimamente ligada às tradições gramaticais greco-latinas, já que a distinção entre nome comum e próprio começa a ser elaborada por Dionísio de Trácia, primeiro gramático grego”. Porém, os autores (RAMOS; BASTOS, 2010, p. 88) reiteram que o seu tratamento científico originou-se do “advento do Estruturalismo Linguístico, na virada dos séculos XIX e XX”, momento em que se privilegiou o “enfoque das ciências dos signos, a semiótica ou semiologia, do qual a onomástica passou a ser considerada um capítulo”.

A Onomástica centraliza-se em duas áreas de estudo: a Antroponímia e a Toponímia. A primeira disciplina dedica-se ao signo antroponímico por meio da motivação denominativa dos nomes próprios individuais, sobrenomes e alcunhas ou apelidos. Devido a sua abrangência e natureza universalista, o léxico antroponomástico tem sido objeto de estudo de diversas áreas científicas, a exemplo: Filosofia, Sociologia, História, Direito, Religião e Literatura. Já a Toponímia concentra-se no estudo do léxico toponímico por intermédio do estudo dos nomes próprios de lugares. Segundo Dick (1990), o seu objeto de estudo é propriamente o topônimo (o nome de lugar).

No que concerne aos estudos onomástico-toponímicos no Brasil, eles tiveram início no século XX, baseavam-se no registro de nomes indígenas escritos etimologicamente e estavam associados diretamente aos estudos da língua tupi. São de grande importância os registros dos

nomes indígenas de Levy Cardoso, em 1961, com a publicação da obra *Toponímia Brasileira* (1961), ele um especialista nos topônimos brasílicos da Amazônia, principalmente os de origem caribe e aruaque. Porém foi com a pesquisa do professor Carlos Drumond, em 1965, com a obra *Contribuição do Bororó à Toponímia Brasileira*, examinando a origem dos nomes indígenas a partir do tupi e da Toponímia brasileira, que a posição dos estudos toponomásticos no Brasil começou a ganhar sistematicidade. O desenvolvimento da Toponímia brasileira aconteceu, de fato, com os trabalhos da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, uma das principais referências para as pesquisas toponímicas no país. Seguindo a teoria de Dauzat e sendo orientada por Drumond, Dick prosseguiu com as investigações acerca dos topônimos, criando categorizações metodológicas para sua motivação.

Dick (1990) trabalha a ideia da motivação toponímica focada na investigação das motivações que levaram ao aparecimento de um determinado topônimo. De um modo geral, tais motivações podem estar associadas às circunstâncias socioculturais em que o denominador se encontra inserido, ou seja, ao contexto sócio-histórico em que a nomeação ocorre. Em seu estudo, a autora classifica as diferentes motivações em taxionomias toponímicas, que podem ser tanto de natureza antropocultural quanto física. Essas taxionomias levantadas por Dick (1990) “permitem interpretar os nomes com maior segurança do ponto de vista semântico” (DICK, 1999, p. 143). De uma forma geral, seus estudos buscam o resgate histórico-social contido nos nomes de um determinado povo, comunidade, região, lugar. No atuais estudos toponímicos, essa taxionomia vem sendo (re)discutida pelos pesquisadores da área com o objetivo de atender a própria dinâmica dos resultados da pesquisa na área.

Os topônimos podem, em sua formação, receber influências que podem vir das condições linguísticas, geográficas, culturais, históricas, sociais, étnicas e ideológicas. Inclusive podem advir de transformações semânticas, lexicais e morfossintáticas comparadas às outras unidades lexicais (línguas indígenas e portuguesas). Eles podem carregar consigo “um valor que vai muito além do próprio ato da nomeação” (ANDRADE; NASCIMENTO; REIS, 2014, p. 15), e enquanto unidades terminológicas, “crônica” de um povo, “refletem a preservação dos fatos socioculturais e sociogeográficos em determinado espaço e tempo de uma comunidade” (ANDRADE; NASCIMENTO; REIS, 2014, p. 15). Por esta razão estudá-los é tecer o tempo pela memória do lugar, é revelar geografias impressas

na paisagem, é compreender traços culturais soterrados no cotidiano. A Toponímia, pois, revela-se uma disciplina interdisciplinar que alimenta e é retroalimentada por fios de diversas áreas do conhecimento.

4 Os caminhos da Geografia Cultural

Claval (2001) identifica como marco da primeira fase dos estudos da Geografia Cultural a Alemanha e a França. O período compreende os anos de 1890 a 1940, em que as pesquisas eram majoritariamente sobre paisagem cultural e os gêneros de vida, resultantes das relações entre sociedade e natureza. O segundo período estendeu-se de 1940 a 1970, quando a Geografia regional ganhou destaque e a preferência foi dada aos estudos sobre as lógicas locacionais e estudos urbanos, entre outros. O trabalho de campo foi, em grande parte, substituído pelas inferências estatísticas, mas, ainda assim, a Geografia Cultural prosseguiu.

A década de 1970 “foi arena de embates epistemológicos, teóricos e metodológicos, em que emergiu uma Geografia crítica e diferentes subcampos que, nos anos 1980, iriam confluir, em parte, para gerar a denominada Geografia Cultural renovada” (CORRÊA, 2009, p. 2). A renovação da Geografia Cultural ocorre pós-década de 1980 (CORRÊA, 2009), quando surgem periódicos especializados como: ‘*Géographie et Cultures*’, na França, criado por Paul Claval, em 1992, e, no mesmo ano, a revista *Ecumene*, na Inglaterra. Nos Estados Unidos, em 1994, os estudos culturais vão se organizar em torno do *Journal of Cultural Geography*. A criação posterior do *Social and Cultural Geography* veio ampliar as possibilidades de publicar textos da Geografia Cultural. Assim, aos poucos, os trabalhos e as pesquisas de Geografia Cultural dispunham de vários periódicos e canais de divulgação.

Grandes nomes da Geografia contribuíram para a sistematização da abordagem cultural, dentre eles podem ser destacados: Friedrich Ratzel (geógrafo e etnólogo alemão) e Vidal de La Blache (geógrafo francês). Mais recentemente tem-se destacado Yi-Fu Tuan (geógrafo sino-americano) e Anne Buttimer (geógrafa irlandesa): pesquisadores que contribuíram na busca por uma identidade própria para a Geografia Cultural. Nas palavras de Holzer (2003, p. 114), são “esses autores pioneiros na utilização dos conceitos de lugar e de mundo vivido”.

Corrêa e Rosendahl (2005, p. 97) explicam que os aspectos da cultura, por muito tempo, foram abordados nos estudos regionais, porém

“não eram priorizados, nem se tinha a consciência de que a cultura, em suas múltiplas manifestações, poderia ser tema central nas pesquisas”. No Brasil, conforme os autores Corrêa e Rosendahl (2005, p. 97 e 98), a heterogeneidade cultural do país, assim como seu dinamismo e os seus inúmeros processos históricos envolvendo sociedade e natureza, contribuíram para que fosse despertado o interesse pela dimensão cultural do espaço. Sua implantação, claro, gerou críticas e polêmicas; todavia, em 1993, foi criado o NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura) no Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), um ativo centro de produção e difusão da Geografia Cultural no Brasil, que ainda se direciona às pesquisas sobre as relações existentes entre espaço e religião, espaço e simbolismo e cultura popular.

Com o tempo, a dimensão cultural foi ganhando espaço nos estudos geográficos, como bem postula Bonnemaïson (2002):

Dedica-se hoje uma atenção nova à irredutibilidade do fato cultural. Este não é mais visto como a superestrutura vaga e fluida na qual se tenta encerrar uma concepção bastante materialista. A cultura hoje tende a ser compreendida como uma vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como uma “visão de mundo” que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço (BONNEMAISON, 2002, p. 86).

Para Suertegaray (2001), o espaço geográfico é apontado como “uno e múltiplo” e está condicionado a diferentes categorias, a saber: Paisagem, Território, Lugar e Ambiente.

Milton Santos (2006, p. 66) expõe que a noção de *paisagem* tem sido apropriada por outras definições como meio, habitat e ecossistema. Ela está associada “ao conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Percebemos em Santos (2006) que a paisagem é “transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal” (p. 67), que se caracteriza por [...] “uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico” (p. 67). Já o *espaço* constitui “sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única” (p. 68), que resulta da “intrusão da sociedade nessas formas-objetos” (p. 68). À luz deste raciocínio, nota-se, conforme Santos (2006), a diferença existente entre paisagem e espaço: “a paisagem é, pois,

um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente” (p. 68).

Suertegaray (2001, n.p.) elucida que a concepção de *território* está, historicamente, associada à ideia de dominação-apropriação ou associa-se à noção de natureza e sociedade configuradas por um limite de extensão do poder. Com base em Santos e Silveira (2001) *apud* Blum (2014, p. 30), a maneira como se transforma um espaço em um território, dentro da tradição científica geográfica, está relacionada com a materialização de redes de poder que dominam, materializam alterações e se reproduzem na sociedade (SANTOS; SILVEIRA, 2001 *apud* BLUM, 2014, p. 30). Desta forma, espaço e território, assim como paisagem e espaço, não são termos equivalentes. Na concepção de Raffestin (1993, p. 143), “espaço é anterior ao território”, ou seja, a formação do território somente é possível se houver a presença do espaço geográfico. Territorializar o espaço, na visão de Blum (2014, p. 31), transpassa a “percepção de que as relações sociais e de poder estão aplicadas nos grupos sociais que habitam determinado espaço”. Retomando a ideia de Raffestin (1993, p. 144), o território é “a prisão que os homens constroem para si”.

Por muito tempo, o conceito de *lugar* foi tratado na Geografia como termo autoexplicável. Contudo, recentemente, foi resgatado como conceito fundamental, sendo analisado de forma mais abrangente na ciência geográfica (SUERTEGARAY, 2001, n.p); passou de uma referência locacional para uma importante categoria de análise. O lugar, na perspectiva geográfica, compreendido como ponto do espaço, refere-se a “um tratamento geográfico do mundo vivido”, manifestado através “de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum” (SANTOS, 1997 *apud* SUERTEGARAY, 2001, n.p.). Portanto, quando pensamos a relação espaço e lugar na Geografia, situamos a noção de lugar como espaço “[...] corporificado a partir de experiências, ambiguidades e valores humanos, que manifestam níveis distintos de especificidades” (MELLO, 2011, p. 7). Trata-se do espaço geográfico vivido e experienciado, incorporado como o lar, a cidade, a região em que se vive. A partir do lugar o indivíduo constrói vínculos “afetivos, sociais, culturais, guarda seus mistérios, refúgio, confinamento, é o seu cosmo” (ANDRADE, 2015, p. 32).

O termo *ambiente* é polissêmico, ou seja, possui uma “pluralidade de concepções e conceitos, presentes em acepções tanto científicas,

políticas e culturais [...]” (MENDONÇA, 2001, p. 118). Pode, por exemplo, designar “tudo aquilo que rodeia ou envolve os seres vivos”; “um conjunto de condições materiais, culturais, psicológicas e morais que envolvem uma ou mais pessoas” (HOUAISS, 2007, versão eletrônica). Pensar o ambiente na Geografia, conforme Suertegaray (2004), é considerar:

A relação natureza/sociedade, uma conjunção complexa e conflituosa que resulta do longo processo de socialização da natureza pelo homem. Processo este que, ao mesmo tempo em que transforma a natureza, transforma, também, a natureza humana (SUERTEGARAY, 2004, p. 196).

Em congruência, Cavalcante (2006) *apud* Cavalcante e Santos (2013, p. 2) confirma que o ambiente é “um meio (re)produzido, como resultado das ações humanas acumuladas sobre o meio natural”. E complementa que seus “componentes refletem, sobretudo, uma complexa e dinâmica interação entre os processos históricos, socioculturais, econômicos e ambientais” (p. 2). Nesta perspectiva, o ambiente é produto da relação dialética, sistêmica e complexa da sociedade e os aspectos físicos naturais de um espaço.

De acordo com as ideias de Suertegaray (2001), o espaço geográfico, portanto, mostra-se dinâmico, visto que pode “ser lido através do conceito de paisagem e ou território, e ou lugar, e ou ambiente; sem desconhecermos que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais” (SUERTEGARAY, 2001, n.p.). Como exemplo, “paisagens contêm territórios, que contêm lugares, que contêm ambientes, valendo, para cada um, todas as conexões possíveis” (SUERTEGARAY, 2001, n.p.).

A Geografia Cultural, como subcampo da Geografia, busca, então, apreender e compreender a interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. Em voga objetiva-se investigar as atitudes humanas (como a arte e a música) relacionadas ao seu ambiente físico e social. Isso somente é possível porque a cultura é “um meio pelo qual o indivíduo ou grupo torna inteligível o espaço e a forma de viver e atuar nele” (OLIVEIRA; SILVA, 2009, p. 2). O ponto de partida da Geografia Cultural é, portanto, a constatação de que o espaço social está carregado de uma noção subjetiva e cultural.

Para a Geografia Cultural, os nomes geográficos (também conhecidos como topônimos) podem traduzir, além de estratos culturais e etnolinguísticos, fatos da história e da geografia de um povo que habita ou já habitou o espaço-lugar geográfico. Nesse sentido, um nome geográfico é excepcionalmente testemunho excepcional da história humana (FONSECA, 1997, p. 20, tradução nossa). Na Geografia Cultural, o conceito de nome geográfico está associado às dimensões ontológicas, aos aspectos da dominação territorial, bem como ao surgimento das identidades e significações para dado lugar. Neste viés, o conceito de lugar discutido na Geografia Cultural caminha lado a lado com a noção de lugar em Toponímia, tendo em conta que os nomes de lugares “não são fatores estranhos ou alheios aos contextos históricos, culturais e sociais, ao considerar as substâncias ontológicas do seu meio, atreladas a sua carga significativa” (ANDRADE, 2015, p. 166).

5 Toponímia e Geografia Cultural: o lugar como uma teia de relações

Enquanto sujeito nomeador, o homem possui representatividade na nomeação do lugar: “é ele quem estabelece os parâmetros de seleção das motivações, sejam elas de força da natureza ou humana” (ANDRADE, 2015, p. 29). Quando nomeamos lugares, estabelecemos um vínculo cultural, “diretamente associado à ocupação, posse e conhecimento do local ou área nomeada” (ANDRADE; NUNES, 2012, p. 201). É, pois, como qualquer outra atividade humana, “o ato da denominação de lugares passível de investigação científica e sistematização” (ANDRADE; 2012, p. 205).

Nome geográfico e topônimo podem ser considerados termos, mas não devem ser compreendidos, respectivamente, como sinônimos, pois cada um abarca áreas de conhecimentos, campos de atuação e especificidades teóricas e metodológicas diferentes. O nome geográfico aparece como topônimo normalizado, padronizado, que é usado como referência geográfica em registros cartográficos (SANTOS, 2005 *apud* BATISTA, 2011, p. 31), específico dos estudos geográficos, particularmente da Geografia Cultural.

O lugar no senso comum possui posição social e localização espacial, mas, para Tuan (1979, p. 409), o lugar “possui espírito”, “personalidade”, existe “sentido do lugar”. O lugar em Tuan (1979) está associado à ideia do pertencimento, assim relacionado à identidade biográfica do homem com os aspectos e elementos do seu espaço vivido e

experenciado. Entendemos por “pertencer” aquilo ou aquele que faz parte ou é proveniente de; que é peculiar ou particular de; que possui relação ou vínculo com alguma coisa, como um objeto ou um lugar (HOUAISS, 2007). Desse modo, o sentimento de pertencimento relaciona-se “ao sentimento de vínculo, relação, dependência, ligação, com determinado lugar, grupo, história” (ANDRADE, 2015, p. 37). Uma casa, enquanto lar, por exemplo, expressa a relação afetiva do indivíduo com seu lugar: um sujeito que reside numa casa por um longo período, provavelmente desenvolve vínculos afetivos, pessoais ou culturais, ou seja, sentimentos de pertencimento com o espaço.

Quanto a essa relação – homem e espaço físico –, Tuan (2012) discute em seu livro o termo “Topofilia” como um neologismo que configura, num sentido amplo, o elo afetivo do ser humano com o lugar, considerando, sobretudo, “a percepção, as atitudes e valores envolvidos na relação entre os seres humanos e o meio ambiente” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 38). Tuan (2012) refere-se à Topofilia como sendo os “laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (2012, p. 135), ou seja, o elo de afeição que une as pessoas aos lugares (HOLZER, 2003, p. 117). Nesta visão, o lugar é o espaço em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Não é toda e qualquer localidade, mas aquela porção de espaço que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas (CAVALCANTI, 1998 *apud* COSTA; ROCHA, 2010, p. 37). O lugar, nessa concepção, é o resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referenciais afetivos desenvolvidos ao longo de nossas vidas.

Graças à fenomenologia, o interesse pela experiência direta dos lugares se desenvolveu com a Geografia Cultural (CLAVAL, 2002, p. 20). Nesta abordagem geográfica, a preocupação é “definir o lugar enquanto uma experiência que se refere, essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos” (HOLZER, 1999, p. 70). Insistindo sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do vivido, sobre o mundo humanizado, Claval (2011, p. 11) complementa que o foco da Geografia Cultural é a experiência espacial: “experiência do lugar nas pesquisas sobre o espaço vivido”. O lugar é estudado a partir das relações e ligações subjetivas estabelecidas entre o sujeito e o espaço (COSTA; ROCHA, 2010, p. 37). Constitui, assim, a noção de lugar na Geografia Cultural como espaço primitivo que envolve nossas vontades, experiências, pensamentos, sentimentos e anseios.

Reconhecer a especificidade geográfica e cultural dos lugares produzidos e mantidos pela ação humana é, portanto, o fio condutor da Geografia Cultural, que busca apreender e compreender a interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. Sua raiz teórica e científica, certamente, está associada ao reconhecimento de lugares e paisagens como produtos da atividade humana intencional.

Segundo Claval (2001, p. 55), “[...] os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam”. Por esse motivo, o autor pondera que com os estudos da Geografia Cultural é possível conhecer “a lógica profunda das ideias, das ideologias ou das culturas para ver como elas modelam a experiência que as pessoas têm do mundo e como influem sobre sua ação”.

Moreira e Hespanhol (2007, p. 51) fazem uso das ideias de Buttimer (1985), que expressa que cada ser humano está rodeado “por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação” (BUTTIMER, 1985, p. 178). E este espaço incide sobre as forças de produção como manutenção e desenvolvimento de um grupo humano. Explicitamos a noção de produção como um modo de vida, incorporando a cultura dentro dessa produção humana. Assim crenças, danças, mitos, ritos, lendas são partes integrantes do processo produtivo e podem refletir nas ações denominativas deste grupo, como, por exemplo, no ato de nomear lugares.

Conforme Andrade (2015, p. 31-32), a episteme dos estudos toponímicos revela o lugar em uma “dimensão de categoria analítica: motivacional, histórica, linguística, ideológica, social, identitária”. E com a Geografia Cultural a ideia de lugar pode ser conceptualmente alargada ou estendida “como experiência de mundo vivido, de afetividade, lugar como parte do todo”.

A partir da discussão de “lugar” na Geografia Cultural é possível entender que o lugar vai muito além da simples visão de localização e de individualidade do espaço, e sendo este diferente da categoria geográfica “espaço”: o lugar é fechado, íntimo e humanizado; ao passo que o espaço seria qualquer porção da superfície terrestre, ampla e desconhecida. Assim o lugar está contido no espaço. O lugar passa a ser o espaço vivido, dotado de significados próprios e particulares que são transmitidos culturalmente (COSTA; ROCHA, 2010, p. 52).

5.2 Documentos legais e os nomes de lugares

Os estudos dos nomes de lugares revestem-se de particular significado para a compreensão das comunidades e dos povos. No que se refere ao contexto didático-pedagógico, acreditamos que eles sejam compreendidos como sendo substanciais ao processo de ensino-aprendizagem do aluno. Compartilhamos da ideia, por exemplo, de que quando a escola possibilita ao aluno uma imersão na realidade que o cerca, isso contribui notadamente para a compreensão da cultura local e identitária ao suscitar aspectos sócio-históricos.

No âmbito do ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Novas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCN) são considerados documentos legais basilares e canalizadores de orientações e diretrizes para encaminhamentos e discussões que norteiam os trabalhos das escolas. Neste estudo, fez, ainda, parte da nossa investigação compreender de que maneira a noção de lugar está apresentada nestes documentos que norteiam a educação básica.

Os PCN foram elaborados para orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias.¹ Constituídos de referências nacionais ao planejamento educacional, os PCN de Geografia do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998, p. 15) propõem um trabalho pedagógico que visa à “ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos”. Este documento legal (1998) aponta alguns objetivos traçados para o Ensino Fundamental: “conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro” e “conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país” (BRASIL, 1998, p. 7). O Brasil é uma união de diversidades socioculturais, preconizam os PCN (1998); nesta perspectiva o professor deve buscar um trabalho com as heterogeneidades regionais, pois os PCN (BRASIL, 1998, p. 110) salientam que, para o Ensino Fundamental, o professor pode “buscar um trabalho com as heterogeneidades regionais, sem fragmentar a sua análise geográfica, para

¹ Informação extraída do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Parâmetros Curriculares Nacionais (INEP). Disponível em: <http://provabrazil.inep.gov.br/parametros-curriculares-nacionais>. Acesso: setembro de 2016.

discutir como se deu o desenvolvimento desigual das regiões brasileiras dentro de uma visão sociocultural ampla e não apenas econômica”. Conforme esse documento, espera-se que os alunos construam um repertório de conhecimento sobre a formação do território nacional:

Conheçam características de diferentes paisagens brasileiras, descobrindo a questão da diversidade humana e natural que marca profundamente o Brasil: a concentração e o despovoamento humano de determinadas regiões, as diferenças culturais, assim como as climáticas e sua influência socioambiental, a vegetação e o relevo nas diferentes paisagens, a formação cultural e suas relações socioambientais (BRASIL, 1998, p. 114).

Nesta ótica, mais do que conhecer o espaço geográfico, o essencial é que os alunos percebam que existe uma diversidade cultural, social e histórica riquíssima em nosso país, além de clima, vegetação e relevo, e tudo isto deve ser valorizado dentro de cada especificidade regional. E a isso “cada elemento deve ser observado, descrito, relacionado, comparado, questionado e interpretado, considerando os diversos aspectos geográficos das paisagens e do território do país” (BRASIL, 1998, p. 112).

Os PCN (BRASIL, 1998, p. 61) propõem que os professores trabalhem “as dimensões subjetivas do espaço geográfico e as representações simbólicas que os alunos fazem dele”, a fim de que os alunos possam se perceber como “atores na construção de paisagens e lugares” e que possam compreender que essas paisagens e lugares “resultam de múltiplas interações entre o trabalho social e a natureza e que estão plenos de significados simbólicos, decorrentes da afetividade nascida com eles”.

O documento procura valorizar as atitudes e procedimentos que os alunos podem adquirir estudando seu cotidiano com a Geografia. Ao observar, descrever, indagar e representar a multiplicidade de paisagens e lugares, eles estarão compreendendo o seu papel como atores coadjuvantes dos processos que estão constantemente transformando essas paisagens e lugares (BRASIL, 1998, p. 62).

Desta forma, os alunos estarão aprendendo uma geografia que “valoriza suas experiências e a dos outros e, ao mesmo tempo, estarão aprendendo a valorizar não apenas o seu lugar, mas transcendendo a dimensão local na procura do mundo” (BRASIL, 1998, p. 62).

Conforme os PCN (BRASIL, 1998, p. 58), a preocupação em integrar o lugar nos estudos geográficos como eixo temático está relacionada “tanto às oportunidades que oferecem para o estudo do cotidiano do aluno como à possibilidade de pensar sobre a Geografia no interior das novas correntes de pensamento”. Nesta abordagem o professor poderá “trabalhar o cotidiano do aluno com toda a carga de afetividade e do seu imaginário, que nasce com a vivência dos lugares” (p. 59). Nesta abordagem, os PCN (BRASIL, 1998, p. 60) sugerem alguns itens como parâmetros para os estudos geográficos em sala de aula:

- O lugar como experiência vivida dos homens com o território e paisagens;
- O imaginário e as representações da vida cotidiana: o significado das coisas e dos lugares unindo e separando pessoas;
- O lugar como espaço vivido mediato e imediato dos homens na interação com o mundo;
- O mundo como uma pluralidade de lugares interagindo entre si;
- A cidadania como a consciência de pertencer e interagir e sentir-se integrado a pessoas e os lugares;

Observa-se, sob este ponto de vista, que a noção de lugar na Geografia pode ir “muito além da simples visão de localização e de individualidade do espaço: são acrescentadas a percepção, os significados, as características e heranças culturais dos indivíduos” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 52). Estes autores complementam que o lugar é “[...] o espaço vivido, dotado de significados próprios e particulares que são transmitidos culturalmente”. E a partir do lugar pode ser considerado no ensino-aprendizagem “a percepção do indivíduo, os símbolos, a religiosidade, os valores e as identidades coletivas” (p. 52). É por esta razão que os PCN (BRASIL, 1998) consideram relevante os estudos geográficos sobre o lugar a partir das relações e ligações subjetivas estabelecidas entre o sujeito e o espaço, pois o conceito do lugar para o aluno “pode ser formado e/ou compreendido como espaço de vivência, onde estão inseridas suas necessidades existenciais, suas interações com os objetos e as pessoas, suas histórias de vida” (GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 36).

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica DCN (BRASIL, 2013) também são princípios, procedimentos e

fundamentos direcionados à Educação Básica que norteiam e direcionam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino nas esferas municipal, estadual e federal. Essas diretrizes também associam a imagem do lugar à relação identitária estabelecida entre o indivíduo e o espaço geográfico vivido, experienciado e conquistado. Uma relação que enaltece o sentimento de pertencimento e afetividade entre o lugar, o seu nome e os indivíduos que interagem neste espaço. O lugar, neste documento, está associado às dimensões ontológicas, isto é, está relacionado aos aspectos da dominação territorial, bem como o surgimento das identidades e significações para o lugar. Para as DCN (BRASIL, 2013, p. 438) a terra enquanto lugar “é muito mais do que possibilidade de fixação; antes, é condição para a existência do grupo e de continuidade de suas referências simbólicas”, como podemos notar em Leite (1991):

A terra é um patrimônio comum das comunidades que a tomam como tal em razão de fatores étnicos, da lógica endogâmica, casamento preferencial, regras de sucessão, e outras disposições. A condição de posse comunal e indivisa é o ponto central para sua compreensão. Investida pela história própria, torna-se um território e sobre ele, os grupos constroem sua territorialidade (LEITE, 1991, p. 31).

A autora aponta que a territorialidade supõe a “identificação e a defesa por parte do grupo: supõe a tradição histórica e cultural construída através dos tempos”. Conforme as DCN (BRASIL, 2013, p. 439), a terra “não deve ser percebida apenas como objeto em si mesmo, de trabalho e de propriedade individual, uma vez que está relacionada com a dignidade, a ancestralidade e a uma dimensão coletiva”. E quanto ao território, as DCN (BRASIL, 2013) acentuam que diz respeito:

A um espaço vivido e de profundas significações para a existência e a sustentabilidade do grupo de parentes próximos e distantes que se reconhecem como um coletivo por terem vivido ali por gerações e gerações e por terem transformado o espaço em um lugar. Um lugar com um nome, uma referência forte no imaginário do grupo, construindo noções de pertencimento. Trata-se de um espaço conquistado pela permanência, pela convivência, que ganha importância de uma tradicionalidade ao servir de suporte para a existência de um grupo de pessoas aparentadas por afinidade e consanguinidade ou até mesmo por uma afiliação cosmológica (BRASIL, 2013, p. 439).

O lugar, nesta perspectiva, não pode ser compreendido sem ser “experienciado” ou vivido, como bem postula Tuan (1979). Trata-se de um espaço geográfico-cultural de uso coletivo, conforme as DCN (BRASIL, 2013, p. 440), de necessidade “econômica e social, de necessidade cultural e política” do ser humano. Nas palavras de Leite (1991, p. 31), supõe “tradição histórica e cultural construída através dos tempos”. Dessa forma as DCN (BRASIL, 2013, p. 439) enfatizam, por intermédio das considerações de Milton Santos (2007), que é impossível “imaginar uma cidadania concreta que prescindia do componente territorial, já que o valor do indivíduo depende, em larga escala, do lugar em que está”.

Esses textos legais visualizam as categorias do espaço geográfico (paisagem, território, ambiente e lugar) associados à experiência vivida do homem (visão socioespacial). Essa vivência do espaço social, segundo (SANTOS, 2010, p. 38), acontece quando “o indivíduo se insere no espaço, apropriando-se dele e participando das modificações, podendo, dessa forma, definir-se dentro da sociedade como agente ativo de transformação”. Caso contrário, o espaço “configura-se como geométrico ou meramente paisagens que participam indiretamente da vida dos sujeitos, compondo cenários alheios a sua compreensão” (SANTOS, 2010, p. 38). Nota-se que esses documentos têm em comum as relações subjetivas estabelecidas entre o homem e o seu meio e, desta forma, compreendem que “o conceito de lugar nasce das experiências e refere-se à afetividade que o homem cultiva, a partir da convivência, pelo espaço em que habita” (SANTOS, 2010, p. 38).

6 Considerações finais

Nesta discussão, lugar e cultura foram compreendidos como teias da mesma trama, conceitos indissociáveis. Enxergamos na Toponímia e na Geografia Cultural a complexidade das relações que envolvem o ato de nomear lugares, visto que os topônimos ou nomes geográficos podem revelar elementos da origem, etimologia, cosmovisão, memória social e identitária, como também o processo de dinamicidade dos nomes de lugares. Assim sendo, buscou-se evidenciar os pontos de interlocução entre esses dois campos interdisciplinares, considerando os aspectos complexos e relacionais presentes no conhecimento científico dessas áreas e no cotidiano escolar. Entendemos que refletir o ato interdisciplinar possibilita avanços no ensino, sendo que tais progressos podem permitir

a realização de novos projetos de pesquisa que, de alguma forma, possam corresponder ao novo paradigma emergente que está se colocando para a educação (ANDRADE, 2012, p. 219). No processo onomasiológico depreendemos o estudo dos nomes de lugares como um ato de puxar os diversos fios dos novos saberes na busca da compreensão dos elementos que os envolvem, uma vez que os diversos saberes podem resgatar as cores da memória e da identidade local. Essa relação pode estabelecer o sentido não fragmentário acerca dos nomes de lugares e/ou nomes geográficos.

A Geografia Cultural concebe o espaço geográfico como espaço social, sendo o lugar fruto do “somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas” (BUTTIMER, 1985 *apud* SANTOS, 2010, p. 57). Essa vertente geográfica centra-se nos estudos das “relações entre a cultura e a vida social, a transmissão dos conhecimentos e regras de conduta, a relação do indivíduo com a sociedade e também as articulações e relações entre cultura e poder” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 38). Compreender o lugar na perspectiva geográfica cultural pressupõe, então, o regaste das tradições e memórias de um grupo através de dogmas, crenças, mitos, da dança, culinária, entre outros.

Dick (2008, p. 179) assinala que, após batizados, os lugares ganham “alma”, “tornam-se entidades capazes de significar e de transmitir a sua significação: “nome” e “lugar” se unem, a partir daí, constituindo uma mesma identidade, referencializada e referenciável”. O lugar, conforme Andrade (2015, p. 30), refere-se “ao ponto do espaço, ao recorte propriamente dito, vincula-se à relação lugar/nome/denominação/referência de modo transparente”. Estes “carregam em si características próprias e peculiaridades que permitem descobrir, na grande maioria dos designativos, além de aspectos físicos, o modo de ver, as ideias, o ponto de vista do povo de uma determinada época” (CASTIGLIONI, 2008, p. 23).

Os estudos geográficos culturais podem consubstanciar os estudos da Toponímia ao apropriar-se dos aspectos antropolinguísticos, geo-históricos, socioculturais, socioeconômicos de um nome de lugar. Ou, ainda, o inverso: a Toponímia pode contribuir com os estudos dos nomes geográficos na Geografia Cultural.

Ressaltamos que essa discussão não se configura totalmente concluída, estando assim aberta a outros olhares e novas leituras. Objetiva-se dar continuidade a esses estudos com foco estritamente no

contexto do ensino, considerando a vertente da abordagem da Geografia Cultural no âmbito dos estudos toponímicos, pensando sempre mais particularmente nas possíveis propostas didático-pedagógicas para o ensino-aprendizagem de disciplinas como Língua Portuguesa, Geografia e História.

Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na interdisciplinaridade. *Domínios de Lingu@gem. Revista Eletrônica de Linguística.*, v. 6, n. 1, 1º sem. 2012.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Estudo etnolinguístico e etnotopônimo dos rios Araguaia e Tocantins nos séculos XVIII, XIX e XX*. 2015. 199f. Relatório (Pós-doutoramento em Linguística) – Universidade de Coimbra Faculdade de Letras, Coimbra, Portugal, 2015.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: ATITO*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 585-607, 2017. Doi: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.25.2.585-607>

ANDRADE, Karylleila dos Santos; NUNES, Verônica Ramalho. O onoma e sua relação com a interdisciplinaridade nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental de Geografia: um estudo preliminar com foco na Toponímia. *Revista Língua&Literatura*, Frederico Westphalen, RS, v. 14, n. 23, p. 195-210, 2012.

ANDRADE, Karylleila dos Santos; NASCIMENTO, Rodrigo Vieira; REIS, Anna Inez Alexandre. Os nomes de lugares nos livros didáticos de Geografia e História: primeiras considerações. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 10, n. 20, p. 11-26, 2014.

ANTUNES, Irlandé. *O território das palavras: estudo do léxico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BATISTA, Patrícia de Oliveira. *A toponímia cearense no século XIX*. 2011. 144f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

BLUM, Gustavo Glodes. Os conceitos de espaço, território e estado numa perspectiva político-geográfica dos investimentos estrangeiros diretos no estado do Paraná. *Conjuntura Global*, Curitiba, v. 3, n.1, jan./mar. 2014.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. (Série Geografia Cultural, 3, p. 83-132)

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Geografia / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156p.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação*. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. PCN + Ensino Médio: *Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BUTTNER, Anne. *Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 172-179, 2002-2003.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de Linguagem: Revista Eletrônica de Linguística*, Uberlândia, Ano 1, n. 1, 2007. ISSN 1980-5799.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. *Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense*. 2008. 279f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2008.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. Estudos sobre os topônimos Norte-riograndenses na ótica de Câmara Cascudo: Um olhar sobre Passa e Fica-RN. In: LINS, Juarez Nogueira; BEZERRA, Rosilda Alves. *Linguagem e Discussões Culturais*. João Pessoa: Ed. dos Organizadores, 2006. v 3.

CAVALCANTE, Márcio Balbino; SANTOS, Marcos Aurélio Malaquias. Estudos sobre os topônimos na Geografia Cultural. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, XVII; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, XIII; ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, III., 2013. São José dos Campos. *Anais...* São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, Escola e construção de conhecimentos*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, ano 1, n. 1, p. 19-28, 2002.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: um balanço. *Revista Geografia*, Londrina, v. 20, n. 3, p. 5-24, set./dez. 2011. Doi: <http://dx.doi.org/10.5433/2447-1747.2011v20n3p005>

CORRÊA, P. A. *Modernidade e pós-modernidade na canção popular brasileira urbana: a voz ativa de Chico Buarque de Hollanda*. 2009. 102f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CORRÊA, P. A.; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia cultural no Brasil. *Revista da Anpage*, Dourados, MS, n. 2, p. 97-102, 2005. Doi: <http://dx.doi.org/10.5418/RA2005.0202.0008>

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares. *Revista GEOMAE*, Campo Mourão, PR, v. 1, n. 2, p. 25-56, 2010.

DAL PIZZOL, Elis Viviana. *Os nomes das escolas da cidade de Bento Gonçalves: uma perspectiva onomástico-cultural*. 2014. 164f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. As terminologias nas ciências onomásticas. Estudos de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. v. III.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Etnia e etnicidade. Um novo modo de nomear. Projeto ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008. v. IV.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de casos. *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*, Recife, v. 9, p. 119-148, 1999.

FONSECA, Gustavo Solis. *La gente pasa, los nombres quedan...* Introducción em la toponímia. Lima: Lengua e Sociedade, 1997.

GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. *Leitura do espaço geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território*. Franca: Unesp, 2012.

HOLZER, Werter. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEOgraphia*, Niterói, ano V, n. 10, 2003.

HOLZER, Werter. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria das Graças (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. v. II.

JAPIASSU, H. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). *Terras e territórios de negros no Brasil*. Santa Catarina: Editora UFSC, 1991.

LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. *As ciências do léxico*. Campo Grande: UFMS, 2004. v. II, p.19-30.

MELLO, João Baptista Ferreira. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. *Revista ACTA Geográfica*, Boa Vista, RR, v. 5, n. 9, p. 7-14, jan./jun. 2011. Doi: <http://dx.doi.org/10.5654/acta.v5i9.429>

MENDONÇA, Francisco. Geografia socioambiental. *Terra Livre*, São Paulo, n. 16, p. 113-132, jan./jun. 2001.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, Presidente Prudente, SP, n. 14, v. 2, p. 48-60, 2007.

MORIN, Edgar. A reforma do pensamento. In: _____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEIRA, Nilbo R. *Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências*. São Paulo: Érica, 2001. [Apud Parecer CNE/CEB no 07/2010] Op. cit., 2010.

OLIVEIRA, Soraya Castro de Lima; SILVA, Gustavo Siqueira. A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação. ENCONTRO DE GEOGRAFIA – A GEOGRAFIA E SUAS VERTENTES: REFLEXÕES, II; SEMANA DE CIÊNCIAS HUMANAS, VI, 2009, Campus dos Goytacazes, RJ. *Anais...* Campus dos Goytacazes – RJ: Instituto Federal Fluminense, 2009.

PEREIRA, Renato Rodrigues. *A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do Sul goiano*. 2009. 204f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2009.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim; BASTOS, Gleyce Ramos. Onomástica e possibilidades de releitura da história. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, UNISUAM, ano 15, n. 30, p. 86-92, ago. 2010.

SANTOS, Laudenides Pontes. *O estudo do lugar no ensino de Geografia: os espaços cotidianos na geografia escolar*. 2010. 159f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, 2010.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Florivasdo Fernandes dos. *Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do Médio Araguaia, Mato Grosso: contribuição para o Atlas Toponímico de Mato Grosso*. 2005. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: EDUSP, 2007.

SANTOS, Milton; e SILVEIRA, María L. *O Brasil – território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Wagner Rodrigues. Construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 143, p. 582-605, maio/ago. 2011. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742011000200013>

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 93, 15 de julio de 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-96.htm>>. Acesso em: 23 out. 2015.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Ambiência e pensamento complexo: Resignific(ação) da Geografia. In: SILVA, A. D.; GALENO, A. (Org.). *Geografia – Ciência do Complexus*. Ensaio Transdisciplinares. Curitiba: Ed. Sulina; UFPR, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G (Ed.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht: Reidel Publ. Co., 1979. p. 387-427. [publicado originalmente em: *Progress in Geography*, v. 6, p. 211-252, 1974]

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1007/978-94-009-9394-5>



Toponymy and Cultural Geography: Weaving Threads of Investigation Within the Scope of Interdisciplinarity

Toponímia e Geografia Cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade

Rodrigo Vieira do Nascimento

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins / Brasil
rdrgviera@hotmail.com.

Karylleila dos Santos Andrade

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins / Brasil
karylleila@gmail.com

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins / Brasil
carolinamachado@mail.uft.edu.br

Resumo: A Toponímia é o estudo dos nomes de lugares; baseia-se, entre outros aspectos, na etimologia e nos dados semânticos dos nomes próprios de lugares (elementos físicos e humanos), ao passo que a Geografia Cultural apropria-se das manifestações culturais advindas de um lugar, assim como as crenças, danças, mitos e lendas. Este estudo busca investigar os pontos de interlocução entre Toponímia e Geografia Cultural, considerando que se revelam interdependentes mas, ao mesmo tempo, entrelaçadas na mesma trama no que se refere à amplitude de seus fios de conteúdo interdisciplinar. Assumimos a noção de interdisciplinaridade como o paradigma investigativo. A abordagem de análise metodológica é qualitativa e de caráter bibliográfico. Para realizar esta discussão, serviram de suporte teórico-metodológico os trabalhos de Dick (1990, 1999, 2006, 2007, 2008) e Andrade (2012, 2015, 2017) no campo da Toponímia, e os estudos de Claval (2001, 2002, 2011), Tuan (1979), Corrêa (2009) e Holzer (1999, 2003) no campo da Geografia Cultural.

Palavras-Chaves: toponímia; geografia cultural; interdisciplinaridade.

Abstract: Toponymy is the study of place names; it is based, among other aspects, on the etymology and semantic data of proper names of places (physical and human features), whereas Cultural Geography studies the cultural manifestations that occurred in a particular place, such as beliefs, dances, myths, and tales. This study aims to investigate points of dialog between Toponymy and Cultural Geography, considering the fact that they are revealed as interdependent and, at the same time, intertwined in the same weft, as regards the range of their threads of interdisciplinary content. We assume the notion of interdisciplinarity as the investigative paradigm. The approach of the methodology analysis is qualitative and of bibliographic nature. This discussion was supported theoretically and methodologically by Dick (1990, 1999, 2006, 2007, 2008) and Andrade (2012, 2015, 2017) in the Toponymy field, and by Claval (2001, 2002, 2011), Tuan (1979), Correa (2009), and Holzer (1999, 2003) in the Cultural Geography field.

Keywords: toponymy; cultural geography; interdisciplinarity.

Received on December 10, 2017

Accepted on February 11, 2018

1 Initial considerations

When addressing studies that focus on the lexicon of a language, the researcher clearly learns about culture, history, ways of life, the worldview of the language-speaking community that uses it. The words that constitute a lexical system of a language, according to Andrade (2017, p. 586), “are like a mirror: they reflect the concrete aspects of the world.” Using the lexicon, the author (2010, p. 106) highlights that human beings have always “attributed names to everything around them: to things, to animals, to people, to the physical and cultural space in which they live.” Naming is, for man, “a need for organization and guidance” (ANDRADE, 2017, p. 586).

Upon choosing a name for a place, “man makes use of his linguistic skills, associating aspects of the community’s reality to the denomination, adding to it motivation, convention, and identification” (DAL PIZZOL, 2014, p. 17). Thus, place names are “true historical testimonies of facts and events registered in the most diverse moment of the life of a population” (DICK, 1990, p. 22). In this sense, the linguistic study of place names can be a multi-faceted venture. It can

favor the knowledge “of the meaning and motivation of the place name, by considering the linguistic, social, and cultural relationships that are established between the researched universe and the proper name – the *toponym*” (PEREIRA, 2009, p. 55). Studying the act of naming places, therefore, translates “the thought, the personal and social values of man as a social being of different societies throughout history” (ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 11).

It is our understanding that the toponym seeks to achieve the existing relationship between man and the toponym itself, according to its denominational motivations. The toponymic studies include, in other words, “the study of the relationships (motivations) that are established between man and the place name” (ANDRADE, 2015, p. 30) and commonly branch out from etymology to “reconstruct the meanings and, later, trace a motivational panorama of the region in question, like an ideological retrieval of the denominator and the preservation of the depths of memory” (CARVALHINHOS, 2002-2003, p. 172). They are, therefore, linguistic, etymological, and geohistorical investigations of a specific place.

As regards Cultural Geography, this type of study broke with the pattern of a supposedly neutral knowledge within geographical studies, and provided a social and active view in a world that is ever-increasingly dominated by the globalization of markets, by the changes in work relationships, and by the urgency of environmental and ethnocultural issues.

Along these general lines, it is suitable to situate the existence of the study of places as a singularity between Toponymy and Cultural Geography. The place is an essential reference in the analyses of both toponymic studies and Cultural Geography. From this point of view, it is crucial that studies that focus specifically on the place-name-individual can include “the names of places resulting from different meanings, viewpoints, and fields of work, since, as they are organized in a dynamic manner, they constantly re-invent themselves in time and space, overlapping with sociocultural, economic, political, and religious values (ANDRADE; NASCIMENTO; REIS, 2014, p. 8).

The proposal of this study is to identify in what way these fields articulate/intersect, clearly taking into account their objects of study: place names. This investigative dialog will assume an interdisciplinary character. What is substituted is a thought that is “disjunctive and reductive for a thought that is complex, in the original sense of the term

complexus: what is woven together” (MORIN, 2003, p. 89). The present study is divided into four sections. The first section unveils a discussion on interdisciplinarity as systemic and complex knowledge. The second proposes a reflection on the historical-linguistic aspects. The third stage discusses the paths toward the consolidation of Cultural Geography. Finally, the fourth section, divided into two parts, presents a discussion on the notion of place as a category and its relationship of convergence with Toponymy and Cultural Geography. In this subsection, we promote a discussion regarding place names and to what extent this study is related to Legal Documents (PCN and DCN).

2 Interdisciplinarity: systemic and attuned knowledge

To reflect upon interdisciplinarity is to emerge at the points of agreement/disagreement among the various fields of knowledge (scientific, cultural, philosophical, literary, etc.), upon considering new horizons, new viewpoints, and new theoretical and methodological approaches geared toward the questioning of knowledge and of human valuation. One “[...] theoretical-methodological approach in which the emphasis concerns the work of integration of the different fields of knowledge, a true work of cooperation and exchange, open to dialog and planning” (NOGUEIRA, 2001, p. 27). In this panorama, the PCN depicts that interdisciplinarity presupposes:

An integrating axis, which can be the object of knowledge, a project of investigation, a plan of intervention. In this sense, it should result from the need felt by schools, teachers, and students to explain, understand, intervene, change, prevent something that challenges an isolated discipline and attracts the attention of more than one viewpoint, possibly many (BRASIL, 2002, p. 88-89).

Interdisciplinarity appears as “a possibility to enrich and surpass the integration of the elements of knowledge” (ANDRADE, 2012, p. 207). In this respect, we take a stance that differs from the disciplinary approach, and which thus surpasses the Cartesian worldview, based on a linear, reductionist, and unarticulated perspective of knowledge and of sciences, given that the disciplinary borders and cases “become compartmentalized and hinder contact, circulation, and dialog with other disciplines, hampering interdisciplinary movements and resisting new theories coming from abroad” (JAPIASSU, 2006, p. 34).

The linchpin of this study is, immeasurably, attuned, systemic, integrated, connected, dialoged, since we assume the bias of the interdisciplinarity as a perspective of teaching and, above all, of research: as an investigative paradigm, characterized “by the use of elements or resources from two or more disciplines for the operationalization of an investigative procedure” (SILVA, 2011, p. 597).

We seek to contribute to the construction of an interdisciplinary view for the study of place names, as regards the epistemological questions of Toponymy and Cultural Geography. In particular, the axis that integrates, connects, and dialogs is the notion of place. This is a concept that is common to both fields, but that is here analyzed from the vantage point of their particularities and dialogs. It is our opinion that place can establish a non-fragmented sense regarding place names in the two fields of knowledge.

3 From Lexicology to Toponymy

Lexicon comes from the Greek *λεξίον*, which means “word”. According to Antunes (2012, p. 27), the lexicon of a natural language can be understood as a repertoire of words from a language. The author stresses that “the words are the raw material with which we construct our language actions.” Lexicology, discipline containing the lexicon of languages, in a complete and integrated manner, “has the word, the lexical categorization, and the structuring of the lexicon as the basic objects of study” (BIDERMAN, 2001, p. 16). Lorente (2004) affirms that the academic tradition, especially in Europe, frequently identifies Lexicology as the study of the internal, formal, and semantic structure of words.

Naming “is an activity that is inherent to man” (CARVALHINHOS, 2008, p. 1), in which the individual classifies beings and objects and, concomitantly, organizes itself. *A priori*, it means to identify something as an object and implies that the referred thing be placed within a specific determined category, that is, any particular object is a member of a general class or representative of such a class. The lexicon of a language is precisely linked to the naming process. And Onomasiology, found within the field of denominations and designations, follows the semantic process of naming. Carvalhinhos (2007, p. 2) emphasizes that “the proper name has the function of registering social attitudes and postures of a given people, their beliefs, professions, region of origin, among other

aspects,” primarily considering that “the proper name finds its origin in historical, Biblical, or modern sources” (2007, p. 7).

It being one of the sciences within Lexicology, Onomastics is related to the study of the origin and changes in the proper names, mainly referring to the locations and people. Ramos and Bastos (2010, p. 87-88) assert that the origin of Onomastics is related “to the first philosophical speculations about the name and, in the West, is intimately linked to the Greek-Latin grammatical traditions, given that the distinction between the common and the proper name begins to be developed by Dionísio de Trácia, the first Greek grammarian.” Nonetheless, the authors (RAMOS; BASTOS, 2010, p. 88) reiterate that their scientific treatment began with the “advent of Linguistic Structuralism, in the turn of the nineteenth to the twentieth century,” a moment in which one gave priority to “the focus on the science of signs, semiotics, and semiology, within which Onomastics began to be considered a chapter.”

Onomastics focuses on two main areas of study: Anthroponymy and Toponymy. The first discipline is dedicated to the anthroponymic sign through the denominal motivation of individual proper names, surnames, and nicknames. Due to its coverage and universalist nature, the anthroponomastic lexicon has been the object of study in a wide range of scientific fields, including: Philosophy, History, Law, Religion, and Literature. By contrast, Toponymy focuses on the study of the toponymic lexicon by means of the proper names of places. According to Dick (1990), its object of study is the toponym (place name).

Onomastic-toponymic studies in Brazil, which began in the twentieth century, were based on the registering of etymologically written Indian names, and were associated directly with the studies of the Tupi language. The logs of Indian names produced by Levy Cardoso, in 1961, are of great importance, with the publication of the work *Toponímia Brasileira* (1961), which specialized in the Brazilian toponyms of the Amazonian region, especially those of Caribbean and Arawak origin. But it was with the research performed by Professor Carlos Drumond, in 1965, with his work entitled *Contribuição do Bororó à Toponímia Brasileira*, examining the origin of Indian names through the Tupi language and Brazilian Toponymy, that the position of toponomastic studies in Brazil began to take on a systematized nature. The development of Brazilian Toponymy occurred, in fact, with the works from Professor Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, one of the main references for

toponymic research in the country. According to the theory of Dauzat, and being advised by Drumond, Dick continued with the investigations concerning toponyms, creating methodological categorizations for her motivation.

Dick (1990) deals with the idea of toponymic motivation focused on the investigation of the motivations that led to the emergence of a specific toponym. In general, such motivations can be associated with the sociocultural circumstances in which the denominator is inserted, that is, with the sociohistorical context in which the naming occurs. In her study, the author classifies the different motivations in toponymic taxonomies, which can be either anthrocultural or physical. These taxonomies raised by Dick (1990) “allow one to interpret the names with greater precision from the semantic point of view” (DICK, 1999, p. 143). Overall, her studies seek a sociohistorical retrieval contained within the names of a given people, community, region, place. In the current toponymic studies, this taxonomy has been (re)discussed by researchers in the field in an attempt to attend to the very dynamic of the results of studies in the field.

The toponyms can, in their formation, receive influences that can come from the linguistic, geographic, cultural, historical, social, ethnic, and ideological conditions. They can even stem from semantic, lexical, and morphosyntactic transformations when compared to other lexical units (indigenous and Portuguese languages). These can carry with them “a value that goes far beyond the very act of naming” (ANDRADE; NASCIMENTO; REIS, 2014, p. 15), and as terminological units, “chronical” of a people, “reflect the preservation of the sociocultural and sociogeographic facts in a determined space and time of a community” (ANDRADE; NASCIMENTO; REIS, 2014, p. 15). For this reason, to study them is to intertwine time with the memory of the place; it is to reveal geographies imprinted upon the landscape; it is to understand the cultural traits buried in the day-to-day life. Toponymy, therefore, unveils itself as an interdisciplinary discipline that feeds off of and is fed back by threads from a wide range of fields of knowledge.

4 The paths of Cultural Geography

Claval (2001) identifies Germany and France as the mark of the first phase of Cultural Geography studies. The period from 1890 to 1940, in which the research was mainly about cultural landscape and ways

of life, resulting from the relationship between society and nature. The second period extended from 1940 to 1970, when regional Geography took the stage, and the preference was given to studies on locational logic and urban studies, among others. The field work was, for the most part, substituted by statistical inferences; nevertheless, Cultural Geography pressed on.

The 1970's "was an arena of epistemological, theoretical, and methodological clashes, in which a critical Geography, along with different subfields, emerged, which, in the 1980's, would partially converge to generate the so-called renewed Cultural Geography" (CORRÊA, 2009, p. 2). The renewal of Cultural Geography occurred after the 1980's (CORRÊA, 2009), when specialized periodicals emerged, such as: 'Géographie et Cultures', in France, created by Paul Claval, in 1992, and, in the same year, the magazine, *Ecumene*, in England. In the United States, in 1994, cultural studies begin to organize themselves around the *Journal of Cultural Geography*. The later creation of *Social and Cultural Geography* came to expand the possibilities of publishing texts on Cultural Geography. Thus, little by little, the work and research on Cultural Geography had various periodicals and publication channels opened to them.

Big names in Geography contributed to the systematization of the cultural approach; among these, Friedrich Ratzel (German geographer and ethnologist) and Vidal de La Blache (French geographer) stand out. More recently, Yi-Fu Tuan (Chinese-American geographer) and Anne Buttimer (Irish geographer) have stood out as researchers who have contributed to give Cultural Geography its own identity. In the words of Holzer (2003, p. 114), "these authors [are] pioneers in the use of the concepts of place and the living world."

Corrêa and Rosendahl (2005, p. 97) explain that the aspects of culture, over a long period of time, were addressed in regional studies, but they "were not given priority, nor were people aware that culture, in its multiple manifestations, could be the core theme of research." In Brazil, according to Corrêa and Rosendahl (2005, p. 97 e 98), the cultural heterogeneity of the country, much like its synamism and its innumerable historical processes involving society and nature, contributed to awakening interests in the cultural dimension of space. Its implementation did, of course, generate criticism and controversy; nevertheless, in 1993, NEPEC (Nucleus of Studies and Research on Space and Culture) was

formed in the Geography Department of the State University of Rio de Janeiro (UERJ), an active center in the production and diffusion of Cultural Geography in Brazil, which still directs its studies toward existing relationships between space and religion, space and symbolism, and popular culture.

Over time, the cultural dimension began to gain ground in geographic studies, as Bonnemaïson (2002, p. 86) postulates:

Today, new attention is given to the intransigence of the cultural fact. This is no longer seen as the vague and fluid superstructure in which one attempts to close a highly materialist conception. The culture today tends to be understood as a real aspect, a system of symbolic representation that exists within itself and, if we go to the limits of reasoning, as a ‘worldview’ that has its coherence and its own effects on the relationship of society with space.

For Suertegaray (2001), the geographic space is pinpointed as “single and multiple” and is conditioned to the different categories, which are: Landscape, Territory, Place, and Environment.

Milton Santos (2006, p. 66) reveals that the notion of *landscape* has been appropriated by other definitions, such as surroundings, habitat, and ecosystem. It is associated “with the set of forms that, in a given moment, express the heritage that represents the successive relationship located between man and nature.” We can see in Santos (2006) that landscape is “transtemporal, joining past and present objects, a transversal construction” (p. 67), which is characterized by [...] “a given distribution of object-forms, resulting from a specific technical content” (p. 67). By contrast, the *space* constitutes “always a present, a horizontal construction, a unique situation” (p. 68), which results from “the intrusion of society in these object-forms” (p. 68). In light of this reasoning, it can be noted that, according to Santos (2006), the existing difference between landscape and space: “the landscape is, thus, a material system and, in this condition, relatively immutable: the space is a system of values, which are permanently transformed” (p. 68).

Suertegaray (2001, n.p.) elucidates that the concept of territory is, historically, associated with the idea of domination-appropriation or associated with the notion of nature and society configured by a limit of the extension of power. Based on Santos and Silveira (2001) *apud* Blum (2014, p. 30), the means through which to transform a space into

a territory, within the geographic scientific tradition, is related to the materialization of networks of power that dominate, bring about changes, and reproduce themselves in society (SANTOS; SILVEIRA, 2001 *apud* BLUM, 2014, p. 30).

In this sense, space and territory, as well as landscape and space, are not equivalent terms. From the vantage point of Raffestin (1993, p. 143), “space comes before territory,” that is, the formation of territory is only possible if there is the presence of geographic space. To territorialize space, from Blum’s point of view (2014, p. 31), surpasses the “perception that the social and power relations are applied in the social groups that inhabit a specific space.” Returning to the idea from Raffestin (1993, p. 144), the territory is “the prison that man builds for himself.”

For a long time, the concept of *place* was treated in Geography as a self-explainable term. However, more recently, it was revived as an essential concept, being analyzed in a more comprehensive manner in geographic sciences (SUERTEGARAY, 2001, n.p); it became a locational reference for an important category of analysis. The place, in the geographic perspective, understood as a point in space, refers to “a geographic treatment of the living world,” manifested through “a day-to-day life shared among the widest range of people, companies, institutions – cooperation and conflict are the basis of life in common” (SANTOS, 1997 *apud* SUERTEGARAY, 2001, n.p.). Therefore, when we think about the relationship between space and place in Geography, we situate the notion of place as space “[...] embodied through experiences, ambiguities, and human values, which show distinct level of specificities” (MELLO, 2011, p. 7). This addresses the lived and experienced geographic space, incorporated as the home, the city, the region in which one lives. From the place, the individual constructs bonds that are “affective, social, cultural; it protects their mysteries, refuge, confinement; it is their cosmos” (ANDRADE, 2015, p. 32).

The term environment is polyssemic, that is, it contains a “plurality of conceptions and concepts, present in scientific, political, and cultural interpretations [...]” (MENDONÇA, 2001, p. 118). It can, for example, designate “all that surrounds or involves living beings”; “a set of material, cultural, psychological, and moral conditions that involve one or more people” (HOUAISS, 2007, electronic version). To think about the environment in Geography, according to Suertegaray (2004, p. 196), is to consider:

The nature/society relationship, a complex and conflicting set that results in a long process of socialization of the nature of man. This is a process that, at the same time that it transforms nature, it also transforms human nature.

Similarly, Cavalcante (2006) *apud* Cavalcante and Santos (2013, p. 2) confirms that the environment is “a (re)produced environment, as the result of human actions accumulated upon the natural environment.” He adds that its “components reflect, above all, a complex and dynamic interaction among the historical, sociocultural, economic, and environmental processes” (p.2). In this point of view, the environment is the product of the dialectic, systemic, and complex relationship of society and the natural physical aspects of a given space.

According to the ideas of Suertegaray (2001), the geographic space, therefore, proves to be dynamic, given that it can “be read through the concept of landscape and/or territory, and/or place, and/or environment; without denying that each one of these dimensions is contained in all of the others” (SUERTEGARAY, 2001, n.p.). One such example is “landscapes contain territories, which contain places, which contain environments, valuing, for each one, all of the possible connections” (idem, *ibidem*, n.p.).

Cultural Geography, as a subfield of Geography, therefore seeks to learn and understand human interactions with nature and their role in the ordination of space. In this light, it attempts to investigate human attitudes (such as art and music) related to the physical and social environment. This is only possible because the culture is “a medium through which the individual or the group makes space, and the way of living and acting within it, intelligible” (OLIVEIRA; SILVA, 2009, p. 2). The starting point of Cultural Geography is, therefore, the confirmation that the social space is laden with a subjective and cultural notions.

For Cultural Geography, the geographic names (also known as toponyms) can translate, in addition to cultural and ethnolinguistic strata, as historical and geographic facts of a people who inhabits or has inhabited the geographic space-place. In this sense, a geographic name is remarkably an exceptional testimony of human history (FONSECA, 1997, p. 20, *our translation*). In Cultural Geography, the concept of the geographic name is associated with the ontological dimensions, with the aspects of territorial domination, as well as with the emergence of identities and meanings for a given place. In this perspective, the concept

of place discussed in Cultural Geography walks side by side with the notion of place in Toponymy, bearing in mind that the names of places “are not factors that are strange or unrelated to historical, cultural, and social contexts, when considering the ontological substances of their environment, together with their meaningful burden” (ANDRADE, 2015, p. 166).

5 Toponymy and Cultural Geography: the place as a web of relationships

As a naming subject, man plays a role in the naming of the place: “it is he who established the parameters for the selection of motivations, be they by natural or human forces” (ANDRADE, 2015, p. 29). When naming places, we establish a cultural link, “directly associated with occupation, possession, and knowledge of the named place and area” (ANDRADE; NUNES, 2012, p. 201). Thus, like any other human activity, it is “the act of the naming of places that can undergo a scientific investigation and systematization” (ANDRADE; 2012, p. 205).

Geographic name and toponym can be considered terms, but they should not be understood, respectively, as synonyms, as each one covers areas of knowledge, fields of work, and different theoretical and methodological specificities. The geographic name appears as a normalized and standardized toponym, which is used as a geographic reference in map logs (SANTOS, 2005 *apud* BATISTA, 2011, p. 31), which are specific of geographic studies, particularly of Cultural Geography. Place, in common sense, has a social position and a spatial localization, but, for Tuan (1979, p. 409), the place “has spirit” and “personality”, and there is a “sense of place”. The place in Tuan (1979) is associated with the idea of belonging, and is thus related to the biographic identity of man with the aspects and elements of his lived and experienced space. We understand “belong” as that which is part of or stems from; that is peculiar or particular to; that is related or linked to something, such as an object or a place (HOUAISS, 2007). In this sense, the sense of belonging is related to “the feeling of a bond, relationship, dependence, connection, with a given place, group, history” (ANDRADE, 2015, p. 37). A house, as a home, for example, expresses the affective relationship of the individual with his/her place; a subject that resides in a house for a long period of time will most likely develop affective, personal, or cultural bonds, that is, feelings of belonging within the space.

Regarding this relationship – man and his physical space – Tuan (2012) discusses, in his book, the term, “Topophilia”, as a neologism that configures, in a broad sense, the affective bond of a human being with the place, primarily considering “the perception, attitudes, and values involved in the relationship between human beings and the environment (COSTA; ROCHA, 2010, p. 38). Tuan (2012) refers to Topophilia as being “affective bonds of human beings with the material environmental” (2012, p. 135), that is, the affective bond that unites people to places (HOLZER, 2003, p. 117). In this view of place is the space in which the individual finds him/herself within the environment in which he/she is a part. This does not include any and every location, but rather that portion of space that has an affective meaning for a person or group of people (CAVALCANTI, 1998 *apud* COSTA; ROCHA, 2010, p. 37). The place, in this sense, is the result of meanings constructed by experience, that is, they address affective references developed throughout our lives.

Thanks to phenomenology, the interest in the direct experience of places was developed through Cultural Geography (CLAVAL, 2002, p. 20). In this geographic approach, the concern is “to define the place as an experience that refers, essentially, to the space as it is lived in by human beings” (HOLZER, 1999, p. 70). Insisting on the sense of places, on the importance of lived experience, on the humanized world, Claval (2011, p. 11) adds that the focus of Cultural Geography is the spatial experience: “experience of the place in the research about the lived space.” The place is studied through the subjective relationship and connections established between the subject and the space (COSTA; ROCHA, 2010, p. 37). Thus, the notion of place is constituted in Cultural Geography as a primitive space that involves our desires, experiences, thoughts, feelings, and anxieties.

Recognizing the geographic and cultural specificity of the places produced and maintained by the human action is, therefore, the common thread of Cultural Geography, which seeks to learn and understand human interactions with nature and their role in the ordination of space. Its theoretical and scientific root is clearly associated with the recognition of places and landscapes as products of intentional human activity.

According to Claval (2001, p. 55), “[...] the places do not have only a form and a color, a functional and economic rationality. They are replete with meaning for those that inhabit and frequent them.” For this reason, the author ponders that, with studies on Cultural Geography, it

is possible to understand “the profound logic of ideas, ideologies, and cultures to see how they shape the experience that people have in the world and how these influence their actions.”

Moreira and Hespanhol (2007, p. 51) use the ideas from Buttimer (1985), which expresses that each human being is surrounded “by concentric ‘layers’ of lived space, from the living room to the home, to the neighborhood, city, region, and nation” (BUTTIMER, 1985, p. 178). And this space concerns the forces of production, such as maintenance and development of a human group. We stress the notion of production as a way of life, incorporating the culture within this human production. Thus, beliefs, dances, myths, rituals, legends are integral parts of the productive process and can reflect on the naming actions of this group, such as in the act of naming places.

According to Andrade (2015, p. 31-32), the episteme of toponymic studies shows the place in a “dimension of an analytical category: motivational, historical, linguistic, ideological, social, identity.” And with Cultural Geography, the idea of place can be conceptually broadened and extended “as the experience of the lived and affective world, a place as part of a whole.”

Through the discussion of “place” in Cultural Geography, it is possible to understand that the place goes beyond the mere view of localization and individuality of space, and this is different from the geographic category of “space”: the place is closed, intimate, and humanized, whereas the space would be any portion of the earth’s surface, broad and unknown. Thus, place is contained within space. The place becomes the lived space, replete with its own and particular meanings that are culturally conveyed (COSTA; ROCHA, 2010, p. 52).

5.2 Legal documents and place names

Studies of place names are of particular significance for the understanding of communities and peoples. Regarding the didactic-pedagogical context, we believe that they are understood as being essential to the student’s teaching-learning process. We share the idea, for example, that when the school allows students to immerse themselves in the reality that surrounds them, this notably contributes to the understanding of the local culture and identity by eliciting sociohistorical aspects.

In the realm of teaching, the National Curricular Parameters (PCN in Portuguese) and the new Curricular Guidelines for Basic Education (DCN in Portuguese) are considered legal documents that are pivotal and a channel for advice and provide guidelines for referrals and discussions that guide schoolwork. The present study sought to understand to what extent the notion of place is presented in these documents that guide basic education.

The PCNs were drawn up to advise teachers in the search for new approaches and methodologies.¹ Replete with national references to educational planning, the PCNs of Geography within Elementary Education (BRASIL, 1998, p. 15) propose a pedagogical work that seeks to achieve the “expansion of the skills of elementary students to observe, discover, explain, compare, and represent the characteristics of the place in which they live, as well as the different geographic landscapes and spaces.” This legal document (1998) points out some aims outlined by Elementary Education: “to get to know and give value to the plurality of the Brazilian sociocultural heritage” and “to get to know the essential features of Brazil in social, material, and cultural dimensions as a means through which to progressively build the notion of national and personal identity and the feeling of belonging to the country” (BRASIL, 1998, p. 7). Brazil is a union of sociocultural diversities, which upholds the core reasoning of the PCNs (1998); in this perspective, the teacher should try to work with the regional heterogeneities, since the PCNs (BRASIL, 1998, p. 110) stress that, for Elementary Education, the teacher can “try to work with the regional heterogeneities, without fragmenting the geographic analysis, so as to discuss how the unequal development of the Brazilian regions emerged within a broad sociocultural, and not only economic, point of view.” According to this document, it is hoped that students would build a repertoire of knowledge about the formation of the nation:

They get to know the features of different Brazilian landscapes, discovering the issue of human and natural diversity that has profoundly marked Brazil: the human concentration and depopulation of specific regions, the cultural and climatic

¹ Information retrieved from *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Parâmetros Curriculares Nacionais* (INEP). Available at: <http://provabrazil.inep.gov.br/parametros-curriculares-nacionais>. Retrieved in September 2016.

differences, and its socio-environmental influence, the vegetation and rugged terrain in the different landscapes, the cultural formation and its socio-environmental relationships (BRASIL, 1998, p. 114).

From this point of view, more than merely understanding the geographic space, the essential element is that the students perceive that there is a cultural, social, and historical diversity within our country, in addition to the climate, the vegetation, and the rugged terrain, and all of this should be valued within each regional specificity. And to this “each element should be observed, described, related, compared, questioned, and interpreted, considering the diverse geographic aspects of the Brazilian landscapes and territory” (BRASIL, 1998, p. 112).

The PCNs (BRASIL, 1998, p. 61) propose that teachers work with “the subjective dimensions of geographic space and the symbolic representation that the students make of them,” so that the students can perceive themselves as “actors in the building of landscapes and places” and so that they can understand that these landscapes and places “result from multiple interactions between social work and nature, and that they are full of symbolic meanings, stemming from the affection born within them.”

The document seeks to give value to the attitudes and procedures that the students can acquire by studying their day-to-day lives with Geography. By observing, describing, questioning, and representing the multiplicity of landscapes and places, they will understand their role as supporting actors in the processes that are constantly transforming these landscapes and places (BRASIL, 1998, p. 62).

In the manner, the students will be learning a geography that “gives value to their experiences and to others while, at the same time, they will be not only learning to give value to their place, but also transcending the local dimension in their search for the world” (BRASIL, 1998, p. 62).

According to PCNs (BRASIL, 1998, p. 58), the concern to integrate the place in geographic studies as a thematic axis is related “both to opportunities that they offer for the student’s day-to-day study, as well as to the possibility of thinking about Geography within new lines of thought.” In this approach, the teacher will be able “to work with the

student's day-to-day life, with all the burden of affection and that from his/her imaginary, which is born from one's experience in the places" (p. 59). In this approach, the PCNs (BRASIL, 1998, p. 60) suggest some items as parameters for geographic studies in the classroom:

- The place as a lived experience of man with the territory and landscapes;
- The imaginary and the representations of day-to-day life: the meaning of things and places joining and separating people;
- The place as the mediate and immediate lived space of man in his interaction with the world;
- The world as a plurality of places interacting amongst themselves;
- Citizenship as the awareness of belonging, interacting, and feeling a part of the people and the places.

In this sense, it could be observed that the notion of place in Geography can go "far beyond the mere view of the localization and individuality of the space: added to this are perception, meanings, characteristics, and cultural heritages of the individuals" (COSTA; ROCHA, 2010, p. 52). These authors add that the place is "[...] the lived space, replete with its own and particular meanings that are culturally conveyed." And through the place, what can also be considered in the teaching-learning process is "the perception of the individual, the symbols, the religiosity, the values, and the collective identities" (p. 52). It is for this reason that the PCNs (BRASIL, 1998) consider the geographic studies about the place through relationships and subjective connections established between the subject and the space to be relevant, since the concept of the place for the student "can be formed and/or understood as a space of experience, where one's existential needs, one's interactions with objects and people, one's stories of life are inserted" (GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 36).

The DCNs (BRASIL, 2013) are also principles, procedures, and fundamentals geared toward Basic Education that guide and direct the curricular planning of the schools and the teaching systems in the municipal, state, and federal spheres. These guidelines also associate the image of the place with the identity relationship established between the individual and the geographic space that has been lived, experienced,

and achieved. This represents a relationship that validates the feeling of belonging and affection among the place, its name, and the individuals that interact within this space. The place, in this document, is associated with ontological dimensions, in other words, it is related to the aspects of territorial domination, as well as to the emergence of the identities and meanings for the place. For the DCN (BRASIL, 2013, p. 438), the Earth as a place “is much more than the possibility of attachment; first, it is the condition for the existence of the group and of the continuity of its symbolic references,” as Leite (1991) notes:

The Earth is a common heritage of the communities that see them as such due to the ethnic factors, inbred logic, preferential marriage, rules of succession, and other arrangements. The condition of communal and indivisible possession is the central point for this comprehension. Invested by its own history, it becomes a territory, and upon it, the groups construct their territoriality (LEITE, 1991, p. 31).

The author points out that the territoriality presupposes the “identification and defense on the part of the group: presupposes the historical and cultural tradition constructed over time.” According to DCN (BRASIL, 2013, p. 439), the land “should not be perceived only as an object in itself, of work and of individual ownership, since it is related to the dignity, ancestrality, and collective dimension.” Regarding the territory, the DCNs (BRASIL, 2013) stress that it is related:

To a lived space and one of profound meanings for the existence and sustainability of the group of close and distant relatives that recognize themselves as a collective, as they have lived there for generations and generations, as they have transformed the space into a place. A place with a name, a strong reference in the imaginary of the group, building notions of belonging. It address a space acquired by residence, by interaction, which gains importance from a traditionality formulated upon serving as a support for the existence of a group of people who are related by affinity and blood or even by a cosmological affiliation (BRASIL, 2013, p. 439).

The place, from this point of view, cannot be understood without being “experienced” or lived, as Tuan (1979) very correctly postulates. According to the DCNs (BRASIL, 2013, p. 440), it refers to a geographic-

cultural space of collective use, of “economic and social needs, of cultural and political needs” of the human being. In the words of Leite (1991, p. 31), it presupposes “a historical and cultural tradition built over time.” In this sense, the DCN (BRASIL, 2013, p. 439) emphasizes, through considerations put forth by Milton Santos (2007), that it is impossible “to imagine a concrete citizenship that does without the territorial component, since the value of the individual depends, to a large degree, on the place in which one is.”

These legal texts view the categories of geographic space (landscape, territory, environment, and place) associated with the lived experience of man (socio-spatial view). This experience of the social space, according to Santos (2010, p. 38), happens when “the individual is inserted in the space, appropriating oneself of it, and participating in its modifications, and can, in this manner, define oneself within the society as an active agent of transformation.” Otherwise, the space “is configured as geometric and mere landscapes that participate indirectly in the life of the subjects, composing scenarios that are far beyond their comprehension” (SANTOS, 2010, p. 38). It was noted that these documents have in common the subjective relationships established between man and his environment and, in this sense, understand that “the concept of place is born of the experiences and refers to the affection that man cultivates, through interactions, within the space in which he inhabits (SANTOS, 2010, p. 38).

6 Final Considerations

In this discussion, place and culture were understood as being intertwined in the same web, inseparable concepts. We see in both Toponymy and Cultural Geography the complexity of the relationships that involve the act of naming places, given that the toponyms or geographic names can reveal elements of the origin, etymology, worldview, social and identity memory, as well as the process of dynamicity of place names. Therefore, this study sought to shed light on the points of interlocution between these two interdisciplinary fields, considering the complex and relationship aspects present in the scientific knowledge of these areas and in school life. We understand that reflecting on the interdisciplinary act makes advances in teaching possible, given that such progress can allow for the execution of new research projects that, in some way, can

correspond to this new emerging paradigm for education (ANDRADE, 2012, p. 219). In the onomasiologic process, we surmise that the study of place names is an act of pulling the wide range of threads from the ball of knowledge in an attempt to understand the elements that involve them, since the wide range of knowledge can revive the colors of memory and of local identity. This relationship can establish the non-fragmentary sense surrounding place names and/or geographic names.

Cultural Geography conceives the geographic space as a social space, with the place being the fruit of “the sum of the symbolic, emotional, cultural, political, and biological dimensions” (BUTTIMER, 1985 *apud* SANTOS, 2010, p. 57). This geographic aspect is focused on the studies of the “relationships between the culture and the social life, the transmission of the knowledge and the rules of conduct, the relationship of the individual with society, as well as the articulations and relationships between culture and power” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 38). Understanding the place within the cultural geographic perspective thus presupposes the revival of traditions and memories of a group through dogmas, beliefs, myths, dance, culinary arts, among others.

Dick (2008, p. 179) points out that, after having been baptized, the places gain a “soul”, “they become entities capable of meaning and of conveying their meaning: ‘name’ and ‘place’ join, from that point on, constituting the same identity, referenced and capable of being referenced.” The place, according to Andrade (2015, p. 30), refers “to the point of space, to the contour itself, it becomes linked to the place/name/denomination/reference relationship in a transparent manner.” These “carry with them their own and particular features that allow them to discover, in the majority of cases, in addition to physical aspects, the way of seeing the ideas, the point of view of the people of a specific era” (CASTIGLIONI, 2008, p. 23).

In this light, cultural geographic studies can substantiate the studies of Toponymy when embracing the anthropolinguistic, geohistorical, sociocultural, and socioeconomic aspects of a place name. Or, possibly, the inverse: Toponymy can contribute with the studies of geographic names in Cultural Geography.

We would like to highlight that this discussion has not been fully concluded, and it is thus open to other viewpoints and new readings. Our intention is to continue with these studies, with a strict focus on the context of teaching, considering the Cultural Geography approach

within the scope of toponymic studies, always thinking more specifically about possible didactic-pedagogical proposals for the teaching-learning of disciplines, such as the Portuguese Language, Geography, and History.

References

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na interdisciplinaridade. *Domínios de Lingu@gem. Revista Eletrônica de Linguística*, v. 6, n. 1, 1º Sem. 2012.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Estudo etnolinguístico e etnotopônimo dos rios Araguaia e Tocantins nos séculos XVIII, XIX e XX*. 2015. 199f. Relatório, Pós-doutoramento em Linguística – Universidade de Coimbra Faculdade de Letras, Coimbra, Portugal, 2015.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: ATITO*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 585-607, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.25.2.585-607>

ANDRADE, Karylleila dos Santos; NUNES, Verônica Ramalho. O onoma e sua relação com a interdisciplinaridade nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental de Geografia: um estudo preliminar com foco na Toponímia. *Revista Língua&Literatura*, Frederico Westphalen, RS, v. 14, n. 23, p. 195-210, 2012.

ANDRADE, Karylleila dos Santos; NASCIMENTO, Rodrigo Vieira; REIS, Anna Inez Alexandre. Os nomes de lugares nos livros didáticos de Geografia e História: primeiras considerações. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 10, n. 20, p. 11-26, 2014.

ANTUNES, Irlandé. *O território das palavras: estudo do léxico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BATISTA, Patrícia de Oliveira. *A toponímia cearense no século XIX*. 2011. 144f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri

(Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

BLUM, Gustavo Glodes. Os conceitos de espaço, território e estado numa perspectiva político-geográfica dos investimentos estrangeiros diretos no estado do Paraná. *Conjuntura Global*, Curitiba, v. 3, n. 1, jan./mar. 2014.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Geografia cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. (Série Geografia Cultural, p. 83-132)

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Geografia / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156p.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação*. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. PCN + Ensino Médio: *Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BUTTNER, Anne. *Aprendendo o dinamismo do mundo vivido*. Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1985.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 172-179, 2002-2003.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de Lingu@gem: Revista Eletrônica de Linguística*, Ano 1, n. 1, 2007. ISSN 1980-5799.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. *Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense*. 2008. 279f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, 2008.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. Estudos sobre os topônimos Norte-riograndenses na ótica de Câmara Cascudo: um olhar sobre Passa e Fica-RN. In: LINS, Juarez Nogueira; BEZERRA, Rosilda Alves (Org.). *Linguagem e Discussões Culturais*. v 3. João Pessoa: Ed. dos Organizadores, 2006.

CAVALCANTE, Márcio Balbino; SANTOS, Marcos Aurélio Malaquias. Estudos sobre os topônimos na Geografia Cultural. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, XVII; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, XIII; ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, III, 2013. São José dos Campos. *Anais...* São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, Escola e construção de conhecimentos*. Campinas - SP: Papirus, 1998.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, ano 1, n. 1, p. 19-28, 2002.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: um balanço. *Revista Geografia*, Londrina, v. 20, n. 3, p. 5-24, set./dez. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2447-1747.2011v20n3p005>

CORRÊA, P. A. *Modernidade e pós-modernidade na canção popular brasileira urbana: a voz ativa de Chico Buarque de Hollanda*. 2009. 102f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CORRÊA, P. A.; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia cultural no Brasil. *Revista da Anpage*, Dourados, MS, n. 2, p. 97-102, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.5418/RA2005.0202.0008>

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares. *Revista GEOMAE*, Campo Mourão, PR, v. 1, n. 2 p. 25-56, 2010.

DAL PIZZOL, Elis Viviana. *Os nomes das escolas da cidade de Bento Gonçalves: uma perspectiva onomástico-cultural*. 2014. 164f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. As terminologias nas ciências onomásticas. Estudos de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. v. III.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Etnia e etnicidade. Um novo modo de nomear. Projeto ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008. v. IV.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de casos. *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*, Recife, v. 9, p. 119-148, 1999.

FONSECA, Gustavo Solis. *La gente pasa, los nombres quedan...* Introducción en la toponímia. Lima: Lengua e Sociedade, 1997.

GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. *Leitura do espaço geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território*. Franca: Unesp, 2012.

HOLZER, Werter. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEOgraphia*, Niterói, ano V, n. 10, 2003.

HOLZER, Werter. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria das Graças (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. v. II.

JAPIASSU, H. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). *Terras e territórios de negros no Brasil*. Santa Catarina: Editora UFSC, 1991.

LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. *As ciências do léxico*. Campo Grande: UFMS, 2004. v. II, p.19-30.

MELLO, João Baptista Ferreira. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. *Revista ACTA Geográfica*, Boa Vista, RR, v. 5, n. 9, p. 7-14, jan./jun. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5654/acta.v5i9.429>

MENDONÇA, Francisco. Geografia socioambiental. *Terra Livre*, São Paulo, n. 16, p. 113-132, jan./jun. 2001.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, Presidente Prudente, SP, n. 14, v. 2, p. 48-60, 2007.

MORIN, Edgar. A reforma do pensamento. In: _____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEIRA, Nilbo R. *Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências*. São Paulo: Érica, 2001. [Apud Parecer CNE/CEB no 07/2010] Op. cit., 2010.

OLIVEIRA, Soraya Castro de Lima; SILVA, Gustavo Siqueira. A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação. ENCONTRO DE GEOGRAFIA – A GEOGRAFIA E SUAS VERTENTES: REFLEXÕES, II.; SEMANA DE CIÊNCIAS HUMANAS, VI., 2009, Campus dos Goytacazes, RJ. *Anais...* Campus dos Goytacazes – RJ: Instituto Federal Fluminense, 2009.

PEREIRA, Renato Rodrigues. *A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do Sul goiano*. 2009. 204f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2009.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim; BASTOS, Gleyce Ramos. Onomástica e possibilidades de releitura da história. *Revista Augustus*. Rio de Janeiro: UNISUAM, ano 15, n. 30, ago. 2010.

SANTOS, Laudenides Pontes. *O estudo do lugar no ensino de Geografia: os espaços cotidianos na geografia escolar*. 2010. 159f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, 2010.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Florivasdo Fernandes dos. *Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do Médio Araguaia, Mato Grosso: contribuição para o Atlas Toponímico de Mato Grosso*. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: EDUSP, 2007.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María L. *O Brasil – território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Wagner Rodrigues. Construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 143, p. 582-605, maio/ago. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742011000200013>

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 93, 15 de julio de 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-96.htm>>. Acesso em: 23 out. 2015.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Ambiência e pensamento complexo: Resignific(ação) da Geografia. In: SILVA, A. D.; GALENO, A. (Org.). *Geografia – Ciência do Complexus*. Ensaio Transdisciplinares. Curitiba: Ed. Sulina/UFPR, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G (Ed.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht: Reidel Publ. Co., 1979. p. 387-427. [publicado originalmente em: *Progress in Geography*, v. 6, p. 211-252, 1974]

TUAN, Yi-Fu. Tradução de Livia de Oliveira. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.



Topônimos latino-americanos: um estudo etimológico

Latin American toponyms: an etymological study

Letícia Santos Rodrigues

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo/Brasil

letisr@usp.br

Resumo: A elaboração de pesquisas na área da Onomástica, ciência linguística que se dedica aos estudos dos nomes próprios, não deveria se pautar apenas em um viés puramente linguístico, visto que o ato de nomear pessoas, lugares, animais e até objetos não se dá por acaso. Os nomes próprios carregam, em si, a memória e a cultura estabelecida por suas comunidades, fato que se confirma, inclusive, diante da grande afinidade que a Onomástica possui com outras áreas do conhecimento, como a Etimologia, História, Geografia, Antropologia, Sociologia, dentre outros. Para tanto, ela se divide em diversas vertentes, dentre as quais se destacam duas precípuas: a Antroponímia (estudo dos nomes de pessoas) e a Toponímia (estudo dos nomes de lugares), considerando aspectos como origem, forma e evolução. Este estudo trata mais especificamente dos topônimos referentes aos nomes dos países que compõem a América Latina, sob o esteio metodológico da Etimologia. Dessa forma, remonta-se, a partir da consulta a diferentes dicionários etimológicos, como Nascentes (1952), Corominas (1954), Cunha (1996) e Machado (2003), além de outros materiais de apoio, algumas informações sobre como se deu esse processo de nomeação, juntamente com suas possíveis motivações, considerando os aspectos idiossincráticos de cada lugar. É possível perceber que as razões relacionadas às escolhas dos topônimos analisados foram diversas, tais como aspectos físicos/geográficos e/ou culturais, personalidades históricas, religião e, às vezes, até motivações desconhecidas. Tal desconhecimento, contudo, não invalida pesquisas em Onomástica, mas estimula outros estudiosos a continuar buscando suprir tais lacunas.

Palavras-chave: Onomástica; Etimologia; Toponímia; América Latina.

Abstract: The development of research in the field of Onomastics, the linguistic science that is dedicated to the study of proper names, should not be ruled on a purely linguistic bias, since the act of naming people, places, animals and even objects is not done by chance. Names themselves carry within them a memory and the culture established by their communities, a fact that is confirmed by the large affinity that Onomastic shares with other areas of knowledge such as Etymology, History, Geography, Anthropology, Sociology among others. Therefore, Onomastics is divided into several sub-areas, among which the following are the two fundamental: Anthroponymy (study of names of people) and Toponymy (study of place names), considering aspects such as origin, form and evolution. This study focuses on Toponyms referring to the names of Latin American countries, under the methodological mainstay of Etymology. In this way, it attempts to reassemble, from different etymological dictionaries like Nascentes (1952), Corominas (1954), Cunha (1996) and Machado (2003), besides other supporting materials, information about how this process occurred, along with their possible motivations, while considering the idiosyncratic aspects of each place. It is possible to see that the reasons related to the choices of the toponyms analyzed were varied, ranging from physical / geographical and / or cultural aspects, to being based on historical personalities, religion, and sometimes even unknown reasons. The latter, however, does not invalidate surveys in Onomastics, but encourages other scholars to continue trying to fill such gaps.

Keywords: Onomastics; Etymology; Toponymy; Latin America.

Recebido em 27 de novembro de 2017

Aceito em 12 de março de 2018

1 Introdução

O estudo dos nomes próprios, apesar de frequentemente desconsiderado no âmbito linguístico, é um meio bastante profuso para se conhecer mais sobre aspectos sócio-histórico-culturais, visto que o léxico onomástico carrega em si várias informações ao, de certa forma, retratar momentos de um povo em dada época. O ato de nomear corresponde a uma prática antiquíssima, confirmada pela atribuição de vocábulos designativos a pessoas, animais, lugares e até mesmo a alguns objetos. Sobre esse aspecto, afirma Biderman:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. (BIDERMAN, 1978, p. 139)

Para tanto, a ciência linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios é a Onomástica que, por sua vez, se ramifica em diversas vertentes, como a Hagionímia, Onionímia, Mitonímia, dentre outras, tendo a Toponímia e a Antroponímia como as duas principais, nas quais a maioria dos trabalhos se concentra. A Antroponímia dedica-se ao estudo dos nomes próprios de pessoas, enquanto a Toponímia, também conhecida por alguns como “Onomástica geográfica”, e objeto de análise deste trabalho, refere-se ao estudo dos nomes de lugares, ambas considerando origem, forma e evolução.

Inserida em um contexto interdisciplinar, a Onomástica oferece a possibilidade de desenvolver estudos imbricados com outras áreas do conhecimento, como a Etimologia, a Pragmática, a Geografia, a História, a Paleografia, a Antropologia, a Sociologia, a Literatura etc. Sua forte relação com a Etimologia se fará notável mais adiante, visto que esta atuará como norteadora da análise dos nossos dados ao nos dedicarmos à investigação do percurso entre o étimo ou a origem e o topônimo em questão no que se refere aos nomes dos países latino-americanos, de modo a fundamentar esta pesquisa toponímica.

Salientamos, contudo, a complexidade ainda maior em se realizar um estudo etimológico em Toponímia, especialmente diante da dificuldade de conservação, da veracidade das informações e da abundância de etimologias fantasiosas que muitas vezes são tomadas como verdades absolutas. Nesse sentido, o etimólogo, mesmo munido dos melhores dicionários, é passível de cometer equívocos, visto que também as obras são sempre passíveis de revisão. Logo, e como bem afirma Viaro,

[...] não basta abrir um dicionário etimológico e ler as propostas oferecidas pelos autores como ‘verdade acabada’. As respostas não estão prontas: os autores discordam entre si, propõem várias soluções, elegem esta ou aquela solução e, não raro, erram. (VIARO, 2011, p. 102)

Passemos, então, a entender um pouco mais sobre a América Latina através da perspectiva toponímica.

2 América Latina: breves considerações

A expressão “América Latina” está associada muito mais intimamente a questões econômicas e sociais dos países que a compõem do que a um aspecto meramente territorial. Não se trata, é preciso lembrar, de um continente, mas sim de uma alusão aos 20 países¹ colonizados pelos grandes impérios marítimos representados principalmente pela Espanha e por Portugal. Territorialmente, compreende quase toda a América do Sul e Central, mais especificamente: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela (exceto pela Guiana, pelo Suriname e por Belize, que são países de língua germânica). O México, localizado na América do Norte, também a integra.

De um modo geral, apesar dos lautos recursos de suas terras, ainda hoje é uma região que sofre com as consequências do seu passado político, com resquícios de colonização exploratória dos recursos e do capital humano, exportado como mercadoria para o continente europeu. Sua história conhece traços de opressão dos nativos que ali viviam, além dos tristes reflexos deixados pelos anos de escravidão dos negros africanos trazidos para trabalhar nestas terras. Diante de tudo isso e também da grande demora em alcançar a independência – com a maioria se tornando independente apenas há 200 anos –, é que nesses países se observam problemas relacionados à pobreza, à violência, à grande desigualdade social (amenizada em Cuba diante da economia socialista), à insegurança urbana e ao atraso tecnológico, o que os caracteriza como países em desenvolvimento.² Isso posto, passemos, então, para a análise dos dados.

3 Análise dos topônimos latino-americanos

Com relação à tentativa que aqui empreendemos a fim de recuperar as evidências etimológicas referentes aos topônimos selecionados, foram utilizados os seguintes dicionários: o *Dicionário*

¹ Neste trabalho não foram analisados os nomes dos países considerados dependências da América Latina, a saber: Guiana Francesa e Porto Rico.

² Informações extraídas do *site* HowMuch.net, baseado em relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) que considera como critério principal, mas não apenas, a renda nacional *per capita*.

etimológico da língua portuguesa – Tomo II, de Antenor Nascentes (1952), o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1996), o *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (2003), e o *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, de Corominas (1954), nos quais encontramos algumas informações sobre como se deu o processo de nomeação dos países latino-americanos. Ademais, outros materiais de apoio também foram consultados, sendo Otero (2006) o mais profícuo destes. Portanto, a análise consistiu do estudo de 20 topônimos, devidamente consultados (quando presentes) nas obras já mencionadas.

Precisamos, no entanto, relembrar que o trabalho com dicionários nem sempre é tarefa fácil. Nas obras consultadas, encontramos algumas definições confusas, muitas vezes sentidas como um palpite e apresentando dissonâncias entre si. Em vários casos, a origem dos topônimos pesquisados simplesmente não foi encontrada, deixando algumas lacunas na análise dos dados. Contudo, também é necessário lembrar que a ciência lexicográfica, assim como o estudo em Etimologia, são muito laboriosos e exigem grande rigor, de modo a quase sempre demandar uma vida inteira de estudos por parte do pesquisador que a eles se dedicam. Destarte, é natural que nem sempre se chegue a um consenso diante, principalmente, da inexistência de informações confiáveis, sendo preferível a não solução que uma solução indevida.

Assim, a respeito das motivações seguidas no momento de escolha dos topônimos, e como será demonstrado a seguir:

A análise comparativa de topônimos latino-americanos permite estabelecer três constantes básicas: vozes provenientes de línguas autóctones, topônimos surgidos na época da conquista da América pelos europeus e ‘novas’ denominações geográfica que se associam com os valores patrióticos (CHESNOKOVA, 2011, p. 14, tradução nossa).³

³ No original: “El análisis comparativo de topónimos latinoamericanos permite establecer sus tres constantes básicas: voces provenientes de lenguas autóctonas, topónimos surgidos en la época de la conquista de América por los europeos y denominaciones geográficas ‘nuevas’ que se asocian con los valores patrióticos”.

3.1 Argentina

Com relação à origem etimológica atribuída a este topônimo, não parece haver dissenso nas obras pesquisadas. Em todas há referência ao étimo latino *argentum*. Assim, para Nascentes (1952, p. 25):

Do adjetivo *argentino*, de prata. Fica nas margens do rio da Prata, q. v. O rio recebeu êste nome em 1526 do piloto Sebastião Caboto, por causa da prata que o piloto encontrou em poder dos naturais e que na realidade havia sido roubada da expedição do português Aleixo Garcia.

Segundo Corominas (1954, p. 262, v. I), para o verbete “Argento”: “‘plata’, tomado del lat. *argentum* íd. *1.^a doc.*: 1241. Latinismo ocasional que no ha arraigado nunca”. De acordo com Cunha (1996, p. 65), a definição do verbete “argênteo” está ligado a “‘prateado, de prata’ 1572. Do lat. *argentēus* [...]. Do top. *Argentina* [...] Do lat. *argentum*”. Machado (2003, p. 159) traz ainda uma informação geográfica para o verbete “Argentina” quando diz “[...] Do esp. *Argentina*, top., este do adj. *argentino*, «de prata», porque o país está situado nas margens do Rio da Prata (q.v.); também se lhe chama *República Platina*”. Otero (2006, p. 21) também menciona que “A denominação se deve ao fato de que os conquistadores acreditavam existir naquelas terras grande abundância desse mineral [prata]”, já aparecendo em um poema de Dom Martín del Barco Centenera em 1602.⁴

3.2 Bolívia

Como veremos a seguir, muitos países latino-americanos receberam seus nomes como forma de homenagear grandes líderes da sua história. Isso ocorreu com a Bolívia, que adquiriu este nome devido ao general Simón Bolívar (1783-1830). Esse fato foi facilmente verificado em todas as obras consultadas. Assim, Nascentes (1952, p. 47) menciona que “‘Bolívia a Bolívar ha debido su nombre’ Eis a inscrição que se encontra na estátua do herói na praça Venezuela em La Paz. O nome foi dado pelo Congresso ao Alto Peru, em 6 de Agosto de 1825, em homenagem ao Libertador”. Em Cunha (1996, p. 117) encontramos o

⁴ Mas não pela primeira vez, pois já em documentos latinos apareceria “Civitas Argentina”, traduzidos para o espanhol em 1565 (OTERO, 2006).

verbete “bolívar”, que viria “[...] Do antrop. *Bolívar*, do nome de Simão Bolívar, general e estadista, libertador da Venezuela e da Colômbia e fundador da Bolívia”. Machado (2003, p. 264) também endossa essa visão ao afirmar que é um “Nome formado de *Bolívar* (q.v.), em homenagem ao libertador de grande parte da América do Sul”. Em Corominas (1954), este topônimo não foi encontrado.

Otero (2006) acrescenta ainda que, apesar do próprio Simón Bolívar não concordar, a princípio, com o fracionamento do continente ao separar esse território dos demais que compunham o vice-reino do Rio da Prata, ele foi convencido pelo general Antonio José de Sucre quando este propôs que o nome de Bolívar fosse dado à região. Logo, assim como o país, Sucre, a capital constitucional, também recebeu esse nome em homenagem a uma grande figura histórica.

3.3 Brasil

No que tange a este topônimo, observamos que há certa discordância entre os autores pesquisados a respeito da sua história. A explicação que se encontra no âmbito do senso comum é que foi dado em razão de um grande item econômico da época, o pau-brasil, árvore da qual se extraiu a madeira utilizada para tingir tecidos devido à sua coloração vermelha. Sabemos, porém, que essa questão não é tão simples e é também muito mais antiga. Cabe ressaltarmos que, antes de tal designação, a terra na qual os primeiros portugueses desembarcaram, em 22 de abril de 1500, também já recebeu outros nomes, dentre eles Ilha de Vera Cruz, Terra de Vera Cruz (a mudança de “Terra” por “Ilha” se deu quando os portugueses perceberam a grande extensão territorial) e Terra de Santa Cruz, sublinhando, segundo Noll (2008), a tendência aos hagiônimos na toponímia do Novo Mundo. Ainda segundo Noll (2008, p. 120), “Surge a impressão de que uma decisão entre *Santa Cruz* e *Brasil* tenha ocorrido somente por volta de 1530-40. O nome *Brasil* (*terra, terras do Brasil*) era usual, todavia, desde o início, entre a população, enquanto *Terra de Santa Cruz* era usado apenas oficialmente”. Fato é que, desde o início dos Quinhentos, o termo “Brasil” já era encontrado em cartas até mesmo fora de Portugal.

Passemos agora ao que dizem as obras consultadas. Para Nascentes (1952, p. 50):

Do adjetivo substantivado *brasil*, adaptação do fr. *bresil*, moderno *brésil*, corruptela do ital. *verzino*, nome do pau vermelho empregado em tinturaria [...], conhecido muito antes do descobrimento do país. Primeiro «Terra do brasil» [...], depois «Brasil» simplesmente. A derivação de *brasa*, tão aceita, não passa de mera etimologia popular. [...] O comércio português era mais desenvolvido com os países da costa atlântica da Europa do que com os da mediterrânea. Daí ter vindo a palavra através do francês. Que já existia em Portugal antes do descobrimento não oferece dúvida: «Nesta terra ha muito brasyll, o qual faz muyto fino vermelho tanto como grã» [...] A *Vera Cruz* de Cabral, posteriormente *Santa Cruz*, desde cedo na boca dos traficantes de pau-brasil e na de toda gente passou a ser conhecida, pela existência de madeira vermelha, como «terra do brasil».

Divergindo quanto à origem da palavra, mas concordando com Nascentes (1952) quanto à motivação, segundo Corominas (1954, p. 512, v. I), “Probablemente derivado antiguo de *BRASA*, por el color encarnado del palo brasil. *I.ª doc.*: S. XIII [...] Para la relación con el nombre del Brasil, que al parecer deriva del nombre común por la gran cantidad de brasil que de allí se importó [...]”. Corominas (1954) aponta o século XIII como o da primeira documentação, mas também menciona as referências do italiano “*brasil*” (1198), o francês “*brésil*” (século XII) e “*brasil*” (a. 1221). Para Cunha (1996, p. 122), “*brasil*” viria de “*pau-brasil*’ XIV. Do it. *brasile*, de origem controversa; ‘*ant.* designação com que os portugueses nomeavam os indígenas do Brasil (e a sua língua) usada com mais frequência no plural’ [...]”. Machado (2003, p. 280) apresenta uma longa definição para o verbete “*Brasil*”, que já teria sido documentado pelo menos em 1377 (apesar das aparições no italiano que remeteriam ao século XII), na qual, resumidamente, diz que:

[...] É costume deriva este top. de *brasa*, o que parece um tanto estranho pela suposta intervenção e presença de um suf. -il, tônico, sem vida própria em port., mesmo na sua fase arcaica [...] o pau terá chegado até nós por intermédio de negociantes italianos, os intermediários, durante os últimos séculos da Idade Média, entre a Europa Ocidental e a Ásia. Creio por isso que o étimo dos nossos s.m. *brasil* está no it. *brasile* [...].

Machado (2003, p. 280) complementa, ainda:

Não parece admissível que o top. *Brasil* se deva a intervenção fr., como pretendeu João Ribeiro [...] O uso do s.m. *brasil* em Portugal (como se viu, bastante anterior a 1500) e o fato de, quando muito, quinze anos depois do descobrimento da região sul-americana o mesmo voc. já denominar (certamente de maneira indeterminada quanto à extensão territorial) aquela vasta zona, fazem-me pôr de parte a interessante hipótese de João Ribeiro, para quem o nome da sua pátria seria «o primeiro galicismo» recebido pelos brasileiros.

Otero (2006) explica que existem duas correntes precípuas quanto à origem deste topônimo. A primeira se refere à grande quantidade da árvore conhecida como pau-brasil que, por seu tom avermelhado, lembrava brasas e por isso o nome. Já a segunda corrente acredita essa explicação é insuficiente, visto que o nome “Brasil” já figurava em mapas desde 1339. Assim: “Os planisférios da Idade Média dos cartógrafos Portulano de Médicis (de 1351), assim como os de Sollerli, Pinelli, e também os mapas de Picigno, de 1367, mostravam uma ilha chamada Brasil, Bracia ou Berzil [...]” (OTERO, 2006, p. 25).

Por fim, trazemos também a interpretação de Noll (2008, p. 118), que reúne as diferentes versões apresentadas por alguns dos dicionários mais consultados. Assim, e como já indicamos, explica as acepções de Cunha, Machado, Nascentes e também do *Houaiss*, mas discorda destes ao dizer que:

[...] o germ. **brasa*, ‘brasa’ deve ser considerado como base para *brasil*, devido à associação com a cor vermelha. Uma ligação etimológica com o it. *verzino* (ár. *wars*), como defendem Machado (DELP, *brasil*) e Battisti/Alessio (DEI, *brasile*) não se sustenta, porque nem a evolução fonética nem a datação tardia dos primeiros testemunhos no século XIII concordam. O germanismo híbrido *brasile* se difundiu provavelmente através do italiano e do latim medieval.

Registramos ainda a polissemia do termo, que pode estar associado ao nome do país, ao nome da árvore – o pau-brasil – e, quando no plural, em referência aos índios brasileiros, como se nota na *Carta de Pedro de Campos Tourinho escrita de Porto Seguro a D. João III* (1546).

3.4 Chile

Foram encontradas várias versões a respeito da origem deste topônimo, preponderantemente apontando para um termo oriundo do léxico aborígine. Segundo Nascentes (1952, p. 72), em sua longa acepção:

O nome, primitivamente se aplicou ao vale do rio Aconcágua [...] Se o nome foi usado pelos indígenas do país do Aconcágua (o que não consta com segurança), seria possível que se tratasse do nome do pássaro tile, *tili* [...] ou *thile* [...] que como nome próprio pode em mapuche mudar-se em *chile*. Vicente Carvallo Goyeneche e outros supõem que êste é o étimo, o que não parece provável a Lenz porque tal pássaro não é comum. [...] Anrique y Silva propôs o nome do pássaro *chille* (do mapuche), onomatopéico do grito desta espécie de gaivota. Se o nome foi dado pelos peruanos, o que é pouco provável, estão à mão várias palavras das línguas do Peru. Assim, propuseram *chili*, frio, do antigo quichua (Valenzuela), *chilli*, confins do mundo, do aimará (Bertonio). Lenz crê estas etimologias meros jogos de palavras. Lokotsch, *Amer. Wört.*, 32, também acha que é insegura a etimologia de Chile, parecendo-lhe mais aceitável o quichua porque, em relação ao Peru, o Chile é mais frio e ainda mais, o nome a princípio se aplicou somente ao gélido vale do Aconcágua. É também o nome de um rio chileno. Não se pode determinar se o nome passou da região ao rio ou deste à região, observa Lenz com toda a razão.

Corominas (1954) aponta a correspondência da palavra “chile” com a pimenta, assim como Cunha (1996, p. 178), quando diz que chile seria uma “‘variedade de pimenta’ XIX. Do cast. *chile*, deriv. Do náuatle *čilli*”. Para Machado (2003, p. 406), “Do esp. *Chile*, de origem obscura”. Assim como Nascentes (1952), Otero (2006, p. 26-27) também elenca uma grande gama de possibilidades:

Alguns garantem que deriva de ‘Chili’, termo com que os aborígenes aimarás designavam o vale do Aconcágua, e significava ‘lugar onde a terra termina’; não obstante, uma tradução de origem quíchua atribui ao termo o significado de ‘frio’ ou ‘região fria’. O abade Molina e alguns filólogos afirmam que o nome foi dado ao vale pelas primeiras tribos que se estabeleceram na região porque nele abundava um pássaro com manchas amarelas nas asas, chamado pelos mapuches de Trih, Chi, Aili, Tril, Trile ou Trrile, que correspondem ao termo ‘Chili’. [...] Segundo outros

autores, o nome deriva do termo aimará ‘Tili’, que significa ‘limite do mundo’, com o qual os incas designavam esse país. A palavra ‘Chile’ seria uma corruptela desse termo, devida aos espanhóis.

Menciona ainda que o topônimo em questão pode ser advindo do nome de um cacique que governava o vale do Aconcágua antes da colonização ou de um grupo de aborígenes mitimaes de uma região do Peru, onde havia um rio com esse nome (OTERO, 2006). Dessa forma, não se pode afirmar com certeza qual seria a real origem deste topônimo.

3.5 Colômbia

Este topônimo não aparece dicionarizado em Corominas (1954) e em Cunha (1996), porém, e como nos diz Machado (2003, p. 435), parece claro que a Colômbia recebeu esse nome como forma de homenagear o célebre navegador Cristóvão Colombo que, em 1492, aportou no continente americano. Nascentes (1952, p. 77) confirma essa motivação quando diz:

Querem alguns, diz Aires do Casal, *Cor.*, I, 4, que o novo mundo devesse tomar de Colombo o nome de Colômbia, e não o que se lhe derivou de Américo; quando muitos declamam ser uma grande injustiça dar àquele navegante a honra de descobridor deste hemifério [...] [assim] de 1886 em diante, *Colombia*.

Otero (2006) endossa tal fato ao afirmar que a escolha por este topônimo se deu pelo próprio Bolívar, em razão de reparar a “injustiça histórica” sofrida por Cristóvão Colombo quando, por conta de Américo Vespúcio, foi escolhido o nome “América” para representar o continente.

Cabe, então, uma explicação de cunho linguístico referente aos topônimos “Bolívia” e “Colômbia”.

3.6 Costa Rica

Para Nascentes (1952, p. 81), este topônimo vem “De *costa* (de mar) e do adjetivo *rico*, nome dado por Alvarado, o descobridor, por causa dos múltiplos tesouros do solo, mas especialmente por se crer poder aí encontrar o tão ambicionado ouro”. Em Machado (2003, p. 460-461) encontramos a justificativa de que “[...] pois os Espanhóis, logo após o seu descobrimento em 1502 por Colombo, verificaram o valor do seu território, ainda mesmo no litoral”. Não conseguimos, porém, encontrar

maiores informações diante da ausência deste verbete em Corominas (1954) e em Cunha (1996, p. 222), que apenas menciona a existência de “costarriquenho” como “‘relativo a, ou natural da Costa Rica’ XX”. Segundo Otero (2006, p. 54):

Ao que parece, os espanhóis deram ao país o nome de Costa Rica devido à existência de algumas minas de ouro chamadas El Tisingal, situadas na costa do Atlântico [...]. Também não se descarta a possibilidade de que o nome derive da admiração de Cristóvão Colombo ao observar a natureza exuberante e os adornos que os nativos usavam. Outros autores atribuem ao conquistador espanhol Francisco Fernández de Córdoba a escolha do nome, embora concordem com as fontes anteriores no que diz respeito aos motivos da escolha.

Dessa forma, segundo os autores consultados, se trata de um topônimo motivado por questões geográficas.

3.7 Cuba

A origem do nome “Cuba” é praticamente desconhecida. Nascentes (1952, p. 84) diz: “País da América e ilha que constitui a parte principal deste país. Egli diz ser o nome de uma cidade indígena. Lokotsch, *Amer. Wört.*, 43, dá como desconhecida a significação deste nome”. Machado (2003, p. 477) menciona se tratar de um nome indígena, mas também não expõe maiores detalhes. Corominas (1954) e Cunha (1996) não apresentam este verbete da perspectiva toponímica.

Para Otero (2006, p. 77),

[...] derivado da palavra “ciba”, que no idioma siboney significa “montanha”, “pedra” ou “gruta”. Essa não é a única versão para a origem do nome Cuba. Segundo outras fontes, também pode derivar da palavra taina “cubanacan”, que significa “um centro” ou “lugar central”; de “côa”, que significa “lugar”, de “bana”, que se pode traduzir por “grande”; ou então de “cubagua”, cuja tradução é “lugar onde há ouro”.

Portanto, o único palpite ao qual podemos chegar é o de que se trata de um nome oriundo do léxico ameríndio.

3.8 El Salvador

Não encontrado em nenhum dicionário consultado. Em Otero (2006, p. 55), lê-se que é um topônimo oriundo de “San Salvador”, aplicado ao território até 1841, “[...] ano em que, com sua independência, os representantes do povo libertado decidiram mudar o nome para El Salvador, visto que o cristianismo era a religião predominante no país”, caracterizando, assim, uma razão religiosa para a atribuição do termo.

3.9 Equador

Para este topônimo, Nascentes (1952, p. 99) diz vir “De equador, s. com. Seu território formava três departamentos da Grã Colômbia, os quais dela se separaram em maio de 1830 para constituir a república do Equador, assim chamada por ser atravessada em toda a sua extensão pela linha equinocial”. A definição encontrada nas obras consultadas se refere a Machado (2003, p. 570), quando informa que é “*top.* República da América do Sul, assim chamada por ser atravessada, em toda a sua extensão, por aquele círculo máximo”. Tal topônimo não foi encontrado em Corominas (1954) e Cunha (1996). Otero (2006, p. 29) traz ainda algumas considerações interessantes a respeito da história referente à origem deste topônimo:

A linha equinocial passa por alguns países da América, África e Oceania, mas apenas um tem o nome relacionado a esta. A origem é a seguinte: quando a Academia de Paris, no século XVIII, quis estudar a forma da Terra, pediu autorização do rei da Espanha para enviar os cientistas Godin Buoger e La Condamine à única região civilizada de então situada sobre a linha – a Presidência de Quito, à época colônia da Espanha – para que medissem o arco do meridiano terrestre. Desde então se conhecia essa Presidência como Terras do Equador.

Portanto, não parece haver controvérsias de que essa atribuição se deu por motivos geográficos.

3.10 Guatemala

Para Nascentes (1952, p. 132), este topônimo vem:

Da palavra indígena *Quauhtematlan*, que significa «lugar dos montões de lenha» (Egli, Lokotsch, *Amer. Wört.*, 35). O mesmo Lokotsch traz ainda o étimo da língua tzendal *U-hate-z-mal-ha*, monte que mina água, explicado com referência aos numerosos vulcões e suas numerosas fendas [...] Villacorta, *Prehistoria e historia antigua de Guatemala*, 1938, tira do asteca *quarchtli*, água, e *mallan*, cativa.

Para Machado (2003, p. 752), a acepção encontrada se trata de uma “Etimologia controversa [...]. De qualquer modo, a forma actual deve ter-nos chegado pelo esp.”. Cunha (1996, p. 399) apenas nos informa o verbete “guatemalteco”, que se referiria ao “*adj. sm.* ‘relativo à Guatemala, natural ou habitante desse país’ XX. Do cast. *guatemalteco*”, o que não nos esclarece muita coisa. Este topônimo também não foi encontrado em Corominas (1954).

Otero (2006, p. 56) apresenta, ainda, algumas opiniões controversas a respeito da origem deste topônimo, a saber:

Uns garantem que deriva da palavra maia ‘Quauhtemali’, que significa ‘árvore podre’, por causa de uma árvore carcomida que os companheiros de Alvarado encontraram perto da capital. Outros afirmam que significa ‘lugar de muitas árvores’ [...]. Ainda outros supõem que o termo deriva da expressão ‘Tzendaes U-Hate-Z-Mal-Ha’, que significa ‘montanha que vomita água’, dada a grande quantidade de vulcões existentes na área [...] Finalmente, algumas fontes afirmam que Iximché, capital dos cakchiqueles (povo de origem maia), era chamada pelos astecas Tecpán Quauhtlemallan, que significa ‘terra de florestas abundantes’, donde deriva o nome ‘Guatemala’.

Logo, apesar das divergências com relação ao seu significado, todas as propostas parecem vir de uma perspectiva geográfica ou, ainda, territorial.

3.11 Haiti

Nascentes (1952) e Machado (2003, p. 765) nos apresentam a mesma definição para este topônimo, “[...] que significa «terra áspera»; Lokotsch [...] prefere «monte», «montanhoso», Séc. XVI: «... donde os Indios os leuarã á outra (ilha) que eles chamão *Ahyti...*»”. Cunha (1996, p. 403) nos traz também uma definição atrelada ao verbete “haitiano”, ao

revelar que se trata de um “*adj. sm.* ‘relativo ao Haiti, natural ou habitante desse país’ 1899. Do top. *Haiti*, voc. que na língua autóctone significa ‘montanhoso’”. Assim, este topônimo também encontra sua motivação em aspectos geográficos. Para Otero (2006, p. 81), “[...] é consenso que os nativos chamavam-na Hayti ou Ayiti, termo que significa ‘terra montanhosa’, do qual deriva o nome Haiti”.

3.12 Honduras

A escolha deste topônimo também parece ter se voltado para os aspectos geográficos. Nascentes (1952, p. 142) menciona “Do esp. *hondura*, fundura. «El golfo tiene el nombre, porque, deseando los primeros españoles llegar a tierra y no hallando fondo em muchíssima distancia de la costa, dieron gracias a Dios de haber salido de tantas honduras»”. Machado (2003, p. 784) também apresenta a mesma origem para tal topônimo, como se lê a seguir: “*top.* República da América Central. Do esp. *Honduras*, à letra «funduras», em relação às encontradas perto da costa daquela região por Colombo na sua 4.^a viagem [...] Séc. XVI: «...& ao porto das *Fonduras...*», *Galvão*, p. 153”. Cunha (1996, p. 415) apenas apresenta definição para o verbete “hondurenho”, quando aponta que se trata de um “*adj. sm.* ‘relativo a Honduras, natural ou habitante desse país centro-americano’ XX. Do cast. *hondurenho*”. Segundo Otero (2006, p. 56):

Tem-se como fidedigna a versão segundo a qual o nome dessa país nasceu da exclamação de Colombo ‘graças a Deus saímos dessas funduras (honduras, em espanhol)’, referindo-se às profundezas do mar perto da costa, quando chegou a uma saliência do território que oferecia refúgio seguro para suas frágeis caravelas, que fugiam de uma terrível tempestade.

3.13 México

Nascentes (1952) e Machado (2003) apontam a mesma origem etimológica para este topônimo, com redações bastante similares. Diz-nos Nascentes (1952, p. 200): “Do nauatle *Mexitli*, cognome de Uitzilopotxli, deus da guerra, e *co*, em, junto. Nome que tomou a cidade asteca de Tenochtitlan, por causa da santidade do templo daquele deus”. Na obra de Machado (2003, p. 988) encontramos que “México” se refere a um:

top. Cidade e país da América Central. [...] Inicialmente era só nome da cidade, antes chamada *Tenochtilan*. Aqui venerava-se Uitziolopotxili, deus da guerra, cognominado, em nauatle, *Metzxihco*, isto é, *Metz(tli)xith(tli)co*, que, segundo parece, significaria, «no centro da Lua». A considerada santidade do local acabou por impor como nome do sítio aquele epíteto, usado com muita frequência pelos indígenas. Séc. XVI.

Assim como em outros casos anteriores, em Cunha (1996, p. 519) apenas encontramos definição para o gentílico “mexicano”, que diz: “*adj. sm.* ‘relativo ao México’ ‘diz-se de, ou natural ou habitante desse país’ XVII. Do *top.* *Méxic(o) + -ANO*”. Não se trata, portanto, de uma grande contribuição para o nosso objetivo.

Otero (2006, p. 111) menciona um dos grandes problemas encontrados quando nos propomos a estudar a Etimologia quando diz que “Sobre a origem da palavra ‘México’, Arturo Tena Colunga, depois de exaustiva pesquisa, arrolou 45 possíveis origens para o vocábulo e chegou à conclusão de que se propuseram etimologias demais, cada uma mais desatinada que a outra”. Agrupa, contudo, tais propostas em duas correntes principais: uma referente ao Maguey e outra à Lua. Assim, os defensores da primeira teoria acreditam que a primeira sílaba de “México” vem do náuatle “Metl”, que significa “Maguey”, uma planta típica. A segunda sílaba viria da representação do fundador mítico do México, carregando um maguey nos ombros, correspondendo ao termo “Tzin” ou “Tli”, resultando em “Metzin” ou “Mextzin”. Já os adeptos da segunda teoria dizem que no idioma nativo o satélite natural da Terra era chamado “Metztli”, o que explicaria a primeira sílaba. A segunda sílaba, então, viria do termo “ixtli” (“rosto”) ou “xictli” (“umbigo” ou “centro”), enquanto a terceira, “co”, significaria “lugar” ou “lago”. E continua:

Segundo Alfonso Caso, que se baseia nos relatos de fundação de Tenochtitlán, quando os astecas chegaram ao lago da Lua, no centro deste (Anepantla) havia uma ilha cujo nome era México. Por esse motivo, afirma que a verdadeira origem da palavra ‘México’ é, pelo que ficou dito antes, ‘o centro do lago da Lua’ (OTERO, 2006, p. 111).

3.14 Nicarágua

Este topônimo foi apenas encontrado nas obras de Nascentes (1952) e Machado (2003), com ambos indicando a mesma proposta de origem etimológica. Para tanto, apresentaremos aqui apenas o encontrado em Machado (2003, p. 1070), quando afirma que “[...] resulta da aglutinação de *Nicarao* e esp. *agua*: «água de Nicarau», cacique que vivia junto de um grande lago e se rendeu ao conquistador Gil Gonçalves em 1522”. Para Otero (2006, p. 58), “O nome do país deriva do nome do cacique dos aborígenes denominados niquiras ou niquiranos, chamado *Nicarao*, segundo uns, e *Nicaragua*, segundo outros – e alguns historiadores afirmam que a raiz do nome significa ‘aqui, perto da água’”. Então, a proposta encontrada é a de que este topônimo também foi atribuído como uma forma de homenagear uma figura importante para a região.

3.15 Panamá

Este topônimo é um dos mais controversos analisados neste estudo. Sua origem possui várias interpretações e não foi possível identificar ao certo qual seria a mais provável. Nascentes (1952, p. 231) apresenta algumas explicações quando nos diz que:

A cidade foi fundada junto de uma aldeia de pescadores índios na qual o destacamento mandado de Tobago por Pedro Arias de Ávila encontrou a força expedicionária vinda por terra firme, comandada pelo Dr. Gaspar de Espinosa. Tomou o nome de aldeia, o qual significa no vernáculo «muito peixe» [...] Há outros étimos apontados: o tupi *pana'ma*, borboleta [...], o verbo cuna *panamaquet*, embalançaram a rede.

Já para Corominas (1954, p. 635, v. III): “[...] del nombre de país Panamá, por donde se exportan desde América del Sur estos sombreros, fabricados especialmente en la República del Ecuador. *I.^a doc.*: Acad. 1914 o 1899”. Cunha (1996, p. 575), entretanto, acredita que o verbete “panamá”, tomado como palavra do léxico comum (para tanto, a inicial maiúscula), se refira a “*sm*. ‘chapéu de palha masculino, de copa e abas flexíveis’ 1888. Do fr. *panamá*, deriv. do top. *Panamá*”. Machado (2003, p. 1124), por fim, diz se tratar de um “*top*. País, cidade, istmo e canal na

América Central. Do esp. *Panamá*, este de idioma indígena, nome de aldeia, de origem e significação controversas”.

Segundo Otero (2006, p. 60-61), sobre a origem deste topônimo:

Uns dizem que se deve a uma árvore chamada panamá, muito comum nessa região. Outros dizem que o nome se deve ao fato de a povoação ter sido fundada em agosto, quando há muitíssimas mariposas e que ‘Panamá’ significa, na língua nativa, ‘abundância de mariposas’. A versão mais conhecida é aquela segundo a qual o nome se deve a uma povoação de pescadores aborígenes, que ficava perto da praia, no lugar da primeira fundação da cidade, e que os aborígenes chamavam Panamá, que significa ‘abundância de peixes’. Os grandes chefes da tribo kuna, entre eles, Nele Kantule, garantem que a palavra ‘Panamá’ deriva ‘pannaba’, da língua kuna, que quer dizer ‘muito longe’, termo que os aborígenes utilizavam quando os conquistadores lhes perguntavam onde ficavam as minas de ouro.

3.16 Paraguai

Nascentes (1952, p. 233) não está totalmente seguro sobre a origem deste topônimo ao afirmar que:

«Paraguai, afinal, é nome que se não sabe, com segurança, donde vem. Uns pensam que a designação deriva de índios que outrora habitavam a margem oriental do rio; era a nação Paiaguá: Paraguai – rio dos Paiaguás. Pode a verdade, todavia, estar com os outros, os que aceitam para o nome a significação de: rio d[a]s palmeiras: Paraguá- coroa de palmas; I, U ou Y -água ou rio. Grandes bosques de palmeiras cobrem, realmente as suas margens». B. Caetano, 361, dá *para* 'gwa, coroa, grinalda, e *ü*, rio, segundo Montoya, rio das coroas mas podendo também significar «rio dos papagaios».

Machado (2003, p. 1130) confirma se tratar de uma palavra de “Origem em idioma indígena, mas obscura”, enquanto Cunha (1996, p. 580) novamente traz informações apenas para o gentílico “paraguaio”, que seria: “*adj. sm.* ‘do, ou pertencente, ou o habitante do Paraguai’ XX. Do top. *Paraguai*. A forma *paraguayano* ocorre em 1899”. Otero (2006, p. 44) também menciona a dificuldade em encontrar informações seguras sobre este topônimo, mas apresenta algumas alternativas, a saber:

Segundo o dicionário guarani, ‘Paraguai’ significa ‘rio dos marinheiros’, pois ‘Paraguá’ significa ‘marinheiro’, e ‘I’ ou ‘Y’ (dependendo da grafia) significa ‘água’ ou ‘rio’. Outros autores afirmam que se trata da corruptela do nome de aborígenes que habitavam a região, chamados payaguás. Muitos autores afirmam ainda que o vocábulo ‘Paraguay’ significa em guarani ‘um lugar com um grande rio’ ou ‘o lugar com um grande rio’. A essas teorias se soma outra, segundo a qual a palavra significa ‘rio do manancial do mar’ e vem de uma povoação aborígene pré-colombiana chamada Tavaparaguai, que habitou o lugar onde hoje existe a cidade de Assunção. [...] Alguns pesquisadores também sugerem outras origens possíveis, como por exemplo ‘Para-cua-I’, palavras aborígenes que significam ‘água do Cuacamayo’, ou então a junção de ‘paragua’, ‘coroa de palmas’ e ‘I’, ‘rio’, ou seja, literalmente, ‘rio coroado de palmas’. Outras traduções que se podem encontrar são: ‘rio que começa no mar’, ‘braço de mar’ e ‘lugar de grandes águas’.

3.17 Peru

Este topônimo não possui origem muito bem esclarecida. Em Nascentes (1952, p. 241) é possível encontrar várias possíveis origens para o termo:

s. m. País da América do Sul. De mui duvidosa origem. A primeira fonte a aliás muito segura no que se refere a este país, Garcilaso de la Veja el Inca, conta nos *Comentarios Reales*, 1.^a Parte, cap. I, que Balboa, depois de descobrir o mar do Sul (o oceano Pacífico), mandou navios explorar a costa sul-americana. Um destes passou a equador e seus tripulantes viram em determinado ponto um índio pescando à beira de um rio. Quatro deles saltaram em terra e conseguiram aprisionar o índio e leva-lo para o navio. Lá chegando, começaram a fazer-lhe perguntas que ele naturalmente não entendia «nombró su próprio nombre, diz Garcilaso, diciendo *Berú*, y añadió outro y dijo *Pelú*. Quiso decir: «si me preguntáis como me llamo, yo me digo *Berú*; y, si me preguntáis donde estaba, digo estaba em el rio. «Porque es de saber, que el nombre *Pelú*, em el lenguaje de aquella provincia es nombre apelativo, y significa río em común [...] Informa a *Enciclopédia Britânica*: aparentemente de *Biru*, pequeno rio na costa ocidental da Colômbia, junto do qual Pizarro desembarcou. Do nome de um chefe índio chamado *Biru* (*Century*) Do moho ou moxo (família

aruaque) e significando «sapo» ou «jovem» (Valenzuela). Informa Paz Solsán: do aimará e quichua *pillu*, coroa de ouro e flores [...] nome do índio ou do seu chefe, *Pirú, Pelú*; nome de um rio entre Panamá e Guaiquil [...].

Nascentes (1952, p. 241) aponta ainda uma data documental, quando diz “*WörterI*, informa que Pascoal de Andagoya em 1522 soube que a região ao sul do golfo de S. Miguel era chamada *Biru* pelos naturais”. Para Cunha (1996, p. 600), há apenas referência à palavra “peru”, do léxico comum, que diz “*sm.* ‘grande ave galinácea doméstica’ XVII. Do top. *Peru*, provavelmente [...]”. Machado (2003, p. 1167) reproduz uma das versões de Nascentes, trazendo como hipótese mais provável a de que seria o índio que pescava a beira do rio quando foi capturado, mas também confirma se tratar de um topônimo de “origem controversa”. Otero (2006) ratifica a dificuldade em saber qual seria a real origem deste topônimo, mas menciona que a grande maioria aponta para a derivação do nome de um cacique aborígine, de um rio e de uma comarca, respectivamente, a saber: “Berú”, “Pelú” e “Birú”.

3.18 República Dominicana

Nascentes (1952, p. 91) diz, para o verbete “Dominicana”, “Nome tirado do da capital, a cidade de *Santo Domingo*” que, por sua vez, recebeu seu nome em homenagem ao santo espanhol São Domingo de Gusmão, o fundador da Ordem Dominicana. Para o verbete “Dominica”, Nascentes (1952, p. 91) diz vir “Do lat. *Dominica*, do Senhor”. Para “dominicano”, Cunha (1996, p. 276) traz duas acepções. A primeira: “*adj. sm.* ‘diz-se de, ou frade ou freira da ordem fundada em 1216 por São Domingos e que segue as regras de Santo Agostinho’ 1844. Do antr. lat. (*Sanctus*) *Dōmīnicus* ‘São Domingos’, de *domīnus*”. A segunda acepção se refere ao gentílico, que diz: “*adj. sm.* ‘relativo a, ou natural da República de São Domingos, nas Antilhas’ 1899. Do cast. *dominicano*. Cp. DOMINAR”. Machado (2003, p. 514) fala que se trata de um “*top.* País da América Central, na ilha de Haiti. Esta chamou-se de *Santo Domingo*, tal como a cidade tornada capital do novo estado que dela tirou o nome (república) *Dominicana*”.

Otero (2006) recorre aos aspectos históricos para esclarecer a origem deste antropônimo. Explica que a toda a ilha (que hoje corresponderia aos territórios do Haiti e da República Dominicana) foi

dado o nome de “La Espanhola”, por conta do financiamento promovido pela Espanha, com capital de nome “Santo Domingo”. Este nome, que mais tarde passou a ser utilizado para designar todo o território, teria sido escolhido como forma de homenagear o patrono da ordem dos dominicanos, encarregados da evangelização dos povos nativos. Depois de todos os conflitos que envolveram essas terras, desde a chegada de Colombo em 1492 até a sua segunda Proclamação de Independência, consagrou-se o nome “República Dominicana”. Portanto, trata-se de um topônimo motivado por questões religiosas.

3.19 Uruguai

Em Nascentes (1952, p. 308), lê-se:

s. m. Rio e país da América do Sul. Do guarani. [...] *Uruguay*, na carta de Diogo Garcia, de 1526, interpretado por TS, 338, como: *uru'a ü*, 1526, interpretado como o rio dos búzios ou dos caracóis [...] Martius, 532, viu *u'ru*, corruptela de *guira*, *gwa* e *ü*, água da ave de diversas cores [...] De todo lado se sente a incerteza. O elemento histórico falta em absoluto, para apoiar qualquer das interpretações.

E traz ainda outra questão:

Há certa correlação entre *Paraguai* e *Uruguai* [...] Na final, existem francamente o elemento *ü*, água, rio. Teria *Uruguai* [em referência ao poema de Basílio da Gama] sofrido a analogia de *Paraguai* ou teria havido uma assimilação em *Uruguai*? A questão deve ser resolvida em conjunto.

Em Machado (2003, p. 1448), lê-se que se trata de um “*top*. País sul-americano. Origem obscura: «De todo lado se sente a incerteza. O elemento histórico falta em absoluto, para apoiar qualquer das interpretações»”, com a forma “Uruay” aparecendo em 1526 (na carta de Diogo Garcia), como observado por Nascentes (1952), e ainda “Uruguai”, de Basílio da Gama, em 1769. Para Otero (2006, p. 50), este topônimo também vem do guarani e significaria “[...] ‘rio dos caracóis’, uma vez que ‘Uruguá’ significa ‘caracol do mar’ ou ‘caracol da água’, pois tanto ‘Y’ como ‘I’, segundo as grafias, significam ‘água’ ou ‘rio’. Outros autores afirmam que ‘Uruguai’ significa ‘rio dos pássaros’ ou ‘rio dos belos pássaros multicores’”. Diante das possibilidades apresentadas,

parece ter sido um topônimo também motivado por questões geográficas, mas faltam informações que confirmem quaisquer uma delas.

3.20 Venezuela

Para este topônimo, traremos considerações bem parecidas encontradas em Nascentes (1952) e em Machado (2003). Primeiramente, para Nascentes (1952, p. 312), refere-se a um:

s. f. País da América do Sul. Descoberto por Colombo em 1498, no ano seguinte foi explorado por Hojeda, que chamou golfo de *Veneza* ao atual de Maracaibo, ao ver na praia oriental do lago de Maracaibo uma povoação de índios onotes, com casas construídas sobre estacas [...] A forma diminutiva é usada pelos welsler e seus companheiros [...].

Também para Machado (2003, p. 1466), este topônimo se referiria a um:

top. País da América do Sul. Do esp. *Venezuela*, dimin. de *Veneza*. Em 1499, Hojeda chamou golfo de *Veneza* ao actual de Maracaibo por causa das habitações sobre estacas que viu nas suas margens, facto também assinalado, na mesma época, por La Cosa e Vespúcio. Depois generalizou-se o dimin. de *Veneza*.

Otero (2006) concorda com a origem deste topônimo acima apresentada. Assim, ao que parece, a escolha é devida ao navegador espanhol Hojeda, ou Alonso de Ojeda que, ao ver o lugar construído sob palafitas, lembrou da paisagem de Veneza, sendo “Venezuela” o seu diminutivo. Em vista disso, trata-se mais uma vez de uma motivação geográfica.

4 Considerações finais

Visto que a Onomástica é uma área de estudo fortemente ligada aos aspectos sócio-históricos e culturais de um povo, o objetivo do compilado de informações apresentado neste artigo foi tentar entender um pouco das idiossincrasias de cada lugar, com línguas e costumes diferentes, porém reunidos sob o mesmo título: latino-americanos. Conhecer, sempre que possível, os acontecimentos históricos de cada

região é uma das formas de nos aproximarmos enquanto povo único, de tantas memórias e de tanta importância no cenário mundial.

Pudemos notar que as razões para a escolha dos topônimos estiveram a cargo dos aspectos geográficos, do intuito de homenagear alguma figura importante para a região ou de motivos religiosos. Como se sabe, muitos itens do léxico onomástico – arriscando dizer que principalmente os que se referem à Toponímia – dimanam de itens do léxico comum quando, não raro, após terem se consagrado como nomes próprios, chegam a “encobrir” a real motivação por trás destes, conduzindo a outros significados, discordes de sua origem etimológica. Dessa maneira, em alguns casos, verificou-se fortemente a atuação do léxico das línguas nativas, em outros, contudo, ficou bastante saliente a influência dos aspectos da colonização que atuaram diretamente não só no que diz respeito ao nome de cada país, mas também nos reflexos que ainda hodiernamente são vistos no modo como vivem seus habitantes.

É claro que, e como já demonstrado, nem sempre é possível afirmar com segurança qual seria a origem de cada topônimo, mas relembramos que, apesar das dificuldades, há um grande fascínio em se realizar estudos que envolvem a Onomástica e a Etimologia, encorajando, assim, que outros pesquisadores continuem a se aventurar por estes caminhos. Para tanto, encerramos com as palavras de Viaro (2004, p. 14), quando nos diz que:

[...] o interesse por etimologia é um fato e qualquer explicação etimológica esclarece de tal forma irregularidades e complicações da língua que é possível afirmar que a etimologia dispõe de uma curiosa capacidade de, uma vez explicitada, dificilmente ser esquecida, pois algo que não fazia sentido de repente passa a fazer.

Referências

BIDERMAN, M. T. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CHESNOKOVA, O. Toponímia latinoamericana: un enfoque semiótico. *Forma y Función*, Bogotá, v. 24, n. 2, p. 11-24, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21925446001>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

COROMINAS, J. *Diccionario Critico Etimologico Castellano e Hispanico*. Madrid: Gredos, 1954.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte: Confluência, 2003. v. II.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

OTERO, E. *A origem dos nomes dos países*. São Paulo: Panda Books, 2006.

VIARO, M. E. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

APÊNDICE A – Consulta dos topônimos latino-americanos nos dicionários etimológicos

	Nascentes (1952)	Corominas (1954)	Cunha (1996)	Machado (2003)
Argentina	X	X	X	X
Bolívia	X	-	X	X
Brasil	X	X	X	X
Chile	X	X	X	X
Colômbia	X	-	-	X
Costa Rica	X	-	X	X
Cuba	X	-	-	X
El Salvador	-	-	-	-
Equador	X	-	-	X
Guatemala	X	-	-	X
Haiti	X	-	X	X
Honduras	X	-	-	X
México	X	-	-	X
Nicarágua	X	-	-	X
Panamá	X	X	X	X
Paraguai	X	-	X	X
Peru	X	-	-	X
República Dominicana	X	-	X	X
Uruguai	X	-	-	X
Venezuela	X	-	-	X

Fonte: Elaboração da autora.



Latin American Toponyms: An Etymological Study

Topônimos latino-americanos: um estudo etimológico

Letícia Santos Rodrigues

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo/Brasil

letisr@usp.br

Resumo: A elaboração de pesquisas na área da Onomástica, ciência linguística que se dedica aos estudos dos nomes próprios, não deveria se pautar apenas em um viés puramente linguístico, visto que o ato de nomear pessoas, lugares, animais e até objetos não se dá por acaso. Os nomes próprios carregam, em si, a memória e a cultura estabelecida por suas comunidades, fato que se confirma, inclusive, diante da grande afinidade que a Onomástica possui com outras áreas do conhecimento, como a Etimologia, História, Geografia, Antropologia, Sociologia, dentre outros. Para tanto, ela se divide em diversas subáreas, dentre as quais se destacam duas precípuas: a Antroponímia (estudo dos nomes de pessoas) e a Toponímia (estudo dos nomes de lugares), considerando aspectos como origem, forma e evolução. Este estudo trata mais especificamente dos topônimos referentes aos nomes dos países que compõem a América Latina, sob o esteio metodológico da Etimologia. Dessa forma, remonta-se, a partir da consulta a diferentes dicionários etimológicos, como Nascentes (1952), Corominas (1954), Cunha (1996) e Machado (2003), além de outros materiais de apoio, algumas informações sobre como se deu esse processo de nomeação, juntamente com suas possíveis motivações, considerando os aspectos idiossincráticos de cada lugar. É possível perceber que as razões relacionadas às escolhas dos topônimos analisados foram diversas, tais como aspectos físicos/geográficos e/ou culturais, personalidades históricas, religião e, às vezes, até motivações desconhecidas. Tal desconhecimento, contudo, não invalida pesquisas em Onomástica, mas estimula outros estudiosos a continuar buscando suprir tais lacunas.

Palavras-chave: Onomástica; Etimologia; Toponímia; América Latina.

Abstract: The development of research in the field of Onomastics, the linguistic science dedicated to the study of proper names, should not be ruled on a purely linguistic bias, since the act of naming people, places, animals, and even objects is not done by chance. Names themselves carry within them a memory and the culture established by their communities, a fact that is confirmed by the large affinity that Onomastic shares with other areas of knowledge, including Etymology, History, Geography, Anthropology, Sociology, among others. Therefore, Onomastics is divided into several sub-areas, among which the following are the two most fundamental: Anthroponymy (study of names of people) and Toponymy (study of place names), considering aspects such as origin, form, and evolution. This study focuses on Toponyms referring to the names of Latin American countries, under the methodological mainstay of Etymology. In this manner, it attempts to reassemble, from different etymological dictionaries – Nascentes (1952), Corominas (1954), Cunha (1996), and Machado (2003) – in addition to other supporting materials and information about how this process occurred, along with their possible motivations, while considering the idiosyncratic aspects of each place. It is possible to see that the reasons related to the choices of the analyzed toponyms were varied, ranging from physical/geographic and/or cultural aspects, to being based on historical personalities, religion, and sometimes even unknown reasons. The latter, however, does not invalidate surveys in Onomastics, but rather encourages other scholars to continue trying to fill such gaps.

Keywords: Onomastics; Etymology; Toponymy; Latin America.

Received on November 27, 2017

Accepted on March 12, 2018

1 Introduction

The study of proper names, although commonly disregarded in the realm of linguistics, is a highly profuse medium that seeks to create a more in-depth understanding of social-historical-cultural aspects, given that the onomastic lexicon, to a certain extent, carries with it a vast array of information to portray moments of a specific people on a given day. The act of naming corresponds to an age-old practice, confirmed by the attribution of vocabulary that designates a name to people, animals, places, and even some objects. In this respect, Biderman (1978, p. 139) affirms:

The Lexicon of any language constitutes a vast universe of imprecise and undefined limits. It covers the entire conceptual universe of this language. Any lexical system is the sum of all accumulated experience of a society and of the collection of its culture throughout the ages.

To achieve this, the linguistic science dedicated to the study of proper names is Onomastics, which branches into a wide range of sub-areas, such as Hagionymy, Onionymy, Mitonymy, among others, with Toponymy and Anthroponymy as its two most important branches, in which the majority of studies are concentrated. Anthroponymy is dedicated to the study of people's proper names, while Toponymy, also known by some as "Geographic Onomastics", and the object of this study's analysis, refers to the study of the names of places, both of which take into consideration origin, form, and evolution.

Inserted in an interdisciplinary context, Onomastics offers the possibility of developing overlapping studies with other areas of knowledge, such as Etymology Pragmatics, Geography, History, Paleography, Anthropology, Sociology, Literature, etc. Its strong relation with Etymology will be notable later in this text, since this will act as the guiding light of the analysis of our data by dedicating ourselves to the investigation of the path between the root word or origin and the toponym in question as regards the names of Latin American countries, in such a way as to justify this toponymic research.

It is, however, important to highlight the even greater complexity of conducting an etymological study in Toponymy, especially given the difficulty of conservation, of the veracity of information, and of the abundance of fantasy etymologies that are often seen as absolute truths. In this sense, the etymologist, even if equipped with the best dictionaries, is prone to commit errors, given that the works are also likely to undergo revision. Hence, as Viaro (2011, p. 102) defends: "[...] it is not enough to open an etymological dictionary and read the proposals offered by the authors as a "finished truth". The answers are not ready: the authors disagree among themselves, propose various solutions, choose this or that solution and, not rarely, make mistakes". Thus, we now turn our attention to understanding a bit more about Latin America through the toponymic perspective.

2 Latin America: brief considerations

The expression. “Latin America” is associated much more intimately with economic and social questions from the countries that make up the region than with a merely territorial aspect. It is important to remember that this is not about a continent, but rather an allusion to 20 countries¹ colonized by large maritime empires, represented primarily by Spain and Portugal. Territorially, this includes almost all of Central and South America, more specifically: Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Ecuador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicaragua, Panama, Paraguay, Peru, the Dominican Republic, Uruguay, and Venezuela (not including Guyana, Surinam, and Belize, whose countries’ language is German). Mexico, located in North America, is also part of this territory.

In general, despite the lavish resources of its lands, it is still today a region that suffers from the consequences of their political past, with the remnants of the exploratory colonization of resources and human capital, exported as merchandise to the European continent. Its history knows of the traces of the oppression of the natives who lived there, in addition to the sad reflections left by the years of the slavery of African blacks brought to work on these lands.

Faced with all of this, as well as the great delay in achieving its independence – with the majority having become independent only within the last 200 years – is that, in these countries, one can see problems from poverty, violence, and widespread social inequality (lessened in Cuba due to the socialist economy) to urban insecurity and technological backwardness, issues that characterize them as developing countries.² This having been said, we now move on to the data analysis.

3 Analysis of Latin American Toponyms

Regarding our attempt here to recover the etymological evidence related to the chosen toponyms, the following dictionaries were used: *Dicionário etimológico da língua portuguesa – Tomo II*, Antenor

¹ In this work, the names of countries considered dependencies of Latin American were not analyzed, including: French Guyana and Puerto Rico.

² Information retrieved from the site HowMuch.net, based on the United Nations (UN) report that considers the national *per capita* income as its main, but not only, criterion.

Nascentes (1952); *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, Antônio Geraldo da Cunha (1996); *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, José Pedro Machado (2003); and *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, Corominas (1954), in which some information was found concerning how Latin America countries were named. In addition, other support materials were also consulted, with Otero (2006) being the most fruitful of these. Therefore, the analysis consisted of the study of 20 toponyms, duly consulted (when available) in the aforementioned dictionaries.

It is important, however, to remember that the work with dictionaries is rarely an easy task. In the consulted works, we found some confusing definitions, many times seen as a hunch and presenting discrepancies between them. In many cases, the origin of the researched toponym was simply not found, leaving some gaps in the data analysis. Nevertheless, it is also necessary to remember that lexicographic science, as well as the study of Etymology, are quite laborious and demand great precision, in such a way that they almost always demand an entire life of study on the part of the researcher who dedicates him/herself to them. Thus, it is natural that one is not always able to reach a consensus, especially when faced with the inexistence of reliable information, with the non-solution being preferred to an improper solution.

Therefore, regarding the motivations followed when choosing the toponyms, as will be demonstrated below:

The comparative analysis of Latin American toponyms allows us to establish three basic constants: voices stemming from indigenous languages, toponyms suggested in the time period of the conquest of America by the Europeans, and ‘new’ geographic denominations that are associated with patriotic values (CHESNOKOVA, 2011, p. 14, *our translation*).³

³ In the original Spanish: “El análisis comparativo de topónimos latinoamericanos permite establecer sus tres constantes básicas: voces provenientes de lenguas autóctonas, topónimos surgidos en la época de la conquista de América por los europeos y denominaciones geográficas ‘nuevas’ que se asocian con los valores patrióticos”.

3.1 Argentina

Regarding the etymological origin attributed to this toponym, there appears to be no disagreement in the researched works. In all of them, there is the reference to the Latin root word, *argentum*. Hence, for Nascentes (1952, p. 25):

From the adjective *argentino*, of silver. Lying on the banks of the Rio da Prata (Silver River, in English), q. v. The river received this name in 1526 from the navigator, Sebastião Caboto, because of the silver that the navigator found in the natural setting and that, in reality, had been robbed from the expedition of the Portuguese navigator, Aleixo Garcia.

According to Corominas (1954, p. 262, v. I), for the entry “Argento”: “‘plata’, taken from the Latin *argentum* id. *1st doc.*: 1241. Occasional Latinism that has never been rooted”. According to Cunha (1996, p. 65), the definition of the entry *argêteo*” is linked to “‘silver colored, of silver’ 1572. From the Latin *argentēus* [...]. From the top. *Argentina* [...] From the Latin *argentum*”. Machado (2003, p. 159) brings another piece of geographic information to the entry “Argentina” when he states “[...] From the Span. *Argentina*, top., this of the adj. *argentino*, <<of silver>>, because the country is located on the banks of the Rio da Prata (q.v.) (Silver River, in English); also called *República Platina* (*Silver Republic, in English*)”. Otero (2006, p. 21) also mentions that “The denomination is due to the fact that the conquistadors believed that a great abundance of this mineral [silver] existed in those lands”, which already existed in a poem by Dom Martín del Barco Centenera in 1602.⁴

3.2 Bolivia

As we will see below, many Latin American countries received their names as a way to pay homage to great leaders in their history. This occurred in Bolivia, which acquired this name due to General Simón Bolívar (1783-1830). This fact was easily verified in all of the consulted works. Thus, Nascentes (1952, p. 47) mentions that “‘Bolivia owed its name to Bolívar’ is the inscription that appears on the statue of the hero

⁴ But not for the first time, since “Civitas Argentina”, translated to Spanish in 1565 (OTERO, 2006), had already appeared in Latin documents.

in the Venezuela em La Paz square. The name was given by the Congress to Upper Peru, on August 6, 1825, in homage of the Liberator.” In Cunha (1996, p. 117) we found the entry “bolívar”, which varied “[...] From the anthrop. *Bolívar*, from the name of Simão Bolívar, general and statesman, liberator of Venezuela and Colombia and founder of Bolivia”. Machado (2003, p. 264) also endorses this view when he affirms that in one “Name created from *Bolívar* (q.v.), in homage of the liberator of the better part of South America.”. In Corominas (1954), this toponym was not found.

Otero (2006) also adds that, although Simón Bolívar himself did not agree at first with the partition of the continent to separate this territory from the others that made up the vice-royalty of Rio da Prata, he was later convinced by General Antonio José de Sucre when he proposed that the name *Bolívar* be given to the region. Likewise, as with the name of the country, Sucre, the constitutional capital, also received its name in homage of a great historical figure.

3.3 Brazil

Regarding this toponym, one can observe that there is a certain disagreement among the researched authors concerning its history. The explanation that is found in the realm of common sense is that it was given due to an important economic item of the day, *pau-brasil* (Brazil wood, in English), a tree from which wood was extracted to dye fabrics due to its red color. We know, however, that this question is not so simple and appears to be much older. It is important to highlight that, before this designation, the land on which the first Portuguese landed, on April 22, 1500, also received other names, including *Ilha de Vera Cruz*, *Terra de Vera Cruz* (the substitution of “Island” for “Land” occurred when the Portuguese perceived the broad territorial extension), and *Terra de Santa Cruz*, underscoring, according to Noll (2008), the tendency towards hagnonyms in the toponymy of the New World. Also according to Noll (2008, p. 120): “There arises the impression that a decision between *Santa Cruz* and *Brazil* had occurred only around 1530-40. The name *Brazil* (*land, lands of Brazil*) had actually been common from the beginning among the population, while *Terra de Santa Cruz* was only used officially”. It is a fact that, since the beginning of the 1500’s, the term “Brazil” could already be found even outside of Portugal.

We move on here to what the consulted works tell us. For Nascentes (1952, p. 50):

From the noun adjective *brasil*, adaptation from the Fr. *bresil*, modern *brésil*, corruption from the Ital. *verzino*, name of the red wood employed in dyeing mills [...], known long before the discovery of the country. First «Terra do Brasil» [...], later simply «Brasil». The derivative of *brasa*, widely accepted, is nothing more than a mere popular etymology. [...] The Portuguese trade was more developed with the countries of the Atlantic coast of Europe than with those of the Mediterranean. Hence the word came from the French. That it had already existed in Portugal before the discovery, there is no doubt: «*Nesta terra ha muito brasyll, o qual faz muyto fino vermelho tanto como grã*» (In English: «In this land there is much brazil wood, which makes a fine red like a grain» [...]) The *Vera Cruz* of Cabral, later *Santa Cruz*, from the beginning in the word of mouth of the traffickers of Brazil wood and in the that of everyone became well-known, due to the existence of the red wood, as «terra do brasil» (in English: «the Land of Brazil»).

Diverging as regards the original meaning of the word, but agreeing with Nascentes (1952) concerning the motivation, according to Corominas (1954, p. 512, v. I), “Probably an old derivative of *BRASA*, due to the color contained in the Brazil wood. *Ist doc.*: 13th century [...] For the relationship with the name of Brazil, which appears to derive from a common name referent to the large quantity of Brazil wood that was imported from there [...]”. Corominas (1954) points to the 13th century as that of the first documentation, but he also mentions the references from the Italian “*brasile*” (1198), the French “*brésil*” (12th century), and “*brasill*” (a. 1221). For Cunha (1996, p. 122), “*brasil*” came from “*pau-brasil*”, 14th century. From the It. *brasile*, of controversial origin; ‘*ant.* designation with which the Portuguese name the Indians from Brazil (and their language) used frequently in the plural’ [...]. Machado (2003, p. 280) presents a long definition for the entry “Brazil”, which had already been documented in at least 1377 (despite its appearance in Italian that would point to the 12th century), in which, in summary, he states that:

[...] It is customary to derive this top. from *brasa*, which seems to be a bit strange due to the supposed intervention and presence of a suf. -il, tonic, without its own life in Port., even in its archaic stage

[...] the wood would have reached us by means of Italian traders, the intermediaries, during the final centuries of the Middle Ages, between Western Europe and Asia. I believe that this is why the root word of our s.m. *brasil* is in It. *brasile* [...].

Machado (2003, p. 280) further defends:

It does not seem admissible that the top. *Brazil* is due to the intervention of the Fr., as João Ribeiro intended [...] The use of the s.m. *brasil* in Portugal (as seen, well before 1500) and the fact that, when many, fifteen years after the discovery of the South American region, the same voc. Had already names (certainly in an undefined manner as regards the territorial expansion) that vast zone, makes me agree with the interesting hypothesis put forth by João Ribeiro, for whom the name of his homeland would be «the first Gallicism» received by the Brazilians.

Otero (2006) explains that there are two overriding currents as regards the origin of this toponym. The first refers to the large quantity of the tree known as Brazil wood which, due to its red tint, reminded one of embers, hence the name. By contrast, the second current believes that this explanation is insufficient, given that the name “Brazil” could already be found on maps since 1339. Thus: “The planispheres of the Middle Ages from the cartographers Portulano de Médicis (1351), as well as those from Sollerli and Pinelli, and the maps of Picignno, 1367, showed an island called *Brasil*, *Bracia*, or *Berzil* [...]” (OTERO, 2006, p. 25).

Finally, we also bring the interpretation of Noll (2008), which joins the different versions presented by some of the most consulted dictionaries. Thus, as we have already pointed out, he explains the senses of Cunha, Machado, Nascentes, and *Houaiss*, but he disagrees with these when he claims that:

[...]the Germ. **brasa*, ‘brasa’ must be considered as the base root for *brasil*, due to the association with the red color. One etymological link with the It. *verzino* (ár. *wars*), as defend Machado (DELP, *brasil*) and Battisti/Alessio (DEI, *brasile*) is not sustainable, because neither the phonetic evolution nor the late dating of the first witnesses in the 13th century agree. The hybrid Germanism of *brasile* most likely spread through the Italian and the Medieval Latin (NOLL, 2008, p. 118).

We also registered that the polysemy of the term, which may be associated with the name of the country, to the name of the tree – Brazil wood – and, when in the plural, in reference to the Brazilian Indians, as can be noted in the *Carta de Pedro de Campos Tourinho escrita de Porto Seguro a D. João III (In English: Letter from de Pedro de Campos Tourinho written in Porto Seguro to D. João III)* (1546).

3.4 Chile

A number of versions concerning the origin of this toponym have been found, primarily pointing to a term coming from the native Indian lexicon. According to Nascentes (1952, p. 72), in his long definition:

The name, was primitively applied to the valley of the Aconcágua river [...] If the name was used by the Indians of the country of Aconcágua (which does not appear clearly), it would be possible that it is a reference to the name of the bird tile, *tili* [...] or *thile* [...] which, as a proper name in Mapuche be changed to *chile*. Vicente Carvallo Goyeneche and others presume that this is the root word, which does not seem probable to Lenz because this Bird is uncommon. [...] Anrique & Silva propose the name of the bird *chille* (from mapuche), onomatopoeic of the screech of this species of seagull. If the name was given by the Peruvians, which is not likely, then we have in our hands many words from the languages of Peru. Thus, they propose *chili*, cold, from the ancient Quechua (Valenzuela), *chilli*, confines of the world, from the Aymar  (Bertonio). Lenz believes these etymologies to be mere plays on words. Lokotsch, *Amer. W rt.*, 32, also thinks that the Chile etymology is unreliable, it seeming to him that the Quechua is more likely because, in relation to Peru, Chile is the coldest and, what’s more, the name, initially, was only applied to the frozen valley of Aconcágua. It is also the name of a Chilean river. It is not possible to determine if the name passed from the region to the river or from the river to the region, observes Lenz quite rightly.

Corominas (1954) points out the correspondence of the word “chile” with the pepper, as does Cunha (1996, p. 178), when he claims that *chile* would be a “‘variety of pepper’, 19th century. From the Cast. *chile*, deriv. from the náuatle * illi*”. For Machado (2003, p. 406), “From the Span. *Chile*, of obscure origin”. Much like Nascentes (1952), Otero (2006, p. 26-27) also lists a wide range of possibilities:

Some guarantee that it derives from ‘Chili’, term with which the Aymarás Indians designated the Aconcágua valley, meaning ‘place where the land ends’; nevertheless, a translation of the Quechua origin attributes to the term the meaning of ‘cold’ or ‘cold region’. The abbot, Molina, and some philosophers affirm that the name was given to the valley by the first tribes that settled in the region, because in these regions there was an abundance of a bird with yellow spots, called by the Mapuches as Trih, Chi, Aili, Tril, Trile, or Trile, which corresponded to the term ‘Chili’. [...] According to other authors, the name derives from the Aymará term ‘Tili’, which means ‘limit of the world’, with which the Incas designated this country. The word ‘Chile’ would be a corruption of this term, due to the Spanish.

He also mentions that the toponym in question may well come from the name of an Indian Chief that governed the Aconcágua valley region before colonization and before a group of Mitimaes Indians from the region of Peru, where there was a river with this name (OTERO, 2006). In this sense, one cannot give an absolute affirmation of what the real origin of this toponym was.

3.5 Colombia

This toponym does not appear in Corominas (1954); however, in Cunha (1996), and as Machado (2003, p. 435) tells us, it appears to be clear that Colombia received this name as a means through which to pay homage to the renowned navigator, Christopher Columbus, who, in 1492, landed on the American continent. Nascentes (1952, p. 77) confirms this motivation when he states: “Some want, Aires do Casal says *Cor.*, I, 4, the new world to take from Columbus the name of Colombia, and not what was derived from Amerigo; when many declare that it is a great injustice to give that navigator the honor of having discovered this hemisphere [...] [thus] from 1886 on, *Colombia*”. Otero (2006) endorses this fact when he states that the choice for this toponym was given by Bolívar himself, in an attempt to make amends for the “historic injustice” suffered by Christopher Columbus when, because of Amerigo Vespucci, the name “America” as chosen to represent the continent.

Therefore, a linguistic explanation of the toponyms “Bolivia” and “Colombia” are plausible.

3.6 Costa Rica

For Nascentes (1952, p. 81), this toponym comes “From the *coast* (on the ocean) and from the adjective *rich*, name given by Alvarado, its discoverer, because of the multiple treasures in its soil, but especially because they believed that they could find the much sought-after gold.” In Machado (2003, p. 460-461) we find the justification that “[...] since the Spanish, shortly after its discovery in 1502 by Columbus, verified the value of the territory, even on the coast.” However, we were unable to find further information due to its absence of entry in Corominas (1954) and in Cunha (1996, p. 222), who only mentions the existence “Costarican” as “‘relative to, or native from Costa Rica’ 20th century”.

According to Otero (2006, p. 54):

It appears that the Spanish gave the country the name Costa Rica due to the existence of some gold mines called El Tisingal, located on the Atlantic coast [...]. He also does not discard the possibility that the name derives from the admiration of Christopher Columbus upon observing the exuberant nature and the adornments that the natives used. Other authors attribute the choice of the name to the Spanish conquistador Francisco Fernández de Córdoba, though they disagree with the prior sources as regards the motivations for the choice.

In this sense, according to the consulted authors, this toponym was motivated by geographic questions.

3.7 Cuba

The origin of the name “Cuba” is practically unknown. Nascentes (1952, p. 84) states: “Country of America and island that constitutes the main part of this country. Egli says that it is the name of an Indian city. Lokotsch, *Amer. Wört.*, 43, claims that the meaning of this name is unknown.” Machado (2003, p. 477) mentions that it refers to an indigenous name, but does not reveal greater details. Corominas (1954) and Cunha (1996) do not present this entry from a toponymic perspective.

For Otero (2006, p. 77), “[...] derived from the world ‘ciba’, which in the Siboney language means ‘mountain’, ‘stone’, or ‘grotto’. This is not the only version for the origin of the name Cuba. According to other sources, it may also derive from the Taina word ‘cubanacan’, which means ‘a center’ or ‘central place’; de ‘côa’, which means ‘place’,

from ‘bana’, which can be translated as ‘large’; or even from ‘cubagua’, whose translation is ‘place where there is gold’”. Therefore, the only logical guess that we can reach is that it is a name that comes from the Amerindian lexicon.

3.8 El Salvador

Not found in any consulted dictionary. In Otero (2006, p. 55), one can read that it is a toponym stemming from “San Salvador”, applied to the territory until 1841, “[...] year in which, with its Independence, the representatives of the freed people decided to change the name to El Salvador, given that the predominant religion in the country was Christianity”; therefore, the attribution of the term had a religious reasoning.

3.9 Ecuador

For this toponym, Nascentes (1952, p. 99) claims that it comes “From equator, s. com. Its territory consisted of three departments of Gran Colombia, which separated in May 1830 to constitute the Republic of Ecuador, called as such because the entire extension of its territory is crossed by the equator.” The definition found in the consulted works refer to Machado (2003, p. 570), when he affirms that it is the “*top.* Republic of South America, called as such as it is crossed, in its entire territorial extension, by that maximum circle.” This toponym was not found in Corominas (1954) nor in Cunha (1996). Otero (2006, p. 29) brings some interesting considerations regarding the history related to the origin of this toponym:

The equatorial line passes through some countries of America, Africa, and Oceania, but only one has its name related to it. The origin is the following: when the Paris Academy, in the 18th century, sought to study the shape of the Earth, they requested authorization from the king of Spain to send the scientists Godin Buoger and La Condamine to the only civilized region at that time located on the equator – the Presidency of Quito, colony of Spain at the time – to measure the Earth’s Meridian Arc. After that, this Presidency became known as the Lands of the Equator.

Therefore, there appears to be no controversy that the attribution of this toponym comes from geographic motivations.

3.10 Guatemala

For Nascentes (1952, p. 132), this toponym comes:

From the indigenous word *Quauhtematlan*, which means «place of piles of wood» (Egli, Lokotsch, *Amer. Wört.*, 35). The same Lokotsch also brings the root word from the Tzendal language *U-hate-z-mal-ha*, hill that mines water, explained with the reference to numerous volcanoes and their numerous fissures [...] Villacorta, *Prehistoria e historia antigua de Guatemala* (1938) takes from the *quarchtli*, eagle, and *mallan*, captive.

For Machado (2003, p. 752), the sense found refers to a “Controversial etymology [...]. In any case, the current form must have come to use through Span.” Cunha (1996, p. 399) merely informs us with the entry “guatemalteco”, which would refer to “*adj. sm.* ‘relative to Guatemala, natural or inhabitant of this country’ 20th century. From Cast. *guatemalteco*”, which clarifies very little to us. This toponym was also not found in Corominas (1954).

Otero (2006, p. 56) also presents some controversial opinions regarding the origin of this toponym, as follows:

Some guarantee that it derives from the Mayan word a ‘Quauhtemali’, which means ‘rotten tree’, because of a disintegrating tree that the companions of Alvarado found near the capital. Others affirm that it means ‘place of many trees’ [...]. Still others presume that the term derives from the expression. ‘Tzendales U-Hate-Z-Mal-Ha’, which means ‘mountain that vomits water’, given the large quantity of vulcanos that exist in the area [...] Finally, some sources affirm that Iximché, capital of the Cakchiqueles (people of Mayan origin), were called by the Aztecs Tecpán Quauhtlemallan, which means ‘land of abundant forests’, from which the name ‘Guatemala’ is derived.

Hence, despite the discrepancies regarding its meaning, all of the proposals seem to come from a geographic or even territorial perspective.

3.11 Haiti

Nascentes (1952) and Machado (2003, p. 765) use the same definition for this toponym, “[...] which means <<rugged land>>; Lokotsch [...] prefers <<hill>>, <<mountainous>>, 16th century: <<... where the Indians will take them to another (island) that they call *Ahyti...*>>”. Cunha (1996, p. 403) also brings us a definition connected to the entry “haitiano”, when he reveals that it refers to an “*adj. sm.* ‘related to Haiti, native or inhabitant of this country’ 1899. From the *top. Haiti*, voc. which in the indigenous language means ‘mountainous’. Thus, this toponym also finds its motivation in geographic aspects. For Otero (2006, p. 81), “[...] it is a consensus that the natives called it Hayti or Ayiti, a term which means ‘mountainous terrain’, from which the name Haiti is derived.”

3.12 Honduras

The choice of this toponym also seems to be geared toward geographic aspects. Nascentes (1952, p. 142) mentions: “From Span. *hondura*, deep waters. <<The gulf has this name because the first Spaniards, wishing to reach land and not anchor so far off the coast, thanked God for having left such deep waters>>”. Machado (2003, p. 784) also presents the same origin for this toponym, as follows: “*top.* Republic of Central America. From the Span. *Honduras*, to the word <<deep waters>>, related to those found close to the coast of that region by Columbus on his 4th voyage [...] 16th century: <<...& to the port of *Fonduras...*>>, *Galvão*, p. 153”. Cunha (1996, p. 415) only presents the definition for the entry “hondureño”, where he points out that it refers to an “*adj. sm.* ‘related to Honduras, native or inhabitant of this Central American country’ 20th century. From the Cast. *hondureño*”. According to Otero (2006, p. 56):

The most loyal version is that in which the name of this country was born from Columbus’s exclamation ‘thank God we left those deep waters (honduras, in Spanish)’, referring to the depths of the sea near the coast, when he reached a protrusion of land that offered a safe haven for his fragile ships, which were escaping a terrible storm.

3.13 Mexico

Nascentes (1952) and Machado (2003) point to the same etymological origin for this toponym, with quite similar writings. Nascentes (1952, p. 200) claims: “From the Nautle *Mexitli*, alias of Uitzilopotxtli, the God of war, and *co*, in, together. Name which the Aztecan city of Tenochtitlan was also called, because of the sanctity of the temple of that God.” In the work of Machado (2003, p. 988) we find that “México” refers to a:

top. City and country of Central America. [...] Initially, it was only the name of the city, previously called *Tenochtillan*. Here Uitziolopotxili, the God of War, was worshiped, alias, in Nautle, *Metzxihco*, that is, *Metz(tli)xith(tli)co*, which, it appears, would mean «in the center of the moon». The considered sanctity of the location ended up making that nickname the name of the site, often used by the Indians. 16th century.

As in other previous cases, in Cunha (1996, p. 519) we only found the definition for the demonym “Mexican”, which states: “*adj. sm.* ‘relative to Mexico’ ‘said to be of, or native or inhabitant of this country’ 17th century. From the *top. Méxic(o) + -YEAR*”. Therefore, this does not refer to a great contribution to our objective.

Otero (2006, p. 111) mentions one of the big problems found when we proposed to study the Etymology when he states: “About the origin of the word ‘Mexico’, Arturo Tena Colunga, after an exhaustive study, lists 45 possible origins from the term and reached the conclusion that too many etymologies have been proposed, each more senseless than the other.” Nonetheless, these proposals can be grouped into two main lines of thinking: one referent to Maguey and another to the Moon. Thus, the defenders from the first theory believe that the first syllable from “Mexico” comes from Náuatle “Metl”, which means “Maguey”, a typical plant. The second syllable came from the representation of the mythical founder of Mexico, carrying a maguey on his shoulders, corresponding to the term “Tzin” or “Tli”, resulting in “Metzin” or “Mextzin”. By contrast, those who are adept to the second theory defend that, in the native language, the natural satellite of Earth was called “Metztli”, which would explain the first syllable. The second syllable, therefore, would come from the term “ixtli” (“face”) or “xictli” (“bellybutton” or “center”), while the third, “co”, would mean “place” or “lake”. And he continues:

According to Alfonso Caso, who bases his work on the reports concerning the founding of Tenochtitlán, when the Aztecs arrived at the lake of the Moon, in the center of this (Anepantla) there was an island whose name was Mexico. For this reason, it can be affirmed that the origin of the word ‘Mexico’ is, according to what has already be said, ‘the center of the lake of the Moon’ (OTERO, 2006, p. 111).

3.14 Nicaragua

This toponym was only found in the works from Nascentes (1952) and Machado (2003), both indicating the same etymological proposal. For this, we present what was found in Machado (2003, p. 1070), when he affirms that “[...] it results from the agglutination of *Nicarao* and the Span. *agua*: «water from Nicarau», Indian chief who lived by a large lake and who surrendered to the conquistador Gil Gonçalves in 1522”. For Otero (2006, p. 58), “The name of the country derives from the name of the Indian chief of the Indian tribe named *Niquiras* ou *Niquiranos*, called *Nicarao*, according to some, and *Nicaragua*, according to others – and some historians affirm that the root of the name means ‘here, near the water’”. Thus, the proposal found here is that this toponym was also attributed as a way to pay homage to an important figure for the region.

3.15 Panama

This toponym is one of the most controversial found in this study. Its origin contains various interpretations, and it was not possible to properly identify which would be the most likely. Nascentes (1952, p. 231) presents some explanations when he states:

The city was founded together with an Indian fisherman’s village in which the assignment sent of Tobago by Pedro Arias de Ávila found strength for his expedition by land, commanded by Dr. Gaspar de Espinosa. It took the name of village, which means in the vernacular «many fish» [...] There are also other root words pointed out: the Tupi *pana’ma*, butterfly [...], the verb cuna *panamaquet*, swing the hammock.

For Corominas (1954, p. 635, v. III): “[...] from the name of the country Panama, from which these hats are exported from South

America, manufactured mainly in the Republic of Ecuador. *Ist doc.*: Acad. 1914 or 1899”. Cunha (1996, p. 575), however, believes that the entry “panamá”, taken as a word from the common lexicon (for this, the first letter is capitalized), refers to “*sm.* ‘male straw hat, with flexible brim and rims’ 1888. From the Fr. *panamá*, derivative of top. *Panamá*”. Machado (2003, p. 1124), finally, claims that it refers to a “*top.* Country, city, isthmus, and channel in Central America. From the Span. *Panamá*, this from the indigenous language, name of the village, of controversial origin and meaning.”

According to Otero (2006, p. 60-61), about the origin of this toponym:

Some say that it is due to a tree called panama, which is very common in this region. Others say that the name is due to the fact that the local population was founded in August, when there are many moths and that ‘Panamá’ means, in the native language, “‘abundance of moths’. The most well-known version is that according to which the name is due to a population of Indian fishermen, who lived near the beach, where the city was first founded, and that the Indians were called Panamá, which meant ‘abundance of fish’. The great chiefs of the Kuna tribe, among them, Nele Kantule, guarantee that the word ‘Panamá’ derives from ‘pannaba’, from the Kuna language, which means ‘very far’, a term that the Indians used when the conquistadors used to ask them where the gold mines were located.

3.16 Paraguay

Nascentes (1952, p. 233) is not completely sure about the origin of this toponym when he affirms that:

«Paraguay, in the end, is a name that no one knows for sure where it comes from. Some think that the designation derives from Indians that used to inhabit the Eastern banks of the river; the Paiaguá nation: Paraguai – river of the Paiaguás. The truth, however, may be with others, those who accept the name for the meaning of: river of palm trees: Paraguá- crown of palms; I, U or Y - water or river. Large palm tree groves clearly cover its margins». B. Caetano, 361, from *para’gwa*, crown, wreath, and *ü*, river, according to Montoya, river of crowns but can also mean «river of parrots».

Machado (2003, p. 1130) confirms that it refers to a word which has its “Origin in indigenous language, but obscure”, while Cunha (1996, p. 580) once again brings information only for the demonym “paraguaio”, which would be: “*adj. sm.* ‘from, or pertaining to, or the inhabitant of Paraguay’ 20th century. From the top. *Paraguai*. The form of *paraguayano* occurs in 1899”. Otero (2006, p. 44) also mentions the difficulty in finding reliable information about this toponym, but presents some alternatives, such as:

According to the Guarani dictionary, ‘Paraguai’ means ‘river of sailors’, since ‘Paraguá’ means ‘sailor’, and ‘I’ or ‘Y’ (depending on the spelling) mean ‘water’ or ‘river’. Other authors affirm that it refers to a corruption of the name of the Indians that inhabited the region, called the payaguás. Many authors affirm that the term ‘Paraguay’ in Guarani means ‘a place with a large river’ or ‘the place with a large river’. To these theories is added another, according to which the word means ‘river of the spring of the sea’ and comes from a pre-Colombian Indian population called Tavaparaguai, which inhabited the land that is today the city of Assunción. [...] Some researchers also suggest other possible origins, such as ‘Para-cua-I’, Indian words that mean ‘water from the Cuacamayo’, or else the joining of ‘paragua’, ‘crown of palms’ and ‘I’, ‘river’, that is, literally, ‘river crowned with palms’. Other translations that can be found are: ‘river that begins in the sea’, ‘arm of the sea’, and ‘place of big waters’.

3.17 Peru

This toponym has no a clearly defined origin. In Nascentes (1952, p. 241), one finds many possible origins for this term:

s. m. country of South America. Of quite dubious origin. The first source to the most reliable alias that refers to this country, Garcilaso de la Veja el Inca, tells us in this *Comentarios Reales*, 1st Part, chap. I, that Balboa, after discovering the Southern Ocean (The Pacific Ocean), sent his ships to explore the South American coast. One of these passed the equator and the ship’s crew, at a certain point, saw an Indian fishing on the banks of a river. Four of them jumped onto land and were able to capture the Indian and take him back to the ship. Upon arriving, they began to ask him questions, that he, of course, did not understand <<tell me

your name, said Garcilaso, saying *Berú*, and added another and said *Pelú*. I mean: «if you ask me what my name is, I call myself *Berú*; and, if you ask me where I was, I say I was in the river. «Because it is well-known that the name *Pelú* in the language of that province is a nickname and means river in common [...] The *Enciclopédia Britânica* informs: apparently from *Biru*, small river on the western coast of Colombia, near where Pizarro landed. From the name of an Indian chief called *Biru* (*Century*) From the *Moho* or *Moxo* (Aruaque family) and meaning «toad» ou «youth» (Valenzuela). Paz Solsán informs: from the Aymarà and Quechua *pillu*, crown of gold and flowers [...] name of the Indian or of its chief, *Pirú*, *Pelú*; name of a river between Panama and Guayaquil [...].

Nascentes (1952, p. 241) points to a documental data, when he states “*WörterI*, informs that Pascoal de Andagoya in 1522 found out that the region to the South of the gulf of S. Miguel was called *Biru* by the natives”. For Cunha (1996, p. 600), there is only reference to the word “peru”, from the common lexicon, which states “*sm.* ‘big domestic poultry bird’ 17th century. Most likely from the top. *Peru* [...]”. Machado (2003, p. 1167) reproduces one of the versions of Nascentes, bringing the most probable hypothesis, which is that of the Indian that was fishing on the river bank when he was captured, but he also confirms that it refers to a toponym of “controversial origin”. Otero (2006) confirms the difficulty in knowing what would be the true origin of this toponym, but mentions that the great majority point to the derivation of the name from the Indian chief, from a river, and from a district, respectively, as follows: “*Berú*”, “*Pelú*”, and “*Birú*”.

3.18 Dominican Republic

Nascentes (1952, p. 91) states, for the entry “*Dominicana*”, “Name taken from that of the capital, the city of *Santo Domingo*” which, in itself, received its name in homage of the Spanish saint Saint Dominique of Guzman, the founder of the Dominican Order. For the entry “*Dominica*”, Nascentes (1952, p. 91) says that it comes “From the Lat. *Dominica*, of the Lord”. For “*dominicano*”, Cunha (1996, p. 276) brings two meanings. The first: “*adj. sm.* ‘it is said to be from either friar or nun, from the order founded in 1216 by St. Dominique and that follows the rules of St. Augustine’ 1844. From the. Lat. Anthro. (*Sanctus*)

Dõmĩñicus ‘St. Dominique, from *domĩnus*’. The second meaning refers to the demonym, which says: “*adj. sm.* ‘relative to, or native of the Republic of St. Dominique, in the Antilles’ 1899. From the Cast. *dominicano*. Cp. DOMINAR”. Machado (2003, p. 514) claims that it refers to a “*top.* Country of Central America, on the island of Haiti. This is called *St. Dominique*, much like the city that became the capital of the new state from which it took its name (republic) *Dominican*”.

Otero (2006) reverts to historical aspects to clarify the origin of this anthroponym. He explains that the entire island (which today corresponds to the territories of Haiti and the Dominican Republic) was given the name “The Spaniard”, due to the funding promoted by Spain, with the capital named “Santo Domingo” (“St. Dominique”). This name, which later began to be used to designate the entire island, was chosen as a way to pay homage to the patron of the Dominican order, who were responsible for the evangelization of the natives. After all of the conflicts that had involved these lands, from the arrival of Columbus in 1492 to its second Proclamation of Independence, the name “Dominican Republic” was consecrated. Therefore, this refers to a toponym motivated by religious questions.

3.19 Uruguay

In Nascentes (1952, p. 308), one reads:

s. m. River and country of South America. From the Guarani. [...] *Uruguay*, in the letter from Diogo Garcia, from 1526, interpreted by TS, 338, as: *uru'a ü*, 1526, interpreted as the river of whelks and snails [...] Martius, 532, viu *u'ru*, corruption of *guira*, *gwa*, and *ü*, water from the bird of many colors [...] Everything is uncertain, The historical element lacks, in absolute terms, to support any of the interpretations.

And he raises another question:

There is a certain correlation between *Paraguay* and *Uruguay* [...] In the end, what frankly exists is the element *ü*, water, river. Did *Uruguay* [in reference to the poem from Basílio da Gama] undergo an analogy to *Paraguay* or was there an assimilation in *Uruguay*? The questions should be resolved together.

In Machado (2003, p. 1448), one reads that it refers to a “*top.* South American country. Obscure Origin: «Everything is uncertain. The historical element lacks in absolute terms, to support any of the interpretations»”, with the form “Uruay” appearing in 1526 (in a letter from Diogo Garcia), as observed by Nascentes (1952), as well as “Uraguai”, from Basílio da Gama, in 1769. For Otero (2006, p. 50), this toponym also comes from the Guarani and would mean “[...] ‘river of snails, since ‘Uraguá’ means ‘sea snail’ or ‘water snail’, since both ‘Y’ and ‘I’, according to the spellings, would mean ‘water’ or ‘river’. Other authors affirm that ‘Uruguai’ means ‘river of the birds or ‘river of beautiful multicolored birds’”. Given the possibilities presented, it seems to have been a toponym that was also motivated by geographic questions, but there is a lack of information to confirm any one of these.

3.20 Venezuela

For this toponym, we bring considerations that are quite similar to those found in Nascentes (1952) and in Machado (2003). First, for Nascentes (1952, p. 312), it refers to a:

s. f. South American country. Discovered by Columbus in 1498, in the following year, it was explored by Hojeda, who gave the name gulf of *Veneza* to the present day Maracaibo, upon seeing on the eastern shore of Lake Maracaibo an Onote Indian tribe, with houses constructed upon stilts [...] The diminutive form is used by Welser and collaborators [...].

For Machado (2003, p. 1466), this toponym would also refer to a:

top. Country of South America. From the Span. *Venezuela*, dimin. of *Veneza*. In 1499, Hojeda gave the name of the gulf of *Veneza* to the present day Maracaibo because of the houses on stilts that he saw on its river banks, a fact also pointed out in the same time period, by por La Cosa e Vespúcio. After, it became more widely known by the diminutive form of *Veneza*.

Otero (2006) also agrees with the origin of the toponym presented above. Thus, it seems that the choice is due to the Spanish navigator, Hojeda, or Alonso de Ojeda, who, upon seeing the place built on stilts, remembered the landscape of *Veneza*, “Venezuela” being its nickname. In this light, it refers once again to a geographic motivation.

4 Final Considerations

Given that Onomastics is a field of study that is strongly linked to social-historical aspects, the objective of the compiled information presented in this article was an attempt to understand a little about the idiosyncrasies of each place, with different languages and cultures, but joined under the same title: Latin Americans. Understanding, whenever possible, the historical events of each region is one of the ways of bringing ourselves closer as a single people, with so many memories and such importance in the world scenario.

We could note that the reasons for the choice of toponyms was due to geographic aspects, the intention of paying homage to an important figure from the region, or for religious reasons. As is well-known, many lexico-onomastic items – venturing to claim that they mainly refer to Toponymy – stem from common lexical items when, many times, after having been consecrated as proper names, begin to “cover” the true motivation behind them, leading to other meanings and disagreements regarding their etymological origin. In this sense, in some cases, we could verify the strong impact of the lexicon from native language upon other languages; however, what was quite clear was the influence of the aspects of colonization that acted directly not only in that concerning the name of each country, but also in the reflections that are still seen today, especially as regards the way the inhabitants of the region live.

It is clear, as illustrated above, that it is not always possible to be absolutely certain about the origin of each toponym, but we would like to point out that, despite the difficulties, there is a broad fascination in conducting studies involving Onomastics and Etymology, thus encouraging other researchers to continue to venture down these paths. In this light, we close with the words from Viaro (2004, p. 14), when he says:

[...] the interest in etymology is a fact, and any etymological explanation clarifies irregularities and complications in such a way that it becomes possible to affirm that etymology possesses a curious capacity, once explained, of being hard to forget, since something that was once unclear now begins to make sense.

References

BIDERMAN, M. T. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CHESNOKOVA, O. Toponímia latinoamericana: un enfoque semiótico. *Forma y Función*, Bogotá, v. 24, n. 2, p. 11-24, 2011. Available from: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21925446001>>. Retrieved on: 15 fev. 2017.

COROMINAS, J. *Diccionario Critico Etimologico Castellano e Hispanico*. Madrid: Gredos, 1954.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa: v. II*. Lisboa: Horizonte: Confluência, 2003.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Trad. Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

OTERO, E. *A origem dos nomes dos países*. São Paulo: Panda Books, 2006.

VIARO, M. E. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

**APPENDIX A – Consultation of Latin American toponyms
in these etymological dictionaries**

	Nascentes (1952)	Corominas (1954)	Cunha (1996)	Machado (2003)
Argentina	X	X	X	X
Bolivia	X	-	X	X
Brazil	X	X	X	X
Chile	X	X	X	X
Colombia	X	-	-	X
Costa Rica	X	-	X	X
Cuba	X	-	-	X
El Salvador	-	-	-	-
Ecuador	X	-	-	X
Guatemala	X	-	-	X
Haiti	X	-	X	X
Honduras	X	-	-	X
Mexico	X	-	-	X
Nicaragua	X	-	-	X
Panama	X	X	X	X
Paraguay	X	-	X	X
Peru	X	-	-	X
Dominican Republic	X	-	X	X
Uruguay	X	-	-	X
Venezuela	X	-	-	X

Source: Author's creation.



Estratigrafia linguística da hidrotponímia de Portugal continental

Linguistic stratigraphy of mainland Portugal's hydroponymy

Carlos Rocha

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa / Portugal
crocha46@gmail.com

Resumo: O tema do presente artigo insere-se na história da onomástica portuguesa, mais precisamente, na etimologia dos hidrotponímios de Portugal continental. Com a finalidade de contribuir criticamente para a recuperação da etimologia como disciplina mais atuante no contexto dos domínios da História da Língua e da Linguística Histórica, retoma-se uma linha de investigação que remonta aos trabalhos desenvolvidos em Portugal por José Leite de Vasconcelos, Joaquim da Silveira, Pedro Cunha Serra, Domingos Moreira, Joseph-Maria Piel, José Pedro Machado, Armando de Almeida Fernandes, entre outros. Igualmente consideradas são as propostas de Hans Krahe, Edelmiro Bascuas, Federico Corriente e Eduardo Viaro. São objectivos do artigo definir os limites do inquérito linguístico na análise etimológica dos hidrotponímios de Portugal continental; e enquadrar na discussão da estratigrafia linguística a caracterização nacional e regional do hidrotponímios. Conclui-se que a hidrotponímia de Portugal continental tem origem maioritária em itens do léxico comum latino-romance, embora guarde globalmente um importante património pré-latino. A sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, torna-se significativa a interferência lexical, morfológica e fonológica do árabe, tal como acontece em grande parte da toponímia das regiões meridionais portuguesas.

Palavras-chave: toponímia; etimologia; hidrotponímio; estrato; história do português.

Abstract: The topic of this thesis concerns the diachronic aspects of Portuguese onomastics, namely those regarding the etymology of a subset of Portuguese hydroponyms. Arguing that Etymology is still relevant as a field of research to Historical Linguistics and the History of the Portuguese Language, the discussion draws on studies carried out in Portugal by scholars such as Leite de Vasconcelos,

Joaquim da Silveira, Pedro Cunha Serra, Domingos Moreira, Joseph-Maria Piel, José Pedro Machado, Armando de Almeida Fernandes, among others. The work of Hans Krahe, Edelmiro Bascuas, Federico Corriente ou Eduardo Viaro is also considered. The article pursues two goals: to draw the linguistic boundaries of the etymological inquiry on a selection of mainland Portugal's hydrotoponyms; and to describe and discuss the national and regional distribution of each linguistic stratum in the Portuguese hydrotoponymic context. Its conclusions point out that most itens have Latin-Romance origins, although a significant number of pre-Latin names is also preserved. South of Montejunto-Estrela mountain system, the contact with Arabic has left many lexical, morphological and phonological traces, as is typical of the Portuguese southern regions.

Keywords: toponymy; etimology; hydrotoponym; stratum; history of Portuguese.

Recebido em 20 de dezembro de 2017.

Aceito em 19 de fevereiro de 2018.

Introdução

Este artigo constitui a síntese de um trabalho mais extenso,¹ que propõe comentar etimologicamente um conjunto de hidrotopónimos de Portugal continental, dando conta da sua distribuição geográfica e histórico-linguística. Trata-se de 481 hidrotopónimos extraídos do Relatório Toponímico de Portugal (RTP), entre os que constituem duas das três categorias hidrotopónicas definidas pela referida fonte: “Rio importante (mais de 100 km de extensão)” e “Rio (de 20 a 100 km de extensão)”.² A

¹ Trata-se da tese de doutoramento escrita pelo autor do presente artigo e intitulada *Etimologia dos Hidrotopónimos de Portugal Continental: História Linguística de um Território*, defendida e aprovada em 2017, sob orientação da Professora Esperança Cardeira e coorientação da Professora Ana Maria Martins, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

² No estudo, não foi, portanto, considerada a terceira categoria, “Ribeira/Ribeiro/Curso de água (até 5 km)”. Sobre o visualizador de informação geográfica CIGeoE-SIG, que abrange uma versão eletrónica do RTP, importa considerar que cada hidrotopónimo, encarado como lema (*type*), pode corresponder a mais de um registo (*token*). Compreende-se assim que o número de registos seja muito superior ao dos nomes recolhidos; com efeito, a categoria “Rio Importante (mais de 100km)”, conta com 306 registos; a de “Rio (de 20 a 100 km de extensão)”, com 1302 registos; e a de “Ribeira/

respetiva localização é feita de acordo com a Carta Militar de Portugal 1:25 000 (CMP), a qual pode ser consultada a par do RTP através do visualizador do Centro de Informação Geospacial do Exército (CIGeoE-SIG).³ O uso desta ferramenta permite elaborar uma lista de itens onomásticos cuja configuração é geralmente a conferida pela atual língua administrativa, ainda que em alguns casos se detetem traços dialetais nem sempre convergentes com esse *standard*. Os hidrotopónimos estudados correspondem, portanto, a formas contemporâneas, o que significa que, por exemplo, um hidrotopónimo como *Celadus* ou *Celandus*, formas atestadas na Antiguidade, nas cópias da obra de Pompónio Mela, não foi objeto de atenção especial, apesar de ser a antiga denominação do rio hoje conhecido como *Cávado* (no norte de Portugal, no distrito de Braga). Contudo, não se deixa de assinalar a forma que se encontra abonada na Antiguidade ou na documentação medieval e foi posteriormente substituída pelos hidrotopónimos hoje prevalentes.⁴

Ribeiro/Curso de Água”, com 11183 registos. Os registos das duas primeiras categorias reduzem-se a uma lista de 481 de formas de citação, das quais 18 correspondem à primeira categoria e as restantes à segunda.

³ Para este trabalho, o CIGeoE-SIG (disponível em <<http://www.igeoe.pt/>>) começou a ser consultado ainda como IGeoE-SIG. Refira-se que o CIGeoE “sucedeu, a partir de 1 de agosto de 2015, ao Instituto Geográfico do Exército (IGeoE) – com base no Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho – tornando-se, assim, o herdeiro natural do espólio e das tradições cartográficas militares portuguesas” (Disponível em: <<https://www.igeoe.pt/index.php?id=5>>. Acesso em: 7 mar. 2017).

⁴ São eventualmente discutidos outros nomes atestados mas em desuso ou no esquecimento, da época pré-romana ou eventualmente atribuídos à romanização e aos períodos históricos seguintes, sem se aprofundar a sua análise. Também não se entra na discussão de certas formas pseudocorretas ou pseudoetimologizantes, frequentes na Antiguidade e recorrentes na Idade Média e em épocas subsequentes, a não ser quando estas são continuadas pelos hidrotopónimos contemporâneos. A propósito deste tipo de distorções na toponímia galega, que faculta dados importantes para o caso português, observa Moralejo (2009, p. 38-39): “[...] la documentación medieval abunda en latinizaciones superficiales y en trapacerías macarrónicas con o sin intención etimologizante, pero métodos hay y prudencia para no entrar a ellas, que también están en lo antiguo, por ejemplo en los *Ἀμφίλοχοι* de Estrabón, los *Helleni* de Plinio, el mineral *minium* y el río *Minius* de Justino e Isidoro..., ya sin entrar en las actitudes negativas y de despego ante los nombres indígenas *bárbaros, impronunciabiles...* (cf. Estrabón, Mela, Plinio...) y en cómo esas actitudes condicionan negativamente la cantidad y la calidad de nuestra documentación.” Sobre este aspeto, ler também Guerra (1998, p. 40-42).

Várias são as perspectivas de análise dos hidrotopónimos em geral. O presente artigo visa salientar a diferenciação interna deste conjunto, a saber:

- os estratos linguísticos históricos por que se distribuem os hidrotopónimos;
- a história da transmissão destes nomes, configurando percursos de continuidade ou ruturas, as quais podem abranger tanto a transferência de nomes que já faziam parte do contexto toponímico de cada hidrotopónimo, como a eventualidade de a forma comentada ter substituído outra mais antiga, que pode ter ficado perdida ou ter sido transposta (deslocada) para outra entidade geográfica (caso do *Cáster*, que terá sido o *Ovar*, antes de este nome passar a topónimo);
- a génese direta ou indireta da denominação dos rios, a qual define o contraste entre da toponímia delexical, com as respetivas subcategorias ontológicas, e a toponímia deonomástica – por um lado, os fitónimos, os orónimos, os zootopónimos, etc. e, por outro, abrangendo já classes onomásticas, os topónimos em sentido restrito, os antropónimos, os gentilícios, etc. (cf. MARTÍNEZ LEMA, 2010, p. 39-41).

O desenvolvimento deste artigo compreende seis secções. Na primeira, expõem-se os critérios metodológicos adotados; na segunda, discute-se a definição dos estratos histórico-linguísticos por que se distribuem os hidrotopónimos estudados; na terceira, apresenta-se a distribuição estratigráfica dos hidrotopónimos em apreço; na quarta, comenta-se o contraste entre macro- e micro-hidrotoponímia, e na quinta secção identificam-se tipos de génese e formas de transmissão dos hidrotopónimos em discussão no quadro da história linguística de Portugal continental.

1 O estudo dos hidrotopónimos portugueses: critérios para o seu inventário e comentário etimológico

Com vista à datação/atribuição estratigráfica aproximada dos hidrotopónimos, impôs-se recolher atestações dos nomes comentados, sobretudo na documentação medieval. Assim, foram consultadas fontes de carácter secundário, isto é, fontes constituídas sobretudo por dicionários onomásticos e reportórios toponímicos. Grande parte dos hidrotopónimos aqui comentados não encontra abonações; mas vários

foram os casos em que se tornou possível confrontar as atuais formas registadas, tal como se encontram no RTP e noutros recursos (dicionários toponímicos, corográficos, etc.), com as formas que assumiram em fontes da Antiguidade e da Idade Média.⁵

Para acesso eventual às fontes primárias da Antiguidade e da Idade Média, recorreu-se a edições fiáveis que contivessem índices onomásticos ou que estivessem disponíveis em versão eletrónica de modo a facilitar pesquisas. No tocante a edições impressas de textos medievais, em especial, as de textos não-literários, mais suscetíveis de encerrarem as ocorrências dos nomes em apreço, as referências apresentadas mais abaixo são meramente exemplificativas, uma vez que se trata de uma lista muito extensa, ainda por determinar. Sublinhe-se, no entanto, que, para a atestação das formas recolhidas no RTP, se optou principalmente por apresentar as abonações utilizadas por Machado (2003), por vezes corrigidas ou completadas pelas entradas de Cortesão (1912) e Fernandes (1999) ou por ocorrências extraídas dos PMH, que têm índices toponímicos que muito facilitam a recolha;⁶ pontualmente, foram incluídas ainda atestações registadas noutros dicionários e estudos dedicados à toponomástica.

Identificadas as fontes de atestação, procedeu-se ao comentário etimológico de cada um dos 481 hidrotopónimos recolhidos, com o auxílio dos dicionários etimológicos e onomásticos disponíveis quer para o espaço português quer para outras unidades geográfico-linguísticas (galega, castelhana, catalã, occitana, francesa, italiana, romena, inglesa, etc.). As propostas etimológicas apresentadas procuram sempre incluir a atribuição dos hidrotopónimos a um dos estratos histórico-linguísticos que é possível distinguir no conjunto da toponímia portuguesa, conforme a discussão desenvolvida na secção 3 deste artigo. O resultado constitui um dicionário

⁵ Parece estar por fazer um balanço atualizado dos estudos de antroponímia e toponímia, porque o que se realizou – o de Boléo (1953) – já tem mais de cinquenta anos. No entanto, na publicação “Fontes toponímicas”, do blogue *Toponímia: Gente & Lugares*, de Manuel Carvalho, disponibiliza-se informação bibliográfica mais atualizada (Disponível em: <<http://deaveiroportugal.blogspot.pt/2007/02/fontes-toponímicas.html>>. Acesso em: 16 fev. 2008) e encontra-se uma lista de fontes toponímicas que é bastante útil. Ver também Serra (1968).

⁶ As atestações incluídas em Machado (2003) indicam sempre a edição documental onde ocorrem (por exemplo, PMH ou DMP).

onomástico etimológico constituído por 481 comentários ou verbetes, cuja estrutura é definida pelo esquema apresentado pelo quadro 1.

QUADRO 1 – Estrutura de um comentário

hidrónimo	grafia atual
breve atribuição estratigráfica	identificação do étimo e do respetivo estrato
atestações	formas e grafias disponíveis em edições de fontes medievais (acrescidas eventualmente de atestações da Antiguidade)
localização	região percorrida pelo curso de água conforme a CMP a 1:25 000
proposta de etimologia	comentário crítico da etimologia estabelecida pela literatura para cada nome ou elaboração de proposta etimológica no caso de o nome não ter ainda sido objeto de estudo

Finalmente, no sentido de facilitar listagens e visões de conjunto dos dados com dimensão nacional e regional, foi criada com recurso ao programa Excel (Microsoft) uma tabela eletrónica para onde se transferiu a classificação dos hidrotopónimos de acordo com diferentes dimensões (localização geográfica, etimologia, história de transmissão) e tipologias.

2 Sobre categorização dos hidrotopónimos: estratos histórico-linguísticos

Nos estudos de história da língua e nos de toponímia, fala-se de estratos linguísticos numa conceptualização metafórica baseada nos cortes de terreno e nos seus níveis geológicos, imagem projetada sobre a diacronia de uma língua, sobretudo no sentido de definir uma cronologia das formas linguísticas (cf. AEBISCHER, 1978 e ANDERSEN, 2003). No plano da história da língua e da linguística histórica, falar de estratigrafia no contexto da toponímia convoca a problemática do contributo de línguas que, coexistindo ou sucedendo-se num território, deixaram marcas – frequentemente de nível lexical, mas também abrangendo o nível gramatical – nas sincronias de uma língua predominante ou extensivamente falada nesse território. É na perspetiva da língua ou do sistema linguístico focado pela descrição como realidade histórico-linguística – o *estrato*, por excelência – que são classificados os outros estratos – *substratos*, *superstratos* e

adstratos –, como marcas deixadas por situações de contacto mais ou menos prolongado.⁷ A noção de estratigrafia assume particular relevância nos estudos lexicais e onomásticos, porque o léxico em geral constitui um nível especialmente exposto às condições sócio-históricas que modulam a diacronia da língua.⁸

Sendo assim, aceita-se no presente estudo que a estratigrafia linguística se identifica com a história dos empréstimos de uma língua, porque, tal como esta, assinala fases da história da língua na perspectiva do trânsito de unidades originárias de outras línguas que condicionaram a nativização dessa língua, como ocorre com os substratos, ou a sua ulterior elaboração, como se verifica com os superstratos.⁹ No caso do português, sob o ângulo do estrato que simultaneamente o individualiza e o relaciona com uma família (indo-europeu) e subfamília (românica) linguísticas, Silva (2008, p. 84) salienta

o “fundo latino” (PIEL, 1989, p. 11) que dará a forma ao léxico da língua portuguesa, reformatando, ou seja, dando a sua morfologia, aos empréstimos pré-latinos e aqueles posteriores à “queda” do domínio de Roma, no século V d. C., pelo menos na chamada România Ocidental.¹⁰

⁷ Ver Campbell e Mixco (2007).

⁸ Dworkin (2012, p. 5) sublinha tal característica: “The lexicon of a language is open-ended and is the least stable, the least systematic segment of the language’s structure, and thus more open to novelties introduced from the outside. For this reason, lexical borrowing as a process does not lend itself to neat or rigid classification.” Sobre o vocabulário (comum), Viaro (2011, p. 267) observa, aliás, que este “[...] não pode ser avaliado da mesma forma que os elementos gramaticais, pois somente os últimos podem, de facto, caracterizar a afiliação a um determinado grupo linguístico”; é o caso do romeno, cujo léxico de origem latina vulgar é exíguo quando comparado com as outras línguas românicas (Viaro, 2011, p. 267).

⁹ A questão dos empréstimos pode, no entanto, introduzir uma distinção adicional ao contraste entre substratos e superstratos. Noonan (2010, p. 57) distingue os empréstimos das influências de substrato: “The reason for separating substratic influence from other instances of borrowing is that with substratic influence we have situations in which generational transmission of linguistic traditions is disrupted; we may also have speciation [i. e., the creation of new languages], though this is not necessarily the norm.”

¹⁰ Sobre mudança no léxico patrimonial latino no contexto da história do português, ver Brocardo (2014, p. 83-89).

Convém sublinhar que os estratos históricos da toponímia de Portugal continental não se distribuem uniformemente no território. Enquanto a norte se pode falar de continuidade histórico-linguística sem ruturas desde a romanização, existem regiões a sul em que os dialetos do sistema galego-português se sobrepuseram ou a dialetos românicos ou a dialetos árabes, ou, ainda, a uma situação de bilinguismo árabo-romance. A consideração do galego-português como estrato, sobretudo a sul do Tejo, pode, portanto, conceber-se como reinserção no estrato latino-romance de uma população profundamente arabizada, que transmitiu um património toponímico já de fácies árabe, quer pelas fontes lexicais da denominação quer pelas interferências na configuração dos nomes herdados de fases latino-romances.

É de notar que se aceitam frequentemente, como elementos identificadores de certos estratos, unidades morfológicas correspondentes a línguas que nunca foram efetivamente faladas no território português – caso muito provável dos dialetos da população sueva, ou do gótico tão presente na antroponímia e toponímia derivada. Acresce que um estrato pode muitas vezes corresponder a um conjunto mal conhecido de camadas linguísticas, como são os casos dos vestígios deixados pelos falantes de línguas pré-indo-europeias, indo-europeias ou especificamente célticas e lusitanas em grande parte do território em estudo. Além disso, no âmbito de cada estrato linguístico, avulta o problema da sua própria temporalidade, ou seja, da sua diferenciação em períodos e fases históricas. É este o caso do estrato latino-romance, caracterizado pela sua longa duração relativa, a ponto de no português contemporâneo haver topónimos ainda transparentes que correspondem, não obstante, a formas linguísticas de longa duração, já atestadas na Alta Idade Média. Por outras palavras, tais formas podem ser datadas de qualquer época a partir da romanização, visto que a sua história e a sua metamorfose é também a da língua portuguesa, pelo menos, nas regiões setentrionais portuguesas, onde é improvável ter-se verificado alguma rutura com o passado linguístico latino.

Há várias condicionantes da localização e classificação estratigráfica de um hidrotópónimo; são elas:

- Os nomes de rios que atravessam diferentes distritos são atribuídos aos distritos onde se encontram as respetivas nascentes. Este critério é certamente discutível, porque podem verificar-se casos de polionímia ao longo do curso de um rio, além de que o nome associado ao rio pode

resultar da conversão de um topónimo preexistente que se encontre nos cursos superior, médio ou inferior. Não obstante, este problema não se põe na prática, porque os rios aqui mencionados, na maior parte, atravessam regiões que têm uma história linguística comum, pelo menos, desde a época romana. A análise de casos de hidrotopónimos como *Minho*, *Douro*, *Tejo* ou *Guadiana*, associados a grandes rios, podem até beneficiar com este critério, porque, em relação às regiões portuguesas continentais, não há certezas sobre o seu efetivo uso local anterior ou posterior ao período romano. Não parecendo ter-se originado nas regiões do litoral, é até possível que tais nomes tenham surgido em regiões do interior hispânico, donde poderão sido generalizados pela administração romana até ao curso inferior desses grandes rios.

– A atribuição de um hidrotopónimo a um estrato pode não ser indiscutível, porque depende da documentação disponível e resulta de um juízo que se sujeita a uma escala de graus de certeza e até a valores de prototipicidade não isentos de subjetividade. Por esta razão se optou por considerar de origem obscura muitos nomes que costumam ser relacionados com estratos mais arcaicos sem que para tanto se encontre base documental ou fundamento linguístico-comparativo relevantes. As etimologias comentadas ou propostas estarão, pois, sempre sujeitas a revisões e correções em função do aparecimento de documentação que ou se encontra ainda inédita ou não foi possível reunir para esta investigação. Mesmo assim, é razoável aceitar que as fontes consultadas para este trabalho são representativas da informação disponível sobre os hidrotopónimos aqui discutidos.

– É preciso tornar a sublinhar que falar de estratos linguísticos a propósito de hidrotoponímia ou da toponímia em geral não é o mesmo que distinguir a estratigrafia do léxico comum. Por outras palavras, a atribuição dos hidrotopónimos a um estrato não coincide com a que se faz com os itens lexicais que estão na génese de muitos dos nomes analisados. Concretizando, o radical de *vidoeiro* é enquadrável num estrato pré-latino, mas nem por isso o *rio Vidoeiro* (Viseu) parece inscrever-se nesse estrato, antes encontrando o seu lugar no estrato latino-romance. Os nomes *azenha* e *açude* são arabismos, mas nem o *rio das Azenhas* (Leiria) nem o *rio do Açude* (Lisboa) parecem dever-se a atos de nomeação verificados no período linguístico árabe no centro-sul e sul do território continental português. Tais casos inscrevem-se no estrato latino-romance – ou já nas modalidades mais tardias dos períodos galego-português ou português, eventualmente com contributos moçárabes –, porque testemunham a produtividade de itens lexicais comuns de um certo estrato na atividade denominativa.

– Um contraste geográfico que se impõe à observação é o existente entre a densidade da rede fluvial do território a norte do Tejo e a do território a sul deste rio – ou, se se preferir, logo a sul do sistema Montejunto-Estrela.¹¹ As condições de clima (estiagens mais prolongadas) e solo contrastam claramente com as que se encontram a norte desse(s) limite(s) geográfico(s). A hidrografia meridional apresenta-se, portanto, menos densa e os rios menos extensos, com a consequência de serem baixas ou mesmo muito baixas as frequências absolutas dos hidrotopónimos correspondentes a cada distrito a sul do Tejo, situação suscetível de provocar distorções no momento de comparar as distribuições regionais.

Não obstante estas condicionantes, é possível extrair dados relevantes com vista à definição de perfis hidrotopónimicos quer de alcance nacional quer de âmbito regional. Sendo assim, são definidos critérios respeitantes à identificação dos estratos pré-latino, latino-romance (abrangendo quer o galego-português, quer o romance andalusi), germânico e árabe. Tais critérios são formulados em termos genéricos e flexíveis que os compatibilizem com o enquadramento histórico-geográfico, sem lhes retirar poder crítico face às propostas etimológicas facultadas pela literatura.

2.1 Substratos pré-latinos (não indo-europeus e indo-europeus)

São considerados pré-latinos os hidrotopónimos opacos¹² documentados pelas fontes da Antiguidade ou cuja configuração, ainda

¹¹ Também se poderá identificar o limite geomorfológico entre o Norte e o Sul com o chamado sistema Montejunto-Estrela, que margina a norte o vale do Tejo mas que pode chegar a incluir a serra da Arrábida, mais a sul. Era esta a perspetiva de Hermann Lautensach (RIBEIRO; LAUTENSACH; DAVEAU, 1987, p. 135): “A linha divisória entre estas duas partes do País [norte e sul de Portugal], não a colocamos no Tejo, como faz Ferraz de Carvalho [CARVALHO, 1930], porque as margens direita e esquerda do rio pertencem sempre à mesma unidade morfo-estrutural. Situamos antes esta linha no sopé sul da Cordilheira Central, isto é, desde as Serras das Mesas e da Gardunha, até às serras calcárias do triângulo mesozoico. Como a Serra da Arrábida, cuja altitude atinge ainda cerca de 500 m, volta a apresentar características geomorfológicas semelhantes às destas serras calcárias, parece aconselhável fazer atravessar o Tejo pela linha divisória e incluir ainda a península de Setúbal na unidade geomorfológica do Norte de Portugal.”

¹² As metáforas da transparência e opacidade são a base da definição de duas categorias semânticas por parte de PIEL (1979, p. 181-182; manteve-se a ortografia do original, corrigindo-se pequenas gralhas): “[...] 2. convém lembrar que qualquer nome próprio, seja ele pessoal ou de lugar, se entronca, em perspetiva histórica variável, num nome

que na aparência relacionável fonomorfológica e semanticamente com itens do léxico comum atestados desde a Idade Média, não tem uso toponímico recorrente no passado ou no presente. Por exemplo, o hidrotopónimo *Sul* (nome de um afluente do Vouga, no distrito de Viseu) é incluído no estrato pré-latino, porque não encontra usos toponímicos semelhantes, explicáveis pelo léxico comum latino-romance ou já português; ou seja, não se trata da denominação do ponto cardeal *sul*, nem se relaciona com o galego *sur*, ‘humidade da terra’ (cf. DEE), itens que, aliás, parecem não participar na génese de topónimos. Esta avaliação socorre-se das propostas etimológicas feitas no âmbito dos estudos filológicos e linguísticos, o que não significa que sejam aceites acriticamente e se eximam a revisão e correção.

A respeito do estrato pré-latino, é também opção deste trabalho agregar os estratos pré-indo-europeus ou não indo-europeus aos que são indo-europeus. Esta opção é certamente discutível, mas, dada a falta de documentação, raramente se exclui nos nomes mais antigos a possibilidade de empréstimos ou transferências de elementos não indo-europeus terem sido assimilados no processo de indo-europeização do território hoje português em época anterior à conquista romana (a situação inversa também não se descarta). De qualquer modo, as formas integradas no elenco de nomes pré-latinos são analisadas na perspectiva

comum, donde resulta ser o estudo dos elementos toponímicos inseparável do estudo do léxico geral, antigo ou ainda contemporâneo. Trata-se de uma verdade que se manifesta ainda hoje em inúmeras incidências, em que um determinado topónimo se distingue dum nome comum homófono apenas pela maiúscula ortográfica, além, evidentemente, de uma alienação do sentido primitivo em favor do local. Quem se desloca a *Pontevedra* tem concretamente presente a capital da província respectiva, e não a antiga ponte que lhe proporcionou o nome, conceito totalmente obliterado, ou, quando muito, relegado no subconsciente. 3. Dito isto, cabe ainda frisar que, claro está, nem sempre um nome de lugar se patenteia através de uma simples associação deste com um termo comum consignado em dicionários gerais ou regionais [...] 4. Uma primeira classificação provisória, das várias dezenas de milhar de nomes de lugar galegos pode firmar-se nos dois aspectos, a que acabamos de aludir, distinguindo “grosso modo” duas categorias: 1.º nomes de significação “transparente”, como *Bouza* ou *Chá(n)*, por um lado, e, 2.º nomes de significação “opaca”, como *Graña* ou *Nendos*, pelo outro. Poderíamos dizer também nomes “falantes”, em oposição a nomes “mudos”. Considerem-se, pois, opacos ou mudos os topónimos, que não logramos relacionar no imediato com qualquer elemento do léxico geral-comum galego, seja qual for a sua origem. [...]”

de as relacionar com raízes indo-europeias estabelecidas pela literatura, principalmente por Pokorny (1959-1969), Delamarre (1984) e Buck (1988[1949]); também não são ignorados os reportórios de Krahe (1964), nem os estudos e inventários de Bascuas (2002, 2006, 2014). São ainda consideradas as listas de sufixos de Guerra (1998), que tem a vantagem de ser um trabalho fundado nas fontes da Antiguidade e na crítica destas no âmbito da filologia clássica e da indo-europeística.

2.2 Estrato latino-romance

É um estrato de longa duração, que define o léxico comum português (cf. PIEL 1989, p. 9-16). Constituído fundamentalmente pela tradição latino-romance de procedência galaica (em sentido lato, galego-português), integra também elementos de um ramo meridional, identificado com o chamado romance moçárabe ou romance andalusi do ângulo sudoeste peninsular. No estrato galaico, a que grande parte do léxico comum português dá continuidade, incluem-se nomes relacionáveis, por conversão ou derivação afixal, com itens do léxico comum patrimonial latino, bem como nomes resultantes, por conversão ou derivação afixal, de itens do léxico comum pré-latino ou não-latino que se integrou no léxico latino-romance do noroeste hispânico.¹³ Quanto ao romance meridional (o chamado romance moçárabe ou romance andalusi), tem descritores semelhantes ao estrato de origem galaica, mas distingue-se deste por não partilhar certas inovações e por evidenciar interferências dos dialetos árabes (e eventualmente berberes). Entre os traços que a literatura mais destaca como típicos dos dialetos romances meridionais conta-se a conservação do *-n-* e do *-l-* intervocálicos latinos.¹⁴ Assinale-se, porém, que não se define aqui um estrato latino-moçarábico separável do galego-português,

¹³ Neste estrato, poderiam também integrar-se os itens comuns e a toponímia deantroponímica de etimologia germânica, porque, no noroeste peninsular, o peso das comunidades linguísticas germânicas terá sido escasso ou praticamente nulo, supondo-se que eram já capazes de comunicar em latim (em sentido lato, mas, pelo menos, na modalidade vulgar). Mesmo assim, opta-se por destacar a toponímia germânica num estrato próprio.

¹⁴ Propõem-se traços caracterizadores, entre eles, a conservação de *-n-* e *-l-* latinos intervocálicos (cf. CARVALHO, 1959; TEYSSIER, 1982, p. 15-16; CARDEIRA, 2006, p. 34-35; CASTRO, 2006, p. 62-64; BROCARD, 2014, p. 100-101). Para uma proposta de inventário dos traços fonomorfológicos dos dialetos romances do antigo condado de Coimbra, ver Azevedo (2005).

por nem sempre poder identificar-se com segurança os traços específicos dos dialetos românicos do Gharb Al-Andalus. Parece preferível incluir os vestígios de tais dialetos no *continuum* dialetal da latinidade hispânica tardia, que interagiu constantemente quer com as formas romances do sistema galego-português quer com o árabe em toda a sua variação.

A estratigrafia aqui proposta tampouco considera um estrato português – «os nomes portugueses propriamente ditos» de Vasconcelos (1931, p. 139-148) – em contraste com os demais. Como acontece com os hidrónimos franceses (cf. LEBEL, 1956, p. 8), poderia considerar-se um estrato português também subdivisível em etapas medieval e moderna. Contudo, a tarefa de distinguir tais estratos secundários é uma operação que terá em conta a repartição dialetal do português desde os seus primórdios galaicos até à consolidação territorial do reino de Portugal, a que se soma a questão da periodização histórica do português. Mas a razão de assim se proceder reside sobretudo na falta de clara diferenciação entre o léxico comum latino-romance e o léxico comum de um eventual estrato exclusivamente português. Na verdade, do ponto de vista da variação diatópica, os arcaísmos do português médio, clássico ou contemporâneo, tomados individualmente ou em subconjuntos, continuam a inscrever-se no fundo latino-romance galaico ou hispânico, como vários estudos de Piel evidenciaram (por exemplo, PIEL, 1989, p. 11-12). Se ressalta alguma distinção entre a camada latino-romance e a “camada” portuguesa, ela parece ser mais operativa na perspectiva de uma periodização do português do que na atribuição estratigráfica de certos itens lexicais, que, embora se tenham fixado na toponímia parecendo opacos a muitos falantes contemporâneos, ainda subsistem dialetalmente e neste âmbito ainda são transparentes.

2.3 Superstrato germânico

Trata-se de um estrato de características difusas, pela dispersão temporal dos itens correspondentes: configura uma primeira fase, suevo-visigótica, documentada por itens mais especificamente galegos como *lobio* e *laberca*, ou mais generalizados à Península, caso de *espeto* ou *roupa* (FERREIRO, 2001); uma segunda fase, da Reconquista (séculos VIII-XI), marcada pela expansão da toponímia deantroponímica visigótica no noroeste peninsular; e uma terceira, muito indireta, coincidente com o incremento da influência linguística do galo-romance (cf. PIEL; KREMER, 1977; PIEL, 1989; BOULLÓN AGRELO, 1999).

Observe-se que o impacto germânico na antroponímia e, depois, na toponímia não indicia uma verdadeira situação de contacto linguístico, na sequência de uma eventual implantação de dialetos germânicos no território português. As fontes consultadas são omissas quanto à possibilidade de se terem verificado usos continuados desses dialetos. Não terá havido, pois, sequer condições para uma germanização ou para uma interferência germânica com a mesma profundidade com que se repercutiu a arabização. No exame dos hidrotopónimos selecionados apenas se tem em consideração a segunda fase, a da toponímia de origem visigótica.¹⁵

2.4 Superstrato árabe

Documentado tanto na onomástica (antroponímia e toponímia) como no léxico comum, este superstrato abrange, no entanto, formas híbridas que dificultam a identificação dos formantes do árabe, o qual, na Península Ibérica, evidencia uma importante variação diatópica (cf. CORRIENTE, 2003). No intuito de identificar hidrónimos árabes ou arabizados e a sua distribuição geográfica, impõe-se definir critérios para a sua recolha. Advirta-se que a identificação de um nome árabe ou arabizado é igualmente mais segura se se apoiar nas atestações disponíveis nas fontes medievais existentes, árabes ou românicas, requisito que nem sempre é possível satisfazer. Mesmo assim, cumpre atender a alguns aspetos linguísticos, que a seguir se enumeram (cf. AZEVEDO, 2005):

– Os nomes começados por *al-* são geralmente de origem árabe, embora se registem itens sem tal etimologia, como apontou Asin Palacios (1940, p. 24).¹⁶ Assinale-se que a forma *al-*, representativa do artigo definido árabe, pode estar reduzida a *a-* devido a alomorfia decorrente da assimilação da consoante lateral [l] do artigo a certas consoantes no início da palavra seguinte (as chamadas consoantes solares na terminologia gramatical

¹⁵ Sobre a provável origem gótica da antroponímia e topoantroponímia alto-medievais do noroeste peninsular, declarava PIEL (1989, p. 151): “[...] nada há na forma dos topónimos respectivos [do NO da Península] que faça supor uma origem que não seja a goda, e que a sua grande maioria ascende, não ao período do assentamento dos germanos no solo da Hispânia, mas à época asturo-leonesa das presúrias [...]”

¹⁶ Por exemplo, *albergue* é palavra de origem germânica passada ao português pela via do provençal antigo (MACHADO, 1987); *Alvão* (Vila Real) remonta ao antroponímico *Albanus* (MACHADO, 2003).

árabe).¹⁷ No vocabulário comum e nos nomes próprios encontram-se casos ilustrativos desta assimilação (ver MACHADO, 1987, 1991, 2003; HOUAISS; VILLAR, 2001): *adarve* (árabe hispânico *ad-dar* ‘caminho, desfiladeiro, ruela’), *Açacaias* (Santarém; *as-saqāiā* ‘regueiro, arroio, fio de água no fundo de ravina’), *anadel* (arcaísmo ‘chefe, comandante de uma companhia de besteiros ou de espingardeiros’; de *an-naZir* ‘que olha, que contempla; inspector, intendente, vigilante, guarda das vinhas; administrador’); *Arrábida* (Setúbal, Porto; *ar-rabiTā* ‘convento fortificado para guardar a fronteira’); *atalaia/Atalaia* (*aT-Talā’a* ‘sentinela’), *Azóia* (*az-zaiiā* ‘canto, ermida, capela onde está enterrado um santo ou um morábito’).¹⁸

– O elemento *ode-* é a forma portuguesa de *wadi-* ‘rio’, ‘vale’ (FERNANDES et al. 2006, p. 69). Na atualidade, os topónimos *Odesseixe* e *Odemira* testemunham a autonomia morfológica de *ode-*, quando contrastados com os hidrónimos *Seixe* e *Mira*.¹⁹ Note-se, contudo, que a forma *Guadiana*, que substituiu a mais antiga, *Odiana*, apresenta a variante *guadi-*, de transmissão castelhana.²⁰

– A antroponímia árabe também se fixou na toponímia portuguesa, sendo reconhecível em nomes especialmente frequentes no Sul, começados em *bem-/ben-* ou *bu-* (respetivamente, de *ibn*, ‘filho’ e *ab-*, ‘pai’) e seguidos ou não de elemento etimologicamente árabe: *Beniça* (Sines), *Benafátema* (Silves), *Benamola* (Loulé), *Bensafrim* (Lagos), *Buçalfão* (Évora). Estes elementos podem sofrer distorções como sucede no caso de *Bela Mandil*, em Olhão (MACHADO, 1991). Outros nomes há de configuração não tão fácil de reconhecer; p. ex.: *Ceide* (Vila Nova de Famalicão), provavelmente de *sāid*, ‘chefe, senhor, príncipe’ (MACHADO, 2003). Estes nomes revelam variação decorrente da sua adaptação morfológica e fonológica aos dialetos do território de Portugal continental.

– Contam-se também nomes de rios que não tendo, em última análise, etimologia árabe, revelam a interferência fonológica árabe, como é o caso de *Tejo* e talvez *Erges* (Beira Baixa): a frequente substituição de *g* latino pela africada pré-palatal /ǧ/ do árabe (cf. CORRIENTE,

¹⁷ CORRIENTE (2002, p. 60) explica que assimilação se dá diante das consoantes dentais /t/, /d/, /t̪/, /d̪/, /n/, /l/, /r/, das alveolares /t̪/, /d̪/ e /z/, das alvéolo-pré-dorsais /s/, /z/, /ʃ/ e da pré-palatal surda /ʃ/ (classificação e notação do autor em referência).

¹⁸ Os étimos árabes seguem aqui o “método de transcrição” proposto por Machado (1987).

¹⁹ Sobre *wadi-*, ver TERÉS (1986, p. 31).

²⁰ *Guad-* é forma predominante em regiões dialetalmente castelhanas, mas também nas mais ocidentais pode ocorrer *od-* (*Odiel*, na província de Huelva).

2002, p. 23) ocorreu no primeiro hidrotópónimo (MACHADO, 2003) e provavelmente no segundo (MACHADO, 2003). Em *Tejo* é também de referir o fenómeno do imala, que consiste na elevação de /a/ a /e/ ou /i/ (MACHADO, 2003; cf. *Tajo*, em castelhano, sem imala). Deve-se ainda mencionar *Cacela*, de *Castellum*, com substituição de *-um* por *-a* e simplificação de *-st-* latino como [s] (LOPES, 1968, p. 23).

– Impõe-se não confundir a toponímia portuguesa formada no período da permanência árabe com a toponímia que resulta do uso do vocabulário comum de origem árabe na nomeação do espaço e de acidentes geográficos.²¹

– Pode ainda pôr-se a possibilidade de se encontrarem nomes que são tradução de um nome anterior em árabe (terão os vários rios *Mel* que tem que ver com *wadi al-‘asal*, que descreve a água como doce, por oposição a rio Salado? Cf. ASÍN PALACIOS, 1940, p. 24).

– Convém também assinalar que alguns hidrotópónimos podem retirar o seu nome de adjetivações, suscetíveis ou não de se terem convertido em antropónimos. O caso de *Almançor* mostra como um participio não agentivo, neste caso usado com artigo, pode ocorrer como nome próprio (TERÉS, 1992, p. 29).

3 Distribuição estratigráfica e regional dos hidrotópónimos por estratos e regiões

A interpretação e classificação dos hidrotópónimos permitem definir a distribuição regional e estratigráfica que se apresenta na tabela 1. Esta quantifica e cruza a categorização estratigráfica e a distribuição regional (por distritos) dos hidrotópónimos. Pode-se assim observar que a distribuição regional repete os contrastes que a literatura tem assinalado, designadamente em relação à crescente marca arábica ou arabizante de norte para sul, a qual pode, nos distritos mais meridionais, igualar a frequência de casos de origem latino-romance, como ocorre nos distritos de Beja e Faro.

²¹ Já em 1918 Leite de Vasconcelos fazia essa advertência (VASCONCELOS, 1918, p. 63): “[...] [N]ão devemos iludir-nos com palavras como *Alcaide*, *Aldeia*, *Atalaia*, *Azenha* que são ou foram do léxico quotidiano de todo o país, e que podem ter sido aplicadas como designações geográficas já depois de introduzidas nele [...]. Nas mesmas circunstâncias estão palavras como *Albufeira* e *Almargem*, que são da lingua meridional, ou, ao mesmo tempo, da do Sul e da da Beira.”

TABELA 1 – Distribuição dos hidrotopónimos por distrito e por estratos

		obscura		pré-latino		germânico		árabe		latino-romance/português		totais
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Viana do Castelo		10	16,13%	6	9,68%	2	3,23%	0	0,00%	44	70,97%	62
Braga		7	16,28%	6	13,95%	3	6,98%	0	0,00%	27	62,79%	43
Porto		3	10,00%	3	10,00%	1	3,33%	0	0,00%	23	76,67%	30
Vila Real		15	33,33%	1	2,22%	0	0,00%	0	0,00%	29	64,44%	45
Bragança		1	4,76%	5	23,81%	0	0,00%	0	0,00%	15	71,43%	21
	Norte	36	17,91%	21	10,45%	6	2,99%	0	0,00%	138	68,66%	201
Aveiro		3	6,25%	10	20,83%	2	4,17%	1	2,08%	32	66,67%	48
Viseu		9	16,98%	8	15,09%	1	1,89%	1	1,89%	34	64,15%	53
Guarda		4	21,05%	8	42,11%	0	0,00%	1	5,26%	6	31,58%	19
Coimbra		5	26,31%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	14	73,68%	19
	Centro-Norte	21	15,11%	26	18,71%	3	2,16%	3	2,16%	86	61,87%	139
Leiria		5	6,98%	3	11,63%	0	0,00%	4	9,30%	31	72,09%	43
Castelo Branco		4	44,44%	1	11,11%	0	0,00%	2	22,22%	2	22,22%	9
Lisboa		9	24,32%	0	0,00%	0	0,00%	4	10,81%	24	64,86%	37
Santarém		2	14,29%	1	7,14%	0	0,00%	3	21,43%	8	57,14%	14
	Centro	20	19,42%	5	4,85%	0	0,00%	13	12,62%	65	63,11%	103
Setúbal		0	0,00%	1	25,00%	0	0,00%	0	0,00%	3	75,00%	4
Portalegre		3	60,00%	2	40,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	5
Évora		4	44,44%	0	0,00%	0	0,00%	4	44,44%	1	11,11%	9
	Centro-Sul	7	38,89%	3	16,67%	0	0,00%	4	22,22%	4	22,22%	18
Beja		4	36,36%	1	9,09%	0	0,00%	2	18,18%	4	36,36%	11
Faro		4	44,44%	1	11,11%	0	0,00%	2	22,22%	2	22,22%	9
	Sul	8	40,00%	2	10,00%	0	0,00%	4	20,00%	6	30,00%	20
Perfil nacional		92	19,13	57	11,85	9	1,87	24	4,99	299	62,16	481

Fonte: Rocha (2017)

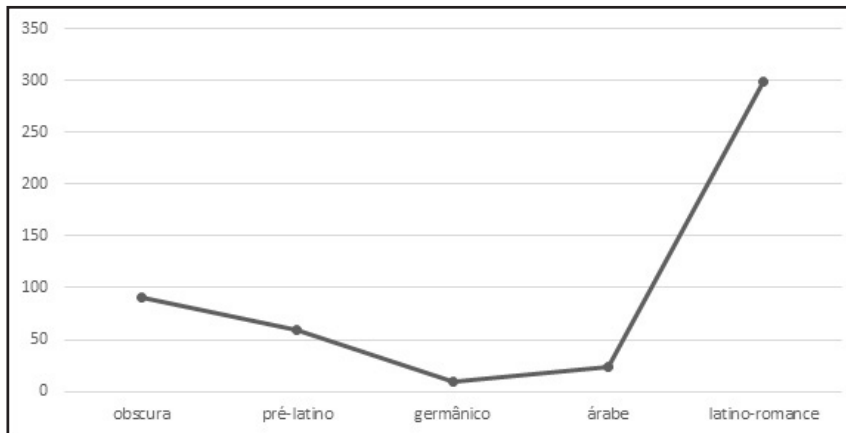
Quanto aos hidrotopónimos constituídos por elementos de origem germânica, tão abundantes na toponímia deantroponímica característica do terço norte português (cf. PIEL, 1933-1944; PIEL; KREMER, 1977; PIEL, 1989), revela-se tal contributo escasso para o conjunto de hidrotopónimos analisados. Com efeito, registam-se apenas 9 casos (1,82%), praticamente limitados aos distritos de Aveiro, Viseu, Porto, Braga e Viana do Castelo, ou seja, especialmente concentrados no ângulo noroeste do território continental português. Além disso, esse impacto parece traduzir-se somente em hidrotopónimos secundários, isto é, em nomes de rios provavelmente resultantes da determinação de topónimos deantroponímicos preexistentes. Exemplos como os de *Eiriz* (Porto), *Froufe* (Viana do Castelo) ou *Guisande* (Braga), que são também nomes de lugar, corresponderão historicamente a situações em que os povoados e os topónimos respetivos tiveram a função de localizar e referenciar os cursos de água hoje identificados por tais hidrotopónimos.

É igualmente de relevar que dos 481 hidrotopónimos aqui em estudo, só 38 (7,88%), se reportam a cursos de água a sul do Tejo; e mesmo que, neste cômputo, se incluam distritos a norte do Tejo que se encontrem imediatamente a sul do sistema Montejunto-Estrela – Lisboa, Santarém e Castelo Branco, contribuindo com mais 60 nomes –, o total de 98 hidrotopónimos (38+60) não chega a um quarto (20,33%) da nomenclatura selecionada.²² Esta discrepância tem, como foi dito, uma explicação climatológica clara, assente no facto de, quanto mais ao sul, em terreno relativamente pouco acidentado e com precipitação menos significativa e constante, serem menos frequentes os rios com caudal regular.

O gráfico 1 representa a distribuição dos hidrotopónimos aqui estudados por estratos linguísticos.

²² Note-se, contudo, que o distrito de Lisboa alinha com Leiria e distritos mais a norte, já que conta com 37 hidrotopónimos, assim refletindo condições geográficas de importante influência atlântica. Esta observação vai, portanto, ao encontro da perspectiva geomorfológica de H. Lautensach, que sugeria a inclusão da península de Lisboa e grande parte da de Setúbal na parte setentrional de Portugal (cf. RIBEIRO; LAUTENSACH; DAVEAU, 1987, p. 135).

GRÁFICO 1 – Distribuição dos hidrotopónimos de Portugal continental por estratos linguísticos (frequências absolutas)



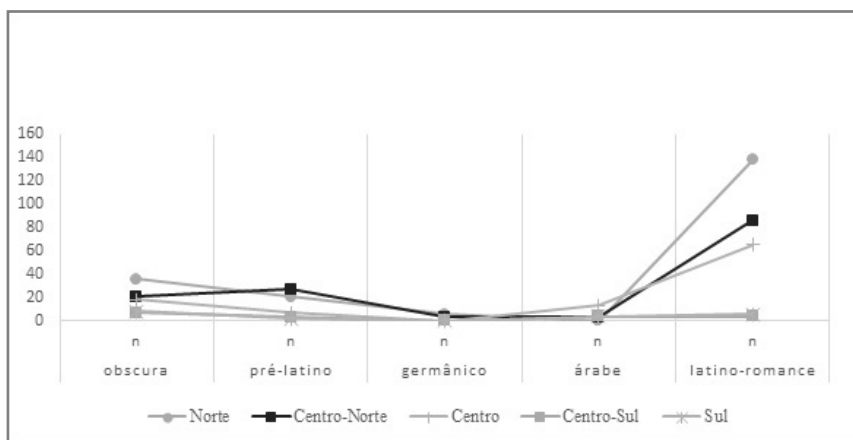
O gráfico 1²³ permite visualizar o facto de o estrato latino-romance (abrangendo os períodos mais recentes, já portugueses) ter grande expressão (299 hidrotopónimos, ou seja, 62,16%), seguido de longe pelos estratos pré-latino (59 hidrotopónimos que correspondem a 12,27%) e árabe (24, isto é 4,99%), enquanto o estrato germânico tem representação diminuta (9 nomes, formando 1,87%). Note-se que a tabela 1 e o gráfico 1 também se referem aos hidrotopónimos de origem obscura, isto é, a um conjunto de hidrotopónimos de estrato não identificável, completamente ausentes das fontes consultadas ou não contextualizáveis mesmo por comparação com topónimos de regiões extraportuguesas, os quais alcançam uma frequência importante (90 nomes, isto é, 18,71% do conjunto).

Regionalmente, a distribuição dos hidrotopónimos não se afasta grandemente da tendência nacional representada no gráfico 1, a não ser no que diz respeito ao estrato árabe, ausente a norte do Douro,

²³ Na tabela 1 e no gráfico 1, os valores do estrato latino-romance figuram depois dos valores correspondentes aos superstratos germânicos e árabes. Esta forma de apresentação é certamente discutível, uma vez que o estrato latino-romance é concebível e visualizável como uma camada intermédia de base, sobre a qual se depositam os elementos germânicos e árabes (superstratos). Contudo, a representação em causa não é desadequada, se se considerar que o estrato latino-romance, pela sua temporalidade, mais dilatada, sobrepõe-se a esses superstratos, prolongando-se por períodos mais tardios até ao português contemporâneo.

evidenciado por alguns casos até ao Mondego, mas claramente mais bem representado a sul deste último rio. O gráfico 2 permite visualizar tal diferença, distinguindo cinco regiões: Norte, Centro-Norte, Centro, Centro-Sul e Sul. Esta distinção tem a desvantagem de as regiões mais meridionais contarem poucas ocorrências e, portanto, ocasionarem distorções percentuais. De qualquer modo, a distribuição aponta claramente para uma maior frequência de nomes de origem árabe ou arabizados nas regiões do centro, do centro-sul e do sul de Portugal continental, embora nestas zonas seja também de salientar o grande número de hidrotopónimos cuja origem é obscura, não se relacionando com clareza com unidades ou traços linguísticos identificativos ou típicos dos estratos em discussão.

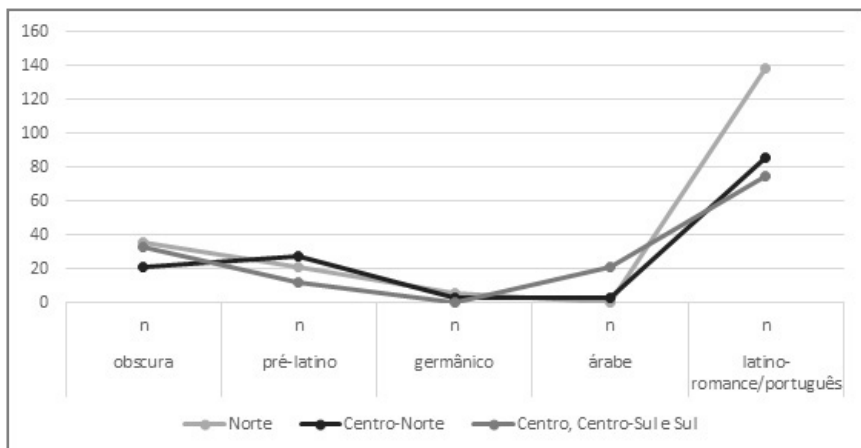
GRÁFICO 2 – Distribuição dos hidrotopónimos de Portugal continental por regiões e estratos (frequências absolutas)



De modo a equilibrar amostras, agregaram-se os hidrotopónimos das regiões do Centro, do Centro-Sul e do Sul, conforme se representa no gráfico 3. A junção dos grupos correspondentes às referidas regiões não altera substancialmente o que foi dito com base na observação do gráfico 2; por outras palavras, no conjunto formado pelos distritos de Leiria, Castelo Branco, Lisboa, Santarém, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro, o estrato árabe está representado por mais hidrotopónimos do que nos outros distritos (21 hidrotopónimos, ou 14,89%); mesmo assim, mantém-se elevado o número de hidrotopónimos sem filiação segura e, portanto, classificados como obscuros. Refira-se, no entanto, que a

junção dos hidrotopónimos dos distritos mais meridionais de Portugal continental numa única classe permite aproximar a frequência dos nomes do estrato latino-romance da dos distritos do Norte e do Centro-Norte. Esta observação explica-se pelo facto de a junção dos rios de Leiria e de Lisboa corresponder a um quantitativo apreciável, com a particularidade de ter associados hidrotopónimos criados no estrato latino-romance, muito provavelmente atribuídos no período galego-português ou mais tarde, já em períodos linguísticos plenamente portugueses.

GRÁFICO 3 – distribuição dos hidrotopónimos de Portugal continental por regiões e estratos linguísticos



A frequência significativa dos nomes de origem obscura nas regiões centro, centro-sul e sul, tal como é representada nos gráficos 2 e 3, pode enquadrar-se na dificuldade em inscrever os constituintes dos hidrotopónimos mais meridionais, por um lado, numa família ou subramo linguísticos e, por outro, na alteração que a variação do romance e do árabe andalusis terão determinado em morfemas eventualmente cognatos ou afins dos que participam na constituição dos nomes do Centro-Norte e do Norte.

Verifica-se, portanto, que, dos pontos de vista estratigráfico e quantitativo, os hidrotopónimos em discussão se dispõem hierarquicamente do seguinte modo:

1.º – Hidrotopónimos de origem latino-romance, frequentes em todo o território continental.

2.º – Hidrotopónimos pré-latinos menos frequentes, dispersos por todo o território.

3.º – Nomes árabes ou provavelmente arabizados com distribuição menos generalizada: a partir da margem esquerda do Douro, ocorrem esporadicamente na região Centro-Norte (são exemplos *Alfusqueiro*, em Aveiro, ou *Múceres*, em Viseu), tornando-se numerosos no Centro, no Centro-Sul e no Sul, onde é típica a hidrotoponímia prefixada por *ode-* ou *odi-* (*Odeleite*, *Odivelas*).

Desta classificação, excluem-se os hidrotopónimos relacionáveis com o estrato germânico, porque estes ocorrem apenas secundariamente, como nomes de antiga função determinativa, alusivos a topónimos preexistentes com origem na antroponímia germânica (visigótica).

Importa salientar o grupo sem atribuição estratigráfica segura, constituído por 92 hidrotopónimos (19,13%), número significativo e que, de alguma forma, reflete como os nomes próprios e, em especial, os topónimos estão sujeitos a alterações irregulares que os tornam opacos, sem que este resultado tenha de indiciar uma origem remota pré-latina. Esta categoria inclui nomes cuja etimologia não pôde ser determinada com a probabilidade necessária, porque os respetivos constituintes, intervindo neles processos fonológicos e analógicos suscetíveis de obscurecerem a sua filiação, não têm identificação clara e são, portanto, atribuíveis a qualquer época. A variação diatópica pode, aliás, evidenciar casos de substituição de segmentos que a norma-padrão não integrou: dê-se o exemplo da substituição de líquidas em *Filvida* (distrito de Aveiro) – muito provavelmente de *Fírveda*, nos concelhos de Amarante e Peso da Régua, ou *Fírvida*, no concelho de Marco de Canaveses (cf. MACHADO, 2003 s. v. *Fírveda*) –, caso que deverá relevar de uma tendência regional que não parece ter afetado outras modalidades linguísticas. Alguns hidrotopónimos podem ser total ou parcialmente identificados com elementos mórficos de origem indo-europeia (pré-latina ou não latina – p. ex. *Beça*, *Pele*, *Xarrama*, *Tera*); outros podem enquadrar-se em estratos mal conhecidos, pré-indo-europeus ou não indo-europeus (p.ex. *Sizandro*), incluindo até elementos árabes ou berberes não facilmente reconhecíveis (p. ex., *Séqua*); finalmente, contam-se casos em que a configuração mórfica tem um “ar de família” latino-romance, mas

resistem a uma filiação rigorosa (p. ex., *Arado*, em Braga, ou *Vigues*, em Aveiro). Contudo, é possível juntar grande parte deste conjunto ao grupo estratigráfico pré-latino, se se flexibilizarem os critérios de identificação dos elementos pré-latinos, por exemplo, aceitando propostas como as de Bascuas (2002, 2006, 2014) sobretudo respeitantes ao território atualmente galego. Se assim se proceder, o grupo pré-latino pode ascender a cerca de 30% da nomenclatura hidrotoponímica aqui em exame.

De qualquer maneira, observe-se que no contexto estrito da hidrotoponímia, fora da sua intrínseca solidariedade com toda a toponímia, conforme se configura na tabela 1 e nos gráficos 1, 2 e 3, uma classificação etimológica como a de Vasconcelos (1931, p. 139-148) vê reduzir-se o seu número de classes, principalmente pelo pouco expressivo impacto dos nomes de origem germânica, aliado à adoção de critérios inspirados em Lebel (1956), os quais levam a conceber um estrato latino-romance cronologicamente mais dilatado e, portanto, mais abrangente. Pode, portanto, propor-se uma estratigrafia dos nomes de rios portugueses alternativa à de Vasconcelos (1931), conforme a apresentada no lado direito do quadro 2.

QUADRO 2 – Comparação da tipologia de Vasconcelos (1931) com uma proposta de caracterização estratigráfica da hidrotoponímia de Portugal continental

Tipologia etimológica de VASCONCELOS (1931: 139-148)	Proposta de caracterização estratigráfica da hidrotoponímia de Portugal continental
nome pré-romanos	estrato(s) pré-latino(s)
nome romanos	estrato latino-romance
nomes germânicos	
nomes arábicos ²⁴	estrato arábico
nomes de procedência vária	
nomes portugueses propriamente ditos	

²⁴ Leite de Vasconcelos define três zonas em função do grau arabização (VASCONCELOS, 1931, p. 143-147): a norte do Douro, com pouca influência árabe; entre Douro e Mondego e a sul deste rio (comarca da Beira), zona que pertenceu “do século VIII e XII, ora aos Árabes, ora aos Cristãos”; Estremadura e região a Sul do Tejo.

Neste quadro, o termo *pré-latino* poderá ocorrer no plural, uma vez que o multilinguismo ou o multidialetalismo da mesma família (ou subfamília) linguística constituiriam a situação linguística anterior à romanização e, depois, até certo ponto, dela contemporânea. No mesmo quadro, o estrato latino-romance da coluna da direita corresponde a diferentes tipos etimológicos de nomes, com a exceção dos criados por comunidades arábófonas; agrupam-se, pois, com o fundo latino elementos e morfemas do léxico comum que a literatura tem identificado separadamente, como sejam, os dos dialetos germânicos que a onomástica e a toponímia identificam sobretudo no noroeste português, bem como os do chamado romance moçárabe (ou, como propõe CORRIENTE, 2003, o romandalusi), que durante séculos terá sido o veículo privilegiado de transmissão de um conjunto de itens a que Piel (1989, p. 12/13) chamou o “aluvião lexical árabe”. Tal não obsta a que o quadro 2 apresente uma camada árabe bem individualizada do ponto de vista onomástico e toponímico, representativa da interferência ou do uso efetivo da língua árabe pelas populações do ângulo sudoeste da Península Ibérica. Este estrato é marcado quer pela toponímia deantroponímica, com impacto mesmo a norte do Douro (cf. SERRA, 1967), quer por itens do léxico comum que não terão sido absorvidos pelo estrato fundamentalmente latino.

4 Homogeneidade da macro-hidrotoponímia vs. heterogeneidade da microtoponímia

Uma dimensão relevante para entender a estrutura da hidrotoponímia de Portugal continental é a da extensão dos rios nomeados. Esta pode ter pertinência para a interpretação etimológica de cada nome, permitindo identificar dois subgrupos no conjunto dos hidrotopónimos comentados. Assim, quando se trata das denominações dos rios mais extensos (tipo I), estudos e comentários avaliam parte como património onomástico arcaico,²⁵ sobretudo, com maior presença na tradição político-administrativa; os nomes de rios menos extensos (tipo II) e com menor relevância histórico-administrativa teriam estado mais

²⁵ Leia-se, por exemplo, a seguinte observação de Silveira (1940, p. 383), a propósito do hidrotopónimo *Dão*: “Quási todos os nomes dos nossos rios de algum vulto, salvo os de proveniência árabe, do sul, pertencem às línguas indígenas pré-romanas; e, desconhecendo nós estas, é muito incerto tudo o que se possa dizer sobre o seu sentido.”

expostos a mudanças. Tais tendências são apontadas por Moralejo (2007), quando, no contexto galego, opõe macro-hidronímia a micro-hidronímia:

§ 5. Para el inventario de hidronimos prerromanos es básica la macrohidronimia, es decir, Duero, Limia, Mino, Lerez, Ulla, Tambre, Mandeo, Mero, Eume, Sor, Eo, Navia... y algunos de sus afluentes mayores -Avia, Arnoia, Deva, Pambre, Sil, Tea...- mientras en la microhidronimia abunda lo románico, tal como puede confirmarse en una primera ojeada al mapa e índice antes citados; pero sin que falte material prelatino notable, incluso como léxico común. En esa ojeada se hace también patente el escasísimo número de hidrónimos de origen germánico, que además pueden ser hidrónimos secundarios (tipo río de Saa, del germánico *sala* común y toponímico). A fin de cuentas, la primera impresión que se obtiene de una lista hidronímica galaica parece la misma y axiomática que en otras áreas: mayor profundidad temporal y estabilidad de la macrohidronimia, mayor renovación y modernidad de la microhidronimia. (MORALEJO, 2007, p. 103)

Pela antiguidade da sua associação a rios portugueses ou outros acidentes geográficos, o tipo I dos hidrotopónimos aqui recolhidos vai, portanto, ao encontro do que Moralejo denomina *macro-hidronímia*. Com efeito, neste grupo é nítida a predominância de nomes de origem pré-latina, confirmando uma tendência que se encontra na maior parte da Península Ibérica e noutras regiões onde se implantaram línguas romances. Nos rios de menor extensão, porém, há maior diversidade estratigráfica, podendo os nomes ser muito mais recentes.

Assim, em 18 hidrónimos do tipo I, estão atestados, direta ou indiretamente, ou em fontes da Antiguidade (*Ave, Douro, Lima, Minho, Mondego, Tâmega, Tejo, Vouga* e, parcialmente, *Guadiana*,²⁶) ou em documentos medievais (*Alva, Cávado, Coa, Dão, Sabor*). Este conjunto filia-se nos estratos pré-latinos, dada a dificuldade em os interpretar por intermédio de itens do léxico comum ou do onomástico do latim em geral e, em particular, do latim hispânico; também os casos de atestações unicamente medievais não se enquadram nem na antroponímia germânica,

²⁶ Na verdade, *Guadiana* é um composto e, portanto, é o elemento *-ana* que se considera para o agrupar aos outros hidrotopónimos mencionados, atendendo que são as formas *Ana* ou *Anas* as que se encontram atestadas nas fontes da Antiguidade (cf. GUERRA, 1998, p. 278-280).

nem entre as unidades de origem árabe. Restam quatro hidrónimos – *Mira*, *Sado*, *Sorraia*,²⁷ *Zêzere* –, dos quais três terão origem obscura, ainda que provavelmente se inscrevam entre os nomes pré-latinos; só *Sado* parece encontrar-se fora deste conjunto, numa relação pouco provável quer com os estratos pré-latinos quer com o fundo latino. Importa também assinalar que três dos quatro casos que levantam maiores dúvidas quanto à sua origem – *Sorraia*, *Sado* e *Mira* – constituem, com *Tejo* e *Guadiana*, o reduzido elenco hidronímico de tipo I na metade meridional de Portugal, o qual é reflexo dos já mencionados condicionalismos de clima e terreno, que tornam a rede fluvial menos densa. A estes fatores físico-geográficos, alia-se a prolongada interferência do árabe, a qual, face à falta de documentação que permita reconhecer ou supor uma continuidade na transmissão, obscureceu a relação e, noutros casos, operou uma verdadeira rutura com as séries toponímicas características dos estratos pré-latino e latino-romance.

Já pela heterogeneidade se pautam os hidrototopónimos que se aplicam a rios de menor extensão (de 20 a 100 km). Com efeito, este conjunto – tipo II – inclui nomes que tanto remontarão à Antiguidade como poderão já atribuir-se aos períodos históricos da língua portuguesa. Aumentando o número de nomes em análise, aumenta também, portanto, a diversidade estratigráfica da sua distribuição, como salientam as secções adiante desenvolvidas.

5 Tipologias de génese e transmissão dos hidrotopónimos

Como foi dito na secção 3, a tabela 1 sugere o predomínio de nomes de configuração reconhecida como indo-europeia (pré-latina ou já latina) nas regiões Norte e Centro-Norte, tendência que se esbate no Centro, Centro-Sul e Sul quer pelo número de nomes de origem obscura quer pelo dos nomes de proveniência ou interferência árabes (cf. gráfico 3). Com os hidrotopónimos meridionais mais arcaicos – por exemplo, *Tejo*, *Guadiana* ou *Arade* – a análise seria mais adequada se considerasse o nome enquanto resultado da interação de dois modos de transmissão que moldaram a forma atual. Trata-se, por um lado, da influência latina e mais

²⁷ *Sorraia* é um caso de aglutinação de dois nomes, *Sor* e *Raia*, este, aparentemente mais recente, talvez de um item integrável no estrato latino-romance, e aquele, possivelmente pré-latino.

tarde romance, nas suas variedades diatópicas, que se podem agrupar em dois grandes sistemas, o galego-portuguesa e o meridional, geralmente chamado moçárabe. Por outro lado, conta-se a interferência do árabe, nas suas variedades andalusis, atuando como estrato que se apropriou de formas eventualmente modificadas pelos dialetos românicos meridionais e as transmitiu ao português. A distinção dos vários estratos linguísticos por que passaram os hidrotopónimos a sul da bacia do Mondego deveria, pois, corresponder em rigor a uma sequência temporal constituída por quatro fases de transmissão: a latina, incluindo o período germânico; a moçárabe ou românica meridional, que pode refletir o contacto com o árabe; a árabe, propriamente dita, que interferiu na transmissão de formas processadas ou não pelo dialetos moçárabes; e, finalmente, a partir dos séculos XI-XII, a galego-portuguesa ou já portuguesa medieval, que introduziu os seus sucessivos processos fonológicos característicos. O esquema em (1) representa esse encadeamento de fases em relação ao hidrónimo *Tejo*:

(1)	fase pré-latina	fase latina	fase árabe	fase portuguesa
	<i>*tag-</i>	<i>Tagus</i>	<i>Taġu</i> (com imela)	<i>Tejo</i>

A sequência representada em (1) é a cadeia de transmissão típica de um hidrotopónimo da maior parte da região a sul do Tejo, onde a arabização estaria completa no início do século XIII (VICENTE, 2006, p. 32), seguida de uma rromanização decorrente da Reconquista em meados do mesmo século. Sublinhe-se, porém, que as quatro fases referidas em (1) só parecem globalmente válidas para o território a sul do Douro; não o são em certas áreas a norte, apesar de a toponímia, em geral, e os hidrotopónimos, em particular, não desconhecem elementos árabes ou arabizantes principalmente por via da antroponímia árabe (cf. SERRA, 1966). Assim, na região entre o Minho e o Douro (ou um pouco mais a sul, até ao Vouga) e, abrangendo talvez o distrito transmontano de Vila Real, são de admitir duas fases, a latina e a portuguesa medieval (ou galego-portuguesa) sem solução de continuidade, visto o processo de transmissão não ser permeado pela arabização. Nestas regiões, o encadeamento da transmissão dos nomes é mais simples que o representado antes em (1), conforme se ilustra em (2), a seguir:

(2)	fase pré-latina	fase latina	fase (galego-)portuguesa
	<i>*Limia</i>	<i>Limia</i>	<i>Limia, Lima</i>

Cada fase é definida por adaptações morfológicas e fenómenos fonéticos específicos, as quais podem também ser esquematizadas conforme o quadro 3:

QUADRO 3 — Exemplos de cadeia etimológica de transmissão com identificação de traços fonológicos e morfemas intervenientes

Radicais e afixos pré-latinos		estrato latino-romance		
		fase latino-romance	estrato árabe	fases galego-portuguesa/portuguesa
		adaptação fonomorfológica	-imela; -substituição de /g/ por /dʒ/ ou /ʒ/	adaptação fonomorfológica
<i>Tejo</i>	<i>*tag-</i>	Tagus	<i>Taǧuh</i> (LOPES 1968, p. 115), <i>Tāyô</i> (TERÉS, 1986, p. 158-159)	Tejo
<i>Lima</i>	<i>*lim-</i>	Limia		Limia/Lima

5.1 Léxico vs. onomástico na génese da hidrotponímia de Portugal continental

A génese ou criação dos hidrotponónimos aqui comentados envolve uma distinção aplicada por Martínez Lema (2010, p. 39-41) no contexto da toponímia galega e que se revela operativa também no âmbito deste trabalho, ainda que com certas adaptações. Trata-se do contraste entre a toponímia delexical, cuja base é constituída pelo léxico comum, e a toponímia deonomástica, resultante de nomes próprios preexistentes, incluindo até topónimos a darem secundariamente origem a novos topónimos.²⁸

Este último caso é especialmente relevante para o estudo da hidrotponímia do território de Portugal continental, dada a importância

²⁸ Como já se observou, a hidrotponímia pode ter carácter secundário, por alusão ou transferência de toponímia já existente. Ver o que diz Moralejo (2007, p. 103) sobre o caso da Galiza.

da conversão de topónimos preexistentes em hidrotopónimos. Observe-se, aliás, que a hidrotoponímia eventualmente delexical sempre se distingue claramente da deonomástica, porque fitónimos ou mesmo hidrónimos são suscetíveis de se fixarem primeiro como nomes de lugar, para depois se converterem em hidrotopónimos. Verifica-se, por exemplo, que o hidrotopónimo *Teixeira*, que se encontra nos distritos de Braga, Porto, Aveiro e Viseu, é atribuível a nomes de lugar que posteriormente passaram também a identificar os cursos de água que por eles correm; igualmente o *rio Fervença* (Bragança) ou o *Marnel*, embora correspondentes a hidrónimos (*fervença*, *marnel*) que ainda hoje fazem parte do léxico comum português,²⁹ parecem estar associados a usos toponímicos prévios. No conjunto da hidrotoponímia continental portuguesa, destaca-se, portanto, a toponímia deonomástica, com especial relevo para a originária de topónimos, o que justifica que aqui se use o termo *detoponímico* de modo a assinalar esse tipo de génese. A classificação dos hidrotopónimos estudados de acordo com as duas categorias genéticas – delexical e detoponímico – permite definir a distribuição que se apresenta no quadro 4, a seguir:

QUADRO 4 – Hidrotoponímia delexical e hidrotoponímia detoponímica em Portugal continental (frequências absolutas)

delexical	167
detoponímica	241
tipologicamente ambíguo	73
Total	481

No quadro acima, confirma-se o destaque alcançado pelos hidrotopónimos de carácter secundário (detoponímico) no conjunto dos nomes de rios em discussão. Seguem-se os hidrotopónimos resultantes da denominação direta, os quais podem corresponder a itens adjetivais (no estrato latino-romance, tipicamente, *Frio*, *Grande*, *Mau*, *Resmungão*, *Sordo* ou *Torto*, entre outros itens adjetivais) ou a expressões determinativas que não parecem ter tido uso toponímico prévio (*Farbança*, *Horta*, *Ínsua*, entre outros). No entanto, é apreciável o número

²⁹ Cf. Figueiredo (1913).

de hidrotopónimos tipologicamente indefinidos a este respeito: trata-se de nomes de etimologia obscura, o que significa que para eles não se dispõe de elementos que lhes esclareçam a génese; e, podendo supor-se que são itens delexicais, não se descarta a eventualidade de corresponderem a hidrotopónimos secundários. Mas o que a importância da categoria detopónica permite sobretudo evidenciar é que a hidrotoponímia não constitui um domínio autónomo no conjunto da toponímia de uma região ou de um país. Na verdade, a amostra de hidrotopónimos de Portugal continental aqui em discussão integra uma maioria de nomes que não apontarão para um sistema hidrotoponímico ou, pelo menos, um conjunto homogéneo, autónomo em relação à restante toponímia, nem mesmo em regiões onde se poderia supor mais enraizada a chamada toponímia paleoeuropeia ou do europeu antigo (cf. BASCUAS, 2002, 2006, 2014).

Uma última observação muito breve sobre a relação entre as duas categorias em causa e a proposta estratigráfica que também aqui tem sido discutida. Quase todos os estratos são representados por hidrotopónimos que remontam exatamente à época em que as línguas correspondentes estiveram ativas, mas, como foi dito, observa-se que os relacionados com o estrato germânico não apontam para um uso efetivo dos dialetos deste grupo linguístico. A existência de uma hidrotoponímia de origem germânica só se verifica de modo secundário, como subsidiária de outros topónimos, sobretudo de carácter fundiário, que encontra a sua génese nas condições da expansão do poder dos reis asturianos e, mais tarde leoneses.³⁰ Os hidrotopónimos que exibem radicais germânicos procedem, portanto, do deslocamento de um topónimo ou do alargamento do uso deste como determinativo, o que explica casos frequentes de duplicação, isto é, de situações em que nomes de lugar também se prestam a denominar rios: por exemplo, o nome de lugar *Zonho*, no distrito de Viseu, que parece explicar o hidrotopónimo *rio do Zonho*. A este título, no âmbito dos estratos pré-latino e latino-romance, também a relação entre *Vouzela* e *Zela*, no distrito de Viseu, é de mencionar, porque o segundo é com toda a probabilidade uma forma aferética da primeira, muito embora *Vouzela* tenha começado com grande probabilidade como um hidrónimo derivado de *Vouga*, ou melhor, sobre a forma **Vauca*.

³⁰ Não se entra aqui na questão controversa da denominação do reino cristão do noroeste ibérico, no qual a antiga Galécia lucense (mais de dois terços da atual Galiza) teve um papel político de relevo.

Cabe aqui retomar a tipologia de Lebel (1956), segundo a qual a hidronímia poderá ter caráter apelativo, descritivo ou determinativo. A interpretação das diferentes classes estratigráficas da hidrotoponímia portuguesa mostra que a motivação dos hidrotopónimos é bastante diversificada no estrato latino-romance, observação que já não se apresenta válida em relação ao estrato heterogéneo que é pré-latino. Com efeito, não se tendo desenvolvido na proto-história a vida urbana, é duvidoso que haja hidrotopónimos pré-latinos que se constituam por alusão a aglomerados urbanos, ao contrário do que verificamos na hidrotoponímia latino-romance, na qual são bastante abundantes os casos de toponímia por determinação nas fases mais tardias, já plenamente portuguesas. Sendo assim, os hidrotopónimos arcaicos ou proto-históricos (os que poderão ser abrangidos pela discussão do europeu antigo, conforme a proposta de KRAHE, 1964, e os estudos de BASCUAS, 2002, 2006, 2014) seriam todos eles decifráveis no contexto lexical, remetendo para os vocabulários hidronímicos das línguas arcaicas. Por outras palavras, a hidrotoponímia pré-latina não conheceria casos de motivação deonomástica, em contraste com a hidrototoponímia medieval. Contudo, o quadro não é assim tão linear, quando temos de ter em consideração quer a etnonímia quer a teonímia pré-romanas ou indígenas coevas da romanização. Faltará aqui uma investigação mais aprofundada da relação dos hidrotopónimos pré-latinos ou classificados como obscuros com o conjunto da teonímia e da etnonímia da faixa ocidental ibérica.

Tomando em consideração a tipologia proposta por Martínez Lema (2010), observa-se que apenas uma pequena parte – 90 (18,52%) – dos hidrotopónimos comentados correspondem a casos de continuidade toponímica ou desde a Antiguidade ou desde a Idade Média. Raros são os casos em que o hidrotopónimo atual se fixou por substituição de outro (5 hidrotopónimos, ou 1%). Mas um número muito significativo (233 nomes, correspondentes a 48% do reportório estudado) é constituído por casos de deslocamento ou de transferência de um topónimo como determinação do hidrotopónimo. Por outras palavras, são frequentes os nomes que resultam do uso de um topónimo preexistente como forma de identificar um curso de água. Saliente-se ainda que um número significativo (157, ou seja, 32,3%) tem características que impedem o seu claro enquadramento num dos tipos, por não haver elementos claros sobre a sua história, que tanto pode ser remota como recente.

Considerações finais

Apesar da estabilidade que vários autores supõem como característica definidora dos hidrotopónimos, o trabalho foi revelando que a nomenclatura recolhida é vulnerável à História, sendo, portanto, suscetível de alterações decorrentes da história da população de um território e da sua cultura. Se é verdade que a denominação dos grandes rios mantém raízes que vêm da proto-história, a hidrotoponímia mostra-se diacronicamente dinâmica, abrangendo hoje nomes cuja atribuição data da Idade Média, quer no contexto latino-romance quer no contexto árabe (durante muito tempo, em situação de diglossia com falares românicos), ou que só se terão fixado nos períodos mais tardios da língua portuguesa. Contam-se, portanto, vários casos de substituição, como o de *Celadus* (GUERRA, 1998, p. 387-388), por *Cávado*, logo na Alta Idade Média (v. *Cávado*); ou de extensão (considerando-a enquanto um tipo de deslocamento, conforme a conceptualização adotada por MARTÍNEZ LEMA, 2010), como parece ter acontecido com *Sado*, que, de nome de lugar ou de um troço do rio assim chamado, se generalizou a todo o curso fluvial; ou, ainda, o de *Alcoa* e *Baça* que provavelmente correspondem a uma reanálise pseudoerudita de *Alcobaça*. É certo que os nomes aqui comentados são já o resultado de uma seleção com propósitos administrativos, a qual teria de se submeter a um confronto com os usos regionais contemporâneos ou passados, comparação que já não foi possível concretizar neste trabalho.

Outra vertente da discussão leva a considerar que é justamente pelo contributo do estrato latino-romance no conjunto da hidrotoponímia portuguesa que se impõe à investigação escrutinar a toponímia de outras regiões da Península Ibérica, entre elas, aquelas que política e linguisticamente mais contacto direto tiveram com as populações portuguesas. Na faixa ocidental da península, a presença galega é a manifestação demográfica e linguística do avanço da Reconquista, pelo que nunca é de mais realçar o contributo dos estudos de toponímia galega, inestimável e imprescindível para compreender a história da toponímia setentrional portuguesa e a dos processos de designação associados.

Referências

- AEBISCHER, P. Études de Stratigraphie Linguistique. *Romanica Helvetica*, Berna, Francke, v. 87, 1978.
- ANDERSEN, H. (Ed.). *Language Contacts in Pre-History*. Studies in Stratigraphy. Amesterdão; Filadélfia: John Benjamins Publishers Company, 2003. Doi: <https://doi.org/10.1075/cilt.239>
- ASÍN PALACIOS, M. *Contribución a la Toponimia Árabe de España*. Madrid: Imprenta de Estanislao Maestre, 1940.
- AZEVEDO, M. L. *Toponímia moçárabe no antigo condado conimbricense*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005.
- BASCUAS, E. *Estudios de Hidronimia Paleoeuropea Gallega*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico; Universidade de Santiago de Compostela, 2002.
- BASCUAS, E. *Hidronimia y Léxico de Origen Paleoeuropeo en Galicia*. Corunha: Edición do Castro, 2006.
- BASCUAS, E. *Novos Estudos de Hidronimia Paleoeuropea Galega*. Vigo: Universidade de Vigo, 2014.
- BOLÉO, P. Os Estudos de Antroponímia e Toponímia em Portugal. *Revista de Portugal*, Coimbra, v. XVIII, n. 115, p. 145-152, 1953.
- BOULLÓN AGRELO, A. I. *Antroponimia Medieval Galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1999. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783110909432>
- BROCARD, M. T. *Tópicos de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.
- BUCK, C. D. *A Dictionary of Selected Synonyms in the Principal Indo-European Languages*. Chicago; Londres: Chicago University Press, 1988 [1949].
- CAMPBELL, L.; MIXCO, M. J. *A Glossary of Historical Linguistics*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2007.
- CARDEIRA, E. *O Essencial sobre a História do Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

CARVALHO, A. F. Problemas da orogenia portuguesa – O Relevo da Orla Sudoeste do Planalto da Beira-Alta. [Comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa na sessão de 1.^a classe, em 6 de fevereiro de 1930]. *Memórias e Notícias*, Coimbra: Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, n. 5, p. 3-16, 1930.

CARVALHO, J. G. H. Moçarabismo linguístico ao Sul do Mondego. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, v. VIII, p. 277-284, 1959.

CASTRO, I. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

CARTA MILITAR DE PORTUGAL - CMP. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

CIGeoE-SIG – Visualizador de Informação Geográfica do Instituto Geográfico do Exército. Disponível em: <<http://www.igeoe.pt/igeoesig/>>. Acesso em: 2017.

CORRIENTE, F. *Gramática Árabe*. Barcelona: Herder, 2002.

CORRIENTE, F. *Diccionario de Arabismos y Voces Afines del Iberromance*. Madrid: Editorial Gredos, 2003.

CORTESÃO, A. A. *Onomástico Medieval Português* [separata do *Archeologo Português*, v. VIII e seguintes]. Lisboa: Imprensa Nacional, 1912.

DEE - DICIONÁRIO ELECTRÓNICO ESTRAVIZ. Disponível em: <<http://www.estraviz.org/xanza>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

DELAMARRE, X. *Le Vocabulaire Indo-Européen*. Lexique Étymologique Thématique. Paris: Jean Maisonneuve Successeur, 1984.

DMP – AZEVEDO, R. P. *Documentos Medievais Portugueses – DMP. Documentos particulares, tomo III*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1940. *Documentos Medievais Portugueses - DMP. Documentos régios, v. I. Documentos dos condes portugalenses e de D. Afonso Henriques. A. D. 1095-1185*, t. I e II. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1958-1962.

DWORKIN, S. N. *A History of the Spanish Lexicon: a Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199541140.001.0001>

- FERNANDES, A. A. *Toponímia Portuguesa: Exame a um Dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999.
- FERNANDES, M. A.; KHAWLI, A.; SILVA, L. F. *A Viagem de Ibn Ammar de São Brás a Silves*. Tavira: Associação Campo Arqueológico de Tavira, Disponível em: <<http://www.arkeotavira.com/Estudos/texto-ibn-ammam-finalR.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2018.
- FERREIRO, M. *Gramática Histórica Galega – II. Lexicoloxía*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2001.
- FIGUEIREDO, C. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1913.
- GUERRA, A. *Nomes Pré-Romanos de Povos e Lugares do Ocidente Peninsular*. 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa - DHLP*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- KRAHE, H. *Unsere ältesten Flussnamen*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1964.
- LEBEL, P. *Principes et Méthodes d’Hydronimie Française*. Paris: Société Les Belles Lettres, 1956.
- LOPES, D. *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa e Círculo David Lopes, 1968.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
- MACHADO, J. P. *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisboa: Editorial Notícias, 1991.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
- MARTÍNEZ LEMA, P. *A Toponímia das Comarcas de Bergantiños, Fisterra, Soneira e Xallas na Documentación do Tombo de Toxos Outos (séculos XII-XIV)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010.

MORALEJO, J. J. *Callaica Nomina*. Santiago de Compostela: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2007.

MORALEJO, J. J. Hidronimia prerromana de Gallaecia. In: KREMER, D. (Ed.). *Onomástica Galega II: Onimia e Onomástica Prerromana e a Situación Lingüística do Noroeste Peninsular*. Actas do Segundo Coloquio, Leipzig, 17 e 18 de outubro de 2008. Santiago de Compostela: Universidade; Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2009. p. 37-90.

NOONAN, M. Genetic Classification and Language Contact. In: HICKEY, R. (Ed.). *The Handbook of Language Contact*. Malden; Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p. 48-65. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781444318159.ch2>

PIEL, J.-M. Os nomes germânicos na toponímia portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa: Imprensa Nacional, v. 2, p. 105-140, 224-240, 289-314, 1933-1934; v. 3, p. 37-53, 218-242, 367-394, 1934-1935; v. 4, p. 24-56, 307-322, 1936; v. 5, p. 35-57, 277-288, 1938; v. 6, p. 65-86, 329-350, 1940; v. 7, p. 357-386, 1944.

PIEL, J.-M. *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1989.

PIEL, J. M.; KREMER, D. *Hispano-gotisches Namenbuch*. Der Niederschlag des Westgotischen in den alten und heutigen Personen- und Ortsnamen der Iberischen Halbinsel. Heidelberg: Carl Winter, 1977.

PMH – *Portugaliae Monumenta Histórica a saeculo VIII post Christum usque ad quintum decimum*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, s.d.

POKORNY, J. *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*. Berna; Munique, 1959-1989. 2 v. Disponível em: <<http://www.indo-european.nl/cgi-bin/startq.cgi?flags=endnnnl&root=leiden&basename=%5Cdata%5Cie%5Cpokorny>>. Acesso em: 2017.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. *Geografia de Portugal. I. A Posição Geográfica e o Território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987.

ROCHA, Carlos. *Etimologia dos hidrotopónimos de Portugal continental: história linguística de um território*. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

RTP – *Reportório Toponímico de Portugal – Continente*. Lisboa: Ministério do Exército, Serviço Cartográfico do Exército, 1967.

SERRA, P. C. Três Alíneas de Onomástica. *Revista Labor*, Separata, Aveiro: Lusitânia, n. 252, 1966.

SERRA, P. C. *Contribuição Topo-Antroponímica para o Estudo do Povoamento do Noroeste Peninsular*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1967.

SERRA, P. C. Estudos Toponímicos (XXIII-XXVII). Com um aditamento sobre as Fontes Documentais da Onomástica Portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Instituto de Estudos Românicos, Separata, v. XV, tomos I e II, 1968.

SILVA, R. V. M. *O Português Arcaico – uma Aproximação*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2008. v. I.

SILVEIRA, J. Notas sobre a toponímia do concelho de Nelas. *O Instituto*, v. 97, p. 268-281 e 382-421, 1940.

TERÉS, E. *Materiales para el Estudio de la Toponimia Hispanoárabe — Nómima Fluvial*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1986. tomo I.

TERÉS, E. Antroponímia hispano-árabe (reflejada por las fuentes latino-romances). In: AGUADÉ, J.; BARCELÓ, C.; CORRIENTE, F. (Ed.). *Anaquel de Estudios Árabes*, 1992. v. III, p. 11-35. Disponível em: <<http://www.ucm.es/BUCM/>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1982.

VASCONCELOS, J. L. Amostra de toponímia portuguesa. *Revista Lusitana*, Porto, v. XXI, p. 58-63, 1918.

VASCONCELOS, J. L. *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. v. III: Onomatologia.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VICENTE, A. *El Proceso de Arabización de Alandalús*. Saragoça: Instituto de Estudios Islámicos y de Oriente Próximo, 2006.



Linguistic stratigraphy of mainland Portugal hydroponymy

Estratigrafia linguística da hidrotponímia de Portugal continental

Carlos Rocha

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa / Portugal

crocha46@gmail.com

Resumo: O tema do presente artigo insere-se na história da onomástica portuguesa, mais precisamente, na etimologia dos hidrotponímios de Portugal continental. Com a finalidade de contribuir criticamente para a recuperação da etimologia como disciplina mais atuante no contexto dos domínios da História da Língua e da Linguística Histórica, retoma-se uma linha de investigação que remonta aos trabalhos desenvolvidos em Portugal por José Leite de Vasconcelos, Joaquim da Silveira, Pedro Cunha Serra, Domingos Moreira, Joseph-Maria Piel, José Pedro Machado, Armando de Almeida Fernandes, entre outros. Igualmente consideradas são as propostas de Hans Krahe, Edelmiro Bascuas, Federico Corriente e Eduardo Viaro. São objectivos do artigo definir os limites do inquérito linguístico na análise etimológica dos hidrotponímios de Portugal mainland; e enquadrar na discussão da estratigrafia linguística a caracterização nacional e regional do hidrotponímios. Conclui-se que a hidrotponímia de Portugal mainland tem origem maioritária em itens do léxico comum latino-romance, embora guarde globalmente um importante património pré-latino. A sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, torna-se significativa a interferência lexical, morfológica e fonológica do árabe, tal como acontece em grande parte da toponímia das regiões meridionais portuguesas.

Palavras-chave: toponímia; etimologia; hidrotponímio; estrato; história do português .

Abstract: The topic of this article concerns the diachronic aspects of Portuguese onomastics, namely those regarding the etymology of a subset of Portuguese hydroponyms. Arguing that Etymology is still relevant as a field of research to Historical Linguistics and the History of the Portuguese Language, the discussion

draws on studies carried out in Portugal by such scholars as Leite de Vasconcelos, Joaquim da Silveira, Pedro Cunha Serra, Domingos Moreira, Joseph-Maria Piel, José Pedro Machado, Armando de Almeida Fernandes, among others. The works of Hans Krahe, Edelmiro Bascuas, Federico Corriente, and Eduardo Viaro are also considered. This article pursues two goals: (1) to draw the linguistic boundaries of the etymological inquiry on a selection of mainland Portugal's hydrotoponyms and (2) to describe and discuss the national and regional distribution of each linguistic stratum in the Portuguese hydrotoponymic context. The conclusions from this study point out that most items have Latin-Romance origins, although a significant number of pre-Latin names are also preserved. In the southern regions of the Montejunto-Estrela mountain system, contact with Arabic has left many lexical, morphological, and phonological traces, as is typical of the southern regions of Portugal.

Keywords: toponymy; etymology; hydrotoponym; stratum; history of Portuguese.

Received on December 20, 2017

Accepted on February 19, 2018

Introduction

This article is a synthesis of a more extensive work,¹ which consists of an etymological approach to a set of hydrotoponyms from mainland Portugal, focusing their geographic and historical-linguistic distribution. This includes 481 hydrotoponyms retrieved from the *Reportório Toponímico de Portugal* (RTP – *Portuguese Toponymic Repertoire*), more specifically, from two of the three hydrotoponymic categories therein defined: “Important river (more than 100 km long)” and “River (20 to 100 km long)”.² Their localization is done according

¹ This is my doctoral thesis *Etimologia dos Hidrotopónimos de Portugal Continental: História Linguística de um Território*, approved in 2017, under the supervision of Professor Esperança Cardeira and Professor Ana Maria Martins, at Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

² This study did not consider a third category, “Stream/Brook/Watercourse (up to 5 km)”. Regarding the CIGeoE-SIG, which encompasses the RTP electronic version, it is noteworthy that each hydrotoponym, viewed as a type, may correspond to more than one record (token). The number of records is therefore greater than the collected names:

to the *Carta Militar de Portugal (Portuguese Military Charter)* 1> 25,000 (CMP), which is available along with the RTP on the Portuguese Military Geospatial Information Centre viewer (Centro de Informação Geoespacial do Exército – CIGeoE-SIG).³ This tool provides a list of onomastic items in the current administrative language, although dialectal traces may be detected which do not always meet this standard. These hydrotoponyms correspond, therefore, to contemporary forms, which means, for example, that a hydrotoponym, such as *Celadus* or *Celandus*, attested by Pomponius Mela, was given no special attention, even though it was the old name of the river known today as *Cávado* (in northern Portugal, in the district of Braga). Nevertheless, forms recorded in Antiquity or in medieval documentation may be mentioned in the context of the discussion of modern hydrotoponyms.⁴

the category “Important River (more than 100 km) presents 306 records; that of “River (from 20 to 100 km)” labels 1,302 records; and that of “Stream/Brook/Watercourse” reaches 11,183 records.

³ For this study, the CIGeoE-SIG (available at: <<http://www.igeoe.pt/>>), began to be consulted when it was still IGeoE-SIG. The CIGeoE “was allocated, as of August 1, 2015, to *Instituto Geográfico do Exército* (IGeoE) – based on the regulatory Decree, number 11/2015, from July 31 – thus making it the natural heir of the assets and Portuguese military cartographic traditions” (available at: <<https://www.igeoe.pt/index.php?id=5>>, retrieved on March 7, 2017).

⁴ This study later discusses other names that are attested but in disuse or have been forgotten, dating back to pre-Roman times, the Romanization period or to the subsequent historical periods, without carrying out a detailed analysis. We also do not approach certain pseudo-correct or pseudo-etymologizing forms, which were common in Antiquity and recurrent in the Middle Ages and in subsequent era, except when they are continued through contemporary hydrotoponyms. Apropos of this type of distortion in Galician toponymy, which provides important data for the Portuguese case, Moralejo (2009, pp. 38/39) points out that “[...] la documentación medieval abunda en latinizaciones superficiales y en trapacerías macarrónicas con o sin intención etimologizante, pero métodos hay y prudencia para no entrar a ellas, que también están en lo antiguo, por ejemplo en los Ἀμφίλοχοι de Estrabón, los *Helleni* de Plinio, el mineral *minium* y el río *Minius* de Justino e Isidoro..., ya sin entrar en las actitudes negativas y de despego ante los nombres indígenas *bárbaros, impronunciables...* (cf. Estrabón, Mela, Plinio...) y en cómo esas actitudes condicionan negativamente la cantidad y la calidad de nuestra documentación.” See also Guerra (1998, p. 40-42).

Overall, there are many analytical views of hydrotoponyms. The present article seeks to highlight three aspects of the internal differentiation of this set:

- The distribution of hydrotoponyms in terms of historical linguistic strata;
- The history of their transmission, configuring routes of continuity or ruptures, which may include the transference of names that were already part of the toponymic context of each hydrotoponym, such as in the event of a commented term substituting for another more archaic term, which may have been lost or have been transposed (displaced) to another geographic entity (case of *Cáster*, which would have been *Ovar*, before this name became a toponym);
- The direct or indirect genesis of the denomination of the rivers, which defines the contrast between deonomastic toponyms and delexical toponyms, and their ontological subcategories – the former encompassing onomastic classes, toponyms in a strict sense, anthrotoponyms, and demonyms, etc., and the latter comprising phytonyms, oronyms, and zootoponyms, etc. (see MARTÍNEZ LEMA, 2010, p. 39-41).

This article comprises six sections. The first section exposes the methodological criteria adopted in this study; the second discusses the definition of the historical-linguistic strata through which the studied hydrotoponyms are distributed; the third presents the stratigraphic distribution of the hydrotoponyms in question; the fourth comments on the contrast between the macro- and micro-hydrotoponymy; and the fifth identifies the types of genesis and forms of transmission of the hydrotoponyms in discussion in the framework of the linguistic history of mainland Portugal.

1 The study of Portuguese hydrotoponyms: criteria for their inventory and etymological commentary

In order to achieve the approximate stratigraphic date/attribution of the hydrotoponyms, it was necessary to collect attestations, especially in medieval documentation. Secondary sources were consulted, mainly onomastic dictionaries and toponymic repertoires. The majority of the hydrotoponyms commented herein have no specific attested forms; however, in many cases, it was possible for a current record, such as

those provided by RTP and other resources (toponymic, chorographic dictionaries), to find the form it took on in the sources from Antiquity and the Middle Ages.⁵

For access to the primary sources from Antiquity and the Middle Ages, it was necessary to resort to reliable editions that contained onomastic indexes or that were available in electronic version in such a way as to facilitate the research. As regards printed editions of medieval texts, especially those of non-literary texts, where the names in question are more likely to occur, the references presented below are merely examples, since they concern a more extensive list that has yet to be completely defined. However, it should be noted that, to attest each collected form in the RTP, we primarily draw on Machado (2003), at times corrected or completed by the entries of Cortesão (1912) and Fernandes (1999) or by occurrences retrieved from the *Portugaliae Monumenta Historica* (PMH), which include toponymic indexes.⁶ Occasionally, attestations from other dictionaries and studies in toponomastics were also included.

Once the sources of attestation had been identified, we proceeded to the etymological commentary of each of the 481 collected hydrotoponyms, with the aid of etymological and onomastic dictionaries, available either for Portuguese or for other linguistic areas (Galician, Castilian, Catalan, Occitan, French, Italian, Romanian, English, etc.). The etymological proposals presented herein always seek to include the attribution of the hydrotoponyms to one of the historical-linguistic strata which are distinguishable in the whole of the Portuguese toponomastics, according to the discussion developed in section 3 of this article. This allowed an etymological onomastic dictionary to be made of 481 commentaries or entries which share the structure presented by Table 1.

⁵ A more up-to-date balance of the studies of anthroponymy and toponymy seems to be required, since what was carried out – that of Boléo (1953) – is already more than 50 years old. Nonetheless, in the publication “Fontes toponímicas” (“Toponymic Sources”), from the blog *Toponímia: Gente & Lugares*, by Manuel Carvalho, more up-to-date bibliographic information is available at: <<http://deaveiroportugal.blogspot.pt/2007/02/fontes-toponímicas.html>>, retrieved on: February 16, 2008), where a list of quite useful toponymic sources can be found. See also Serra (1968).

⁶ The attestations included in Machado (2003) always indicate the documental edition where they occur (for example, PMH or DMP).

TABLE 1 – Structure of a commentary

Hydrotoponym	Current spelling
brief stratigraphic attribution	Identification of the stem and its stratum
attestations	Available forms and spellings in editions of medieval sources (at times supplemented with attestations from Antiquity)
localization	Region traversed by the watercourse according to CMP at 1:25,000
etymological proposal	Critical commentary of the etymology established by the literature for each name or drafting of etymological proposal if the name has not been dealt with.

Finally, to facilitate listings and the view of the set of data with national and regional dimensions, an electronic table was created in Microsoft Excel, where each hydrotoponym is classified according to different dimensions (geographic localization, etymology, transmission history) and typologies.

2 On the categorization of hydrotoponyms: historical-linguistic strata

Land and its geological levels have provided the metaphors for studies in both Language History and Toponomastics to build diachronic concepts concerning a chronology of linguistic forms (see also AEBISCHER, 1978, and ANDERSEN, 2003). Speaking about stratigraphy in the context of toponymy brings about the problem of the contribution of languages that, co-existing or substituting one for another within a given territory, have left their marks – often at the lexical level, but also encompassing the grammatical level – in the synchronies of a language predominantly or extensively spoken within this territory. It is from the point of view of the modern language or of the linguistic system focused by the description as a historical-linguistic reality – quintessentially, the *stratum* – that the other strata – *substrata*, *superstrata*, and *adstrata* – are classified as marks of relatively prolonged contact.⁷ The notion of stratigraphy is particularly relevant in lexical and

⁷ See Campbell and Mixco (2007).

onomastic studies, since the lexicon is a level that is especially exposed to the sociohistorical conditions that shape the diachrony of a language.⁸

This study accepts therefore that a linguistic stratigraphy can be identified within the history of the loans from a given language, since it signals stages of the history of the language in the perspective of the conveyance of units originating from other languages that conditioned the nativisation of this language, as occurs with the substrata or its ulterior formulation, as can be seen with superstrata.⁹ In the case of Portuguese, from the point of view of the strata that simultaneously individualizes it and relates it to a linguistic family (Indo-European) and subfamily (Romance language), Silva (2008, p. 84) highlights “the ‘Latin underpinnings’ (PIEL, 1989, p. 11) which would give form to its lexicon, reformatting it, that is, giving its morphology to pre-Latin loans and those after the ‘fall’ of the Roman Empire, in the fifth century C.E., at least in the region formerly known as Western Romania”.¹⁰

It should be highlighted that the historical strata of mainland Portugal’s toponymy are not uniformly distributed within the territory. While in the North one can speak of the historical-linguistic continuity with no clear ruptures since the onset of Romanization, there are regions in the South in which the dialects of the Galician-Portuguese system overlapped upon either Romance dialects or Arabic dialects, or

⁸ Dworkin (2012, p. 5) underscores the following characteristic: “The lexicon of a language is open-ended and is the least stable, the least systematic segment of the language’s structure, and thus more open to novelties introduced from the outside. For this reason, lexical borrowing as a process does not lend itself to neat or rigid classification.” About common vocabulary, Viaro (2011, p. 267) observes, in fact, that this “[...] cannot be assessed in the same manner as the grammatical elements, since only the latter can, in fact, characterize the filiation to a specific linguistic group”; which is the case of Romanian, whose lexicon of vulgar Latin origin, nevertheless, is negligible when compared to the other Roman languages (VIARO, 2011, p. 267).

⁹ The question of the loans, however, introduces an additional distinction to the contrast between substrata and superstrata. Noonan (2010, p. 57) distinguishes loans from influences of the substratum: “The reason for separating substratic influence from other instances of borrowing is that with substratic influence we have situations in which generational transmission of linguistic traditions is disrupted; we may also have speciation [i. e., the creation of new languages], though this is not necessarily the norm.”

¹⁰ Regarding the change in the Latin heritage lexicon in the context of the history of Portuguese, see also Brocardo (2014, p. 83-89).

even a context of Arabic-Romance bilingualism. The introduction of Galician-Portuguese, especially in the regions south of the Tagus River, can therefore be seen as a reinsertion in the Latin-Romance language stratum of a population that has been deeply Arabized, which transmitted a toponymic patrimony consisting of Arabic features, by means of its lexical resources in the naming process and through interferences in the configuration of the names inherited from the Latin-Romance language stages. It is noteworthy that morphological units corresponding to languages that have never been effectively spoken in the Portuguese territory are often accepted as elements to identify certain strata, which is probably the case with the dialects of the Suevian population or of the Gothic one, which are so clearly present in the anthroponomy and its derived toponymy. Moreover, one stratum can many times correspond to an unknown set of linguistic layers, as are the cases of the traces left behind by the speakers of pre-Indo-European languages and Indo-European ones (more specifically Celtic and Lusitanian) in most of the territory in question. In addition, the problem of the temporality of each linguistic stratum arises, that is, the problem of its differentiation in periods and historical stages. This is the case of the Latin-Romance language strata, characterized by its relatively long duration, to such an extent that, in contemporary Portuguese, there are still transparent toponyms that correspond, nonetheless, to longstanding linguistic forms, already found in the Early Middle Ages. In other words, such forms can be dated from any time period throughout Romanization, given that its history and metamorphosis is also that of the Portuguese language, at least in the northern regions of Portugal, where any rupture with the Latin linguistic past is highly unlikely to have taken place.

There are many conditioning factors of the localization and stratigraphic classification of a hydrotoponym, which are:

- The names of rivers that run through different districts are attributed to the districts where the respective headwaters meet. This criterion is certainly debatable, as cases of polyonymy along the course of a river are not uncommon, in addition to the fact that the name associated with the river can result from the inversion of a pre-existing toponym likely to be found in the upper, middle, or lower courses. Nevertheless, this problem is irrelevant in practice, because most of the rivers mentioned here run through regions that have a common linguistic history, at least since the period of the Roman Empire. The analysis of cases of hydrotoponyms,

such as *Minho*, *Douro*, *Tejo* (the Tagus), or *Guadiana*, associated with large rivers, can even benefit from this criterion, since, as regards the mainland Portuguese regions, little is known about its local use before or after the Roman Empire. As it does not seem that such names have their origins in the coastal areas, it is possible they have arisen in the Hispanic hinterland, up to the lower course of these large rivers, where they may have been generalized by the Roman rule.

– The attribution of a hydrotoponym to a stratum is seldom undebatable, as it depends on the available documentation and results from a judgement which is subject to a scale of degrees of certainty and even values of prototypicality not exempt of subjectivity. For this reason, we chose to consider many names that are commonly related to more archaic strata to be of obscure origin, without needing to find a documental basis or relevant linguistic-comparative grounding. The etymologies commented and proposed herein are, therefore, always subject to reviews and corrections depending on documentation that is either found in an unedited form or was impossible to collect for this investigation. Even so, it is reasonable to accept that the consulted sources for this work are representative of the information available about the discussed hydrotoponyms.

– It is necessary to once again emphasize that speaking of linguistic strata, in terms of hydroponymy or toponymy in general, is not the same as distinguishing the stratigraphy of common lexicon. In other words, the attribution of the hydrotoponyms to a stratum does not coincide with that which is done with lexical items that are found in the genesis of many of the analyzed names. For instance, the root of *vidoeiro* falls into the pre-Latin stratum, but that does not mean that the *Rio Vidoeiro* (Viseu) is registered in this stratum, its place having been previously found in the Latin-Romance stratum. The names *azenha* and *açude* are Arabisms, but neither the *rio das Azenhas* (Leiria) nor the *rio do Açude* (Lisboa) are ascribable to naming process verified in the Arabic linguistic period in the Centre-South and South of mainland Portugal. Such cases are registered in the Latin-Romance stratum – or even in the later modalities of the Galician-Portuguese or Portuguese periods, at times with Mozarab features – as they bear witness to the productivity of common lexical items from a certain stratum in the naming process.

– One geographic contrast that is imposed upon the observation is that which exists between the density of the river network of the territory to the north of the Tagus River and that of the territory to the south of this

river, or rather, directly south of the *Montejunto-Estrela* system.¹¹ The climate and soil conditions (more prolonged droughts) clearly contrast with that which are found to the north of this/these geographic limit(s). The meridional hydrography, therefore, appears less dense and the rivers shorter, which explains the lower or even very low absolute frequencies of the hydrotonyms corresponding to each southern district, a situation that can cause distortions when comparing the regional distributions.

Despite these constraints, it is possible to extract relevant data concerning hydrotonymic profiles within the national or regional contexts. In this sense, criteria have been defined regarding the identification of the pre-Latin, Latin-Romance language (encompassing both the Galician-Portuguese and the Andalusian Romance), Germanic, and Arabic strata. Such criteria are formulated in generic and flexible terms that make them compatible with the historical-geographic framework, without removing their critical power in the revision of the etymological proposals provided by the literature.

2.1 Pre-Latin Substata (non-Indo-European and Indo-European)

Opaque hydrotonyms¹² considered to be pre-Latin are those documented by the sources of Antiquity or whose configuration has

¹¹ The geomorphological limit between the North and the South may be identified with the so-called *Montejunto-Estrela* system, which runs to the north of the Tagus River but can include the Serra da Arrábida (Arrábida ridge), more to the south. This was the perspective of Hermann Lautensach (RIBEIRO; LAUTENSACH; DAVEAU, 1987, p. 135): “[As for] The dividing line between these two parts of the country [north and south of Portugal], we do not place it in the Tagus River, as did Ferraz de Carvalho (CARVALHO, 1930), because the right and left riverbanks always belong to the same morpho-structural unit. We place this line before the southern foothills of the Cordilheira Central (Central Mountain Range), that is, from the Serra das Mesas (Mesas Ridge) and the Serra das Gardunha (Gardunha Ridge), until the limestone ridges of the Mesozoic triangle. Since the Serra da Arrábida (Arrábida ridge), whose altitude reaches nearly 500 m, presents once again geomorphological characteristics similar to these limestone ridges, it seems to be advisable for the dividing line to cross the Tagus River and include even the peninsula of Setúbal in the geomorphological unit of the North of Portugal.”

¹² The metaphors of transparence and opacity are the basis of the definition of two semantic categories reported by PIEL (1979, p. 181-182; the original spelling is maintained, correcting minor typos): “[...] 2. It is important to remember that any proper name, be it a personal or place name, is, in a variable historical perspective, part of a

no recurrent toponymic use in either the past or the present, even if in their appearance they seem related phonologically and semantically to lexical items commonly recorded since the Middle Ages. For example, the hydrotoponym *Sul* (name of an affluent of Vouga, in the district of Viseu) is included in the pre-Latin stratum, because there are no records of similar toponymic uses that can be explained by the common Latin-Romance or Portuguese lexicon. In other words, this is not connected to the cardinal point *sul*, nor is it related to the Galician *sur*, ‘moisture of the land’ (see also DEE), items that, in fact, do not seem to participate in the genesis of toponyms. This assessment draws on the etymological proposals made in the context of philological and linguistic studies, which does not mean that they are uncritically accepted and are exempt from review and correction.

As regards the pre-Latin stratum, this work chooses to join the pre-Indo-European or non-Indo-European strata to the Indo-European stratum. This choice is certainly debatable, but, given the lack of documentation, more ancient names rarely exclude the possibility of loans or transferences of non-Indo-European elements having been assimilated into the Indo-Europeanization process of the territory known today as Portugal in a time period prior to the Roman conquests (the opposite situation should also not be discarded). In any case, the selected pre-Latin names are analyzed from the point of view of their relation to the

common name, hence the study of toponymic elements is inseparable from the study of the general lexicon, whether ancient or contemporary. This is a truth that appears even today in numerous instances, in which a specific toponym is distinguished from a common homophone name only by the capital letter, adding, of course, an alienation in the primitive sense in favor of the local one. People who visit *Pontevedra* remind the province and its capital, and not the the old bridge that gave it its name, a completely obliterated concept, or, at most, relegated to the subconscious. 3. Having been said that, it is also important to emphasize that, obviously, a place name is not always evident by means of its mere association with a common term found in general or regional dictionaries [...] 4. One first temporary classification of the tens of thousands of Galician place names may be drawn on the aforementioned two aspects, “broadly” distinguishing two categories: 1st: names of “transparent” significance, such as *Bouza* or *Chá(n)*, on the one hand, and 2nd: names of “opaque” significance, such as *Graña* or *Nendos*, on the other. We could also say “talking” names, as compared to “mute” names. Opaque or mute toponyms are therefore considered those in which we are unable to immediately relate to any element of the general-common Galician lexicon, regardless of its origin. [...]”

Indo-European roots established by the literature, primarily by Pokorny (1959-1969), Delamarre (1984), and Buck (1949), as well as Krahe's repertoire (1964), and Bascuas' studies and inventories (2002, 2006, 2014). The lists of suffixes reported by Guerra (1998) are also considered, which have the advantage of relying on sources from Antiquity and their critical approach by classical and Indo-European philology.

2.2 Latin-Romance strata

This is a longstanding stratum, which defines the common Portuguese lexicon (see also PIEL, 1989, p. 9-16). It is based on the Latin-Romance language tradition of Galician origin (in a broad, Galician-Portuguese sense) and includes elements of a meridional branch, identified with the so-called Mozarab romance language or the Andalusian romance spoken in southwest Iberia. The Galician stratum, to which the majority of the common Portuguese lexicon gives continuity, include names that relate, by conversion or prefix/suffix derivation, with items from the common Latin heritage lexicon, as well as names resulting, by conversion or prefix-suffix derivation, of items from the common pre-Latin or non-Latin lexicon that was absorbed within the Latin-Romance language lexicon of the Hispanic northwest.¹³ As regards the meridional romance language (the so-called Mozarabic romance language or the Andalusian romance language), descriptors are similar to those of the Galician origin stratum, although they do not share certain innovations and show interferences of the Arabic (and possibly Berber) dialects. Among the traits that the literature most commonly highlights as typical of the meridional Romance dialects, the conservation of Latin intervocalic *-n-* and *-l-* should be mentioned.¹⁴ It is apparent, however,

¹³ In this stratum, the common items and the deanthroponymic toponymy of Germanic etymology could also be integrated, since, in the peninsular northwest, the weight of the Germanic linguistic communities would have been scarce or practically non-existent, assuming that they were capable of communicating in Latin (in a broad sense, but at least in the vulgar modality). Nonetheless, we chose to highlight the Germanic toponyms within their own stratum.

¹⁴ The literature mentions as one of the characteristic traits the conservation of intervocalic Latin *-n-* e *-l-* (see also CARVALHO, 1959; TEYSSIER, 1982, p. 15-16; CARDEIRA, 2006, p. 34-35; CASTRO, 2006, p. 62-64; BROCARDO, 2014, p. 100-101). For an inventory of the phonomorphological traits of the Romance dialects from the old county of Coimbra, see also Azevedo (2005).

that a Latin-Mozarab stratum that can be separated from the Galician-Portuguese can hardly be defined here, since the specific traits of the Romance dialects of the *Gharb Al-Andalus* cannot always be clearly identified. It seems to be preferable to include the traces of such dialects in the dialectal *continuum* of the late Hispanic Latin, which interacted constantly either with the Romance forms of the Galician-Portuguese system, or with the Arabic system in all its variations.

The stratigraphy proposed here also does not consider the Portuguese stratum – «the Portuguese names themselves», as Vasconcelos (1931, p. 139-148) put it – as compared to the others. As occurs with French hydronyms (see also LEBEL, 1956, p. 8), a Portuguese stratum could also be broken down into medieval and modern stages. Moreover, the task of distinguishing such secondary strata is an operation that should take into account the dialectal breakdown of Portuguese, from its Galician beginnings to the territorial consolidation of the kingdom of Portugal, coupled with the question of the historical periodization of Portuguese. However, the underlying reason not to do so can be found primarily in the lack of a clear differentiation between the common Latin-Romance lexicon and the common lexicon of a possible exclusively Portuguese stratum. In fact, from the diatopic point of view, the archaisms of medieval, classic, and contemporary Portuguese, taken individually or in subgroups, continue those of Galician or Hispanic Latin-Romance, as many studies from Piel have shown (for example, PIEL, 1989, p. 11-12). If a line can be drawn between the Latin Romance layer and the Portuguese “layer”, it seems to be more operative in the perspective of a periodization of Portuguese than in the stratigraphic allocation of certain lexical items, which, though they have been anchored in a toponymy seemingly opaque to many contemporary speakers, still exist dialectally and are more transparent in such dialectal contexts.

2.3 Germanic Superstratum

This superstratum corresponds to a stratum of diffuse characteristics whose items show some degree of temporal dispersion: it comprises a Suevian-Visigothic first stage, documented by more specifically Galician items, such as *lobio* and *laberca*, or more generalized to the Peninsula, as in the case of *espeto* or *roupa* (FERREIRO, 2001); a second stage, that of the *Reconquista* (Reconquest) (eighth to eleventh centuries), marked by the expansion of the Visigothic deanthroponymic

toponymy in the peninsular northwest; and a third stage, with a very indirect impact, coinciding with the increase in the linguistic influence of the Gallo-Romance languages (see also PIEL; KREMER 1977; PIEL, 1989; BOULLÓN AGRELO, 1999).

It can be observed that the data concerning a Germanic impact on anthroponymy, and later on on toponymy, do not suggest a true situation of linguistic contact, in the context of a hypothetical expansion of Germanic dialects in the Portuguese territory. This study lacks sources as regards the possibility of their continued uses, since they had no conditions whatsoever for an interference as far-reaching as that of Arabic. In the examination of the hydrotponyms, we were only able to focus the second stage, that of the toponymy of Visigothic origin.¹⁵

2.4 Arabic superstratum

This superstratum is documented both in the onomastic (anthroponymy and toponymy) and in the common lexicon, and encompasses hybrid forms that make it difficult to identify Arabic elements, which show a challenging diatopic variation in the Iberian Peninsula (see CORRIENTE, 2003). In order to identify Arabic and Arabized hydronyms and their geographic distribution, we must first define the criteria for their selection. It is important to note that the identification of an Arabic or Arabized name is equally safer if one relies on the attestations available in existing medieval sources, whether Arabic or Romance, a requirement that is not always possible to satisfy. Nevertheless, it is important to meet some linguistic aspects, which are listed below (see AZEVEDO, 2005):

- Names beginning with *al-* are generally of Arabic origin, though there are a few items without this etymology, as pointed out by Asin Palacios (1940, p. 24).¹⁶ It should be noted that the form *al-*, representative of the

¹⁵ Regarding the Gothic origin of early medieval anthroponymy and topoanthroponymy in Iberian Northwest, Piel (1989, p. 151) declared: “[...] there is nothing in the form of the respective toponyms [from the NW of the Peninsula] that makes one assume an origin that is not Gothic, and most of them date back not to the period of Germanic settlement on Hispanic soil, but to the Asturian-Leonese era of the *Presurias* and Christian reconquest [...]”

¹⁶ For example, *albergue* is a word of Germanic origin, passed down to Portuguese through archaic Provençal (MACHADO, 1987); *Alvão* (Vila Real) harkens back to the anthrotoponym *Albanus* (MACHADO, 2003).

Arabic definite article, can be reduced to the allomorph *a-* as a result of assimilation of the lateral consonant [l] in the article to certain consonants at the beginning of the following word (the so-called solar consonants in Arabic grammatical terminology).¹⁷ In the common vocabulary and in the proper names, one can find illustrative cases of this assimilation (see also MACHADO, 1987, 1991, 2003, and DHLP): *adarve* (Hispanic Arabic *ad-dar* ‘path, gorge, alley’), *Açacaias* (Santarém; *as-saqāiā* ‘runoff, stream, water trickling in the bottom of a ravine’), *anadel* (archaism ‘chief, commander of a company of crossbowmen or gunmen’; from *an-naZir* ‘who sees, who contemplates; inspector, intendant, vigilant, vineyard guard; administrator’); *Arrábida* (Setúbal, Porto; *ar-rabiTā* ‘convent fortified to safeguard the border’); *atalaia/Atalaia* (*aT-Talā’a* ‘sentinel’), *Azóia* (*az-zauīā* ‘chant, hermitage, chapel where a saint or a marabout is buried’).¹⁸

– The element *ode-* is the Portuguese form of *wadi-* ‘river’, ‘valley’ (FERNANDES *et al.*, 2006, p. 69). Nowadays, the toponyms *Odesseixe* and *Odemira* illustrate the morphological autonomy of *ode-*, when contrasted with the hydronyms *Seixe* and *Mira*.¹⁹ It should be noted that the form *Guadiana*, which substituted for the older form, *Odiana*, presents the variant *guadi-*, due to Castilian transmission.²⁰

– Arabic anthroponymy is also retained in Portuguese toponymy, which is recognizable in southern names beginning with *bem-/ben-* or *bu-* (respectively, of *ibn*, ‘son’ and *ab-*, ‘father’) and followed or not by an etymologically Arabic element: *Beniça* (Sines), *Benafátema* (Silves), *Benamola* (Loulé), *Bensafrim* (Lagos), *Buçalfão* (Évora). These elements may undergo distortions, as occurs in the case of *Bela Mandil*, in Olhão (MACHADO, 1991). Other names contain configurations that are not as easily recognized, ex.: *Ceide* (Vila Nova de Famalicão), probably of *sāid*, ‘chief, sir, prince’ (MACHADO, 2003). These names reveal a variation stemming from their morphological and phonological adaptation to the dialects of mainland Portugal.

¹⁷ Corriente (2002, p. 60) explains that assimilation takes place with dental consonants /t/, /d/, /t̪/, /d̪/, /n/, /l/, /r/; the alveolars /t̪/, [d̪], and /z/; the pre-dorsal alveolar /s/, /z/, /ʃ/; and the devoiced pre-palatal /s̺/ (classification and annotation of the author herein referred to).

¹⁸ The Arabic etyma follow here the “transcription method” proposed by Machado (1987).

¹⁹ Sobre *wadi-*, see also Terés (1986, p. 31).

²⁰ *Guad-* is the predominant form in Castilian-speaking regions, but in Spanish western regions one can also come across *ode-*, like in *Odiel*, in the province of Huelva.

– There are also names of rivers that ultimately have an Arabic etymology, but reveal Arabic phonological interference, as is the case of *Tejo* (MACHADO, 2003) and possibly *Erges*, in Beira Baixa (idem) which are evidence of Latin *g* being systematically replaced by Arabic pre-palatal affricate /ǧ/ (see CORRIENTE, 2002, p. 23). *Tejo* is also evidence of *imala* phenomenon, which consists of the raising of /a/ to /e/ or /i/ (idem; cf. *Tajo*, in Castilian, without *imala*). One should also mention *Cacela*, probably from *Castellum*, with the substitution of *-um* for *-a* and the simplification of the Latin *-st-* to [s] (LOPES, 1968, p. 23).

– It is crucial for Portuguese toponyms formed in the Arab occupation period not to be confused with the toponymy that results from the use of the common vocabulary of Arabic origin in naming rural and urban areas as well as geographic features.²¹

– There is also the possibility of finding names that are translations from previous Arabic names, as is the case with many rivers *Mel* that have to do with *wadi al-‘asal*, which describes the water as fresh, as compared to *Rio Salado* (*Salado River*) (see also ASÍN PALACIOS, 1944, p. 24).

– Some hydronyms may derive their names from adjectives which are prone to being converted into anthroponyms. The case of *Almançor* shows how a non-agentive participle, in this case used with an article, may appear as a proper name (TERÉS, 1992, p. 29).

3 Stratigraphic and regional distribution of hydrotoponyms by strata and regions

The interpretation and classification of hydrotoponyms allows their regional and stratigraphic distribution to be defined as shown in Table 2, which quantifies stratigraphic categorization and crosses it with hydrotoponymic regional distribution (by districts). It should note that the regional distribution repeats the contrasts that the literature has pointed out, namely the growing Arabic or Arabized mark from the north to the south, which can, in the more meridional districts, equal the frequency of cases of Latin-Romance origin, as occurs in the districts of Beja and Faro.

²¹ Already in 1918, Leite de Vasconcelos had warned (VASCONCELOS, 1918, p. 63): “[...] We must not illude ourselves with words such as *Alcaide*, *Aldeia*, *Atalaia*, *Azenha* that come or came from the day-to-day lexicon of the entire country, and that may have been applied as geographic designations after having been introduced into the language [...]. Words such as *Albufeira* and *Almargem* share the same circumstances and come from the southern language, or simultaneously from the South and Beira.”

TABLE 2 – Distribution of the hydrotoponyms by district and by strata

		obscure		pre-Latin		Germanic		Arabic		Latin-Romance/ Portuguese		total
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Viana do Castelo		10	16.13%	6	9.68%	2	3.23%	0	0.00%	44	70.97%	62
Braga		7	16.28%	6	13.95%	3	6.98%	0	0.00%	27	62.79%	43
Oporto		3	10.00%	3	10.00%	1	3.33%	0	0.00%	23	76.67%	30
Vila Real		15	33.33%	1	2.22%	0	0.00%	0	0.00%	29	64.44%	45
Bragança		1	4.76%	5	23.81%	0	0.00%	0	0.00%	15	71.43%	21
	North	36	17.91%	21	10.45%	6	2.99%	0	0.00%	138	68.66%	201
Aveiro		3	6.25%	10	20.83%	2	4.17%	1	2.08%	32	66.67%	48
Viseu		9	16.98%	8	15.09%	1	1.89%	1	1.89%	34	64.15%	53
Guarda		4	21.05%	8	42.11%	0	0.00%	1	5.26%	6	31.58%	19
Coimbra		5	26.31%	0	0.00%	0	0.00%	0	0.00%	14	73.68%	19
	Centre-North	21	15.11%	26	18.71%	3	2.16%	3	2.16%	86	61.87%	139
Leiria		5	6.98%	3	11.63%	0	0.00%	4	9.30%	31	7.09%	43
Castelo Branco		4	44.44%	1	11.11%	0	0.00%	2	22.22%	2	22.22%	9
Lisbon		9	24.32%	0	0.00%	0	0.00%	4	10.81%	24	64.86%	37
Santarém		2	14.29%	1	7.14%	0	0.00%	3	21.43%	8	57.14%	14
	Centre	20	19.42%	5	4.85%	0	0.00%	13	12.62%	65	63.11%	103
Setúbal		0	0.00%	1	25.00%	0	0.00%	0	0.00%	3	75.00%	4
Portalegre		3	60.00%	2	40.00%	0	0.00%	0	0.00%	0	0.00%	5
Évora		4	44.44%	0	0.00%	0	0.00%	4	44.44%	1	11.11%	9
	Centre-South	7	38.89%	3	16.67%	0	0.00%	4	22.22%	4	22.22%	18
Beja		4	36.36%	1	9.09%	0	0.00%	2	18.18%	4	36.36%	11
Faro		4	44.44%	1	11.11%	0	0.00%	2	22.22%	2	22.22%	9
	South	8	40.00%	2	10.00%	0	0.00%	4	20.00%	6	30.00%	20
National Profile		92	19.13	57	11.85	9	1.87	24	4.99	299	62.16	481

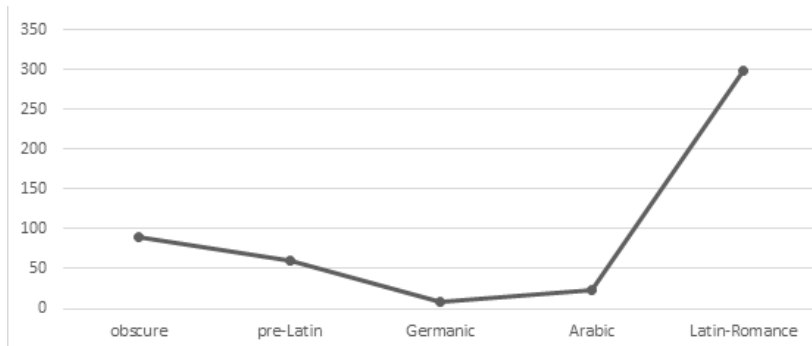
As regards the hydrotoponyms of Germanic origin, which are quite abundant in deanthroponymic toponymy and typical of the northern third of Portugal (see also PIEL, 1937; 1944; PIEL; KREMER, 1977; PIEL, 1989), they amount to a rather small contribution for the set of hydrotoponyms analyzed in the present study. In fact, only nine cases (1.82%) were registered, practically limited to the districts of Aveiro, Viseu, Porto, Braga, and Viana do Castelo, that is, they are especially concentrated in the northwestern corner of the Portuguese mainland. In addition, this impact appears to translate only into secondary hydrotoponyms, that is, in river names most likely resulting from the pre-existing deanthroponymic toponyms. Examples, such as those of *Eiriz* (Porto), *Froufe* (Viana do Castelo), or *Guisande* (Braga), which are also place names, correspond historically to situations in which villages and their respective toponyms played the role of locating and referencing the watercourses that we identify today by the aforementioned hydrotoponyms.

It is equally revealing that, among the 481 hydrotoponyms under study here, only 38 (7.88%) refer to watercourses to the south of the Tagus River. And even if this calculation includes the districts to the north of the river Tagus that can be found immediately to the south of the Montejunto-Estrela system – Lisboa, Santarém, and Castelo Branco, contributing with more than 60 names –, the total of 98 hydrotoponyms (38+60) does not reach one fourth (20.33%) of the selected nomenclature.²² This discrepancy has, as previously mentioned, a clearly climatological explanation, based on the fact that, the farther to the south, in a relatively low terrain and where the precipitation is less significant and constant, there are fewer rivers with an undisturbed watercourse.

Graph 1 represents the distribution of the hydrotoponyms studied here by means of linguistic strata.

²² It should be noted, however, that the district of Lisbon aligns with Leiria and the districts to the north, since it counts 37 hydrotoponyms, thus reflecting geographic conditions of significant Atlantic influence. This observation, therefore, is congruent with the geomorphological perspective of H. Lautensach, who would suggest the inclusion of the peninsula of Lisbon and the majority of the Setúbal region in the northern part of Portugal (see also RIBEIRO; LAUTENSACH; DAVEAU, 1987, p. 135).

GRAPH 1 – Distribution of mainland Portugal’s hydrotoponyms by linguistics strata (absolute frequencies)



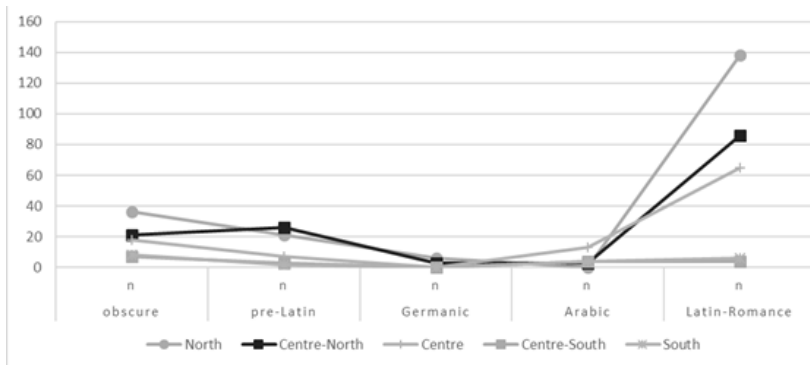
Graph 1²³ shows that the Latin-Romance stratum (including the more recent Portuguese periods) is heavily present (299 hydrotoponyms, that is 62.16%), followed distantly by the pre-Latin strata (59 hydrotoponyms that correspond to 12.27%) and the Arabic one (24, or 4.99%), while the Germanic stratum has a lesser representation (9 names, making up 1.87%). It should be noted that Table 2 and Graph 1 also refer to the hydrotoponyms of obscure origin – that is, to a set of hydrotoponyms of a non-identifiable stratum, completely absent from the consulted sources and unable to be contextualized even by comparison with toponyms of extra-Portuguese regions –, which reach a significant frequency (90 names, or 18.71% of the group).

Regionally, the distribution of hydrotoponyms is not far from the national tendency represented in Graph 1, except for the Arabic stratum, which is absent north of the Douro, represented by some cases until the Mondego, but clearly frequent to the south of this last river. Graph 2 highlights this difference, distinguishing five regions: North, Centre-North, Centre, Centre-South, and South. The disadvantage of this

²³ In Table 2 and in Graph 1, the values of the Latin-Romance stratum appear after the values corresponding to the Germanic and Arabic superstrata. This form of presentation is certainly debatable, since the Latin-Romance stratum is conceivable as an intermediate layer of the foundation, on which the Germanic and Arabic elements are deposited (superstrata). However, this representation is not inappropriate if one considers that the Latin-Romance stratum, due to its broader temporality, overlaps with these superstrata, lasting through later periods until reaching the Portuguese contemporary period.

distinction is that the more meridional regions present fewer occurrences, thus causing a distortion in the percentages. In any event, the distribution clearly points to a greater frequency of Arabic or Arabized names in the Centre, Centre-South, and South regions of mainland Portugal, although in these regions it is worth emphasizing the large number of hydrotoponyms whose origin is obscure, not clearly related to identifiable or typical linguistic units or traits of the strata in question.

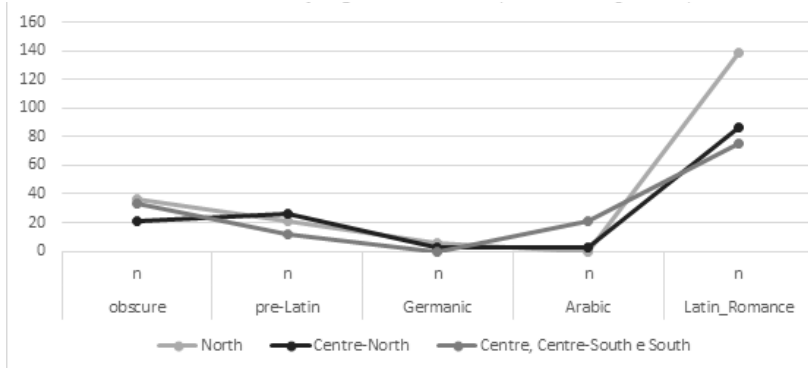
GRAPH 2 – Distribution of mainland Portugal’s hydrotoponyms by regions and strata (absolute frequencies)



In order to balance the samples, the hydrotoponyms of the Centre, Centre-South, and South regions were joined together, as shown in Graph 3. The association of the groups corresponding to these regions does not substantially change the results presented in Graph 2. In other words, in the group formed by the districts of Leiria, Castelo Branco, Lisboa, Santarém, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja, and Faro, the Arabic stratum is represented by more hydrotoponyms than in the other districts (21 hydrotoponyms, or 14.89%). Even so, the number of hydrotoponyms without a clear filiation remained high and was therefore classified as obscure. It should be noted, however, that the joining of the hydrotoponyms of the more meridional districts of mainland Portugal in a single class allows one to approximate the frequency of the names of the Latin-Romance stratum to that of the North and Centre-North districts. This observation can be explained by the fact that joining the Leiria and Lisbon river groups corresponds to a significant quantitative status, with the particularity of having associated hydrotoponyms created

in the Latin-Romance stratum, during the Galician-Portuguese period or later in the fully Portuguese linguistic periods.

GRAPH 3 – Distribution of mainland Portugal's hydrotoponyms by regions and linguistic strata



The significant frequency of the names of obscure origin in the Centre, Centre-South, and South regions, as presented in Graphs 2 and 3, may well be due to a difficulty in assigning the constituents of the more meridional hydrotoponyms, on the one hand, to a family or linguistic sub-branch and, on the other hand, to the variation of the Andalusian Romance and Arabic may possibly have caused to cognate or related morphemes of those which form the names of the Centre-North and North.

It can, therefore, be verified that, from the stratigraphic and quantitative points of view, the hydrotoponyms in question are hierarchically available in the following manner:

- 1.º – Hydrotoponyms of Latin-Romance origin, common in all of mainland Portugal.
- 2.º – Less common pre-Latin hydrotoponyms, dispersed throughout the territory.
- 3.º – Arabic or probably Arabized names with a less generalized distribution: from the left margin of the river Douro southwards, they occur sporadically in the Centre-North region (for example, *Alfusqueiro*, in Aveiro, or *Múceres*, in Viseu), and become numerous in the Centre, Centre-South, and South regions, where it is typical to find hydrotoponyms prefixed by *ode-* or *odi-* (*Odeleite*, *Odivelas*).

Excluded from this classification are the hydrotoponyms related to the Germanic stratum, as these occur only secondarily, as names with a former determinative function and allusive to pre-existing toponyms based on Germanic (Visigothic) anthrotoponyms.

It is noteworthy that the group without a clear stratigraphic attribution amounts to 92 hydrotoponyms (19.13%), a significant number which, in some way, reflects how proper names, namely toponyms, are subject to irregular changes that make them opaque, a result that may not be likely to indicate a remote pre-Latin origin. This category includes names whose etymology cannot be determined, because their constituents involve phonological and analogical processes that obscure their filiation and prevent their clear identification, making them ascribable to any time period. The diatopic variation can, in fact, illustrate cases of substitution of segments that the standard language did not include: for example, the substitution of liquids in *Filvida* (district of Aveiro) – most probably *Fírveda*, in the municipalities of Amarante and Peso da Régua, or *Fírvida*, in the municipality of Marco de Canaveses (see also MACHADO, 2003 s. v. *Fírveda*) – a case that should be considered as a regional tendency that does not seem to have affected other linguistic modalities. Some hydrotoponyms can be totally or partially identified with morphic elements of Indo-European origin (pre-Latin or non-Latin – ex. *Beça*, *Pele*, *Xarrama*, *Tera*); others can fit into lesser known, pre-Indo-European or non-Indo-European strata (ex. *Sizandro*), including even Arabic or Berber elements that are not easily identifiable (ex., *Séqua*); finally, there are cases in which a morphic configuration has an Latin-Romance “air of family”, but resists a strict filiation (ex., *Arado*, in Braga, or *Vigues*, in Aveiro). However, it is possible to join most of this group into the pre-Latin stratigraphic group, if the identification criteria of the pre-Latin elements becomes more flexible, for example, accepting proposals such as those from Bascuas (2002, 2006, 2014) especially as regards the current Galician territory. If one proceeds in this manner, the pre-Latin group could reach nearly 30% of the hydroponymic nomenclature in question here.

In any event, within the strict context of hydroponymy, outside of its intrinsic solidarity with all toponymy, according to Table 2 and in Graphs 1, 2, and 3, it can be observed that an attempt of etymological classification tends to reduce its number of classes, as compared to that of Vasconcelos (1931, p. 139-148), especially due to the relatively low

impact of Germanic names, coupled with the adoption of criteria inspired by Lebel (1956), which lead to the concept of a Latin-Romance stratum that is chronologically longer and therefore more inclusive. One can, therefore, propose a stratigraphy of the names of Portuguese rivers that is alternative to that of Vasconcelos (1931), as presented on the right side of Table 3.

TABLE 3 – Comparison of Vasconcelos’ (1931) typology with a proposal of stratigraphic characterization of mainland Portugal’s hydroponymy

Etymological typology of Vasconcelos (1931, p. 139-148)	Proposal of stratigraphic characterization of mainland Portugal’s hydroponymy
Pre-Roman names	Pre-Latin strata
Roman names	Latin-Romance statum
Germanic names	
Arabic names ²⁴	Arabic stratum
Names of varied origin	
Portuguese names proper	

In this table, the term *pre-Latin* applies to the plural *strata*, since multilingualism or multidialectalism in the same linguistic family (or subfamily) constituted the linguistic situation prior to or contemporary with Romanization. In the same table, the Latin-Romance stratum on the right column corresponds to different etymological types of names, except for those created by Arabophone communities. Elements and morphemes from the common lexicon are therefore grouped together with the Latin basis; they have been identified separately by the literature, as is the case with those of Germanic origin, which the studies in onomastics and toponymy identify mainly in northwestern Portugal, as well as those of the so-called Mozarabic Romance (or, as CORRIENTE, 2003) propose, the Romandalusian), which for centuries was the privileged medium for

²⁴ Leite de Vasconcelos defines three zones due to the degree of Arabization (VASCONCELOS, 1931, p. 143-147): to the north of Douro, with little Arabic influence; between Douro and Mondego and the south of this river (county of Beira), zone that belonged “to centuries VIII and XII, at times to the Arabs, at times to the Christians”; Estremadura and the region to the south of the Tagus.”

conveying the set of items that Piel (1989, p. 12-13) called the “Arabic lexical alluvium”. This does not contradict what Table 3 presents, a highly individualized Arabic layer, from the onomastic and toponymic point of view, representative of the interference or of the actual use of the Arabic language by the populations of the southwest Iberian Peninsula. This stratum is strongly marked either by deanthroponymic toponyms, with an impact even to the north of the Douro (see also SERRA, 2967), or by items of the common lexicon that were not absorbed by the fundamentally Latin stratum.

4 Homogeneity of macro-hydroponymy vs. heterogeneity of microponymy

One relevant dimension to understanding the structure of mainland Portugal’s hydroponymy is the extension of the named rivers. This may well be pertinent for the etymological interpretation of each name, allowing for the identification of two subgroups in the set of hydroponyms commented in this study. Thus, when addressing the names of the longer rivers (type I), studies and commentaries assess part of them as an archaic onomastic heritage,²⁵ with a greater presence especially in the political-governmental tradition; the names of shorter rivers (type II) and with less historical-governmental relevance would have been more exposed to changes. Such tendencies are pointed out by Moralejo (2007), when, in the Galician context, places macro-hydroponymy against micro-hydroponymy:

§ 5. Para el inventario de hidronimos prerromanos es básica la macrohidronimia, es decir, Duero, Limia, Mino, Lerez, Ulla, Tambre, Mandeo, Mero, Eume, Sor, Eo, Navia... y algunos de sus afluentes mayores -Avia, Arnoia, Deva, Pambre, Sil, Tea...- mientras en la microhidronimia abunda lo románico, tal como puede confirmarse en una primera ojeada al mapa e índice antes citados; pero sin que falte material prelatino notable, incluso

²⁵ Read, for example, the following observation in Silveira (1940, p. 383) regarding the hydroponym *Dão*: “Almost all of the names of our rivers in some way, except for those of Arabic origin, from the south, belong to the pre-Roman indigenous languages; and, as its use was previously unknown to us, everything that can be said about their sense is very uncertain.”

como léxico comun. En esa ojeada se hace también patente el escasísimo número de hidrónimos de origen germánico, que además pueden ser hidrónimos secundarios (tipo río de Saa, del germánico *sala* común y toponímico). A fin de cuentas, la primera impresión que se obtiene de una lista hidronímica galaica parece la misma y axiomática que en otras áreas: mayor profundidad temporal y estabilidad de la macrohidronimia, mayor renovación y modernidad de la microhidronimia. (MORALEJO, 2007, p. 103)

Due to its old association with Portuguese rivers or other geographic features, the type I hydrotoponyms collected here, therefore, are in accordance with that which Moralejo calls *macro-hydronymy*. In this sense, the predominance of the names of pre-Latin origin is clear in this group, confirming a tendency that can be found in the majority of the Iberian Peninsula and other regions where Romance languages took root. With greater rivers, however, there is greater stratigraphic diversity and the names may be much more recent.

Thus, 18 type I hydronyms are attested, directly or indirectly, either in sources of Antiquity (*Ave, Douro, Lima, Minho, Mondego, Tâmega, Tejo, Vouga* and, partially, *Guadiana*²⁶) or in medieval documents (*Alva, Cávado, Coa, Dão, Sabor*). This group can be found in the pre-Latin strata, given the difficulty in interpreting it, through items of the common lexicon or of onomastics from Latin in general and, in particular, from Hispanic Latin. Moreover, the cases of solely medieval attestations do not fit into either the Germanic anthroponymy or among the units of Arabic origin. Four hydronyms – *Mira, Sado, Sorraia*,²⁷ *Zêzere* – remain, of which three are of obscure origin, even though they can most likely be classified among pre-Latin names. Only *Sado* seems to stand outside this group, within a highly unlikely relationship either with the pre-Latin strata or with the Latin root. It is also important to highlight that three of the four cases that raise the most doubts about their origin – *Sorraia, Sado, and Mira* – constitute, with *Tejo* and *Guadiana*,

²⁶ In fact, *Guadiana* is a compound, and therefore the element *-ana* is to be grouped with the other hydrotoponyms mentioned herein, given that the forms *Ana* or *Anas* can be found in the sources from Antiquity (see also GUERRA, 1998, p. 278-280).

²⁷ *Sorraia* is a case of agglutination of two names, *Sor* and *Raia*, the latter, apparently more recent, may well be an item belonging to Latin-Romance stratum, while the former is possibly pre-Latin.

the reduced type I hydrotponymic list in the southern half of Portugal, which is a reflection of the aforementioned conditionalism of climate and terrain, which make the fluvial network less dense. These physical-geographic factors are aligned with the prolonged interference of Arabic, which, faced with the lack of documentation that allows continuity of transmission to be recognized or assumed, obscured the relationship with the characteristic toponymic series of the pre-Latin and Latin-Romance strata, while, in other cases, they have broken with them completely.

By contrast, hydrotponyms that apply to shorter rivers (from 20 to 100 km) are recorded by heterogeneity. In this sense, this group – type II – includes names that both revert to Antiquity and can be attributed to historical periods of the Portuguese language. Increasing the number of names under analysis also increases the stratigraphic diversity of their distribution, as presented in the following sections.

5 Typologies of the genesis and transmission of hydrotponyms

As explained in section 3, Table 2 suggests the predominance of names of a configuration accepted as Indo-European (pre-Latin or already Latin) in the North and Centre-North, a tendency which appears to fade away in the Centre, Centre-South, and South, either due to the number of names of obscure origin or by the names of Arabic origin or interference (see Graph 3). With the more archaic southern hydrotponyms – for example, *Tejo*, *Guadiana*, or *Arade* – the analysis would be more appropriate if each name were considered as a result of interactions between two forms of transmission that shaped the current form. On the other hand, it deals with Latin influence and later on with Romance influence, in its diatopic varieties, which can be grouped in two large systems, the Galician-Portuguese one, and the Southern one, generally called Mozarabic. On the other hand, it tells the story of Arabic interference, in its Andalusian varieties, acting as a stratum that took advantage of forms possibly modified by southern Romance dialects, and transmitted them into Portuguese. The distinction of various linguistic strata through which the hydrotponyms passed south of the Mondego basin should, therefore, correspond strictly to a temporal sequence constituted by four stages of transmission: Latin, including the Germanic period; Mozarabic or southern Romance – which might reflect the contact with Arabic –; Arabic itself, which interfered in the forms processed

or not by Mozarabic dialects; and finally, as of 11th to 12th centuries, Galician-Portuguese or already Medieval Portuguese, which introduced their successive characteristic phonological processes. The scheme in (1) represents this chain of stages in relation to the hydronym *Tejo*:

(1)	Pre-Latin stage	Latin stage	Arabic stage	Portuguese stage
	* <i>tag-</i>	<i>Tagus</i>	<i>Taġu</i> (with <i>imela</i>)	<i>Tejo</i>

The sequence represented in (1) is the typical transmission chain of a hydrotoponym of most of the region to the south of Tagus, where Arabization must have been complete at the beginning of the 13th century (VICENTE, 2006, p. 32), followed by a re-Romanization resulting from the Reconquest in the middle of the same century. It should be underscored, however, that the four stages referred to in (1) only seem to be globally valid for the territory to the south of Douro, since, in certain areas to the north, the toponymy, in general, and the hydrotoponyms, in particular, may contain Arabic or Arabized elements, but mainly through Arabic anthroponymy (see also Serra, 1966). Thus, in the region between Minho and Douro (or a little further south, until Vouga) and, possibly including the district of Vila Real, two stages can be seen – Latin and medieval Portuguese (or Galician-Portuguese) – with no solution of continuity, given that the transmission process was not permeated by Arabization. In these regions, the transmission chain of the names is simpler than that represented before in (1), according to that illustrated in (2), as follows:

(2)	Pre-Latin stage	Latin stage	Galician-Portuguese stage
	* <i>Limia</i>	<i>Limia</i>	<i>Limia, Lima</i>

Each stage is defined by morphological adaptations and specific phonetic phenomena, which can also be organized according to Table 4:

TABLE 4 – Examples of the etymological transmission chain with identification of phonological traits and intervening morphemes

	Pre-Latin roots and prefix/suffix	Latin-Romance Language Stratum		
		Latin-Romance stage	Arabic stratum	Galician-Portuguese/Portuguese stage
		Phonomorphologic Adaptation	- <i>imala</i> ; -substitution /dʒ/ or /ʒ/ for /g/	Phonomorphologic adaptation
<i>Tejo</i>	* <i>tag-</i>	Tagus	<i>Tağuh</i> (LOPES 1968: 115), <i>Tāyô</i> (TERÉS 1986: 158/159)	Tejo
<i>Lima</i>	* <i>lim-</i>	Limia		Limia/Lima

5.1 Lexicon and onomastics in the genesis of mainland Portugal's hydroponymy

The genesis or creation of the hydroponyms commented upon here involve a distinction applied by Martínez Lema (2010, p. 39-41) in the context of Galician toponymy, which also appears to be functional within the scope of this work, though with certain adaptations. It treats the contrast between the delexical toponymy, whose base is formed by the common lexicon, and deonomastic toponymy, resulting from pre-existing proper nouns, including toponyms that secondarily give rise to new toponyms.²⁸

This last case is especially relevant for the study of mainland Portugal's hydroponymy, given the importance of the conversion of pre-existing toponyms into hydroponyms. It can be observed, in fact, that delexical hydroponymy is always likely to be distinguished from the deonomastic one, because phytonyms or even hydronyms are susceptible to first being set as place names, to later be converted into hydroponyms.

²⁸ As observed above, hydroponymy can take on a secondary character, by allusion or transference of the existing toponymy. See also Moralejo (2007: 103) on the case of Galicia.

It can be seen, for example, that the hydrotoponym *Teixeira*, which is found in the districts of Braga, Porto, Aveiro, and Viseu, is attributable to place names that were also later used to identify the watercourses that run through them; and both the *Rio Fervença* (*Fervença River* – Bragança) and *Rio Marnel* (*Marnel River* – Aveiro), although made up of items corresponding to hydronyms (*fervença*, *marnel*) that are even today a part of the Portuguese common lexicon,²⁹ appear to be associated with prior toponymic uses. In the group of mainland Portugal's hydrotoponymy, the deonomastic toponymy, therefore, stands out, especially as regards the origin of toponyms, which justifies that here, the term *detoponymic* is used in such a way as to point out this type of genesis. The classification of the hydrotoponyms studied according to two genetic categories – delexical and detoponymic – allows their distribution to be defined as presented in Table 5:

TABLE 5 – Delexical hydrotoponymy and detoponymic hydrotoponymy in mainland Portugal (absolute frequencies)

Delexical	167
Detoponymic	241
Typologically ambiguous	73
Total	481

In the above table, the hydrotoponyms of secondary nature (detoponymic) stand out in the group of river names in question here. Following these are the hydrotoponyms resulting from direct denomination, which can correspond to adjectival items (in the Latin-Romance stratum, typically, *Frio*, *Grande*, *Mau*, *Resmungão*, *Sordo* or *Torto*, among other adjectival items) or determinative expressions that do not seem to have had prior toponymic uses (*Farbança*, *Horta*, *Ínsua*, among others). However, the number of typologically undefined hydrotoponyms is noteworthy: these are names of obscure origin, which means that they do not contain elements that clarify their genesis; and, while assuming that these are delexical items, one cannot discard the possibility of corresponding to secondary hydrotoponyms. But what

²⁹ See also Figueiredo (1913).

the significance of the detoponymic category illustrates above all is that hydrotoponymy does not form an autonomous domain in the context of the toponymy of a region or country. In fact, the sample of mainland Portugal's hydrotoponyms discussed in this study is an integral part of a majority of names that do not point to a hydrotoponymic system or, at least a homogeneous, autonomous group as regards the remaining toponymy, not even in regions where one could imagine the Paleo-European or Ancient European toponymy to be more deeply rooted (see also BASCUAS, 2002, 2006, 2014).

A final, brief observation about the relationship between the two categories in question and the stratigraphic proposal here discussed. Nearly all the strata are represented by hydrotoponyms that date back to a time when the corresponding languages were active, but, as mentioned above, it can be observed that those related to the Germanic stratum do not point to the actual use of dialects from this linguistic subfamily. The existence of a Germanic hydrotoponym can only be verified as a secondary upshot, subsidiary to other toponyms, primarily of a land-based nature, which finds its genesis in the conditions of the power expansion of the Asturian and, later Leonese, kings.³⁰ The hydrotoponyms that present Germanic roots stem, therefore, from the displacement of a toponym or from the widening of its use as a determinative, which explains the more recent cases of duplication, that is, of cases in which place names are also used to name rivers: for example, the place name, *Zonho*, in the district of Viseu, which seems to explain the hydrotoponym *Rio do Zonho* (*Zonho River*). In this connection, concerning the scope of pre-Latin and Latin-Romance strata, the relationship between *Vouzela* and *Zela*, in the district of Viseu, is also worth mentioning, as the second name is most likely an apheretic form of the first, even though *Vouzela* had most likely begun as a hydronym derived from *Vouga*, that is to say, under the form **Vauca*.

It is important here to return to Lebel's (1956) typology, according to which hydronymy might have an appellative, descriptive, or determinative character. The interpretation of the different stratigraphic classes of the Portuguese hydrotoponymy shows that the motivation of

³⁰ We do not enter here into the controversial question of the name of the Christian kingdom from the Iberian Northwest, in which ancient Lucense Galicia (more than two thirds of present-day Galicia) played a relevant political role.

the hydrotoponyms is quite diversified in the Latin-Romance stratum, an observation which does not appear to be valid concerning the heterogeneous stratum of the pre-Latin. In this sense, since urban life had not been developed in protohistory, it is doubtful that there are pre-Latin hydrotoponyms that are constructed by allusion to urban settlements, in contrast to Latin-Romance hydroponymy, in which the cases of determinative type toponymy are quite abundant in the fully Portuguese later stages. In this light, the archaic or proto-historical hydrotoponyms (those that could be included in the discussion of ancient Europe, according to that proposed by KRAHE, 1964, and findings from BASCUAS, 2002, 2006, 2014), would all be decipherable in the lexical context, harkening back to hydronymic vocabulary from ancient languages. In other words, the pre-Latin hydroponymy would lack the cases of deonomastic motivation, as compared to medieval hydroponymy. Nonetheless, the picture is not so linear, especially when either the ethnonymy or the pre-Roman or indigenous theonymy coeval to Romanization are placed under scrutiny. What lacks here is a deeper investigation of the relationship between the pre-Latin or obscure hydrotoponyms and the group of western Iberian theonymy and ethnonymy.

Taking into consideration Martínez Lema's (2010) typology, one can observe that only a small part – 90 (18.52%) – of the hydrotoponyms discussed in this study correspond to cases of toponymic continuity either since Antiquity or since the Middle Ages. Rare are the cases in which the current hydrotoponym was set by substitution of another (5 hydrotoponyms, or 1%). But a highly significant number (233 names, corresponding to 48% of the studied repertoire) consists of cases of displacement or of transference of a toponym as a determination of the hydrotoponym. In other words, it is common for names that result from the use of a pre-existing toponym to be used to identify a watercourse. It should be noted that a significant number (157, that is, 32.3%) have characteristics that hinder their clear inclusion within one of these types, as they have no clear elements about their history, which could be either remote or recent.

Final considerations

Despite the stability that many authors assume as the defining characteristic of hydrotponyms, the present study revealed that the collected nomenclature is vulnerable to History and is thus susceptible to changes stemming from the demographic and cultural history of a given territory. If it is true that the denomination of the large rivers maintains roots that come from protohistory, hydrotponymy proves to be diachronically dynamic, encompassing today names whose attribution either dates from the Middle Ages, in Latin-Romance context or Arabic context (the latter in a situation of diglossia with Romance speech for a long time), or can only be set in the later periods of the Portuguese language. It is therefore noteworthy that various cases of substitution, such as that of *Celadus* (GUERRA, 1998, p. 387-388) for *Cávado*, in the early Middle Ages (v. *Cávado*); or those of extension (considering it as a type of displacement, according to the conceptualization adopted by MARTÍNEZ LEMA, 2010), as seems to have occurred with *Sado*, which, from place name or name of a stretch of the river thereby named, was generalized to the entire watercourse; or even that of *Alcoa* and *Baça*, which most likely corresponds to a pseudo-erudite reanalysis of *Alcobaça*. It is certain that the names commented upon in this study are already the result of a selection with administrative purposes, which must be submitted to a confrontation with the contemporary or past regional uses, a comparison which was unable to be performed in this work.

Another discussion point takes into consideration that it is exactly through the contribution of the Latin-Romance stratum to the Portuguese hydrotponymy as a whole that this investigation is required to scrutinize the toponymy of other regions in the Iberian Peninsula, among which are those that have had more direct political and linguistic contact with Portuguese populations. In the western regions of the peninsula, the Galician presence is the demographic and linguistic correlate of the advance of the Reconquest. It is therefore never too much to highlight the contribution of the studies on Galician toponymy, which are of utmost importance and essential to understand the history of the northern Portuguese toponymy and of the associated naming processes.

References

- AEBISCHER, P. Études de Stratigraphie Linguistique. *Romanica Helvetica*, Berne, Francke, v. 87, 1978.
- ANDERSEN, H. (Ed.). *Language Contacts in Pre-History*. Studies in Stratigraphy. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishers Company, 2003.
- ASÍN PALACIOS, M. *Contribución a la Toponimia Árabe de España*. Madrid: Imprenta de Estanislao Maestre, 1940.
- AZEVEDO, M. L. *Toponímia moçárabe no antigo condado conimbricense*. 2005. Thesis (PhD in Portuguese Linguistics) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005.
- BASCUAS, E. *Estudios de Hidronimia Paleoeuropea Gallega*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico; Universidade de Santiago de Compostela, 2002.
- BASCUAS, E. *Hidronimia y Léxico de Origen Paleoeuropeo en Galicia*. Corunna: Edición do Castro, 2006.
- BASCUAS, E. *Novos Estudos de Hidronimia Paleoeuropea Galega*. Vigo: Universidade de Vigo, 2014.
- BOLÉO, P. Os Estudos de Antroponímia e Toponímia em Portugal. *Revista de Portugal*, v. XVIII, n. 115, p. 145-152, 1953.
- BOULLÓN AGRELO, A. I. *Antroponimia Medieval Galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1999.
- BROCARD, M. T. *Tópicos de História da Língua Portuguesa*. Lisbon: Edições Colibri, 2014.
- BUCK, C. D. *A Dictionary of Selected Synonyms in the Principal Indo-European Languages*. Chicago; London: Chicago University Press, [1949] 1988.
- CAMPBELL, L.; MIXCO, M. J. *A Glossary of Historical Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- CARDEIRA, E. *O Essencial sobre a História do Português*. Lisbon: Editorial Caminho, 2006.

CARVALHO, A. F. Problemas da orogenia portuguesa – O Relevo da Orla Sudoeste do Planalto da Beira-Alta. (Comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa na sessão de 1.^a classe, em 6 de Fevereiro de 1930). In: *Memórias e Notícias*. Coimbra: Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, 1930. v. 5, p. 3-16.

CARVALHO, J. G. H. Moçarabismo linguístico ao Sul do Mondego. *Revista Portuguesa de História*, v. VIII, p. 277-284, 1959.

CASTRO, I. *Introdução à História do Português*. Lisbon: Edições Colibri, 2006.

CIGeoE-SIG – Visualizador de Informação Geográfica do Instituto Geográfico do Exército. Available at: <<http://www.igeoe.pt/igeoesig/>>. Retrieved between 2012 and 2017.

CMP = *Carta Militar de Portugal*. Lisbon: Instituto Geográfico do Exército.

CORRIENTE, F. *Gramática Árabe*. Barcelona: Herder, 2002.

CORRIENTE, F. *Diccionario de Arabismos y Voces Afines del Iberromance*. Madrid: Editorial Gredos, 2003.

CORTESÃO, A. A. *Onomástico Medieval Português* [separata do *Archeologo Português*, v. VIII e seguintes]. Lisbon: Imprensa Nacional, 1912.

DEE = *Dicionário Electrónico Estraviz*. Available at: <http://www.estraviz.org/xanza>. Retrieved on: Oct. 8, 2013.

DELAMARRE, X. *Le Vocabulaire Indo-Européen*. Lexique Étymologique Thématique. Paris: Jean Maisonneuve Successeur, 1984.

DMP = AZEVEDO, R. P. *Documentos Medievais Portugueses. Documentos particulares, tomo III*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1940; *Documentos Medievais Portugueses. Documentos régios, vol. I. Documentos dos condes portugalenses e de D. Afonso Henriques. A. D. 1095-1185*, t. I e II. Lisbon: Academia Portuguesa de História; 1958-1962.

DWORKIN, S. N. *A History of the Spanish Lexicon: a Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

- FERNANDES, A. A. *Toponímia Portuguesa: Exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999.
- FERREIRO, M. *Gramática Histórica Galega – II. Lexicoloxía*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2001.
- GUERRA, A. *Nomes Pré-Romanos de Povos e Lugares do Ocidente Peninsular*. 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa - DHLP*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- KRAHE, H. Die Struktur der alteuropäischen Hydronymie. *AAWL*, v. 5, p. 286-348, 1962.
- KRAHE, H. *Unsere ältesten Flussnamen*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1964.
- LEBEL, P. *Principes et Méthodes d'Hydronimie Française*. Paris: Société Les Belles Lettres, 1956.
- LOPES, D. *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*. Lisbon: Sociedade de Língua Portuguesa; Círculo David Lopes, 1968.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisbon: Livros Horizonte, 1987.
- MACHADO, J. P. *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisbon: Editorial Notícias, 1991.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisbon: Livros Horizonte, 2003.
- MARTÍNEZ LEMA, P. *A Toponímia das Comarcas de Bergantiños, Fisterra, Soneira e Xallas na Documentación do Tombo de Toxos Outos (séculos XII-XIV)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010.
- MORALEJO, J. J. *Callaica Nomina*. Santiago de Compostela: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2007.
- MORALEJO, J. J. Hidronímia prerromana de Gallaecia. In: KREMER, D. (Ed.). *Onomástica Galega II: Onímia e Onomástica Prerromana e a Situación Lingüística do Noroeste Peninsular*. Actas do Segundo

Coloquio, Leipzig, 17 e 18 de outubro de 2008. Santiago de Compostela: Universidade; Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2009. p. 37-90.

NOONAN, M. Genetic Classification and Language Contact. In: HICKEY, R. (Ed.). *The Handbook of Language Contact*. Malden; Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p. 48-65. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781444318159.ch2>

PIEL, J. M. Considerações gerais sobre toponímia e antroponímia galegas. *Verba*, v. 6, p. 5-11, 1979.

PIEL, J.-M. Os nomes germânicos na toponímia portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa: Imprensa Nacional, v. 2, p. 105-140, 224-240, 289-314, 1933-1934; v. 3, p. 37-53, 218-242, 367-394, 1934-1935; v. 4, p. 24-56, 307-322, 1936; v. 5, p. 35-57, 277-288, 1938; v. 6, p. 65-86, 329-350, 1940; v. 7, p. 357-386, 1944.

PIEL, J. M. *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisbon: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1989.

PIEL, J. M.; KREMER, D. *Hispano-gotisches Namenbuch*. Der Niederschlag des Westgotischen in den alten und heutigen Personen- und Ortsnamen der Iberischen Halbinsel. Heidelberg: Carl Winter, 1977.

PMH – *Portugaliae Monumenta Histórica a saeculo VIII post Christum usque ad quintum decimum*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, [s.d.].

POKORNY, J. *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*, 2 vol.. Berne e Munich, 1959-1989. Available at: <<http://www.indo-european.nl/cgi-bin/startq.cgi?flags=endnnnl&root=leiden&basename=%5Cdata%5Cie%5Cpokorny>>. Retrieved on: 2012 e 2017.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. *Geografia de Portugal*. I. A Posição Geográfica e o Território. Lisbon: Edições João Sá da Costa, 1987.

RTP – Reportório Toponímico de Portugal – Continente, Ministério do Exército, Serviço Cartográfico do Exército, 1967.

SERRA, P. C. *Contribuição Topo-Antroponímica para o Estudo do Povoamento do Noroeste Peninsular*. Lisbon: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1967.

SERRA, P. C. Estudos Toponímicos (XXIII-XXVII). Com um aditamento sobre as Fontes Documentais da Onomástica Portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, Separata, v. XV, tomos I e II, 1968.

SILVA, R. V. M. O Português Arcaico – uma Aproximação. Lisbon: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008. v. I.

TERÉS, E. Materiales para el Estudio de la Toponimia Hispanoárabe — Nómima Fluvial, tomo I, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1986.

TERÉS, E. Antroponimia hispano-árabe (reflejada por las fuentes latino-romances). In: AGUADÉ, J.; BARCELÓ, C.; CORRIENTE, F. (Ed.). *Anaquel de Estudios Árabes*, 1992. v. III, p. 11-35. Available at: <<http://www.ucm.es/BUCM/>>. Retrieved on: Apr. 24, 2017.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Lisbon: Sá da Costa Editora, 1982.

VASCONCELOS, J. L. Amostra de toponímia portuguesa. *Revista Lusitana*, v. XXI, p. 58-63, 1918.

VASCONCELOS, J. L. *Opúsculos*. v. III. – Onomatologia. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VICENTE, A. *El Proceso de Arabización de Alandalús*. Saragossa: Instituto de Estudios Islámicos y de Oriente Próximo, 2006.



Verbetes toponímico: microestruturas para hidrônimos

Toponymic entry: Microstructures for hydronyms

Ana Claudia Castiglioni

Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, Tocantins / Brasil

anacastiglioni@hotmail.com

Resumo: O objeto de estudo da Toponímia são os topônimos, analisados sob diferentes perspectivas, como a sua origem, sua significação, sua transformação, sua classificação taxionômica. Neste artigo será apresentada a proposta de três modelos de microestrutura para verbetes toponímicos a partir dos pressupostos teóricos da Toponímia e da Terminologia: um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto toponímico, outro para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos e um terceiro remissivo. O *corpus* que serviu como base para formulação dos modelos foi o repertório das unidades léxicas que designam o nome dos elementos geográficos referentes à água, *arroio, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta*. Esses hidrônimos foram obtidos no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS. As microestruturas propostas poderão ser opção para subsidiar a elaboração de dicionários toponímicos que, além de registrarem os nomes próprios com sua respectiva localização e causas que motivam a nomeação, também contribuem para o resgate e o registro social, histórico e cultural de uma região.

Palavras-chave: Toponímia; Terminografia; topônimos; microestrutura.

Abstract: The object of study of Toponymy are toponyms, seen from different perspectives such as their origin, meaning, changes, and categorization. This paper will present the proposal of three microstructure models for toponymic entries based on the theoretical assumptions of Toponymy and Terminography: one for entries whose input word designate concepts related to hydrographic elements and key concepts of the toponymic set, another for the constitution of entries that have as input word the toponymic phrases and a third remissive. The corpus that served as basis for the formulation of the models was the repertoire of lexical units that designate the name

of the geographic elements referring to water, brook, bay, headland, cable, waterfall, channel, cataract, *corixão*, *corixo*, stream, estuary, lake, lagoon, spring, dam, creek, stream, creek, river, *sanga*, ebb and curve. These hydronyms were obtained from the Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS. The proposed microstructures may be an option to subsidize the development of toponymic dictionaries that, in addition to registering proper names with their respective location and causes that motivate their nomination, also contribute to the rescue and social, historical and cultural registration of a region.

Keywords: Toponymy; Terminography; toponyms; microstructure.

Recebido em: 10 de dezembro de 2017

Aceito em: 20 de março de 2018

1 Introdução

A variedade de nuances significativas que compõem um nome de lugar e a diversificação das informações que podem ser retiradas, após a análise, de um topônimo (DICK, 1992, p. 15) resultou na dificuldade de situar a ciência Toponímia em um ramo do saber, pois para muitos, poderia estar filiada aos estudos de História, Geografia, Ciências Sociais. Contudo, nenhuma das posições dessas áreas tomada isoladamente poderá dar conta de análises toponímicas em seus mais diversos aspectos, uma vez que, conforme explicitado por Dick (1990, p. 16), “[...] é lícito considerar-se a Toponímia, antes de tudo, como um complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”, constituindo, desse modo, a Toponímia, como uma ciência interdisciplinar.

Neste artigo apresentaremos uma proposta de modelos de microestruturas para verbetes toponímicos. A proposta foi elaborada em nossa tese de doutorado quando utilizamos como *corpus* de pesquisa os hidrotopônimos disponíveis no banco de dados do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul,¹ do qual fazemos parte como pesquisadora integrante. Uma das etapas do projeto é a

¹ Projeto em desenvolvimento na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) sob coordenação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

constituição de um dicionário de topônimos e em nosso estudo buscamos disponibilizar uma proposta que servisse de base para os dados da região em questão. Na tese desenvolvemos uma macroestrutura organizada a partir de em um sistema conceptual e propusemos três modelos de microestruturas, dos quais trataremos neste trabalho, que poderão ser adequados aos dados do Projeto e também a outros dados toponímicos que possam ser dicionarizados.

O dicionário é instrumento para sistematização do léxico, este podendo ser registrado na sua maior totalidade possível. A produção lexicográfica mais comum é o dicionário geral da língua e é considerado ideal aquele que apresenta a língua em seu uso padrão e coloquial, porque dessa forma torna-se um objeto de registro da linguagem de uma sociedade. Nesse sentido, Biderman (1997, p. 166) observa que

Numa sociedade muito diversificada socialmente como a nossa, estratificada em classes sociais, coexistem variedades diastráticas diversas. Embora o dicionário privilegie a língua escrita, ele deve descrever também os diferentes níveis de linguagem, os registros sociais e, assim, não só identificar o vocabulário e os usos marcados como típicos da linguagem culta e formal, mas também o da linguagem coloquial, apontando os itens lexicais característicos de um uso popular, vulgar, chulo, as gírias e palavras e expressões obscenas. (BIDERMAN, 1997, p. 166)

A análise de um dicionário, confrontando-se, comparando-se o conteúdo de seus verbetes, analisando-se as suas diferenças, evidencia que estes, de certa forma, constroem uma imagem da sociedade, pois registram o momento histórico em que foram elaborados. Em relação a um dicionário toponímico não é diferente e, apesar de pouco comum, é deveras relevante, uma vez que registra, além dos nomes próprios de uma região e sua respectiva localização, causas que levaram os designadores a escolherem determinada palavra para nomear uma localidade, contribuindo, dessa forma, para o resgate e o registro social, histórico e cultural da região.

2 O objeto de estudo da Toponímia: o sintagma toponímico

Partindo da afirmação de Dick (1992, p. 10) para quem, quando um sintagma toponímico atua de forma tanto aglutinada quanto justaposta, os termos que o compõem constituem um bloco único em

torno dos dois elementos, observamos, a partir da análise do *corpus* formado por hidrônimos de todo o estado de Mato Grosso do Sul, que, quando se trata de um enunciado toponímico, entendemos que há um significado que depende de significantes distintos, porém, compondo um mesmo sintagma. É deste modo que visualizamos os topônimos que nomeiam os elementos físicos que analisamos: eles só produzem sentido e atribuem significado enquanto enunciado toponímico, formado por um termo genérico e um termo específico.

O termo genérico, entendido sempre como um termo de uma área de especialidade, no caso de nossos dados, a hidrografia, complementa semanticamente o termo específico, uma vez que, dentro de textos toponímicos, como os mapas e os dicionários, não verificamos ser possível o desmembramento. Não há no contexto do mapa cursos de água identificados somente por um ou outro termo. Os enunciados aparecem completos: “rio da Quitéria”, “córrego do Cupim”, “cabeceira do Mimoso”. Dick (1992, p. 10) chama esta relação entre o termo referente ao elemento geográfico e seu nome de “relação binômica” e “simbiose” formada por uma “entidade geográfica que irá receber a denominação e o outro, o topônimo, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a entre outras semelhantes” (DICK, 1992, p. 10). Quando o elemento físico é representativo, como o rio Paraguai, o rio Paraná, o rio Taquari, o rio Sucuriú, pode ocorrer oralmente a referência somente ao topônimo “Paraguai”, “Paraná”, “Taquari”, “Sucuriú”, contudo, há que acontecer em uma situação comunicativa onde os interlocutores especifiquem que se trata do rio e não do país, do estado, da cidade, dos saltos ou assentamentos cujos nomes receberam a homenagem aos rios.

Como notamos, é a especificação completa do sintagma toponímico que permite atribuir-lhe significado, especialmente porque assim o nome terá seu referente bem delimitado. Além disso, a colocação de uma preposição em um sintagma toponímico indica mais evidentemente a tentativa do nomeador de expressar aspectos particulares e diferenciadores dos outros elementos nomeados. Estes nomes caracterizam-se por serem mais descritivos e então ocorre a necessidade de manutenção do sintagma completo. As preposições promovem, então, a união entre o termo genérico e o termo específico (Ribeirão da Divisa, Ribeirão da Constança, Ribeirão do Garimpeiro). Nada mais natural, uma vez que, encontramos tanto em dicionários como em gramáticas a definição das preposições justamente com a função de indicar subordinação, pertencimento, procedência.

Podemos observar que os sintagmas toponímicos dessa natureza são formados então por dois (ou mais) elementos lexicais e por um elemento gramatical. Ou seja, duas ou mais palavras que remetem ao mundo exterior configurando uma representação da realidade extralinguística e uma palavra com significação interna, que tem a função de estabelecer relações no contexto restrito do enunciado, já que, conforme Neves (2000, p. 601) “as preposições pertencem à esfera semântica das relações e processos e atuam especificamente na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem”.

No mesmo sentido da explicação da autora, encontramos em Borba (2003, p. 286) a afirmação de que as preposições “estabelecem relações semânticas de subordinação sintática entre as palavras, tornando-as dependentes umas das outras”. Bechara (2009, p. 313-314) desenvolve explicação a partir da qual podemos supor a existência da preposição estabelecendo uma relação de pertencimento entre o elemento geográfico e o nome próprio, ainda que esta esteja omitida na nomeação, não sendo inserida junto ao elemento geográfico. Podemos perceber essa ocorrência em sintagmas toponímicos como “Arroio Glória”, “Cabeceira Rio Branco”, “Cabeceira Sucuri”. Desse modo, visualizamos que a significância dos topônimos depende do seu contexto no enunciado. Um nome próprio isolado do lugar nomeado não apresenta significado completo. Embora acreditemos que essa característica esteja presente em todos os topônimos de elementos físicos, especialmente pelo contexto onde estão inseridos (mapas, por exemplo), isso é observado mais claramente por meio de sintagmas toponímicos preposicionados quando a relação se dá no nível sintático, conforme explicitado anteriormente.

Nesse particular, Dick não analisa a soldadura do elemento geográfico ao nome próprio a partir de preposições, mas admite que em alguns tipos de nomeações isso pode acontecer:

As expressões onomásticas exerceriam referidas funções desde que seus elementos constitutivos evidenciassem a existência de um vínculo entre elas e o seu referente. Em tais circunstâncias o signo linguístico em função toponímica representaria uma projecção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica ou a transparência do seu significado. Haveria, por assim dizer, uma relação unívoca entre os termos implicados quando traduzem referências de cor, forma, tamanho, constituição natural. (DICK, 1992, p. 18-19)

Apesar de afirmar que “ao designar, o nome próprio de lugar, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao elemento geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto” (DICK, 1992, p. 10), para melhor distinguir seus termos formadores, a autora (1992, p. 13 e 14) separa este enunciado toponímico e classifica somente o nome próprio em simples, composto e híbrido. Então, em relação à composição morfológica, o termo específico, ou seja, o topônimo, pode ser simples, composto ou híbrido. Um termo específico simples é aquele que se faz definir por um só formante, podendo, contudo, s apresentar também acompanhado de sufixações. (DICK, 1992, p. 13). Um elemento específico composto é aquele que se apresenta com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo. Os elementos indígenas *mirim* (pequeno) e *guaçu* (grande), por exemplo, apresentam distinções de significado do nome e colaboram com a formação de topônimos compostos como o nome das cidades *Ituguaçu* (salto grande) e *Itumirim* (salto pequeno). Há também as formações compostas que envolvem os nomes sagrados, formações bastante comuns na toponímia brasileira como os elementos humanos *Santo Antonio das Trepes*, *Santo Antonio do Rio Abaixo*, *São Pedro de Ratos* (DICK, 1992, p. 14). Já os elementos específicos híbridos que compõem o enunciado toponímico se formam pela colocação de unidades lexicais provenientes de línguas diferentes em um mesmo designativo. Segundo Dick (1992, p. 15), a formação que mais se generalizou no Brasil foi a composta pela seguinte estrutura: indígena + portuguesa ou portuguesa + indígena e ilustram isso os topônimos de elementos humanos, *Lambari do Meio* e *Marabá Paulista*, dentre muitos outros.

É oportuno ressaltar que a equipe do ATEMS ampliou os itens a respeito da estrutura morfológica considerando a realidade linguística onde estão inseridos os topônimos. A ampliação proposta no Projeto é em relação ao elemento específico híbrido, que se torna uma uma subclassificação tanto para simples como para composto. Por exemplo, o topônimo *Rio Félix Cué*, é entendido como um composto híbrido, por ser constituído por dois estratos linguísticos, um da língua portuguesa e outro da língua guarani. Já o topônimo *Córrego Pirizal* é classificado como simples híbrido por ser formado por um morfema com origem na língua tupi e um sufixo de origem portuguesa.

A estrutura do topônimo, particularmente a natureza linguística do termo específico, abordado no plano sincrônico, dá suporte à investigação

das causas motivadoras, organizadas em categorias taxionômicas, dentre outras, a formulada por Dick (1992) adotada como base metodológica em nossa pesquisa. A autora apresenta as taxionomias a partir de dois aspectos: natureza física e natureza humana. No âmbito deste trabalho são apresentados verbetes cujas entradas se referem à topônimos de natureza física com nomes relacionados à água, *hidrotopônimos* – Rio Aporé e Rio Apa – à escala cromática, *cromotopônimo* – Rio Branco e um nome relacionado à vegetação, *fitotopônimos* – Arroio Curupaí e também topônimos de natureza humana: Arroio Corá, um *ergotopônimo* que é classificado assim porque o nome está relacionado à cultura material e Rio Betione, um *antropotopônimo* relacionado a um nome próprio de pessoa.

3 Modelos de microestrutura para verbetes toponímicos

A busca da Terminografia como base para a elaboração de uma microestrutura para dicionário toponímico é a consideração, por parte desta ciência, do contexto como fator determinante para exprimir as características que compõem um termo. O contexto é definido por Barros (2004, p. 109) como o enunciado onde o termo estudado encontra-se atualizado. Para a constituição do dicionário toponímico aproveitamos o que a autora citada explica como sendo o contexto enciclopédico, essencial para a elaboração de dicionários enciclopédicos e caracterizado como elemento que “veicula dados de natureza extralinguística, referencial, histórica, sem agregar definição” (BARROS, 2004, p. 11). Para nossa proposta de dicionário este é um dado fundamental, uma vez que tomamos os sintagmas toponímicos a partir de sua inserção em mapas, e o contexto onde os elementos ocorrem determina as informações geográficas que compõem a microestrutura.

Também ressaltamos como característica própria de propostas terminográficas as informações que compõem os textos dos verbetes que se restringem a oferecer dados específicos ao repertório léxico escolhido, ao contrário do que acontece com a Lexicografia, que busca oferecer no verbete o maior número de informações e significações possíveis para uma unidade léxica. Nesse sentido, os verbetes toponímicos propostos neste artigo também não pretendem ser exaustivos e, sim, oferecer informações relativas aos nomes em relação a seus aspectos motivacionais e enciclopédicos. Este elemento constitutivo encontra suporte nas palavras de Krieger e Finatto (2004, p. 53) quando as

autoras manifestam que “como as obras terminográficas privilegiam as informações sobre o conhecimento especializado, e como tal de natureza extralinguística, diz-se que elas se aproximam das enciclopédias”.

A microestrutura é, segundo Barros (2004, p. 156), a “organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete.” Devemos nos pautar em três elementos para a distribuição dos dados na microestrutura:

O número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminológico; constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra; a ordem de sequência dessas informações. (BARROS, 2004, p. 156)

Baseando-nos nesses elementos que orientam a regularidade, a uniformidade dos verbetes e a natureza das unidades, propomos três tipos de microestrutura: dois principais, um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto terminológico; outro para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos. Para estes, nos pautamos também na ficha lexicográfico-toponímica concebida por Dick (2004, p. 131).

Por *verbeta principal* entendemos aquele no qual estão dispostas todas as informações linguísticas e extralinguísticas sobre os termos e sobre os sintagmas toponímicos. Esses verbetes são assim chamados no âmbito deste trabalho por se diferenciarem do terceiro modelo que é remissivo. Como entrada deste último, constam outras denominações dos topônimos que constituem entradas do segundo modelo de verbete principal.

Para melhor compreendermos essas diferenças, apresentaremos, de modo mais detalhado, cada modelo de microestrutura proposto.

3.1 Microestrutura dos verbetes cuja entrada é um termo que designa elementos geográficos

O primeiro modelo de microestrutura proposto tem como principal função descrever os conceitos relativos aos elementos hidrográficos aos quais os topônimos se referem. Dessa forma, o verbete não contempla acepções que não interessem ao significado atribuído ao elemento geográfico em seu contexto hidrográfico.

Os termos que designam os elementos hidrográficos constituem entradas do primeiro modelo de microestrutura. São eles: *arroyo, baía, cabeceira, cabo, canal, catarata, corixo, corixão, córrego, foz, lago,*

lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta. Também constituem entradas dos verbetes com essa mesma microestrutura os termos *águas correntes, águas em queda e águas lânticas*, que designam os conceitos-chave que constituem o sistema de conceitos² que propomos na mesma pesquisa que originou este trabalho. A estrutura do verbete é composta dos seguintes microparadigmas:

1. *Entrada* + 2. *Informação gramatical (classe gramatical e gênero)* +
3. *Etimologia (fonte da etimologia)* + 4. *Definição (fonte da definição)*
- + 5. *Código no sistema conceptual*

Como exemplo desse modelo de microestrutura tendo como entrada um termo que designa um conceito relativo a um elemento hidrográfico, podemos citar:

Rio. *S.m.* Do latim *rivus* (CUNHA, 2007, p. 686). Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale; o rio pode ser definido pelo talvegue, pelas vertentes e pelos terraços. Um rio constitui, por conseguinte, a reunião do lençol de água numa calha cujo declive contínuo permite uma hierarquização na rede hidrográfica. Eles possuem várias cabeceiras que dão origem ao seu curso e recebem vários afluentes. São limitados lateralmente pelas margens e pelas vertentes às quais dão a forma, ou melhor, o tipo do vale. Chegam ao mar, a um lago, desembocado, às vezes, por um longo canal; outras vezes a foz é constituída por uma série de ilhas. No tocante aos elementos que formam os rios devemos considerar as cabeceiras, o álveo com leito menor e o leito maior, margens, afluentes e subafluentes, confluência, foz e seus diferentes tipos, bacias hidrográficas, talvegue e divisor de águas. Os rios e os vários cursos de água de menor importância muito dependem da região que atravessam; assim, o que se chama de rio no sul do Brasil poderá ser na Amazônia um simples igarapé (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 545-546). *Código no sistema conceptual*: 1.2.13

Como exemplo desse modelo de microestrutura tendo como entrada do verbete um termo que designa um conceito-chave, podemos mencionar o de *águas correntes*:

² Sobre o tema, submetemos artigo intitulado “Sistema conceptual para um dicionário enciclopédico toponímico: proposta de modelo” que está aceito para a publicação no volume VIII da coleção Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.

Águas correntes. *S.f.* Do latim *aqua + currens –entis* (CUNHA 2007, p. 23 e 220). Diz-se das águas que se movimentam na superfície dos continentes. Em sentido restrito, usa-se apenas referindo-se aos cursos de água, em oposição às águas tranquilas, que se referem aos lagos. (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 22). *Código no sistema conceptual*: 1.2.

Passamos agora à explicação de cada microparadigma que constitui os verbetes exemplificados.

A *entrada* do verbete, no caso do exemplo *rio*, é o termo que designa o conceito de um dos elementos hidrográficos abordados em nossa pesquisa e consta em negrito seguido de ponto final; *águas correntes* é o termo que designa o conceito-chave que abarca os elementos hidrográficos que possuem essa característica de classificação, como córrego, rio, arroio, corixo etc.

A *informação gramatical* é indicada em itálico e abreviada com as iniciais da classificação: *s.m.* (substantivo masculino), *s.f.* (substantivo feminino). Cumpre ressaltar que a Terminologia normalmente não aceita uma entrada no plural, a não ser que se trate de *pluralia tantem*. No caso dos verbetes cujas entradas são os termos *águas correntes*, *águas em queda* e *águas lênticas* optamos por mantê-los no plural por estes se referirem a mais de um elemento hidrográfico.

A *etimologia* encontra-se logo após a informação gramatical. Nos exemplos escolhidos podemos observar a etimologia da entrada *rio* “do latim *rivus*”, seguida da referência da obra consultada, no caso “Cunha, 2007, p. 686”. A etimologia da unidade léxica *águas correntes*, que constitui a entrada do verbete, é apresentada também seguida da referência da fonte dos dados.

Tanto a informação gramatical quanto a etimologia têm como fontes de consulta as obras: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (NASCENTES, 1955), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007), *Dicionário Eletrônico Houaiss* (HOUAISS, 2009) e *Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2004).

As *definições* não foram redigidas por nós, tendo sido obtidas nas seguintes obras especializadas: *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente* (BRASIL, 2004), *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico* (GUERRA; GUERRA, 2011), *Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil* (BRASIL, 2010), *Dicionário Eletrônico Houaiss*

(HOUAISS, 2009) e *Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2004). Depois de cada definição é apresentada a referência.

Por fim, a indicação do *código no sistema conceptual* leva o consulente a identificar a localização desse elemento hidrográfico no sistema estruturado de conceitos que compõe a macroestrutura proposta, considerando sua característica de classificação e taxionomia.

Certos termos que designam conceitos relativos a elementos hidrográficos possuem conceitos diferentes conforme a região em que se localizam. Buscamos evidenciar nas definições ao consulente, algumas particularidades que ocorrem no estado de Mato Grosso do Sul em relação à sua hidrografia.

Como exemplo, podemos citar o termo *baía*, que, no Pantanal, tem um conceito diferente do termo *baía* em uma região de litoral brasileiro. Quando nos referimos a esse termo, atribuímos a ele um conceito regional específico: “Na região do Pantanal as baías são imensas lagoas que são separadas por terras altas” (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 79), conceito diferente do atribuído para o termo no contexto nacional “num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar” (HOUAISS, 2009).

O mesmo acontece com o termo *corixo* que, segundo o dicionário de Guerra e Guerra (2011, p. 163), é um termo utilizado especificamente na região de nossa pesquisa: “denominação regional do Pantanal, para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías”, e com o termo *vazante*, para o qual o mesmo dicionário atribui a seguinte definição: “Termo regional, com ocorrências na região do Pantanal. Denominação dada aos pequenos riachos temporários que ligam as baías, pois os riachos permanentes chamam-se de *corixos*” (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 634).

Optamos por incluir esta microestrutura prevendo um consulente que não seja da área especializada da Geografia e que provavelmente não tenha conhecimento das características que diferenciam o termo “rio” do termo “ribeirão”, ou o termo “lago” do termo “lagoa”, o termo “salto” do termo “cachoeira” etc.

Assim, por meio do primeiro modelo de microestrutura que propomos, o consulente poderá ter acesso tanto aos conceitos regionais designados por alguns termos (*baía*, *corixo* e *vazante*) quanto aos conceitos que elucidam as particularidades de termos cujas características de classificação são as mesmas (rio/ribeirão/ribeira, lago/lagoa, salto/cachoeira/catarata etc).

3.2 Microestrutura dos verbetes cujas entradas são sintagmas toponímicos

O segundo modelo de microestrutura de verbetes de nossa proposta foi concebido a partir da ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004, p. 130) e adaptado às necessidades de descrição de dados linguísticos e extralinguísticos dos sintagmas toponímicos do *corpus* e organiza-se da seguinte forma:

Entrada (sintagma toponímico) + 2. Taxionomia + 3. Etimologia (+ fonte) + 4. Informações enciclopédicas (+ fonte) + 5. Outras denominações + 6. Código no sistema conceptual.

Todos os microparadigmas que compõem a microestrutura desse modelo de verbete são organizados e representados da seguinte forma:

Entrada *Tax.:* *Etim.:* *Informações enciclopédicas:* *Outras denominações:* *Código no sistema conceptual:*

As abreviaturas *Tax.* e *Etim.* representam respectivamente *Taxionomia* e *Etimologia*. Como exemplo desse tipo de microestrutura, apresentamos a seguir, o verbete que traz os dados sobre o Rio Aporé:

Rio Aporé *Tax.:* hidrotopônimo *Etim.:* Do tupi, *abá-ry*, rio do índio (TIBIRIÇA, 1985, p. 20). *Informações enciclopédicas:* “O rio Aporé nasce bem próximo de Capela e serve de limite para o nosso estado (Mato Grosso do Sul) com Goiás, desde a sua cabeceira até sua foz no rio Paranaíba” (RONDON, 1970, p. 42). “Não há dúvida que Anhanguera percorreu o Paranaíba, rio Aporé e daí descambando para o Araguaia e Tocantins” (CUNHA, 1988, p. 91). “A região compreendida pelos rios Aporé, Paranaíba, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim e Taquari, com vegetação mais densa nos vales e cerrados nas partes mais altas, era ocupada, no século 18, pelos Caiapós, perseguidos desde Goiás até Camapuã, nos meados daquela centúria pelo temido Pai-Pirá” (CAMPESTRINI, 2002, p. 17). “Pousamos em um chapadão que se avista o céu e o campo em qualquer parte que se está, de tão plano cansa os olhos. Andamos rumo ao poente e pousamos na vertente do rio do Peixe” (REVISTA DO IBGE, 1998, p. 57). O rio Aporé localiza-se na microrregião de Cassilândia, nasce no município de Costa Rica, banha os estados de Goiás e de Mato Grosso do Sul, fazendo a divisa natural entre estes dois estados e desemboca no rio Paraná. A principal cidade em sua margem direita é a cidade sul-mato-grossense de Cassilândia. O rio Aporé é registrado nos mapas também como rio do Peixe. *Outras denominações:* Rio do Peixe. *Código no sistema conceptual:* 1.2.13.3.3

Dos microparadigmas que compõem esse segundo modelo de microestrutura, cinco são *obrigatórios* e dois são *facultativos*. Os obrigatórios, ou seja, os que aparecem em todos os verbetes são: *entrada*, *taxionomia*, *informações enciclopédicas* e o *código no sistema conceptual*. Já os microparadigmas facultativos são *etimologia* e *outras denominações*.

A *entrada* do verbete é constituída pelo sintagma toponímico, ou seja, a unidade lexical sobre a qual são fornecidas todas as informações do verbete. A entrada é grafada em negrito e com a primeira letra de cada lexema que compõe o sintagma toponímico em maiúscula, como podemos observar em *Rio Aporé*.

No microparadigma *taxionomia* é informada a classificação taxionômica do topônimo conforme o modelo de Dick (1992, p. 31-34). Indo ao encontro do proposto na ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004, p 130), inserimos a taxionomia logo após a entrada de cada verbete para resgatar seu hiperônimo, de modo a evidenciar a relação mantida entre eles, quando for apresentado junto ao sistema conceptual. Para essa opção também encontramos respaldo em Barros (2004, p. 122), quando a autora, ao explicar a organização de obras terminográficas, explica:

A organização das unidades terminológicas que compõem a nomenclatura de um vocabulário em um conjunto estruturado de termos permite a identificação precisa das relações conceptuais estabelecidas entre eles. A análise semântico-conceptual dessas unidades linguísticas permite igualmente a identificação da zona de intersecção semântica existente entre elas e dos traços específicos de cada um. (BARROS, 2004, p. 122)

Entendemos que, nos dados que utilizamos para esboçar os modelos de microestrutura, o traço específico e a intersecção semântica que ocorre entre os topônimos se dá pelas taxionomias. No exemplo, o topônimo Rio Aporé como figura na entrada do verbete faz parte da taxionomia *hidrotopônimos*.

A microestrutura possui também o microparadigma *etimologia*, que fornece dados sobre topônimos de origem indígena. Se atêm a informações relativas à língua a qual o nome pertence (tupi, guarani, bororo, guaicuru etc) e a tradução para a Língua Portuguesa. Para exemplificar esse microparadigma, apresentamos o verbete a seguir:

Arroio Corá *Tax.*: Ergotopônimo. *Etim.*: Do guarani *korá*, *cercado*, *arprisco*, *curral*, *divisa* (SAMPAIO, 1986, p. 91). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Corá nasce na região central do município de Amambai e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do Córrego Ponteí. *Outras denominações*: - *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.2.3.1.

Como podemos observar, o microparadigma *etimologia*, que no verbete exemplificado aparece abreviado *Etim.*, contempla a informação sobre a origem da unidade léxica *corá* “do guarani *korá*”, seguida das unidades léxicas equivalentes em língua portuguesa “*cercado*, *arprisco*, *curral*, *divisa*”.

Para busca da etimologia, tomamos como parâmetro os dicionários Houaiss (2009), Ferreira (2004), Nascentes (1952 e 1955), Cunha (2007 e 1998), Tibiriçá (1985), Sampaio (1987), Sampaio (1986) e Guasch (1961), além dos glossários que integram as obras de Vasconcellos (1931), Sampaio (1928) e Cardoso (1961).

A etimologia é um microparadigma facultativo, pois a maioria dos topônimos pertence a Língua Portuguesa e estipulamos inseri-lo somente em verbetes cuja entrada é de origem indígena. É este o caso do verbete que segue:

Baía Conceição *Tax.*: Antropotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía Conceição localiza-se próxima do Arroio Conceição e da sede do município de Corumbá. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.2.1.1.

Como podemos observar, *Etim.* não foi preenchido no verbete acima em razão de a entrada pertencer a Língua Portuguesa. Mesmo que não seja preenchido com as informações, ele é mencionado no verbete seguido de um traço, assim como ocorre com o exemplo de *Baía da Conceição*, *Etim.*: -, indicando que a etimologia não consta nesse verbete.

O microparadigma *informações enciclopédicas* abriga informações de natureza extralinguística e é subdividido em *dados de natureza geográfica*, *histórico* e *contexto*. Desses, *histórico* e *contexto* são facultativos, mas os dados de natureza geográfica são obrigatórios em todos os verbetes.

Nos *dados de natureza geográfica* são registradas obrigatoriamente informações relativas ao elemento hidrográfico, extraídas por nós a partir da leitura dos mapas oficiais, tais como indicação da nascente e foz,

limites estabelecidos, afluentes, extensão. A respeito da consulta ao mapa, fundamental para o caso desta pesquisa, Dick (1999, p. 129) ressalta que

[...] interpretados, tradicionalmente, como uma representação simbólica dos contornos de uma paisagem física ou urbana, os mapas se caracterizam por permitirem também dois planos de interpretação: o verbal, expresso nos nomes dos elementos e em outras informações linguísticas, e o não-verbal, caracterizado, de preferência, por símbolos convencionais distintos, segundo a natureza do elemento (cursos de água, serras, estradas, ferrovias). (DICK, 1999, p. 129)

Nessa etapa da pesquisa, foram consultados sistematicamente as cartas topográficas municipais do IBGE pertencentes a todos os municípios do estado de Mato Grosso do Sul, escala 1:100.000.³

Ilustramos os dados de natureza geográfica por meio do verbete que segue:

Arroio Curupaí *Tax.*: Fitotopônimo. *Etim.*: Do tupi, *kurupa'y*, árvore semelhante ao ka'ahoví, da família das Acácias *astringens* Mart. É tintorial (que serve para tingir) (SAMPAIO, 1986, p. 96). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Curupaí localiza-se na região sul do município de Naviraí e configura-se como um afluente intermitente de curta extensão da margem direita do Rio Laranjaí. *Outras denominações*: - *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.1.3.1.

Podemos perceber que, em *informações enciclopédicas*, estão presentes dados sobre a localização do elemento hidrográfico, tanto o município ao qual pertence, “Naviraí”, quanto sua posição geográfica “na região sul do município”. As informações sobre a localização estão presentes em todos os verbetes.

Também indicamos nesse microparadigma dados sobre a extensão do elemento geográfico, que pode ser curta ou longa, no caso do exemplo anterior “curta extensão”. Esse dado está presente nos verbetes cujas entradas são topônimos que denominam cursos de água que podem ser visualizados no mapa: arroio, cabeceira, cabo, canal, corixão, corixo, córrego, riacho, ribeirão, rio e sanga. Não inserimos a informação sobre

³ Todos os mapas foram encontrados na página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm>. Acesso em: 30 jul. 2011.

a extensão dos elementos *vazante* e *volta*, pois, embora sejam cursos de água, o primeiro tem curso temporário, surgindo somente no período das cheias do Pantanal, e o segundo configura-se como uma sinuosidade de um curso de água maior.

Aos elementos hidrográficos que se caracterizam por serem de água parada – como baía, lago, lagoa, represa –, ou por água em queda – como catarata, cachoeira e salto – também não inserimos a informação sobre a extensão, uma vez que o mapa não indica dados sobre suas dimensões.

Inserimos também a informação sobre a foz do curso de água, indicando onde este deságua: “afluente da margem direita do Rio Larajá”, no caso do exemplo citado, e, no qual, também podemos observar a informação “afluente intermitente”, indicando um dado que depreendemos do mapa e significa que parte do curso do elemento hidrográfico ocorre de forma subterrânea.

Em *informações enciclopédicas* acrescentamos ainda dados facultativos sobre o *histórico* do topônimo e seu *contexto*, quando possíveis de serem obtidos. O *histórico* traz informações sobre a motivação do nome e o *contexto* apresenta o trecho de uma obra regional em que o topônimo foi citado. A seguir exemplificamos o *contexto* por meio do verbete referente ao *Rio Apa*:

Rio Apa *Tax.*: Hidrotopônimo *Etim.*: Do tupi, *apa* é a forma adjetival que caracteriza aquilo que é desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). *Informações enciclopédicas*: “À margem esquerda do rio Paraguai, aproximadamente a cinquenta quilômetros a montante da barra do Rio Apa, a empresa Mate Laranjeira construiu um porto, que tomou o nome do grande cuiabano Joaquim Murтинho, por onde se fazia toda a exportação da erva colhida pelas comitivas da companhia. Foi assim que surgiu o nome do município de Porto Murтинho”. (FERREIRA NETO, 2004, p. 123). O Rio Apa nasce no oeste do município de Ponta Porã, segue com seu longo curso em direção ao sul de Bela Vista e estabelece o limite territorial do Brasil e Paraguai a partir de Bela Vista, Porto Murтинho e Caracol, quando deságua no rio Paraguai. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.3.1.

O que chamamos de *contexto* é o trecho que consta entre aspas e sublinhado no verbete do exemplo, seguido da referência bibliográfica

de onde foi retirado. A busca por essa informação é feita por meio da leitura de livros que retratem a região pesquisada.⁴

Inserimos a informação da referência para que o consulente, caso queira complementar suas informações, possa acessar diretamente a obra e a página citada.

O histórico, por sua vez, que também inserimos como parte do microparadigma *informações enciclopédicas*, consta como facultativo, pois é mais comum no tratamento de topônimos referentes a elementos humanos, como cidades, vilas, ruas etc. Recuperar a história do nome de um elemento geográfico é mais raro e dependeria de uma pesquisa com base em dados orais.

A variante ortográfica ou lexical do sintagma toponímico, quando identificada no mapa, foi registrada no item *Outras denominações*, como exemplificamos a seguir:

Rio Inhanduí *Tax.*: Zootopônimo *Etim.*: Do tupi, alteração de *nhandu-y*, rio das emas (TIBIRIÇA, 1985, p.19). *Informações enciclopédicas*: “Nas proximidades da cabeceira do rio Anhanduí, na área do município de Campo Grande, durante os trabalhos de levantamento arqueológico foi localizado um sítio lícito a céu aberto nas proximidades do córrego Rabicho, tributário do Anhanduí em seu alto curso” (MARTINS, 2003, p. 47). O Rio Inhanduí nasce em Campo Grande, próximo da sede do município e durante seu longo curso estabelece o limite territorial entre Campo Grande de Nova Alvorada do Sul e Sidrolândia; Ribas do Rio Pardo com Nova Andradina e Bataguassu. Sua foz é na margem direita do rio Pardo. Em alguns pontos de seu curso está registrado como rio Anhanduí. *Outras denominações*: Rio Anhanduí. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.1.2.19.

⁴ As obras utilizadas como fonte de dados para o histórico e o contexto dos topônimos são dos seguintes autores: Almeida (2003); Alves (2003); Amarilha (1973); Báez (1980); Campestrini (2002); Campestrini e Guimarães (2002); Cattanio (1976); Cuchiaro e Paulichi (1994); Cunha (1992); Dutra (2011); Ferreira Neto (2004); Gressler; Vasconcelos (2005); Levorato (1999); Lopes (1984); Luz Filho (2004); Marinho; Martins (2007); Martin (2000); Martins (2003); Moreira (2006); Parra (2001); Passos (2011); Pedrosa (1986); Queiroz (1974); Revista do IBGE (1998); Rondon (1970); Santos (s/d); Silva e Almeida (2011); Souza (2003); Taunay (2005); Spengler (2007); Weingartner (2002).

No verbete que exemplificamos, o elemento hidrográfico é registrado pelo sintagma toponímico *Rio Inhanduí* e também *Rio Anhanduí*. Encontramos no mapa, ao longo do curso desse rio, os dois nomes, mas, como o sintagma toponímico *Rio Anhanduí* aparece em menor número de vezes, estipulamos que este figuraria como ‘outra denominação’ do elemento hidrográfico em questão, enquanto Rio Inhanduí constaria como entrada de um verbete principal.

Então, em *outras denominações* são colocados outros sintagmas toponímicos que denominam o mesmo elemento hidrográfico. Como critérios para escolher qual dos sintagmas toponímicos seriam colocados como *outra denominação*, estipulamos: os que constam menos vezes, os que aparecem depois do conectivo “ou”, por exemplo Córrego Limoeiro *ou* Jatobá e os que aparecem mais próximos da foz, todas essas características observadas exatamente como aparecem no mapa.

Os sintagmas toponímicos que incluímos como *outra denominação* são os que formam as entradas dos verbetes remissivos, como explicaremos no item a seguir.

Como último microparadigma desse modelo de microestrutura, propomos o *código no sistema conceptual*, que se refere à localização do sintagma toponímico no sistema conceptual que foi organizado. Sua função de direcionar o consulente ao nível em que se situa o topônimo no sistema.

No próximo tópico explicaremos nossa proposta de sistema de remissivas, apresentando inclusive o modelo de microestrutura de verbetes remissivos por nós adotado em nosso dicionário de topônimos.

3.3 O sistema de remissivas

O sistema de remissivas tem a função, segundo Barros (2004, p. 174), de

[...] resgatar as relações semântico-conceptuais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica, corrigindo o isolamento das mensagens, ligando variantes, criando campos semânticos. (BARROS, 2004, p. 174)

Para o estabelecimento deste sistema, optamos por dois tipos de remissivas: *ver* e *código no sistema conceptual*. As duas são indicadas na microestrutura.

A remissiva apresentada na forma *Ver* é explícita e, segundo Barros (2004, p. 177), é comumente utilizada para indicar a presença de variantes. Por essa razão é que optamos por inseri-la como remissiva, uma vez que, em nossa nomenclatura, a única situação que se apresenta para a constituição de remissivas como complementação de informações é nas formas variantes dos sintagmas toponímicos encontradas nos mapas.

O sistema de remissivas utilizando *Ver* foi elaborado com entradas cujos verbetes remetem o consulente a outro verbete, com a informação completa. Por exemplo:

Rio Betione *Ver*: Rio Betiono.

Rio Betiono *Tax.*: Antropotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Betiono nasce no sul do município de Bodoquena e configura-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Miranda. *Outras denominações*: Rio Betione. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.2.3.1.

No exemplo citado, o topônimo *Rio Betiono* foi localizado no mapa acompanhado da denominação *Rio Betione* e, como podemos observar, o sistema de remissivas é estabelecido por meio da forma *Ver*, que indica a presença de uma variante.

O outro mecanismo de remissiva que aplicamos é o *código no sistema conceptual*. Essa remissiva tem a função de indicar ao consulente como está disposto o topônimo ou o termo no sistema conceptual. Por exemplo:

Rio Branco *Tax.*: Cromotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Branco localiza-se na região norte do município de Porto Murtinho, nascendo próximo da serra da Bodoquena. Possui como afluente o córrego Santa Maria. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.5.1.

Observando o exemplo, quando o consulente localizar o número 1.2.13.1.5.1 no sistema conceptual, pode depreender que este indica que o sintagma toponímico *Rio Branco* possui, respectivamente, as seguintes características de classificação conforme cada número: 1: é um hidrônimo; 2: pertence à característica de classificação “Águas correntes”;⁵ 13:

⁵ Além da característica de classificação “Águas correntes” compõe o sistema as características “Águas lânticas” e “Águas em queda”.

denomina um elemento hidrográfico cujo designativo é o termo “Rio”; 1: pertence à categoria de natureza física; 5: pertence à taxionomia dos cromotopônimos e, por fim, o número 1, que indica o sintagma propriamente dito organizado em ordem alfabética.

Dessa forma, a indicação do código remete o leitor para o conjunto de entradas do dicionário, levando-o a encontrar a unidade toponímica ou terminológica inserida em um dos níveis de abstração do sistema conceptual de hidrônimos, evidenciando assim as relações que essa mantém com as demais unidades terminológicas ou sintagmas toponímicos do sistema.

Acreditamos que com esse sistema de remissivas, utilizando-nos dos mecanismos *Ver* e *Código no sistema conceptual*, o consulente conseguirá visualizar a presença das variantes e também entender as relações conceptuais que os sintagmas toponímicos mantêm entre si e com os termos que compõem o sistema conceptual de hidrônimos que propusemos.

O terceiro modelo de microestrutura que propomos contempla o verbete remissivo. Esse tem como entrada as variantes de topônimos encontradas nos mapas. Como critérios para determinar qual topônimo deve constituir a entrada do verbete remissivo, consideramos quatro aspectos observados no mapa: a) o topônimo que consta em segundo lugar na nomeação do elemento hidrográfico; b) o topônimo que consta mais próximo da foz do elemento hidrográfico; c) o topônimo que consta em menor número de vezes ao longo do curso; d) o topônimo que é localizado no mapa escrito de forma distinta do topônimo encontrado no banco de dados.

Em relação ao critério ‘a’, optamos por considerá-lo por encontrarmos no mapa vários elementos hidrográficos com duas nomeações sucessivas separadas pela conjunção “ou”. Entendemos que a nomeação principal seja a que está junto ao elemento hidrográfico: esse é o sintagma toponímico que constitui a entrada do dicionário e que a conjunção indica que a nomeação a seguir pode ser usada como segunda opção. Enquadram-se nesse critério topônimos como “Córrego Limoeiro ou Jatobá”, cujo verbete remissivo terá como entrada “Córrego Jatobá”. Desse modo, consideramos *Córrego Limoeiro* como o sintagma toponímico que deve constituir a entrada do verbete principal e *Córrego Jatobá* será a entrada do verbete remissivo.

Já a opção pelo critério ‘b’, ou seja, o topônimo que consta mais próximo da nascente do elemento hidrográfico, deu-se em decorrência de haver nos mapas alguns elementos hidrográficos nomeados com dois topônimos que variam na ortografia. Como acontece em “Córrego Piquirici/Piquiri”, que é nomeado como ‘Córrego Piquiri’ próximo de sua foz, por esse motivo figura com entrada do verbete remissivo, enquanto *Córrego Piquirici*, por estar registrado perto da nascente deste elemento hidrográfico, será entrada do verbete principal.

Para adoção do critério ‘c’, consideramos o fato de que no *corpus* há algumas ocorrências em que um topônimo é mais recorrente em um mesmo elemento geográfico. É o caso de *Rio Piquiri* e *Rio Itiquira*. *Rio Itiquira*, consta mais vezes no mapa que *Rio Piquiri*, de forma que só podemos supor que *Rio Itiquira* é o topônimo mais usado e por essa razão deve integrar o verbete principal, enquanto *Rio Piquiri* integra o remissivo. Isso também acontece com o sintagma toponímico *Rio Anhanduí*, que está registrado em menor número em relação à *Rio Inhanduí*, sendo que a primeira forma é aquela que constitui o verbete remissivo, conforme critério estabelecido acima, uma vez que, ‘Rio Anhanduí’ é registrado menos vezes que ‘Rio Inhanduí’ ao longo da extensão do curso de água.

O critério “d”, por sua vez, também leva em consideração os dados do mapa, mas agora em relação aos topônimos registrados no banco de dados do projeto ATEMS, pois, lá se encontram topônimos catalogados em mapas do IBGE impressos com escala de 1:250.000 e digitais com escala de 1:100.000 e, para esta pesquisa, trabalhamos com a consulta aos mapas digitais, de modo que há registros no banco de dados que constam de forma diferente nesses mapas. Assim, neste critério para formação de verbete remissivo, adotamos os elementos hidrográficos que têm registros diferentes. Por exemplo: no banco de dados encontramos um elemento geográfico denominado ‘Baía da Marreca’ no município de Corumbá e, no mapa do mesmo município, localizamos ‘Vazante da Marreca’.

Dessa forma, o sintagma toponímico que consta no banco de dados forma a entrada do verbete principal, enquanto o que localizamos no mapa forma o verbete remissivo. O mesmo acontece com Cabo do Retiro/Cabeceira do Retiro e Riozinho do Uval/Vazante do Uval. Optamos por colocar o sintagma que consta no mapa como entrada do verbete remissivo, levando em consideração um dos critérios adotados para a

constituição da macroestrutura, que estipula o primeiro topônimo de cada taxionomia do sistema conceptual, que, por sua vez, foi organizado tomando como base os sintagmas toponímicos referentes aos hidrônimos disponíveis no banco de dados do ATEMS.

Os microparadigmas que constituem o verbete remissivo são *Entrada* e *ver.*, conforme demonstramos nos verbete a seguir:

Rio do Peixe. *Ver.* Rio Aporé

Corixo das Amoreiras. *Ver.* Baía das Amoreiras

Córrego Tamanduazinho. *Ver.* Córrego Alegre.

Rio Betione. *Ver.* Rio Betiono.

Cachoeira da Laje. *Ver.* Cachoeira da Laje.

Teremos, então, um verbete remissivo constituído pelo microparadigma *Entrada* constituída pela variante em negrito e *ver.*, com a indicação para o verbete principal onde estão as informações completas sobre o sintagma toponímico. Destacamos que, em *corpus* toponímico, cujas fontes são mapas, a variação que ocorre, em grande parte, é relacionada à presença ou não de preposição, “de, da, do, dos, das”, como em Córrego Palmito/ do Palmito, Córrego Onça/da Onça, e à mudança de uma letra como Rio Inhanduí/Anhanduí, Lagoa Araré/Araré, Cachoeira da Laje/Laje.

4. Considerações finais

Tivemos como objetivo principal deste trabalho apresentar uma proposta de três modelos de microestrutura para dicionário toponímico: dois principais, um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto terminológico tratado; outro para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos; outro modelo para verbete remissivo.

O primeiro modelo de microestrutura foi elaborado pensando em um consulente que, mesmo tendo conhecimentos de Geografia, não conheça o conceito relativo à determinados elementos e que, em nossa proposta, possa encontrar o que diferencia um rio de um ribeirão ou de um córrego e, além disso, possa explorar os conceitos regionais que são

atribuídos a alguns termos referentes a elementos hidrográficos, como corixo, baía e vazante.

O segundo modelo de microestrutura tem como entrada os sintagmas toponímicos e foi constituído para abrigar os dados linguísticos, como a taxionomia e a etimologia para nomes de base indígena e também abrigar as informações enciclopédicas do elemento hidrográfico designado, como sua localização, sua extensão, seus afluentes, sua representatividade para a região por onde passa, sua foz etc.

O verbete remissivo, por sua vez, tem como entradas as variantes ou sinônimos dos sintagmas toponímicos que são entradas dos verbetes principais. Com o sistema de remissivas proposto, que conta com os microparadigmas *Ver* e *Código no sistema conceptual*, objetivamos levar um possível público-alvo a tomar conhecimento das variantes toponímicas e a perceber as relações semântico-conceptuais que os sintagmas toponímicos e os termos que integram o sistema conceptual que comporia a macroestrutura estabelecem entre si.

A partir das propostas de modelos de microestrutura, concluímos que, no âmbito da pesquisa que culminou neste artigo, não poderíamos fragmentar o sintagma toponímico em ‘termo genérico’ e ‘termo específico’ (DICK, 1992), ou ‘termo’ e ‘nome próprio de lugar’, uma vez que acreditamos que é justamente por meio da associação dessas duas unidades léxicas que se tem um designativo de lugar. Sendo assim, optamos por manter o sintagma toponímico e não apenas o topônimo, tanto no sistema conceptual quanto figurando como entrada na nossa proposta de microestrutura.

Observamos também, após as análises sobre o perfil e a natureza das unidades léxicas que constituem os hidrônimos que serviram de corpus, e considerando as microestruturas que propomos, que a obra que venha a registrar dados toponímicos deve ser caracterizada como um dicionário enciclopédico. Essa caracterização se justifica pelo fato de figurarem nos verbetes tanto dados extralinguísticos (como as informações geográficas e históricas a respeito do elemento geográfico, que são informações inerentes aos estudos toponímicos) como informações linguísticas (como a categoria gramatical dos termos que designam os elementos hidrográficos, a etimologia para as unidades de origem indígena e a taxionomia dos topônimos). Por fim, esperamos que o proposto neste trabalho possa servir aos futuros trabalhos relacionados à dicionarização de dados toponímicos.

Referências

- ALMEIDA, Valério de. *Campo Grande de outrora*. Campo Grande: Letra Livre, 2003.
- ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande: Editora Uniderp, 2003.
- AMARILHA, Tertuliano. *Flores dos prados matogrossenses*. São Paulo: [s.n.], 1973.
- BÁEZ, Renato. *Corumbá: Lembranças e tradições*. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1980.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário como norma na sociedade. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA, 1º, 1997. *Anais...* Recife: Editora Universitária UFPE, 1997. v. 1, p. 161-180.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Vocabulário básico de recursos naturais e meio ambiente*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.
- BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. *Santana do Parnaíba (de 1700 a 2002)*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia Brasilica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CATTANIO, Maria Bernadeth. *A dinâmica urbana e a estruturação espacial de Três Lagoas*. 1976. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras ‘Sagrado Coração de Jesus’, Bauru, 1976.

CUCHIARO, Galdino; PAULICHI, José. *Comendador Júlio Martins. Bandeirante do Brasil presente*. Chapadão do Sul: IBECM, 1994.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

CUNHA, Marlei. *Antonio Pires de Campos, Pai Pira: o Bandeirante*. Paranaíba: Gráfica Luan, 1988.

CUNHA, Marlei. *Costa Rica: história e genealogia*. Campo Grande: Fênix, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas; FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de casos. *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*, Recife, v. 9, p. 119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. v. II, p. 121-130.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *O território Ofaié pelos caminhos da história*. Campo Grade: FCMS; Life Editora, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo: 2004.

- FERREIRANETO, João. *Raízes de Coxim*. Campo Grande: UFMS, 2004.
- GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. *Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos*. Dourados: L. Glessner, 2005.
- GUASCH, Antonio. *Diccionario castellano-guarani y guarani-castellano: sintáctico, fraseológico, ideológico*. Sevilla: Graficas La Gavidia, 1961.
- GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. *Novo dicionário geológico-geomorfológico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATO, Maria José Bocorny; *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LEVORATO, Adão Valdemir. *Três Lagoas: dama em preto e branco, 1918-1964*. Três Lagoas: Graf Set, 1999.
- LOPES, Aldo. *Chão temporão*. [S.l.]: [s.n.], 1984.
- LUZ FILHO, Gervasio dos Santos. *A fragmentação rural do município de Três Lagoas*. 2004. Monografia (Graduação) – UFMS, Três Lagoas, 2004.
- MARINHO, Marcelo; MARTINS, Júlio Alves. *Pouso Frio: as mais de 12 vidas de um avião pioneiro no cerrado brasileiro*. Campo Grande: UCDB, 2007.
- MARTIN, Jesus Hernandez. *A história de Três Lagoas*. São Paulo: Ed. do autor, 2000.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. *Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: UFMS, 2003.
- MOREIRA, Marco Antonio Leite. *As molduras vegetais do córrego da Onça – Três Lagoas/MS*. 2006. Monografia (Graduação) – UFMS, Três Lagoas, 2006.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Acadêmica; São José; Livros de Portugal, 1952. Tomo II: Nomes próprios.

- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Acadêmica; São José; Livros de Portugal, 1955.
- NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. Araraquara: Ed. UNESP, 2000.
- PARRA, Maria Aparecida Teste. *Regiões bioclimáticas do estado de Mato Grosso do Sul*. 2001. Monografia (Graduação) - UNESP, Rio Claro, 2001.
- PASSOS, Messias Modesto dos. *A raia divisória*: São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- PEDROSA, Ledir Marques. *Origem histórica e bravura dos Barbosas*: árvore genealógica e história. Campo Grande: [s.n.], 1986.
- QUEIROZ, Aldo de. *Com os pés na terra*. [S.1.]: Lellográfica, 1974.
- REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL-IBGE. Campo Grande, 1998.
- RONDON, Lucídio. *Geografia e história de Mato Grosso*. [S.1.: s.n.], 1970.
- SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário guarani-português*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.
- SANTOS, José de Oliveira. *Três caravanas às selvas brasileiras*. Jundiá: Literart, [s/d].
- SILVA, Edima Aranha; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. *Territórios e territorialidades no Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- SOUZA, Maria Aparecida de. *Estudo de caso da sub-bacia do ribeirão Campo Triste e a importância das sub-bacias hidrográficas para a preservação dos recursos hídricos*. 2003. Monografia (Graduação) – UFMS, Três Lagoas, 2003.

SPENGLER, Henrique de Melo. *Porto Murtinho: história e cultura*. Coxim: Editora dos Autores, 2007.

TAUNAY, Visconde de. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora, 1985.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos. Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. v. III.

WEINGARTNER, Alisoete Ântonia dos Santos. *Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul (1889-1930)*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.



Toponymic entry: microstructures for hydronyms

Verbetes toponímico: microestruturas para hidrônimos

Ana Claudia Castiglioni

Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, Tocantins/ Brasil

anacastiglioni@hotmail.com

Resumo: O objeto de estudo da Toponímia são os topônimos, analisados sob diferentes perspectivas, como a sua origem, sua significação, sua transformação, sua classificação taxionômica. Neste artigo será apresentada a proposta de três modelos de microestrutura para verbetes toponímicos a partir dos pressupostos teóricos da Toponímia e da Terminologia: um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto toponímico, outro para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos e um terceiro remissivo. O *corpus* que serviu como base para formulação dos modelos foi o repertório das unidades léxicas que designam o nome dos elementos geográficos referentes à água, *arroyo, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta*. Esses hidrônimos foram obtidos no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS. As microestruturas propostas poderão ser opção para subsidiar a elaboração de dicionários toponímicos que, além de registrarem os nomes próprios com sua respectiva localização e causas que motivam a nomeação, também contribuem para o resgate e o registro social, histórico e cultural de uma região.

Palavras-chave: Toponímia; Terminografia; topônimos; microestrutura.

Abstract: The object of study of Toponymy are toponyms, seen from different perspectives, such as their origin, meaning, changes, and categorization. This paper will present the proposal of three microstructure models for toponymic input words based on the theoretical assumptions of Toponymy and Terminography: one for input words whose input words designate concepts related to hydrographic elements and key concepts of the toponymic set, another for the constitution of input words that use toponymic syntagmas as their input words, and a third that is cross-referencing.

The corpus that served as basis for the formulation of the models was the repertoire of lexical units that designate the name of the geographic elements referring to water, brook, bay, headland, cable, waterfall, channel, cataract, *corixão*, *corixo*, stream, estuary, lake, lagoon, spring, dam, creek, river, *sanga*, ebb, and curve. These hydronyms were obtained from the Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS). The proposed microstructures may be an option to subsidize the development of toponymic dictionaries that, in addition to registering proper names with their respective location and causes that motivate their naming, also contribute to the recovery and social, historical, and cultural records of a region.

Keywords: Toponymy; Terminography; toponyms; microstructure.

Received on: December 10, 2017

Accepted on: March 20, 2018

1 Introduction

The variety of significant nuances that comprise a place name and the diversification of the information that can be extracted, after the analysis of a toponym (DICK, 1992, p. 15) has resulted in the difficulty of situating the Toponymic Science within a branch of knowledge, since, for many, it could very well be affiliated with studies from History, Geography, or Social Sciences. Nonetheless, none of these fields' positions, when taken in an isolated manner, could handle the toponymic analyses in their most diverse aspects, since, as explained by Dick (1990, p. 16), “[...] it is legitimate to consider Toponymy, above all, as a lingual-cultural compound, in which the data from other sciences intersect necessarily, and not exclusively,” thus constituting Toponymy as an interdisciplinary science.

In the present article, we present a proposal of the microstructural models for toponymic entries. The proposal was drafted in our doctoral dissertation when we used, as the corpus of our research, the hydrotoponyms available in the Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul¹ databank, in which we participate as member researchers. One of the stages of the project is the formulation of a

¹ Ongoing Project at Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS under the coordination of Prof. Dr. Aparecida Negri Isquerdo).

dictionary of toponyms, and in our study, we seek to provide a proposal that could serve as the basis for data from the region in question. In thesis, we would develop a macrostructure organized by means of a conceptual system, and we proposed three microstructural models, which we will treat in this work, which can be adapted to the Project data, as well as to other toponymic data that can be added to a dictionary.

The dictionary is an instrument for the systematization of lexicons, which can be registered in its greatest possible totality. The most common lexicographic production is the general language dictionary, which is considered to be ideal when it presents the language in its standard and colloquial use, since, in this way, it becomes an object of the society's language records. In this sense, Biderman (1984, p. 166) observes that:

In such a socially diversified society as ours, stratified in social classes, a wide range of diastatic varieties coexist. Although the dictionary privileges the written language, it must also describe the different levels of language, the social records and, thus, not only identify the vocabulary and its uses, marked as typical of the cult and formal language, but also that of the colloquial language, pinpointing the lexical items that are characteristic of a popular, vulgar, low-grade, slang use, as well as obscene words and expressions.

The analysis of a dictionary, confronting, comparing the content of its input words, analyzing their differences, illustrates that these, to a certain extent, build an image of society, since they record the historical moment in which they were first created. This is no different for a toponymic dictionary, and, though quite rare, it is quite relevant, since it records, in addition to the proper names of a region and their respective localizations, causes that led the designators to choose a specific word to name a location, thereby contributing to the social, historical, and cultural recovery and record of the region.

2 The object of study of Toponymy: the toponymic syntagma

According to the affirmation from Dick (1992, p. 10), when a toponymic syntagma acts in both a compound and juxtaposed manner, the terms that comprise it constitute a single block around two elements. We observed, through the analysis of the corpus comprised of hydronyms

from the state of Mato Grosso do Sul, that, when referring to a toponymic wording, we understand that there is a meaning that depends on distinct signifiers, but which construct one sole syntagma. It is in this light that we view the toponyms that name the physical elements analyzed in this study: these only produce a sense and attribute a meaning when they are a toponymic wording formulated by a generic term and a specific term.

The generic term, always understood as a term in an area of expertise, in the case of our data, hydrography, semantically complements the specific term, since, within toponymic texts, such as maps and dictionaries, its dismemberment appears to be impossible. In the context of the map, there are no waterways identified only by one or another term. The wording appears in a complete form: “rio da Quitéria”, “córrego do Cupim”, “cabeceira do Mimoso” (“Quitéria river”, “Cupim stream”, “Mimoso headwaters”). Dick (1992, p. 10) calls this relationship between the term referent to the geographic element and its name of “binomial relationship” or “symbiosis”, formulated by a “geographic entity that will receive the denomination and the other, the toponym, which will specify the spatial notion, identifying it and singling it out among other similar entities” (DICK, 1992, p. 10). When the physical element is representative, such as the Paraguay River, the Paraná River, the Taquari River, the Sucuriú River, what may happen orally is the reference only to the toponym “Paraguai”, “Paraná”, “Taquari”, “Sucuriú”. However, this must occur within a communicative situation where the interlocutors specify that they are speaking of the river and not the country, the state, the city, the falls, or settlements that received their names in homage of the rivers.

As we have noted, it is the complete specification of the toponymic syntagma that allows it to be attributed meaning, especially since the name will have a very restricted reference. In addition, the placing of a preposition in a toponymic syntagma more evidently indicates the attempt of the nomiator to express particular aspects and differentials from the other named elements. These names are characterized by the fact that they are more descriptive, and thus the need to maintain the complete syntagma occurs. The prepositions, therefore, promote the union between the generic term and the specific term (*Ribeirão da Divisa*, *Ribeirão da Constança*, *Ribeirão do Garimpeiro*). Nothing is more natural, since we found, in both dictionaries as well as in grammar books, the definition of prepositions exactly with the function of indicating subordination, belonging, and origin.

We can observe that the toponymic syntagmas of this nature are thus formed by two (or more) lexical elements and by one grammatical element. That is, two or more words that revert back to the external world, configuring a representation of the extra-linguistic reality and a word with internal meaning, which has the function of establishing relationships within the restricted context of the wording, given that, according to Neves (2000, p. 601) “the prepositions belong to the semantic sphere of the relationships and processes, and act specifically in joining the elements of the discourse, that is, they occur within a specific point of the text, indicating the manner in which the successive portions connect.”

In the same light as this author’s explanation, Borba (2003, p. 286) affirms that the prepositions “establish semantic relationships of syntactic subordination between the words, making them dependent upon each other.” Bechara (2009, p. 313-314) develops an explanation through which we can presuppose the existence of the preposition establishing a relationship of belonging between the geographic element and the proper name, even if it is omitted in the naming process, not being inserted together with the geographic element. We can perceive this occurrence in toponymic syntagmas, such as “Arroio Glória”, “Cabeceira Rio Branco”, “Cabeceira Sucuri”. In this sense, we can see that the meaning of the toponyms depends on its context within the wording. A proper name that is isolated from the named place does not present a full meaning. Although we believe that this characteristic is present in all of the toponyms of physical elements, especially through the context in which they are inserted (maps, for example), this is observed more clearly through prepositioned toponymic syntagmas when the relationship occurs at the syntactic level, in accordance with that explained above.

In this particular light, Dick (1992, p. 18-19) does not analyze the fusing of the geographic element to the proper name through prepositions, but he does admit that in some types of naming, this can happen:

The onomastic expressions would exercise referent functions so long as their constitutive elements illustrated the existence of a link between them and their referent. Under such circumstances, the linguistic sign in a toponymic function would represent a projection that would come close to the real, making the semantic nature or the transparency of its meaning clear. There would be, so to speak, an unequivocal relationship between the implied terms when they translate references to color, shape, size, natural formation.

Although the author affirms that “upon designating the proper name of the place, in its formalization within the onomastic nomenclature, it connects itself with the geographic element that identifies it, with it constituting a group” (DICK, 1992, p. 10), to better distinguish its formational terms, the author (1992, p. 13 e 14) separates this toponymic wording and classifies only the proper name as simple, compound, and hybrid. Hence, as regards the morphological composition, the specific term, that is, the toponym, can be simple, compound, or hybrid. A simple specific term is that which is defined by one single forming element, which can, however, also appear accompanied by suffixations (DICK, 1992, p. 13). A compound specific element is that in which more than one forming element appears, of diverse origins among them, from the point of view of content. The indigenous elements *mirim* (small) and *guaçu* (big), for example, present distinctions of the meaning of the name and collaborate with the formation of compound toponyms, such as the city names *Ituguaçu* (big falls) and *Itumirim* (small falls). There are also compound formations that involve sacred names, formations that are quite common in Brazilian toponymy, such as the human elements *Santo Antonio das Trepes*, *Santo Antonio do Rio Abaixo*, *São Pedro de Ratos* (DICK, 1992, p. 14). By contrast, the hybrid specific elements that make up the toponymic wording are formed by placing the lexical units coming from different languages in a single designation. According to Dick (1992, p. 15), the formation that has been most widely used in Brazil was comprised of the following structure: Indigenous + Portuguese or Portuguese + Indigenous, and the toponyms of human elements – *Lambari do Meio* and *Marabá Paulista* – among many others, illustrate this.

It is important to emphasize that the ATEMS team expanded the items referent to the morphological structure, considering the linguistic reality in which the toponyms are inserted. This expansion proposed in the Project is in relation to the specific hybrid element, which becomes a subclassification both for the simple as well as the compound. For example, the toponym, *Rio Félix Cuê*, is understood as a hybrid compound, as it consists of two linguistic extracts, one from the Portuguese language and another from the Guarani language. By contrast, the toponym, *Córrego Pirizal*, is classified as a simple hybrid, as it is made up of a morpheme with its origins in the Tupi language and a suffix of Portuguese origin.

The toponym structure, particularly the linguistic nature of the specific term, addressed in the synchronic plane, backs the investigation of the motivational causes, organized in taxonomic categories. The method formulated by Dick (1992) was adopted as the methodological base in our study. The author presents the taxonomies through two aspects: physical nature and human nature. In the scope of this study, entries are presented that refer to the toponyms of physical nature with names related to water, *hydrotponyms* – Rio Aporé e Rio Apa (Aporé River and Apa River) – to the chromatic scale, *chromotponym* – Rio Branco (Rio Branco) – and a name related to vegetation, *phytotponyms* – Arroio Curupáí (Curupáí Stream) as well as human nature toponyms: Arroio Corá (Corá Stream), an *ergotponym*, which is classified as such because the name is related to the material culture and Rio Betione (Betione River), an *anthropotponym*, related to a person's proper name.

3 Models of microstructure for toponymic entries

The search for Terminography as a basis for the drafting of a microstructure for a toponymic dictionary is the consideration, on the part of this science, of the context as a determining factor to express the characteristics that make up this term. The context is defined by Barros (2004, p. 109) as the wording where the studied term is updated. To construct a toponymic dictionary, we take advantage of what the cited author explains as being the encyclopedic context, which is essential in the drafting of encyclopedic dictionaries and characterized as an element that “conveys data of extralinguistic, referential, historical nature, without adding definition” (BARROS, 2004, p. 11). For our proposal of a dictionary, this is crucial data, since we take the toponymic syntagmas from their insertion within maps, and the context in which the elements occur determine the geographic information that composes the microstructure.

We would also like to highlight, as a specific feature of terminographic proposals, the information that make up the texts of entries that are restricted to offering specific data to the chosen lexical repertoire, as compared to what happens with Lexicography, which seeks to offer in the entry a greater amount of information and possible meanings for a lexical unit. In this sense, the toponymic entries proposed in this article also do not intend to be exhaustive, but rather offer relative information to the names as regards their motivational and encyclopedic

aspects. This constitutive element finds support in the words of Krieger & Finatto (2004, p. 53) when these authors claim that “since the terminographic works gives preference to information about specialized knowledge, and as such of extralinguistic nature, it can be said that they become similar to encyclopedias.”

The microstructure is, according to Barros (2004, p. 156), the “organization of the data contained in the entry, or even better, the program of information about the wording available in the entry.” We must focus on three elements for the distribution of the data in the microstructure:

The amount of information transmitted by the lexicographic/terminological wording; constancy of the program of information in all entries within the same work; the sequential order of this information.

Based on the elements that guide the regularity, the uniformity of the wording, and the nature of the units, we propose three types of microstructure: two main forms, one for entries whose input words designate concepts relevant to the hydrographic elements and the key concepts of the terminological set; another for the constitution of the definitions that have toponymic syntagmas for their input words. For these, we also focus on the lexicographic-toponymic record conceived by Dick (2004, p. 131).

For the main entry, we understand that in which all of the linguistic and extralinguistic information about the terms and the toponymic syntagmas are available. These entries are called as such within the scope of this work as they differentiate themselves from the third model, which is cross-referencing. As an input words of this last fact, other denominations of the toponyms appear, which constitute input words from the second model of the main entry.

To better understand these differences, we present, in a more detailed manner, each proposed microstructural model.

3.1 Microstructure of the entries whose input word is a term which designates geographic elements

The first microstructural model proposed here has the core function of describing the concepts relative to the hydrographic elements, to which the toponyms refer. In this sense, the definition does not

contemplate meanings that are not relevant to the meaning attributed to the geographic element in its hydrographic context.

The terms that designate the hydrographic elements constitute input words from the first microstructural model. These include: *arroyo, baía, cabeceira, cabo, canal, catarata, corixo, corixão, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante, and volta*. (In English: water, brook, bay, headland, cable, waterfall, channel, cataract, *corixão, corixo*, estuary, lake, lagoon, spring, dam, creek, stream, creek, river, *sanga*, ebb, and curve). Also found were input words of definitions with this same microstructure, in terms such as *águas correntes, águas em queda* and *águas lênticas* (In English: running water, waterfalls, and standing water), which designate the key concepts that constitute the system of concepts² proposed in the same research that served as the origin of this work. The structure of the definition is comprised of the following microparadigms:

1. Entry + 2. Grammatical information (grammatical class and genre) + 3. Etymology (etymological source) + 4. Definition (source of definition) + 5. Code in the conceptual system

As an example of this microstructural model, with an entry of a term that designates a concept relevant to a hydrographic element, we can cite:

Rio. *S.m.* From the Latin *rivus* (CUNHA, 2007, p. 686). Liquid current resulting from the concentration of the aquifer within a valley; the river can be defined by the thalweg, through the slopes and terraces. A river consequently constitutes a meeting of the aquifer in a channel whose continuous slope allows for a ranking of the hydrographic network. These have many headwaters that give origin to their water course and receive many tributaries. These are limited laterally by the banks and by the slopes, which give it shape, that is, the type of valley. They arrive at the sea, at a lake, leading, at times, to a long channel; other times the waterfall is comprised of a series of islands. As regards the elements that

² On this theme, we have submitted the article entitled, “Conceptual system for a toponymic encyclopedic dictionary: proposed model”, which has been accepted for publication in vol. III of the collection Sciences of the Lexicon: Lexicology, Lexicography, and Terminology.

form the rivers, we should consider the headwaters, the smaller and larger riverbeds, tributaries, and sub-tributaries, confluence, falls and their different types, hydrographic basins, thalwegs, and watersheds. The rivers and various waterways of lesser importance depend greatly upon the region that they cross; thus, what is called a river in the South of Brazil could be a mere stream in the Amazon region (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 545-546). *Code in the conceptual system*: 1.2.13

As an example of this microstructural model, having as an entry a term that designates a key concept, we can mention that of *running water*.

Running water. *S.f.* From the Latin *aqua + currens -entis* (CUNHA 2007, p. 23 and 220). Said about the waters that move along the surface of continents. In a strict sense, this is used only to refer to water courses, as opposed to the calm waters, which refer to lakes (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 22). *Code in the conceptual system*: 1.2.

We now move on to the explanation of each microparadigm that constitutes the highlighted entries.

The *input word* of the entry, in the case of the example *river*, is the term that designates the concept of one of the hydrographic elements addressed in our study and can be found in bold, followed by a period; *running water* is the term that designates the key concept that covers the hydrographic elements that have this classification characteristic, such as stream, river, brook, run-off, etc.

The *grammatical information* is indicated in italics and abbreviated with the classification initials: *s.m.* (male noun), *s.f.* (female noun). It is important to note that the terminology normally does not accept a entry in the plural form, unless it deals with *pluralia tantem*. In the case of entries whose input words are the terms *running waters*, *waterfalls*, and *standing waters*, we opt to maintain these in the plural form, as these refer to more than one hydrographic element.

The *etymology* can be found directly after the grammatical information. In the chosen examples, we can observe the etymology of the input word *river* “from the Latin *rivus*” followed by the reference to the consulted work, as in the case of “Cunha, 2007, p. 686”. The etymology of the lexical unit *running waters*, which constitutes the input word of the entry, is also presented followed by the reference to the data source.

Both the grammatical information and the etymology have the following works as search sources: *Dicionário Etymológico da Língua Portuguesa* (NASCENTES, 1955), *Dicionário Etymológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007), *Dicionário Eletrônico Houaiss* (HOUAISS, 2009), and *Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2004).

The definitions were not rewritten by us, as they were retrieved from the following specialized works: *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente* (IBGE, 2004), *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico* (GUERRA & GUERRA, 2011), *Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil* (IBGE, 2010), *Dicionário Eletrônico Houaiss* (HOUAISS, 2009), and *Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2004). After each definition, the reference is presented.

Finally, the indication of the code within the conceptual system leads the consultant to identify the localization of this hydrographic element in the structured system of concepts which composes the proposed macrostructure, considering its characteristic of classification and taxonomy.

Certain terms that designate concepts relative to hydrographic elements contain different concepts according to the region in which they are located. We sought to illustrate in the definitions provided to the consulter, some particularities that occur in the state of Mato Grosso do Sul regarding its hydrography.

As an example, we can site the term *bay*, which, in the Pantanal region, has a different concept of the term bay than in a Brazilian coastal region. When we refer to this term, we attribute to it a specific regional concept: “in the Pantanal region, the bays are immense lakes that are separated by high lands” (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 79), a concept that is different than that attributed to the term national context “in the coastal stretch, any concave region where one can dock” (HOUAISS, 2009).

The same occurs with the term *corixo* (small stream), according to the dictionary by Guerra & Guerra (2011, p. 163), is a term used specifically in the region of our study: “Pantanal regional denomination, for the small permanent streams that connect the bays”, and with the term *vazante* (ebb), for which the same dictionary attributes the following definition: “Regional term, found in the Pantanal region. Denomination given to the small temporary creeks that connect the bays, since the permanent streams are called *corixos*” (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 634).

We opted to include this microstructure, predicting that we would encounter a consulter that is not of the specialized area of Geography and that probably does not have knowledge of the features that differentiate the term “river” from the term “creek”, or the term “lake” from the term “lagoon”, the term “falls” from the term “waterfall”, etc.

Thus, through our first proposed microstructural model, the consulter is able to access both to the regional concepts designated by some terms (bay, stream, and ebb) as well as to the concepts that shed light on the particularities of the terms whose classification characteristics are the same (*rio/ribeirão/ribeira, lago/lagoa, salto/cachoeira/catarata*, etc).

3.2 Microstructure of the entries whose input words are toponymic syntagmas

The second microstructural model of entries of our proposal was conceived through the lexicographic-toponymic record from Dick (2004, p. 130) and adapted to the description needs of the linguistic and extralinguistic data from the toponymic syntagmas of the corpus, organized in the following manner:

Entry (toponymic syntagma) + 2. Taxonomy + 3. Etymology (+ source) + 4. Encyclopedic information (+ source) + 5. Other denominations + 6. Code in the conceptual system.

All of the microparadigms that comprise the microstructure of this model of entry are organized and represented in the following manner:

Entry *Tax.:* *Etym.:* *Encyclopedic information:* *Other denominations:* *Code in the conceptual system:*

The abbreviations of *Tax.* and *Etym.* Represent, respectively, *Taxonomy* and *Etymology*. As an example of this type of microstructure, we present the following entry that offers data about Rio Aporé:

Rio Aporé *Tax.:* hydrotoponym *Etym.:* From the Tupi, *abá-ry*, Indian river (TIBIRIÇA, 1985, p. 20). *Encyclopedic information:* “the Aporé river begins near Capela and serves as the border for our state (Mato Grosso do Sul) with Goiás, from its headwaters to its river mouth in the Paranaíba river” (RONDON, 1970, p. 42). “There is no doubt that Anhanguera transverses the Paranaíba, Aporé river, and then falls into the Araguaia and Tocantins”

(CUNHA, 1988, p. 91). “The region included in the Aporé, Paranaíba, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim, and Taquari rivers, with more dense vegetation in the valleys and savannas in the higher parts, was occupied, in the 18th century, by the Caiapós, persecuted from Goiás to Camapuã, in the middle of that century by the feared Pai-Pirá” (CAMPESTRINI, 2002, p. 17). “We rested on a plateau where you can see the sky and the fields wherever you are; so flat that it tires the eyes. We walked toward the sunset and rested on the edge of the Rio Peixe” (REVISTA DO IBGE, 1998, p. 57). The Aporé river is located in the microregion of Cassilândia, beginning in the town of Costa Rica, bordering the states of Goiás and Mato Grosso do Sul, forming the natural border between these two states, and falls into the Paraná river. The main city on its right margin is the Mato Grosso do Sul town of Cassilândia. The Aporé river is also registered in the maps as the Peixe river. *Other denominations*: Rio do Peixe (Peixe River). *Code in the conceptual system*: 1.2.13.3.3.

Of the microparadigms that make up the second microstructural model, five are *mandatory* and two are *optional*. The mandatory, that is, those that appear in all of the entries are: *input word*, *taxonomy*, *encyclopedic information*, and *code in the conceptual system*. By contrast, the optional microparadigms are *etymology* and *other denominations*.

The *input word* of the entry is constituted by the toponymic syntagma, that is, the lexical unit about which all of the information of the definition is provided. The entry is highlighted in bold and with the first letter of each lexeme that formulates the toponymic syntagma in a capital letter, as observed in *Rio Aporé*.

In the microparadigm *taxonomy*, the taxonomic classification of the toponym is informed according to the model proposed by Dick (1992, p. 31-34). In congruence with the lexicographic-toponymic record proposed by Dick (2004, p 130), we inserted the taxonomy directly after the input word of each entry to recover its hypernym, in such a way as to illustrate the relationship maintained between them, when presented together with the conceptual system. For this option, we also found proof in Barros (2004, p. 122), when the author, by explaining the organization of terminographic works, clarifies:

The organization of the terminological units that make up the nomenclature of a vocabulary term in a structured set of terms allows for the precise identification of the conceptual relationships

established among them. The semantic-conceptual analysis of these linguistic units equally allows for the identification of the zone of semantic intersection that exists between them and of the specific traces of each one.

We understand that, in the data that we use to sketch the microstructural models, the specific trace and the semantic intersection that occurs between the toponyms occurs through taxonomies. In the example, the toponym *Rio Aporé* as a figure in the input word of the entry is part of the *hydrotoponym* taxonomy.

The microstructure also contains the microparadigm etymology, which provides data about toponyms of indigenous origin. This conforms to the information relative to the language to which the name belongs (Tupi, Guarani, Bororo, Guaicuru, etc.) and the translation to the Portuguese Language. To exemplify this microparadigm, we present the following definition:

Arroio Corá Tax.: Ergotoponym. *Etym.:* From the Guarani *korá*, *enclosure, pen, corral, boundary* (ARNAUD SAMPAIO, 1986, p. 91). *Encyclopedic information:* The Arroio Corá begins in the central region of the town of Amambai and is configured as a short tributary from the left margin of the Córrego Ponteí (Ponteí Creek). *Other denominations:* – *Code in the conceptual system:* 1.2.1.2.3.1.

As we can see, the microparadigm *etymology*, which in the definition exemplified above appears abbreviated as *Etym.*, contemplates the information about the origin of the lexical unit *korá* “from the Guarani *korá*”, followed by the equivalent lexical units in the Portuguese language “*enclosure, pen, corral, boundary.*”

In the etymological search, we use the following dictionaries as parameters Houaiss (2009), Aurélio (2004), Nascentes (1952 and 1955), Cunha (2007 and 1998), Tibiriçá (1985), Sampaio (1987), Arnaud Sampaio (1986), and Guasch (1961), in addition to the glossaries that integrate the works of Vasconcellos (1931), Sampaio (1928), and Cardoso (1961).

The etymology is an optional microparadigm, since the majority of the toponyms belong to the Portuguese Language, and we resolved to only insert them into entries whose input word is of indigenous origin. This is the case of the following definition:

Baía Conceição *Tax.*: Anthrotoponym. *Etym.*: -. *Encyclopedic information*: Baía Conceição (Conceição Bay) is located near Arroio Conceição (Conceição Stream) and the main offices of the town of Corumbá. *Other denominations*: -. *Code in the conceptual system*: 1.1.1.2.1.1.

As we can see, *Etym.* was not completed in the definition, since the entry belonged to the Portuguese Language. Even if it is not completed with the information, it is mentioned in the definition, followed by a trace, as occurs with the example of *Baía da Conceição*, *Etym.*: -, indicating that the Etymology does not exist in this entry.

The microparadigm *Encyclopedic information* contains extralinguistic information and is subdivided into *geographic*, *historical*, and *contextual data*. Of these, *historical* and *contextual* are optional, but the geographic data are mandatory in all entries.

In the *geographic data*, information referent to the hydrographic element is mandatorily recorded, extracted by us through the reading of the official maps, such as the indication of the spring and river mouth, established boundaries, tributaries, and extensions. As regards the consultation of the map, which is essential in the case of this study, Dick (1999, p. 129) stresses that:

[...] interpreted, traditionally, as a symbolic representation of the outlines of a physical and urban landscape, the maps are characterized by the fact that they also allow two planes of interpretation: the verbal, expressed in the names of the elements and in other linguistic information, and the non-verbal, characterized, preferentially, by the distinct conventional symbols, according to the nature of the element (water courses, ridges, highways, railways).

In this stage of the study, we systematically consulted the topographic maps of the towns from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) which belonged to all of the towns of the state of Mato Grosso do Sul, scale 1:100,000.³

We illustrate the geographic data through the following entry:

³ All of the maps were found on the IBGE webpage. Available at: <http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm>. Retrived on: July 30, 2011.

Arroio Curupaí *Tax.*: Phytotoponym. *Etym.*: From the Tupi, *kurupa* 'y, tree similar to the ka'ahoví, from the family of *Acácias astringens* Mart. It is a dyeing tree (which serves to dye) (ARNAUD SAMPAIO, 1986, p. 96). *Encyclopedic information*: The Arroio Curupaí (Curupaí Stream) is located in the Southern region of the town of Naviraí and is configured as an intermittent tributary of short length on the right banks as the Rio Laranjaí (Laranjaí River). *Other denominations*:- *Code in the conceptual system*: 1.2.1.1.3.1.

We can perceive, in *Encyclopedic information*, that there is data about the localization of the hydrographic element, as well as the town to which it belongs, “Naviraí”, as regards its geographic position “in the southern region of the town.” The information about the localization is present in all of the entries.

In this microparadigm, we also point out data about the extension of the geographic element, which can be short or long, in the case of the “short length” of the above example. This data is present in the entries whose input words are toponyms that denominate water courses that can be seen on the map: *arroio, cabeceira, cabo, canal, corixão, corixo, córrego, riacho, ribeirão, rio* and *sanga*. We did not insert information about the extension of the elements of *ebb* and *flow*, since, although they are water courses, the first has a temporary course, emerging only in the flood periods of the Pantanal, and the second is configured as a sinuosity of a larger water course.

For the hydrographic elements that are characterized by standing water – such as *baía, lago, lagoa, represa* (bay, lake, lagoon, dam – or by waterfalls) – such as a *catarata, cachoeira, salto* (large and small waterfalls), we also did not insert information about the extension, since the map did not indicate data about their dimensions.

We did insert information about the river mouth of the water course, indicating where this water empties into: “tributary of the right margin of the Rio Larajaí (Larajaí River)”, in the case of the above example, and in which we also observed the information “intermittent tributary”, indicating a piece of data that we deduced from the map and that indicates that part of the water course of the hydrographic element occurs underground.

In *Encyclopedic information*, we add optional data about the *history* of the toponym and its *context*, when the data is available. The

history brings information about the motivation of the name and the *context* presents the piece of a regional work in which the toponym was cited. Below, we highlight the context through the definition of *Rio Apa*:

Rio Apa Tax.: Hydrotoponym *Etym.*: From the Tupi, *apa* is an adjective that characterizes that which is collapsing, tumbling (SAMPAIO, 1928, p.153). *Encyclopedic information:* “On the left margin of the Rio Paraguai (Paraguay River), approximately fifty kilometers from the rest of the Rio Apa (Apa River) dam, the company, Mate Laranjeira, built a port, which received the name of the famous man from Cuiabá, Joaquim Murtinho, from which all of the peas harvested by the company’s entourage were exported. Hence the name of the town, Porto Murtinho (Murtinho Port)”. (FERREIRA NETO, 2004, p. 123). The APA River begins in the western region of the town of Ponta Porã, follows along the water course towards the southern region of Bela Vista, and establishes the territorial boundary between Brazil and Paraguay, at Bela Vista, Porto Murtinho, and Caracol, when it empties into the Paraguay River. *Other denominations:* -. *Code in the conceptual system:* 1.2.13.1.3.1.

What we call *context* is the part between the quotation marks that the underlined text in the example’s entry, followed by the bibliographic reference from which it was taken. The search for this information is done through the reading of books that depict the researched region.⁴

We insert the information of the reference so that the consulter, if he/she wishes to complement the referred information, can directly access the work and the cited page.

The history that we can also insert as part of the microparadigm, *Encyclopedic information*, is optional, such as cities, towns, villages,

⁴ The works used as data sources for the history and context of the toponyms are from the following authors: Almeida (2003); Almeida; Silva (2011); Alves (2003); Amarilha (1973); Campestrini (1991); Campestrini (2002a); Campestrini (2002b); Campestrini e Guimarães (2002); Cattanio (1976); Cuchiaro & Paulichi (1994); Cunha (1992); Dutra (2011); Ferreira Neto (2004); Gomes (s/d); Gressler; Vasconcelos (2005); Levorato (1999); Lopes (1984); Luz Filho (2004); Martin (2000); Martins (2003); Martins; Marinho (2007); Moreira (2006); Parra (2001); Passos (2011); Pedrosa (1986); Queiroz (1974); Revista do IBGE (1998); Rondon (1970); Santos (s/d); Baés (1980); Souza (2003); Taunay (2005); Spengler (2007); Weingartner (2002).

streets, etc. Recovering the history of the name of a geographic element is even more rare and would depend on a study based on oral data.

The varying orthographic or lexical form of the toponymic syntagma, when identified on the map, was recorded in the item *Other denominations*, as highlighted below:

Rio Inhanduí *Tax.:* Zootoponym *Etym.:* From the Tupi, alteration of *nhandu-y*, river of rheas (TIBIRIÇA, 1985, p.19). *Encyclopedic information:* “In the proximities of the headwaters of the Rio Anhanduí (Anhanduí River), in the region of the city of Campo Grande, during the work of archeological surveying, an open-sky, licit site was located in the proximities of the córrego Rabicho (Rabicho creek), tributary of the Anhanduí in its high waters” (MARTINS, 2003, p. 47).

The Inhanduí River begins in Campo Grande, near the city’s main offices, and along its water course establishes the territorial boundary between Campo Grande de Nova Alvorada do Sul and Sidrolândia; Ribas do Rio Pardo with Nova Andradina and Bataguassu. Its river mouth is in the right margin of the Pardo River. In some points along its water course, it is recorded as Rio Anhanduí (Anhanduí River). *Other denominations:* Anhanduí River. *Code in the conceptual system:* 1.2.12.1.2.19.

In the entry highlighted above, the hydrographic element is recorded by the toponymic syntagma, *Rio Inhanduí* as well as *Rio Anhanduí*. On the map, along the course of this river, we found two names, but, as the toponymic syntagma *Rio Anhanduí*, it appears fewer times. We stipulated that this would figure as an ‘other denomination’ of the hydrographic element in question, while *Rio Inhanduí* would be appear as the input word of a main entry.

Therefore, in *Other denominations*, other toponymic syntagmas that denominate the same hydrographic element were included. As criteria to choose which of the toponymic syntagmas would be included as *Other denominations*, we stipulated: those that appear fewer times; those that appear after the conjunction “or”, for example, Córrego Limoeiro or Jatobá; and those that appear closer to the river mouth; all of these characteristics were observed exactly as they appeared on the map.

The toponymic syntagmas that we included as *Other denomination* are those that create the input words of the cross-referenced entries, as we explain in the following item.

As the last microparadigm of this microstructural model, we propose the *Code in the conceptual system*, which refers to the localization of the toponymic syntagma in the formulated conceptual system. Its function is to guide the consulter to the level at which the toponym in the system can be found.

In the next topic, we will explain our proposal of the system of cross-referencing, including the microstructural model of the cross-referenced entries adopted by us in our toponym dictionary.

3.3 The system of cross-referencing

The system of cross-referencing plays a role, according to Barros (2004, p. 174), of

[...] recovering the semantic-conceptual relationships that exist between the lexical and the terminological units that comprise the nomenclature of a lexicographic or terminographic work, correcting the isolation of messages, connecting variations, creating semantic fields.

To set up this system, we opted for two types of cross-referencing: *see also* and *Code in the conceptual system*. Both are indicated in the microstructure.

The cross-referencing presented in the form of *see also* is explicit and, according to Barros (2004, p. 177), is commonly used to indicate the presence of variations. For this reason, we opted to insert it as cross-referencing, since, in its nomenclature, the only situation that it appears for the constitution of cross-referencing as a complementation of information is in the varying forms of the toponymic syntagmas found on the maps.

The system of cross-referencing using *see also* was drafted with input words whose entries direct the consulter to another definition, with the complete information. For example:

Rio Betione *See also:* Rio Betiono.

Rio Betiono *Tax.:* Anthrotoponym *Etym.:* -. *Encyclopedic information:* Rio Betiono (Betiono River) begins in the southern region of the town of Bodoquena and is configured as a tributary of long length on the left margin of the Miranda River. *Other denominations:* Rio Betione (Betione River). *Code in the conceptual system:* 1.2.13.2.3.1.

In the example cited above, the toponym *Rio Betiono* (*Betiono River*) was located on the map together with the denomination *Rio Betione* and, as we can see, the system of cross-referencing is established through the form *see also*, which indicates the presence of a variation.

The other mechanism of cross-referencing that we applied is that of *Code in the conceptual system*. This cross-referencing plays the role of indicating to the consulter how the toponym or term is available in the conceptual system. For example:

Rio Branco *Tax.:* Chromotoponym *Etym.:* -. *Encyclopedic information:* The Rio Branco (White River) is located in the northern region of the town of Porto Murтинho, beginning near the ridges of Bodoquena. It included the córrego Santa Maria (Santa Maria creek) as a tributary. *Other denominations:* -. *Code in the conceptual system:* 1.2.13.1.5.1.

Observing this example, when the consulter locates the number 1.2.13.1.5.1 in the conceptual system, he/she can deduce that this indicates that the toponymic syntagma *Rio Branco* contains, respectively, the following classification characteristics, according to each number: 1: is a hydroym; 2: belongs to the classification characteristic “Running Waters”; 13: denominates a hydrographic element whose designation is the term “River”; 1: belongs to the category of physical nature; 5: belongs to the taxonomy of the chromotoponyms and, finally, the number 1, which indicates the syntagma itself, organized in alphabetical order.

In this sense, the indication of the code directs the reader to the set of dictionary input words, leading them to find the toponymic or terminological unit inserted in one of the levels of abstraction of the conceptual system of hydronyms, thereby illustrating the relationships that this maintains with the other terminological units or toponymic syntagmas of the system.

We believe that this system of cross-referencing, using the mechanisms of *see also* and *Code in the conceptual system*, the consulter will be able to view the presence of variations as well as understand the conceptual relationships that the toponymic syntagmas maintain between themselves and with the terms that comprise the proposed conceptual system of hydronyms.

The third microstructural model that we propose contemplates the cross-referenced entry. This has as an input word the variations of

toponyms found on the maps. As criteria to determine which toponym should constitute the input word of the cross-referenced entry, we consider four aspects observed on the map: a) the toponym that appears in second place in the naming of the hydrographic element; b) the toponym that appears closest to the river mouth of the hydrographic element; c) the toponym that appears fewer times along the water course; d) the toponym that is located on the written map in a distinct form of the toponym found in the databank.

As regards the “a” criterion, we chose to consider it because we found various hydrographic elements on the map with two successive names separated by the conjunction “or”. We understand that the main name is that which is together with the hydrographic element: this is the toponymic syntagma that constitutes the dictionary input word and which the conjunction indicates that the following naming can be used as the second option. Within this criterion are toponyms such as “*Córrego Limoeiro or Jatobá*”, whose cross-referenced entry will have the input word of “*Córrego Jatobá*”. In this sense, we consider *Córrego Limoeiro* as the toponymic syntagma that must constitute the input word of the main entry, while *Córrego Jatobá* will be the input word of the cross-referenced entry.

By contrast, the ‘b’ criterion option, that is, the toponym that appears closest to the beginning of the hydrographic element, appears due to the fact that there are some hydrographic element names with two toponyms that vary in spelling. This happens in “*Córrego Piquirici/Piquiri*”, which is named as ‘*Córrego Piquiri*’ near the river mouth, and for this reason figures as an input word of the cross-referenced entry, while *Córrego Piquirici*, as it is recorded near the beginning of the hydrographic element, will be the input word of the main entry.

For the adoption of the ‘c’ criterion, we considered the fact that in the corpus there are some occurrences in which a toponym is more recurrent in the same geographic element. This is the case of *Rio Piquiri* and *Rio Itiquira*. *Rio Itiquira*, appears more times on the map than *Rio Piquiri*, in such a way that we can only presuppose that *Rio Itiquira* is the most used toponym and for this reason must be a part of the main entry, whereas *Rio Piquiri* is part of the cross-referencing. This also occurs with the toponymic syntagma *Rio Anhanduí*, which is recorded fewer times as compared to *Rio Inhanduí*, given that the first form is that which constitutes the cross-referenced entry, according to the criterion

established above, since ‘Rio Anhanduí’ is recorded fewer times than ‘Rio Inhanduí’ along the extension of the water course.

The ‘d’ criterion takes the data of the map into consideration but now in relation to the toponyms recorded in the databank of the ATEMS project, since there one can find toponyms catalogued on IBGE maps printed with the scale of 1:250,000 and digital maps with a scale of 1:100,000. For this study, we worked with the consultation of digital maps, in such a way that there are records in the databanks that appear in different forms on these maps. Therefore, in this criterion, for the formation of the cross-referenced entry, we adopt the hydrographic elements that have different records. For example: in the databank, we found a geographic element named ‘Baía da Marreca’ in the city of Corumbá and, on the map of the same town, we found ‘Vazante da Marreca’.

In this sense, the toponymic syntagma that appears in the databanks forms the input word of the main entry, while what we found on the map forms the cross-referenced entry. The same occurs with *Cabo do Retiro/Cabeceira do Retiro* and *Riozinho do Uval/Vazante do Uval*. We chose to place the syntagma that appears on the map as the input word of the cross-referenced entry, taking into account one of the criteria adopted for the constitution of the macro-structure, which stipulated the first toponym of each taxonomy of the conceptual system, which was organized, using the toponymic syntagmas referent to the hydronyms available in the ATEMS data as its foundation.

The microparadigms that constitute the cross-referenced entry are *Input word* and *see also*; according to that demonstrated in the definitions below:

Rio do Peixe. *See also:* Rio Aporé

Corixo das Amoreiras. *See also:* Baía das Amoreiras

Córrego Tamanduazinho. *See also:* Córrego Alegre.

Rio Betione. *See also:* Rio Betiono.

Cachoeira da Laje. *See also:* Cachoeira da Lage.

Hence, we will have a cross-referenced entry constituted by the microparadigm *Input word* constituted by the variation in bold and *see also*;, with an indication pointing to the main entry, where the complete

information can be found about the toponymic syntagma. We stress that, in the toponymic corpus, whose sources are maps, the variation that occurs, to a great extent, is related to the presence or not of the preposition – “de, da, do, dos, das” – as in *Córrego Palmito/do Palmito* and *Córrego Onça/da Onça*, as well as to the change in a letter, such as *Rio Inhanduí/Anhanduí*, *Lagoa Areré/Araré*, and *Cachoeira da Laje/Lage*.

4. Final considerations

The core aim of this study was to present a proposal for three microstructural models for a toponymic dictionary: two main models – one for entries whose input words designate concepts relevant to hydrographic elements and one for the key concepts of the terminological set treated in this study; another model for the constitution of the entries that have toponymic syntagmas as input words; as well as third model of cross-referenced entries.

The first microstructural model was drafted considering a consulter who, even if he/she has knowledge of Geography, does not necessarily have knowledge relevant to specific elements and that, in our proposal, can understand what differentiates a river from a stream or a creek, and who can explore the regional concepts that are attributed to some terms that refer to hydrographic elements, such as a small stream, a bay, and an ebb-tide.

The second microstructural model has the toponymic syntagmas as its input words and was formulated to contain linguistic data, such as Taxonomy and Etymology for indigenous names, as well as to contain the Encyclopedic information of the designated hydrographic element, such as its localization, its extension, its tributaries, its representativeness of the region through which it passes, its river mouth, etc.

The cross-referenced entry, by contrast, has as its input words the variations or synonyms of the toponymic syntagmas, which are input words of the main entries. With the proposed system of cross-referencing, which counts on the microparadigms of *See also* and *Code in the conceptual system*, we sought to lead a possible target public toward the understanding of the toponymic variations and toward perceiving the semantic-conceptual relationships that the toponymic syntagmas and the terms, which are an integral part of the conceptual system that would construct the macrostructure, establish among themselves.

Through the microstructural model proposals, we concluded that, in the realm of the study that resulted in this article, we could not fragment the toponymic syntagma in ‘generic term’ and ‘specific term’ (DICK, 1992), or ‘term’ and ‘proper name of the place’, since we believe that it is exactly through the association of these two lexical units that a place designation is formulated. In this sense, we chose to maintain the toponymic syntagma and not only the toponym, both in the conceptual system as well as when figuring as an input word in our proposed microstructure.

We also observed, after the analyses about the profile and nature of the lexical units that constitute the hydronyms that serve as the corpus, and considering the microstructures that we propose, that the work that comes to record toponymic data must be characterized as an encyclopedic dictionary. This characterization is justified by the fact that both extralinguistic data (such as geographic and historical information regarding the geographic element, which is information inherent to the toponymic studies) as well as linguistic information (such as the grammatical category of the terms that designate the hydrographic elements, the Etymology for the indigenous units, and the Taxonomy of the toponyms) figure into the entries. Finally, we hope that the proposal of this study can serve as data for future works related to making of dictionaries of toponymic data.

References

- ALMEIDA, Valério de. *Campo Grande de Outrora*. Campo Grande: Letra Livre, 2003.
- ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande: Editora Uniderp, 2003;
- AMARILHA, Tertuliano. *Flores dos Prados Matogrossenses*. São Paulo: [s.n.], 1973.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Ciência da Lexicografia. In: *ALFA: Revista de Lingüística*. São Paulo: UNESP, vol. 28, p. 1 – 26, 1984.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CAMPESTRINI, H. & GUIMARÃES, A, V. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. *Santana do Parnaíba (de 1700 a 2002)*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002a.
- CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- CATTANIO, Maria Bernadeth. *A dinâmica urbana e a estruturação espacial de Três Lagoas*. (Dissertação de Mestrado) Bauru: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras ‘Sagrado Coração de Jesus’, 1976.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etymológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- CUNHA, Marlei. *Costa Rica: História e Genealogia*. Campo Grande: Fênix, 1992.
- CUNHA, Marlei. *Antonio Pires de Campos, Pai Pira: o Bandeirante*. Paranaíba: Gráfica Luan, 1988.
- CUCHIARO, Galdino; PAULICHI, José. *Comendador Júlio Martins. Bandeirante do Brasil Presente*. Chapadão do Sul: IBECM, 1994.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de casos. In: *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*. Volume 09, p.119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *O território Ofaié pelos caminhos da história*. Campo Grade: FCMS/ Life Editora, 2011.

FERREIRANETO, João. *Raízes de Coxim*. Campo Grande: UFMS, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo: 2004.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. *Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos*. Dourados: L. Glessner, 2005.

GUASCH, Antonio. *Diccionario Castellano-Guarani y Guarani-Castellano: sintáctico, fraseológico, ideológico*. Sevilla: Graficas La Gavidia: 1961.

GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. *Novo dicionário Geológico-Geomorfológico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATO, Maria José Bocorny; *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LEVORATO, Adão Valdemir. *Três Lagoas: Dama em preto e Branco, 1918 – 1964*. Três Lagoas: Graf Set Ltda., 1999.

LOPES, Aldo. *Chão Temporão*. [S.1.:s.n.],1984.

- LUZ FILHO, Gervasio dos Santos. *A fragmentação rural do município de Três Lagoas*. (Monografia) Três Lagoas: UFMS, 2004.
- MARINHO, Marcelo; MARTINS, Júlio Alves. *Pouso Frio: as mais de 12 vidas de um avião pioneiro no cerrado brasileiro*. Campo Grande: UCDB, 2007.
- MARTIN, Jesus Hernandez. *A história de Três Lagoas*. São Paulo: Ed. do autor, 2000.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. *Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: UFMS, 2003.
- MOREIRA, Marco Antonio Leite. *As molduras vegetais do córrego da Onça – Três Lagoas/MS*. (Monografia) Três Lagoas: UFMS, 2006.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Acadêmica, São José e Livros de Portugal, 1955.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Tomo II* (nomes próprios), Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, Acadêmica, São José e Livros de Portugal, 1952.
- NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. Araraquara: Ed. UNESP, 2000.
- PASSOS, Messias Modesto dos. *A raia divisória: São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- PARRA, Maria Aparecida Teste. *Regiões Bioclimáticas do estado de Mato Grosso do Sul*. (Monografia) Rio Claro: UNESP, 2001.
- PEDROSA, Ledir Marques. *Origem Histórica e Bravura dos Barbosas: Árvore Genealógica e História*. Campo Grande: [s.n.], 1986.
- QUEIROZ, Aldo de. *Com os Pés na Terra*. [S.l.]: Lellográfica, 1974.
- REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. Campo Grande, 1998.
- RONDON, Lucídio. *Geografia e História de Mato Grosso*. [S.l.: s.n.], 1970.

SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário guarani-português*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SANTOS, José de Oliveira. *Três Caravanas às selvas brasileiras*. Jundiá: Literart, s/d; BÁEZ, Renato. Corumbá: Lembranças e tradições. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1980.

SILVA, Edima Aranha; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. *Territórios e territorialidades no Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SOUZA, Maria Aparecida de. *Estudo de caso da sub-bacia do ribeirão Campo Triste e a importância das sub-bacias hidrográficas para a preservação dos recursos hídricos*. (Monografia) Três Lagoas: UFMS, 2003.

SPENGLER, Henrique de Melo. *Porto Murtinho: história e Cultura*. Coxim: Editora dos Autores, 2007.

TAUNAY, Visconde de. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*: Significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1985.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos. Onomatologia*. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

WEINGARTNER, Alisolete Ântonia dos Santos. *Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul (1889 – 1930)*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.



Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios

Minas Gerais religious toponymy: the names of municipalities

Ana Paula Mendes Alves de Carvalho

Instituto Federal de Minas Gerais – *Campus* Ouro Branco, Ouro Branco,

Minas Gerais / Brasil

anapaula.carvalho@ifmg.edu.br

Resumo: Adotando os pressupostos teórico-metodológicos da Toponímia, este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo toponímico dos 853 nomes de municípios de Minas Gerais, dos quais, sincronicamente, 103 – ou 12% do total – são nomes relativos à Nossa Senhora e aos santos e santas da Igreja Católica. Diacronicamente, entretanto, outros 329 municípios – 38,6% – já tiveram, ao longo de sua história, designações toponímicas dessa mesma natureza; alguns deles com mais de uma denominação como é o caso do município de Água Boa cujos topônimos anteriores já foram *São José da Água Boa* e *Santana da Água Boa*. Verificou-se, então, que os motivos para escolha do nome de um município – acidente urbano –, além de observar legislação específica, pauta-se pela subjetividade coletiva e, muitas vezes, também por interesses políticos. Assim, muitos topônimos referentes aos municípios mineiros foram substituídos com o passar do tempo, sobretudo no que concerne aos mariotopônimos. Esses topônimos, no entanto, pelas reduções referentes aos títulos que acompanham a expressão *Nossa Senhora*, deixaram vestígios de sua origem religiosa em todo o território mineiro, o que pode ser observado pela quantidade considerável de denominações toponímicas atuais constituídas a partir dos determinantes *Carmo*, *Conceição* e *Dores*, por exemplo.

Palavras-chave: léxico; cultura; toponímia religiosa; Minas Gerais; municípios.

Abstract: Based on Toponymy theoretical and methodological assumptions, this paper aims to present a toponymic study of the 853 names of Minas Gerais municipalities, of which, synchronously, 103 - or 12% of the total - are names related to the Holy Mother (Virgin Mary) and the female and male saints of the Catholic Church. Diachronically,

however, another 329 municipalities – 38,6% – have had toponymic names of this same nature throughout their history; some of them with more than one denomination as, for example, the municipality of Água Boa whose previous toponyms have been *São José da Água Boa* (Saint Joseph of Água Boa) and *Santana da Água Boa* (Saint Anne of Água Boa). It was verified, then, that the reasons for choosing the name of a municipality – an urban accident –, besides observation of specific legislations, are guided by collective subjectivity and, many times, also by political interests. Thus, many toponyms referring to the Minas Gerais municipalities have been replaced with time, especially in what *mariotopônimos* (names based on the names for the Virgin Mary) are concerned. These toponyms, however, due to the reductions referring to the titles that accompany the expression Holy Mother / Our Lady, left traces of their religious origin throughout all of the territory of Minas Gerais; this can be observed by the considerable amount of current toponymic denominations constituted from the determinants *Carmo* (Carmel), *Conceição* (Conception) and *Dores* (Sorrows), for example.

Keywords: lexicon; culture; religious toponymy; Minas Gerais; municipalities.

Recebido em 10 de dezembro de 2017

Aceito em 07 de janeiro de 2018

1. Introdução

Como atividade social, a língua envolve todas as ações e pensamentos humanos, possibilitando ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel na sociedade, relacionar-se com os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico.

Partindo desse pressuposto, para compreender o papel da língua na vida da comunidade, é preciso ir além do estudo de sua gramática e entrar no mundo da ação social, onde as palavras são encaixadas e constitutivas de atividades culturais específicas, como, por exemplo, o ato de nomear, em que se evidencia a importância da palavra e o seu papel como elemento revelador de aspectos socioculturais de um grupo humano.

De acordo com Biderman (1998, p. 81), a palavra é mais que uma forma de comunicação, visto que “por ser mágica, cabalística, sagrada, a palavra tende a construir uma realidade dotada de poder”. Para ilustrar seu ponto de vista sobre o poder da palavra, a autora afirma que, nas numerosas tradições culturais dos homens, a linguagem surge com a palavra instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. É, pois, desse modo, que o homem, desde o início dos tempos, vem fazendo uso das palavras para nomear todo o seu entorno: animais, plantas, pessoas, lugares etc.

Ao se referir à nomeação dos lugares, Dick afirma que o ato de nomear está diretamente relacionado aos valores, às ações e às reações do ser humano. Conforme a autora, as forças centrífugas e centrípetas do conjunto denominativo não são isoladas; são, pelo contrário, dependentes dos procedimentos que envolvem as atividades humanas e, nesse centro de influências e condicionantes, o homem se posiciona, no ato da nomeação, como protagonista. (DICK, 2010, p. 197)

Concebido como uma forma linguística que tem a função semântica de identificar um ponto concreto da geografia, individualizando-o, o nome próprio de lugar – *topônimo* – guarda íntima relação com o contexto histórico-político da comunidade, pois “sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida” (DICK, 1990, p. 105). Consiste, pois, no resultado da ação do nomeador que, ao realizar um recorte no plano das significações, por meio da designação de determinado acidente geográfico, registra o momento vivido pela comunidade.

Nessa perspectiva, nomes de lugar formados por nomes de origem religiosa, como os nome de santos, por exemplo, constituem um grupo especial de topônimos, uma vez que, nessas denominações, é possível perceber a comunhão de aspectos psicológicos do ser humano com a geografia e a paisagem.

No Brasil, o costume de atribuir aos lugares um nome de santo, que teve início na antiguidade cristã,¹ veio, ao longo dos séculos, sendo

¹ De acordo com Gonzalez (2001, p. 65), dar aos lugares o nome de um santo é um costume muito antigo. Remonta à segunda metade do século VI, quando as igrejas catedrais e paroquiais não tinham patrono, mas as igrejas particulares, basílicas e oratórios já eram normalmente erigidas em honra de um santo. Assim, o santo passava

passado de geração para geração e pode ser observado ainda nos dias atuais, “sendo possível até mesmo verificar-se a preferência regional pelo emprego sistemático de determinados santos e santas”. (DICK, 2010, p. 187)

Em Minas Gerais, essa tendência denominativa também veio, ao longo dos séculos, sendo perpetuada pelas gerações e pode ser observada, com nitidez, na contemporaneidade, conforme mostrou o trabalho de doutorado de Carvalho (2014). Intitulada *Hagiotoponímia em Minas Gerais*, a pesquisa constituiu-se de um estudo descritivo – linguístico e cultural – da toponímia mineira, focalizando nomes de santos, nomes de santas e nomes de invocações à Virgem Maria que designam acidentes físicos e humanos nos 853 municípios do Estado.

Vinculado ao Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais –, o estudo contou com um Banco de dados de mais de 80 mil topônimos, dentre os quais 5649 topônimos de natureza religiosa foram analisados quantitativa e qualitativamente para que se verificasse a preferência regional pelo emprego sistemático dessas denominações em cada uma das doze mesorregiões mineiras. Além desses topônimos, que constituíram o *corpus* de dados contemporâneos, através da consulta a mapas dos séculos XVIII e XIX, construiu-se um segundo *corpus* de dados históricos, composto de 647 topônimos. Assim, por meio da análise comparativa, percebeu-se como o processo designativo a partir de topônimos religiosos se deu diacronicamente no Estado.

Desse modo, ao retomar os resultados da pesquisa de Carvalho (2014), este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo toponímico dos 853 nomes de municípios mineiros, dos quais, sincronicamente, 103 – ou 12% do total – são nomes relativos à Nossa Senhora e aos santos e santas da Igreja Católica. Ao longo de sua história, entretanto, outros 329 municípios – 38,6% – já tiveram designações toponímicas dessa mesma natureza; alguns deles com mais de uma denominação como é o caso do município de Água Boa cujos topônimos anteriores já foram *São José da Água Boa* e *Santana da Água Boa*.

a ser o símbolo da igreja e a lhe dar o nome, que posteriormente era atribuído também às terras e à freguesia que iam se organizando nos arredores do templo religioso.

2. A devoção aos santos e a Nossa Senhora no Brasil: uma herança portuguesa

A devoção fiel ao culto e à tradição da Igreja Católica, que sempre foi uma constante na nação ibérica, estendeu-se, à época dos descobrimentos e das conquistas ultramarinas, a todas as costas continentais e insulares aonde chegaram as embarcações lusas, como é o caso do Brasil.

A fé cristã e Igreja Católica apareceram na costa brasileira, no raiar do século 16, pelas mãos do Padroado Português Ultramarino. Os portugueses que descobriram as terras brasileiras e que nela se estabeleceram, colonizando-a gradualmente, trouxeram também a sua fé cristã e transferiram para a colônia boa parte da organização eclesiástica que já tinham no reino, bem como aplicaram com grande desenvoltura o Regime de Padroado régio que devia ser introduzido nas terras ultramarinas de Portugal. A Igreja que nasce no Brasil no século 16 torna-se, a certo modo, uma extensão daquela Igreja Católica que existia em Portugal, com todas as suas características de expressar a fé cristã. (KUHNNEN, 2005, p.25)

A respeito dessa influência, Chaves (1957, p.178) explica que os portugueses não podiam estabelecer um hiato histórico e de ação entre o que era nacional em Portugal e o que tinha de ser igualmente nacional para além do mar. Se as instituições metropolitanas foram o padrão da colonização e administração dos territórios ultramarinos e constituíam a força criadora dessa mesma atividade, era de esperar que toda a vida espiritual dos navegantes e colonizadores fosse transferida para as terras ultramarinas. Vale ressaltar que a religiosidade cristã portuguesa não se limitou ao século XVI, pelo contrário, foi se fortalecendo ainda mais no decorrer dos séculos. De acordo com Dias:

(...) as aparições de Maria aos três pastorinhos de Fátima na cova de Iria (13/V/1917) provocaram um impacto na vida religiosa do povo português e estão na origem do revigoreamento da fé e da prática católicas. Depois do fenómeno de Fátima, a história do catolicismo em Portugal tomou rumos mais sentidos e alargados, e a devoção a Nossa Senhora de Fátima tornou-se o catalizador da vida religiosa do nosso povo. Centro religioso da nação, as peregrinações multiplicaram-se, os milagres físicos e sobretudo morais, ali realizados, incentivaram a fé de muita gente, a vida

cristã revigorou-se com as viagens da Virgem Peregrina pelo país e pelo mundo, e Portugal reencontrou-se como ‘Terra de Santa Maria’. No contexto das nações cristãs, Portugal pode, por isso, cotar-se como o país mariano por excelência; e vem já do tempo dos Descobrimentos o seu contributo para a expansão do culto de Nossa Senhora para a África, Oriente e Brasil por meio dos missionários e colonos. (DIAS, 1987, p. 234-235)

Desse modo, devido à herança portuguesa, enraizada ancestralmente à religião cristã, a devoção à Nossa Senhora e aos santos, principalmente àqueles ligados ao Cristo e à Mãe de Deus, como São José, Santa Ana, São Joaquim, São João Batista e São Pedro, sempre mereceu carinho especial do povo brasileiro.

2.1 A devoção religiosa e o povoamento de Minas Gerais

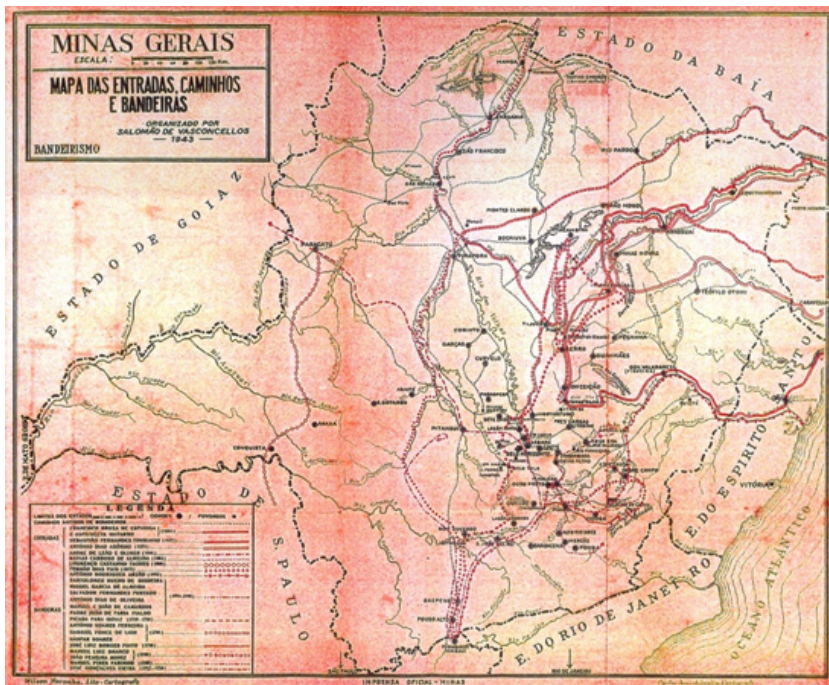
No que se refere às devoções trazidas para as terras brasileiras, os missionários e as ordens religiosas a que pertenciam merecem destaque, visto que, desde as primeiras embarcações portuguesas, o contingente desses religiosos sempre foi representativo: primeiro, na fase inicial da civilização brasileira, vinham para evangelizar os indígenas; depois, vinham com finalidades missionárias ou educativas. Nessa perspectiva, as associações religiosas exerceram grande influência na origem e difusão das devoções no Brasil.

Em território mineiro, destacam-se os padres carmelitas que participaram do início do povoamento do estado, uma vez que a atual cidade de Mariana, primeiro núcleo povoado em Minas, foi fundada sob a proteção de Nossa Senhora do Carmo, no final do século XVII e início do século XVIII.

Nas Minas Gerais no século XVIII, religiosidade, sociabilidades e irmandades se (con)fundem e se interpenetram. Com efeito, se as cerimônias religiosas foram e são forma de convívio social e de sociabilidade naquele contexto, tal assertiva se revelou de maneira exemplar. Nele, limitadas as ações da Igreja Católica pela Igreja Portuguesa, as irmandades foram as promotoras dos ofícios e das celebrações, dentro e fora dos templos, também por elas edificadas e mantidas. Vale dizer desde logo que as irmandades se apresentaram, então, como força auxiliar, complementar e sucedânea da Igreja Católica. (BOSCHI, 1986, p. 59)

Nesse período, várias devoções que até então estavam restritas ao litoral começaram a se espalhar pelo interior do país por meio da migração do pastoreio ao longo do rio São Francisco, das “Entradas” e posteriormente das “Bandeiras”. É a época do início da mineração de ouro e diamantes nos rios e morros mineiros, em que, sob as mais diversas invocações, numerosos templos religiosos foram construídos, sobretudo nas cidades consideradas históricas, como Mariana, Ouro Preto e Sabará, primeiras vilas do estado. No mapa, a seguir, são enumeradas as principais bandeiras que passaram por Minas Gerais.

FIGURA 1 – Mapa das Entradas, Caminhos e Bandeiras em Minas Gerais



Fonte: Vasconcelos, 1944, p. 345.

Ao observar o mapa de Vasconcelos (1944), percebe-se que, seguindo os cursos dos rios, e, por extensão, de seus afluentes, várias foram as bandeiras que passaram pelo território mineiro, no início de seu povoamento. Destaca-se, entre elas, a de Fernão Dias Paes que, em 21 de julho de 1674, ao partir de São Paulo, marcou o início da história de Minas.

A “bandeira das esmeralda” não encontrou as pedras tão procuradas, mas foi grandiosa como descobridora do território do atual Estado de Minas Gerais. Criou feitorias, pousos com plantações de roças de milho e de mandioca, porcos e aves, para sustento dos homens da bandeira. Em cada feitoria, deixava um capitão com alguns soldados, além de uns negros e negras, nome com que designavam os índios. Dessas feitorias algumas desapareceram, outras chegaram até nossos dias. Seguindo os caminhos abertos por Fernão Dias Paes (1674-1681), o bandeirante taubetano Antônio Rodrigues Arzão descobre a primeira jazida de ouro nos sertões das Minas Gerais, em 1692 ou 1693. Segundo Diogo de Vasconcelos, após breve estada em Itaverava, Arzão alcança a Serra do Guarapiranga de onde, pela manhã, avista os píncaros agudos de “Arrepiados”. Afirma ainda que, em razão da luz oriental, supôs mais próxima a serra. Seguindo, então em sua direção, encontra o rio Piranga.

(...) Em meados de 1694 Bartolomeu Bueno e Carlos Pedroso da Silveira, este último companheiro de Arzão, descobriram ouro na serra de Itaverava e remeteram amostras para o Rio de Janeiro. Com a escassez de alimentos, Bartolomeu Bueno divide seus homens, deixando alguns homens sob o comando do capitão Miguel Garcia de Almeida e Cunha, cuidado das plantações de milho, e segue com outros em direção ao rio das Velhas. Enquanto aguardava a produção de lavouras, Miguel Garcia fez algumas incursões, chegando a alcançar o rio Gualaxo do Sul, em cujo leito descobriu sinais de ouro. (SEABRA, 2000, p. 108-110)

Diante do exposto pela autora, nota-se que, em relação às expedições realizadas pelos bandeirantes paulistas ao atual território de Minas Gerais, a maioria delas partia sem qualquer outro interesse a não ser o da descoberta de ouro e pedras preciosas. Em outros termos, estes desbravadores não tinham a intenção de se fixar nas terras, povoando-a, sendo que o primeiro povoamento, como mencionamos anteriormente, só acontece, então, quando, entre os anos de 1695 e 1696, o bandeirante taubateano Salvador Fernandes Furtado, à frente de bandeira numerosa, descobriu ricas jazidas no ribeirão do Carmo e ali se estabeleceu. Surge aí um povoado que foi elevado à categoria de vila – a primeira das Minas Gerais – a Leal Vila do Ribeirão do Carmo.

Outra bandeira que também merece destaque no povoamento mineiro é a que foi chefiada por Antônio Dias de Oliveira, que tinha

por companheiro o padre José de Faria Fialho. Essa expedição chegou à região onde hoje é a cidade de Ouro Preto no dia 24 de junho de 1698, quando foi rezada uma missa no morro que recebeu a denominação de São João. Ergueu-se, nesse morro, ainda no século XVII, a capela em honra de São João Batista. Assim que eles ali se estabeleceram, foram construídas simultaneamente, por Antônio Dias e pelo padre Faria, as igrejas de Nossa Senhora da Conceição e do Bom Sucesso, esta última, depois de reconstruída, passou a ser dedicada à Virgem do Rosário.

Devido ao êxito das novas descobertas auríferas, os exploradores formaram o arraial, núcleo da futura cidade Ouro Preto, em torno da matriz de Nossa Senhora do Pilar. Além das invocações mencionadas, pertencem ao início do século XVIII os templos mineiros com os oragos de Nossa Senhora da Piedade, Santa Ana, São Sebastião e Santa Quitéria.

Patrocinada pela Igreja e pelos soberanos portugueses, a arte barroca, incrementada pelas riquezas da região, valorizou temas dramáticos, propagando o culto aos sofrimentos de Maria: Nossa Senhora das Dores, da Soledade, das Angústias, às santas penitentes Maria Madalena e Maria Egípcíaca e, principalmente, aos mártires da primitiva igreja cristã, como Santo Estêvão, Santa Luzia, Santa Bárbara e Santa Cecília.

Os negros também tinham suas predileções religiosas, especialmente pelas padroeiras dos cativos africanos, Nossa Senhora do Rosário e da Lampadosa, e pelos santos de sua cor, como Nossa Senhora da Aparecida, São Benedito, São Baltasar, Santo Elesbão e Santa Ifigênia. Em geral, esses santos negros eram mais venerados pelos pretos forros, criados das casas-grandes dos engenhos ou das fazendas de café, pois os escravos preferiam aqueles sincretizados como os orixás africanos, como Nossa Senhora da Conceição, das Candeias, São Jorge, São Lázaro, São Jerônimo, Santa Bárbara, Santa Ana, os cultuados gêmeos Cosme e Damião, cuja pele branca não atraía a atenção dos senhores no período colonial.

Cumprido ressaltar ainda a forte presença do culto à Maria em todo o território mineiro como uma devoção firme a Nossa Senhora, trazida para o Brasil pelos portugueses e que se difundiu também entre os afrodescendentes. Trata-se, segundo Torres (s/d, p.643), de uma velha tradição portuguesa, em respeito e veneração à Dona Maria I, rainha de Portugal, que se tornaria frequente em Minas Gerais com o advento da casa de Bragança e que se revelaria na profusão de santuários mariais,

alguns das mais poéticas inspirações – Nossa Senhora Mãe dos Homens (Caraça), Nossa Senhora da Boa Viagem (Belo Horizonte), e outros.

É interessante observar, nesse contexto, a grande quantidade de igrejas dedicadas a Nossa Senhora da Conceição em Minas Gerais. A explicação talvez seja a reação da Contrarreforma aos seguidores de Lutero, que não aceitavam o dogma da Conceição Imaculada de Maria e também devido à consagração do reino português à Virgem Imaculada, efetuada por D. João IV. Quanto aos santos, o mais popular era Santo Antônio, por sua origem lusitana. (MEGALE, 2002, p. 238)

Face ao exposto, podemos afirmar que, em território mineiro, a presença da religiosidade cristã, refletida na devoção à Maria e aos santos, desde o início de seu povoamento, é considerada algo marcante e pode ser observada, dentre outras formas, pela presença das associações religiosas, como as irmandades, por exemplo, que, ao atuarem no surgimento dos primeiros núcleos populacionais, por meio de oragos, deixaram marcas na toponímia em diversas regiões do estado, sobretudo, naquelas que se situavam no caminho dos bandeirantes, conforme pontua Megale:

A toponímia na trilha das bandeiras documenta a presença desses religiosos: se o comando era de carmelitas, os núcleos habitacionais que surgiam perpetuavam a lembrança do orago de Nossa Senhora do Carmo; se o comando era de franciscanos, no de São Francisco, e assim com outras ordens da mesma maneira, os oragos marcam sua passagem. Lá onde o povoado é novo, o nome religioso o inaugura, se havia uma designação indígena o novo nome religioso a substitui. (MEGALE, 2000, p. 22)

Nessa perspectiva, observa-se que a devoção religiosa deixa o seu rastro não só nos textos litúrgicos e templos religiosos, mas, sobretudo, no espaço geográfico, pela nomeação dos acidentes físicos e humanos, reforçando assim a sua dimensão histórica e sociocultural.

3. Marcas da religiosidade no espaço geográfico

O costume de dar aos lugares o nome de um santo é muito antigo. Conforme Gonzalez (2001, p. 65), remonta à segunda metade do século VI, quando as igrejas catedrais e paroquiais não tinham patrono, mas as igrejas particulares, basílicas e oratórios já eram normalmente erigidas em honra de um santo. Assim, o santo passava a ser o símbolo da igreja

e a lhe dar o nome, que posteriormente era atribuído também às terras e a freguesia que iam se organizando nos arredores do templo religioso.

Desse modo, esse costume, que teve início na antiguidade cristã, veio, ao longo dos séculos, sendo perpetuado pelas gerações e pode ser observado, com nitidez, ainda nos dias atuais, isto porque “os nomes de lugar são como a ‘viva voz’ das pessoas, povos ou grupos desaparecidos, transmitidos de geração em geração, de boca em boca.” Assim, o topônimo “é propriedade de ninguém e, ao mesmo tempo, de todo mundo”. Integra, de algum modo, a memória coletiva de um povo, na medida em que, como um meio de comunicação, “testemunha o contexto de sua origem e revela as transformações de um povo”. (MENÉNDEZ PIDAL, 1952, p. 4 *apud* CARVALHO, 2012, p. 29)

Os nomes de lugar formados por nomes de santos constituem, nessa perspectiva, um grupo especial de topônimos em que se percebe com clareza a comunhão de aspectos psicológicos do ser humano com a geografia e a paisagem:

São muitas as localidades que se honram de ser chamadas com o seu patrono e os oragos estão vivos no imaginário popular até ao ponto de existir com eles um trato igualitário e fraternal: o santo está na igreja mas é um vizinho como outro qualquer a quem pedir favores e a quem se convida a participar das alegrias e das tristezas. Quando o santo dá nome à freguesia será por ter sido capaz de ganhar o apreço dos seus covizinhos, salvando-os das calamidades e acompanhando-os nos bons e maus momentos de suas vidas. (GONZALEZ, 2001, p. 63)

Surgem aí os hagiotopônimos, vocábulo constituído dos elementos gregos hagos (santo), topos (lugar) e onoma (nome).

O esquema linguístico é sempre o mesmo: um hagiônimo (nome de santo) serve de determinante a um nome comum que exprime a noção de núcleo populacional: lugar, vila, aldeia, etc. Este pode passar a ser apenas subentendido, dizendo-se (villa) sancti Martini com omissão do primeiro termo, ou mais tarde, depois da queda em desuso do genitivo, no lugar de vila de S. Martinho, simplesmente S. Martinho. O genitivo latino, que deu lugar a um conjunto numeroso de topônimos peninsulares, constitui um testemunho seguro da antiguidade dos núcleos populacionais, e também do culto aos respectivos santos. (GONZALEZ, 2001, p. 65)

No âmbito dos estudos toponímicos, diversos estudos têm mencionado a influência da devoção aos santos e à Virgem Maria na nomeação dos acidentes geográficos, evidenciando, assim, o fato de que, venerados, desde os primeiros tempos da Igreja, como modelos de vida cristã e invocados como intercessores diante de Deus, os santos e, também, as diversas invocações marianas marcaram a história do cristianismo e, ainda hoje, são representativos em diversas esferas da sociedade. “Encontramo-los na piedade popular, nas devoções e no culto litúrgico, nos nomes de batismo das pessoas e nos nomes de lugares, nas tradições dos povos e no folclore, nas lendas e nos provérbios, na arte e na literatura”. Fazem parte “do patrimônio religioso da humanidade, assim como do seu patrimônio cultural” (DAIX, 2000, p. 11).

4. Procedimentos metodológicos

Orientado pelos pressupostos teóricos dos estudos do léxico que se fundamentam na inter-relação língua, cultura e sociedade (SAPIR, 1961; MATORÉ, 1953) e focalizando os nomes de municípios, este trabalho constitui um recorte da pesquisa de Carvalho (2014), em que se observou, por meio de uma análise diacrônica, como ocorreu o processo designativo a partir de topônimos religiosos em Minas Gerais.

Para tanto, adotando-se o conceito de cultura de Duranti (2000) e os princípios da ciência onomástica – Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b, 2004 e 2006) –, a pesquisa contou com dois corpora: o primeiro, que foi obtido a partir da consulta ao Banco de dados do Projeto Atemig, composto de 5649 topônimos; e o segundo, que foi organizado por meio da consulta a mapas dos séculos XVIII e XIX que integram o trabalho Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província, organizado por Costa *et al.* (2002), constituído de 647 topônimos.

Neste trabalho, entretanto, foram considerados apenas os dados contemporâneos, isto porque, como nem sempre foi possível identificar nos mapas consultados, o tipo de acidente geográfico não foi considerado nos dados históricos. Nessa perspectiva, foram observados apenas os nomes de municípios documentados em cartas topográficas – fontes do IBGE, com escalas que variam de 1: 50.000 a 1: 250.000 – que constituem o banco de dados do projeto Atemig.

De acordo com Dick (1990a, p. 311), os hagiotopônimos constituem uma subdivisão dos hierotopônimos, taxa toponímica

referente aos nomes sagrados de diferentes crenças. Essa terminologia difere, em certa medida, daquela usada na Espanha por Luís Lopes Santos que define hagiotopônimo “como todo vocábulo do léxico religioso convertido em topônimo, isto é, vinculado ao geográfico e convertido em nome de lugar”.

A autora reconhece a divergência e esclarece que isso não invalida a classificação brasileira, “trata-se, tão somente, de uma inversão de conceitos: o que para um, é visto sob uma perspectiva particularizante, para o outro é percebido sob um caráter global e abrangente, o que, em absoluto, não desnatura a substância de conteúdo dos elementos pesquisados” (DICK, 1990a, p. 311).

Retomando a explicação de Dick (1990b, p. 33) para a classificação toponímica dos nomes religiosos, observa-se que, além se referir aos i) aos nomes sagrados de diferentes crenças; ii) às efemérides religiosas; iii) às associações religiosas; iv) aos locais de cultos, os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: v) hagiotopônimos - topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano e vi) mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas. Desse modo, em relação às outras 26 taxas propostas pela autora, os hierotopônimos constituem uma taxa mais complexa por reunir, dentro do campo semântico dos nomes sagrados, as seis categorias distintas de topônimos relacionadas.

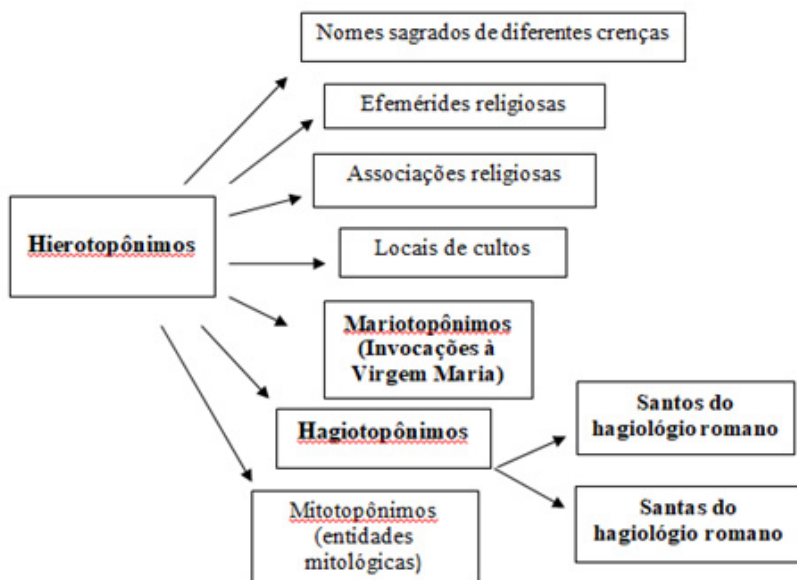
Neste estudo, adotou-se a terminologia de Dick, isto é, consideramos hagiotopônimos apenas os nomes de lugar que se referem aos santos e santas do hagiológico romano e não qualquer vocábulo do léxico religioso.

No que se refere aos topônimos relativos a Nossa Senhora, vale dizer que tais denominações vêm sendo classificadas, nos estudos toponímicos, de forma diversa, ora como hagiotopônimos – Castiglioni (2008), Zamariano (2010) e Carvalho (2012) – ora pelo hiperônimo, isto é, como hierotopônimos – Seabra (2004), Carvalhinhos (2005), Ananias (2013) – assim como foi proposto por Dick (1990b, p. 33).

Por não serem constituídas pela estrutura linguística dos hagiotopônimos – qualificativo (são/santo(a)) + antropônimo (prenome) –, as denominações toponímicas referentes a invocações à Virgem Maria foram classificadas em Carvalho (2014) como mariotopônimos, o que se justifica pela orientação do modelo taxionômico de Dick. Entretanto, em virtude do fato de que, conforme Dias (1987, p. 228) os diversos títulos de Nossa Senhora surgiram, na Idade Média, a partir do hagiônimo *Santa*

Maria, os mariotopônimos foram considerados como uma subdivisão dos nomes de santas do hagiolôgio romano – hagiotopônimos femininos, o que não foi feito neste trabalho. Ao nosso ver, justamente pela explicação linguística supracitada, tais denominações não poderiam figurar como uma subdivisão dos hagiotopônimos femininos. Nessa perspectiva, diferentemente do que foi feito em 2014, assim como os hagiotopônimos e os mitotopônimos, os mariotopônimos deveriam ser considerados como mais uma das subdivisões da taxa dos hierotopônimos proposta por Dick (1990b, p. 33), conforme está representado na figura 2, a seguir:

FIGURA 2 – A taxa hierotopônimos e suas subdivisões



Fonte: CARVALHO (2014, p. 89 – Adaptado).

5. Análise dos dados

A partir da consulta ao banco de dados do Projeto Atemig, que se constitui, por ora, de mais de 80 mil topônimos coletados em mapas contemporâneos de Minas Gerais, Carvalho (2014) focalizou, em sua pesquisa, apenas os nomes de lugar de natureza religiosa relativos às

invocações de Nossa Senhora e aos santos e santas do hagiológico romano, que constituem 5649 ocorrências dos topônimos que integram o banco de dados.

Verificou-se, então, que, representando apenas 6,5% do total de topônimos do Estado, esses topônimos de origem religiosa parecem não constituir a taxa predominante em Minas Gerais. Entretanto, no cômputo geral dos dados do Atemig, em que se observa, para cada mesorregião, o número de ocorrências de cada uma das 27 taxas propostas por Dick (1990b), verifica-se que, dentre as taxionomias de natureza antropocultural, os hagiotopônimos aparecem com destaque em todas elas, figurando entre o 1º e o 5º lugar.

A mesorregião Zona da Mata, por exemplo, sobressai em relação às demais, já que os nomes dessa taxa aparecem em 1º lugar. Quanto às demais mesorregiões, observa-se que tais denominações religiosas aparecem em 2º lugar, no Vale do Mucuri, no Vale do Rio Doce, no Noroeste de Minas e no Sul e Sudoeste de Minas; em 3º lugar, no Jequitinhonha e Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; em 4º lugar, nas mesorregiões Central Mineira e Norte de Minas; e em 5º lugar, nas mesorregiões Campo das Vertentes, Metropolitana de Belo Horizonte e Oeste de Minas.

Após serem identificados, esses topônimos foram analisados a partir da observação de três categorias onomásticas, quais sejam: os nomes de santos, os nomes de santas e os nomes de invocações da Virgem Maria a que chamamos de mariotopônimos.

Constatou-se, então, que os nomes de santos são predominantes em território mineiro, como se pode verificar: de um total de 5649 topônimos, 3801 são dessa categoria onomástica, perfazendo um total de 67,3% do total de nomes, ao passo que os nomes de santas são representados por 1658 ocorrências ou 29,3% dos dados. Os nomes relativos a invocações da Virgem Maria, por sua vez, figuram, no léxico toponímico do Estado, com um número bem mais reduzido, visto que foram quantificadas apenas 190 ocorrências de mariotopônimos, o que representa 3,4% do total de hagiotopônimos analisados.

5.1 Os nomes dos municípios mineiros

Minas Gerais é o estado brasileiro que apresenta maior número de municípios. São 853. Desses, atualmente, apenas 103 – o que representa 12% do total – possuem denominações toponímicas referentes

a invocações de Nossa Senhora e a nomes de santos e santas da Igreja Católica, conforme está enumerado no quadro 1, a seguir:

QUADRO 1 – Municípios mineiros, sincronicamente, com nomes de santos, santas e nomes de Nossa Senhora

Municípios mineiros com denominações relativas à devoção religiosa		
Nomes de santos	Nomes de santas	Nomes de invocações a Nossa Senhora
1. Santo Antônio do Amparo	1. Santa Bárbara	1. Madre de Deus de Minas
2. Santo Antônio do Aventureiro	2. Santa Bárbara do Leste	2. Senhora de Oliveira
3. Santo Antônio do Grama	3. Santa Bárbara do Monte Verde	3. Senhora do Porto
4. Santo Antônio do Itambé	4. Santa Bárbara do Tugúrio	4. Senhora dos Remédios
5. Santo Antônio do Jacinto	5. Santa Efigênia de Minas	5. Virgem da Lapa
6. Santo Antônio do Monte	6. Santa Helena de Minas	
7. Santo Antônio do Retiro	7. Santa Juliana	
8. Santo Antônio do Rio Abaixo	8. Santa Luzia	
9. Santo Hipólito	9. Santa Margarida	
10. São Bento Abade	10. Santa Maria do Itabira	
11. São Brás do Suaçuí	11. Santa Maria do Salto	
12. São Domingos das Dores	12. Santa Maria do Suaçuí	
13. São Domingos do Prata	13. Santa Rita de Caldas	
14. São Félix de Minas	14. Santa Rita de Minas	
15. São Francisco	15. Santa Rita Ibitipoca	
16. São Francisco de Paula	16. Santa Rita do Itueto	
17. São Francisco de Sales	17. Santa Rita do Jacutinga	
18. São Francisco do Glória	18. Santa Rita do Sapucaí	
19. São Geraldo	19. Santa Rosa da Serra	
20. São Geraldo da Piedade	20. Santana da Vargem	
21. São Geraldo do Baixo	21. Santana de Cataguazes	
22. São Gonçalo do Abaeté	22. Santana de Pirapama	
23. São Gonçalo do Pará	23. Santana do Deserto	
24. São Gonçalo do Rio Abaixo	24. Santana do Garambéu	
25. São Gonçalo do Rio Preto	25. Santana do Jacaré	
26. São Gonçalo do Sapucaí	26. Santana do Manhuaçu	
27. São Gotardo	27. Santana do Paraíso	

28. São João Batista do Glória	28. Santana do Riacho	
29. São João da Lagoa	29. Santana dos Montes	
30. São João da Mata		
31. São João da Ponte		
32. São João das Missões		
33. São João Del-Rei		
34. São João do Manhuaçu		
35. São João do Oriente		
36. São João do Pacuí		
37. São João do Paraíso		
38. São João Evangelista		
39. São João Nepomuceno		
40. São Joaquim de Bicas		
41. São João do Oriente		
42. São José da Barra		
43. São José da Lapa		
44. São José do Jacuri		
45. São José do Mantimento		
46. São José da Safira		
47. São José da Varginha		
48. São José do Alegre		
49. São José do Divino		
50. São José do Goiabal		
51. São Lourenço		
52. São Miguel do Anta		
53. São Pedro da União		
54. São Pedro do Suaçuí		
55. São Pedro de Ferros		
56. São Romão		
57. São Roque de Minas		
58. São Sebastião da Bela Vista		
59. São Sebastião da Vargem Alegre		
60. São José Sebastião do Anta		
61. São Sebastião do Maranhão		

62. São Sebastião do Oeste		
63. São Sebastião do Paraíso		
64. São Sebastião do Rio Preto		
65. São Sebastião do Rio Verde		
66. São Tiago		
67. São Tomás de Aquino		
68. São Tomé das Letras		
69. São Vicente de Minas		

Fonte: Elaboração própria.

Vale ressaltar, entretanto, que, de acordo com IGA/ALMG (1997) na obra “As denominações urbanas de Minas Gerais”, além dos municípios enumerados, outros 329 (38,6%) já tiveram, em algum momento de sua história, denominação motivada pela devoção à Nossa Senhora e aos santos da Igreja Católica. O quadro 2, a seguir, traz uma amostra (10%) desses municípios.

QUADRO 2 – Municípios mineiros com denominações anteriores referentes a nomes de santos, santas e invocações a Nossa Senhora

Topônimo Atual	Denominação(ões) Anterior(es)
Abadia dos Dourados	Nossa Senhora da Abadia.
Abaeté	Nossa Senhora do Patrocínio do Marmelada
Acaiaca	São Gonçalo do Ubá.
Água Boa	São José da Água Boa / Santana da Água Boa
Águas Formosas	São José das Águas Belas.
Alagoa	Nossa Senhora do Rosário da Alagoa da Aiuruoca.
Além Paraíba	São José de Além-Paraíba
Alfenas	São José de Alfenas / São José de Dores dos Alfena
Almenara	São João da Vigia
Alpinópolis	São Sebastião da Ventania
Alterosa	São Joaquim da Serra Negra
Alto Rio Doce	São José do Xopotó
Alvinópolis	Nossa Senhora do Rosário de Paulo Moreira
Amparo da Serra	Nossa Senhora da Conceição do Amparo do Serra
Andrelândia	Nossa Senhora do Porto do Turvo / Nossa Senhora da Conceição do Porto da Salvação

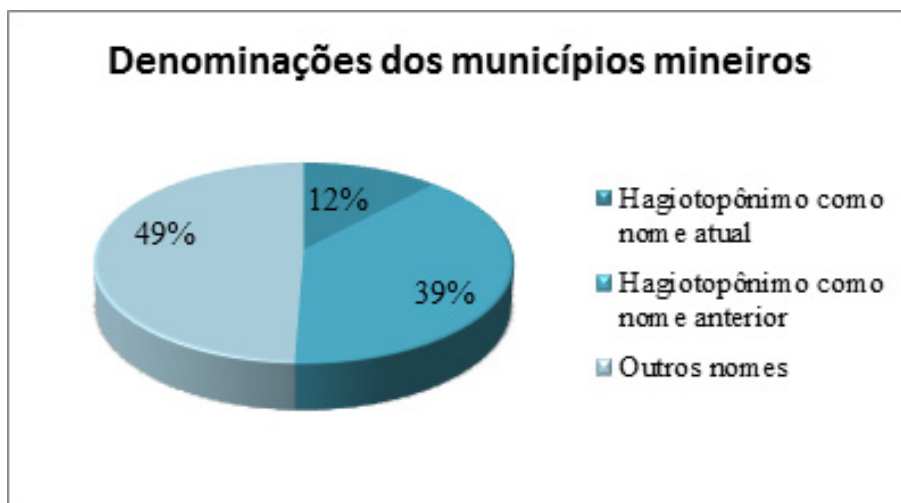
Alvorada de Minas	Santo Antônio do Rio do Peixe
Araponga	São Miguel e Almas dos Arrepiados / São Miguel do Araponga
Barão de Cocais	São João Batista do Morro Grande / São João do Morro Grande
Barbacena	Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo
Barra Longa	São José da Barra do Gualaxo / São José da Barra Longa
Boa Esperança	Nossa Senhora das Dores do Pântano
Bom Despacho	Senhora do Bom Despacho do Picão
Bom Repouso	São Sebastião e São Roque do Bom Retiro
Botelhos	São José dos Botelhos
Brasília de Minas	Santana das Contendas
Carmo do Cajuru	Nossa Senhora do Carmo do Cajuru
Carmo do Paranaíba	Nossa Senhora do Carmo
Carmo da Mata	Nossa Senhora do Carmo da Mata
Carrancas	Nossa Senhora da Conceição do Rio Grande / Nossa Senhora da Conceição das Carrancas
Cataguases	Santa Rita do Meia Pataca
Cássia	Santa Rita / Santa Rita de Cássia
Chácara	São Sebastião da Chácara
Chalé	São Domingos / São Domingos do Rio Jose Pedro São Domingos do José Pedro
Chiador	Santo Antônio / Santo Antônio do Chiador
Cipotânea	São Caetano / São Caetano do Xopotó / Xopotó.
Coimbra	São Sebastião de Coimbra
Coluna	Santo Antônio da Coluna
Comendador Gomes	São Sebastião das Areias
Conceição da Barra de Minas	Nossa Senhora da Conceição da Barra
Conceição do Rio Verde	Nossa Senhora da Conceição do Rio Verde
Conceição dos Ouros	Nossa Senhora da Conceição dos Ouros
Congonhal	São José do Congonhal
Conselheiro Lafaiete	Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre dos Carijós
Consolação	Santana do Capivari
Curvelo	Santo Antônio da Estrada / Santo Antônio do Curvelo
Desterro de Entre- Rios	Capela Nova do Desterro / Nossa Senhora do Desterro de Entre-Rios
Diogo de Vasconcelos	São Domingos
Dionísio	São Sebastião de Dionísio.
Divinolândia de Minas	Nossa Senhora da Glória de Guanhões

Dom Joaquim	São Domingos do Rio do Peixe
Dom Silvério	Nossa Senhora da Saúde
Dom Viçoso	Nossa Senhora do Rosário de Dom Viçoso
Dores de Guanhães	Nossa Senhora das Dores de Guanhães
Dores do Indaiá	Nossa Senhora do Indaiá / Nossa Senhora das Dores do Indaiá
Dores do Turvo	Nossa Senhora das Dores do Turvo
Doresópolis	Nossa Senhora das Dores das Perobas
Ouro Branco	Santo Antônio do Ouro Branco
Passa Vinte	Santo Antônio do Passa-Vinte
Piedade do Rio Grande	Nossa Senhora da Piedade do Rio Grande / Arames
Piedade dos Gerais	Nossa Senhora da Piedade dos Gerais
Queluzito	Santo Amaro
Raposos	Nossa Senhora da Conceição de Raposos
Raul Soares	São Sebastião de Entre-Rios
Resende Costa	Nossa Senhora da Penha de França do Arraial da Laje
Ressaquinha	São José da Ressaquinha
Riacho dos Machados	Santo Antônio do Riacho dos Machados / Nossa Senhora do Riacho dos Machados
Rio Acima	Santo Antônio do Rio Acima
Rio Casca	Nossa Senhora da Conceição da Casca / Bicudos
Rio Manso	Santa Luzia do Rio Manso
Urucânia	Nossa Senhora do Bom Sucesso do Urucum
Virginópolis	Nossa Senhora do Patrocínio / Nossa Senhora do Patrocínio do Serro Nossa Senhora do Patrocínio de Guanhães

Fonte: Carvalho, 2014, p. 612-632. Adaptado.

Desse modo, considerando as denominações – anterior (12%) ou atual (38,6%) – têm-se 432 municípios que foram designados, em algum momento de sua história, por topônimos religiosos, o que equivale a 50,6% do total de 853 municípios, o que pode ser visualizado no gráfico 1 a seguir.

GRÁFICO 1 – Identificação de denominações hagiotoponômicas em municípios mineiros.



Fonte: Carvalho, 2014, p. 611.

Diante de tais informações, observamos que dos 432 municípios enumerados com denominações motivadas pela devoção religiosa – anterior ou atual –, 405 passaram por uma ou mais mudanças ao longo dos anos, o que equivale a 94% e apenas 27 deles mantiveram o nome original, o que corresponde a 6% do total. Enumeramos esses municípios, a seguir, com as respectivas datas de adoção do nome entre parênteses: *Santa Bárbara do Monte Verde* (1839), *Santa Margarida* (1859), *Santa Maria do Salto* (1948), *Santa Rita do Jacutinga* (1835), *Santo Antônio do Amparo* (1802), *Santo Antônio do Rio Abaixo* (1708), *Santo Hipólito* (1910), São Brás do Suaçuí (1728), São Geraldo do Baixio (1944), São Gonçalo do Abaeté (1923), São Gonçalo do Rio Abaixo (1850), São João da Lagoa (1922), São João do Manhuaçu (1890), São João do Oriente (1925), São João Nepomuceno (1811), São Joaquim de Bicas (1836), São José da Barra (1876), São José do Jacuri (1852), São José da Varginha (1881), São José do Divino (1948), São Pedro da União (1870), São Pedro dos Ferros (1849), São Sebastião da Bela Vista (1874), São Sebastião do Paraíso (1853), São Tiago (1802), São Tomás de Aquino (1887), São Thomé das Letras (1770).

Observa-se que a maioria desses municípios receberam as designações que preservam até os dias atuais entre os séculos XVIII e

XIX, período anterior aos decretos-lei que previam a regulamentação toponímica dos municípios brasileiros, que datam do século XX, mais precisamente de 1938 e 1943. Esses decretos, em resumo, condenam a existência de nomes repetidos para municípios e desaconselham a adoção de topônimos designados por meio de datas, vocábulos estrangeiros, nomes de pessoas vivas e expressões com mais duas palavras; recomendando ainda a adoção de nomes indígenas com propriedades locais. (COSTA, 1970, p. 30-31)

No que se refere aos casos de mudanças toponímicas, vale dizer que adotamos a metodologia proposta por Dauzat (1926, p. 45) e utilizada por Seabra (2004), que caracteriza as substituições dos topônimos de duas maneiras distintas, quais sejam: i) *mudança espontânea* – aquela que se dá na língua após invasões ou conquistas de um território, podendo, pois ocorrer tanto por substituição total dos itens léxicos quanto por substituição parcial – e ii) *mudança sistemática* – é aquela, que independente de conquistas, evoca em geral o nome de um soberano ou autoridades de uma região e é imposta com o objetivo de homenagear alguém.

Sob esse enfoque, as denominações dos 405 municípios que sofreram alterações ao longo do tempo assim se dividem: 42 que passaram por mudança sistemática, o que corresponde a 10%, e 363 que passaram por mudança espontânea, correspondendo a 90 % dos nomes.

Dentre os casos de mudança sistemática podem ser citados, a título de exemplo: *Comendador Gomes* < *São Sebastião das Areias*; *Diogo de Vasconcelos* < *Vasconcelos* < *São Domingos*; *Heliodora* < *Santa Isabel dos Coqueiros* < *Santa Isabel*; *João Pinheiro* < *Alegres* < *Santana dos Alegres* e *Senador Cortes* < *Monte Verde* < *São Sebastião do Monte Verde*.

Quanto às mudanças espontâneas, há 106 casos de substituição total dos itens léxicos, ou 29%, e 258 casos de substituição parcial, 71%. Estes últimos caracterizam-se, geralmente, pelos casos de redução ou elipse.² São exemplos desse tipo de mudança espontânea: *Santana do Deserto* < *Nossa Senhora da Santana do Deserto*; *São Geraldo* < *São Sebastião da Serra de São Geraldo*; *Senhora do Porto* < *Porto de Guanhões* < *Nossa Senhora do Porto de Guanhões*; *Toledo* < *São José*

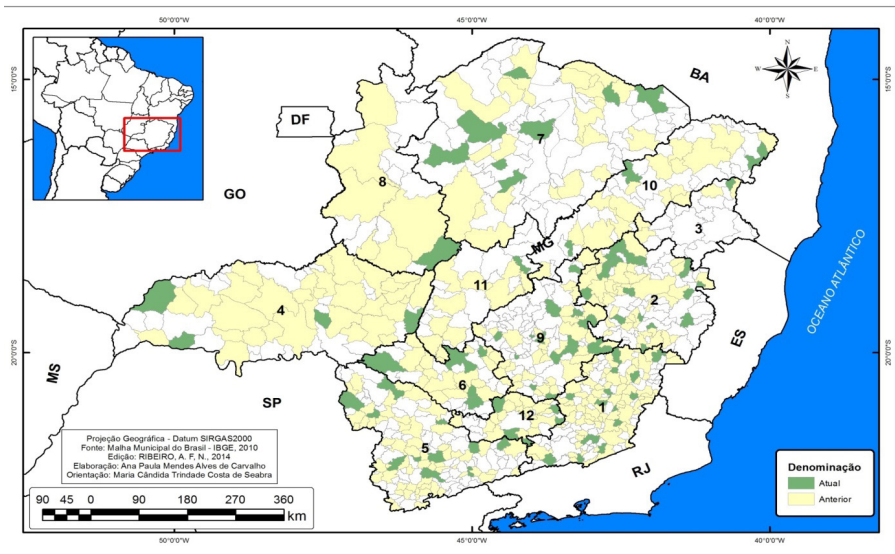
² Sobre a elipse em topônimos, afirma DAUZAT (1926, p. 59) “Il n’est pas nécessaire que ce composé soit encore compris: il suffit qu’un de ses éléments, généralement le premier, ait pris une place prépondérante pour qu’il suffise à évoquer le lieu à lui Seul.[...]” E exemplifica: “Lutetia Parisiorum, civitas de Parisiis, puis Parisiis, Paris.”

do Toledo < São José da Campanha do Toledo; e Tombos < Tombos de Carangola < Nossa Senhora da Conceição dos Tombos.

A mudança espontânea por substituição total dos itens léxicos pode ser observada, sobretudo, nos municípios que atualmente têm nomes de origem indígena, o que se deve à recomendação já mencionada do Decreto-lei de 1943 quanto à adoção de nomes indígenas com propriedade local (COSTA, 1970, p. 31). Citam-se, como exemplo: *Abaeté < Dolores do Marmelada < Nossa Senhora do Patrocínio do Marmelada < Arraial Novo da Marmelada < Marmelada; Igaratinga < Santo Antônio do Rio São João Acima < Santo Antônio de São João Acima < São João Acima; Itutinga < Ponte Nova < Santo Antônio da Ponte Nova; e Piracema < Rio do Peixe < Nossa Senhora das Necessidades do Rio do Peixe.*

Explicitados os casos de mudanças toponímicas ocorridas nas denominações – atuais ou anteriores – dos 432 municípios mineiros, apresenta-se, na página seguinte, uma carta toponímica elaborada para demonstrar geograficamente a localização desses municípios, em que aqueles que mantêm em sua denominação atual um hagiotopônimo são representados em verde e aqueles que, algum momento de sua história, foram designados por esses nomes religiosos, em amarelo.

FIGURA 3 – Carta toponímica do índice de denominações religiosas em municípios mineiros



Fonte: Carvalho, 2014, p. 635.

Dentre as denominações mencionadas, os mariotopônimos merecem destaque, uma vez que, na atualidade, apenas cinco municípios são nomeados a partir de topônimos relativos às invocações de Nossa Senhora, quais sejam: *Madre de Deus de Minas*, *Senhora de Oliveira*, *Senhora do Porto*, *Senhora dos Remédios e Virgem da Lapa*. Por outro lado, aqueles que apresentam essa taxa como denominações anteriores somam 110 ocorrências.

Essa redução significativa de ocorrências, como já foi mencionado, parece poder ser explicada pela adoção da legislação toponímica trazida pelo decreto-lei nº 5.901 de 21 de outubro de 1943 – que, na primeira metade do século XX, recomenda, entre outras coisas, a não adoção de topônimos compostos de mais duas palavras. Assim, os municípios mineiros atualmente denominados *Carmo do Cajuru*, *Conceição dos Ouros* e *Dores do Indaiá* foram, anteriormente, chamados de *Nossa Senhora do Carmo do Cajuru*, *Nossa Senhora da Conceição dos Ouros* e *Nossa Senhora das Dores do Indaiá*, respectivamente.

Convém ressaltar, entretanto, que, muito anterior a essa lei federal, o denominador, mesmo que de forma inconsciente, já tinha essa ideia da redução linguística, o que pode ser observado, por exemplo, na denominação do ribeirão, em torno do qual se deu o início do povoamento mineiro, que, mesmo sendo designado sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo, recebeu apenas a forma específica '*do Carmo*', constituindo, assim, um topônimo simples.

6. Considerações finais

Trazida pelos portugueses para o Brasil, no início do século XVI, a fé cristã e sua principal manifestação que é o culto aos santos foi ganhando extensão territorial, na medida em que se dava o povoamento das terras recém-descobertas. Enquanto fincavam cruzeiros e erguiam capelas para abrigar as diversas imagens de sua devoção, os desbravadores se apossavam do território, batizando-o, em sua língua e de acordo com a sua cultura.

É, pois, nesse contexto, que surgem os topônimos religiosos em território mineiro, mantendo-se, ao longo dos séculos, sobretudo, em acidentes rurais, como as fazendas e os córregos, cuja motivação denominativa prende-se exclusivamente à subjetividade individual do denominador e, por serem referências em propriedades particulares, as alterações toponímicas são mais raras.

Por outro lado, os motivos para escolha do nome de um município – acidente urbano –, além de observar legislação específica, pauta-se pela subjetividade coletiva e, muitas vezes, também por interesses políticos. Assim, conforme demonstramos, na seção anterior, muitas denominações religiosas referentes aos municípios mineiros foram substituídas ao longo dos anos, principalmente no que concerne aos mariotopônimos.

Entretanto, esses topônimos, pelas reduções referentes aos títulos que acompanham expressão Nossa Senhora, deixaram vestígios de sua origem religiosa em todo o território mineiro, o que pode ser observado pela quantidade considerável de denominações toponímicas atuais constituídas a partir dos determinantes ‘Carmo’, ‘Conceição’ e ‘Dores’, por exemplo.

Diante do exposto, concluímos, então, que o costume de dar aos lugares um nome relativo à devoção aos santos sempre foi uma constante nos diversos períodos da história mineira, desde o início do povoamento até os dias atuais, o que se revela como um verdadeiro patrimônio sócio-linguístico-cultural.

Desse modo, ao encerrar este estudo, julgamos, pois, pertinente retomar os dizeres de Dick (1990b, p. 155) sobre a investigação toponímica relacionada à devoção religiosa:

Talvez mais do que em qualquer outra das categorias onomásticas, será possível intuir, nesta, os estreitos vínculos que devem existir entre o denominador e o móvel da denominação, no caso, o acidente físico (rio, lago, montanha, etc.) ou humano (vila, cidade, região, ponte, etc.). O estudo dessa classe denominativa permite, pois, que se faça da ciência toponomástica um verdadeiro “capítulo da psicologia social”, no consenso comum dos estudiosos que seguem a Dauzat, desde que o “sentir” e o “querer” de elementos isolados refletem, graças a processos introspectivos, o próprio comportamento comunitário.

Referências

ANANIAS, A. C. C. S. *Um passear pela toponímia das mesorregiões das mesorregiões de Toledo e Foz do Iguaçu*. 2013. 268f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, UEL, Londrina, 2013.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. In: MEGALE, H. (Org.). *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 1998. n. 2, p. 81-118. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>

BOSCHI, C. C. *Os leigos e o poder*. São Paulo: Ática, 1986. p. 71-167.

CARVALHINHOS, P. de J. Hierotoponímia Portuguesa. Os nomes de Nossa Senhora. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 2005, Rio de Janeiro. *Livro de Resumos e Prorrogação*. Rio de Janeiro: Cifefil, 2005. v. IX. p. 75-76.

CARVALHO, A. P. M. A. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 821f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014.

CARVALHO, F. de A. *Entre a palavra e o chão: memória toponímica da estrada real*. 2012. 534f. Tese (Doutorado em Linguística) – FFLCH/USP, São Paulo, 2012.

CASTIGLIONI, A. C. *Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense*. 2008. 279f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Campo Grande, 2008.

CHAVES, Luís. *Influências religiosas na formação da Toponímia e Antroponímia em Portugal*. Lisboa: Tip. Casa Portuguesa, 1957. Disponível em: <http://bibliotecas.patrimoniocultural.pt/oarqueologo/OAP_S2_v3_1956/OAP_S2_v3_1956_150dpi_pdf/p177-210/p177-210.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2014.

COSTA, Antônio Gilberto; RENGGER, Ewald Friedrich; FURTADO, Júnia Ferreira; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. *Cartografia das Minas Gerais – da Capitania à Província*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais: com estudo histórico da divisão administrativa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1970.

DAIX, Georges. *Dicionário dos Santos: do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.

DIAS, Geraldo J. A Coelho. A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. *Historia: Revista da Faculdade de Letras*, n. 4, p. 227-256, 1987. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2061.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

DICK, M. V. P. A. Etnia e etnicidade. Um outro modo de nomear. Projetos ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. v. IV.

DICK, M. V. P. A. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. p. 91-117.

DICK, M. V. P. A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 2004. v. II, p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Trad. Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

GONZALEZ, J. D. Alguns nomes de santos, do latim ao galego-português. *Cad. Vianenses*, Universidade de Santiago de Compostela, v. 30, 63-79, 2001. Disponível em: <<http://gib.cm-viana-castelo.pt/documentos/20081013125552.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Informações sobre os municípios brasileiros. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

IGA/ALMG. *As denominações urbanas de Minas Gerais: cidades e vilas mineiras com estudo toponímico e da categoria administrativa*. 2. ed. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1997.

KUHNEN, Alceu. *As origens da Igreja no Brasil – 1500-1522*. Bauru: EDUSC, 2005.

MATORÉ, George. *La méthode em lexicologie*. Domaine Française. Paris: Didier, 1953.

MEGALE, N. B. *Santos do povo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEGALE, H. Bandeira e bandeirantes. In: _____. (Org.) *Filologia Bandeirante*. Estudos 1. São Paulo, Humanitas, 2000. p. 15-48.

MENÉNDEZ PIDAL, R. *Toponimia Prerrománica Hispánica*. Madrid: Gredos, 1952

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. 368f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A rota das bandeiras no Estado de Minas Gerais: a região do Carmo. In: MEGALE, Heitor (Org.). *Filologia Bandeirante*. Estudos 1. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 107-112.

TORRES, J. C. O. *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Difusão Pan-Americana do Livro, [s.d.]. v. 3.

VASCONCELOS, S. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

ZAMARIANO, M. *Estudo Toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências e Humanas, Londrina, 2010.



Religious Toponymy in Minas Gerais: The Names of Municipalities

Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios

Ana Paula Mendes Alves de Carvalho

Instituto Federal de Minas Gerais – *Campus* Ouro Branco, Ouro Branco, Minas Gerais / Brasil

anapaula.carvalho@ifmg.edu.br

Resumo: Adotando os pressupostos teórico-metodológicos da Toponímia, este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo toponímico dos 853 nomes de municípios de Minas Gerais, dos quais, sincronicamente, 103 – ou 12% do total – são nomes relativos à Nossa Senhora e aos santos e santas da Igreja Católica. Diacronicamente, entretanto, outros 329 municípios – 38,6% – já tiveram, ao longo de sua história, designações toponímicas dessa mesma natureza; alguns deles com mais de uma denominação como é o caso do município de *Água Boa* cujos topônimos anteriores já foram *São José da Água Boa* e *Santana da Água Boa*. Verificou-se, então, que os motivos para escolha do nome de um município – acidente urbano –, além de observar legislação específica, pauta-se pela subjetividade coletiva e, muitas vezes, também por interesses políticos. Assim, muitos topônimos referentes aos municípios mineiros foram substituídos com o passar do tempo, sobretudo no que concerne aos mariotopônimos. Esses topônimos, no entanto, pelas reduções referentes aos títulos que acompanham a expressão *Nossa Senhora*, deixaram vestígios de sua origem religiosa em todo o território mineiro, o que pode ser observado pela quantidade considerável de denominações toponímicas atuais constituídas a partir dos determinantes *Carmo*, *Conceição* e *Dores*, por exemplo.

Palavras-chave: léxico; cultura; toponímia religiosa; Minas Gerais; municípios.

Abstract: Based on the theoretical and methodological assumptions of Toponymy, this paper aims to present a toponymic study of the 853 names of municipalities in Minas Gerais, of which, synchronously, 103 (or 12% of the total) are names related to the Holy Mother / Our Lady and the male and female saints of the Catholic Church.

Diachronically, however, another 329 municipalities (38.6%) have had toponymic names of this same nature throughout their history, some of which with more than one denomination as, for example, the municipality of *Água Boa* whose previous toponyms include *São José da Água Boa* (Saint Joseph of *Água Boa*) and *Santana da Água Boa* (Saint Anne of *Água Boa*). It was therefore verified that the reasons for choosing the name of a municipality, an urban feature, besides the observation of specific legislations, are guided by collective subjectivity and, many times, by political interests. Thus, many toponyms referring to the municipalities of Minas Gerais have been replaced over time, especially as concerns *mariotoponyms* (names based on the names for the Virgin Mary). These toponyms, however, due to the reductions referring to the titles that accompany the expression Holy Mother / Our Lady, have left traces of their religious origin throughout the territory of Minas Gerais; this can be observed by the considerable amount of current toponymic denominations constituted from the determinants *Carmo* (Mount Carmel), *Conceição* (Immaculate Conception), and *Dores* (Sorrows), for example.

Keywords: lexicon; culture; religious toponymy; Minas Gerais; municipalities.

Received on December 10, 2017

Accepted on January 07, 2018

1. Introduction

As a social activity, language involves all human actions and thoughts, making it possible for the individual to exert influence or be influenced by the other, to perform its role in society, to interact with the other, and to participate in the construction of knowledge and culture. Moreover, it allows one to be constituted as a social, political, and ideological being.

Beginning with this assumption, to understand the role of language in the life of the community, it is necessary to go beyond the mere study of grammar and delve into the world of social action, where the words are inserted and are constitutive of specific cultural activities, as in the case of the act of naming, where what is illustrated is the importance of the word and its role as the revealing element of the sociocultural aspects of a human group.

According to Biderman (1998, p. 81), the word is more than a mere form of communication, given that “by being magical, cabalistic,

sacred, the word tends to build an extremely powerful reality.” To illustrate his viewpoint regarding the power of the word, this author affirms that, in the numerous cultural traditions of men, language emerges with the institutive word that opens the space for the being to emerge. Thus, it is in this way that men, since the beginning of time, have been using words to name everything around them: animals, plants, people, places, etc.

By referring to the naming of the places, Dick affirms that the act of naming is directly related to the values, actions, and reactions of the human being. According to this author, the centrifugal and centripetal forces of the denominative group are not isolated; to the contrary, they are dependent upon the procedures that involve human activities and, in the center of influences and conditioning factors, man positions himself, in the act of naming, as the protagonist (DICK, 2010, p.197)

Conceived as a linguistic form that has the semantic function of identifying a concrete geographic point, individualizing it, the proper name of the place – *toponym* – safeguards an intimate relationship with the historical-political context of the community, since “its significant burden safeguards a strict connection with the soil, the climate, the abundance or lack of vegetation, and the very cultural features of a region in its diverse manifestations of life” (DICK, 1990, p. 105). It therefore consists of the result of the act of naming that, upon cropping the meanings, through the designation of a specific geographic feature, records the lived moment of the community.

In this point of view, place names formulated by religious names, such as the name of saints, constitute a special group of toponyms, since, in these denominations, it is possible to perceive the communion of psychological aspects of the human being with the geography and the landscape.

In Brazil, the custom of attributing saints’ names to places, which began during Christian antiquity,¹ has, throughout the centuries,

¹ According to Gonzalez (2001, p. 65), giving the name of a saint to places is an old custom. This dates back to the sixth century, when the cathedral and parochial churches had no owner, but the private churches, basilicas, and oratories were normally erected in homage of a saint. Hence, the saint became the symbol of the church and gave its name to it, which would later also be attributed to the lands and the parish which would organize themselves in the surrounding areas of the religious temple.

been passed on from generation to generation and can still be observed even today, “it is even possible to verify the regional preference through the systematic employment of specific male and female saints” (DICK, 2010, p. 187)

In Minas Gerais, this denominative tendency has also, throughout the centuries, been perpetuated throughout the generations, and can be observed, clearly, in contemporaneity, as can be seen in findings from Carvalho’s doctoral dissertation (2014). Entitled *Hagiotoponímia em Minas Gerais (Hagiotoponymy in Minas Gerais)*, the study consisted of a descriptive study – linguistic and cultural – of the toponyms from Minas Gerais, focusing on names of male and female saints and names of invocations to the Virgin Mary, which designate physical and human features in the state’s 853 municipalities.

Linked to the Toponymic Atlas of the State of Minas Gerais (ATEMIG) Project, the study counted on a databank of more than 80,000 toponyms, among which 5,649 religious toponyms were analyzed quantitatively and qualitatively to verify the regional preference for the systematic employment of these denominations in each of the twelve mesoregions in Minas Gerais. In addition to these toponyms, which constituted the corpus of contemporaneous data, through the consultation of maps from the eighteenth and nineteenth centuries, a second corpus of historical data was formulated, comprised of 647 toponyms. Thus, through the comparative analysis, we could see how the designative process through religious toponyms came about diachronically in the state.

In this sense, returning to the results of the findings from Carvalho (2014), this work aims to present a toponymic study of the 853 names of the municipalities in Minas Gerais, of which, synchronically, 103 (or 12% of the total) are names referring to the Virgin Mary / Our Lady and saints of the Catholic Church. Throughout our history, however, another 329 municipalities (38.6%) have also received toponymic designations of similar nature, some of which with more than one denomination, as is the case with the municipality of *Água Boa*, whose prior toponyms include *São José da Água Boa* (Saint Joseph of *Água Boa*) and *Santana da Água Boa* (Saint Anne of *Água Boa*).

2. The devotion to saints and the Virgin Mary / Our Lady in Brazil: a Portuguese inheritance

The loyal devotion to the cult and to the tradition of the Catholic Church, which was always a constant in the Iberian nation, extended to the era of the discoveries and of the overseas conquests, to all of the continental and island coasts where the Portuguese vessels arrived, as is the case of Brazil.

The Christian faith and the Catholic Church appeared on the Brazilian coast, in the early sixteenth century by the hands of the Overseas Portuguese Patronage. The Portuguese, who discovered and settled the Brazilian lands, colonizing it gradually, also brought their Christian faith and transferred the better part of their ecclesiastic organization already present in the kingdom to the colony, as well as applied, in a highly developed manner, the royal Patronage Regime, which was to be introduced in the overseas lands of Portugal. The Church that was born in Brazil in the sixteenth century became, to a certain extent, an extension of that Catholic Church that existed in Portugal, with all of its characteristics to express the Christian faith (KUHNNEN, 2005, p.25)

Regarding this influence, Chaves (1957, p.178) explains that the Portuguese could not establish a historical and action hiatus between what was national in Portugal and what had to be equally national overseas. If the metropolitan institutions that were the standard of colonization and administration of the overseas territories and constituted the creative force of this same activity, it was expected that all of the spiritual life of the navigators and colonizers would also be transferred overseas. It is important to note that the Portuguese Christian religiosity was not limited to the sixteenth century; to the contrary, it gained strength throughout the centuries. According to Dias

Vale ressaltar que a religiosidade cristã portuguesa não se limitou ao século XVI, pelo contrário, foi se fortalecendo ainda mais no decorrer dos séculos. De acordo com Dias (1987, p. 234-235):

(...) the apparitions of Maria to the three young shepherds of Fátima on the island of Iria (13/V/1917) caused an impact on the religious life of the Portuguese people and are in the origin of the reinvigoration of the Catholic faith and practice. After the phenomenon of Fátima, the history of Catholicism in Portugal took

a more impacting and broader direction, and the devotion to Our Lady of Fátima became the catalyzer of the religious life of our people. The religious center of the nation, the pilgrimages began to multiply, the physical and, more importantly, moral miracles that occurred there boosted the faith of many people, the Christian life gained new life with the trips of the *Virgem Peregrina* (Pilgrim Virgin Mary) throughout the country and the world, and Portugal once again found itself as the '*Terra de Santa Maria*' (Land of Saint Mary). In the context of Christian nations, Portugal can, for this reason, claim itself to be the quintessential Marian country; and its contribution to the expansion of the cult of the Virgin Mary / Our Lady to Africa, the East, and Brazil through missionaries and settlers had already begun in the Age of Discovery.

In this light, due to the Portuguese heritage, ancestrally rooted in the Christian religion, the devotion to the Virgin Mary / Our Lady and to the saints, especially those connected to Christ and the Mother of God, such as Saint Joseph, Saint Anne, Saint Joachim, Saint John the Baptist, and Saint Peter, has always deserved special affection from the Brazilian people.

2.1 The religious devotion and the people of Minas Gerais

As regards the devotions brought to the Brazilian lands, the missionaries and the religious orders to which they belonged deserved to be highlighted, given that, since the first Portuguese voyages, the contingent of these religious figures was always representative: first, in the initial stage of the Brazilian civilization, they came to evangelize and convert the Indians; later, they came for missionary and educational purposes. In this sense, the religious associations had a heavy influence on the origin and diffusion of devotions in Brazil.

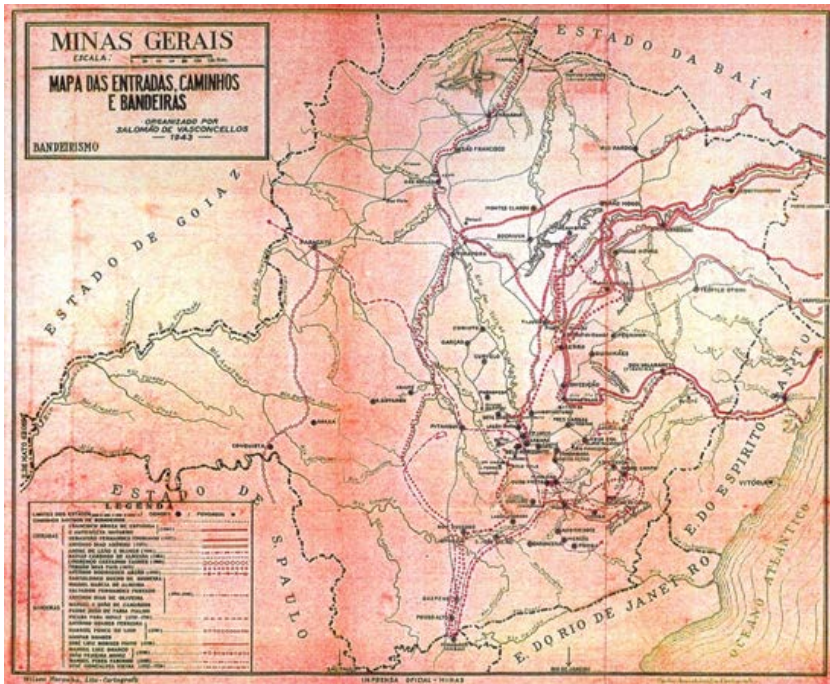
In the territory of Minas Gerais, what stood out were the Carmelite priests, who participated in the beginning of the settlement of the state, since the current town of Mariana, the first town in Minas Gerais, was founded under the protection of Our Lady of Mount Carmel, in the end of the seventeenth and the beginning of the eighteenth centuries.

In the eighteenth century in Minas Gerais, religiosity, sociability, and sisterhoods are (con)fused and overlap. In effect, if the religious ceremonies were and are a form of social interaction and sociability in that context, such an affirmation proved to be exemplary. Within it, limited to the actions of

the Catholic Church by the Portuguese Church, the sisterhoods were the promoters of the rituals and celebrations, inside and outside of the temples, also built and maintained by them. It is important to highlight that the sisterhoods therefore presented themselves as an auxiliary, complementary, and proxy force of the Catholic Church (BOSCHI, 1986, p. 59)

During this period, many devotions that were until then restricted to the coast began to spread to the countryside through the migration of shepherding along the Rio São Francisco (St. Francis River), of the “Entradas” (Entrances into the jungle) and later of the “Bandeiras” (Explorers from São Paulo). It was the era of the beginning of gold and diamond mining in the rivers and hillsides of Minas Geraís, in which, under the most diverse of invocations, a number of religious temples were built, especially in the historical cities of Minas Geraís, such as Mariana, Ouro Preto, and Sabará, the first villages of the state. The main “bandeiras” that passed through Minas Geraís are listed on the map below:

FIGURE 1 – Map of the Entrances, Trails, and *Bandeiras* in Minas Geraís



Source: Vasconcelos, 1944, p.345.

Observing Vasconcelos' map (1944), we can see that, following the watercourses of the rivers, and, by extension, of its tributaries, many "Bandeiras" passed through the territory of Minas Gerais in the beginning of its settlement. Among them, one who stands out is Fernão Dias Paes, who, on July 21, 1674, venturing out from São Paulo, sparked the beginning of the history of Minas Gerais.

The "bandeira das esmeralda" (emerald flag explorers) did not find the sought-after stones, but they were important to the discovery of the current territory of Minas Gerais. They created trading posts, as well as lands with corn and manioc plantations, pigs, and poultry, in order to feed the explorers. In each trading post, a captain remained with some soldiers, along with some black people (males and females), a name that they called the Indians. Of these trading posts, some disappeared, others remain even today. Following the trails opened by Fernão Dias Paes (1674-1681), the *Bandeirante* explorer from Taubaté, Antônio Rodrigues Arzão, discovered the first gold mine in the hinterlands of Minas Gerais in 1692 or 1693. According to Diogo de Vasconcelos, after a brief stay in Itaverava, Arzão reached the Guarapiranga Mountains, from which, in the morning, one can see the sharp pinnacles of "Arrepiados" ("Shivers"). One can also affirm that, due to the Eastern lights, they imagined that they were closer to the mountains. Thus, following in that direction, one would come across the Piranga river.

(...) In mid-1694, Bartolomeu Bueno and Carlos Pedroso da Silveira, the latter a companion of Arzão, discovered gold in the Itaverava mountains and sent samples to Rio de Janeiro. Due to a lack of food, Bartolomeu Bueno divided his men, leaving some men, under the command of Captain Miguel Garcia de Almeida e Cunha, to care for the corn plantations, and set out with others in the direction of Rio das Velhas (das Velhas River). While waiting for the crop production, Miguel Garcia, made some forays, reaching the Gualaxo do Sul River, in whose riverbed he discovered signs of gold (SEABRA, 2000, p.108-110).

According to that put forth by the author, it could be noted that, in the expeditions taken by the São Paulo *Bandeirante* explorers to the current territory of Minas Gerais, the majority of the explorers had no interest other than the discovery of gold and precious stones. In other words, these pioneers had no intention of staying and settling the lands, given that the first settlement, as we mentioned above, would only occur

when, between 1695 and 1696, when the Bandeirante explorer from Taubaté, Salvador Fernandes Furtado, in command of a large group of explorers, discovered the rich mines in the *Ribeirão do Carmo* (Carmo brook), and there they stayed. There then emerges a settlement that was raised to the category of village – the first of Minas Gerais – a *Leal Vila do Ribeirão do Carmo* (Loyal Village of Carmo brook).

Another explorer who also deserves to be mentioned in the settlement of Minas Gerais is that commanded by Antônio Dias de Oliveira, together with Father José de Faria Fialho. This expedition reached the region that is today Ouro Preto on June 24, 1698, when a mass was celebrated on the mountaintop, which received the name of St. John. Still in the seventeenth century, the chapel in homage of St. John was erected. As soon as they had settled in the region, the churches of *Nossa Senhora da Conceição* (Our Lady of Immaculate Conception) and *Nossa Senhora do Bom Sucesso* (Our Lady of Good Counsel) were built simultaneously by Antônio Dias and Father Faria. The second church, after its reconstruction, began to be dedicated to the *Virgem do Rosário* (Virgin Mary of the Rosary).

Due to the success of the new gold discoveries, the explorers created the hamlet, the nucleus of the future town of Ouro Preto, around the main church, *Nossa Senhora do Pilar* (Our Lady of Pillar). In addition to the invocations mentioned above, at the beginning of the eighteenth century, the Minas Gerais temples belonged to the patron saints of Our Lady of Piety, St. Anne, St. Sebastian, and St. Quiteria.

Sponsored by the Church and by the Portuguese rulers, the Baroque art, incremented by the riches of the region, gave value to dramatic themes, spreading the worshiping of the sufferings of Mary: Our Lady of Sorrows, of Solitude, of Anguish, the penitent saints of Mary Magdalene and Mary of Egypt and, primarily, the martyrs of the primitive Christian church, such as St. Stephen, St. Lucia, St. Barbara, and St. Cecilia.

The blacks also had their religious predilections, especially for their patron saints of African captives, Our Lady of the Rosary and Our Lady of Lampadosa, and by the black saints, such as Our Lady of Aparecida, St. Benedict, St. Balthasar, St. Elesbaan, and St. Ephigenia. In general, these black saints were more worshiped because of the black servants of the big houses (plantation houses) of the mills and coffee farms, since the slaves preferred those syncretized with the African *orixás*, such as Our Lady of the Immaculate Conception, Our Lady of

Light, St. George, St. Lazarus, St. Jerome, St. Barbara, Saint Anne, the adored twins Cosmas and Damian, whose white skin did not attract the attention of the master, nor of the police, in the colonial period.

It is also important to highlight the strong presence of the cult of Mary throughout the entire territory of Minas Gerais as a firm devotion to the Virgin Mary / Our Lady, brought to Brazil by the Portuguese and which was also disseminated among the afro-descendants. It addresses, according to Torres (s/d, p.643), an old Portuguese tradition in respect and veneration of Dona Maria I, Queen of Portugal, which would become common in Minas Gerais with the advent of the House of Braganza and which would be revealed in the profusion of Marian sanctuaries, some from the most poetic inspirations – Our Lady, Mother of Men (Caraça), Our Lady of Good Voyage (Belo Horizonte), among others.

It is interesting to observe, in this context, the large quantity of churches dedicated to Our Lady of the Immaculate Conception in Minas Gerais. The explanation may well be the reaction of the Counter-Reformation to the followers of Luther, who did not accept the dogma of the Immaculate Conception of Maria as well as due to the consecration of the Portuguese crown to the Immaculate Virgin Mary, undertaken by D. João IV. As regards the saints, the most popular was St. Anthony, due to his Portuguese roots (MEGALE, 2002, p. 238)

In light of that presented above, we can affirm that in Minas Gerais the presence of the Christian religiosity reflected in the devotion to Maria and to the saints, since the beginning of its settlement, is considered to be remarkable and can be observed, among other forms, by the presence of the religious associations, such as the sisterhoods that, upon participating in the emergence of the first populational settlement, through patron saints, has left its mark upon toponymy in many regions of the state, especially in those located along the trails of the *Bandeirante* explorers, as Megale (2000, p.22) points out:

The toponymy of the trails of the *Bandeirante* explorers documents the presence of these religious figures: if the command was of the Carmelites, the inhabited sites that arose perpetuated the memory of the patron saint Our Lady of Mount Carmel; if the command was of the Franciscans, followers of St. Francis, as well as with other similar orders, the patron saints marked their passage. There, where the settlement is new, the religious name inaugurates it; if there was a previous Indian name, the new religious name would substitute it.

From this perspective, it can be seen that the religious devotion leaves its tracks, not only in the liturgical texts and religious temples, but especially in the geographic space, through the naming of the physical and human features, thereby reinforcing its historical and sociocultural dimension.

3. Marks of religiosity in the geographic space

The custom of giving places the name of a saint is age-old. According to Gonzalez (2001, p. 65), dates back to the second half of the sixth century, when the Cathedrals and Parish Churches had no patron saint, but the private churches, basilicas, and oratories were already erected in homage of a saint. Thus, the saint began to be the symbol of the church and give it its name, which later was also attributed to the lands and to the parish who organized themselves in the surrounding regions of the religious temple.

In this sense, this custom, which began in the beginning of Christian antiquity, has, throughout the centuries, been perpetuated throughout the generations and can be observed clearly even today, that is because “the place names are like a “speakerphone” of the people, populations, and groups that have disappeared, transmitted from generation to generation, from mouth to mouth.” Thus, the toponym “is the propriety of no one and of everyone at the same time.” It includes, to a certain extent, the collective memory of a people, insofar as, as a communication vehicle, “it bears witness to the context of its origin and reveals the transformations of a people” (MENÉNDEZ PIDAL, 1952, p.4 *apud* CARVALHO, 2012, p.29)

The place name formed by names of saints constitute, in this perspective, a special group of toponyms in which one can clearly perceive the communion of psychological aspects of the human being with the geography and the landscape:

There are many localities that are proud of being called by the names of their patron saints, who are alive in their popular imagination, even insofar as to have an egalitarian and fraternal pact with them: the saint is in the church, but it is also a neighbor like anyone else, to whom one can ask for favors and who is invited to participate in their joy and sadness. When the saint gives his/her name to the parish, it is because he/she has been

able to gain the appraisal of his/her neighbors, saving them from calamities and accompanying them in the good and bad moments of their lives. (GONZALEZ, 2001, p.63).

There also arise the hagiotoponyms, a vocabulary term constituted of the Greek elements *hagios* (saint), *topos* (place), and *onoma* (name).

The linguistic scheme is always the same: a *hagionym* (saint's name) serves as a determining factor for a common name that expresses the notion of the population nucleus: place, villa, village, etc. This can become only implied, saying (villa) *sancti Martini* with the omission of the first term, or later, after falling into disuse of the genitive, in the place of the Villa of S. Martinho, only S. Martinho. The Latin genitive, which gave way to numerous sets of peninsular toponyms, constitutes a safe testimony of the antiquity of population nuclei, as well as of the cult of the respective saints. (GONZALEZ, 2001, p.65).

In the realm of toponymic studies, a wide range of studies have mentioned the influence of the devotion to saints and to the Virgin Mary in the naming of geographic features. This thus illustrates the fact that, venerated since the first temples of the Church, seen as models of Christian life, and invoked as intercessors in the face of God, the saints, as well as the diverse Marian invocations, have marked the history of Christianity and, even today, are representative in many realms of society. "We can find them in the popular piety, in the devotions and the liturgical cult, in the baptism names of people and place names, in the traditions of the people and their folklore, legends, and proverbs, in art, and in literature." They are a part "of the religious heritage of humanity, as well as of cultural heritage" (DAIX, 2000, p. 11).

4. Methodological Procedures

Guided by the theoretical assumptions of the studies of the lexicon, which are based on the inter-relationship among language, culture, and society (SAPIR, 1961; MATORÉ, 1953), and focusing on the names of municipalities, this work constitutes a clipping of the findings of Carvalho (2014), in which, through a diachronic analysis, we observed how the naming process occurred through religious toponyms in Minas Gerais.

For this, adopting the concept of culture set forth by Duranti (2000) and the principles of onomastic science from Dauzat (1926) and Dick (1990a, 1990b, 2004, 2006), this study counted on two corpora: the first, which was obtained through the consultation of the ATEMIG Project Databank, containing 5,649 toponyms; and the second, which was organized through the consultation of maps from the eighteenth and nineteenth centuries, which include the work organized by Costa et al. (2002), entitled *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província* (Cartography in Minas Gerais: from the captaincy to the province), containing 647 toponyms.

In this work, however, only contemporary data was considered. This is because, as it was not always possible to identify the type of geographic feature on the consulted maps, historical data was not considered. In this sense, only the names of municipalities documented in topographic maps (source: IBGE) were observed, with scales that varied from 1:50,000 to 1:250,000 – which constitute the ATEMIG Project databank.

According to Dick (1990a, p. 311), hagiotoponyms constitute a subdivision of hierotoponyms, a toponymic category referent to the sacred names of different beliefs. This terminology differs, to a certain degree, from that used in Spain by Luís Lopes Santos, who defines hagiotoponym “as every vocabulary term of the religious lexicon converted into a toponym, that is, linked to the geographic and converted into a place name.”

The author recognizes the divergence and clarifies that this does not invalidate the Brazilian classification, “it merely addresses an inversion of concepts: what for one is seen through a particular perspective, for the other is perceived through an overall and comprehensive character, which does not absolutely denature the substance of the content of the researched elements” (DICK, 1990a, p.311).

Returning to the explanation offered by Dick (1990b, p. 33) for the toponymic classification of the religious names, it could be observed that, in addition to referring i) to the sacred names of different beliefs; ii) to the religious ephemerides; iii) to the religious associations; iv) to the locations of cults, the hierotoponyms can still present two subdivisions: v) hagiotoponyms – toponyms referring to the male and female saints of the Roman hagiology and vi) mythotoponyms – toponyms referring to mythological entities. In this manner, in relation to the other 26 categories proposed by the author, the hierotoponyms constitute a more complex

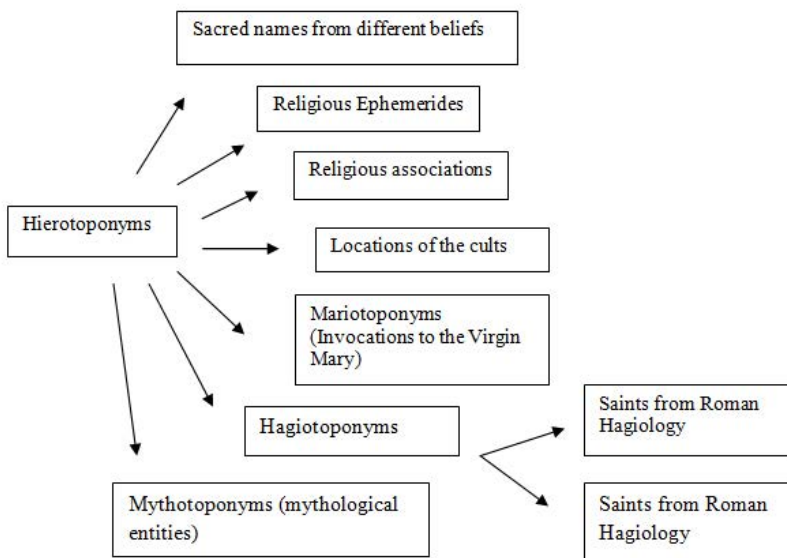
category, as they unite, within the semantic field of sacred names, the six distinct categories of related toponyms.

This study adopted the terminology set forth by Dick, that is, we considered hagiotoponyms to be only the place names that refer to the male and female saints of Roman hagiology and not simply any vocabulary term from the religious lexicon.

As regards the toponyms referent to the Holy Mother / Our Lady, it is important to say that these denominations have been classified, in toponymic studies, in diverse forms, sometimes as hagiotoponyms – Castiglioni (2008), Zamariano (2010), and Carvalho (2012) – sometimes as hyperonymy, that is, as hierotoponyms – Seabra (2004), Carvalhinhos (2005), and Ananias (2013) – as also proposed by Dick (1990b, p. 33).

As they have not been constituted by the linguistic structure of hagiotoponyms – qualifier (male/female saint + anthroponym (prename) – the toponymic denominations referent to the invocations of the Virgin Mary were classified in Carvalho (2014) as mariotoponyms, which is justified by the guidance provided by Dick's toponymic model. However, due to the fact that, according to Dias (1987, p. 228) the diverse titles of the Holy Mother / Our Lady arose, in the Middle Ages, through the hagionym of Saint Mary, the mariotoponyms were considered to be a subdivision of the names of saints from Roman hagiology – female hagiotoponyms, which was not considered in this work. From our point of view, precisely due to the linguistic explanation mentioned above, such denominations could figure as a subdivision of the female hagiotoponyms. From this perspective, different from what was done in 2014, in addition to the hagiotoponyms and the mythotoponyms, the mariotoponms should be considered as yet another one of the subdivisions of the category of hierotoponyms proposed by Dick (1990b, p.33), according to that presented in Figure 2 below:

FIGURE 2 – The hierotoponymic category and its subdivisions



Source: Carvalho (2014, p. 89 – Adapted).

5. Data analysis

Through the consultation of the ATEMIG Project databank, which, to date, is made up of more than 80,000 toponyms collected from contemporary maps of Minas Gerais, Carvalho (2014), in his research, focused only on the religious place names referent to invocations to the Holy Mother / Our Lady and the male and female saints from Roman hagiology, which constitute 5,649 occurrences of toponyms included in the databank.

It was therefore verified that, representing only 6.5% of the total number of toponyms of the state, these religious toponyms appear not to constitute the predominant category in Minas Gerais. However, in the overall computation of the ATEMIG data, in which one can observe for each mesoregion the number of occurrences of each one of the 27 categories proposed by Dick (1990b), it could be verified that, among the anthropocultural taxonomies, the hagiotoponyms stand out in all of them, figuring between 1st and 5th place.

The mesoregion of Zona da Mata, for example, stands out in relation to the others, since the names from this category appear in 1st place. Regarding the other mesoregions, it was observed that such religious denominations appear in 2nd place in the mesoregions of Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce, Northeast of Minas, and the South and Southeast of Minas; in 3rd place, names appear in the mesoregions of Jequitinhonha, Triângulo Mineiro, and Alto Paranaíba; and in 4th place, names appear in the mesoregions of the Center-state and the North of Minas Gerais; and in 5th place, names appear in the mesoregions of Campo das Vertentes, the Metropolitan region of Belo Horizonte, and Western Minas Gerais.

After having been identified, these toponyms were analyzed through the observation of three onomastic categories, which are: the names of male saints, the names of female saints, and the names of invocations to the Virgin Mary, which we call mariotoponyms.

It was therefore found that the names of saints are predominant in the territory of Minas Gerais, as can be seen: of the total of 5,649 toponyms, 3,801 are from this onomastic category, covering a total of 1,658 occurrences or 29.3% of the data. The names referent to the invocations to the Virgin Mary, by contrast, figure into the toponymic lexicon of the state with a much lower number, given that only 190 occurrences of mariotoponyms were quantified, which represents 3.4% of the total number of hagiotoponyms analyzed in this study.

5.1 The names of the municipalities of Minas Gerais

Minas Gerais is the Brazilian state that presents the largest number of municipalities – 853. Of these, currently, only 103, representing 12% of the total, have toponymic denominations referent to the invocations of the Holy Mother / Our lady and the names of male and female saints from the Catholic Church, according to that listed in Table 1 below:

TABLE 1: Municipalities of Minas Gerais, synchronically, with names of male and female saints and names of the Holy Mother / Our Lady

Municipalities of Minas Gerais with denominations relative to religious devotion		
Names of male saints	Names of female saints	Names of invocation to the Holy Mother / Our Lady
<ol style="list-style-type: none"> 1. Santo Antônio do Amparo 2. Santo Antônio do Aventureiro 3. Santo Antônio do Gramma 4. Santo Antônio do Itambé 5. Santo Antônio do Jacinto 6. Santo Antônio do Monte 7. Santo Antônio do Retiro 8. Santo Antônio do Rio Abaixo 9. Santo Hipólito 10. São Bento Abade 11. São Brás do Suaçuí 12. São Domingos das Dores 13. São Domingos do Prata 14. São Félix de Minas 15. São Francisco 16. São Francisco de Paula 17. São Francisco de Sales 18. São Francisco do Glória 19. São Geraldo 20. São Geraldo da Piedade 21. São Geraldo do Baixio 22. São Gonçalo do Abaeté 23. São Gonçalo do Pará 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Santa Bárbara 2. Santa Bárbara do Leste 3. Santa Bárbara do Monte Verde 4. Santa Bárbara do Tugúrio 5. Santa Efigênia de Minas 6. Santa Helena de Minas 7. Santa Juliana 8. Santa Luzia 9. Santa Margarida 10. Santa Maria do Itabira 11. Santa Maria do Salto 12. Santa Maria do Suaçuí 13. Santa Rita de Caldas 14. Santa Rita de Minas 15. Santa Rita Ibitipoca 16. Santa Rita do Itueto 17. Santa Rita do Jacutinga 18. Santa Rita do Sapucaí 19. Santa Rosa da Serra 20. Santana da Vargem 21. Santana de Cataguazes 22. Santana de Pirapama 23. Santana do Deserto 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Madre de Deus de Minas 2. Senhora de Oliveira 3. Senhora do Porto 4. Senhora dos Remédios 5. Virgem da Lapa
<ol style="list-style-type: none"> 24. São Gonçalo do Rio Abaixo 25. São Gonçalo do Rio Preto 26. São Gonçalo do Sapucaí 27. São Gotardo 28. São João Batista do Glória 29. São João da Lagoa 30. São João da Mata 31. São João da Ponte 32. São João das Missões 33. São João Del-Rei 34. São João do Manhuaçu 35. São João do Oriente 	<ol style="list-style-type: none"> 24. Santana do Garambéu 25. Santana do Jacaré 26. Santana do Manhuaçu 27. Santana do Paraíso 28. Santana do Riacho 29. Santana dos Montes 	

36. São João do Pacuí		
37. São João do Paraíso		
38. São João Evangelista		
39. São João Nepomuceno		
40. São Joaquim de Bicas		
41. São João do Oriente		
42. São José da Barra		
43. São José da Lapa		
44. São José do Jacuri		
45. São José do Mantimento		
46. São José da Safira		
47. São José da Varginha		
48. São José do Alegre		
49. São José do Divino		
50. São José do Goiabal		
51. São Lourenço		
52. São Miguel do Anta		
53. São Pedro da União		
54. São Pedro do Suaçuí		
55. São Pedro de Ferros		
56. São Romão		
57. São Roque de Minas		
58. São Sebastião da Bela Vista		
59. São Sebastião da Vargem Alegre		
60. São José Sebastião do Anta		
61. São Sebastião do Maranhão		
62. São Sebastião do Oeste		
63. São Sebastião do Paraíso		
64. São Sebastião do Rio Preto		
65. São Sebastião do Rio Verde		
66. São Tiago		
67. São Tomás de Aquino		
68. São Tomé das Letras		
69. São Vicente de Minas		

Source: Formulated by the authors of this study.

It is important to note, however, that according to IGA/ALMG (1997) in the work entitled “*As denominações urbanas de Minas Gerais*” (“The urban denominations of Minas Gerais”), in addition to the listed municipalities, another 329 (38.6%) had already had, at some point in history, a denomination motivated by the devotion to the Holy Mother / Our Lady and to the saints of the Catholic Church. Table 2 below presents a sample (10%) of these municipalities.

TABLE 2 – Municipalities of Minas Gerais with prior denominations referent to the names of male and female saints and invocations to the Holy Mother / Our Lady

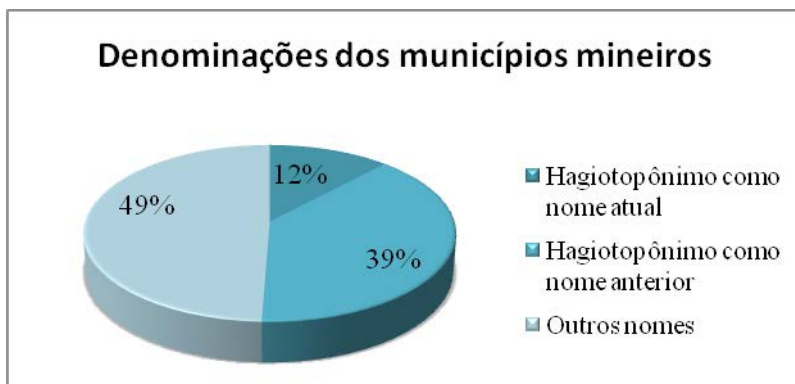
Current Toponym	Prior Denomination(s)
Abadia dos Dourados	Nossa Senhora da Abadia.
Abaeté	Nossa Senhora do Patrocínio do Marmelada
Acaiaca	São Gonçalo do Ubá.
Água Boa	São José da Água Boa / Santana da Água Boa
Águas Formosas	São José das Águas Belas.
Alagoa	Nossa Senhora do Rosário da Alagoa da Aiuruoca.
Além Paraíba	São José de Além-Paraíba
Alfenas	São José de Alfenas / São José de Dores dos Alfena
Almenara	São João da Vigia
Alpinópolis	São Sebastião da Ventania
Alterosa	São Joaquim da Serra Negra
Alto Rio Doce	São José do Xopotó
Alvinópolis	Nossa Senhora do Rosário de Paulo Moreira
Amparo da Serra	Nossa Senhora da Conceição do Amparo do Serra
Andrelândia	Nossa Senhora do Porto do Turvo / Nossa Senhora da Conceição do Porto da Salvação
Alvorada de Minas	Santo Antônio do Rio do Peixe
Araponga	São Miguel e Almas dos Arrepiados / São Miguel do Araponga
Barão de Cocais	São João Batista do Morro Grande / São João do Morro Grande
Barbacena	Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo
Barra Longa	São José da Barra do Gualaxo / São José da Barra Longa
Boa Esperança	Nossa Senhora das Dores do Pântano
Bom Despacho	Senhora do Bom Despacho do Picão
Bom Repouso	São Sebastião e São Roque do Bom Retiro
Botelhos	São José dos Botelhos
Brasília de Minas	Santana das Contendas
Carmo do Cajuru	Nossa Senhora do Carmo do Cajuru
Carmo do Paranaíba	Nossa Senhora do Carmo
Carmo da Mata	Nossa Senhora do Carmo da Mata
Carrancas	Nossa Senhora da Conceição do Rio Grande / Nossa Senhora da Conceição das Carrancas
Cataguases	Santa Rita do Meia Pataca

Cássia	Santa Rita / Santa Rita de Cássia
Chácara	São Sebastião da Chácara
Chalé	São Domingos / São Domingos do Rio Jose Pedro São Domingos do José Pedro
Chiador	Santo Antônio / Santo Antônio do Chiador
Cipotânea	São Caetano / São Caetano do Xopotó / Xopotó.
Coimbra	São Sebastião de Coimbra
Coluna	Santo Antônio da Coluna
Comendador Gomes	São Sebastião das Areias
Conceição da Barra de Minas	Nossa Senhora da Conceição da Barra
Conceição do Rio Verde	Nossa Senhora da Conceição do Rio Verde
Conceição dos Ouros	Nossa Senhora da Conceição dos Ouros
Congonhal	São José do Congonhal
Conselheiro Lafaiete	Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre dos Carijós
Consolação	Santana do Capivari
Curvelo	Santo Antônio da Estrada / Santo Antônio do Curvelo
Desterro de Entre- Rios	Capela Nova do Desterro / Nossa Senhora do Desterro de Entre-Rios
Diogo de Vasconcelos	São Domingos
Dionísio	São Sebastião de Dionísio.
Divinolândia de Minas	Nossa Senhora da Glória de Guanhães
Dom Joaquim	São Domingos do Rio do Peixe
Dom Silvério	Nossa Senhora da Saúde
Dom Viçoso	Nossa Senhora do Rosário de Dom Viçoso
Dores de Guanhães	Nossa Senhora das Dores de Guanhães
Dores do Indaiá	Nossa Senhora do Indaiá / Nossa Senhora das Dores do Indaiá
Dores do Turvo	Nossa Senhora das Dores do Turvo
Doresópolis	Nossa Senhora das Dores das Perobas
Ouro Branco	Santo Antônio do Ouro Branco
Passa Vinte	Santo Antônio do Passa-Vinte
Piedade do Rio Grande	Nossa Senhora da Piedade do Rio Grande / Arames
Piedade dos Gerais	Nossa Senhora da Piedade dos Gerais
Queluzito	Santo Amaro
Raposos	Nossa Senhora da Conceição de Raposos
Raul Soares	São Sebastião de Entre-Rios
Resende Costa	Nossa Senhora da Penha de França do Arraial da Laje
Ressaquinha	São José da Ressaquinha
Riacho dos Machados	Santo Antônio do Riacho dos Machados / Nossa Senhora do Riacho dos Machados
Rio Acima	Santo Antônio do Rio Acima
Rio Casca	Nossa Senhora da Conceição da Casca / Bicudos
Rio Manso	Santa Luzia do Rio Manso
Urucânia	Nossa Senhora do Bom Sucesso do Urucum
Virginópolis	Nossa Senhora do Patrocínio / Nossa Senhora do Patrocínio do Serro Nossa Senhora do Patrocínio de Guanhães

Source: Carvalho (2014, p. 612-632. Adapted)

In this sense, considering the denominations – prior (12%) or current (38.6%) – there are 432 municipalities that were designated, at some point in history, by religious toponyms, which is equal to 50.6% of the total number of 853 municipalities, which can be seen in Graph 1 below:

GRAPH 1 – Identification of hagiotoponymic denominations in municipalities of Minas Gerais



Source: Carvalho (2014, p. 611)

Given this information, we observed that of the 432 listed municipalities with denominations motivated by religious devotion – prior and current – 405 went through one or more changes over the years, which is equal to 94%, while only 24 of these maintained their original name, which corresponds to 6% of the total. We have listed these municipalities here below with the respective dates in which the name was adopted in parentheses: *Santa Bárbara do Monte Verde* (1839), *Santa Margarida* (1859), *Santa Maria do Salto* (1948), *Santa Rita do Jacutinga* (1835), *Santo Antônio do Amparo* (1802), *Santo Antônio do Rio Abaixo* (1708), *Santo Hipólito* (1910), *São Brás do Suaçuí* (1728), *São Geraldo do Baixo* (1944), *São Gonçalo do Abaeté* (1923), *São Gonçalo do Rio Abaixo* (1850), *São João da Lagoa* (1922), *São João do Manhuaçu* (1890), *São João do Oriente* (1925), *São João Nepomuceno* (1811), *São Joaquim de Bicas* (1836), *São José da Barra* (1876), *São José do Jacuri* (1852), *São José da Varginha* (1881), *São José do Divino* (1948), *São Pedro da União* (1870), *São Pedro dos Ferros* (1849), *São Sebastião da Bela Vista* (1874), *São Sebastião do Paraíso* (1853), *São Tiago* (1802), *São Tomás de Aquino* (1887), *São Thomé das Letras* (1770).

One can observe that the majority of these municipalities received the designations, which have been preserved even today, between the eighteenth and nineteenth centuries, a period prior to the Decree-Laws that set forth the toponymic regulations for Brazilian municipalities, which date from the twentieth century, more precisely from 1938 and 1943. These decrees, in summary, condemn the existence of repeated names for municipalities and discourage the adoption of toponyms named by dates, foreign words, names of people who are alive, and expressions with more than two words; they also recommended the adoption of indigenous names with local ownership (COSTA, 1970, p. 30-31)

As regards the cases of toponymic changes, it is important to stress that we adopted the methodology proposed by Dauzat (1926, p. 45) and used by Seabra (2004), which characterizes the substitutions of the toponyms in two distinct manners, which are: i) *spontaneous change* – that which is spoken after the invasions or conquests of a territory, which can occur either by the total substitution of the lexical items or by their partial substitution – ii) *systematic change* – is that which, regardless of conquests, generally evokes the name of a ruler or authorities from a region and is imposed with the objective of paying homage to someone.

In this light, the denominations of 405 municipalities that suffered changes over time thus divide into: 42 that went through a systematic change, which corresponds to 10%, and 363 that went through spontaneous change, corresponding to 90% of the names.

Among the cases of systematic change, we can cite, for example: *Comendador Gomes* < *São Sebastião das Areias*; *Diogo de Vasconcelos* < *Vasconcelos* < *São Domingos*; *Heliadora* < *Santa Isabel dos Coqueiros* < *Santa Isabel*; *João Pinheiro* < *Alegres* < *Santana dos Alegres e Senador Cortes* < *Monte Verde* < *São Sebastião do Monte Verde*.

As regards the spontaneous changes, there are 106 cases of the total substitution of the lexical items, or 29%, and 258 cases of partial substitution, 71%. These latter cases are generally characterized by cases of reduction of the ellipse.² This type of spontaneous change includes the following examples: *Santana do Deserto* < *Nossa Senhora da Santana do Deserto*; *São Geraldo* < *São Sebastião da Serra de São Geraldo*; *Senhora do Porto*

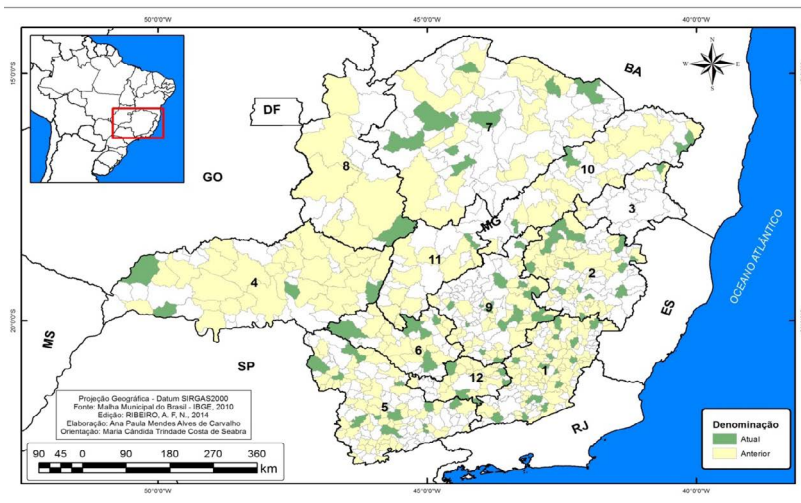
² Regarding the ellipse in toponyms, DAUZAT (1926, p. 59) affirms “Il n’est pas nécessaire que ce composé soit encore compris: il suffit qu’un de ses éléments, généralement le premier, ait pris une place prépondérante pour qu’il suffise à évoquer le lieu à lui Seul. [...]” And stresses: “Lutetia Parisiorum, civitas de Parisiis, puis Parisiis, Paris.”

< *Porto de Guanhões* < *Nossa Senhora do Porto de Guanhões*; *Toledo* < *São José do Toledo* < *São José da Campanha do Toledo*; and *Tombos* < *Tombos de Carangola* < *Nossa Senhora da Conceição dos Tombos*.

The spontaneous change through the total substitution of the lexical items can be observed, especially in the municipalities today that have indigenous names, which is due to the recommendation mentioned in the Decree-Law of 1943 as regards the adoption of indigenous names with local ownership (COSTA, 1970, p. 31). As an example, we can cite: *Abaeté* < *Dores do Marmelada* < *Nossa Senhora do Patrocínio do Marmelada* < *Arraial Novo da Marmelada* < *Marmelada*; *Igaratinga* < *Santo Antônio do Rio São João Acima* < *Santo Antônio de São João Acima* < *São João Acima*; *Itutinga* < *Ponte Nova* < *Santo Antônio da Ponte Nova*; e *Piracema* < *Rio do Peixe* < *Nossa Senhora das Necessidades do Rio do Peixe*.

Having shown the cases of toponymic changes that occurred in the denominations – current or prior – of the 432 municipalities in Minas Gerais, we now present a toponymic map drafted to geographically demonstrate the localization of these municipalities, in which those that maintain a hagiotoponym in their current denomination are represented in green and those that, at some point in history, were designated by these religious names are highlighted in yellow.

FIGURE 3 – Toponymic map of the index of religious denominations in municipalities in Minas Gerais



Source: Carvalho (2014, p. 635)

Among the mentioned denominations, the mariotoponyms stand out, since, currently, only five municipalities are names through toponyms relative to the invocations of the Holy Mother / Our Lady, which are: *Madre de Deus de Minas*, *Senhora de Oliveira*, *Senhora do Porto*, *Senhora dos Remédios* and *Virgem da Lapa*. On the other hand, those that present this category as prior denominations total 110 occurrences.

This significant reduction of occurrences, as mentioned above, seems to be able to be explained by the adoption of the toponymic legislations set forth by Decree-Law 5901 from October 21, 1943, which, in the first half of the twentieth century, recommends, among other things, the non-adoption of compound toponyms of more than two words. Thus, the municipalities of Minas Gerais named *Carmo do Cajuru*, *Conceição dos Ouros*, and *Dores do Indaiá* were previously called *Nossa Senhora do Carmo do Cajuru*, *Nossa Senhora da Conceição dos Ouros*, and *Nossa Senhora das Dores do Indaiá*, respectively.

It is important to highlight, however, that, long before this federal law, the denominator, even if unconsciously, already had this idea of linguistic reduction, which can be seen, for example in the naming of creeks, around which the beginning of settlements in Minas Gerais, which, even if named by the invocation of Our Lady of Mount Carmel, received only the specific form “of Mount Carmel”, thus constituting a simple toponym.

6. Final considerations

Brought by the Portuguese to Brazil, in the beginning of the sixteenth century, the Christian faith and its main manifestation, which is the worshiping of saints, was gaining territorial expansion, as the newly discovered lands were settled. While they erected crosses and chapels to host the diverse images of their devotion, the pioneers took custody of the territory, baptizing it in their own language and according to their own culture.

Thus, it is in this context that the religious toponyms emerge in the territory of Minas Gerais, maintaining themselves, throughout the centuries, primarily in rural features, such as farms and streams, whose naming motivation is connected exclusively to the individual subjectivity of the denominator and, as they are references in private properties, the toponymic changes are less common.

By contrast, the motivations for the choice of the name of a municipality, an urban feature, in addition to observing the specific legislation, is based on collective subjectivity and, many times, due to political interests. Thus, as we have shown in the previous section, many religious denominations referent to the municipalities of Minas Gerais were replaced over the years, especially regarding the mariotonyms.

However, these toponyms, due to the reduction referent to the titles that accompany the expression of the Holy Mother / Our Lady, have left traces of their religious origin throughout the territory of Minas Gerais, which can be observed by the considerable quantity of current toponymic denominations stemming from the determining factors of ‘Carmo’ (‘Mount Carmel’), ‘Conceição’ (‘Immaculate Conception’), and ‘Dores’ (‘Sorrows’), for example.

Considering that presented in this study, we therefore conclude that the custom of giving places a name referent to the devotion of saints has always been a constant act throughout the many periods of history in Minas Gerais, from the beginning of the settlement of the state to the present day, which illustrates a true social-linguistic-cultural heritage.

In this sense, to finish this study, we deem it pertinent to return to the claims of Dick (1990b, p.155) concerning toponymic investigations related to religious devotion:

Maybe more than in any other onomastic category, it will be possible to perceive in this the tight bonds that must exist between the denominator and the shifting of the denomination, in this case, the physical feature (river, lake, mountain, etc.) or human feature (village, city, region, bridge, etc.). The study of this denominative class thus allows one to transform the toponymic science into a true “chapter of social psychology”, in the common sense of the scholars who follow Dauzat, so long as the “feeling” and the “want” of isolated elements reflect, thanks to introspective processes, communitarian behavior itself.

References

ANANIAS, A. C. C. S. *Um passeio pela toponímia das mesorregiões das mesorregiões de Toledo e Foz do Iguaçu*. 2013. 268f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, UEL, Londrina, 2013.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. In: MEGALE, H. (Org.). *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 1998. n. 2, p. 81-118. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>

BOSCHI, C. C. *Os leigos e o poder*. São Paulo: Ática, 1986. p. 71-167

CARVALHINHOS, P. de J. Hierotoponímia Portuguesa. Os nomes de Nossa Senhora. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 2005, Rio de Janeiro. *Livro de Resumos e Prorrogação*. Rio de Janeiro: Cifefil, 2005. v. IX. p. 75-76.

CARVALHO, A. P. M. *A. Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 821f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014.

CARVALHO, F. de A. *Entre a palavra e o chão: memória toponímica da estrada real*. 2012. 534f. Tese (Doutorado em Linguística) – FFLCH/USP, São Paulo, 2012.

CASTIGLIONI, A. C. *Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense*. 2008. 279f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Campo Grande, 2008.

CHAVES, Luís. *Influências religiosas na formação da Toponímia e Antroponímia em Portugal*. Lisboa: Tip. Casa Portuguesa, 1957. Available at: <http://bibliotecas.patrimoniocultural.pt/oarqueologo/OAP_S2_v3_1956/OAP_S2_v3_1956_150dpi_pdf/p177-210/p177-210.pdf>. Retrieved on: 16 abr. 2014.

COSTA, Antônio Gilberto; RENGGER, Ewald Friedrich; FURTADO, Júnia Ferreira; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. *Cartografia das Minas Gerais – da Capitania à Província*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais: com estudo histórico da divisão administrativa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1970.

DAIX, Georges. *Dicionário dos Santos: do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.

DIAS, Geraldo J.A Coelho. A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. *Historia: Revista da Faculdade de Letras*, n. 4, p. 227-256, 1987. Available at: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2061.pdf>>. Retrieved on: 12 mar.2014.

DICK, M.V.P.A. Etnia e etnicidade. Um outro modo de nomear. Projetos ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. v. IV.

DICK, M. V. P. A. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. p. 91-117.

DICK, M. V. P. A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 2004. v. II, p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Trad. Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

GONZALEZ, J. D. Alguns nomes de santos, do latim ao galego-português. *Cad. Vianenses – Universidade de Santiago de Compostela*, v. 30, 63-79, 2001. Available at: <<http://gib.cm-viana-castelo.pt/documentos/20081013125552.pdf>>. Retrieved on: 20 jul. 2012.

IBGE – *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Informações sobre os municípios brasileiros. Available at: <<http://www.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Retrieved on: 5 nov. 2010.

IGA/ALMG. *As denominações urbanas de Minas Gerais: cidades e vilas mineiras com estudo toponímico e da categoria administrativa*. 2.ed. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1997.

KUHNEN, Alceu. *As origens da Igreja no Brasil – 1500-1522*. Bauru: EDUSC, 2005.

MATORÉ, George. *La méthode em lexicologie*. Domaine Française. Paris: Didier, 1953.

MEGALE, N. B. *Santos do povo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEGALE, H. Bandeira e bandeirantes. In: _____. (Org.) *Filologia Bandeirante*. Estudos 1. São Paulo, Humanitas, 2000. p. 15-48.

MENÉNDEZ PIDAL, R. *Toponimia Prerrománica Hispánica*. Madrid: Gredos, 1952

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. 368f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A rota das bandeiras no Estado de Minas Gerais: a região do Carmo. In: MEGALE, Heitor (Org.) *Filologia Bandeirante*. Estudos 1. São Paulo: Humanitas, 2000. p.107-112.

TORRES, J. C. O. *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Difusão Pan-Americana do Livro, [s.d.]. v. 3.

VASCONCELOS, S. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

ZAMARIANO, M. *Estudo Toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências e Humanas, Londrina, 2010.



Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais

Tradition and memory: an anthroponymic study of the names of the city of Ponte Nova – Minas Gerais

Glauciane da Conceição dos Santos Faria

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

glaucianecsantos@yahoo.com.br

Resumo: O homem usa do léxico para exprimir suas ideias e sentimentos e para exprimir seu universo. Partindo desse princípio, esta pesquisa teve como objetivo apresentar uma nova proposta de classificação para a taxa dos antropotônimos, contribuindo, assim, com a memória cultural da cidade de Ponte Nova (MG) por meio da investigação da Toponímia urbana. Adotaram-se como princípios teórico-metodológicos, recomendações da Toponímia e de disciplinas afins, com ênfase no modelo de classificação taxionômica de Dick (1990). Esta pesquisa insere-se no Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG). Esse projeto caracteriza-se como um estudo dos nomes de lugares que abrangem todo o território mineiro. Seguindo uma metodologia comum, usada por diferentes pesquisadores, em vários estados, o Projeto ATEMIG adota o “método das áreas” ou dialetológico, utilizado por Dauzat (1926), e as categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugeridas por Dick (1990). O *corpus* constituiu-se dos 410 antropotônimos presentes no total de logradouros urbanos da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais e foram analisados e organizados de acordo com a data em que foram criados, com a mudança de nomenclatura, com o gênero que representam, com a diferença gráfica entre os nomes grafados nas placas e os oficiais apresentados nas leis e decretos.

Palavras-chave: léxico; Toponímia; Antroponímia; Ponte Nova; Minas Gerais.

Abstract: Human kind uses the lexicon to express its ideas and feelings, to express its universe. Based on this principle, this research had as objective to present a new classification proposal for the taxon of anthropotonyms, thus contributing to the cultural memory of the city of Ponte Nova (MG) through the investigation of urban Toponymy. As theoretical-methodological principles, recommendations from Toponymy and related disciplines were adopted, with emphasis on the taxonomic classification model of Dick (1990). This research is part of the ATEMIG Project – Toponymic Atlas of the State of Minas Gerais, headquartered at the Faculdade de Letras at Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG). This project is characterized as a study of the names of places that cover the entire territory of Minas Gerais. According to a common methodology used by different researchers in several states, the ATEMIG Project adopts the “area method” or dialectological method used by Dauzat (1926) and the taxonomic categories that represent the main motivational patterns of toponyms in Brazil, suggested by Dick (1990). The corpus for this research consisted of the 410 anthropotonyms present in the urban addresses in the city of Ponte Nova – Minas Gerais. They were analyzed and organized according to: the date they were created, the changes of nomenclature, the gender they represent, the graphical difference between the names written on the plates and the officers presented in laws and decrees.

Keywords: lexicon; Toponymy; Anthroponymy; Ponte Nova; Minas Gerais.

Recebido em 3 de janeiro de 2018.

Aceito em 11 de fevereiro de 2018.

Introdução

Investigar a nomeação dos logradouros em uma determinada localidade constitui-se como um pertinente trabalho na área da Onomástica, mais especificamente na Toponímia, pois o estudo linguístico dos nomes de lugares está diretamente ligado ao contexto histórico-político da comunidade em que se encontram inseridos.

A possibilidade de se classificarem os variados topônimos de uma cidade, região, Estado mostra a importância das pesquisas toponímicas para o resgate e preservação da história de um povo, pois o estudo da toponímia permite que se conheça a relação entre o ser humano e o espaço em que ele vive.

Dessa forma, este artigo tem a finalidade de apresentar, por meio de um estudo antrotoponímico, uma nova proposta de classificação para a taxa dos antrotopônimos apresentada na tese de doutorado de Santos (2017).

A pesquisa constituiu-se de um estudo dos logradouros urbanos ponte-novenses que recebem nomes de pessoas, ou seja, os antropotopônimos, e pretendeu levantar a questão da importância da valorização dos nomes de pessoas por meio de reflexões acerca da toponímia e, principalmente, da classificação antroponímica.

Foram adotados, como princípios teórico-metodológicos, as recomendações da Toponímia e de disciplinas afins, com ênfase no modelo de classificação taxionômica de Dick (1990), no qual a autora propõe que os topônimos possam ser classificados levando em consideração 27 *taxes*, divididas em dois grupos: de natureza física e de natureza antropocultural.

A pesquisa teve como primeiro objetivo listar todos os antropotopônimos urbanos existentes na cidade de Ponte Nova, posteriormente, buscou-se encontrar a biografia das pessoas homenageadas com seus nomes nesses logradouros, procurando resgatar, assim, parte da história e da memória da cidade. Esses dados, junto às fotos dos logradouros e suas placas, às fotos das pessoas homenageadas, às leis de criação do logradouro e à biografia dos homenageados formaram as fichas toponímicas.

Vinculada ao Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais –, sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, o estudo contou com um banco de dados composto pelos 540 logradouros existentes na cidade de Ponte Nova. Dentre eles, foi selecionado o *corpus* da pesquisa, constituído pelos 410 antropotopônimos urbanos existentes no município. Esses dados foram analisados quantitativa e qualitativamente, ordenando-os pela data de criação, verificando o percentual dos gêneros (masculino e feminino) por eles representados, a variação gráfica entre o nome oficial e aqueles apresentados nas placas e nos mapas, dispondo-os de acordo com a classificação toponímica apresentada por Dick (1990).

Assim, por meio da apreciação dos dados, percebeu-se que a proposta de classificação apresentada por Dick (1990) não seria suficiente para análise de todos eles. Portanto, foi apresentada uma nova proposta de classificação para a *taxe* dos antropotopônimos que poderia não apenas melhor representar os dados da pesquisa em questão, mas também de outras que possam surgir na área da Toponímia.

1 O Léxico

Partindo do princípio de que a língua não somente representa, mas também faz parte da cultura de um povo, podemos afirmar que essa expressão cultural é constituída pelos falantes, podendo ser observada, principalmente, pelo conhecimento do seu léxico. Biderman (2001) corrobora essa afirmação, quando afirma que o sistema léxico “é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 179). Por meio dessa afirmação da autora, pode-se asseverar que o léxico nos permite o acesso à cultura de várias gerações de um povo.

Sobre essa reflexão a respeito da definição do léxico, Seabra (2004, p. 34) defende a ideia de que os diversos momentos históricos de uma comunidade são refletidos pelas unidades lexicais, pois elas “recortam o universo em categorias que variam, exprimindo visões particulares de mundo”. Ainda sob o olhar da autora, as unidades lexicais constituem a reserva na qual as pessoas alocam as palavras no ritmo de suas necessidades, pois elas refletem a “multiplicidade do real”. Desse modo, o léxico forma um conjunto aberto e não autônomo, não se constitui como um sistema de sentido restrito e por isso sua descrição não é algo sistemático e simples.

Faz-se importante frisar que o léxico não é algo fechado, ou seja, ele é dinâmico, pois está intimamente ligado ao papel social exercido por seus usuários.

Quando se aborda a questão que trata sobre língua e sociedade, necessário é remeter-se a Sapir, pois o autor aponta que os seres humanos vivem em sociedade quase que em favor da língua.

A linguagem é um guia para a ‘realidade social’. [...]. Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que ‘o mundo real’ é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade

social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes. (SAPIR, 1947, p. 11)

Diante dessa perspectiva de inseparabilidade entre língua e sociedade, não se deve considerar o léxico como algo isolado, deve-se sempre enxergá-lo como pertencente a um grupo, pois ele constitui-se como o meio mais importante de representação do mundo. Ao se analisar a dimensão social da língua, pode-se entender o léxico enquanto um patrimônio social da comunidade por excelência, assim como outros símbolos que compõem a herança cultural. Para Matoré (1953, p. 62), “As palavras no interior do grupo não têm todas o mesmo valor: constituem uma estrutura hierarquizada. Esta estrutura é móvel; os movimentos a que obedecem as palavras e os grupos de palavras têm uma maneira correlativa: um vocabulário é um todo, como a época que ele representa.”

Neste artigo, ao focar na Toponímia urbana de Ponte Nova, uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais, estuda-se o léxico como parte viva da língua, como objeto que permite valorizar a memória cultural não só dos moradores, mas também daqueles que de alguma forma têm ligação com a cidade. Essa postura remete ao pensamento de Isquierdo e Oliveira (2001, p. 91), pois, para as autoras, elementos significativos ligados “à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo” podem ser retirados de dados que o estudo do léxico regional pode nos oferecer.

2 A Onomástica

A Onomástica constitui-se como a área da linguística que tem como objeto de estudo o nome próprio considerado de forma genérica. Esta possui duas áreas de estudo: a Antroponímia e a Toponímia. A primeira ocupa-se em estudar os nomes próprios de pessoas, sejam eles prenomes, sobrenomes, apelidos, e pode, ainda, esclarecer sua origem, evolução, variação em função da época, dos costumes, dos lugares; enquanto a segunda centra-se no estudo dos nomes de lugares, os topônimos.

De acordo com Ramos e Bastos (2010), a origem da Onomástica está ligada às tradições gramaticais greco-latinas e vem desde as ideias que iniciaram o estudo filosófico sobre o nome. Essa área, porém, começou a receber um olhar científico apenas no final do século XIX e início do XX.

Sua origem remonta às primeiras especulações filosóficas sobre o nome e, no Ocidente, está intimamente ligada às tradições gramaticais greco-latinas, já que a distinção entre nome comum e nome próprio começa a ser elaborada por Dionísio de Trácia, primeiro gramático grego. Contudo, um tratamento científico para esses temas só surgiu com o advento do Estruturalismo Linguístico, na virada dos séculos XIX e XX, época em que se privilegiou o enfoque da ciência dos signos, a semiótica ou semiologia, do qual a onomástica passou a ser considerada um capítulo. (RAMOS; BASTOS, 2010, p. 87).

Os estudos dos dois campos da Onomástica permitem que, no futuro, possa-se conhecer atitudes e posturas sociais, pois tanto a Toponímia quanto a Antroponímia são, nas palavras de Dick (1990, p. 178), “fontes de conhecimentos tão excelentes quanto as melhores evidências documentais”, portanto responsáveis pela preservação dos fatos culturais de uma determinada região. Para a autora, por meio dos atos denominativos, podemos perceber homenagens vistas como atos bajuladores, que são comuns desde a época do descobrimento. Pode-se afirmar também que, nessa atividade nomeadora, há uma nivelção das pessoas, pois tanto aqueles que são bons ou não, influentes ou anônimos, podem ser homenageados, tendo seu nome perpetuado em um topônimo.

2.1 A Toponímia

A Toponímia é a disciplina da Onomástica que investiga os nomes próprios de lugares, ou seja, o léxico toponímico, considerando-o como expressão linguístico-social, que reflete aspectos históricos e culturais de um núcleo humano existente ou preexistente.

O nome próprio de um lugar constitui-se junto ao acidente geográfico, o que Dick (1990, p. 10) chama de “conjunto ou relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores”. Dessa relação, pode-se depreender dois termos: aquele relativo à entidade geográfica, que se denomina elemento ou termo genérico; e o topônimo propriamente dito, chamado de termo específico. Ambos podem se realizar de forma justaposta ou aglutinada, de acordo com a natureza da língua que os inscreve.

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. (DICK, 1990, p. 47).

A Toponímia tem como conceito tradicional o estudo dos nomes de lugares, porém ela exerce um papel para além da nomeação, pois permite que seja estudada a vivência humana e, que por meio dela, sejam preservadas as tradições de um povo. A pesquisa toponímica permite que sejam observadas questões sociais, visto que o nome dado a um lugar traz uma grande carga significativa. Além disso, por meio dele, tornam-se sobrejacentes questões de cunho geográfico, artístico, religioso e cultural. Possibilita ainda não só ao estudioso, mas também a todos de uma forma geral, o resgate linguístico, histórico e social do nome, uma vez que, conforme Dick (1990), o estudo dos nomes próprios de lugares permite que se transite não apenas pelo campo da linguística, mas também nos campos de outras disciplinas, tais como história, geografia, antropologia.

De acordo com a autora,

a Toponímia, como disciplina do saber humano, reúne, também, as condições intrínsecas necessárias para uma pesquisa em profundidade de tais especificações antropológicas. Ao especialista da matéria abre-se, dessa forma, um amplo campo de investigações e não será pretensioso de sua parte objetivar o encontro de vinculação entre o nome de lugar e as características que subordinam o denominador à sua época. [...] [o topônimo] reflete, de perto, a própria substância ontológica do social, onerado que está de uma profunda carga significativa. Um solo agreste, um clima árido, uma vegetação pobre ou abundante, uma escassez hidrográfica, a peculiar atividade regional ou, por outro lado, a relativa segurança econômica e as tendências artístico-religiosas predominantes na localidade, tendem a configurar, com precisão, o sistema toponímico em espécie, aberto a todas as feições culturais. (DICK, 1990, p. 48).

Para Carvalho (2014), na atualidade, a Toponímia deixa de ser vista como método que se volta somente para o estudo etimológico dos nomes e adota um “caráter científico com corpo metodológico específico”. Para a autora, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas têm

trazido à tona uma “cultura partilhada socialmente pelo grupo social” de uma determinada área geográfica (CARVALHO, 2014, p. 61).

2.2 A Antroponímia

A realidade é nomeada pela palavra. Essa ação de nomear é específica do ser humano e é resultante de um processo de categorização que possibilita organizar o conhecimento. Sendo o ser humano o único que se utiliza das palavras para fazer referências extralinguísticas, a nomeação, então, permite que seja realizada uma categorização, ou seja, os objetos podem ser classificados de acordo com estímulos que o meio ambiente exerce sobre o homem.

De acordo com Biderman,

o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico de conhecimento humano do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. (BIDERMAN, 1998, p. 91)

Biderman, ao falar sobre os termos técnicos, defende que eles são universais, internacionais, pois aquele pertencente a uma língua A tem equivalente idêntico em outra língua B. Porém, esses termos não são os únicos cujo conceito é “dependente” do universo extralinguístico; esse fenômeno também ocorre com o nome próprio.

De acordo com Amaral (2011, p. 64), inclui-se na classe *nomes próprios* uma série de membros bastante heterogêneos e, devido a isso, são várias as tentativas de classificá-los. Apesar dessa não concordância entre os autores quanto a uma classificação dos nomes próprios, tem-se um ponto em comum: todas as definições abrangem os antropônimos – nomes de pessoas – e os topônimos – nomes de lugares. O autor, em seu artigo “Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro”, primeiro apresenta algumas propostas de classificação de vários autores para os antropônimos e, em seguida, apresenta a sua própria classificação.

Ainda segundo Amaral (2011), os antropônimos poderiam ser divididos em dois grandes grupos, sendo o grupo 1 o dos ortônimos e o 2, dos alônimos. O autor classifica como ortônimo “o nome civil completo” e apresenta, como constituidores do grupo, o prenome e o sobrenome.

O sobrenome é/são o(s) antropônimo(s) que está(ão) após o prenome. Nas palavras de Amaral, “por *sobrenome* identificamos o(s) antropônimo(s) que sucede(m) o prenome (seja este simples ou composto). Também é denominado *nome de família*. Geralmente, é transmitido de pais para filhos” (AMARAL, 2011, p. 70). O autor chama a atenção para um subtipo especial de sobrenome, formado pelos itens Filho, Neto, Sobrinho, Junior e Segundo, pois eles marcam uma relação entre dois indivíduos, de modo geral, considerados parentes.

Passemos agora a tratar do grupo dos alônimos, que são subdivididos pelo autor em: hipocorísticos, apelido ou alcunha, pseudônimo ou codinome, heterônimo, nome artístico ou nome de palco e nome de guerra.

Os alônimos vão de encontro à definição dos ortônimos. Enquanto estes são os antropônimos considerados como oficiais, aqueles são os antropônimos que não correspondem aos nomes oficiais atribuídos aos indivíduos pela lei (AMARAL, 2011, p. 71).

Os alônimos são subdivididos em 6 grupos. Vejamos uma sucinta definição para cada um deles:

- i) **hipocorísticos**: são aqueles formados por uma alteração morfológica de outros sobrenomes. Podem, ainda, ser formados por diminutivo, aumentativo. Normalmente, são usados por familiares e distinguem-se dos apelidos por terem sua origem em outro nome próprio.
- ii) **apelido ou alcunha**: “é atribuído ao indivíduo geralmente por outra pessoa. Alude a uma característica física ou intelectual e pode ou não ser depreciativo”.
- iii) **pseudônimo ou codinome**: é usado no lugar do nome civil e distingue-se do apelido pelo fato de ser escolhido pelo portador do antropônimo. Quando adotado para atividades lícitas, tem reconhecimento oficial e pode ser usado para encobrir ou nomear um plano de ação ou uma organização e também para resguardar a identidade de um indivíduo.
- iv) **heterônimo**: ocorre quando o portador do antropônimo cria o nome de um indivíduo fictício.
- v) **nome artístico ou nome de palco**: é o nome pelo qual a pessoa é conhecida em sua atividade profissional.
- vi) **nome de guerra**: de acordo com Amaral

(2011, p.75), “em princípio, o nome de guerra poderia ser confundido com o nome artístico. Mas tem uma abrangência maior, na medida em que não se aplica somente ao meio artístico parece ser comum no âmbito militar, entre outros”.

3 Procedimentos metodológicos e análise dos dados

Adotando os princípios apresentados por Dauzat (1926) e Dick (1990) a respeito da onomástica, este trabalho constitui-se num recorte da pesquisa de Santos (2017), na qual foram analisados os antropotopônimos que fazem parte do complexo toponomástico urbano da cidade de Ponte Nova.

Sendo o aspecto semântico do topônimo ligado às manifestações culturais de um povo, a história de uma comunidade, vista pelos nomes de seus logradouros, mais especificamente daqueles cuja nomeação é motivada por nomes de pessoas, permite que se resgate boa parte da memória histórico-cultural do lugar.

O *corpus* da pesquisa foi constituído primeiramente pela consulta à Lei 3445/2010. Por ser a mais recente que contém “todos” os nomes de logradouros da cidade, dispõe sobre o uso e a ocupação do solo. Em seguida, foi realizada uma busca no *site* da Câmara de Vereadores de todas as leis publicadas após 2010 até o ano de 2017, que têm por objetivo dar nomes a logradouros. Assim, chegou-se a um número total de 540 logradouros, dos quais foi retirado o *corpus* composto pelos 410 antropotopônimos urbanos existentes na cidade, exceto aqueles que fazem parte dos dois distritos, Pontal e Vau Açu.

Os dados, analisados qualitativa e quantitativamente, foram apresentados no formato de ficha toponímica adaptada de Filgueiras (2011), na qual foram apresentadas as seguintes informações sobre os logradouros: i) nome oficial que consta na lei municipal de criação, ii) nome anterior (caso tenha havido); iii) localização do logradouro; iv) número da lei ou decreto de criação; v) imagem da pessoa homenageada; vi) imagem de localização da rua no mapa, vii) foto(s) da(s) placa(s); viii) foto do logradouro; ix) nome oficial, o que aparece no mapa e o que é registrado na(s) placa(s); x) dados biográficos da pessoa que tem seu nome “emprestado” ao logradouro; xi) fontes utilizadas.

Na parte que diz respeito às informações sobre os logradouros, em “nome oficial na lei municipal”, foi apresentado aquele encontrado

na lei ou decreto de criação do logradouro. O nome anterior corresponde àquele que, quando existiu, pode ser encontrado na lei ou decreto de criação que dá “novo” nome ao logradouro.

A localização diz respeito ao bairro em que o logradouro se encontra de acordo com a lei de criação dele, quando não encontrada, optou-se pelo qual é identificado de acordo com a Lei 3445/2010 que dispõe sobre ocupação, uso do solo e zoneamento do Município de Ponte Nova.

No quadro no canto superior direito, quando possível, foi apresentada uma foto da pessoa que dá nome à rua.

Na parte reservada para a imagem do mapa, em geral, utilizou-se imagens retiradas do site “Google maps”, conforme pode ser visto na figura 1. Quando não encontradas no referido *site*, utilizou-se um recorte do mapa da cidade fornecido pela Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Ponte Nova.

Todas as fotos apresentadas no item “foto do logradouro” foram feitas exclusivamente para compor as fichas toponímicas da tese da qual essa pesquisa constitui-se como recorte.

O item “dados” está subdividido em outros dois: oficial/imagem e placas. Em “oficial/imagem”, apresentou-se o nome que o logradouro recebe oficialmente na lei e na imagem do mapa. Em “placas”, são apresentadas as fotos das placas que contêm o(s) nome(s) dos logradouros. Alguns logradouros não apresentam placas, o que, muitas vezes, dificulta a identificação deles.

Mais abaixo, na ficha, no penúltimo subitem, apresentou-se os “dados biográficos”, onde há a biografia das pessoas que emprestam seus nomes aos logradouros.

Em “fontes”, o último item da ficha, apresentou-se as fontes bibliográficas que foram consultadas.

Segue abaixo, para exemplificar, umas das fichas que compõem o trabalho.

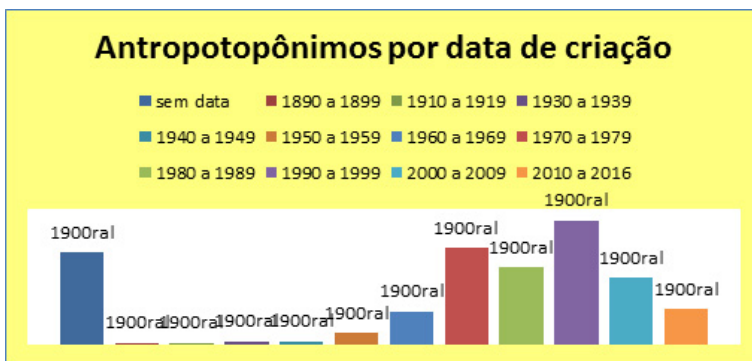
FIGURA 1 – Ficha Toponímica

INFORMAÇÕES SOBRE O LOGRADOURO		
<p>Nome oficial na lei municipal: Rua Repórter Luiz Quirino</p> <p>Nome anterior: -----</p> <p>Localização: Bairro Chácara Vasconcelos – Ponte Nova – MG</p>	<p>Legislação: Lei 2.100/1996</p>	 <p>Fonte: Jornal <i>Folha de Ponte Nova</i>, 27 ago. 1989</p>
<p>IMAGEM DO MAPA</p>	<p>FOTO(S) DA(S) PLACA(S)</p>	<p>FOTO DO LOGRADOURO</p>
	<p>Placas não encontradas.</p>	

DADOS	
OFICIAL/IMAGEM	PLACAS
Rua Repórter Luiz Quirino	Placas não encontradas.
<p>DADOS BIOGRÁFICOS: “José Luis Quirino da Silva, radialista, começou sua carreira profissional em 1984. A passagem foi rápida. Depois retornou em 1985, durante a realização do Campeonato Regional da Liga. Sua carreira teve início na área esportiva e sua ascensão jornalística foi meteórica, altamente qualificada. Em 1986, ingressou na Rádio Visão na qual passou a cobrir todas as áreas jornalísticas, notabilizando-se na área política. Em 1988, fundou a Associação de Imprensa com Gina Costa, Domingos Martins, Alfredo Padovani, Ricardo Motta, Marcos Dias, Geraldo Jannus e outros nomes da época. Ele foi o primeiro presidente da entidade. Em 1989, saiu da rádio para assumir a Assessoria de Imprensa e Relações Públicas da Prefeitura Municipal de Ponte Nova, no governo Antônio Bartholomeu, no qual ficou por apenas dois meses, tendo sido assassinado brutalmente em 26 de julho de 1989, exatamente no dia em que completava 23 anos de idade. Foi também atleta do Colégio Municipal.” (Exposição de motivos – Projeto de Lei nº 17/1996)</p>	
<p>FONTES: www.camarapontenova.com.br/ler_legislacao.asp?id=1177 https://www.google.com.br/maps/@-20.4133632,-42.9046524,18z</p>	

A primeira análise realizada foi organizar os antropotopônimos de acordo com a data de criação de cada um deles.

GRÁFICO 1 – Antropotopônimos por data de criação

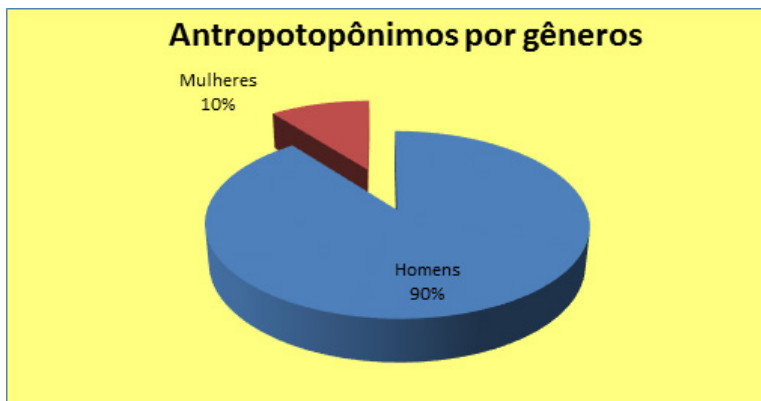


Fonte: Santos (2017)

Pode-se observar que foram os anos 90 a época em que mais foram criados logradouros, totalizando 92 leis, seguidos dos anos 1970, com 72; dos anos 1980, com 57; em 2000, foram criados 50 logradouros; em 1960, 27; em 2010, 24; nos anos 1950, houve a criação de 9 logradouros; em 1930 e 1940, 3 em cada década; em 1800, 2; e, em 1910, 2. Faz-se importante ressaltar que 68, dos 410 logradouros componentes do *corpus* da pesquisa, ou seja, cerca de 16% dos logradouros não tiveram suas leis ou decretos de criação encontrados. Não foram encontradas explicações para esse fato, acredita-se que ou essas leis perderam-se com o tempo ou realmente elas nunca foram criadas.

Quando analisados de acordo com o gênero, chegou-se ao resultado de que apenas 42 logradouros do total representados por antropotopônimos ponte-novenses possuem nomes que se referem a pessoas do sexo feminino. O gráfico abaixo apresenta esses dados em números percentuais:

GRÁFICO 2 – Antropotopônimos distribuídos por gênero



Fonte: Santos (2017)

Pode-se perceber que são poucas as mulheres que tiveram seus nomes perpetuados em logradouros na cidade de Ponte Nova.

Miranda (2016) atenta para o fato de que juridicamente, os nomes de pessoas só podem ser mudados em casos específicos; porém, o autor discute se esse cuidado é estendido aos nomes de lugares. Em seu artigo, o estudioso mostra que vários autores da literatura brasileira

já se preocupavam com uma questão, a qual ele chama de “mutilação toponímica”.

Na pesquisa, a análise correspondente à mudança antrotoponímica foi realizada levando em consideração quatro grupos: i) logradouros de mudaram de letras para nomes; ii) de números para nomes; iii) de nomes para nomes; iv) aqueles que não tiveram alteração.

GRÁFICO 3 – Antrotopotônimos e a mudança de nomes



Fonte: Santos (2017)

Pode-se observar, por meio do gráfico acima, que praticamente a metade dos logradouros, 48%, não teve seu nome alterado, esses dados levam à conclusão de que a cidade de Ponte Nova respeita a sua memória toponímica. Essa afirmação pode se corroborada pelo fato de que apenas 6%, ou seja, 26 logradouros tiveram sua nomenclatura alterada de nome para nome. Vale ressaltar que 46% dos logradouros tiveram seu nome alterado de letra para nome ou de número de para nome. Uma justificativa para essa alteração deve-se ao fato de que quando os bairros são criados, primeiramente, os logradouros são identificados por letras ou por números, posteriormente é que são criadas as leis que dão nomes a eles.

Foi realizada uma análise comparativa entre os nomes grafados nas placas e aqueles tidos como oficiais, pois são os que se encontram nas leis ou decretos de criação do logradouro, foram encontrados 40 logradouros que sem encaixam nesse caso. A análise distribui esses antrotopotônimos em quatro grupos, sendo eles:

- i) antropotopônimos que, nas placas, apresentam o nome abreviado. A título de exemplo, tem-se o logradouro denominado **Rua Alexandre Claudino dos Santos**, que, na placa, apresenta-se como Rua Alexandre C. dos Santos, conforme Fotografia 1:

FOTOGRAFIA 1



Fonte: Santos (2017)

- ii) antropotopônimos que, nas placas, tiveram excluído o título que acompanha os nomes individuais, ou seja, não são apresentados nas placas como axiotopônimos. Para exemplificar, tem-se o logradouro **Avenida Doutor Caetano Marinho** que, na placa, recebe a nomenclatura sem o título de Doutor.

FOTOGRAFIA 2



Fonte: Santos (2017)

- iii) antropotopônimos que se apresentam nas placas os títulos que acompanham os nomes individuais, mas que não estão presentes na nomenclatura oficial. Como exemplo, apresenta-se o logradouro **Rua Mário Fontoura**, na placa, tem-se o título de Professor acompanhando o nome.

FOTOGRAFIA 3



Fonte: Santos (2017)

- iv) antropotopônimos que apresentam variação gráfica entre o nome oficial e o que está escrito nas placas. Pode-se exemplificar com o logradouro denominado **Rua Eloy Fraga**, pois na placa está grafado de forma diferente daquela que corresponde ao nome oficial.

FOTOGRAFIA 4



Fonte: Santos (2017)

Cerca de 15% dos logradouros, ou seja, 65 antropotopônimos, não tiveram sua biografia encontrada. Faz-se importante que esse resultado seja ressaltado, pois, se os fatos culturais de uma região podem ser preservados por meio dos estudos onomásticos, a biografia do homenageado seria uma importante informação, pois, conforme Dick (1990, p. 123), Antroponímia e Toponímia “atuam como formas conservadoras da ‘memória’ do núcleo, que se faz presente nos estágios denominativos, de diversas origens e causas”.

Durante a análise dos dados, observou-se que a classificação proposta por Dick (1990) não seria suficiente para abarcar todo o corpus. Para a autora, é preciso que se entenda que existe um vínculo entre o objeto nomeado e seu nomeador, que assim “remeterá aos estudos das motivações da nomenclatura geográfica”. Dessa maneira, os fatores ambientais, nos vieses, tanto físico quanto antropocultural, compõem “o cenário propício ao jogo dos interesses humanos, em que as percepções sensoriais e as manifestações psíquicas brotam como fontes geradoras dos nomes” (DICK, 1990, p. 25).

Dick (1990, p. 31) apresenta uma proposta de classificação taxionômica dos topônimos contendo 27 taxes, divididas, de acordo com a natureza motivacional, em dois grandes grupos – sendo 11 taxes de natureza física que caracterizam o ambiente, abarcando os seus aspectos de formação – córregos, rios, árvores, animais etc. (Astrotopotônimos; Cardinotopônimos; Cromotopônimos; Dimensiotopônimos; Fitotopônimos; Geomorfotopônimos; Hidrotopônimos; Litotopônimos;

Meteorotopônimos; Morfotopônimos; Zootopônimos) e 16 de natureza antropocultural que caracterizam as manifestações sociais, psíquicas e culturais do homem, no meio em que vive, abarcando sentimentos, nomes de cunho religioso, títulos, nomes próprios, nomes de países, estados, cidades etc (Animotopônimos ou nootopônimos; Antropotopônimos; Axiotopônimos; Corotopônimos; Cronotopônimos; Ecotopônimos; Ergotopônimos; Etnotopônimos; Dirrematotopônimos; Hierotopônimos; Historiotopônimos; Hodotopônimos ou Odotopônimos; Numerotopônimos; Poliotopônimos; Sociotopônimos; Somatotopônimos).

Pode-se perceber que, de acordo com a proposta apresentada por Dick (1990), os logradouros que recebem nomes de pessoas podem ser distribuídos em três grupos: antropotopônimos, axiotopônimos e historiotopônimos.

Os antropotopônimos são os topônimos relativos aos nomes próprios individuais, sem títulos ou qualquer outra identificação que não seja, apenas, o nome da pessoa. A pesquisa na cidade de Ponte Nova apresentou 321 dados que se encaixam nessa classificação. Para exemplificar:

- Avenida Abdalla Felício
- Praça Nilson Gomes Quaresma
- Rua Orlando Geraldo
- Rua Paulo Gomes
- Rua Rosa Maria Guimarães

Os axiotopônimos constituem-se daqueles topônimos que carregam nomes próprios de pessoas que se fazem acompanhar dos títulos e dignidades que os antecedem. A pesquisa apresentou 70 logradouros que se ajustam nessa classificação. Para exemplificar:

- Rua Barão do Pontal
- Rua Capitão Manoel
- Rua Carteiro Tarcísio Inácio
- Rua Professora Inhá Torres
- Avenida Vereador João Evangelista de Almeida
- Rua Vigário João Paulo

Os historiopotônimos são aqueles relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes (DICK, 1990). A título de exemplo:

- Rua Carlos Gomes
- Rua Cláudio Manoel da Costa
- Travessa Tiradentes

A pesquisa apresentou uma nova proposta que consiste em classificar, primeiramente como antropopotônimos, todos os logradouros que recebem nomes de pessoas e depois subdividi-los em axiotopônimos e historiopotônimos, pois, se todas as taxes anteriormente citadas referem-se a antropônimos, não poderiam elas se agruparem em uma taxe de antropopotônimos que englobaria as demais taxes?

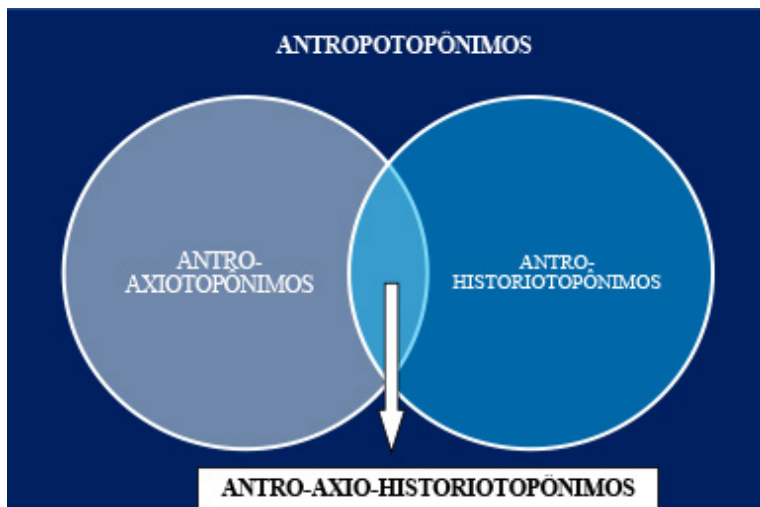
Tal questionamento justifica-se uma vez que antes de uma pessoa receber um título como doutor, padre, coronel etc., ela já era conhecida por seu nome de batismo. O mesmo se dá com os historiopotônimos: antes de se destacar como um personagem histórico havia um nome que se referia a um cidadão comum.

Dessa forma, a nova proposta de classificação ficou assim definida:

- Antropopotônimos;
- Antropo-axiotopônimos;
- Antropo-historiotopônimos;
- Antropo-axio-historiotopônimos.

A Figura 2 abaixo permite uma melhor visualização da nova proposta de classificação da taxe dos antropopotônimos:

FIGURA 2 – Nova classificação taxonômica dos antropotopônimos



Fonte: Santos (2017)

Pela figura acima, pode-se melhor compreender a nova proposta apresentada. O conjunto maior é composto pelos antropotopônimos em geral, ou seja, todos os logradouros que possuem nomes de pessoas. Essa classificação vai ao encontro daquela proposta por Dick (1990), que considera como **antropotopônimos** os logradouros que carregam nomes de pessoas. Tais como:

- Avenida Adriano Fonseca Filho
- Praça Afonso Lopes Ribeiro
- Travessa Custódio Rodrigues Lopes

O círculo da esquerda é composto pelos logradouros que carregam nomes de pessoas e que são precedidos por um título ou designativo, por isso **antro-axiotopônimos**. Essa classificação não foi abordada por Dick (1990), pois a autora considera esses logradouros apenas como axiotopônimos. Nesta pesquisa, a proposta é justamente unir os antropotopônimos soa axiotopônimos, pois primeiramente, antes de receber um título, o nome faz referência a uma pessoa. Para exemplificar:

- Rua Dr. Antônio Brant Ribeiro
- Rua Major Soares
- Rua Padre Alcides Lanna
- Rua Vigário João Paulo

No grupo da direita estão contidos os logradouros que carregam nomes de pessoas que tiveram seus feitos registrados na história dos estados ou do país, e, então, foram denominados de **antropo-historiotopônimos**. Essa classificação também não foi assim definida por Dick (1990), pois a autora considera esses logradouros apenas como historiotopônimos junto a outros que também fazem referência a fatos históricos, tais como datas ou movimentos importantes. Nesta pesquisa, a proposta é justamente unir os antropotopônimos aos historiotopônimos, pois primeiramente, antes de ser um personagem histórico, o nome faz referência a uma pessoa. Para exemplificar:

- Rua Domingos Vidal Barbosa
- Avenida Getúlio Vargas
- Rua Luiz Carlos Prestes
- Rua Olegário Maciel

Na intercessão entre os antropo-axiotopônimos e os antropo-historiotopônimos, temos aqueles logradouros que além de homenagear pessoas, homenageiam também o papel histórico exercido por elas. Esses receberam, então, a classificação de **antropo-axio-historiotopônimos**. Essa classificação não foi abordada por Dick (1990), pois a autora, como visto anteriormente, considera esses logradouros em separado, ou como antropotopônimos, ou como axiotopônimos, ou como historiotopônimos. Neste trabalho, a proposta é unir os antropotopônimos aos axiotopônimos e aos historiotopônimos, pois, primeiramente, antes de receber um título ou de ser um personagem histórico, o nome faz referência a uma pessoa. Para exemplificar:

- Avenida Dr. Arthur Bernardes
- Rua Imperatriz Leopoldina
- Rua Marechal Deodoro
- Rua Presidente Antônio Carlos

Considerações finais

Estudos toponímicos possibilitam, por meio da análise dos nomes próprios de lugares, o resgate linguístico, histórico e social do nome, pois o topônimo traz uma grande carga significativa, que permite estudar questões de cunho geopolítico, sociocultural e sócio-histórico.

Neste artigo, o principal objetivo foi apresentar, por meio de um recorte de um estudo linguístico, o léxico toponímico urbano da cidade de Ponte Nova - MG, analisando, dentre o total de logradouros públicos que há na cidade, os nomeados por antropônimos, uma nova classificação para essa taxa.

Apontou-se, inicialmente, que o trabalho está vinculado ao Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – que utiliza, como instrumento de classificação toponímica, as categorias taxionômicas sugeridas por DICK (1990), que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil.

Uma nova proposta de classificação antrotoponímica foi apresentada. Os antrotopônimos foram classificados de acordo com o que Dick (1990) propõe, ou seja, inserem-se, nessa classificação, os logradouros que têm nomes de pessoas. Nos antro-axiotopônimos, foram classificados os antrotopônimos que são precedidos por um título, como, por exemplo, doutor, padre, professor. Nos antro-historiotopônimos, estão os logradouros que são considerados por Dick (1990) apenas como historiotopônimos. São aqueles que levam nome de pessoas que marcaram a história do Estado ou do país. E, para finalizar, os antro-axio-historiotopônimos, como o próprio nome sugere, são os logradouros que fazem referência a nomes de pessoas precedidos por um título e que também são considerados historiotopônimos.

Referências

AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 63-82, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande (MS): Editora da UFMS, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP, n. 2, p. 81-118, 1998.

CARVALHO, A. P. M. A. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 823f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.

DICK, M. V. P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Edições Arquivo do Estado, 1990.

FILGUEIRAS, Z. F. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. 2011. 349f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

Google.com.br/maps/@-20.4133632,-42.9046524,18z. Acesso em: 8 fev. 2017.

ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. v.1.

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Domaine français. Paris: Didier, 1953.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. Patrimônios culturais, nomes de lugares também devem ser preservados. *Revista Consultor Jurídico [online]*, out. 2016. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-out-08/ambiente-juridico-patrimonios-culturais-nomes-lugares-tambem-preservados>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

RAMOS, R. T.; BASTOS, G. R. Onomástica e possibilidades de releitura da história. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, UNISUAM, ano 15, n. 30, p. 86-92, ago. 2010.

SANTOS, G. C. S. *Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais*. 2017. 686f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SAPIR, E. *Selected writings of Edward Sapir*. Berkeley: University of California Press, 1947.

SEABRA, M. C. T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. 368f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.



Tradition and memory: an anthroponymy study of public place names in the city of Ponte Nova – Minas Gerais

Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais

Glauciane da Conceição dos Santos Faria

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brazil
glaucianecsantos@yahoo.com.br

Resumo: O homem usa do léxico para exprimir suas ideias e sentimentos e para exprimir seu universo. Partindo desse princípio, esta pesquisa teve como objetivo apresentar uma nova proposta de classificação para a taxa dos antropotopônimos, contribuindo, assim, com a memória cultural da cidade de Ponte Nova (MG) por meio da investigação da Toponímia urbana. Adotaram-se como princípios teórico-metodológicos, recomendações da Toponímia e de disciplinas afins, com ênfase no modelo de classificação taxionômica de Dick (1990). Esta pesquisa insere-se no Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG). Esse projeto caracteriza-se como um estudo dos nomes de lugares que abrangem todo o território mineiro. Seguindo uma metodologia comum, usada por diferentes pesquisadores, em vários estados, o Projeto ATEMIG adota o “método das áreas” ou dialetológico, utilizado por Dauzat (1926), e as categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugeridas por Dick (1990). O *corpus* constituiu-se dos 410 antropotopônimos presentes no total de logradouros urbanos da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais e foram analisados e organizados de acordo com a data em que foram criados, com a mudança de nomenclatura, com o gênero que representam, com a diferença gráfica entre os nomes grafados nas placas e os oficiais apresentados nas leis e decretos.

Palavras-chave: léxico; Toponímia; Antroponímia; Ponte Nova; Minas Gerais.

Abstract: Humankind uses the lexicon to express its ideas and feelings, to express its universe. Based on this principle, this research sought to present a new classification proposal for the taxon of anthrotoponyms, thus contributing to the cultural memory of the city of Ponte Nova, MG, Brazil, through the investigation of urban Toponymy. Recommendations from Toponymy and related disciplines were adopted as theoretical-methodological principles, with emphasis on the taxonomic classification model set forth by Dick (1990). This research is part of the ATEMIG (Toponymic Atlas of the State of Minas Gerais) Project, with headquarters at the College of Letters, Federal University of Minas Gerais (FALE/UFGM). This project is characterized as a study of place names that cover the entire territory of Minas Gerais. According to a common methodology used by different researchers in several states, the ATEMIG Project adopts the “area method”, or the dialectological method used by Dauzat (1926), and the taxonomic categories that represent the main motivational patterns of toponyms in Brazil, as suggested by Dick (1990). The corpus of this research consisted of the 410 anthrotoponyms present in the urban addresses in the city of Ponte Nova. These were analyzed and organized according to: the date they were created, the changes in nomenclature, the gender they represent, as well as the graphic difference between the names written on the plates and the official names presented in the laws and decrees.

Keywords: lexicon; Toponymy; Anthroponymy; Ponte Nova; Minas Gerais.

Received on January 3, 2018

Accepted on February 11, 2018

Introduction

Investigating the naming of public places in a given location is pertinent work in the field of onomastics, more specifically in toponymy, as the linguistic study of place names is directly linked to the historical-political context of the community of which they are part.

The possibility of classifying a city's, area's or state's different toponyms reveals the importance of toponymy research in recovering and preserving a people's history, considering that the study of toponymy opens the door to understanding the relation between human beings and the space in which they live.

Therefore, this article sought to present, by means of an anthroponymic study, a new classification proposal for the taxon of anthropotonyms presented in Santos's doctoral dissertation (2017).

This research consisted of a study of urban public places, conducted in the city of Ponte Nova, which were named after people, that is, anthropotonyms, and sought to raise the issue of valuing peoples' names by reflecting on toponymy, especially on the anthroponymic classification.

Recommendations from toponymy and related disciplines were adopted as theoretical-methodological principles, with emphasis on the taxonomic classification model set forth by Dick (1990), in which the author proposes that toponyms may be classified based on 27 taxa, divided into two groups: a group of physical toponyms, and a group of anthro-cultural toponyms.

This study's first goal was to list all urban anthroponyms in the city of Ponte Nova. Subsequently, the research attempted to find the biographies of the people who were honored by having public places named after them, thus attempting to retrieve part of the city's history and memory. These data, along with the public places' photos and nameplates, the honorees' photos, the laws that establish the public places, and the honorees' biographies constructed the toponymy charts.

As part of the ATEMIG (Toponymic Atlas of the State of Minas Gerais) Project, with headquarters at the College of Letters, Federal University of Minas Gerais, this study relied on a database consisting of all 540 public places in the city of Ponte Nova. This study's *corpus* was chosen from among these, consisting of the 410 urban anthropotonyms that can be found in the city. These data were subjected to quantitative and qualitative analyses, which placed them in chronological order; determined the gender percentage (masculine and feminine) they represent, including the spelling variations between the official names and their representation on nameplates and maps; and organized them in accordance with the toponymic classification provided by Dick (1990).

Thus, by reviewing the data, it was determined that the classification presented by Dick (1990) would not have been sufficient to analyze all of these. Therefore, a new proposal was presented for the classification of the anthropotonym taxon, which could better represent the data for this study, as well as for other future studies that may be conducted in Toponymy.

1 Lexicon

Based on the principle that language not only represents a people's culture, but it is also a part of it, it is possible to claim that this cultural expression is formulated by the speakers, and may be observed, primarily, by the knowledge of its lexicon. Biderman (2001) corroborates this proposition, by stating that the lexical system "is the sum of a society's entire accumulated experience and its cultural collection throughout the ages (Biderman, 2001, p. 179)." Based on this statement by the author, it is possible to assert that the lexicon grants us access to the culture of a people's several generations.

Regarding this reflection about the definition of the lexicon, Seabra (2004, p. 34) argues that a community's different historical moments are reflected by lexical units, as they "section the universe in varying categories, expressing specific world perspectives." Also from the author's standpoint, lexical units constitute the reserve where people allocate words according to the pace of their needs, since they reflect the "multiplicity of that which is real." Thus, the lexicon constitutes an open and non-autonomous set; it is not a system of restricted meaning, and therefore its description is not a systematic or simple issue.

It is important to emphasize that the lexicon is not closed, that is, it is dynamic, as it is intimately linked to the social role played by its users.

When dealing with issues regarding language and society, it is important to refer to Sapir (Sapir, 1947, p. 11), since this author points out that human beings live in society practically in favor of language.

Language is a guide to 'social reality.' [...]. Human beings do not live in the objective world alone, nor alone in the world of social activity as ordinarily understood, but very much at the mercy of the particular language which has become the medium of expression for their society. It is quite an illusion to imagine that one adjusts to reality essentially without the use of language and that language is merely an incidental means of solving problems of communication or reflection. The fact of the matter is that the 'real world' is to a large extent unconsciously built up on the language habits of the group. No two languages are ever sufficiently similar to be considered as representing the same social reality. The worlds in which different societies live are distinct worlds, not merely the same world with different labels attached.

Based on the possibility of inseparability of language and society, the lexicon should not be considered isolated; it should always be seen as belonging to a group, since it is constructed as the most important means of world representation. Upon analyzing the social dimension of language, the lexicon may be viewed as the community's social heritage par excellence, as may all other symbols that constitute cultural heritage. For Matoré (1953, p. 62): "Words within a group do not all have the same value: they constitute a hierarchical structure. This structure is mobile; movements that control the words, and the word groups have a correlative manner: a vocabulary is a whole, as is the time it represents."

In this article, by focusing on urban toponymy in Ponte Nova, a city in the state of Minas Gerais, the lexicon is studied as a live portion of language, as an object that allows the residents' cultural memory, as well as the memory of those people who are somehow connected to the city, to be valued. This stance refers to Isquerdo and Oliveira's thinking (2001, p. 91), because, for the authors, significant elements associated with "a given group's history, way of life, and world perspective" may be obtained from data provided by the study of the regional lexicon.

2 Onomastics

Onomastics is understood to be the linguistic field whose object is the study of proper names, regarded in a generic manner. Onomastics has two areas of study: anthroponymy and toponymy. The first focuses on the study of people's proper names, namely first names, surnames, nicknames, and may also clarify their origin, evolution, variations due to time, customs and places; whereas the latter is focused on the study of place names, the toponyms.

According to Ramos & Bastos (2010, p. 87), onomastics finds its origins in Greco-Latin traditions and is rooted in the ideas that sparked the philosophical study of names. This area, however, only began to be seen scientifically in the late 19th and early 20th centuries.

Its origin dates back to the first philosophical speculations about the name and, in the Western world, is strictly linked to Greco-Latin grammatical traditions, considering that the distinction between common and proper names was first developed by Dionysius Thrax, the first Greek grammarian. Nevertheless,

these topics only received a scientific treatment after the advent of linguistic structuralism, at the turn of the 19th century, a time when emphasis was placed on the science of signs, semiotics, or semiology, of which onomastics came to be viewed as a chapter.

Studies of both onomastics fields will enable one, in the future, to understand social attitudes and stances, considering that both toponymy and anthroponymy are, in the words of Dick (1990, p. 178), “knowledge sources as excellent as the best documental evidence,” which is, therefore, responsible for preserving the cultural facts of a given area. For the author, by means of nominative acts, honors may be perceived as being sycophant actions, which have been common since the age of discovery. It can also be claimed that, in this naming activity, people are placed on the same level, considering that those who are good or not, influential or anonymous, may be honored, thus having their names immortalized in a toponym.

2.1 Toponymy

Toponymy is the field of onomastics that investigates place names, that is, the toponym lexicon, considering it to be a linguistic-social expression, which reflects historical and cultural aspects of an existing or pre-existing human core.

A place name is formulated along with a geographic feature, which Dick (1990, p. 10) calls a “binomial relation or set, which can be sectioned in order to allow one to distinguish its constructive terms.” Two terms may be obtained from this relation: one regarding the geographic entity, which is the element or general term; and the toponym itself, which is the specific term. Both may be achieved though juxtaposition or agglutination, according to the nature of the language in which they are inscribed.

A toponym is not foreign or separated from the community’s historical-political context. Its meaningful load is strictly connected to the soil, the climate, the abundant or poor vegetation, and the specific cultural features of an area, in their many life manifestations. (DICK, 1990, p. 47).

Toponymy is, as a traditional concept, the study of place names; however, it plays a role that goes beyond naming, as it enables human experience to be studied and, consequently, a people's traditions to be preserved. Toponymy research enables social issues to be observed, considering that the name given to a place bears a highly meaningful load. In addition, by means of such research, geographic, artistic, religious, and cultural issues overlap. This research also enables the scholar, and people in general, to perform the linguistic, historical, and social recovery of a name, because, according to Dick (1990), the study of place names allows one to circulate through the field of linguistics, as well as through other fields in other disciplines, such as history, geography, and anthropology.

According to the author,

toponymy, as a discipline of human knowledge, also congregates the intrinsic required conditions for a deep research of such anthropological specifications. Therefore, a broad field of investigation is presented to specialists on the matter, and it would not be too pretentious of them to seek to find the link between the place name and the features that subordinate name bearers to their time. [...] [the toponym] reflects, up close, the very ontological substance of the social, burdened by the deep significant load. A harsh soil, an arid climate, a poor or abundant vegetation, a river basin scarcity, the peculiar regional activity or, on the other hand, the relative economic security and the artistic-religious trends predominant in the location tend to constitute, with precision, the toponymy system in species, which is open to all cultural features. (DICK, 1990, p. 48).

For Carvalho (2014, p. 61), currently, toponymy is no longer seen as a method directed only to the etymological study of names, and it adopts a “scientific nature with the specific methodological corpus.” For the author, studies under development have been shedding light on a “culture socially shared by the social group” in a given geographic area.

2.2 Anthroponymy

Reality is named by the word. The naming action is specific to the human being and results from a categorization process that enables one organize knowledge. As humans are the only ones who use words to make extralinguistic references, naming thus allows for categorization,

that is, objects may be classified according to the stimuli the environment provides to human beings.

According to Biderman (1998, p. 91),

a language's lexicon constitutes a means through which to record the knowledge of the universe. By naming referents, humans classify them simultaneously. Therefore, naming reality can be considered the first stage on the scientific path towards human knowledge of the universe. By identifying similarities and, conversely, discriminating the distinctive features that individualize these referents in different entities, humans have structured the world around them, labeling these discriminated entities. This is the naming process that generated the lexicon of natural languages.

As regards technical terms, Biderman argues that they are universal, international, because the ones belonging to a language A have identical equivalents in another language B. However, these terms are not the only ones whose concept is "dependent" upon the extralinguistic universe; this phenomenon also occurs with proper names.

According to Amaral (2011, p. 64), the *proper name* class includes a series of very heterogeneous members and, for this reason, many classification attempts have been made. Although authors disagree as to a classification of proper names, a common point may be identified: all definitions include anthroponyms – people's names – and toponyms – place names. In his article "Contributions to a typology of anthroponyms in Brazilian Portuguese", the author starts by presenting various authors' classification proposals for anthroponyms and, after that, presents his own classification.

Also according to Amaral (2011), anthroponyms could be divided into two major groups, group 1 being that of orthonyms, and group 2, that of allonyms. The author classifies as orthonym the "full civil name", and proposes that the group is made up of first names and surnames.

Surname(s) is/are the anthroponym(s) after the first name. In the words of Amaral, "we understand *surname(s)* as the anthroponym(s) that succeed the first name (whether simple or compound). This is also known as a *family name*. It is usually passed down from parents to children" (AMARAL, 2011, p. 70). The author draws attention for special surnames, consisting of the items *Filho* (Son), *Neto* (Grandson), *Sobrinho* (Nephew), *Júnior* (Junior), and *Segundo* (the Second), given

that they define a relationship between two individuals, in general terms, considered to be relatives.

Let us deal now with the group of allonyms, which are divided by the author into hypocoristic, nickname or alias, pseudonym or code name, heteronym, artistic or stage name, and war name.

Allonyms counter the definition of orthonyms. Whereas the latter are considered to be official anthroponyms, the first are anthroponyms that do not correspond to the official names attributed to individuals by law (AMARAL, 2011, p. 71).

Allonyms are divided into 6 groups. The following is a brief presentation for each of them:

- i) **hypocoristics**: are those formed by a morphological alteration of other surnames. They may also be formed by diminutives or augmentatives. They are normally used by family members and are different from nicknames, since their origin is in another proper name.
- ii) **nicknames or aliases**: “are usually given to an individual by someone else. They allude to a physical or intellectual characteristic and may or may not be derogatory”.
- iii) **pseudonyms or code names**: are used to replace civil names and differ from nicknames because they are chosen by the anthroponym’s bearer. When adopted for licit purposes, they are recognized officially, and they may be used to cover or name an action plan or an organization, as well as to safeguard an individual’s identity.
- iv) **heteronyms**: occur when the anthroponym bearer creates the name of a fictional individual.
- v) **artistic or stage names**: are the names by which the persons are known in their professional activities.
- vi) **war names**: according to Amaral (2011, p.75), “at first, a war name may be mistaken by the artistic name. However, it has a wider coverage, considering that it does not apply only to the artistic environment, and it seems to be common in the military field, among others.”

3 Methodological procedures and data analysis

By adopting the principles presented by Dauzat (1926) and Dick (1990) regarding onomastics, this work, conducted in the city of Ponte Nova, is based on a section of Santos’ research (2017), which analyzed the anthroponyms that are part of the urban toponymy complex.

Because the toponym's semantic aspects are connected to a people's cultural manifestations, a community's history, viewed from its public place names, more specifically those whose naming is inspired by peoples' names, allows for the recovery of a good part of the area's historical-cultural memory.

The research *corpus* consisting, at first, of a consultation to Law 3445/2010. Because it is the most recent law that includes "all" of the city's public place names, it stipulates regulations regarding land use and occupation. After, a search on the City Council's website was performed to identify all laws published between 2010 and 2017 in order to name public places. Thus, we reached a final number of 540 public places, from which the research *corpus* was extracted, consisting of 410 urban anthroponyms in Ponte Nova, not including those that are part of the Pontal and Vau Açu districts.

All data underwent qualitative and quantitative analyses, and they were presented in the form of a toponymy chart adapted from Filgueiras (2011), in which the following information about the public place names were provided: i) official name stated in the municipal demarcation law; ii) previous name (if any); iii) location of public place; iv) demarcation law or ordinance number; v) image of the honoree; vi) image of the street location on the map; vii) photo(s) of the nameplate(s); viii) photo of the public place; ix) official name, that shown on the map and that recorded on the nameplate(s); ix) biographical data of the person whose name is "lent" to the public place; and x) sources used.

The section about public place information, under "official name in the municipal law", the name provided was that identified in public place demarcation law or ordinance. The previous name corresponds to the name, if any, that may be found in demarcation laws or ordinances that assign a "new" meaning to the public place.

The location refers to the neighborhood where the public place is located, according to its demarcation law. When this information was not found, the identification used was that presented in Law 3445/2010, which set forth regulations regarding land use and occupation, as well as zoning for Ponte Nova.

In the right upper corner, if possible, a photo of the person after whom the street was named was provided.

In the section reserved for map image, in general, images obtained from Google Maps were used. When these images were not found in the site, a section of the city map, provided by Ponte Nova's Department of Planning and Economic Development, was used.

All photos presented in the item "public place photo" were taken to be included in the toponymy charts found in the dissertation of which this study is a section.




The item "data" is subdivided into two others: official/image and plates. Under "official/image", the public place name provided is the official name according to the law and the map view. Under "plates", photos of the plates containing the public place name(s) are provided. Some public places do not have plates, which frequently makes their identification more difficult.

On the lower section of the chart, under the second to last subitem, "biographical data", the biographies of the people whose names were given to the public places were provided.

Under "sources", the last item in the chart, the bibliographical sources used were provided.

For illustrative purposes, the following are some of the charts that are part of this work.

FIGURE 1 – Toponymy Chart

INFORMATION ABOUT THE PUBLIC PLACE		
<p>Official name in the city law: Rua Repórter Luiz Quirino</p> <p>Previous name: -----</p> <p>Location: Bairro Chácara Vasconcelos – Ponte Nova – MG</p>	<p>Legislation: Law 2100/1996</p>	 <p>Source: <i>Folha de Ponte Nova</i> newspaper, Aug. 27. 1989</p>
MAP IMAGE	NAMEPLATE(S) PHOTO(S)	PUBLIC PLACE PHOTOS
	<p>Plates were not found.</p>	
DATA		
OFFICIAL/IMAGE	NAMEPLATES	
Rua Repórter Luiz Quirino	Plates were not found.	

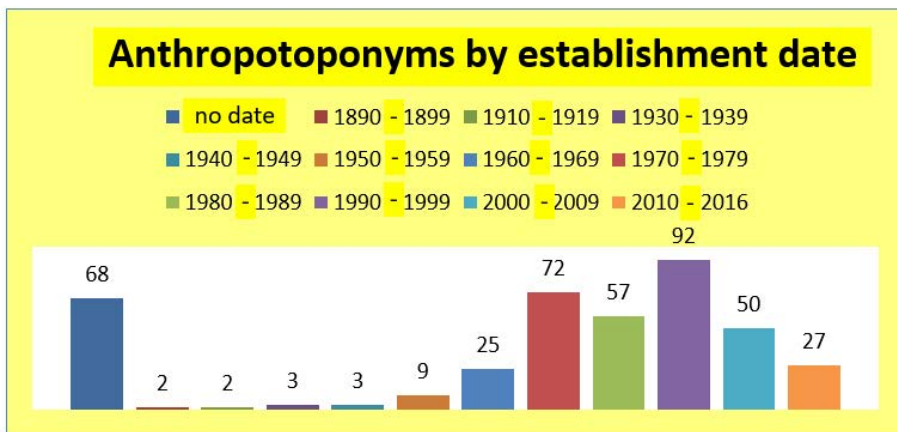
BIOGRAPHICAL DATA:

“José Luis Quirino da Silva, radio broadcaster, started his career in 1984. This did not last long. He returned in 1985, during the Regional League Championship. He started his career as a sports reporter, and his rise in journalism was fast and highly qualified. In 1986, he joined Radio Visão, where he covered all areas in journalism, with special attention to the political news. In 1988, he founded the local Press Association with Gina Costa, Domingos Martins, Alfredo Padovani, Ricardo Motta, Marcos Dias, Geraldo Jannus, and other important names at the time. He was the organization’s first president. In 1989, he left the radio to take on the role of Press and Public Relations officer in the City of Ponte Nova, during mayor Antônio Bartolomeu’s term. Nevertheless, he had held this position for only two months when he was brutally murdered on July 26, 1989, on the very day he turned 23 years old. He was also an athlete at City High-School.” (Explanatory memorandum - Bill No. 17/1996)

SOURCES: www.camarapontenova.com.br/ler_legislacao.asp?id=1177
<https://www.google.com.br/maps/@-20.4133632,-42.9046524,18z>

The first analysis performed consisted of organizing anthroponyms according to their establishment dates.

CHART 1 – Anthroponyms by establishment date



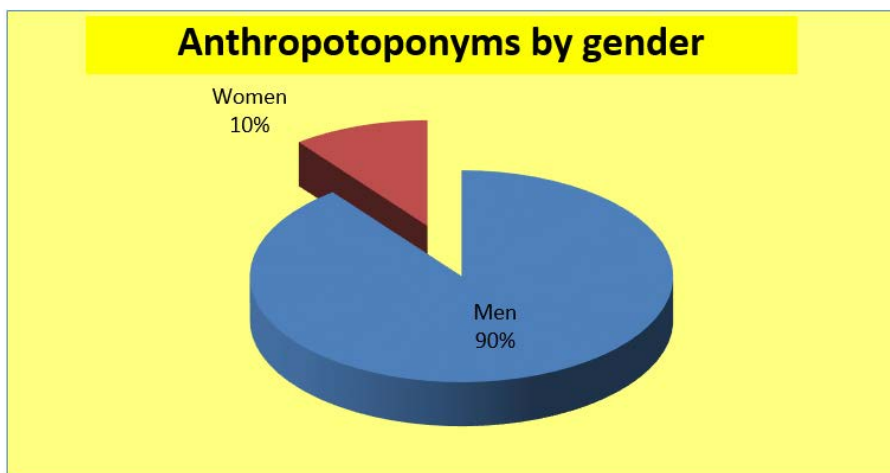
Source: Santos (2017)

It is clear that the 1990’s were the decade when most public places were created, totaling 92 laws, followed by the 1970’s, with 72, the 1980’s, with 57. In the early 2000’s, 50 public places were established, in the 1960’s, 27; and in the 2010’s, 24. Nine public places were established in the 1950’s, 3 public places were established in the 1930’s and 1940’s

each, 2 in 1800 and 2 in 1910. Nevertheless, it should be pointed out that the laws or ordinances for 68 of the 410 public places that make up the research *corpus*, that is, approximately 16% of the public places, were not found. Explanations for this fact were not identified, but it is believed that either these laws were lost over the years, or they were never actually established.

A gender analysis revealed that only 42 of all public places represented by anthroponyms from Ponte Nova were named after women. The chart below shows these data in percentages:

CHART 2 – Anthroponyms distributed by gender



Source: Santos (2017)

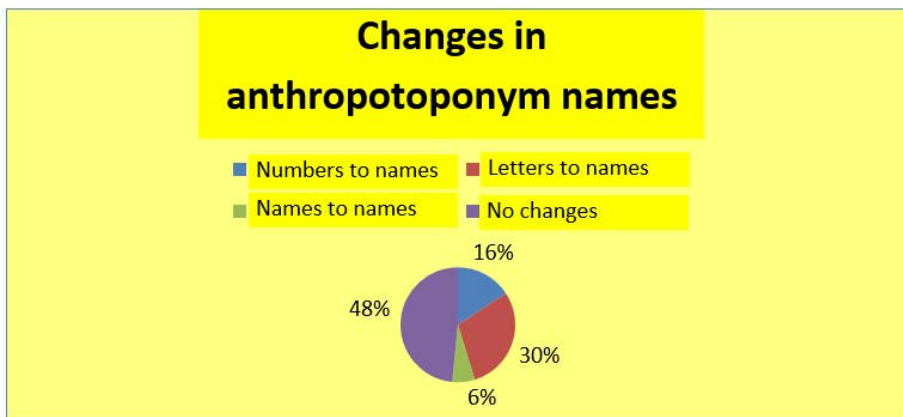
It is clear that few women had their names immortalized in public places in Ponte Nova.

Miranda (2016)¹ draws attention to the fact that, in legal terms, a person's name may only be altered in specific cases. However, the author discusses whether this also applies to place names. In his article, the scholar shows that several Brazilian authors were concerned with what he calls "toponymic mutilation".

¹ Text extracted from the site *Consultor Jurídico*. Available at: <<http://www.conjur.com.br/2016-out-08/ambiente-juridico-patrimonios-culturais-nomes-lugares-tambem-preservados>>.

In this research, the analysis regarding anthrotoponymic change was performed taking into account four groups: i) proper names replacing letters as public place names; ii) proper names replacing numbers as public place names; iii) proper names replacing other proper names as public place names; iv) public place names that were not altered.

CHART 3 – Anthrotoponyms and name changes



Source: Santos (2017)

The chart above shows that virtually half of the public place names, 48%, were not altered. These data lead to the conclusion that Ponte Nova respects its toponymic memory. This statement may be corroborated by the fact that only 6%, that is, 26 public place names were replaced with another proper name. Nevertheless, 46% of the public space names were altered from letters to proper names or from numbers to proper names. An explanation for this alteration is the fact that, when neighborhoods are created, at first, public places are identified by letters or by numbers, and later the laws that define their names are created.

A comparative analysis was conducted between the names written on the plates and the official names, which are those found on the public place demarcation laws and ordinances, and 40 public places were identified that did not meet this criterion. The analysis distributes these anthrotoponyms in four groups, namely:

i) anthrotoponyms whose names are abbreviated on the plates. As an example, we mention the public place named **Rua Alexandre Claudino dos Santos**, whose plate displays *Rua Alexandre C. dos Santos*, as seen in Photo 1:

PHOTO 1



Source: Santos (2017)

ii) anthrotoponyms whose plates do not display the title that accompanies the individual names, that is, they are not presented as axiotoponyms on the nameplates. An example is the public place **Avenida Doutor Caetano Marinho** whose nameplate does not display the title “Doutor” (Doctor).

PHOTO 2



Source: Santos (2017)

iii) anthrotoponyms whose plates display the title that accompanies the individual names, although these titles are not present in the official name. An example is the public place **Rua Mário Fontoura**, whose plate reads the word Professor before the name.

PHOTO 3



Source: Santos (2017)

iv) anthrotoponyms whose official spelling and the nameplate spelling are different. As an example, we have the public place named **Rua Eloy Fraga**, whose nameplate displays a different spelling than that of the official name.

PHOTO 4



Source: Santos (2017)

Approximately 15% of the public place biographies, that is, the biographies corresponding to 65 anthrotoponyms were not found. This result must be emphasized, because, if cultural facts in a given area can be preserved by means of onomastics studies, the honoree's biography would constitute important information, considering that, according to Dick (1990, p. 123), anthroponymy and toponymy "act as core 'memory' preservation forms, which are present during the denomination stages, from several origins and causes."

During data analysis, it was determined that Dick's proposed classification (1990) would not be sufficient to cover the entire corpus. For the author, it must be understood that there is a link between the named object and the person after whom it is named, which thus "will refer to geographic naming motivations." Therefore, environmental aspects, in their physical and anthropo-cultural aspects, make up the "ideal setting for human interest games, in which sensory perception and psychic manifestations arise as name generation forms" (DICK, 1990, p. 25).

Dick (1990, p. 31) presents a taxonomy classification proposal for toponyms that includes 27 motivational taxa, divided into two large groups – including 11 physical taxa that characterize the environment, including its formative features – streams, rivers, trees, animals, etc. (astrotoponyms; cardinotoponyms; chromotoponyms; dimensiotoponyms; phytotoponyms; geomorphotoponyms; hydrotoponyms; lithotoponym; meteorotoponyms; morphotoponyms; zootoponyms) and 16 anthropo-cultural taxa that characterize human beings' social, psychological, and cultural manifestations in the environment where they live, including feelings, religious nature, titles, proper names, country, state and city names, etc. (animotoponyms or nootoponyms; anthrotoponyms; axiotoponyms; chorotoponyms; chronotoponyms; ecotoponyms; ergotoponyms; ethnotoponyms; dirematotoponyms; hierotoponyms; historiopotonyms; hodotoponyms or odotoponyms; number toponyms; poliotoponyms; sociotoponyms; somatotoponyms).

It is noticeable that, according to the proposal presented by Dick (1990), public places that are named after people may be divided into three groups: anthrotoponyms, axiotoponyms, and historiopotonyms.

Anthrotoponyms are toponyms relating to individual proper names, without titles or any other type of identification other than the mere person's name. The research conducted in Ponte Nova identified 321 items that fit this classification, Examples include:

- Avenida Abdalla Felício (Avenue)
- Praça Nilson Gomes Quaresma (Square)
- Rua Orlando Geraldo (Street)
- Rua Paulo Gomes (Street)
- Rua Rosa Maria Guimarães (Street)

Axiotoponyms are those toponyms that bear proper names of people that are accompanied by titles and dignities that precede them. The research identified 70 public places that fit this classification. Examples include:

- Rua Barão do Pontal (Street/Baron)
- Rua Capitão Manoel (Street/Captain)
- Rua Carteiro Tarcísio Inácio (Street/Mailman)
- Rua Professora Inhá Torres (Street/Teacher)
- Avenida Vereador João Evangelista de Almeida (Avenue/Councilman)
- Rua Vigário João Paulo (Street/Vicar)

Historiotoponyms are those relating to historical-social movements and their members, as well as to their relevant dates (Dick, 1990). Examples include:

- Rua Carlos Gomes (Street)
- Rua Cláudio Manoel da Costa (Street)
- Travessa Tiradentes (Lane)

This study presented a new proposal, consisting of first classifying all public places named after people as anthropotoponyms, and later dividing them into axiotoponyms and historiotoponyms, because, if all previously mentioned taxa refer to anthroponyms, could they not be grouped in an anthropotonym taxon that would include all other taxa?

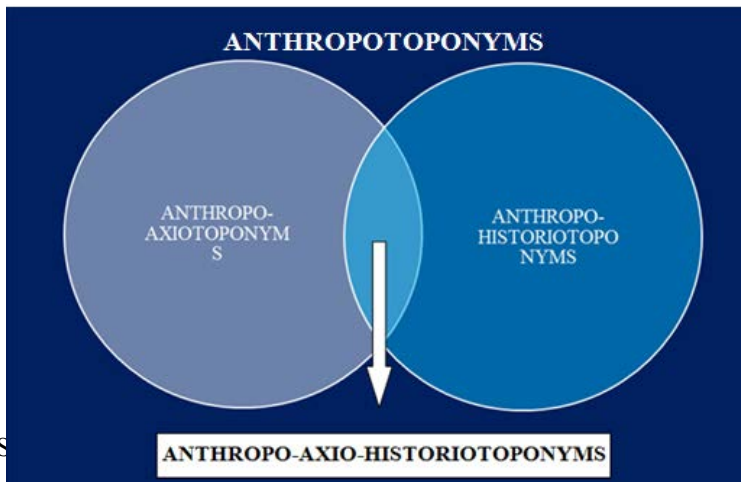
Such a question is explained by the fact that, prior to receiving a title, such as doctor, father, colonel, etc., a person was known by his/her given name. The same happens to historiotoponyms: prior to standing out as a historical character, there was a name that referred to a common citizen.

Thus, the new classification proposal was defined as follows:

- Anthrotoponyms;
- Anthro-axiotonyms;
- Anthro-historiotonyms;
- Anthro-axio-historiotonyms.

Figure 2 below allows one to view the new taxa classification proposal for anthrotoponyms:

FIGURE 2 – New anthroponym taxonomic classification



Based on the figure above, it is possible to better understand the new proposal. The larger set consists of anthrotoponyms in general, that is, all public places that are named after people. This classification diverges from the one proposed by Dick (1990), which classifies as **anthrotoponyms** the public places that bear people's names. Such as:

- Avenida Adriano Fonseca Filho (Avenue)
- Praça Afonso Lopes Ribeiro (Square)
- Travessa Custódio Rodrigues Lopes (Lane)

The left circle consists of public places that bear names of peoples preceded by a title of designation, hence **anthropo-axiotoponyms**. This classification was not discussed by Dick (1990), because the author views these public places only as axiotoponyms. This research precisely aims to join anthropotoponyms and axiotoponyms, because, prior to receiving a title, the proper name refers to a person. Examples include:

- Rua Dr. Antônio Brant Ribeiro (Street/Doctor)
- Rua Major Soares (Street/Major)
- Rua Padre Alcides Lanna (Street/Father)
- Rua Vigário João Paulo (Street/Vicar)

The group on the right includes public places that bear names of people whose actions were recorded in the states or country history and were thus classified as **anthropo-historiotoponyms**. Likewise, this classification was not defined as such by Dick (1990), because the author considers these public places to be mere historiotoponyms, along with others that also refer to historical facts, such as important dates or movements. This research precisely aims to join anthropotoponyms and historiotoponyms, because, prior to becoming a historical character, the proper name refers to a person. Examples include:

- Rua Domingos Vidal Barbosa (Street)
- Avenida Getúlio Vargas (Avenue)
- Rua Luiz Carlos Prestes (Street)
- Rua Olegário Maciel (Street)

The intersection between anthropo-axiotoponyms and anthropo-historiotoponyms include the public places that, in addition to honoring people, also honor the historical role they played. These public places were classified, therefore, as **anthropo-axio-historiotoponyms**. This classification was not discussed by Dick (1990), because the author, as seen previously, views these public places separately, as anthropotoponyms, as axiotoponyms, or as historiotoponyms. In this work, the proposal is joining anthropotoponyms, axiotoponyms, and

historiotoponyms, because, prior to receiving a title or to becoming a historical character, the proper name refers to a person. Examples include:

- Avenida Dr. Arthur Bernardes (Avenue/Doctor)
- Rua Imperatriz Leopoldina (Street/Empress)
- Rua Marechal Deodoro (Street/Marshal)
- Rua Presidente Antônio Carlos (Street/President)

Final considerations

Toponymy studies enable, by means of place name analysis, the linguistic, historical, and social recovery of the proper name, because the toponym has a large meaningful load, which enables the study of geopolitical, sociocultural, and socio-historical issues.

The main purpose of this article is to present, by means of a linguistic study section, the toponymic lexicon for Ponte Nova, MG, analyzing, among all public spaces in the city, those named by anthroponyms, a new classification for this taxon.

It was initially noted that the work is associated with the ATEMIG (Toponymic Atlas of the State of Minas Gerais) Project, which uses, as a toponymic classification tool, the taxonomic categories suggested by Dick (1990), which represent the main patterns of motivation for toponyms in Brazil.

A new anthropotoponymic classification proposal was presented. Anthropotoponyms were classified according to Dick's proposal (1990), that is, public places named after people are included in this classification. The anthropo-axiotoponym category included anthropotoponyms preceded by titles, such as doctor, father, and professor. The anthropo-historiotoponym category included those public places Dick (1990) classified as mere historiotoponyms, which are those named after people who had an impact on the state's or country's history. Finally, the anthropo-axio-historiotoponyms, as the name suggests, are those public places that refer to proper names preceded by a title, who are also considered to be historiotoponyms.

References

- AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP, n. 2, p. 81-118, 1998.
- CARVALHO, A. P. M. A. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 823f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.
- DICK, M. V. P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Edições Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, M. V. P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Edições Arquivo do Estado, 1990.
- FILGUEIRAS, Z. F. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. 2011. 349f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. v.1.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Domaine français. Paris: Didier, 1953.
- MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. Patrimônios culturais, nomes de lugares também devem ser preservados. *Revista Consultor Jurídico [online]*, out. 2016. Available on: <<http://www.conjur.com.br/2016-out-08/ambiente-juridico-patrimonios-culturais-nomes-lugares-tambem-preservados>>. Viewed on: day, month, year.

RAMOS, R. T.; BASTOS, G. R. Onomástica e possibilidades de releitura da história. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, ano 15, n. 30, p. 86-92, ago. 2010.

SANTOS, G. C. S. *Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais*. 2017. 686f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SAPIR, E. *Selected writings of Edward Sapir*. Berkeley: University of California Press, 1947.

SEABRA, M. C. T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. 368f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

**Antroponímia-Antroponomástica/
Anthroponymy-Anthroponomastics**



Onomástica Parkatêjê: aspectos semânticos dos nomes próprios de pessoas

Parkatêjê Onomastics: Semantic aspects of human proper names

Tereza Tayná Coutinho Lopes

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará / Brasil

terezataynacl@gmail.com

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará / Brasil

mariliaferreira1@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar aspectos semânticos observados em antropônimos da língua Parkatêjê. Atualmente o povo Parkatêjê vive em aldeias na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), às proximidades do município de Marabá. A língua Parkatêjê, denominada do mesmo modo que sua comunidade, filia-se ao Complexo Dialetal Timbira, tronco linguístico Macro-Jê. O estudo dos nomes próprios de diferentes tipologias é o interesse central da disciplina denominada Onomástica, sendo a Antroponímia, isto é, o estudo dos nomes próprios de pessoa, a área da Onomástica em foco neste estudo. De modo geral, no que diz respeito ao conteúdo significativo dos nomes de pessoa em Parkatêjê, é possível verificar que estes se referem a características pessoais do nominador. Da perspectiva semântica, os antropônimos em questão podem ser considerados denotativos ou figurativos, conforme Araújo e Ferreira (2001). Partindo dessa perspectiva e da análise dos dados coletados em campo, foi possível verificar fenômenos semânticos específicos, presentes na constituição dos antropônimos em Parkatêjê. Tais fenômenos, segundo pressupostos da Semântica Cultural e da Semântica Cognitiva, dizem muito a respeito dos conhecimentos culturais, valores, pensamentos, entre outros aspectos que se refletem na língua de um povo. A metodologia utilizada para a feitura deste trabalho consistiu em pesquisa bibliográfica de materiais a respeito de línguas indígenas, onomástica e semântica, além de pesquisa etnográfica com coleta de dados na comunidade da língua em estudo.

Palavras-chave: onomástica; semântica; Parkatêjê.

Abstract: This article aims to present semantic aspects found in Parkatêjê anthroponyms. Currently the Parkatêjê people live in villages in the Mãe Maria Indigenous Reserve (RIMM), near Marabá in the state of Pará. The Parkatêjê language belongs to the Timbira Dialectal Complex, from the Macro-Jê linguistic stock. The study of proper names from different typologies is the central interest of the discipline called Onomastics and Anthroponymy is the study of human proper names, which will be our focus in this paper. In general, the significant content of proper names in Parkatêjê refers to some personal characteristic of the nominator. From a semantic perspective, these anthroponyms can be considered denotative or figurative, according to Araújo and Ferreira (2001). Based on this perspective and the analysis of data collected through fieldwork, it was possible to verify specific semantic phenomena in Parkatêjê anthroponyms. Such phenomena, according to the presuppositions of Cultural Semantics and Cognitive Semantics, say a lot about cultural knowledge, values, thoughts, among other aspects that are reflected in that language. The methodology followed in this paper encompasses bibliographical research on indigenous languages and readings on Onomastics and Semantics, as well as ethnographic research along with data collection in the community of the Parkatêjê.

Keywords: Onomastics; Semantics; Parkatêjê.

Recebido em 04 de novembro de 2017

Aceito em 28 de dezembro de 2017

1 Introdução

O ramo de estudo denominado Onomástica se constitui como uma área interdisciplinar que envolve diferentes campos do conhecimento humano para analisar seu objeto de estudo: os nomes próprios.

As duas principais áreas de interesse da Onomástica, conforme Seabra (2006), entre outros autores, são: a Antroponímia e a Toponímia. Segundo a autora, a primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e os apelidos, enquanto a segunda interessa-se pelo estudo das motivações dos nomes próprios de lugares.

O presente trabalho tem como foco a Antroponímia, uma vez que nosso objeto de pesquisa são os nomes próprios pessoais da língua Parkatêjê, falada pelo povo indígena denominado do mesmo modo. Os antropônimos em Parkatêjê são aqui analisados da perspectiva semântica, disciplina essa que recebe especial atenção dos estudos onomásticos e pode ser definida conforme Ullmann (1964, p. 7) como o “estudo do significado das palavras”.

A transmissão e criação de nomes em Parkatêjê, bem como seus usos semânticos serão abordadas neste artigo também como forma de apoiar a manutenção da cultura imaterial do referido povo.

As discussões apresentadas nas próximas páginas são um recorte de uma pesquisa mais ampla acerca da antroponímia Parkatêjê. Os principais referenciais teóricos utilizados para tratar do campo de estudo da onomástica foram: Dick (2000, 2001), Ullmann (1964), Seabra (2006), Carvalhinhos (2007), Eckert (2016), entre outros. Em relação às questões semânticas, em foco neste trabalho, foram utilizados pressupostos da Semântica Cultural e da Semântica Cognitiva para empreender as análises realizadas.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: a primeira seção compreende esta introdução; a segunda descreve a metodologia empregada na pesquisa; a terceira apresenta considerações gerais sobre o povo e a língua Parkatêjê, bem como descreve brevemente o funcionamento do sistema de nomenclatura Parkatêjê; a quarta seção esboça algumas questões acerca do estudo onomástico dos antropônimos; a quinta seção aborda da perspectiva semântica os nomes próprios pessoais em Parkatêjê e apresenta discussões pertinentes aos fenômenos semânticos observados nos dados analisados; por fim, são feitas as considerações finais.

2 Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo seguiu conforme a habitual em linguística descritiva, que trabalha com generalizações no nível dos fatos, e pesquisa etnográfica, conforme as seguintes etapas: (i) levantamento bibliográfico a respeito do tema proposto; (ii) leitura e análise crítica das referências bibliográficas levantadas; (iii) trabalho de campo para coleta: os dados foram coletados por meio de entrevistas e arquivados em áudio e vídeo. Todos os dados foram gravados na Comunidade Indígena Parkatêjê por meio de perguntas

feitas diretamente aos colaboradores indígenas. A maior parte dos dados apresentados neste trabalho foi coletada em entrevistas com o então chefe da Comunidade, *Krôhôkrenhum*, falante bilíngue de Parkatêjê e português, e um dos maiores conhecedores dos saberes linguísticos e culturais do seu povo. Além do referido chefe, houve ainda outros falantes nativos que contribuíram como colaboradores do presente estudo, entre eles: *Pojarêtetí*, primeira esposa do chefe *Krôhôkrenhum*; *Nākôti*, curador da comunidade; *Japênprãmti*, sobrinho de *Krôhôkrenhum*; *Jôhapy*, segunda esposa de *Krôhôkrenhum*, entre outros; (iv) transcrição e organização dos dados: o material coletado em campo foi transcrito ortograficamente, tanto em português, quanto na ortografia Parkatêjê.¹ (v) glosa e segmentação morfológica dos dados: os dados foram devidamente segmentados de forma a facilitar as análises empreendidas, no entanto, não foi possível realizar a segmentação completa do total de dados obtidos, de forma que há dados que apresentam apenas a tradução dada pelo falante. Nem sempre as informações necessárias para a segmentação foram conseguidas com os falantes, uma vez que ainda há morfemas cujo significado exige maior atenção na descrição da língua; (vi) análise semântica do *corpus* de pesquisa e discussão dos resultados obtidos.

3 Povo Parkatêjê: algumas considerações

A língua Parkatêjê é falada pelo povo Parkatêjê, que vive atualmente em aldeias localizadas ao longo da Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), às proximidades do município de Marabá. Conforme dados do posto de saúde da comunidade, a aldeia Parkatêjê é composta por cerca de 627 pessoas (JÔPAIPARE, 2011).

De acordo com Rodrigues (1986), a língua Parkatêjê pertence ao Complexo Dialectal Timbira, família Jê, tronco linguístico Macro-jê. Também fazem parte do referido complexo dialectal, línguas como o Canela-Krahô, Canela-Apaniêkra, Gavião-Pykobjê, Krinkati, Krênjê, entre outras línguas que apresentam aspectos bastante semelhantes entre si. Estes grupos partilham características culturais como o corte de cabelo longo com um sulco em torno da cabeça à altura da franja; a produção de artefatos feitos com palha trançada (cestos, esteiras, faixas); a aldeia

¹ Os dados da língua Parkatêjê do presente artigo estão escritos em conformidade com a ortografia Parkatêjê proposta pela linguista Leopoldina Araújo, em meados de 1977.

em forma de um grande círculo no qual as casas são dispostas lado a lado, com caminhos em direção ao pátio central; ritos como a corrida de tora; a ornamentação corporal. Todavia tais grupos também apresentam distinções, dentre as quais podemos citar o conteúdo semântico dos nomes próprios, embora a forma como os nomes são transmitidos seja basicamente a mesma.

O povo Parkatêjê, tal como é comum aos povos de línguas Timbira, exhibe um elaborado sistema de nomenclatura que envolve saberes tradicionais de séculos. O referido sistema do povo Parkatêjê encontra-se diretamente ligado às relações de parentesco. Ao receber um nome, o nominado recebe também, potencialmente, todos os relacionamentos de seu nominador, ou seja, o que inclui receber seus parentes consanguíneos ou por afinidade, posições rituais (metades rituais² e suas representações artísticas como pintura corporal), bem como suas relações cerimoniais de amizade formal e potenciais cônjuges, os quais, conseqüentemente, serão chamados pelo nominado pelos mesmos termos utilizados por seu nominador (COELHO DE SOUZA, 2002).

Segundo Arnaud (1964), a transmissão de nomes pessoais em Parkatêjê,

verifica-se do irmão da mãe (tio) para filho da irmã (sobrinho) = (keti – itua) e da irmã do pai (tia) para filha do irmão (sobrinha) = (katuí – itua), preferencialmente, e também do pai do pai e da mãe, e mãe da mãe e do pai, aos quais são aplicados os mesmos designativos (keti, katuí) (ARNAUD, 1964, p. 4).

Essa descrição de Arnaud (1964) concorda com o padrão descrito por Coelho de Souza (2002) para os povos Timbira, e também foi confirmada durante trabalho de campo realizado na Comunidade Indígena Parkatêjê, conforme relatado em Lopes (2014).

No ato da nomenclatura, o nominador escolhe uma característica, positiva ou negativa, de seu próprio comportamento com a qual chamará seu nominado. Nas palavras de *Krôhókrenhum*, maior líder tradicional

² A divisão de membros tribais em metades rituais é uma característica de organizações dualistas tais como as apresentadas pelos povos falantes de línguas Jê. Em Parkatêjê, por exemplo, como parte da herança que a nomenclatura fornece, o indivíduo, ao receber um nome Parkatêjê, é automaticamente credenciado à mesma metade ritual de seu nominador, que pode ser *hàk* “gavião” ou *pàn* “arrara”.

Parkatêjê, em trabalho de Araújo e Ferreira (2001): “Toda invenção que uma pessoa inventa a gente já sabe que vai botar nome no afilhado”.

Dessa forma, como explica Carneiro da Cunha (1986), o nome recebido por uma criança não tem nenhuma relação com atributos pessoais dessa criança, e não pretende designá-la enquanto indivíduo. Segundo a autora, o nome dado a uma criança “é, antes, um título, um operador que a insere e classifica na vida cerimonial, na verdade ‘um personagem’ [...]” (CARNEIRO DA CUNHA, 1986, p. 23).

Além disso, o fato de o nominador dar suas características particulares para o nome de seus nominados pode ser interpretado como uma maneira de o primeiro se “eternizar” na comunidade, uma vez que terá suas características lembradas nas gerações futuras por meio dos nomes próprios transmitidos aos seus iguais.

A partir das considerações aqui apresentadas sobre o povo Parkatêjê e seu sistema de nomação, apresentaremos, na seção seguinte, questões de caráter teórico a respeito da disciplina Onomástica e do estudo dos chamados antropônimos.

4 O estudo onomástico dos antropônimos

Ao se falar em Onomástica é pertinente situar tal área dentro dos estudos da linguagem, ou, mais especificamente, dentro das ciências do léxico. O léxico é tradicionalmente definido nos estudos linguísticos como o conjunto de palavras de uma língua. É a partir dele que se pode nomear e exprimir o universo de determinada sociedade por meio de um patrimônio lexical que reflete as percepções, experiências, sentimentos e ideias de um povo.

Biderman (2001) define o léxico como a parte da língua que representa a realidade extralinguística, além de conservar o saber linguístico da humanidade. De acordo com a autora, “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história” (BIDERMANN, 2001, p.14).

A ciência linguística responsável pelo estudo do léxico chama-se Lexicologia.³ Biderman (2001) apresenta como objetos essenciais

³ “Do grego *lexis* <<palavra>>, *lexicos* <<de ou para as palavras>>” (ULLMANN, 1964, p. 62).

do estudo e análise da Lexicologia a palavra, a categoria lexical e a estruturação do léxico.

Nesse sentido, Ullmann (1964) afirma que a Lexicologia trata, por definição, das palavras e dos morfemas que as formam, ou seja, de suas unidades significativas. Logo, a investigação lexicológica leva em conta a forma e o significado. O autor explica ainda que a Lexicologia tem, por conseguinte, duas subdivisões: “a morfologia, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a semântica, estudo dos seus significados” (ULLMANN, 1964, p. 64).

Já Dubois *et al.* (1973) concebem a Lexicologia como o estudo científico do vocabulário. Diante disso, é possível entender a Onomástica como uma parte integrada à Lexicologia que tem por objeto de estudo os nomes próprios de diferentes tipologias.

Eckert (2016) explica que a origem do termo Onomástica está relacionada com as formas gregas *onoma* (nome) e *tékne* (arte) que resultaram o termo *onomastiké*, cujo significado é ‘a arte de nomear’. A forma grega foi incorporada ao latim como *onomasticon* que, posteriormente entrou para o vocabulário português como *Onomástica*.

A Onomástica se constitui como uma disciplina que está em constante diálogo com outras áreas da linguística e do conhecimento humano. Dentre tais áreas podemos citar a Linguística Histórica, a Linguística Antropológica, a Semântica, a Lógica e a Filosofia da Linguagem. Acerca da interdisciplinaridade necessária à Onomástica, Zamariano (2012) afirma o seguinte:

Um trabalho que se dedique ao nome próprio suscita uma investigação que não se encerra em uma disciplina específica, visto que atravessa por campos teóricos distintos e as fronteiras que, aparentemente, isolam os campos, se dissolvem diante das primeiras reflexões sobre esse tema (ZAMARIANO, 2012, p. 359).

A vertente dos estudos onomásticos em foco neste trabalho é a Antroponímia que, de acordo com Dick (2000), é um subsistema da Onomástica, cujo interesse abrange os nomes individuais, que distinguem os membros de uma comunidade, e o parentesco, que relaciona o indivíduo a um grupo familiar.

O termo ‘antropônimo’ tem origem grega e designa, de acordo com Câmara Jr. (1985), substantivos próprios com caráter individualizante que, aplicados às pessoas, têm como finalidade distingui-las umas das outras dentro da sociedade.

Nessa perspectiva, conforme Linhares (2003), o nome individual serve tanto para identificação societária quanto institucional. Ele distingue um sujeito dos outros e o reconhece como um cidadão na sociedade como um todo, ou simplesmente dentro do grupo familiar.

O estudo dos antropônimos, entre outras coisas, ajuda a revelar importantes aspectos tanto do ponto de vista linguístico como do ponto de vista psicológico e/ou social. Eckert (2016) afirma que essas são as duas principais perspectivas adotadas pelos estudiosos da Antroponímia.

Sobre a função significativa dos nomes próprios em português, Carvalhinhos (2007) relata que, em tempos remotos, o nome próprio tinha sua função semântica assegurada, isto é, o indivíduo designado por seu nome recebia também toda sua carga significativa. A autora explica que, pela natureza dinâmica da língua, a grande maioria dos nomes foram esvaziados de seus reais sentidos etimológicos restando apenas um invólucro, isto é, uma forma opaca que oculta o verdadeiro significado do nome.

As sociedades ocidentais apresentam, atualmente, o referido fenômeno do esvaziamento semântico, principalmente no que diz respeito aos nomes próprios de pessoas. No entanto, nestas mesmas sociedades houve um tempo em que os nomes não eram atribuídos simplesmente por tradição ou gosto pessoal, mas efetivamente por um motivo.

Guérios (1973) definiu algumas causas que provavelmente originaram diversos nomes bastante conhecidos hoje. São elas: influências históricas, políticas e religiosas; circunstâncias, lugar e tempo de nascimento; particularidades físicas ou qualidades morais; nomes relativos a profissões; nomes curiosos ou excêntricos.

Existem ainda, genericamente, motivações linguísticas. Carvalhinhos (2007) destaca a fonética, a semântica e a morfologia. Nas palavras da pesquisadora:

O primeiro tipo refere-se às onomatopéias, o segundo refere-se à diversidade de sentidos, onde a decodificação depende do contexto: *raiz*, morfologicamente, é opaca; enquanto a *raiz do mal* é transparente, pois se trata de uma metáfora auto-explicativa. O terceiro e último tipo de motivação recobre palavras como automóvel, nas quais os formantes *auto* e *móvel* já significam, por si (CARVALHINHOS, 2007, p. 14, grifos da autora).

Ullmann (1964) acrescenta que há casos de palavras motivadas, tanto morfológica quanto semanticamente. Além disso, esses dois tipos de motivação têm em comum o fato de ambos serem “relativos”, uma vez que permitem analisar as palavras em seus elementos, mas não podem explicar esses mesmos elementos.

Dentre as motivações linguísticas supracitadas, a motivação semântica é especialmente interessante para a Onomástica. É ela que está ligada ao fenômeno de esvaziamento semântico dos antropônimos discutido por Carvalhinhos (2007). A autora explica que a dessemantização ocorre, por exemplo, a partir de um sobrenome originado de uma alcunha. No momento de criação, o signo era transparente, no entanto, ao ser passado de geração em geração, o sentido percebido originalmente foi perdido.

Dick (2001) afirma que os nomes próprios de pessoas são obscurecidos em seu conteúdo léxico-semântico em virtude da opacidade do próprio signo que os conforma, muitas vezes distanciados de seu foco original.

De modo geral, o que ocorre com os antropônimos aproxima-se do que constatou Basílio (1987) com relação às formas lexicais regulares e estratificadas. Para a autora:

O problema básico é uma situação típica do léxico, ou seja, a situação em que temos formas construídas de vários elementos, na qual elas evoluem semanticamente como um todo, mas suas partes continuam morfológicamente inalteradas. Como consequência, passamos a ter formas cuja significação tem pouco ou nada a ver com o que se poderia esperar pelas características morfológicas de construção (BASÍLIO, 1987, p. 23).

Para Marcató (2009), existe uma grande complexidade na semântica dos nomes próprios. Logo, é preciso estudá-los levando em conta também uma perspectiva extralinguística, diacrônica ou sincrônica.

Diante das considerações aqui apresentadas sobre o campo de estudo da Onomástica com ênfase na antropônimoia, passaremos a discutir, na seção seguinte, as características semânticas observadas na análise dos antropônimos em Parkatêjê, por meio das abordagens da Semântica Cultural e da Semântica Cognitiva.

5 Análise semântica de nomes pessoais em Parkatêjê

Dentre as diversas abordagens semânticas existentes na literatura sobre o tema atualmente, a Semântica Cultural (SC) e a Semântica Cognitiva (SCog) fornecem especiais contribuições para o tipo de reflexões apresentadas aqui a respeito dos nomes próprios de pessoas em Parkatêjê.

De acordo com Ferrarezi Jr. (2013), a Semântica Cultural pode ser definida da seguinte forma:

Uma vertente da Semântica que estuda a *relação entre os sentidos* atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a *cultura* em que essa mesma língua está inserida. De forma mais simplificada, podemos dizer que a SC estuda a formação e a atribuição dos sentidos na relação entre uma língua e a cultura em que essa mesma língua é utilizada (FERRAREZI JR, 2013, p. 71, grifos do autor).

Já a Semântica Cognitiva é considerada, de acordo com Lenz (2013):

[...] uma área que não se configura exatamente como uma teoria única, mas como uma conjunção de várias abordagens que compartilham os mesmos princípios básicos, com o objetivo geral de investigar o sistema integrado global de estruturação conceitual da linguagem (LENZ, 2013, p. 35).

A Semântica Cognitiva considera muito mais que o conhecimento linguístico conforme as teorias clássicas, uma vez que inclui em suas análises diferentes nuances do conhecimento de mundo, experiências, percepções, culturas, etc. (LENZ, 2013).

Diante disso, conforme mencionado anteriormente, de modo geral, no que diz respeito ao conteúdo significativo dos nomes de pessoa em Parkatêjê, é possível verificar que estes se referem a características pessoais do nominador, sejam elas consideradas negativas ou positivas.

Vale também ressaltar que, no que diz respeito à indicação de gênero nos antropônimos em Parkatêjê, observa-se que tais nomes podem ser divididos em: exclusivamente masculinos, exclusivamente femininos, ou para ambos os sexos, conforme o contexto situacional vivenciado pelo padrinho ou madrinha e que o/a motivou a criar determinado antropônimo. Desse modo, atividades ou características que, no contexto

cultural Parkatêjê, são restritas a um sexo ou a outro geram antropônimos exclusivamente masculinos ou exclusivamente femininos, enquanto atividades que não tenham restrições culturais entre os sexos podem ser utilizadas em nomes para ambos os sexos.

Araújo e Ferreira (2001) afirmam que, do ponto de vista do conteúdo, os nomes próprios em Parkatêjê podem ser denotativos ou figurativos. Partindo desta perspectiva, compreendemos como nomes denotativos aqueles cujo principal sistema de significação é a denotação, enquanto entre os nomes chamados pelas autoras em questão de figurativos estão, de modo geral, os que constituem metáforas ou metonímias.

Dessa forma, serão feitas a seguir algumas considerações acerca dos antropônimos da língua Parkatêjê, tendo em vista demonstrar como os valores e os conhecimentos culturais desse povo estão intrincados e são codificados em sua língua. Nas próximas subseções serão apresentados exemplos conforme os tipos de antropônimos vistos da perspectiva da Semântica Cultural e Cognitiva.

5.1 Nomes próprios denotativos em Parkatêjê

De acordo com Trask (2004, p. 72), a denotação é “o significado central de uma forma linguística, encarado como o conjunto das coisas a que essa forma poderia fazer referência”.

Ilari (2004) explica de forma simplificada o conceito de denotação como o efeito de sentido pelo qual as palavras falam “neutramente” do mundo, ou seja, sem intervenções subjetivas. Nessa mesma perspectiva, Luft (2002) afirma que a denotação se refere à significação básica das palavras, dissociadas de abstrações individuais.

Diante disso, têm-se a seguir alguns exemplos de nomes próprios considerados denotativos em Parkatêjê:⁴

- 1) Krapyxitire ‘Um filho’
Kra pyxiti re
Filho um Dim

⁴ Foram utilizadas na análise dos dados algumas abreviaturas, elencadas a seguir: Aum = aumentativo; Dim = diminutivo; Neg = negação; Intens = intensificador.

'Krapyxitire' é um antropônimo doado por uma nominadora que tinha apenas um filho.

- 2) Kãmtaihôprãre 'gosta de escrever'
 Kãmtaihô prã re
 Escrever gostar Dim

'Kãmtaihôprãre' é um antropônimo transmitido por uma nominadora que tem como característica pessoal o fato de gostar de escrever.

- 3) Kôkupati 'tem medo da água'
 Kô kupati
 Água ter medo

'Kôkupati' é um antropônimo transmitido por um nominador que tem como característica pessoal o fato de ter medo da água.

- 4) Têkikupati 'tem medo de jogar flecha'
 Têki kupati
 Flecha ter medo

'Têkikupati' é um antropônimo doado por um nominador que tem medo de jogar flecha.

- 5) Awÿinõre 'não pedir'
 Awÿi nõ re
 Pedir Neg Dim

'Awÿinõre' é um antropônimo transmitido por um nominador que não costuma pedir nada a ninguém, sendo essa uma de suas características marcantes.

Nos exemplos de 1 a 5, é possível observar que os nomes pessoais apresentados têm significados transparentes, isto é, não apresentam sentido figurado e por isso são considerados antropônimos denotativos em Parkatêjê. Esse tipo de antropônimo ocorre amplamente em Parkatêjê, sendo inclusive a forma mais comum de criar nomes próprios na língua.

5.2 Nomes próprios figurativos em Parkatêjê: metafóricos e metonímicos

Dentre os nomes próprios considerados figurativos em Parkatêjê estão os que se constituem como expressões com valor metafórico ou metonímico. Antes de apresentar os dados que ilustraram os fenômenos semânticos aqui em questão é pertinente apresentar uma breve revisão acerca desses conceitos.

Com relação à metáfora, Ullmann (1964) afirma que sua importância suprema como uma força criadora na língua sempre foi reconhecida pelos estudiosos através dos séculos. De acordo com o autor,

a metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos: como um factor primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário, e em diversos outros papéis (ULLMANN, 1964, p. 442).

De modo geral, segundo Ullman (1964), a estrutura básica da metáfora apresenta dois termos essenciais: a coisa da qual falamos e aquilo com o que estamos a compará-la.

A definição apresentada por Trask (2004, p. 190) afirma ser a metáfora “o uso não literal de uma forma linguística, utilizado como recurso para chamar a atenção para uma semelhança percebida”, neste caso, entre uma entidade e outra.

No entanto, autores como Lakoff e Johnson (1980) apresentam uma concepção um pouco diferente das apresentadas anteriormente sobre as metáforas. Para esses autores, a metáfora não deve ser entendida apenas como uma figura de retórica responsável pelos ornamentos da linguagem. Lakoff e Johnson (1980) propõem um novo ponto de vista, segundo o qual a metáfora deve ser compreendida como algo presente em nosso cotidiano, no entanto, sem se limitar apenas ao ambiente linguístico. A ideia básica da teoria de Lakoff e Johnson (1980) sobre a metáfora é que ela nos permite interpretar conceitos abstratos em termos de conceitos que nos são familiares e de experiências cognitivas cotidianas. Segundo os autores, o sistema conceitual humano é metafórico por natureza, uma vez que está imbricado com o modo como pensamos e agimos.

Ferrarezi Jr. (2012) afirma que a metáfora apresenta uma propriedade estruturante em relação à organização cultural do mundo, ou seja, como o mundo é visto e interpretado pelos falantes de uma

determinada língua. Tal proposta contribui para corroborar a ideia da influência da metáfora para a compreensão do mundo.

De acordo com Ferrarezi Jr. (2010), quando uma metáfora de nomeação exerce uma função clara de registro cultural, esta pode ser denominada *metáfora funcional*. Tal perspectiva parece ser bastante interessante para a análise de alguns antropônimos em Parkatêjê construídos de forma metafórica.

Conforme Ferrarezi Jr. (2010), uma metáfora funcional pode ser definida como:

uma construção figurativa na qual a palavra metaforicamente construída apresenta uma clara função de depósito cultural, uma função de registro de algum tipo de conhecimento resultante das experiências vivenciais dessa mesma comunidade que atribuiu esse nome metafórico a um referente (FERRAREZI JR., 2010, p. 198).

A metáfora pode ser considerada um tipo de construção linguística que possibilita a atribuição de um sentido construído dentro de um paradigma cultural de outra palavra que, em seu sentido costumeiro, empregado por uma comunidade de falantes, pertence a um outro paradigma cultural. Por exemplo, quando alguém chama um homem de “touro” está transferindo sentidos de um paradigma cultural para outro, no caso, paradigma “animais” para paradigma “pessoas”, com vistas a evidenciar sua força física (FERRAREZI JR., 2012).

Dessa forma, segundo Ferrarezi Jr. (2012), uma construção metafórica só pode ser definida como tal dentro de determinada cultura, visto que, em cada cultura, haverá classificações semânticas diferentes. Além disso, o autor destaca que a metáfora, na maioria das línguas, não se constitui necessariamente como uma construção lexicalmente complexa, nem obrigatoriamente multivocabular ou com algum tratamento estético de tipo poético. Ao contrário disso, grande parte das metáforas presentes em uma língua se concretiza em palavras de uso diário, por exemplo, nomes de coisas do dia a dia, nomes próprios de pessoa ou nomes na forma de alcunha.

A utilização do conceito de “metáfora funcional”, especificamente, conforme Ferrarezi Jr. (2012), se dá em razão de uma construção com função muito mais específica de formação e perpetuação de uma cultura. Ou seja, tais construções carregam importantes conhecimentos histórico-culturais que precisam ser preservados.

Um exemplo de nome encontrado no Brasil que pode ser considerado uma metáfora funcional, de acordo com Ferrarezi Jr. (2012), é a forma “trava-ventre” utilizada por muitos caboclos, em algumas regiões brasileiras, para chamar a árvore da goiabeira. O autor explica que a forma “trava-ventre” é uma construção complexa, fruto de uma experiência extralinguística do falante interiorano que, muitas vezes, distante do “remédio de farmácia”, registra uma informação que vai além da forma usual de representação linguística do referente. Da mesma forma, em alguns lugares do Brasil têm-se uma planta denominada “quebra-pedra”, indicada para tratar problemas renais.

Desse modo, tanto a metáfora “comum” quanto, em especial, a metáfora funcional são formas de registro de informações de ordem cultural e envolvem processos de categorização do mundo. No entanto, a segunda vai além e permite o registro de informações mais amplas, complexas e históricas que são resultado de conhecimentos de uma comunidade específica e com finalidade de perpetuação de saberes (FERRAREZI JR., 2012).

Em Parkatêjê, dentre os antropônimos agrupados para fins de análise no presente artigo, foram encontrados nomes construídos a partir de interessantes metáforas que carregam em si informações relevantes acerca da concepção de mundo desse povo. Tais nomes metaforicamente construídos carregam saberes que podem ser perdidos até as próximas gerações, de modo a se tornarem nomes opacos em virtude do acelerado estado de obsolescência da língua e cultura Parkatêjê.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de antropônimos em Parkatêjê metaforicamente construídos:

6) Ropkukuti ‘caçador’ lit. ‘comedor de onça’ ou ‘marimbondo’

O nominador do antropônimo ‘*Ropkukuti*’ atribui ao seu nominado sua característica de ‘bom caçador’, uma vez que esse nome pessoal é constituído por um nome (*rop* ‘onça’) e por um verbo de ação (*kuku* ‘comer’), cujo sentido literal seria ‘comedor de onça’. Considerando-se que, para comer onças, é preciso enfrentá-las e caçá-las, entende-se por aplicação do significado do signo linguístico que se trata de “bom caçador”. Todavia, para além dessa interpretação, temos dois fenômenos semânticos sobrepostos nesse caso. Um deles é a polissemia, uma vez que ‘*ropkukuti*’ também é a designação de um tipo de marimbondo que, de acordo com os colaboradores da pesquisa, é caçador como uma onça.

Ao termos o nome ‘*ropkukuti*’ designando o marimbondo, em comparação a sua habilidade de caçar que se assemelha à de uma onça, e, por conseguinte, o antropônimo ‘*Ropkukuti*’ indicando aquele que é caçador, verifica-se a ocorrência da metáfora.

- 7) Rahônti ‘responde à altura, se provocado; devolve, dá o troco na mesma hora’ lit. ‘marimbondo’

Da mesma forma, ‘*Rahônti*’ é o nome doado por um nominador que costuma “dar o troco” ou responder à altura diante de determinadas circunstâncias. Tal nome também pertence originalmente à outra espécie de marimbondo conhecido entre os Parkatêjê pela referida característica de, se tocado, ferrar o indivíduo sem dó nem piedade. A metáfora se dá justamente pela associação do nome com a característica principal do marimbondo em questão.

- 8) Hâkti ‘Caçador’ lit. ‘gavião’

‘*Hâkti*’ também é um dos possíveis nomes doados por um nominador considerado um bom caçador. ‘*Hâk*’ literalmente significa ‘gavião’ em Parkatêjê, de modo que o significado construído para o nome ‘*Hâkti*’ se dá a partir de uma das principais características do animal gavião.

- 9) Krÿiti ‘come devagar’ lit. ‘papagaio’

O antropônimo acima se refere a característica do nominador “comer devagar” a partir de uma metáfora relacionada à forma de comer típica dos papagaios.

- 10) Pârhyti ‘ruim para os outros’ lit. ‘pimenta’

‘*Pârhyti*’ é um nome doado por uma nominadora que tem como uma de suas características o fato de “ser ruim para as outras pessoas”. Nas palavras dos indígenas tal pessoa é “ruim como uma pimenta”.

- 11) Kwÿkjê ‘Parteira que puxa a companheira’ lit. ‘puxar a placenta’
 Kwÿ kjê
 companheira/ puxar
 placenta

‘*Kwỳkjê*’ é um nome doado por uma nominadora que na hora em que realizou o parto de uma criança puxou a placenta para fazê-la sair. Neste caso, o nome referente à palavra ‘placenta’ é o mesmo cujo significado é ‘companheiro/companheira’, de forma que para os indígenas Parkatêjê a placenta é “a companheira da criança”. Carneiro da Cunha (1986) também afirma que esta mesma concepção de ‘placenta’ como “companheira da criança” é observada entre os índios Krahó. Além disso, ‘*kwỳ*’ parece ser um termo polissêmico em Parkatêjê, uma vez que em outros contextos pode significar ‘povo’ ou ‘parente’.

- 12) Krekràti ‘mulher que não tem filho’ lit. ‘buraco seco’
 Kre krà ti
 Buraco seco Aum

O dado acima é um antropônimo doado por uma nominadora que não gera filhos. A associação feita com um “buraco seco” lembra a concepção ocidental que também considera mulheres que não podem engravidar como “mulheres secas”.

- 13) Kurēkti ‘matador’ lit. ‘furar’
 kurēk ti
 furar Intens

Em ‘*Kurēkti*’ é possível observar que tal antropônimo em seu sentido literal expressa a ideia de algo como ‘furador’ em relação a um nominador cuja característica é ser “matador”, ou seja, “aquele que fura para matar”. Nesse sentido, entendemos que o verbo furar aparece como uma espécie de sinônimo de matar em virtude do uso da flecha.

No que diz respeito à metonímia, de modo geral esse processo semântico é tradicionalmente definido na literatura sobre o tema como um deslocamento do significado, no qual uma palavra usualmente utilizada para designar uma entidade passa a designar outra.

Os estudos clássicos, de modo geral, não dão a mesma importância dedicada à metáfora, à metonímia. Ullmann (1964, p. 454) afirma ser a metonímia intrinsecamente menos interessante que a metáfora, uma vez que, segundo o autor, aquela “[...] não descobre relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si”.

Atualmente, a metonímia tem ganhado mais espaço nos estudos da linguagem, principalmente em função das contribuições dadas pela Linguística Cognitiva. Lakoff e Johnson (1980) afirmam que, enquanto a metáfora é uma maneira de conceber uma coisa em termos de outra, com a função primária do entendimento/compreensão, a metonímia possui uma função referencial, isto é, ela nos permite utilizar uma entidade para representar outra.

Para Lakoff e Johnson (1980) tanto a metáfora quanto a metonímia são processos cognitivos que se diferenciam pelo número de domínios de cada um, uma vez que a metáfora teria a presença de dois domínios distintos, enquanto a metonímia teria apenas um domínio.

Diante disso, a perspectiva de Lakoff e Johnson (1980) contempla a noção tradicional da metonímia no sentido de que as relações como parte/todo, matéria/objeto, causa/efeito etc., são relações que ocorrem em um mesmo domínio.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de antropônimos em Parkatêjê constituídos por metonímia:

- 14) Kreixàre ‘sempre com dor de barriga’ lit. ‘dor no intestino’
 Krei xà re
 Intestino dor Dim

O nominador do antropônimo acima costumava sentir dores de barriga constantes. Como é possível observar no dado em questão, há uma espécie de relação parte/todo ao se utilizar na constituição do nome o termo genérico de ‘intestino’ para indicar a ‘dor de barriga’.

- 15) Purkôre ‘planta na chuva’ lit. ‘roça molhada’
 Pur kô re
 Roça molhado Dim

O antropônimo acima foi doado por uma nominadora que costumava plantar na roça enquanto estava chovendo. Nesse caso, é possível observar que a atividade ‘plantar’ é substituída pelo lugar onde se planta, isto é, a ‘roça’.

Diante dos exemplos destacados nessa subseção é possível perceber como o meio ambiente, os conhecimentos culturais e as experiências dos falantes favorecem a articulação de construções metafóricas e metonímicas nos antropônimos da língua Parkatêjê.

A seguir será explanado outro fenômeno semântico observado na análise dos dados em Parkatêjê: o tabu linguístico.

5.3 Tabu linguístico: análise de um antropônimo Parkatêjê

Diante do corpus de antropônimos da língua Parkatêjê analisados, um se destacou pelo fato de apresentar uma mudança linguística decorrente de uma espécie de tabu linguístico.

De acordo com Viaro (2014), o tabu linguístico é um fenômeno ainda pouco estudado, mas que chamou a atenção dos linguistas principalmente em meados do século XX.

Conforme Ullmann (1964), os tabus da linguagem podem ser divididos em três grupos mais ou menos distintos. São eles:

- a. Tabu de medo: tabus impostos sobre nomes relacionados a seres sobrenaturais, principalmente em função do pavor causado por tais entidades.
- b. Tabu de delicadeza: é um tipo de tabu criado a partir da tendência humana de em geral evitar referências diretas a assuntos desagradáveis, como por exemplo, doenças, morte, defeitos físicos, nomes relacionados a ações criminosas, etc.
- c. Tabu de decência: as três maiores esferas afetadas por esse tipo de tabu são o sexo, certas partes e funções do corpo, e os juramentos.

O antropônimo Parkatêjê que será aqui analisado pode ser enquadrado dentre os chamados tabu de decência retratados na letra ‘c’.

Diante disso, cabe neste momento contextualizar a respeito do antropônimo em questão. Primeiramente, durante a coleta de dados em campo, o colaborador indígena forneceu o seguinte antropônimo e tradução:

- 16) Totore ‘que só come a bunda do animal’

Segundo o indígena que relatou o dado acima, tal nome foi doado por uma nominadora que gostava de comer a parte traseira dos animais. No entanto, ao tentarmos entender junto ao colaborador de pesquisa um pouco mais sobre a constituição morfológica e semântica do antropônimo em questão, obtivemos a informação de que na realidade o nome deveria ser o seguinte:

Tokre ‘que só come a bunda do animal’

Tokre re

Bunda Dim

Nesse caso, segundo o colaborador indígena informou, para não se dizer ‘*tokre*’, literalmente ‘bunda’, o nome passou a ser ‘*Totore*’, de modo a evitar algum tipo de constrangimento para a pessoa que recebeu tal nome.

Como é possível observar, a base ‘*tokre*’ sofreu uma modificação em sua estrutura, de modo que a sílaba inicial se reduplicou. Viaro (2014) relata que, geralmente, sofrem modificações dessa natureza por tabuísmos palavras relacionadas a excreções fisiológicas, atos sexuais, ou as partes do corpo envolvidas nessas ações, tal como parece ser o caso ocorrido no antropônimo aqui apresentado.

Muito embora a relação de um povo indígena com questões fisiológicas e corporais seja bastante distinta das perspectivas e modos de se conceber tais aspectos em outras culturas, é possível que alguém que tenha recebido o nome de uma parte do corpo como ‘bunda’ se torne alvo de piadas ou brincadeiras jocosas, muito comuns no cotidiano de inúmeras comunidades humanas. Daí o “tabu”.

Sobre algumas das consequências provocadas por um tabu linguístico, Viaro (2014) afirma que:

[...] o tabu pode causar uma ruptura drástica na história de uma palavra, dificultando sobremaneira a pesquisa etimológica. Essas mudanças dependem apenas de um acordo interno, raramente documentado, no seio da comunidade de falantes. Uma vez esquecido o nome original ao longo de algumas gerações, é possível imaginar a dificuldade com que o etimólogo se depara quando surpreendido pelos resultados desse fenômeno (VIARO, 2014, p. 294).

A mesma dificuldade relatada acima, para os etimólogos, também é enfrentada por semanticistas e linguistas, de modo geral, que estudam o tabu linguístico, uma vez que tal fenômeno torna muitas vezes impossível a reconstrução ou simplesmente o conhecimento do étimo de uma palavra.

6 Considerações Finais

Este artigo abordou aspectos semânticos observados na análise de antropônimos da língua Parkatêjê. Diante da literatura apresentada sobre os fenômenos discutidos e da análise dos dados foi possível tecer considerações que demonstram como aspectos onomásticos e semânticos apresentam propriedades relacionadas à organização cultural e visão de mundo dos falantes da língua Parkatêjê.

Com base na observação dos dados e em pressupostos da Linguística Cognitiva e da Linguística Cultural, os antropônimos Parkatêjê foram divididos, em concordância com Araújo e Ferreira (2001), como denotativos ou figurativos. Entre os antropônimos considerados denotativos estão aqueles cujo sistema de significação principal é a denotação, enquanto entre os antropônimos figurativos estão, de modo geral, aqueles considerados metafóricos ou metonímicos. O conteúdo significativo dos nomes próprios de pessoa se refere a características pessoais do indivíduo que transmite o antropônimo. Outro fenômeno semântico observado dentro o corpus de pesquisa e discutido neste trabalho foi o tabu linguístico, em que o caso analisado foi classificado, com base na literatura sobre o tema, como um tabu de decência.

Reafirma-se que o sistema onomástico Parkatêjê, com toda sua riqueza linguístico-cultural, codifica valores e princípios norteadores e identificadores dos modos de vida e do conhecimento tradicional deste povo, bem como propriedades relacionadas à organização social e visão de mundo dos falantes Parkatêjê.

Investigações de caráter linguístico/cultural a respeito de línguas como o Parkatêjê, que enfrenta sério perigo de desaparecimento, são de fundamental importância para a preservação e resgate de toda a riqueza cultural e científica que as línguas carregam, pois, conforme Seki (2007, p. 17), “a perda de uma língua implica na perda de uma cultura e de um conhecimento de mundo ao qual ela está diretamente ligada”.

Documentar saberes e tradições culturais como estes contidos e envolvidos no sistema onomástico Parkatêjê fortalece também a questão identitária de uma população minoritária. Trata-se de salvaguardas um patrimônio imaterial contido em saberes e na memória do povo Parkatêjê.

Agradecimentos

Agradecemos à Comunidade Indígena Parkatêjê pela carinhosa acolhida durante esses anos de pesquisa. Sobretudo, ao Capitão *Krôhökrenhũm* (*in memorian*), pelo exemplo de generosidade, sabedoria e liderança que deixou a todos que tiveram a honra de com ele conviver e aprender. Ao CNPq pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa da orientadora e à CAPES pela Bolsa de Mestrado.

Referências

- ARAÚJO, L.; FERREIRA, M. *Nomes de pessoa em Parkatêjê*. Uberlândia: UFU, 2001. 10p. Disponível em: <<http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/folheto48/FO-CX-48-3078-2003.PDF>>. Acesso em: 17 fev. 2017.
- ARNAUD, E. A terminologia de parentesco dos índios Gaviões de Oeste (Parkatêjê): Tocantins, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 20, p. 1-35, 1964.
- BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDOV, A. N. (Org.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p.13-22.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Revista Domínios da Linguagem*, Ano 1, n. 1, p. 1-18. 2007. Disponível em: <www.seer.ufu.br>. Acesso em: 29 jan. 2017.
- COELHO DE SOUZA, M. *O traço e o círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos*. 2002. 668 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- DICK, M. V. P. A. A Investigação Linguística na Onomástica Brasileira. In: GÄRTNER, Ebehard (Ed.). *Estudos de Gramática Portuguesa III*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. v. III, p. 217-240.

- DICK, M. V. P. A. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicológica, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 79-90.
- DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ECKERT, K. Os sobrenomes dos alunos do IFRS campus Bento Gonçalves: um estudo onomástico. *Revista Domínios da linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 46-66, 2016. Disponível em <www.seer.ufu.br>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- FERRAREZI JR., C. *Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- FERRAREZI JR., C. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. *Revista Linha D'água*, São Paulo, n. 25, p. 67-82, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37368>>. Acesso em: 29 jun. 2016.
- FERRAREZI JR., C. Semântica cultural. In: FERRAREZI JR. C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 71-87.
- GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.
- ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- JÕPAIPARE, T. K. *Me ikwỳ tekjê ri: isto pertence ao meu povo*. 1. ed. Marabá, PA: Gknoronha, 2011.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago; London: The University of Chicago, 1980.
- LENZ, P. Semântica cognitiva. In: FERRAREZI JR. C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-55.
- LINHARES, A. J. P. *Tendências da Antroponímia Brasileira recente: um estudo da cidade de Belém*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

LOPES, T. T. C. *Aspectos morfológicos de termos de parentesco em Parkatêjê*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MARCATO, C. *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino, 2009.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SEABRA, M. C. T. C. de. Referência e onomástica. In: *Múltiplas perspectivas em linguística: In: SIMPÓSIO NACIONAL E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA (SILEL), XI., 2006, Uberlândia. Anais...* Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf>. Acesso em: 1 out. 2014.

SEKI, L. Apresentação. In: PAULA, A. S. de. *A língua dos índios Yawanawá do Acre*. Maceió: EDDUFAL, 2007. p. 17.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

ZAMARIANO, M. Reflexões sobre a questão do nome próprio na toponímia. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê América Central e Caribe: múltiplos olhares*, Uberlândia, n. 45, p. 351-372, 2012.



Parkatêjê Onomastics: Semantic Aspects of People's Proper Names

Onomástica Parkatêjê: aspectos semânticos dos nomes próprios de pessoas

Tereza Tayná Coutinho Lopes

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará / Brasil
terezataynacl@gmail.com

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará / Brasil
mariliaferreira1@gmail.com

Abstract: This article aims to present semantic aspects found in Parkatêjê anthroponyms. Currently the Parkatêjê people live in villages in the Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM – Mother Mary Indigenous Reserve, in English), near Marabá in the state of Pará. The Parkatêjê language belongs to the Timbira Dialectal Complex, from the Macro-Jê linguistic stock. The study of proper names from different typologies is the core interest of the discipline entitled Onomastics, in which Anthroponymy, the study of human proper names, will be our focus in this paper. In general, the significant content of proper names in Parkatêjê refers to certain personal characteristics of the nominator. From a semantic perspective, these anthroponyms can be considered denotative or figurative, according to Araújo and Ferreira (2001). Based on this perspective and the analysis of data collected through fieldwork, it was possible to verify specific semantic phenomena in Parkatêjê anthroponyms. Such phenomena, according to the presuppositions of Cultural Semantics and Cognitive Semantics, say a lot about cultural knowledge, values, thoughts, among other aspects that are reflected in that language. The methodology followed in this paper encompasses bibliographic research on indigenous languages and readings on Onomastics and Semantics, as well as ethnographic research with data collection in the Parkatêjê community.

Keywords: onomastics; semantics; Parkatêjê.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar aspectos semânticos observados em antropônimos da língua Parkatêjê. Atualmente o povo Parkatêjê vive em aldeias na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), às proximidades do município de Marabá. A língua Parkatêjê, denominada do mesmo modo que sua comunidade, filia-se ao Complexo Dialectal Timbira, tronco linguístico Macro-Jê. O estudo dos nomes próprios de diferentes tipologias é o interesse central da disciplina denominada Onomástica, sendo a Antroponímia, isto é, o estudo dos nomes próprios de pessoa, a área da Onomástica em foco neste estudo. De modo geral, no que diz respeito ao conteúdo significativo dos nomes de pessoa em Parkatêjê, é possível verificar que estes se referem a características pessoais do nominador. Da perspectiva semântica, os antropônimos em questão podem ser considerados denotativos ou figurativos, conforme Araújo e Ferreira (2001). Partindo dessa perspectiva e da análise dos dados coletados em campo, foi possível verificar fenômenos semânticos específicos, presentes na constituição dos antropônimos em Parkatêjê. Tais fenômenos, segundo pressupostos da Semântica Cultural e da Semântica Cognitiva, dizem muito a respeito dos conhecimentos culturais, valores, pensamentos, entre outros aspectos que se refletem na língua de um povo. A metodologia utilizada para a feitura deste trabalho consistiu em pesquisa bibliográfica de materiais a respeito de línguas indígenas, onomástica e semântica, além de pesquisa etnográfica com coleta de dados na comunidade da língua em estudo.

Palavras-chave: onomástica; semântica; Parkatêjê.

Received on November 04, 2017

Accepted on December 28, 2017

1 Introduction

The field of study called Onomastics consists of an interdisciplinary area that involves different fields of human knowledge in order to analyze their objects of study: proper names.

The two main areas of interest in Onomastics, according to Seabra (2006), among other authors, are: Anthroponymy and Toponymy. According to the author, Anthroponymy's object of study focuses on individual proper names, family names or surnames, and nicknames, while Toponymy is interested in the study of the motivations behind the proper names of places.

The present study focuses on Anthroponymy, given that our object of study focuses on people's proper names in the Parkatêjê language, spoken by an indigenous people referred to by the same name. The

anthroponyms in Parkatêjê are analyzed here from a semantic perspective, a discipline which receives special attention from onomastic studies and can be defined according to Ullmann (1964, p. 7) as the “study of the meaning of words.”

The transmission and creation of names in Parkatêjê, as well as their semantic uses are also addressed in this article as a means through which to support the preservation of the intangible culture of this Indian tribe.

The discussion presented in the pages that follow are a clipping of a broader study concerning the Parkatêjê anthroponymy. The main theoretical references used to treat this onomastic field of study were: Dick (2000, 2001), Ullmann (1964), Seabra (2006), Carvalhinhos (2007), Eckert (2016), among others. As regards the core semantic questions in this study, the assumptions from Cultural Semantics and Cognitive Semantics were used to conduct this study’s analyses.

This article is structured in the following manner: the first section is made up of this introduction; the second describes the methodology employed in the research; the third presents general considerations about the Parkatêjê language, as well as briefly describes the functioning of the Parkatêjê naming system; the fourth outlines some key questions regarding the onomastic study of these anthroponyms; the fifth addresses, from a semantic perspective, people’s proper names in Parkatêjê and presents discussions pertinent to the semantic phenomena observed in the analyzed data; and lastly, final considerations are made.

2 Metodology

The methodology used to develop this study followed the traditional descriptive linguistic approach, which works with generalizations at the fact level, and ethnographic research, according to the following steps: (i) bibliographic survey regarding the proposed theme; (ii) reading and critical analysis of the surveyed bibliographic references; (iii) fieldwork for data collection: data were collected through interviews, which were filed in both audio and video. All of the data were recorded in the Parkatêjê Indigenous Community by means of questions made directly to the indigenous collaborators. The major part of the data presented in this work was collected in interviews with the then-Chief of the Community, *Krôhókrenhum*, a bilingual speaker of Parkatêjê and

Portuguese, and one of the foremost experts on the linguistic and cultural knowledge of his people. Besides the referred Indian Chief, there were also other native speakers who contributed as collaborators in the present study, including: *Pojarêtetí*, First wife of Chief *Krôhókrenhum*; *Nākôti*, community healer; *Japênprãmti*, nephew of *Krôhókrenhum*; *Jôhapy*, second wife of Chief *Krôhókrenhum*, among others; (iv) transcription and organization of the data: material collected in fieldwork was transcribed in written form, both in Portuguese and Parkatêjê.¹ (v) annotation and morphological segmentation of the data: the data were duly segmented in such a way as to facilitate the employed analyses; however, it was not possible to perform the complete segmentation of all of the obtained data. Thus, some data present only the translation given by the speaker. The information needed for segmentation was not always provided by the speakers, since there are morphemes whose meaning demands greater attention in the description of the language; (vi) semantic analysis of the *corpus* of the research and discussion of the obtained results.

3 The Parkatêjê people: some considerations

The Parkatêjê language is spoken by the Parkatêjê people, who currently live in Indian villages located along the *Reserva Indígena Mãe Maria* (RIMM – Mother Mary Indigenous Reserve, in English), in the surrounding areas of the city of Marabá, Pará, Brazil. According to the data from the community's health clinic, the Parkatêjê Indian village has approximately 627 people (JÕPAIPARE, 2011).

According to Rodrigues (1986), the Parkatêjê language belongs to the Timbira Dialectal Complex, of the Jê family, of the Macro-jê linguistic stock. Also a part of this dialectal complex are such languages as Canela-Krahô, Canela-Apaniêkra, Gavião-Pykobjê, Krinkati, Krênjê, among other languages that present quite similar aspects. These groups share cultural characteristics, such as long hair with a groove around their heads at the level of the bangs; the production of artifacts made from braided straw (baskets, mats, banners); the Indian village is the shape of a large circle in which the houses are placed side by side, with paths leading to the central courtyard; rituals like the log race; and body

¹ The data from the Parkatêjê language from this article were written according to the Parkatêjê spelling proposed by the linguist, Leopoldina Araújo, around 1977.

decoration. However, these groups also present distinctions, among which we can cite the semantic content of the proper names, even though the way the names are transmitted is basically the same.

The Parkatêjê people, as is common among Indian tribes of the Timbira language, have an elaborate system of naming that involves age-old traditional knowledge. The naming system of the Parkatêjê people is directly linked to their kindred. Upon receiving a name, the nominated also potentially receives all the relationships of his/her nominator, that is, that which includes the receiving of his/her blood or marital relations, ritual positions (ritual halves² and their artistic representation in body art), as well as their ceremonial relationships of friendships and potential spouses, who, consequently, will refer to the nominated according to the same terms used by the nominator (COELHO DE SOUZA, 2002).

According to Arnaud (1964), the transmission of proper names in Parkatêjê,

is verified from the brother of the mother (uncle) to the son of the sister (nephew) = (keti – itua) and from the sister of the father (aunt) to the daughter of the brother (niece) = (katuí – itua), preferentially, as well as from the father of the father and of the mother, and the mother of the mother and of the father, to which are applied the same designated names (keti, katuí) (ARNAUD, 1964, p. 4).

This description from Arnaud (1964) agrees with the pattern described by Coelho de Souza (2002) for the Timbira people and has also been confirmed during the fieldwork carried out in the Parkatêjê Indigenous Community, as reported in Lopes (2014).

In the act of naming, the nominator chooses a feature, either positive or negative, of his/her own behavior with which the nominator will name the nominated. In the words of *Króhókrenhum*, traditional Chief of the Parkatêjê tribe, in a study conducted by Araújo and Ferreira (2001): “Every invention that a person invents we already know will give a name to the godchild.”

² The division of tribal members in ritual halves is a feature of the dualistic organizations, such as those represented by the Indian people of the Jê language. In Parkatêjê, for example, as part of the inheritance that the naming provides, the individual, upon receiving a Parkatêjê name, automatically pertains to the same ritual half of his/her nominator, which can be *hák* “hawk” ou *pàn* “parrot”.

In this sense, as Carneiro da Cunha (1986) explains, the name received by a child has no relation to the personal attributes of this child, nor does it intend to designate the child as an individual. According to the author, the name given to a child “is, before, a title, an operator that inserts and classifies him/her in his/her ceremonial life, actually ‘a character’ (...)” (CARNEIRO DA CUNHA, 1986, p. 23).

Moreover, the fact that the nominator gives his/her particular characteristics to the name of the nominated can be interpreted as a way for the former to “eternalize” him/herself in the community, since his/her characteristics will be remembered for generations to come through the very names transmitted to their equals.

Through the considerations presented here about the Parkatêjê people and their naming system, the next section will posit theoretical questions concerning the Onomastic discipline and the study of the so-called anthroponyms

4 The onomastic study of anthroponyms

When speaking about Onomastics, it is pertinent to situate such an area within the studies of language, or, more specifically, within the science of the lexicon. The lexicon is traditionally defined in linguistic studies as a groups of words from a given language. It is through this that one can name and express the universe of a given society through a lexical heritage that reflects the perceptions, experiences, feelings, and ideas of a people.

Biderman (2001) defines the lexicon as a part of the language that represents the extra-linguistic reality, beyond merely conserving the linguistic knowledge of humanity. According to the author, “the lexicon of a natural language can be identified with the vocabulary heritage of a given linguistic community throughout its history” (BIDERMAN, 2001, p.14).

The linguistic science responsible for the study of the lexicon is called Lexicology.³ Biderman (2001) presents the word, the lexical category, and the structuring of the lexicon as essential objects of study and analysis of Lexicology.

³ “From Greek *lexis* <<word>>, *lexicos* <<from or for the words>>” (ULLMANN, 1964, p. 62).

In this sense, Ullmann (1964) affirms that Lexicology, by definition, deals with words and the morphemes that form them, that is, of their significant units. Thus, the lexicological investigation takes into account both the form and the meaning. The author goes on to explain that lexicology, consequently, has two subdivisions: “morphology, the study of the forms of the words and their components, and semantics, the study of their meanings” (ULLMANN, 1964, p. 64).

Dubois *et al.* (1973), by contrast, perceive Lexicology as the scientific study of vocabulary. In this line of thinking, it is possible to understand Onomastics as an integral part of Lexicology, whose main object of study are the proper names of different typologies.

Eckert (2016) explains that the origin of the term Onomastics is related to the Greek form *onoma* (name) and *tékne* (art) which result in the term *onomastiké*, whose meaning is ‘*the art of naming*’. The Greek form was incorporated into Latin as *onomasticon*, which later entered the Portuguese vocabulary as *Onomástica* (or *Onomastics* in English).

Onomastics consists of a discipline that is in constant dialog with other areas of linguistics and human knowledge. Among such areas, we can cite Historical Linguistics, Anthropological Linguistics, Semantics, Logic, and Philosophy of the Language. Regarding the interdisciplinarity required by Onomastics, Zamariano (2012) affirms the following:

A work that is dedicated to the proper name elicits an investigation that is not concluded in a specific discipline, given that it crosses through distinct theoretical fields and the frontiers that, apparently, isolate the fields and are dissolved when faced with the first reflections on this theme (ZAMARIANO, 2012, p. 359).

The aspect of onomastic studies under investigation in this work is that of Anthroponymy, which, according to Dick (2000), is a subsystem of Onomastics, whose interest includes individual names, which distinguish the members of a community, and kinship, which relates the individual to a family group.

The term ‘anthroponym’ has a Greek origin and designates, according to Câmara Jr. (1985), proper nouns with individualizing character that, when applied to people, have the purpose of distinguishing one from another within society.

From this point of view, according to Linhares (2003), the individual name serves for both societal and institutional identification.

He distinguishes one subject from others and recognizes him/her as a citizen within the society as a whole or simply within the family group.

The study of the anthroponyms, among other things, helps to reveal important aspects both from the linguistic and the psychological and/or social points of view. Eckert (2016) affirms that these are the two main perspectives adopted by those scholars who study Anthroponymy.

Regarding the significant function of the proper names in Portuguese, Carvalhinhos (2007) reports that, in remote times, the proper name had its semantic function assured, that is, the individual, designated by his/her name, also received the entire burden of the meaning. The author explains that, due to the dynamic nature of the language, most of the names were emptied of their real etymological meanings, leaving only a shell, which is an opaque form that hides the true meaning of the name.

Today, Western societies present this phenomenon of semantic emptying, especially as regards people's proper names. However, in these same societies, there was a time when the names were not simply attributed by tradition or personal taste, but effectively for a reason.

Guérios (1973) defined some causes that most likely gave origin to many well-known names today. These include: historical, political, and religious influences; circumstances, place, and time of birth; physical particularities or moral qualities; names related to professions; curious or eccentric names.

There are also, generically, linguistic motivations. Carvalhinhos (2007) highlights phonetics, semantics, and morphology. In the words of the researcher:

The first type refers to onomatopoeias, the second to the diversity of meanings, where the decodification depends on the context; *root*, morphologically, is opaque, while the *root of evil* is transparent, as it refers to a self-explained metaphor. The third and last type of motivation recovers words like automobile, in which the constructing elements, *auto* and *mobile*, already have their own meanings (CARVALHINHOS, 2007, p. 14, *author's italics*).

Ullmann (1964) adds that there are cases of words that are both morphologically and semantically motivated. In addition, these two types of motivation have in common the fact that both are “relative”, since they allow one to analyze the words in their elements, but they are unable to explain these same elements.

Among the aforementioned linguistic motivations, the semantic motivation is especially interesting for Onomastics. This is what is linked to the phenomenon of the semantic emptying of the anthroponyms discussed by Carvalhinhos (2007). The author explains that the de-semanticization occurs, for example, by means of a last name originated from a nickname. At the moment of creation, the sign was transparent, but, upon being passed down from generation to generation, the originally perceived meaning was lost.

Dick (2001) affirms that people's proper names are hidden in their lexical-semantic content due to the opacity of the very sign that shapes it, often distanced from its original focus.

In general, what occurs with anthroponyms is similar to what Basílio (1987) claims regarding the regular and stratified forms. For the author:

The problem is a typical situation of the lexicon, that is, the situation in which we have forms constructed of various elements, in which they evolve semantically as a whole, but whose parts remain morphologically unchanged. Consequently, we begin to have forms whose meaning has little or nothing to do with what is expected from the morphological characteristics of construction (BASÍLIO, 1987, p. 23).

For Marcato (2009), there is a great complexity in the semantics of proper names. Thus, it is necessary to study them, also taking into account an extra-linguistic, diachronic, or synchronic perspective.

Given the considerations presented here about the field of study of Onomastics, with emphasis on anthroponymy, we will now move on, in the next section, to discuss the semantic characteristics observed in the analysis of anthroponyms in Parkatêjê, through the approaches of Cultural Semantics and Cognitive Semantics.

5 Semantic analysis of personal names in Parkatêjê

Among the many semantic approaches in the literature on this theme today, Cultural Semantics (CS) and Cognitive Semantics (CogS) provide special contributions for the type of reflections presented here regarding people's proper names in Parkatêjê.

According to Ferrarezi Jr. (2013), CS can be defined as follows:

One aspect of Semantics that studies the *relationship between meanings* attributed to words or other expressions of a language and a *culture* in which this same language is inserted. In a more simplified form, we can say that CS studies the formation and attribution of meanings in the relationship between a language and the culture in which this same language is used (FERRAREZI JR, 2013, p. 71, *author's italics*).

By contrast, CogS is considered, according to Lenz (2013):

[...] an area that does not configure exactly as a single theory, but rather as a conjunction of various approaches that share the same basic principles, with the general aim to investigate the global integrated system of the conceptual structuring of language (LENZ, 2013, p. 35).

CogS considers much more than the linguistic knowledge according to classical theories, since in its analyses it includes nuances of knowledge from the world, experience, perceptions, cultures, etc. (LENZ, 2013).

In this sense, as mentioned above, in general, as regards the meaning content of the personal names in Parkatêjê, it is possible to verify that these refer to the personal characteristics of the nominator, be they positive or negative.

It is important to note that, as regards the indication of gender in the anthroponyms in Parkatêjê, it can be observed that such names can be divided into: exclusively masculine, exclusively feminine, or for both sexes, according to the situational context lived by the godfather or godmother and that inspired them to create a given anthroponym. In this sense, activities or characteristics that, in the Parkatêjê cultural context, are restricted to one sex or to the other generate anthroponyms that are exclusively masculine or exclusively feminine, whereas activities that do not have cultural restrictions between the sexes can be used in names for both sexes.

Araújo and Ferreira (2001) affirm that, from the point of view of content, the proper names in Parkatêjê can be denotative or figurative. From this perspective, we define denotative names as this whose main system of meaning is denotation, while among the names called by the authors in question as figurative are, in general, those that contain metaphors or metonyms.

In this sense, the section below will offer some consideration concerning the anthroponyms of the Parkatêjê language, in an attempt to demonstrate how the cultural values and knowledge of this people are intricate and codified in their language. The following subsections will present examples according to the types of anthroponyms from the perspective of CS and CogS.

5.1 Denotative proper names in Parkatêjê

According to Trask (2004, p. 72), the denotation is “the central meaning of a linguistic form, viewed as a group of things that this form would refer to.”

Ilari (2004) explains, in a simplified manner, the concept of denotation as the effect of meaning through which the words speak “neutrally” of the world, that is, without subjective interventions. In this same line of thinking, Luft (2002) affirms that the denotation refers to the basic meaning of the words, disassociated from individual abstractions.

Taking this into account, below are some examples of proper names considered denotative in Parkatêjê:⁴

- 1) Krapyxitire ‘A Child’
Kra pyxiti re
Child one Dim

‘*Krapyxitire*’ is na anthroponym given by a nominator that has only one child.

- 2) Kãmtaihôprãmre ‘likes to write’
Kãmtaihô prãm re
Write likes to Dim

‘*Kãmtaihôprãmre*’ is an anthroponym transmitted by a nominator who has a personal characteristic of liking to write.

⁴ Some abbreviations were used in the data analysis, as follows: Aum = augmentative; Dim = diminutive; Neg = negation; Intens = intensifier.

- 3) Kôkupati ‘is afraid of water’
Kô kupati
Water is afraid

‘*Kôkupati*’ is an anthroponym transmitted by a nominator who has a personal characteristic of being afraid of water.

- 4) Têkikupati ‘is afraid to shoot an arrow’
Têki kupati
Arrow is afraid of

‘*Têkikupati*’ is a an nthropopnym given by a nominator that is afraid to shoot an arrow.

- 5) Awÿinõre ‘do not ask’
Awÿi nõ re
Ask Neg Dim

‘*Awÿinõre*’ is an anthroponym transmitted by a nominator who rarely asks for anything from anyone, which is one of his/her main characteristics.

In examples 1 to 5, it is possible to observe that the personal names presented here have transparent meanings, that is, they do not present figurative meanings and are thus considered denotative anthroponyms in Parkatêjê. This type of anthroponym occurs widely in Parkatêjê, and is even the most common way to create proper names in the language.

5.2 Figurative proper names in Parkatêjê: metaphoric and metonymic

Among the proper names considered to be figurative in Parkatêjê are those that are constituted as expressions with a metaphoric or metonymic value. Before presenting the data that illustrate the semantic phenomenon in question here, it is essential to present a brief review of these concepts.

As regards metaphors, Ullmann (1964) affirms that its utmost importance as a creative force in the language has always been recognized by scholars throughout the centuries. According to the author:

The metaphor is so intimately linked to the texture of human speech that we find it within a wide range of aspects: as a primordial factor of motivation, as an artifice of expression, as an escape to intense emotions, as a way to fill in blanks in vocabulary, and in many other roles (ULLMANN, 1964, p. 442).

In general, according to Ullman (1964), the basic structure of the metaphor presents two essential terms: the thing that we are talking about and that to which we are comparing it.

The definition presented by Trask (2004, p. 190) affirms that a metaphor is “the non-literal use of a linguistic form, used as a resource to call attention to a perceived similarity,” in this case, between one entity and another.

However, authors such as Lakoff and Johnson (1980) present a slightly different conception than those previously presented about metaphors. For these authors, the metaphors should not only be understood as a rhetorical figure responsible for the decoration of the language. Lakoff and Johnson (1980) propose a new point of view, according to which the metaphor should be understood as something present in our daily routine, but without being limited to the linguistic environment. The basic theory of Lakoff and Johnson (1980) about metaphors is that they allow us to interpret abstract concepts in terms of concepts that are familiar to us and come from everyday cognitive experiences. According to the authors, the human conceptual system is metaphoric by nature, since it is interwoven with the manner in which we think and act.

Ferrarezi Jr. (2012) affirms that the metaphor presents a structuring property in relation to the cultural organization of the world, that is, as the world is seen and interpreted by the speakers of a specific language. Such a proposal corroborates the idea of the influence of the metaphor in one's comprehension of the world.

According to Ferrarezi Jr. (2010), when a naming metaphor plays a clear role of cultural register, it can be called the *functional metaphor*. Such a perspective seems to be quite interesting for the analysis of some anthroponyms in Parkatêjê, when constructed in a metaphoric manner.

According to Ferrarezi Jr. (2010), one functional metaphor can be defined as:

a figurative construction in which the metaphorically constructed word presents a clear function of cultural deposit, a function of register of some type of knowledge resulting from lived experiences from this same community that attributes this metaphoric name to a referent (FERRAREZI JR., 2010, p. 198).

The metaphor can be considered a type of linguistic construction that allows for the attribution of a constructed meaning within a cultural paradigm of another word which, in its customary meaning, employed by a community of speakers, belongs to another cultural paradigm. For example, when someone calls a man a “bull”, this person is transferring meanings to the cultural paradigm to another, in this case, from the “animal” to the “people” paradigm, in an attempt to illustrate the man’s physical force (FERRAREZI JR., 2012).

In this manner, according to Ferrarezi Jr. (2012), a metaphoric construction can only be defined as such within a given culture, since each culture has different semantic classifications. Moreover, the author stresses that the metaphor, in the majority of languages, is not necessarily formulated as a lexically complex construction, nor mandatorily multi-vocabulary or with some esthetic, poetic-like treatment. To the contrary, most of the metaphors present in a language materialize in words from daily use, for example, names of day-to-day things, proper names of people, or names in the form of nicknames.

The use of the concept of “functional metaphor”, specifically, according to Ferrarezi Jr. (2012), appears due to a construction with a much more specific function of formation and perpetuation of a culture. In other words, such constructions carry important historical-cultural knowledge that needs to be preserved.

One example of a name found in Brazil that can be considered a functional metaphor, according to Ferrarezi Jr. (2012), is the form “trava-ventre” (in English, “close off the belly”), used by many *caboclos* (mixture of Brazilian Indian and European blood) in some regions of Brazil, to call the Guava Tree. The author explains that the form “trava-ventre” is a complex construction, fruit of an extra-linguistic experience of the speaker from the countryside who, often distant from “pharmaceutical medicines”, registers information that goes beyond the

usual form of the linguistic representation of the referent. Likewise, in some regions of Brazil, there is a plant called “quebra-pedra” (“rock-breaker”), recommended to treat kidney problems.

In this sense, both the “common” metaphor, as well as the functional metaphor are ways of registering cultural information and that involving the categorization of the world. Nevertheless, the second goes beyond and allows for the register of broader, more complex, and more historical information, which is the result of knowledge from a specific community and with the purpose of the perpetuation of knowledge (FERRAREZI JR., 2012).

In Parkatêjê, among the anthroponyms grouped together for analysis in this article, we also found names constructed through interesting metaphors that carry within themselves information relevant to the conception of the world of these people. Such metaphorically constructed names carry knowledge that can be lost in future generations, in such a way as to become obscure names due to the accelerated state of obsolescence of the Parkatêjê language and culture.

Below are some examples of anthroponyms metaphorically constructed in Parkatêjê:

- 6) Ropkukuti ‘hunter lit. ‘jaguar eater’ ou ‘hornets’

The nominator of the ‘*Ropkukuti*’ anthroponym attributes to the nominated his/her characteristic of the ‘good hunter’, since this personal name is made up of a name (*rop* ‘jaguar’) and by an action verb (*kuku* ‘eat’), whose literal meaning would be ‘jaguar eater’. Considering that, to eat a jaguar, one needs to confront it and hunt it, thus one can understand by the application of the meaning of the linguistic sign that it refers to the “good hunter”. Nonetheless, beyond this interpretation, we have two semantic phenomena that overlap in this case. One of these is the polysemy, since ‘*ropkukuti*’ is also the designation of a type of hornet that, according to the research collaborators, is a jaguar hunter.

Upon having the name ‘*ropkukuti*’, designating the hornet, in comparison to its ability to hunt that is similar to the jaguar and, consequently, the anthroponym ‘*Ropkukuti*’ indicates that he is a hunter, thus verifying the occurrence of the metaphor.

- 7) *Rahônti* ‘responds in kind, if provoked; pay back, react immediately’ lit. ‘hornet’

In the same manner, ‘*Rahônti*’ is the name given by a nominator who usually “pays back” or “responds in kind” when faced with specific circumstances. Such a name also originally belongs to another species of hornet known among the Parkatêjê for its characteristic of, if touched, stinging the individual mercilessly. The metaphor is precisely constructed due to the association of the name with the main characteristics of the hornet in question.

- 8) *Hàkti* ‘Hunter’ lit. ‘hawk’

‘*Hàkti*’ is also one of the possible names given by a nominator considered to be a good hunter. ‘*Hàk*’ literally means ‘hawk’ in Parkatêjê, in such a way that the meaning constructed for the name ‘*Hàkti*’ is precisely given because of one of the main characteristics of a hawk.

- 9) *Krÿiti* ‘eats slowly’ lit. ‘parrot’

The anthroponym above refers to the characteristic of the nominator, “eats slowly”, through a metaphor related to the typical way that a parrot eats.

- 10) *Pàrhyti* ‘bad for others’ lit. ‘pepper’

‘*Pàrhyti*’ is a name given by a nominator that has the characteristic of “being bad to other people”. In the words of the Indians, such a person is “as bad as pepper”.

- 11) *Kwÿkjê* ‘Midwife who pulls her companion’ lit. ‘pull the afterbirth’

Kwÿ *kjê*
companion/ pull
afterbirth

‘*Kwÿkjê*’ is the name given by a nominator who at the time in which the birth of a child was performed pulled the afterbirth out. In this case, the name referring to the ‘afterbirth’ is the same whose meaning is

‘companion’, in such a way that, for the Parkatêjê Indians, the afterbirth is “the child’s companion”. Carneiro da Cunha (1986) also affirms that this same conception of ‘afterbirth’ as ‘the child’s companion’ is also observed among the Krahó Indians. Furthermore, ‘*kwy*’ seems to be a polysemic term in Parkatêjê, since in other contexts it can mean ‘people’ or ‘relative’.

12) Krekràti ‘woman who has no children’ lit. ‘dry hole’

Kre krà ti
Dry hole Aum

The data above is an anthroponym given by a nominator who cannot have children. The association made with “dry hole” reminds one of the Western concept that also considers women who cannot get pregnant as “dry women”.

13) Kurêkti ‘killer lit. ‘drill’

kurêk ti
drill Intens

In ‘*Kurêkti*’ it is possible to observe that such an anthroponym in its literal meaning expresses the idea of something like a “drill” in relation to a nominator whose characteristic is to be a “killer”, that is, “he who drills to kill”. In this sense, we understand that the verb “drill” seems to be a type of synonym for ‘to kill’ due to the use of an arrow.

As regards metonymy, in general, this semantic process is traditionally defined in the literature about the theme as a displacement of meaning, in which a word usually used to designate an entity begins to designate another.

The classic studies, in general, do not give the same importance to metonymy that is dedicated to metaphors. Ullmann (1964, p. 454) affirms that the metonym is intrinsically less interesting than the metaphor, since, according to the author, it “[...] does not discover new relationships and appears only among words that are already interrelated”.

More recently, the metonym has gained space in language studies, especially as regards the contributions stemming from Cognitive Linguistics. Lakoff and Johnson (1980) affirm that, while the metaphor is a means through which to conceive one thing in terms of another, with

Atualmente, a metonímia tem ganhado mais espaço nos estudos da linguagem, principalmente em função das contribuições dadas pela Linguística Cognitiva. Lakoff e Johnson (1980) afirmam que, enquanto a metáfora é uma maneira de conceber uma coisa em termos de outra, com a função primária do entendimento/compreensão, a metonímia possui uma função referencial, isto é, ela nos permite utilizar uma entidade para representar outra.

Para Lakoff e Johnson (1980) tanto a metáfora quanto a metonímia são processos cognitivos que se diferenciam pelo número de domínios de cada um, uma vez que a metáfora teria a presença de dois domínios distintos, enquanto a metonímia teria apenas um domínio.

Diante disso, a perspectiva de Lakoff e Johnson (1980) contempla a noção tradicional da metonímia no sentido de que as relações como parte/todo, matéria/objeto, causa/efeito etc., são relações que ocorrem em um mesmo domínio.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de antropônimos em Parkatêjê constituídos por metonímia:

- 14) Kreixàre ‘sempre com dor de barriga’ lit. ‘dor no intestino’
 Krei xà re
 Intestino dor Dim

O nominador do antropônimo acima costumava sentir dores de barriga constantes. Como é possível observar no dado em questão, há uma espécie de relação parte/todo ao se utilizar na constituição do nome o termo genérico de ‘intestino’ para indicar a ‘dor de barriga’.

- 15) Purkôre ‘planta na chuva’ lit. ‘roça molhada’
 Pur kô re
 Roça molhado Dim

O antropônimo acima foi doado por uma nominadora que costumava plantar na roça enquanto estava chovendo. Nesse caso, é possível observar que a atividade ‘plantar’ é substituída pelo lugar onde se planta, isto é, a ‘roça’.

Diante dos exemplos destacados nessa subseção é possível perceber como o meio ambiente, os conhecimentos culturais e as experiências dos falantes favorecem a articulação de construções metafóricas e metonímicas nos antropônimos da língua Parkatêjê.

5.3 Linguistic taboo: analysis of a Parkatêjê anthroponym

Given the corpus of the analyzed anthroponyms from the Parkatêjê language, one stood out, as it presents a linguistic change resulting from a type of linguistic taboo.

According to Viaro (2014), the linguistic taboo is a scarcely studied phenomenon but that has called the attention of linguists, especially in the mid-twentieth century.

According to Ullmann (1964), the taboos of language can be divided into three somewhat distinct groups. These are:

- a. Taboo of fear: taboos imposed upon names related to supernatural beings, mainly due to the fright caused by such entities;
- b. Taboo of delicacy: this is a type of taboo created from the general human tendency to avoid direct references to unpleasant issues, such as diseases, death, physical defects, names related to criminal acts, etc.;
- c. Taboo of decency: the three largest spheres affected by this type of taboo are gender, certain body parts and functions, and oaths.

The Parkatêjê anthroponym that will be analyzed here can be framed within the so-called taboos of decency depicted in letter 'c'.

In this respect, it is important here to contextualize the anthroponym in question. First, in the data collection during fieldwork, the indigenous collaborator provided the following anthroponym and translation:

- 16) Totore 'who only eats the animal's rear end'

According to Indian who reported the above term, such a name was given by a nominator who liked to eat the rear end of the animals. However, when we tried, together with the research collaborator, to better understand the morphological and semantic construction of the anthroponym in question, we found out that, in fact, the name should be the following:

Tokrere ‘who only eats the animal’s rear end’

Tokre re

Rear end Dim

In this case, according to what the indigenous collaborator informed us, to not say, ‘*tokre*’, literally ‘ass’, the name was changed to ‘*Totore*’, in such a way as to avoid any type of embarrassment for the person who received such a name.

As can be observed, the base ‘*tokre*’ underwent a change in its structure, in such a way that the initial syllable was doubled. Viaro (2014) reports that, generally, words related to physiological excrements, sexual acts, or parts of the body involved in these actions commonly undergo changes of this nature due to taboos, as appears to be the case with the anthroponym presented here.

Although the relationship of indigenous people with physiological or bodily questions is quite distinct from the perspectives and ways of conceiving such aspects in other cultures, it is possible that someone who has received the name of a body part, like ‘ass’, may become the target of jokes or tongue-in-cheek pranks, which are quite common in the everyday lives of innumerable human communities. Hence the “taboo”.

Regarding some of the consequences provoked by a linguistic taboo, Viaro (2014) affirms that:

[...] the taboo can cause a drastic rupture in the history of a word, making etymological research nearly impossible. These changes depend only on an internal agreement, rarely documented, in the heart of the community of speakers. Once the original name has been forgotten throughout the generations, it is possible to imagine the difficulty the etymologist must face when surprised by the results of this phenomenon (VIARO, 2014, p. 294).

The same difficulty reported above for etymologists is also faced by many scholars of semantics and linguistics who study the linguistic taboo, since such a phenomenon often makes it impossible to reconstruct or simply know the etymological root of a word.

6 Final Considerations

This article addressed semantic aspects observed in the analysis of anthroponyms from the Parkatêjê language. Given the literature presented about the discussed phenomena and the data analysis, it was possible to forge considerations that demonstrate how onomastic and semantic aspects present properties related to cultural organization and the world views of the speakers of the Parkatêjê language.

Based on the observation of the data and in presumptions from Cognitive Linguistics and Cultural Linguistics, the Parkatêjê anthroponyms were divided, in accordance with Araújo and Ferreira (2001), into denotative and figurative. The anthroponyms considered denotative are those whose main meaning system is that of denotation, while the figurative anthroponyms are, in general, those considered to be metaphoric or metonymic. The meaning content of people's proper names refers to the personal characteristics of the individual who transmits the anthroponym. Another semantic phenomenon observed within the corpus of research and discussed in this study was that of the linguistic taboo, in which the analyzed case was classified based on the literature on the theme, such as the taboo of decency.

This study reaffirms that the Parkatêjê onomastic system, with all of its linguistic and cultural wealth, codifies values and principles that guide and identify the ways of life and the traditional knowledge of this people, as well as the properties related to the social organization and world view of Parkatêjê speakers.

Linguistic/Cultural investigations of languages like the Parkatêjê, which faces a serious risk of disappearing, are of utmost importance for the preservation and recovery of all of the cultural and scientific richness that the languages carry with them, since, as Seki (2007, p. 17) claims: "the loss of a language implies the loss of a culture and of a knowledge of a world to which it is directly linked."

The documentation of cultural knowledge and traditions, such as those contained and involved in the Parkatêjê onomastic system, also strengthen the identity question of a minority population. This refers to the safeguarding of an intangible heritage contained in the knowledge and memory of the Parkatêjê people.

Acknowledgements

We would like to thank the Parkatêjê Indigenous Community for their kind embracement during these years of study, especially to Chief *Krôhokrenhũm* (*in memoriam*), for his example of generosity, wisdom, and leadership that he left to all those who had the honor of living with and learning from him. We also wish to thank CNPq for their Research Productivity Grant awarded to our advisor and to CAPES for their Masters Degree Grant.

References

ARAÚJO, L.; FERREIRA, M. *Nomes de pessoa em Parkatêjê*. Uberlândia: UFU, 2001. 10p. Available at: <<http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/folheto48/FO-CX-48-3078-2003.PDF>>. Retrieved on: 17 fev. 2017.

ARNAUD, E. A terminologia de parentesco dos índios Gaviões de Oeste (Parkateyê): Tocantins, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 20, p. 1-35, 1964.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDOV, A. N. (Org.). *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p.13-22.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.

CARNEIRO DA CUNHA, M. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Revista Domínios da Linguagem*, Uberlândia, Ano 1, n. 1, p. 1-18. 2007. Available at: <www.seer.ufu.br>. Retrieved on: 29 de jan. 2017.

COELHO DE SOUZA, M. *O traço e o círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos*. 2002. 668 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

DICK, M. V. P. A. A Investigação Linguística na Onomástica Brasileira. In: GÄRTNER, Ebehard (Ed.). *Estudos de Gramática Portuguesa III*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. v. III, p. 217-240.

DICK, M. V. P. A. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicológica, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 79-90.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ECKERT, K. Os sobrenomes dos alunos do IFRS campus Bento Gonçalves: um estudo onomástico. *Revista Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 46-66, 2016. Disponível em <www.seer.ufu.br>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FERRAREZI JR., C. *Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FERRAREZI JR., C. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. *Revista Linha D'água*, São Paulo, n. 25, p. 67-82, 2012. Available at: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37368>> Retrieved on: 29 jun. 2016.

FERRAREZI JR., C. Semântica cultural. In: FERRAREZI JR. C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 71-87.

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

JÕPAIPARE, T. K. *Me ikwýtejkê ri: isto pertence ao meu povo*. 1. ed. Marabá, PA: Gknoronha, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago; London: The University of Chicago, 1980.

LENZ, P. Semântica cognitiva. In: FERRAREZI JR. C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-55.

LINHARES, A. J. P. *Tendências da Antroponímia Brasileira recente: um estudo da cidade de Belém*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

LOPES, T. T. C. *Aspectos morfológicos de termos de parentesco em Parkatêjê*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MARCATO, C. *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino, 2009.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SEABRA, M. C. T. C. de. Referência e onomástica. In: *Múltiplas perspectivas em linguística: In: SIMPÓSIO NACIONAL E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA (SILEL), XI, 2006, Uberlândia. Anais...* Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960. Available at: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf>. Retrieved on: 1 out. 2014.

SEKI, L. Apresentação. In: PAULA, A. S. de. *A língua dos índios Yawanawá do Acre*. Maceió: EDDUFAL, 2007. p. 17.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

ZAMARIANO, M. Reflexões sobre a questão do nome próprio na toponímia. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê América Central e Caribe: múltiplos olhares*, Uberlândia, n. 45, p. 351-372, 2012.



Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of usage of Lithuanian and Brazilian masculine anthroponyms

Entre línguas e culturas: um estudo exploratório sobre os usos de antropônimos masculinos lituanos e brasileiros

Márcia Sipavicius Seide

Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Cascavel, Paraná/ Brasil
Marcia.Seide@unioeste.br

Lolita Petrulione

Šiauliai University, Šiauliai / Lituânia
lolitapetrulione@gmail.com

Abstract: The article aims at better understanding the usage of Lithuanian and Brazilian masculine first names by means of an exploratory comparative study based on statistical sources from national institutional websites of Lithuania and Brazil. Even though the two countries are rather different in terms of geography, number of population and official languages, there are some overlapping points along their history which suggest that the repertoire of names, particularly masculine ones, may have some similarities. The research results have confirmed the existence of equivalent names in both countries. These names are Christian names and their usage is influenced by Catholicism, a dominating religion in both countries. However, there is no evidence that names in different languages, that are equivalent in form and origin, should also have equivalent connotations.

Keywords: Onomastics; Anthroponomy; Comparative Anthroponomastics.

Resumo: Este artigo objetiva compreender melhor os usos de prenomes masculinos na Lituânia e no Brasil mediante um estudo exploratório comparativo baseado em dados estatísticos disponíveis em sites institucionais de cada país. Apesar das diferenças geográficas, populacionais, e linguísticas existentes, há pontos de contato ao longo

da História desses países o que sugere a possibilidade de haver alguma convergência nos repertórios de nomes de pessoas utilizados, especialmente no que tange os nomes masculinos. Os resultados da pesquisa confirmaram a existência de nomes equivalentes em ambos os países. São nomes cristãos cujo uso foi influenciado pelo Catolicismo, religião predominante nos dois países. Contudo, não há evidência de que nomes em línguas diferentes que se equivalem formalmente e do ponto de vista de sua origem, também apresentem conotações equivalentes.

Palavras-chave: Onomástica; Antroponímia; Antroponomástica Comparada.

Recebido em 18 de novembro de 2017

Aceito em 19 de fevereiro de 2018.

1 Introduction

The aim of this article is to better understand the usage of Lithuanian and Brazilian masculine names by means of an exploratory comparative study based on statistical sources from national institutional websites of Lithuania and Brazil. It is known that masculine anthroponymy tends to be more conservative, has a smaller repertoire of names, and is more related to traditional naming practices (LÓPEZ-FRANCO, 2011, p. 214). Due to these facts, masculine anthroponymy is a good starting point to initial comparative anthroponymic studies.

To avoid any confusion, the terms anthroponomastics, anthroponym and anthroponomy are being used as advised by the International Council of Onomastic Sciences:

anthroponomastics – branch of onomastics scholarly studying anthroponyms (authors note: Sometimes also called anthroponymy which is not recommended in this sense.)

anthroponym – proper name of a person or a group of persons

anthroponymy – the set of anthroponyms within a specific territory/region, language, period of time etc. (NOTE: Sometimes also used for a branch of onomastics scholarly studying anthroponyms which is not recommended.) (ICOS, s/d).

In Linguistics, a comparative point of view allows to obtain results not only about the origin and development of languages, but also about their features that might be seen either as universal or as peculiar to each language and culture. In a similar manner, contrasting different social norms concerning people's first names can lead to a better comprehension of common and distinct features of names and their usage across languages and cultures.

The object of the study is first names which are assigned to the category of proper nouns. Proper nouns differ from common nouns in designating individual referents rather than generic ones. According to Lithuanian grammar

Proper nouns are names of individual phenomena singled out from a class. All proper nouns are written with an initial capital letter (...). Semantically proper nouns can be divided into two groups: those denoting living beings, and those denoting inanimate things (AMBRAZAS, 1997, p. 95).

The definition of proper nouns is very similar to the one found in Brazilian grammars (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 172) as this lexical class or linguistic word category exists in both languages. The same is true for personal proper names (anthroponyms) and their categorization in a rough way. Both Lithuanian and Brazilian official names consist of two major components, i.e. first name(s) or given name(s) and surname(s) or family name(s) which are recorded in the registry of natural persons. Unofficial names, such as nicknames and hypocoristics (affective abridged version of an anthroponym), are also common in both cultures.

This study focuses on the Lithuanian language, one of the two survivor Baltic languages, and Brazilian Portuguese, one of the Romance languages. The first is an inflectional language, while the second is analytic. Thus in the Portuguese language, syntactic function is mainly related to word order, and, in the Lithuanian language, it is shown by word declension. As distinct from Lithuanian, word endings carry information only about grammatical gender and number in Portuguese. The glosses below contain grammatical information about these languages which serves the purpose of this article:

- (1) Portuguese
Pedr-o
 Peter – M.SG
 ‘Peter ‘
- (2) Portuguese
O Pedr-o
 ART – DEF.M.SG – Peter – M.S.G.
 The Peter
 ‘Peter’
- (3) Lithuanian
Petr-as
 Peter – NOM.SG.
- (4) Portuguese
O Pedro me vê
 The Peter - SBJ me-OBJ 1 SG see – PRS.3SG.
 ‘Peter sees me’
- (5) Lithuanian
Petr-as mane mat-o
 Peter- NOM, SG. me – ACC.SG see - PRS.3SG.
 ‘Peter sees me’
- (6) Portuguese
Eu vej-o o Pedr-o
 I- SUBJ, 1SG see – PRS.1SG, the Peter - OBJ
 ‘I see Peter’
- (7) Lithuanian
Aš mat-au Petr-ą
 I – NOM.1SG. see - PRS.1SG Peter-ACC.M.SG.
 ‘I see Peter’

In Portuguese, the function of the noun is indicated by word order. If the noun is before the verb, it serves as the subject. If the noun follows the verb, it serves as the object. Thus *O Pedro*¹ in example (4) and *Eu* in example (6) are subjects, and *me* in example (4) and *o Pedro* in example (6) are objects. In Lithuanian equivalent sentences (5) and (7), this grammatical information is carried by the inflections *-as* and *-ą* on the proper name. While the inflection *-as* shows that the word is in the nominative singular masculine, the ending *-ą* is a feature of the accusative singular masculine. The nominative case is typically used for the subject of the verb as *Petras* in example (5), while the accusative case of the noun takes the syntactic function of the direct object as *Petra* in example (6).

In the Lithuanian language, the nominative singular form is initial. Consequently, all the proper names listed on the Lithuanian institutional website used as the data source are in the nominative singular. The most common endings of masculine nouns in the nominative singular are highlighted in bold in the following examples: *darbas* (work), *jaunimas* (youth), *lietuvis* (Lithuanian), *arklys* (horse), *lietus* (rain), *skaičius* (number) (AMBRAZAS, 1997, p. 99-100).

In the Portuguese language, masculine gender of the noun is expressed mainly by endings *-o* and *-ão*, e.g. *aluno* (student) and *pão*² (bread) with certain exceptions.³ (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 92).

¹ In literary texts or for an emphasis, it is usual to change word order in Brazilian Portuguese. In those cases a comma is needed to show the more common word order is not followed., e.g. *Maria, eu a vi ontem*, 'Mary I saw her yesterday'.

² This ending should not be confused with the ending *-ão* that came from Latin *-ionis* and indicates that a verb was derived from a verb as in the world *ação*, "action" which is a feminine noun.

³ There are cases in which one masculine or feminine noun indicates both masculine and feminine referents such as *borboleta*, fem. noun meaning "butterfly", *tigre*, masculine noun meaning "tiger", *criança*, fem. noun meaning *children*. In other cases just the article points if reference is done to a male or female person. For example, the word *estudante* that means student. If there is a fem. article before the noun, reference is made to a woman: *a estudante*. On the contrary, if there is a masc. article, reference is made to a man: *o estudante*. There are also a few masculine words that ends in "a" as in *poema*, "poem" and some masculine nouns that ends in "i" as in *jabuti*, a Brazilian kind of turtle.

Generally speaking, nouns which entered the languages by means of lexical borrowing and which share the same etymological stem and meaning differ only by their masculine endings: *bankas* – *banco* (bank), *euras* – *euro* (euro), *telefonas* – *telephone* (telephone), *klubas* – *clube* (club).

Besides the existence of the shared lexicon, there are also some overlapping points between these countries from a historical perspective. The first point is related to the influence of the Jesuits in both countries. In 1549, the first Jesuits arrived to Brazil under the leadership of Manuel da Nobrega. Jesuit missions had an abrupt end in 1759 when the law obliging them to leave the country was adopted. This period had two phases: the 16th century was known for the adaptation, conversion and catechizing of indigenous people to Catholicism and Portuguese culture, while the 17th and 18th centuries were the era of consolidation of the education system that had started to be implemented during the previous phase (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008). Meanwhile, the Jesuits arrived in Lithuania in 1569 and for over two hundred years promoted their education by establishing schools, colleges, seminaries and a university until the Society of Jesus was suppressed in 1773. As informed by Bumblauskas,

The appearance of the Society of Jesus in Lithuania in 1569 may be deemed the symbolic beginning of this Baroque Age. The Jesuits brought with them a renewed Catholicism to Lithuania. With the help of the state, they were able to raise the level of secondary education in the country significantly by establishing a network of colleges, at the pinnacle of which was Vilnius University (founded in 1579) (BUMBLAUSKAS, 2015, p. 74).

The next overlapping point between the two countries is migration of Lithuanians to Brazil which took place in two waves. After World War I, emigration was influenced by social and economic factors. The majority of Lithuanians fled to Brazil in the years 1926-1930. The second wave started in 1940, with the beginning of World War II, when Lithuania was annexed by the Soviet Union and people were forced to leave the country as Displaced Persons (KASPERAVIČIUTĖ, 2010; ZEN, 2012).

However, from 1940 to 1990 Brazil and Lithuania took different routes. The former was under the right wing politics of Getúlio Vargas from 1930 to 1945 and under a military coup from 1964 to 1985. In

the meantime, Lithuania was occupied by the Soviet Union until the restoration of Lithuania's independence in 1990.

Differently from Brazil, where there was no religious persecution, in Lithuania,

the increase of atheistic propaganda in the post-Stalin years played a significant role in the growing interest in alternative religiosity and non-Christian forms of spirituality. From the late 1950s onwards, the Communist Party started to promote so-called "new traditions", customs and rituals with pre-Christian roots, combining traditional elements with new Soviet inventions. Thus the midsummer solstice festival, the harvest celebration, and traditional village wedding rites were revived in the late 1950s, while their Christian forms became prohibited. At approximately the same time, alternatives for other Christian holidays were introduced. Thus, the spring feast (pavasario šventė) replaced Easter, new year (naujieji metai) appeared instead of Christmas, and the winter farewell (žiemos išvaymo šventė) was celebrated instead of the traditional carnival (užgavėnės). Scheduled for the same days as the Christian holidays, these new holidays were supposed to distract the population from the Church. (RUDLING, 2017, p. 90).

On the one hand, Jesuit tradition and predominance of Catholicism in both countries can be viewed as the common background, on the other hand, different economic, social and cultural policies, mainly during the second half of the 20th century, suggest that cultural backgrounds in both countries are rather different. In addition, the accession of Lithuania to the European Union in 2004 could induce other changes in Lithuanian society which could be either convergent or divergent to the changes in Brazilian society at the same period.

Having in mind this cultural and historical context, the comparative exploratory study on masculine anthroponymy is based on two corpora, both of which have been created from the data available on two national institutional websites of Lithuania and Brazil. It is believed that results obtained from the corpora can be generalized on the assumption that they represent the main features of usage of masculine anthroponyms in each of the two countries.

The comparative analysis has been made in just one direction, as the Lithuanian corpus was compared to the Brazilian one. This

study attempts to investigate if the corpora of the most popular names in Lithuania and Brazil have shared features that can be correlated to common historical and cultural backgrounds, and, on the contrary, if distinct features might be related to different cultural and historical backgrounds in addition to usage of first names which are specific only to one particular country.

To achieve this purpose some research questions have been formulated to establish common and distinct features in anthroponymy of the countries. What are the most popular masculine first names in Lithuania and Brazil? How many of them are the same or equivalent? How many are different? Are the most popular Lithuanian names having equivalents in Portuguese used in a similar way as their Brazilian counterparts? Do they share the same categorization from a semantic point of view? Are there any other linguistic features that are specific only to the Lithuanian corpus?

The research presented in this paper was developed to answer these questions. The paper is organized in the following way. First, there is a section of Literature Review that summarizes recent research in the field of Comparative Anthroponomastics and highlights contributions of some studies to this research. Secondly, there is a section describing theoretical background of the research with a special emphasis on usage of anthroponyms. Then, there is a section that describes the methodological procedures applied to generate and analyse the data collected from institutional websites of each country (LITHUANIA, 2014; BRAZIL, 2010). The results obtained are described and analyzed in three other sections. In the last section, there is a tentative interpretation of the results made on the basis of historical and cultural information collected and processed in the course of the research.

2 Literature Review

The research presented in this paper is of a comparative nature, i.e. it aims to study the same issue in two different cultural contexts: the most popular masculine first names in Lithuania and Brazil. There are very few studies in this particular field of research. In the review of papers (SEIDE, 2016), 33 papers published in the proceedings of the 24th International Congress of Onomastic Sciences (ICOS, 2014) have been analyzed, including four articles which are related to this type of

investigation: Mutsukawa (2014), Gudurić (2014), Ruiz (2014) and López-Franco (2014).

Gudurić presents a study about how French first names are adapted to the Serbian language morphologically and phonetically in translation practices. Mutsukawa describes and compares phonological and semantic features of masculine and feminine first names in two languages: English and Japanese. The aim is to understand how each language shows whether a personal name is female or male. This study has been motivated by the pedagogical purpose of teaching English to Japanese students and the Japanese language to native speakers of English. (MUTSUKAWA, 2014).

Dealing with semantics of anthroponyms, Ruiz investigates how first names are related to the semantic field of happiness, good luck and abundance. The study involves four different languages: náhuatl, omaya and purépecha (indigenous Mexican language), Greek, Latin and Hebrew and it is based on the etymological analysis. (RUIZ, 2014).

Different research has been carried out by López-Franco. The researcher presents a comparative study of the most frequent first names in two cities: Montpellier in France and Tlalnepantla de Baz in Mexico. The research is conducted on the basis of samples of birth certificates of citizens who were born in 1970 and 1975 in each place. The comparative study focuses on the number of constituents of first names in each corpus.

In the proceedings published two years after the 24th ICOS of 2014, only two papers are related to Comparative Anthroponomastics: Shokhenmaye (2016) and Walkowiak (2016). The first paper is dedicated to the analysis of the one hundred most frequent surnames in four countries: Germany, Russia, France and Britain. The surnames have been analysed both qualitatively and quantitatively. The qualitative analysis is based on the core meaning of the surnames, while the second shows which surnames are more common in those countries. The research results have shown relevant differences in the origins, meaning and development of the names in these countries. The second paper present a discussion about linguistic policies related to polish surnames at Lithuania and how they are translated to Lithuanian language, shows differences between the rules postulated but the linguistic policy and the forms really used

In order to find out if there are any studies on Comparative Anthroponomastics in Brazil, an internet search was conducted on the 9th April 2016 on Google Scholar, and it covered the period from

2011 to 2016. The keyword *anthroponyms* was used to select papers in Portuguese. The analysis of the first twenty pages of results showed that none of the articles was in this field of study. A similar electronic search was done regarding the Lithuanian part of the research on the 14th September 2017, and similar results were obtained. It follows that there is a lack of anthroponymic comparative research in both countries.

However, the lack of a comparative aspect in the relevant field does not mean that research into anthroponomastics or anthroponyms is neglected at all. The pioneer of Lithuanian anthroponomastics was Būga who “investigated a large number of old two-stem personal names and established the authentic forms of Lithuanian dukes’ names which have reached us only in non-Lithuanian written documents” (ZINKEVIČIUS, 1979, p. 93).

As for research into proper names during the recent decades, there are many papers of Lithuanian authors presenting descriptive and/or prescriptive studies. There are some articles which explain how foreign personal names are/should be translated/rendered into the Lithuanian language (JUŽELĖNIENĖ *et al.*, 2016; BUTKUVIENĖ, PETRULIONĖ; 2010), including the one published in the ICOS proceedings of 2014 where translation of Latvian fictional names in a fairytale were described (KVAŠYTĖ, 2014). There are also articles which address nicknames: a dialectology and etymological study of nicknames collected on geolinguistic expedition to two Lithuanian counties (MICKIENĖ; BARANAUSKIENĖ, 2012) and usage of nicknames in Lithuania (BUTKUS, 1999). It is also worth to mention a study which deals with the issues of language planning and naming in Lithuania with the particular focus on the use and standardisation of personal names (RAMONIENĖ, 2009).

Among the scarce papers on the topic under analysis, three of them contributed to the design of this comparative exploratory study: López-Franco (2014), Shokhenmayer (2016), and Walkowiak (2016). Two corpora have been compared like in the research by López-Franco (2014), statistics curves have been compared to show similarities and differences between the most popular names of Lithuanians and Brazilians similarly to Shokhenmayer’s (2016) analysis, and the data have been analyzed in a sociological context, i.e. taking into consideration social, cultural and historical backgrounds following Walkowiak’s (2016) ideas. After this brief literature review, the following sections describe theoretical foundations and methodological procedures used in the research.

3 Theoretical background

This article focuses on the first name of official anthroponyms. Differently from other anthroponyms, except for surnames, first names have a core meaning which correlates to their etymological meaning. In case a proper name originates from a common noun, the core meaning of the latter correlates to the core meaning of the proper name. From the point of view of name-givers and name-bearers, there can be a great variety of perceptions and attitudes towards first names. Some name-givers select the name due to its etymology, while others choose the name for other reasons, not knowing or being interested in its etymology. Name-bearers can also be aware of or ignore the etymology of his or her name.

Like other proper names, as Dick (1992) argues, anthroponym is an onomastic sign that shares some properties with toponyms. Both are motivated as they are conscientiously chosen by name-givers for some reason. Common nouns, on the contrary, are not motivated (except for neologisms) since they pre-exist language users. Proper names are culturally depended in two senses – their choice reflects values of the language community where the name is chosen, and they are in accordance with how the community conceptualizes the world.

From this point of view, if two language communities have a common cultural and/or historical background, there are more chances to observe an overlapping anthroponymic field. This is particularly the case when names share the same etymology or have cognates in both languages. An evident example of this phenomenon is the quantity of first names sharing a Christian core meaning in Romance and other Indo-European languages; for example, the name *Paul* has equivalent names in many languages, including *Pavlos* (Greek), *Pau* and *Pol* (Catalan), *Paolo* (Italian), *Pablo* (Spanish), *Pauls* (Latvian), *Paulius* (Lithuanian) and *Paulo* (Portuguese).

These resemblances point to the interaction between proper names as a part of language and society. Van Langendonk claims that such a relation is paradoxical. On the one hand, proper nouns have a marginal position in the linguistic system as they do not render functional distinction as common nouns do. On the other hand, due to their position, “the impact of social clustering on the name system has been known to be more considerable. This impact seems to be a sensitive barometer

for the measurement of social development” (LANGENDONK, 2007, p. 307). In other words, proper nouns have a socio-onomastic value. In the specific case of anthroponym, the socio-onomastic value

also lies in the fact that onomasticon is constantly renewed: new names originate with new individuals. Hence much more than the appellative lexicon and system, the personal name inventories and structures can and do reflect new developments in society fairly quickly (...) (LANGENDONK, 2007, p. 308).

As far as antroponymic usage is concerned, the distinction among the language, norm and system proposed by Coseriu (1987) seems to be useful, although it is not clear whether the proper noun has distinctive functional proprieties. As Obrocea explains, the “system appears as a system of possibilities, of freedoms, requiring only conformity with the functional conditions of the linguistic instrument, while the norm represents a system of obligatory and traditional actualization” (OBROCEA, 2016, p. 91). Nevertheless, “the speakers perform speech acts according to previous models <<which they include and exceed>>” (COSERIU, 1993, p. 59; OBROCEA, 2016, p. 91). In this context, as speech acts can go further than the norm, linguistic change “can be defined as rebellion against norm, allowed by the system” (COSERIU, 1993, p. 59; OBROCEA, 2016, p. 91).

One important feature of the proper noun is that this class is univocal in the sense that proper nouns are used to indicate a unique individual. As far as a proper name of a person is concerned, in most societies, parents choose a name for their child consciously. This process of name giving takes place on the speech level described by Coseriu. However, it is not only an individual isolated act, it is also a pattern of social behaviour which is related to the norm level. Moreover, when a “new” anthroponym is chosen by parents, it changes the norm level which corresponds to the collective usage of a community.

In the linguistic system and culture of the name-giver, there is a repertoire of names from which a name can be selected. However, this repertoire is not a closed system, but an open one, as at any time a new name can be added, while some other names can fall in disuse. It can be claimed that on a very abstract level, the total amount of existing first names in a language corresponds to its anthroponymic system. On a more concrete and pragmatic level, for a certain period of time, there is

a smaller repertoire of names corresponding to the collective usage of this community. This collective usage is dynamic in two senses. First, new names and unused names periodically change the stock of names; secondly, changing values and beliefs of the society can also influence parents' choice of names. In addition, depending on traditional or innovative tendencies of the community, the stock of names can change in a more quick or slow way.

It has to be considered that the collective usage is a variable phenomenon which depends on the limits, nature and tendencies of a given community. It is also important to emphasize that there can be many usages existing in one single system. It is the case of Brazilian Portuguese where in addition to the national norm, regional norms also exist.

The norm, in its essence, is a system of forced realizations, social and cultural impositions, and it varies depending on the community. Within the same national linguistic community and within the same functional system it is possible to prove that there are several distinct norms (familiar language, popular language, literary language, erudite language, vulgar language, etc.), especially when vocabulary is concerned. (COSERIU, 1987, p. 74-75)⁴

On the basis of the notion of collective usage (or norm in Coseriu's terminology), the research presented in this paper aims to compare two anthroponymic collective usages, specifically Lithuanian and Brazilian. It is assumed that each culture has a repertoire of anthroponyms at parents' disposal for a given period of time. In each locality, a name can be either selected from this stock or not (if the name is not part of it yet). While the first choice signals traditional behaviour, the second evidences the wish to choose a different, new and unique name for a child.

To discover if and how Lithuanian usage resembles Brazilian, two corpora of names have been compared. Characteristics of each corpus and methodological procedures used in the research are described in the following section.

⁴ A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade. Dentro da mesma comunidade lingüística nacional e dentro do mesmo sistema funcional é possível comprovar várias normas (linguagem familiar, linguagem popular, língua literária, linguagem erudita, linguagem vulgar, etc.), distintas, sobretudo, no que concerne ao vocabulário. (COSERIU, 1987, p.74-75).

4 Methodological procedures

To find out what the most popular names in each country are, the data available on two national institutional websites has been collected: *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)* – Brazilian Institute of Geography and Statistics (BRAZIL, 2010) and *Valstybinė lietuvių kalbos komisija (VLKK)* – State Commission of the Lithuanian Language. On *IBGE* website, the data is obtained from the list of the most popular names in Brazil according to *IBGE* census of 2010 published in *Nomes IBGE 2010 – IBGE Names 2010* site. On *VLKK* website, the data is obtained from the list of the most popular Lithuanian names available on the site *Asmenvardžiai – Personal names* (the corresponding sites are cited on the footnotes seven and eight).

Differences in the data required the application of extra procedures aiming to render them comparable. On the Brazilian website, there are lists of the most popular names by decade (from 1930 to 2000 or 8 decades in total) according to a calculation made on the basis of a statistic filter (names which have less than 20 occurrences for a decade of birth are not shown). On the Lithuanian website, there are lists of the most popular first names by two semesters of each year based on all the certificates of birth entered to Residents' Register. In total, there were 20 lists of names covering the period from 2006 to 2017.⁵

To make the data comparable, Lithuanian names mentioned in these lists have been summed up thus assembling a list of the most popular names of the decade. This list constitutes the Lithuanian Corpus (LC). Since there are 17 names in LC, the Brazilian Corpus (BL) has been made by including only the 17 most popular names provided in *IBGE*.⁶ Since there are no complete static curves available for the years 2000 in *IBGE*, the 1990s have been chosen, because this is the nearest decade represented by complete static curves.

To verify if the names in the corpora are equivalent or not, two criteria have been used: the form and the origin of the name. The linguistic analysis of the nominal forms has been made according to features of each language, while the analysis of the origin of the names has been made based

⁵ The lists of names can be found on the following link <<http://www.vlkk.lt/aktualiausios-temos/asmenvardziai#pop-var-dai>>.

⁶ More information on how *IBGE* corpus was build can be found at at the following link <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/nota.tecnica.pdf>>.

on two sources: Brazilian etymological dictionary of names and surnames (GUÉRIOS, 1981), and *Lietuvių vardų kilmės žodynas* – Dictionary of the origin of Lithuanian names (KUZAVINIS; SAVUKYNAS, 2003). In the cases of divergent information or lack of information, the following online sources have been used: the website *Behind the Name* created by Mike Campbell in 1996 (CAMPBELL, s.d.), and Lithuanian subsite of VLKK *Vardai* – Names developed in 2006-2015 by Daiva Sinkevičiūtė's research group from Vilnius University, Lithuania.

The semantic analysis of the lists of the most popular names has considered the core meaning of the names using information available in the four sources mentioned above. The names have been classified into three categories: Christian names, non-Christian names and others. Then the data has been calculated in percentage in each corpus, and, finally, the percentages have been compared.

To check if usage of the most popular Lithuanian names having equivalents in Portuguese has any resemblance with static curves reflecting usage of these names in Brazil, the data available on each website has been compared. This part of research considers 8 decades (from 1930 to 2000) since this data is available on both websites. The following parameters have been considered: peak year, duration of the peak, if and when the name stopped to be used, and if it started to be used after some decades. Further linguistic analysis was conducted to cover usage of hypocoristical names as official first names in Lithuanian corpus. Finally, in the conclusions section, a tentative contextual analysis of the results is presented, which is based on historical and cultural information provided in the introduction of this paper.

5 The top 17 masculine first names in LC and LB

Application of the procedures described in the previous section has resulted in two lists of the top 17 names. As can be seen in Table 1, there are four names which can be considered as equivalent if only their form is taken into account. In the LC column, the number of citations during the period under analysis (from the second semester of 2006 to the first semester of 2017) is given in parenthesis; for example, the name *Kajus* was mentioned seven times as one of the most popular names during the period, but it was less popular than *Dominykas*, which was cited 10 times in LC. In the *IBGE* sample, the names are presented in the order of occurrences.

TABLE 1 – Top 17 masculine first names

Lithuanian Corpus (LC)	Brazilian Corpus (BC)
1.Matas (15)	1.João
1.Nojus (15)	2.Gabriel
2.Dominykas (10)	3.Lucas
2.Jokūbas (10)	4.Pedro
3.Lukas (09)	5.Mateus
4.Kajus (07)	6.José
5.Dovydas (06)	7.Gustavo
5.Emilis (06)	8.Guilherme
5.Benas(06)	9.Carlos
5.Jonas (05)	10.Vitor
6.Danielius (03)	11.Felipe
6.Domas (03)	12.Marcos
7.Domantas (02)	13.Rafael
7.Gabrielius (02)	14.Luiz
8.Adomas (01)	15.Daniel
8.Augustas (01)	16.Eduardo
8.Joris (01)	17.Matheus

As mentioned previously, there are four names closely resembling in form: *Lukas*, *Matas*, *Danielius* and *Gabrielius*, which are the equivalents of *Lucas*, *Mateus* (and its spelling variant *Matheus*), *Daniel* and *Gabriel*. In addition, they share the same origins, confirming that they are the same names in different languages, that is, they are cognates. While *Lukas* and *Lucas* are of Latin origin (GUÉRIOS, 1981, p.165, KUZAVINIS; SAVUKYNAS, 2003, p. 222,), the other names originated from Hebrew (GUÉRIOS, 1981, p. 173, p. 100, p. 127; KUZAVINIS; SAVUKYNAS, 2003, p. 244, p. 89, p. 134).

Some of the popular names in LC also have counterparts in the Portuguese language, although with differences in current popularity and

usage. The names *Nojus*, *Jokūbas*, *Dovydas* and *Adomas* are of Hebrew origin as well as their equivalents in Portuguese *Noé*, *Jacó*, *Davi* and *Adão*. (GUÉRIOS, 1981, p. 87, p. 149, p. 100, p. 47; KUZAVINIS; SAVUKYNAS, 2003, p. 252, p. 178, p. 105, p. 41). There are also Lithuanian names of Latin origin, such as *Dominykas*, *Augustas*, *Emilis* and *Kajus* having their counterparts *Domingo*, *Augusto*, *Emílio* and *Caio* in Portuguese. (GUÉRIOS, 1981, p. 104, p. 65, p. 110, p. 81; KUZAVINIS; SAVUKYNAS, 2003, p. 103, p. 64, p. 124, p. 187).

As for the name *Joris*, it hardly has an equivalent in Portuguese. The *Dictionary of the Origin of Lithuanian Names* explains that it originated from the name of the God of Spring Greenness of the old Lithuanians (KUZAVINIS; SAVUKYNAS, 2003, p. 179). On the subsite *Vardai*, two etymologies are provided: (1) an appellative personal name of Baltic origin, a mythological name, and (2) a shortened version of a Baltic name. However, in the *Behind the name* website, the name is explained as a Dutch and Frisian form of *George*. Despite the latter assumption, this particular name could not be classified either as equivalent or as non-equivalent to the Portuguese name *Joris* that was registered in the *IBGE* database in the 1960s and 1970s.

The other masculine names, *Benas*, *Domantas* and *Domas* (the latter name is of a hypocoristic nature coming from *Domantas*), have not been recorded either in GUÉRIOS (1981) nor in the *IBGE* database. In the *Dictionary of the Origin of Lithuanian Names* they are described as having Baltic origins (KUZAVINIS; SAVUKYNAS, 2003, p. 73, p. 102, p. 102). These can be considered as names specific only to Lithuanians. The use of hypocoristics *Domas* and *Benas* as first names is relatively recent, as, according to the data retrieved from *VLKK* database, they both became popular only in the 1980s.

Summarizing the results obtained, it can be claimed that while just four names are shared among the most popular ones in each country, there are no equivalent names in the Portuguese language for only three Lithuanian names: *Domantas*, *Domas* and *Benas*. From the semantic point of view, regardless of being different names, almost all of them fall into the same category, since 74% of the BC names and more than 82.35% of the LC names are related to Christianity.

To verify if the names in the LT corpus are names that also exist in the Brazilian anthroponymical repertoire, and if the names have or had similar usage in terms of frequency, the usage of each item has been

taken into account considering the static curves of usage available on the *IBGE* and *VLKK* websites. The results are described and analysed in the following section.

6 Usage of shared first names in both countries

In an article about usage of first names in a corpus, Seide (in press) two tendencies in the way a name is used have been noted – traditional and fashionable. If a name is used in a traditional way, its usage is variable but continuous. It may fall into disuse for one or two decades, but it is always expected that the name will start to be used again by the following generations. On the contrary, if a name is used in a fashionable way, it stops to be used for a longer period time or, after entering a repertoire of names and gaining short-term popularity (from one to three decades), i.e. after one or more peaks of usage, the name stops to be used at all. Dynamic usage of names follows certain cycles of usage, in which some names have fashion peaks while others are used continuously in a traditional way; some were rarely used in the past, but regain their popularity after some time.

Having these possibilities in mind, the static curves available have been compared. It has been verified if each name is in use during the given period and how frequently it is used over time. The time period under consideration for the most popular names was 2006-2017 for LC and 1990-2000 for BL. However, all periods available on *IBGE* were checked to find out if the equivalent names were used in Brazil in the past. A curve on *IBGE* related to a name that was used earlier, was compared to a corresponding curve of LC.

The comparison of static curves reflecting usage of *Matas* and *Mateus* shows that they have similar design in terms of fashion – there is one peak for *Mateus* and two for *Matas*. At the beginning of the periods (2006 for *Matas* and 1990 for *Mateus*), the name was already popular and its usage had the highest peak in 2008 in Lithuania and in 2000 in Brazil. The variant form *Matheus* has the same statistic curve of usage as *Mateus*. *Gabrielius* and *Gabriel* also demonstrate similar statistical behaviour. In both corpora, at the beginning of the period, the name was continuously getting greater popularity during the period of twenty years in both corpora. While in LC it happened in 1992-2013, in BC it occurred between 1980 and 2000. Thus it is possible to state that these names are popular and fashionable in both countries.

Popularity of fashionable names *Lukas* and *Lucas* are of different duration. While the usage of *Lukas* was increasing from 1992 to 2005, the popularity of *Lucas* started to grow in 1980 with the peak from 1990 to 2000. So while popularity of *Lukas* continued for ten years, *Lucas*' popularity was twice longer. Thus it can be claimed that *Lucas* is more popular than *Lukas*.

Among these names, the most different curves are those related to *Danielius* and *Daniel*. In 1990, when *Daniel* was in the middle of an exceptional three decades peak, which started in 1980 and continued till 2000, the popularity of *Danielius* was just starting to increase. The first peak is observed in 1995 and the major one was reached in 1999. Since then usage of the name has been increasing in Lithuania. At the end of the period covered by *VLKK* statistics (2013), it reaches the highest usage rate. In this case, *Daniel* is more popular than *Danielius* and its usage in Brazil is also more traditional. Regardless of these differences, *IBGE* data of the previous decade shows that the name *Daniel* actually started to be used more between 1960 and 1970. According to the *VLKK* data, *Danielius* is scarcely used during the same period. The tendency was changed only in the year of 1995, and this is the evidence that the usage of *Danielius* is fashionable. In the following section, usage of other popular Lithuanian names that have equivalents in the Portuguese language is compared.

7 Popular names in Lithuania having equivalent names in Portuguese

In the LC, there are twelve names that have equivalent forms in Portuguese, but they are not represented in the BC, i.e. they were not among the 17 most popular names in 1990s. To compare usage of these names in Brazilian and Lithuanian databases, two procedures have been applied. First, on the *IBGE* website, each name was checked to find out when it was used more often and for how long. Then, each name was checked on the *VLKK* website for the same period, i.e. when the name was used more often in the *IBGE* database. The criterion applied to identify when a name was used most, was the change on the percentile to a higher one. On the contrary, when the name is on the lowest percentile of the graphic, the name was considered as rarely used.

TABLE 2 – Compative results of translatable names from the LC

LC	Portuguese equivalent	Most used dec(s) <i>IBGE</i>	Same dec.(s) <i>VLKK</i>
Adomas	Adão	1930-1990, the peak in 1950 and 1960	1930-1990 rarely used.
Augustas	Augusto	1930-2000, the peak in 1990 and 2000	1930-1995 rarely used.
Kajus	Caio	1990-2000, the peak in 2000	1990-1995 rarely used, the peak is in 2008
Dominykas	Domingos	1950-1960	1950-1991 rarely used.
Dovydas	Davi	1980-2000	1980-1984 rarely used
Emilis	Emílio	1930-1980	1930-1999 rarely used
Jonas	Jonas	1950-2000, the peak in 1990	The peaks in 1940 and 1960, rarely used after
Jokūbas	Jacó	1960-1990	1960-2001 rarely used
Nojus	Noé	1930-1990, the peaks in 1950 and 1960	Not registered till 1993

Source: Authors

The data presented in Table 2 shows a gradient of resemblance in usage that varies from total coincidence of usage to none. In the first case, there are the pairs *Augusto – Augustas* and *Caio – Kajus* whose usage coincides in 1990s both in Brazil and Lithuania, and *Dovydas* and *Davi* most used in 1980s. In the middle of the spectrum there is the name *Jonas*, which was used in both countries, but with very different peaks. In Lithuania, it was mostly used in the 1940s, 1950s and 1960s, while in Brazil there was a peak in the 1990s, when the name was already rarely used by Lithuanians. The majority of the names has very different usage, since names most used in Brazil in the first half of the 20th century were rare at that same time in Lithuania. Total discrepancy was found in the pair *Nojus – Noé*. It was used mainly in the 1950s and 1960s by Brazilians, while was not used at all until 1993 by Lithuanians.

8 Conclusions and final remarks

The discrepancies in usage of names in Lithuania and Brazil suggest that there might be different associations related to these names in each country. Certain names are often used by Lithuanian name-givers nowadays and, thereby, can be connected with young people; in Brazil, on the contrary, Brazilians can relate the same names to elderly people, because they were used decades ago but their popularity has recently decreased. It means that the existence of equivalent names does not guarantee that these names have equivalent connotations.

When popularity and periods of usage are not considered, there are more similarities between Lithuanian and Brazilian first names, as just three Lithuanian names (*Benas*, *Domas*, *Domantas*) have no counterparts in the Portuguese language. It means that there is a shared repertoire of names on the system level. Since this stock of names is made of Christian names, these results can be explained by the fact that Catholicism and Jesuit educational tradition are common cultural features of both countries.

When the period of usage is taken into account, Christian popular names of the last decade in Lithuania were rarely used fifty years ago, except for *Jonas*. In Brazil, on the contrary, most of them were popular in 1950s and 1960s. In Lithuania, the period when usage of Christian names decreased coincides with the soviet period, while their usage started increasing in the year of restoration of Lithuania's independence in 1990. The exception of *Jonas* confirms the general results of the research, as it was the unique name that was popular in Lithuania during the soviet period, while in Brazil it was used during the same period, but with the mayor peak just in 1990.

These results correlate with the soviet propaganda and elimination of religion from social and cultural life, which have never taken place in Brazil. This historical fact might have contributed to a greater differentiation between usage of anthroponyms during that period.

When Lithuania regained its independence, patterns of usage of equivalent names became more similar. This can be related to the fact that modernization and westernization of the post-soviet country induced extensive changes in the cultural sphere, including the ones characteristic of Brazilian culture. Despite the increased similarities in the choice of first names in both cultures, the Lithuanian repertoire of

names contains first names which are specific only to the Lithuanian culture: three out of the 17 most popular masculine names of the LC belong to this category of names. This phenomenon can be connected to the national revival movement which preceded as well as followed the restoration of Lithuania's independence.

Summing up the results obtained, it can be stated that usage of masculine first names in Lithuania has some common features with the usage in Brazil, especially in recent years. This exploratory study has helped to get a better understanding of whether and how usage of Lithuanian masculine anthroponyms can be compared to Brazilian ones. Even though the two countries are rather different in terms of geography, number of population and official languages, it is possible to make some correlations between the data and some historical events. However, in order to get more conclusive results, further research is required.

Many names shared by Lithuanians and Brazilians have a Christian core meaning, but there is no guarantee that parents have chosen these names having their religious connotation in mind. The current study has not aimed to find out if the choice of a name having a religious meaning has been inspired by religious motives. In order to learn it, the parents should be questioned first. The same is true for the names which are specific only to Lithuanians. It cannot be claimed that these choices have been solely motivated by nationalistic ideas. It was not possible to come to final and definite conclusions since the study was based on a documentary analysis. These research limitations suggest that a contextual analysis is required, so that the questions would be answered and explanations provided.

References

AMBRAZAS, V. (Ed.). *Lithuanian Grammar*. Lithuania: Institute of the Lithuanian Language, 1997.

BRAZIL. Nomes no Brasil. IBGE, Censo Demográfico 2010, 2010. Available from: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>. Access on: Sept. 28, 2017.

BUMBLAUSKAS, Alfredas. The grand duchy of Lithuania. In: _____. *The History of Lithuania*. 2nd. ed. Trans. S. Kondratas, R. Kondratas. Vilnius: Publishing House Eugrimas, 2015. p. 27-97.

BUTKUVIENĖ, K.; PETRULIONĖ, L. Rendering of Foreign Personal Names in Lithuanian Press. *Mokslas ir Edukaciniai Procesai*, Lithuania, v. 4, n. 13, p. 98-106, 2010.

BUTKUS, Alvydas. An Outline and Classification of Lithuanian Nicknames. *Names: A Journal of Onomastics*, Francis & Taylor Online, n. 47, v. 2, p. 125-138, 1999. Doi: 10.1179/nam.1999.47.2.125.

CAMPBELL, M. Behind the name. s/d. Available from: <<https://www.behindthename.com/>>. Access on: 17 Nov, 2017.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: _____. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Cinco estudos. 2. ed. Trans. A. D. Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSERIU, E. Sistem, normă, vorbire. Trans. C. Surdu. In: OANCEA, I. (Coord.), OCHIANĂ, F. (Ed.). *Din istoria ideilor lingvistice*. Timișoara: Tipografia Universității din Timișoara, 1993. v. I. *Spațiul romanic*, p. 53-66.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DICK, M. V. do A. *Toponímia e Anthroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.

GUDURIĆ, Snežana. Adaptation et transposition des noms propres du Français en Serbe. In: CONGRÉS INTERNACIONAL D'ICOS SOBRE CIÈNCIES ONOMÀSTIQUES, XXIV, 2011, Barcelona. *Actes: Els noms en la vida quotidiana...* Barcelona: Biblioteca Tècnica de Política Lingüística, 2014. Annex. Secció 3, p. 327-334.

GUÉRIOS, F. M. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1981.

ICOS. International Council of Onomastics. List of Key Onomastic Terms. Available from: <<https://icosweb.net/drupal/terminology>>. Access on: 26 Oct., 2017.

ICOS. Onomastic Terminology. s/d. Available from <<https://icosweb.net/drupal/terminology>>. Access on: 23 Apr. 2018.

ICOS. ACTES DEL XXIV CONGRÉS INTERNACIONAL D'ICOS SOBRE CIÈNCIES ONOMÀSTIQUES. Barcelona: Biblioteca Tècnica de Política Lingüística, 2014. Available from: <http://llengua.gencat.cat/ca/serveis/informacio_i_difusio/publicacions_en_linia/btpl_col/actes_icos>. Access on: 18 Nov., 2017.

JUZELËNIENË, S. *et.al.* The Translation of Proper Names from English to Lithuanian in “Steve Jobs” by W. Isaacson. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, Elsevier, n. 232, p. 800-805, 2016. Available from: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042816313416>>. Access on: 3 Aug., 2017.

KASPERAVIČIUTĖ, V. Lietuva Brazilijoje: Vizija ir realybė. *Darbai ir Dienos*, Kaunas, Lithuania, n. 53, p. 167-182, 2010.

KVAŠYTĖ, R. Fairy Tales about Flowers by Anna Sake: proper names in Their Latvian original and Lithuanian Translation. In: CONGRÉS INTERNACIONAL D'ICOS SOBRE CIÈNCIES ONOMÀSTIQUES, XXIV, 2011, Barcelona. *Actes: Els noms en la vida quotidiana...* Barcelona: Biblioteca Tècnica de Política Lingüística, 2014. Annex. Secció 9, p. 2265-2269.

KUZAVINIS, K.; SAVUKYNAS, B. *Lietuvių vardų kilmės žodynas*. Vilnius: Mokslo ir Enciklopedijų Leidybos Institutas, 2003.

LANGENDONCK, W. Van. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783110197853>

LITHUANIA. Projektą Vardai. s/d .Available from:<<http://vardai.vlkk.lt/>>. Access on: 20 Sept., 2017.

LÓPEZ-FRANCO, Y.G. Comparaison des prénoms attribués en 1970 et 1975 dans deux comunes romanophones: Tlalnepantla de Baz au Mexique, et Montpellier en France. Une approche sócio anthroponymique. In: CONGRÉS INTERNACIONAL D'ICOS SOBRE CIÈNCIES ONOMÀSTIQUES, XXIV, 2011, Barcelona. *Actes: Els noms en la vida quotidiana...* Barcelona: Biblioteca Tècnica de Política Lingüística, 2014. Annex. Secció 5, p. 821-832.

LÓPEZ-FRANCO, Y. G. *Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz*. Estudio lexicológico y sociolingüístico. D. F. Mexico: Plaza y Valdez, 2011.

MICKIENĖ, I.; BARANAUSKIENĖ, R. Onomastikos rezultatai geolingvistikoje: ekspedicijų patirtis. *Respectus Philologicus*, Kaunas, Lithuania, n. 21, v. 26, p. 208-215, 2012.

MUTSUKAWA, M. Phonological and Semantic Gender Differences in English and Japanese Given Names. In: CONGRÉS INTERNACIONAL D'ICOS SOBRE CIÈNCIES ONOMÀSTIQUES, XXIV, 2011, Barcelona. *Actes: Els noms en la vida quotidiana...* Barcelona: Biblioteca Tècnica de Política Lingüística, 2014. Annex. Secció 3, p. 370-377.

OBROCEAN, N. The concept of norm from the perspective of integral linguistics. *Professional Communication and Translation Studies*, Timișoara, Roménia, n. 9, p. 89-96, 2016. Available from: <https://sc.upt.ro/images/cwattachments/121_41eb9fc90e6354b78e8d154d4b4e0f4c.pdf>. Access on: 26 Oct, 2017.

RAMONIENĖ, M. Language Planning and Personal Naming in Lithuania. *Current Issues in Language Planning*, Taylor & Francis Online, v. 8, n. 3, p. 422-436, 2009. Doi: <http://dx.doi.org/10.2167/cilp121.0>

RUDLING, O. *The Cult of the Balts: Mythological Impulses and Neo-Pagan practices in the Touristic Clubs of the Lithuanian SSR of 1960s and 1970s. REGION: Regional Studies of Russia, Eastern Europe, and Central Asia*, Baltimore, USA, v. 6, n. 1, p. 87-108, 2017. Available from: <<https://muse.jhu.edu/article/662306>>. Access on: 03, Aug., 2017.

RUIZ, Blanca Estela. De afectos y costumbres, el acto de nombrar. La risa y la alegría que habitan en los nombres de persona. In: CONGRÉS INTERNACIONAL D'ICOS SOBRE CIÈNCIES ONOMÀSTIQUES, XXIV, 2011, Barcelona. *Actes: Els noms en la vida quotidiana...* Barcelona: Biblioteca Tècnica de Política Lingüística, 2014. Annex. Secció 5, p. 884-890.

SEIDE, M. S. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 10, n.3, p. 1146-1171, 2016. Doi: <http://dx.doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-19>

SEIDE, M. S. Moda e tradição em antroponímia. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. *As Ciências do Léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS. v. VIII. In press.

SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. S. B. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. *Educar*, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602008000100011>

SHOKHENMAYER, E. Comparative Study of the 100 Most Frequent Russian, French, German and British Surnames. Names and Their Environment. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ONOMASTIC SCIENCES, 25th, 2014, Glasgow. *Proceedings...* Glasgow: University of Glasgow, 2016. v. 3: Anthroponomastics, p. 221-232. Available from: <http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v3_221.pdf>. Access on: 17 Nov., 2017.

VLKK - Valstybinė Lietuvių Kalbos Komisija – State Commission of the Lithuanian Language. 2018. Available from: <<http://www.vlkk.lt/>>. Access on: 23 Apr. 2018.

WALKOWIAK, J. B. Names and Their Environment. Lithuanisation of Personal Names of the Polish Minority in Lithuania. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ONOMASTIC SCIENCES, 25th, 2014, Glasgow. *Proceedings...* Glasgow: University of Glasgow, 2016. v. 4: Anthroponomastics, p. 221-232. Available from: <http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v4_313.pdf>. Access on: 17 Nov., 2017.

ZEN, E. R. Godilauskas. *Identidade em conflito*. Os imigrantes lituanos na Argentina, Brasil e Uruguai (1920-1950). 2012. 184 f. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2012.

ZINKEVIČIUS, Z. Kazimieras Buga. *Baltistica*, Vilnius, v. XV, n.2, p. 91-94, 1979.



A alcunha *galego* no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS

Galego as a nickname in the Portuguese of Santa Catarina: Findings from ALERS

Fernando Hélio Tavares de Barros

Universidade Christian-Albrechts de Kiel (CAU), Kiel, Schleswig-Holstein / Alemanha
fernando.helio@ufrgs.br

Lucas Löff Machado

Universidade Católica de Eichstätt e Ingolstadt (KU), Eichstätt, Baviera / Alemanha
lucas_loff@hotmail.com

Grasiela Veloso dos Santos Heidmann

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT / Brasil
grasinhavs@hotmail.com

Neusa Inês Philippsen

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT, Campus Sinop), Sinop, MT / Brasil
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil
neinph@yahoo.com.br

Resumo: É conhecida a figura dos *galegos* no folclore luso-brasileiro. A língua através de suas diversas expressões reflete a Galícia e seus habitantes na memória coletiva dos luso-brasileiros, mesmo que de maneira opaca. O objetivo deste estudo é descrever o uso da alcunha *galego* no português falado no Estado de Santa Catarina - SC, no sul do Brasil. As perspectivas da onomástica e da geolinguística delineiam as bases teóricas dessa investigação. Por meio dos dados levantados e disponibilizados pelo *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS*, foi possível analisar a pergunta “pessoa que tem cabelos loiros e tez clara, dizemos que é?” (Questionário

3.3.3 - ALERS). O levantamento lexicográfico dessa forma lexical revelou inicialmente uma diversidade de conteúdos semânticos tanto na Península Ibérica quanto na România Nova. O uso de *galego* em SC permeia duas importantes áreas geográficas de assentamento luso: a primeira no litoral, conhecida como zona açoriano-catarinense, marcada pela influência da imigração açoriana e a segunda historicamente descrita como rota de passagem de tropeiros e de influência paulista. Encravadas entre essas duas áreas estão as regiões coloniais, majoritariamente, italianas, alemãs e eslavas, para onde o uso da forma *galego* foi difundido. A acepção “pessoa de cabelos loiros” foi a de maior frequência. A hipótese é que sua origem seja resultado das diferenças fisionômicas entre as regiões sul e norte de Portugal. A carga semântica também poderia ser reflexo da situação dos *galegos* da Galiza em *status* de minoria e diáspora em Portugal, considerando-se os seus traços físicos como motivação denominativa.

Palavras-chave: geolinguística; antroponímia; léxico; *galego*; Santa Catarina/Brasil.

Abstract: The figure of *galegos* (Galicians) is well known in the Luso-Brazilian folklore. The Portuguese language reflects, although at times opaquely, how Galicia and its inhabitants are collectively perceived by Brazilians. This study aims to describe the use of the nickname *galego* in the Portuguese spoken in the southern Brazilian state of Santa Catarina (SC). Onomastics and geolinguistics will provide the theoretical framework for it. *The Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil –ALERS* included the question “how do you call a pale-skinned person with blonde hair?” (question 3.3.3 - ALERS), whose answers will be here discussed. The lexicographical analysis of the term initially revealed semantic diversity, both in the Iberian Peninsula and in the Romania Nova. The use of *galego* in SC is spread across two important geographical areas of lusophone settlement: the first one is known as Azorian-Catarinense, in this coastal area immigrants from the Azores settled down leaving a deep influence; the second one has been historically under São Paulo’s influence, since it served as a pass route for cowboys. The use of the term *galego* was finally spread into the colonial regions (mostly of Italian, Slavonic and German origins), that developed between both regions. The term was mostly applied with the meaning “blonde-haired person”. Our hypothesis is that such meaning originated from the different physical features of the inhabitants of southern and northern Portugal. The semantic loan may also reflect the minority status of Galicians in Portugal, their physical aspect being what would have triggered such denomination.

Keywords: geolinguistics; anthroponymy; lexicon; *Galician*; Santa Catarina/Brazil.

Recebido em 6 de dezembro de 2017.

Aceito em 19 de fevereiro de 2018.

1 Introdução

Na pacata Barcelos (Portugal), um crime andou preocupando seus habitantes. Isso até um moço *galego*, um estranho no local, ser acusado e condenado à forca. Antes do enforcamento, o rapaz pede para ir à presença do juiz que o condenara. Chegando à casa do magistrado o pobre *galego* roga por sua inocência, conjurando que o galo que, naquele momento na panela a cozinhar, se levantaria e cantaria na hora de sua morte provando a injustiça a ser feita. O galo, em alguns instantes antes do adeus do jovem, sem hesitar, se pôs em pé e o seu estrondoso canto ensurdeceu as orelhas dos incrédulos. O juiz equivocadamente levantou-se e dirigiu-se ao local do ato para corrigir o seu erro. Por sorte, o *galego* havia se salvado por um nó mal dado na corda.

Como um dos contos folclóricos portugueses mais populares, o *galo de Barcelos*¹ é apenas uma das lendas em que a figura do *galego* é elemento na imaginação lusitana. O Brasil, como fruto da América portuguesa, herdou a presença dos *galegos* em sua expressão popular. Contudo, pouco ainda se conhece da figura do *galego* no imaginário luso-brasileiro. Com o propósito de contribuir para sua descrição etnográfica, apresentamos, como foco nesse artigo, dados inéditos do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* sobre o uso e o conhecimento da alcunha *galego* no repertório linguístico dos habitantes de Santa Catarina.

Iniciamos o texto com algumas noções sobre antroponímia e o estudo específico das alcunhas. Após, apresentamos a bibliografia existente sobre esse apelido popular, em particular, nos poucos registros em atlas linguísticos e dicionários consultados. Em seguida, nos atemos ao *corpus*, tanto quantitativo quanto qualitativo, que produziu a pergunta 19 – De pessoa que tem cabelos loiros e tez clara, dizemos que é – do *Questionário semântico-lexical específico (3.3.3) de Santa Catarina* aplicado pelo ALERS (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 53).

¹ A versão contada no texto é uma das existentes na literatura. Ela foi retirada do site oficial da municipalidade de Barcelos – Portugal. Disponível em: <<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/lenda-do-galo>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

2 Antroponímia e o estudo da alcunha

O termo antroponímia (antroponomástica) foi utilizado pelo filólogo lusitano José Leite de Vasconcelos, em 1887, na sua *Revista Lusitana*. Este ramo é uma subdivisão da Onomástica, ciência que se aplica ao estudo dos nomes, seja da toponímia, onímia, antroponímia e outros (KREMER, 2006, p. 720). Pela definição de Nunes e Kremer (1999, p. 5), os três tipos fundamentais de antropônimos constituem-se em prenomes, nomes de origem e os delexicais. Os prenomes relacionam-se ao primeiro nome, já os nomes de origem, ao segundo nome (sobrenome, cognome), este, por sua vez, é mais abrangente e, de certa forma, identifica o indivíduo na sociedade e constitui a base dos nomes de família. Por conseguinte, os nomes delexicais referem-se aos nomes tirados do léxico comum ou geral, nessa categoria estão as alcunhas ou apodos. Para Polanah (1986, p. 142), a alcunha também se classifica como um sobrenome, “visto que se sobrepõe ao nome pessoal”, tanto nome como sobrenome, “são duas fórmulas que servem para significar o indivíduo em dois momentos muito distintos da sua existência: o nome prognostica;² a alcunha diagnostica”.

No Brasil, o termo “apelido”³ é popularmente utilizado no lugar de “alcunha”. As alcunhas surgem por motivações externas, relacionadas às vivências das pessoas. Segundo Brito (1998, p. 846), “a alcunha, nome-outra forjado propositadamente para um indivíduo em concreto, inscreve-se num discurso de rigor, uma vez que o retrata fielmente aos olhos do grupo e o individualiza, cumprindo exemplarmente a sua função social”. Ainda, complementa que a alcunha é uma espécie de “batismo

² Carvalinhos (2007, p. 2) salienta que no começo dos tempos os nomes tinham uma expressão conotativa que era facilmente decodificável. Modernamente, os nomes não são mais utilizados como prognósticos, devido ao esvaziamento semântico que passaram ao longo do tempo. Na população brasileira é notadamente perceptível nomes inspirados, principalmente, por influências de meios de comunicação de massa (nomes de heróis telenovelisticos) e outros.

³ Ramos (1990, p. 23) aponta sinonímias dessa lexia: “anexim, alcunha, mau-nome, alcunho, cognome, apelido, nomeada, todas essas expressões se referem à mesma realidade concreta e palpável que povoa o universo linguístico e simbólico de milhares de locutores que se apoiam na palavra oral como instrumento privilegiado de comunicação”.

do povo”; o povo é, nesse caso, o criador e, de certa forma, tem para si o poder que legitima um apodo no seio do grupo social.

Para a autora, quando o epíteto é aprovado pelo grupo, significa que há um acolhimento que torna o indivíduo aceitável no seio deste. No entanto, contrariamente a esta, pensa-se que nem sempre isso se confirma, pois certas alcunhas originam-se, por exemplo, de situações constrangedoras e que forçosamente acabam sendo aceitas pelo alcunhado. Ainda, para a autora, os apodos são espécies de “bilhete de identidade” que tem no povo a atuação de “artistas da caricatura verbal”.

Ramos (1990), em estudo antroponímico do Alentejo, salienta que as designações fictícias são mais propensas e produtivas nas aldeias, “espaço privilegiado do alcunho” (RAMOS, 1990, p. 36), pois “encontram no meio rural o terreno ideal para se proliferar” (RAMOS, 1990, p. 24). Assim, pequenas comunidades, vilarejos ou cidades menos populosas, são espaços de maior proximidade entre as pessoas, diferentemente das metrópoles, em que o ritmo acelerado do cotidiano diminui as relações de vizinhança e, conseqüentemente, há menos relações pessoais, menos alcunhamento.

Leite de Vasconcelos, em sua obra *Antroponímia Portuguesa* (1928, p. 176-178), ressalta que muitos nomes podem originar-se de alcunhas, revelando o “espírito do vulgo” e as divide em três espécies principais: as de origem geográficas, étnicas e pessoais. Assim, o autor apresenta a seguinte divisão: as alcunhas alusivas ao homem (idade, fases da vida...), estados sociais, cargos, profissões, qualidades físicas e morais, alcunhas relacionadas a hábitos, vestuários, a ideias mágicas e religiosas, bem como geográficas. Nesse contexto, o autor cita uma série de nomes na cultura portuguesa, oriundos de alcunhas, tais como as de indicação de parentesco, como Sobrinho, Neto, Filho, Furtado (“filho a furto”, “filho ilegítimo”), entre outras. Isso mostra que a designação antroponímica tem forte relação com os contextos histórico-culturais da sociedade.

Semelhantemente a Leite de Vasconcelos (1928), Ramos (1990, p. 57) define uma divisão taxonômica das alcunhas e as classifica em quatro macroclasses: Físicas (Perna de Pau, Careca, Gordo...), Comportamentais (Comunista de Inverno, Mija-mansinho...), Referências Geográficas (Alemão, Galego, Aldiano...) e Profissionais (Sapateiro, Xico do Pincel, Sacristão...). Nesse exercício, agrega, ainda, as Astronômicas, Gastronômicas, Malcriadas, Ornitológicas, Políticas, Vinícolas e

Zoomórficas (RAMOS, 1990, p. 61-72). Essas divisões por espécies e de caráter taxonômico ajudam a compreender a origem das alcunhas, assim como seus aspectos linguístico e sociocultural.

Na mesma esteira, os nomes étnico-geográficos são pistas para se compreender a origem dos indivíduos e, conseqüentemente, a história de um povo. Em Nunes e Kremer (1999, p. 45) encontramos um exemplo de uso da alcunha *galego*, para referir-se primariamente a este como designativo de origem étnico-geográfico e que, secundariamente, obteve usos com extensão de significados, tal como o de um “homem muito trabalhador” (aspectos mais específicos sobre esta alcunha encontram-se mais adiante). Os autores citam também alcunhas como *polaco*, *japonês*, *alemão* e outras para conotar pessoas que condizem com características fenotípicas correspondentes à origem geográfica ou seus descendentes.

Desse modo, neste trabalho, descrevemos a motivação semântica da alcunha *galego* utilizada no Brasil, para designação mais comum de “pessoa branca e loira”, relacionando-a ao aspecto histórico-geográfico da origem dos *galegos* e portugueses, ligada às características fisionômicas/fenotípicas (os *galegos* são loiros) e também metafóricas (fatores extralinguísticos contextuais, no Brasil, favoreceram o uso e a disseminação).

3 *Galego* na literatura, nos registros geolinguísticos e lexicográficos

Galego, do latim *gallaecus* (CARDOSO, 1510-1569) / *gallaecu* (PENA *et al.*, 2005, p. 625), vem do corônimo *Callaecia/ Gallaecia*, este que denominava o território onde habitavam os *callaeci/ gallaeci* (CAÑADA, ca. 2003, p. 136).

Na Península Ibérica e na América Latina, *galego* é palavra utilizada para diversas denominações. Percorremos a lexicografia peninsular e latino-americana para situarmos sobre os diferentes empregos dessa lexia, que por vezes atributos neutros, por vezes de cargas negativa e depreciativa.⁴

⁴ Sobre o caráter depreciativo de *galego* na Literatura ver o estudo de Taboada (1955). Entre os aspectos salientados, o autor relaciona a emigração galega em massa para explicar a difamação desse povo nos territórios vizinhos e no além mar. Além disso, a desinformação e ignorância dos acusadores, e a forte presença dos judeus em certas regiões fronteiriças da Galiza.

3.1 Na lexicografia portuguesa

Segundo Leite de Vasconcelos, em Portugal, desde o século XIII, havia vários documentos de portugueses com o nome de família *Gallecus* ou *Galego*, “às vezes até especificado como alcunha” (LEITE DE VASCONCELOS, 1958, p. 30). Para o autor,

Hoje não é raro encontrar cá a alcunha de Galego, dada a indivíduos dessa estirpe: Fulano Galego, Cicrano Galego, filhos de Galegos (casos que conheço); do mesmo modo conheço numa das nossas cidades um comerciante com o apelido de Galiza. Daqui se mostra a existência constante de Galegos em Portugal, e quase não seria necessário mencionar mais testemunhos dela, por exemplo: Galegos na Inquisição de Lisboa, no séc. XVI; um Galego cortador, no séc. XVII. Os galegos, a par com outras profissões, como a de negociante, padeiro, etc., exercem muito as de aguadeiro⁵ e serviçal, nas cidades de Lisboa, Porto e outras. (...) Esta abundância de gentes da Galiza, que em Portugal traficam, mourejam, se casam e procriam, deu motivo a que o nome de <<Galego>> apareça a cada passo na toponímia (LEITE DE VASCONCELOS, 1958, p. 30-31).

Em Portugal, como em muitos lugares do Brasil, alguns frutos, legumes, cereais e produtos manufaturados são e foram conhecidos por sua suposta relação ou origem galega. Eis os casos do *limão-galego* (SARAMAGO *et al.*,⁶ 2012, carta 517), da *couve-galega*⁷ (SARAMAGO *et al.*, 2012, carta 539), do *feijão galego* (ACL⁸ – CASTELEIRO, 2001, p. 1855), da *ginja galega* (BLUTEAU, 1712-1728), da *azeitona galega* (nas Beiras – BARROS, 2010, p. 212), da *linhaça galega* (BLUTEAU, 1712-1728), do *marmelo galego* (BLUTEAU, 1712-1728), de um tipo de trigo arruivado, o *trigo galego*⁹ (EÇÃ, 1944-1945, p. 53), da *macela*

⁵ Profissão dos carregadores de água, no tempo em que não havia distribuição encanada nas grandes cidades. Ofício que exigia muito esforço físico, pois se levava os barris nas costas independente quão distante era a residência do cliente.

⁶ *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (2012).

⁷ Também dita na Galícia, assim como a *azeitona galega* (ESTRAVÍS, 1986, p. 1345).

⁸ Esta abreviatura, de nossa autoria, é referente ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (CASTELEIRO, 2001).

⁹ Conhecido por *galego-barbado* (*Triticumvulgare Host.*), tipo de trigo mole “da variedade *ferrugineum*, de espiga barbada, glabra, arruivada, fusiforme: grão escuro,

galega (PEREIRA, 1697), do *linho galego* (BLUTEAU, 1712-1728), do *cacete galego*¹⁰ e das variedades de uva *galego-de-Montemor*¹¹ e *galego-dourado*¹² (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). Ainda, em Trás-os-Montes e Alto Douro, *galega* é uma parte do cacho de uva¹³ (BARROS, 2006, p. 191).

Em Portugal, *galego* é alcunha frequentemente usada pelos alentejanos para se referir – de maneira generalizada – aos portugueses do norte, em particular aos vizinhos da Beira (CASTELEIRO, 2001, p. 1855; BARROS; GUERREIRO, 2005, p. 98; SIMÕES, 1984, p. 216). Simões (2016, p. 106) também registra a forma com a mesma acepção em Marvão (leste alentejano). Ramos e Silva (2003, p. 278) registraram essa acepção para a nomeada popular *galego* em 20 localidades do Alentejo.¹⁴ Leite de Vasconcelos (1958, p. 32) salienta que no sul de Portugal “dão ironicamente, e há muito, o apodo de *Galego* aos habitantes do território que se estende de Leiria para cima” (itálico nosso). No texto *Gallegos e Ingleses* publicado na *Revista Lusitana*, o mesmo linguista relata que “no Sul do reino chama-se *gallegos* em ar de zombaria aos habitantes do

elíptico, pequeno ou mediano (...). É usada em vários locais da Beira, Estremadura, Ribatejo, Alentejo e Algarve, produzindo boa farinha para pão” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). Também há o trigo mole *galego-rapado* (*Triticumvulgare Host*) da variedade *milturum* “de espiga mútica, glabra, arruivada, fusiforme; de grão escuro (...). É também conhecido pelos nomes de *mocho-ruivo* e *pelão*, (...) na Beira meridional e Alentejo, e nos conc. de Moncorvo, Vouzela, Miranda-do-Corvo, Tomar e Alenquer.” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹⁰ Espécie de pão longo e estreito vendido nos supermercados de Lisboa e, de maneira geral, em Portugal. Na Espanha é conhecido por *barra gallega*.

¹¹ Variedade de videira europeia (*vitis vinífera Lin.*), “de bagos miúdos, arredondados, alourados e lenticulados; (...). É uma casta branca que parece estar pouco espalhada” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹² Variedade de videira europeia (*vitis vinífera Lin.*), “de bagos medianos, ovado-arredondados, dourados; (...). É a casta branca que constitui a base do vinho generoso de Carcavelos” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹³ Na localidade de Pinelo-Vimioso.

¹⁴ Conforme os autores, o apelido popular *galego(a)* é “designação atribuída a homens e mulheres que são naturais do Norte” (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278). Em Montemor-o-Novo um sujeito era assim denominado, pois seu pai era oriundo do Minho (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278). Em Odemira havia um *galeco* (corruptela de *galego*), pois o mesmo era nascido no norte. Um outro, conhecido por *galego maluco*, na localidade de Redondo, era natural do norte e fazia grandes loucuras (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278).

Norte do Mondego” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72, itálico nosso).

Sobre esse hábito dos portugueses do sul chamarem os do norte de *galegos* escreveu o Padre Monte Carmello em 1767, “sem fundamento chamam galegos aos povos Transdurienses e Transmontanos” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72).

Outras formas documentadas no Alentejo por Ramos e Silva (2003, p. 278) são *galhegas* e *galhecas* (na localidade de Ajustrel), ambas motivadas pela dificuldade do sujeito em se expressar. Em Évora havia um outro denominado *galego* por causa de sua gagueira excessiva (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278).

Na Lusitânia, é costume ainda dizer *galega* para uma terra boa para semear – nas Beiras – (BARROS, 2010, p. 212), e *galego* para uma mesa servida sem pão (na região das Beiras), o vento vindo do norte,¹⁵ também como atributo depreciativo de característica rude e grosseira (CASTELEIRO, 2001, p. 1855; SIMÕES, 1984, p. 216). Seguramente, essa derradeira acepção tem a ver com a migração dos *galegos* (da Galícia – Espanha) para Portugal e seu baixo *status* social e condição de forasteiro entre os portugueses.¹⁶ Por sua vez, o assentamento dos *galegos* em Portugal produziu reflexos na antroponímia e toponímia portuguesa¹⁷.

É nesse contexto histórico de diáspora que se usa *galego*, para o moço dos fretes, o carregador, “pessoa que trabalha muito, que executa trabalhos pesados; escravo do trabalho” (CASTELEIRO, 2001, p. 1855). Essa carga social e histórica na figura do *galego* é, portanto, base para a

¹⁵ Em Marvão (Alto Alentejo) *galego* é “tipo de vento que sopra do lado de Marvão para Valência de Alcântara e que, por ser fresco, no verão ajuda a criar o milho” (SIMÕES, 2016, p.106).

¹⁶ Essas acepções revelam usos da língua que, muitas vezes, têm suas origens em embates e lutas territoriais. Por isso “essa depreciação das localidades e habitantes provém d’uma causa geral, pois, assim como cada indivíduo gosta de sobressair aos mais, assim cada povo” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 70).

¹⁷ Beirante (1992, p.103), em seu artigo *Onomástica galega em duas cidades do Sul de Portugal* sobre a figura do *galego* na toponímia portuguesa, cita alguns casos que observou nas cidades de Évora e Santarém - Alentejo. Como, por exemplo, os topônimos: *Vale dos Galegos*, *Póvoa dos Galegos* e *Beco dos Galegos*. Leite de Vasconcelos (1958, p. 31) cita os seguintes designativos de lugares: *Vilarinho de Galegos* (Trás-os-Montes), *Ribeira de Galegos* (Beira Alta), *Quintinha dos Galegos* (Beira Baixa), *Aldeia Galega da Merceana* (Ribatejo).

forma *galeguice*, insulto que elucida uma “atitude, comportamento que manifesta grosseria, indelicadeza, ausência de maneiras” (CASTELEIRO, 2001, p. 1855). Sobre o suposto aspecto sórdido dos *galegos*, cabe citar o que escreveu Camões em *Os Lusíadas*, “tampoco os detuvo, el temor, oh sórdidos gallegos, duro bando” (TABOADA, 1955, p. 114).

Alguns exemplos da fraseologia portuguesa também expressam esse despreço aos vizinhos do norte: “cinquenta *galegos* não fazem um homem”; “duzentos *galegos* não fazem um homem, senão quando comem”; “guarda-te de cão preso e de moço *galego*”; “quem faz festas a *galego*, mais *galego* é” (COSTA, 1999, p. 232). Em Trás-os-Montes, localidade de Moimenta-Vinhais, *galego* é o mesmo que *belouro*: “matéria fecal humana expelida de uma só vez” (BARROS, 2006, p. 64). Na Terra de Miranda, concelho de Miranda do Douro, a *galhega* (em port. *galega*) é nome para uma “boneca feita de trapos garridos, içada no topo de uma árvore alta do povoado, para servir de anúncio da Festa dos Pauliteiros” (PIRES, 2004, p. 283). Em Miranda do Douro se diz ‘*parece que pariu la galhega*’ quando se vê formado “um aglomerado considerável de crianças ou jovens” (PIRES, 2004, p. 283). João de Eça (1944-1945, p. 53) também a registra na Prov. do Alto-Douro, “diz-se que parece *ter parido a galega*, em qualquer sítio, quando nesse local se encontram muitas pessoas”.

3.2 Nas lexicografias espanhola e hispano-americana

No domínio de língua espanhola encontram-se diversos usos. Na região de Castilha – Espanha, se chama *gallego* o vento que vem do noroeste (CASARES, 1942, p. 522). Em Aragão (Espanha), *gallego* é qualificativo para “falso, cobarde, que tiene poco valor” (ASSO, 2002, p. 183). Em vários lugares da América Latina, em particular na Argentina, Uruguai e Cuba, *gallego* é alcunha coletiva para os espanhóis (MORÍNIGO, 1993, p. 276-277; PLAGER, 2008, p. 851-852; CRUZ, 1888-1980, p. 274; HAENSCH; WERNER, 2000, p. 271) ou também para seus descendentes (AAL,¹⁸ 2008, p. 355-356; CHUCHUY; BOUZO, 1993, p. 289). No México, *galego* é alguém originário da Galiza (Espanha) e tudo que se relaciona a ela: “*gaita gallega*, la marina *gallega*, mariscos *gallegos*, campesinos *gallegos*” (LARA, 2010, p. 835).

¹⁸ Academia Argentina de Letras – *Diccionario del habla de los argentinos* (2008).

Na Argentina, ser *gallego* é “exagerar las proporciones de lo que narra” (CHUCHUY; BOUZO, 1993, p. 289), em El Salvador é alguém que sofre de gagueira (ROMERO, 2005, p. 184), e, no Uruguai, é uma pessoa que “tiene dificultades para entender o asimilar conocimientos” (MONES, 1993, p. 177). No Uruguai, ainda se usa a palavra *galleguito* para um lugar ambulante que vende comida rápida, em particular, os ‘chorizos al pan’ (MONES, 1993, p. 177). Na Argentina, também se diz *gallegada*, ora para um grupo de espanhóis, ora, de maneira ofensiva, para um dito ou feito próprio de uma pessoa pouco inteligente (PLAGER, 2008, p. 851). Outro aspecto moral elucidado na literatura é a covardia, também relacionada à figura dos *galegos* na fala popular, como lembra Taboada (1955, p. 115): “no faltará un gallego a quien echar la culpa”.

Na Costa Rica, a forma denomina um tipo de libélula (QUESADA PACHEDO, 1991, p. 117) e uma espécie de lagartixa (MORÍNIGO, 1993, p. 276) “que vive em las orillas de los ríos y nada com mucha rapidez” (CRUZ, 1888-1980, p. 274), essa última denominação também ocorre na Nicarágua (DLE-RAE¹⁹). Já em Cuba e Porto Rico, ela denomina uma ave aquática (CRUZ, 1888-1980, p.274; HAENSCH; WERNER, 2000, p.271), em Cuba um tipo de peixe²⁰ (NEVES, 1973, p.272), e no México é sinônima de preguiça e frouxidão (CRUZ, 1888-1980, p.274). Em Cuba se diz ainda ‘*gallego, -a*, por los pies’ para a pessoa que dança mal (HAENSCH; WERNER, 2000, p.271) e na Bolívia *gallega* é a pessoa que “limpia o gana todo a sus compañeros de juego” (REYES; REYES TABORGA, 1982, p. 211).

3.3 Na lexicografia luso-brasileira

Nos contextos de imigração portuguesa no Brasil, há registros do uso de *galego*, tanto para marcar os portugueses²¹ como um grupo à

¹⁹ *Diccionario de la lengua española* – Real Academia Española (versão on-line).

²⁰ “Pez del género *Caranx*. Llámese también *jurel* o *jurelete*” (NEVES, 1973, p.272, itálico nosso).

²¹ Além de *galego*, se registra na literatura o uso das alcunhas *emboaba* e *labrego* para o imigrante/colono português no Brasil colonial. Entre as formas depreciativas para os portugueses se registram: abacaxi, bicudo, boaba ou boava, emboada ou emboava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, jaleco, japona, labrego, marabuto, marinheiro, maroto, marreta, mascate, matruco, mondrongo, novato, parrudo, pé-de-chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira (HOLANDA FERREIRA, 1986, p. 829).

parte dos brasileiros,²² quanto para marcar diferenças regionais (norte *versus* sul de Portugal) entre os portugueses no contexto de diáspora (CÂMARA, 2012; FERRAZ, 2014).

Os registros encontrados nos dicionários regionais brasileiros e atlas linguísticos consultados apresentam as seguintes acepções:

01. *Pessoa com cabelos loiros ou ruivos*:
 “indivíduo louro ou ruivo. (uso geral)”, *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (CLEROT, 1959, p. 53).
 “qualquer pessoa loira, principalmente estrangeiros”. *Dicionário da Ilha: falar e falares da Ilha de Santa Catarina* (GUIMARÃES DA SILVA, 1994, p. 62).
 “mulher e ou homem loiro, de origem portuguesa. Equivale à polaquinha do Paraná e à italiana do Espírito Santo”. *Dicionário sociolinguístico paranaense* (FILIPAK, 2002, p. 188).
02. *Pessoa com cabelos ou cor de pele avermelhados* (*Atlas Linguístico de Sergipe – ALS – FERREIRA et al.*, 1987, carta 86).
 Comentários: “É desses bem vermelhado, a cor de lavareda de fogo” (ponto 58); “vermelho de cabelo branco” (ponto 60).
03. *Indivíduo estrangeiro*:
 Segundo Borba (2002, p. 755), o apodo é para estrangeiro, entre as nacionalidades “em particular a portuguesa”. Em Goiás é denominação para qualquer estrangeiro (ORTÊNCIO, 1983, p. 200). No *Dicionário de termos populares registrados no Ceará*, *galego* é o “indivíduo de nacionalidade estrangeira, não só português, mas o sírio, o judeu, etc.” (SERAINÉ, 1958, p. 121). O mesmo diz Cabral (1972, p. 432), “denominação dada, no sul do Ceará, não só ao português como a qualquer estrangeiro”. No *Dicionário gaúcho* de Oliveira (2003, p. 136), o termo *galegada* é denominação para a colônia portuguesa.

²² Neste caso, a alcunha era usada num contexto de antilusitanismo: “*galego*, pé de chumbo, /calcanhar de frigideira / Quem te deu a liberdade / De casar com brasileira?” (FERRAZ, 2014, p. 31).

04. Expressão para fato extraordinário:
 “uso pop. Cor., depreciativo. ‘Aqui não morreu *galego*’ – aqui não ocorreu fato extraordinário”. *Dicionário de termos populares registrados no Ceará* (SERAINÉ, 1958, p. 122). O mesmo afirma Antenor Nascentes (1966). Cabral registra ‘morreu *galego*?’ como “pergunta feita por pessoa aborrecida ante aglomeração de curiosos” (CABRAL, 1972, p. 432).
 Sobre o uso dessa expressão popular “morreu o *galego*” Câmara Cascudo (1971, p. 113), em seu capítulo *Presença galega no folclore brasileiro*, relata seu uso no sertão do Rio Grande do Norte para dias fora do período invernal de céu nublado, sem chuva e sem sol. A expressão se assemelha ao contexto da “*parece que pariu a galhega*”, essa registrada em Miranda do Douro, Portugal (PIRES, 2004, p. 283).
05. *Qualificador de nome abstrato*: crasso, profundo (BORBA, 2002, p. 775).
06. *Moça atraente*: galega bonita (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 933, ALERS, QSL637, ponto 144 – Araruna, PR).
07. *Alcunha para os legalistas*:
 ‘*galego*’ era apodo para os legalistas, que eram os opositores aos farrapos durante a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul em 1835. “O mesmo que absolutista, camelo, caramuru, restaurador corcunda” (NUNES; NUNES, 1993, p. 202). A mesma acepção se encontra em Oliveira (2003, p. 137)

No estudo de Tavares de Barros, Löff Machado e Philippsen (2017), os autores analisam o uso do referido apodo em nomes de candidatos políticos das eleições municipais brasileiras de 2016. O *corpus* reúne dados do Tribunal Superior Eleitoral brasileiro (TSE), de domínio público.²³

As formas *galego(a)* coletadas possuem diversas naturezas antroponímicas. Parte delas está relacionada à profissão ou com o meio

²³ Disponível em: <<http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

ou local de trabalho do denominado. É o caso de *galego mototáxi* (Itambé, BA), *galego da farmácia* (Serrinha, BA), *galego borracheiro* (Vitória da Conquista, BA), *galego do pão* (Penedo, AL), *galego da padaria* (São Paulo do Potengi, RN), *galego do leite* (Campina Grande, PB), *galega da verdura* (Porto Real do Colégio, AL), *galega manicure* (Bodocó, PE), *galega do cartório* (Bodocó, PE), *galega do posto* (Simões Filho, BA), *Gil*, *galega da xerox* (Arcoverde, PE), *Nilzete*, *a galega da feira* (Santo Amaro, BA), *galega do porco* (São Cristóvão, SE), *galego da patrôla* (Cariri do Tocantins, TO), *galego da ambulância* (Porto Ferreira, SP), *Teodolindo*, *galego do chup-chup*²⁴ (Timóteo, MG), *galego da relojoaria* (Januária, MG), *galego da auto ascola* (Santo Antônio do Descoberto, GO), *galego da melancia* (Aragoiânia, GO), *galego mecânico* (Coelho Neto, MA), *galego do peixe* (Sousa, PB), *galego da Lan House* (Água Branca, PB), *galego da castanha* (Serra Branca, PB), *galego da lanchonete* (Icó, CE), *Jotinha*, *galego da funerária* (Bom Jardim, PE), *Zé*, *galego da rodoviária* (Palmares, PE), *galego dos correios* (Jaboatão dos Guararapes, PE), *galego do mercado* (Aracaju, SE), *galego da bicicletaria* (Estância, SE), *galego da polpa* (Mutuípe, BA), *galego do cuscuz* (Feira de Santana, BA).

O parentesco e a associação aos membros mais importantes dos clãs familiares parece ser mais uma das motivações na constituição das formas antroponímicas. Essa tradição remete a algo típico de localidades pequenas, em que os mais velhos (pais, avós etc.), geralmente, possuem o papel de referentes. Salvo os cenários em que o esposo ou a esposa servem de referência na composição do apodo do(a) cônjuge.

Na taxonomia de Ramos e Silva (2003) esse tipo de apodo é categorizado como *alcunhas referenciais*, uma vez que elas “associam a identificação de um visado ao nome próprio ou alcunha de um familiar, ou o referenciam a um objeto, situação e acontecimento” (RAMOS; SILVA, 2003, p. 20).

Eis o caso, portanto, de *Meirinha do galego* (São Félix do Coribe, BA), *Fabricio de João de galego* (Jaborandi, BA), *galego Zé da Gina* (Jaguari, BA), *Eliene de galego* (Jitaúna, BA), *galego de Santino* (Rio do Antônio, BA), *Ailda de galego* (Andaraí, BA), *Guilherme de galego*

²⁴ *Chup-chup* denomina um tipo de iguaria congelada tanto à base de leite como de suco de frutas. Regionalmente conhecida no Brasil por *geladinho*, *gelinho*, *dindin*, *sacolê*, entre outras.

(Nossa Senhora de Lourdes, SE), *galego de Zequinha* (Gararu, SE), *galego de Zeca* (Tacaimbó, PE), *galego de Antônio de Roque* (Jataúba, PE), *galego de Zé Santana* (Nazaré da Mata, PE), *galego de Toinho* (Palmeirina, PE), *galego de Ivo* (Vitória de Santo Antão, PE), *galego de Manoel de Heleno* (Ibimirim, PE), *galego de Zé Rocha* (Chã Grande, PE), *galego de Mané Gildo* (Águas Belas, PE), *Neide de galego* (Tuparetama, PE), *Maria de galego* (Baraúna, RN), *galego de Zé Regis* (Serrinha, RN), *galego de Tiano* (São Tomé, RN), *galego de Venilza* (São Gonçalo do Oeste, RN), *Laercio de galego dos Motores* (João Câmara, RN), *galego de Seu Assis* (Extremoz, RN), *galego de Chiquinho* (Santo Antônio, RN), *galego de Justino* (Campo Grande, RN), *Luis de Zé galego* (Orós, CE), *galego de Gerso* (Itatuba, PB), *Neidinha de Zé galego* (Alagoinha, PB), *galego de Ademar* (Assunção, PB), *galego de Aristides* (Alcantil, PB), *galego de Lô* (Teixeira, PB), *Lô de galego* (Teixeira, PB), *Cí do galego da areia* (Mamanguape, PB), *Sandro de galego da Loto* (Lagoa de Dentro, PB), *galego de Lourdes* (Araçagi, PB), *galego do Miguelzinho* (Alto Alegre do Pindaré, MA), *galego do Edmar* (Itaipava do Grajaú, MA), *galego do Valdomiro* (Cachoeira Dourada, MG), *Marquinho de Zé galego* (Buenópolis, MG), *Zeinho do galego* (Pedregulho, SP), *Fabiana do galego* (Quatis, RJ), *Ailton do galego* (Ivatuba, PR), *galego de Lorim*²⁵ (Cariri do Tocantins, TO), *Valmor do galego* (Rio Crespo, RO), *galega de Nilza* (Ribeira do Pombal, BA), *Léo de galega* (Abaré, BA), *galega de Ismar* (Luís Gomes, RN), *galega de Ulissinho* (Parellhas, RN), *galega de João da Água* (Patos, PB), *José Carlos da galega* (São Vicente, SP), *Tuita de galegão* (Nova Floresta, PB), *Mara de galeguinho* (Central, BA), *Alex Filho de galeguinho* (Escada, PE), *galeguinho de André* (Paulistana, PI), *Francisco de galeguinho* (Lastro, PB), *galeguinho de Silvio Bezerra* (Currais Novos, RN).

Um caso em Itu – São Paulo chamou-nos a atenção, a forma *galego alemão* (Itu, SP). Uma interpretação possível seria a que o candidato é conhecido na localidade por meio dos dois apodos (antroponímia paralela), pois ambos são usados nesse contexto para denominar pessoas com traços fisionômicos de estrangeiro.

Os resultados desse referido *corpus* mostraram que a região nordeste é a que apresenta maior porcentagem de uso da alcunha, seguida

²⁵ É possível que *Lorim* seja variante de *lourinho*, alternância de morfema que se documenta em várias áreas do português falado no Brasil.

das regiões sudeste e sul.²⁶ Salientamos que a Paraíba se destaca por haver a frequência absoluta da variante. Salvo o Estado de Goiás, apareceram apenas alguns casos esparsos no centro-oeste e norte brasileiros.

Os mapas 1 e 2, além de disporem a área de ocorrência dessa lexia e o caráter heterogêneo das nomeadas,²⁷ salientam o principal ponto de interesse da Dialektologia e áreas afins: o de visualizar diversos fenômenos da variação da língua. Esse é o caso do uso ou da ausência do artigo definido diante de nome próprio, em construções que estabelecem relação de pertencimento familiar, como nos casos de alcunhas compostas *Maria de galego* (Maria, a esposa do galego) ou *galeguinho de João* (galeguinho, o filho do João). Nesse tipo de sintagma nominal ora a preposição *de* é flexionada (da / do), ora não (de).

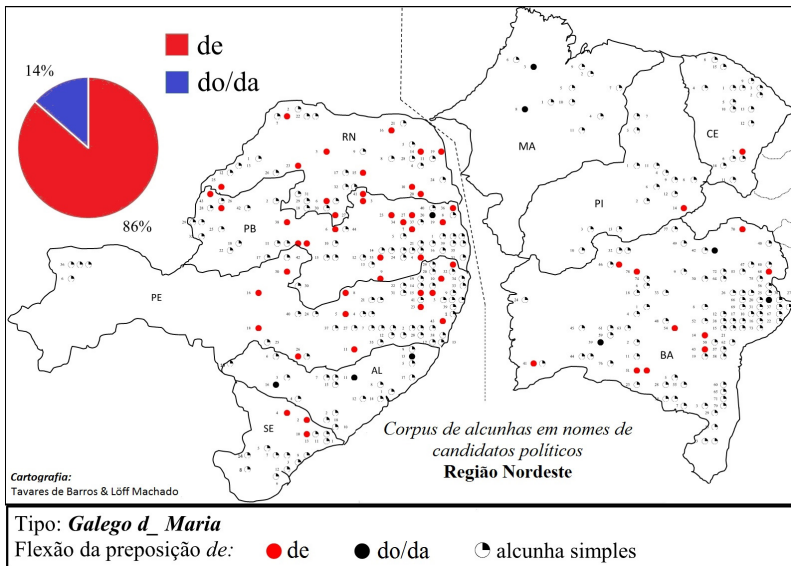
Ambos os mapas mostram, na região nordeste assim como no restante do Brasil, a ocorrência da flexão (da/do) com o símbolo hachurado de vermelho, como também sua ausência (de) com o símbolo hachurado de preto. O tipo apresentado, *galego d_ Maria*, é apenas um exemplo de alcunha composta, que pode variar em gênero. Nesse tipo²⁸ *galego d_* está a abstração de uma gama de formas, da qual pertencem as variantes *galega d_* ou *___ d_ galega*, *galego d_* ou *___ d_ galego*, *galegão d_* ou *___ d_ galegão* e *galeguinho d_* ou *___ d_ galeguinho*. Os casos de alcunhas simples (*galega*, *galego*, *galegão* ou *galeguinho*) foram cartografados com o círculo de um quarto preenchido.

²⁶ Esse dado encontra subsídios em estudos como o do IBGE (2008 *apud* PETRUCCELLI, 2013) sobre a autoclassificação da população brasileira segundo o próprio fenotípico. Daqueles que se consideram ‘brancos’, 2,7% se classificaram espontaneamente como *galego* nos dados referentes à Paraíba (cf. PETRUCCELLI, 2013, p. 41).

²⁷ “Recolher e analisar as nomeadas de uma tão vasta região geográfica é, justamente, um projecto ambicioso; de facto, pretender cobrir uma ‘área cultural’, supostamente uniforme, tem como resultado uma profunda heterogeneidade, profundamente rica de diversas tonalidades diferenciadoras locais”. (RAMOS; SILVA, 2003, p. 5).

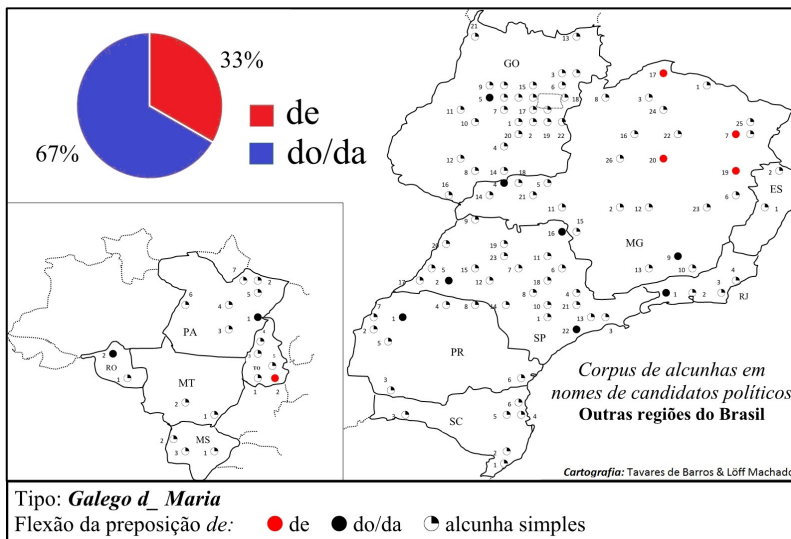
²⁸ Nesse estudo entende-se *tipo* como referência à forma guarda-chuva para as variantes da alcunha *galego* (*galega*, *galego*, *galeguinho* e *galegão*).

MAPA 1 – Flexão da preposição *de* em alcunhas compostas



Fonte: Elaborado pelos autores. Base cartográfica: IBGE (2010).

MAPA 2 – Flexão da preposição *de* em alcunhas compostas



Fonte: Elaborado pelos autores. Base cartográfica: IBGE (2010).

4 O ALERS: aspectos históricos e metodológicos

O *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul* (ALERS), o primeiro no Brasil a englobar três estados federativos brasileiros, teve por base metodológica os princípios da Dialectologia tradicional, que detém sua atenção à variação diatópica, geralmente, entrevistando 1 informante por ponto, de preferência homens, com pouca escolaridade, nascidos na localidade e de origem rural.

O método empregado no ALERS é diferente da vertente mais moderna da Dialectologia, a pluridimensional e relacional. Essa que amplia sua zona de interesse por meio da inclusão de outras dimensões. Referimo-nos à diastrática, registrando a fala de jovens e velhos; à diassexual, de homens e mulheres; à diatópico-cinética, entrevistando informantes estáveis e móveis; à diarreferencial, por meio do tratamento e controle do *status* das formas linguísticas através da recolha de comentários metalinguísticos; entre outras dimensões e seus parâmetros.

Apesar do homem ser o informante principal do ALERS, não poucas vezes, no momento da entrevista, a mulher (a filha, a esposa, a mãe ou a avó) é convidada a opinar e expressar seu conhecimento. Contudo, essa diferença no repertório linguístico entre homens e mulheres não foi um critério metodológico (ou seja, dimensão de análise) contemplado pelo atlas.

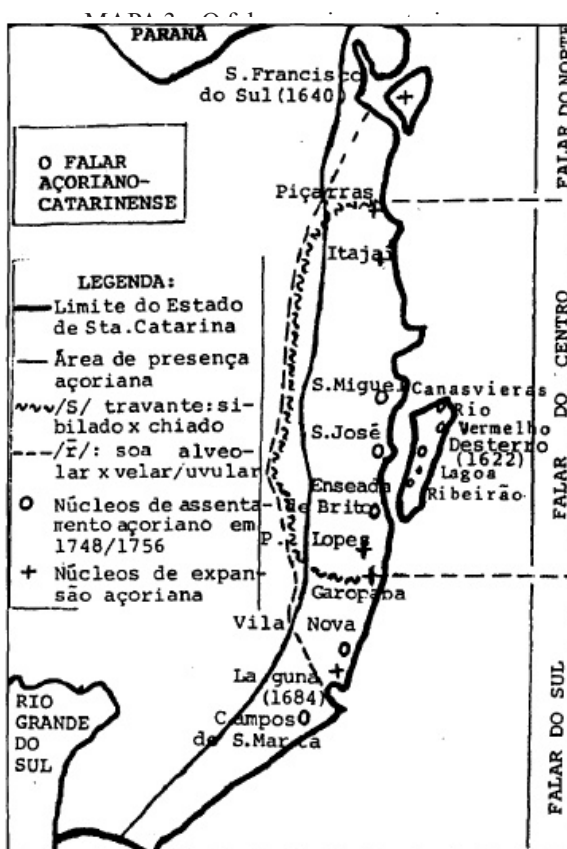
As entrevistas do ALERS em Santa Catarina se deram entre os anos de 1989 e 1991. Os principais inquiridores desse Estado foram o Prof. Osvaldo Antônio Furlan e a Profa. Hilda Gomes Vieira. A rede de pontos catarinense é composta por 80 localidades, totalizando 80 entrevistas, uma em cada ponto. A pergunta 19 – ‘De pessoa que tem cabelos loiros e tez clara, dizemos que é?’ – do *Questionário semântico-lexical específico (3.3.3) de Santa Catarina* aplicado no ALERS (2011b, p. 53) pertence a um conjunto de dados inéditos que ficaram de fora do volume 2, *ALERS – Cartas Semântico-Lexicais*, publicado em 2011 (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011).

5 Breves considerações sobre a influência dos povoadores no falar catarinense

Para compreendermos os usos da alcunha nas regiões apontadas pelos dados do ALERS, faz-se necessária uma breve incursão sobre alguns aspectos relacionados ao falar dessas regiões e de suas possíveis

influências: na parte litorânea, de forte presença açoriana, alcançando as regiões de povoadamentos étnicos alemão, italiano e eslavo e na parte serrana com influência luso-brasileira, de herança tropeira gaúcha e paulista.

Furlan (1995, p.165), em estudos sobre o falar açoriano-catarinense, destaca que, dos séculos XVII a XIX, levas de açorianos dispersaram-se em vários pontos do Brasil. Com o estímulo da Coroa Portuguesa, em 1748/1756 chegaram muitos imigrantes para o país, sendo que 6.071 de insulares vieram para o litoral de Santa Catarina. Essa região teve então uma elevação na população, pois era composta de 4.197 habitantes oriundos, desde meados do século XVII, de São Vicente (São Paulo). Segue um mapa que ilustra essa ocupação:



Fonte: Furlan (1998a, p. 24).

Alguns linguistas se dedicaram a compreender a influência dos Açores no português de algumas regiões do Brasil, sobretudo o de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No entanto, para Furlan (1995, p. 165), nenhum dos autores que cita têm se preocupado em definir com maiores critérios o que se entende por “influência açoriana”. Nas pesquisas que empreendeu, tem levado em conta critérios mais elaborados que vão desde a pesquisa de campo até a consideração e comparação entre dados açorianos e portugueses, em perspectivas diacrônica, diatópica e diastrática.

O autor defende a hipótese do falar açoriano-catarinense atual ser um encadeamento de vários fatores, dos quais citam-se: (i) o caldeamento de vários grupos étnicos advindos no século XVII, de São Vicente, de açorianos e madeirenses no século XVIII, e outros grupos menores advindos de Portugal continental, bem como de outras áreas brasileiras; (ii) a evolução natural desse caldeamento deu origem a uma *coiné*, nesse ponto, o isolamento contribuiu para a sua manutenção (grupos etnolinguísticos formados principalmente por paulistas, açorianos e outros); (iii) a influência de outros falares brasileiros até 1970, por via marítima ou portuária com outras regiões.

Furlan (1995, p.168) aponta também para um aspecto anterior à chegada dos açorianos no Brasil, ou seja, à própria composição do território das ilhas dos Açores. Segundo o autor, o povoamento dos Açores teve presença de Portugal continental, sobretudo do Algarve e Alentejo. Destaca, ainda, a presença dos flamengos, no grupo central (Terceira, São Jorge, Pico, Faial), sendo que 90 % dos que imigraram para Santa Catarina²⁹ são desse ponto e cujo padrão é semelhante ao falar continental de hoje.

Nos aspectos linguísticos analisados, o autor chega à conclusão de que algumas características que outrora poderiam ser atribuídas como específicas do falar açoriano-catarinense, na verdade, também são encontradas em outras variedades do português brasileiro, bem distantes desse ponto. Destaca-se o reforço de falares portugueses, como a predominância do tuteamento (tu familiar), com verbo na segunda pessoa do singular, em decorrência do conservadorismo que ascende à Portugal continental.

²⁹ A fixação em Santa Catarina se deu no litoral, na faixa que compreende Laguna ao rio Camboriú, vindos dos seguintes pontos: São Miguel, Terceira, Faial, Graciosa, Pico, São Jorge e Madeira.

Outros aspectos fônicos são ressaltados, pelo autor, como coincidentes em outras áreas do Brasil e em alguns não há segurança quanto a sua determinação, tal como a palatalização do /s/ em coda silábica (falar dos Açores de 1748) e que pode ter a mesma origem de outros falares, como os do Rio de Janeiro, Lisboa etc.

No nível lexical, as possibilidades de influência açoriana são mais produtivas, no entanto, “ascende, salvo exceções, a Portugal continental e que a influência açoriana em SC se efetuou no sentido de revigorar o léxico que dele herdou”³⁰ (FURLAN, 1998b, p. 35). Desse modo, fica claro que a influência portuguesa é preponderante em todo o Brasil e que o grupo açoriano é uma soma que se presentifica nessa faixa catarinense.

Altenhofen (2002, p. 122), ao tratar de um conjunto de hipóteses sobre a delimitação de áreas linguísticas, que retratam a variação diatópica do português falado na região sul do Brasil, aponta também para a atividade tropeira. Esta possibilitava o “contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos e o papel das rotas dos tropeiros paulistas, no comércio do gado,” era um possível influenciador em algumas regiões do sul do Brasil. Além desta, apontam-se outros determinantes elencados por Koch (2000, p. 59):

- a presença de açorianos, chamados para áreas específicas, como o leste de Santa Catarina;
- a existência de fronteiras políticas (historicamente oscilantes) com países de fala hispânica, no extremo sul, e o contato português-espanhol derivado dessa situação;
- a existência de áreas bilingues significativas, originadas do assentamento, nas (antigas) zonas de floresta, de imigrantes não-lusos a partir do século XIX.

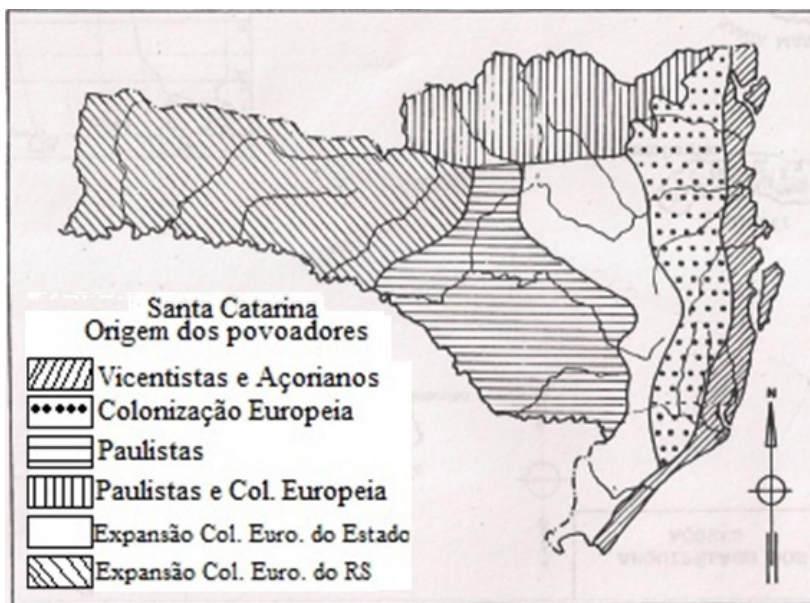
Altenhofen (2002, p. 122) acresce a esses fatores a relevância das migrações internas nas áreas ditas mais novas, a partir do século XIX (consideração topodinâmica da variação e mudança). No entanto, considera-se aqui o papel das rotas tropeiras que atravessaram também

³⁰ O autor apresenta a análise de três lexias a partir de dados do ALERS não ascendentes a Portugal continental: *chimarrita* (*dança de roda*), *gueixa* (*potranca*) e *bernúncia* (*bicho-papão*), como exemplos provenientes do léxico açoriano e que tomaram aqui no Brasil, inclusive, outras acepções.

o Estado de Santa Catarina a partir do contato paulista-gaúcho antes da chegada dos primeiros imigrantes alemães (1824) e italianos (1875) no Rio Grande do Sul.

Esse contato originou rotas comerciais que seguiam um trajeto fundado pelos lusos nos antigos povoamentos no processo de condução do gado e de mercadorias, e outro por campos, florestas e contorno de rios.³¹ Ao analisar fotografias geolinguísticas de dados do ALERS, Altenhofen (2002, p. 129) verifica a hipótese de que algumas isoglossas do português rural do Rio Grande do Sul seguiram em parte essas rotas mais antigas. Assim, um dos caminhos que chegam até os campos de Lages, em Santa Catarina, é resultado de uma bifurcação que tem sua origem em Rio Grande e Pelotas.

MAPA 4 – Origem dos povoadores de Santa Catarina



Fonte: Furlan (1998b, p. 50).

³¹ Dal Corno (2010) descreve que a atividade dos tropeiros “pode englobar tanto o tanger do gado das planícies litorâneas para engorda nas pastagens do planalto, quanto o transporte de gado, cavalos e mulas do Rio Grande do Sul à feira de Sorocaba, em São Paulo, através de diferentes rotas ao longo dos anos” (p. 2).

Para representar a arealidade dessa condição diatópica, no nível lexical, Altenhofen (2002, p. 130) cita o uso do germanismo lusitanizado *chimia* (do ale. dialetal *Schmier*) para designar “a pasta de frutas para passar no pão”. Para o autor (ALTENHOFEN, 2002), *chimia* é a variante predominante no Rio Grande do Sul, e a sua concorrente, o lusismo *geleia*, se encontra nas rotas de tropeiros de assentamento luso-brasileiro.

Cabe salientar que outros grupos compõem o falar catarinense e permeiam essas duas áreas citadas anteriormente, para as quais o uso da forma *galego* foi difundida, cita-se a presença dos povoadores alemães, italianos e eslavos como grupos majoritários. Os alemães se estabeleceram no Estado primeiramente na Colônia de São Pedro de Alcântara (1829), posteriormente vieram os italianos (1836), na colônia Nova Itália, e mais tardiamente os eslavos, em particular os poloneses (1869) que se estabeleceram na colônia Príncipe Dom Pedro. Consequentemente, para estes grupos étnicos, outras fases de povoamento e formação de colônias se deram ao longo dos anos e novos espaços geográficos tomaram os imigrantes para compor o cenário territorial catarinense.

6 Galego e sua realização em Santa Catarina

Com o auxílio da plataforma digital *Google Maps*, não foi difícil encontrar exemplos do uso do apelido popular *galego* e suas variantes (*galega* e *galegão*) na paisagem linguística de Santa Catarina.

FIGURA 1 – *Galego* na paisagem linguística de Santa Catarina

1- Rua das Flores, Palhoça – SC; 2 – Rua Antônio de Oliveira, Joinville – SC; 3- Rua Francisco Vahldieck, Blumenau – SC; 4- Estr. Geral da Prainha, Imaruí – SC; 5 – Rua Santos Saraiva, Florianópolis – SC.

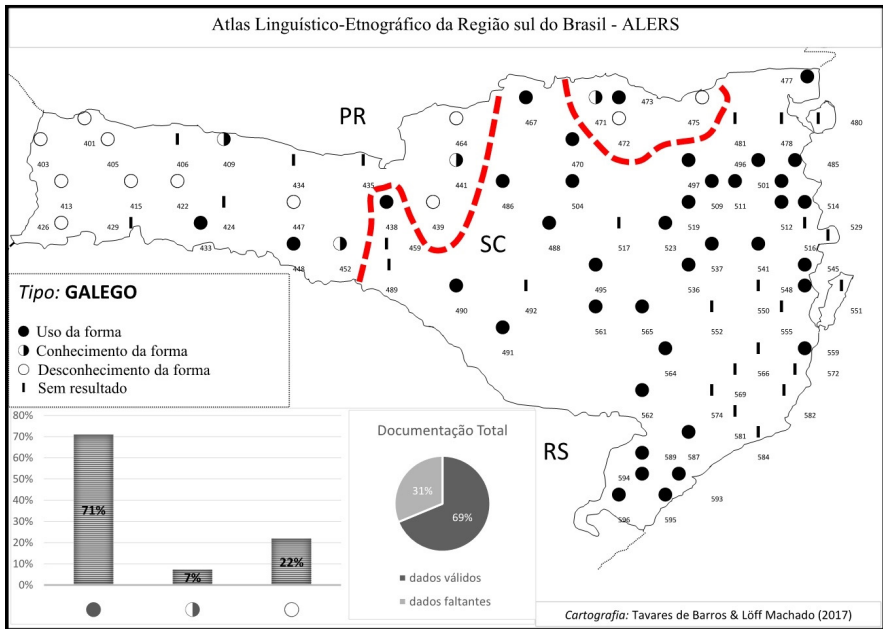
Fonte: Dados retirados da plataforma *Google Maps* (<<https://maps.google.br>>)

O emprego da alcunha com propósitos comerciais é, em parte, um recurso que o denominado pela população local utiliza para nomear seu estabelecimento e disso obter seu sucesso profissional. Sua presença numerosa na paisagem linguística elucidada, além disso, o seu caráter de uso corrente na fala popular local.

Em Santa Catarina, *galego* é conhecido desde a região litorânea, identificada por Furlan (1986), Altenhofen (2002) e Silva Neto (1958), pela faixa de influência açoriana, estendendo-se pelos vales de colonização italiana, alemã e eslava e chegando até a região de cima da serra, conhecida por sua ocupação luso-brasileira (paulista-bandeirante) e originada nas rotas do tropeirismo. No mapa 5, que apresenta esse uso diatópico de *galego*, a linha tracejada em vermelho representa uma isoglossa que demarca a separação de uma zona compacta de conhecimento ativo da forma (símbolo cheio) de uma zona que oscila

entre o conhecimento passivo (símbolo parcialmente preenchido) até o total desconhecimento da alcunha (símbolo vazio). Esse desconhecimento tem seu grau mais acentuado no extremo oeste catarinense, região de colonização sul-rio-grandense em que a maioria étnica é alemã, italiana e eslava.

MAPA 5 – Graus de *status* da lexia *galego* nos dados do ALERS de SC



Fonte: Elaborado por Tavares de Barros e Löff Machado, com observações técnicas³²

³² A documentação de *galego* é de 69% de dados válidos no total 100% (que equivale aos 80 pontos de inquérito). Observamos no mapa 05 uma área compacta de dados sem resultados. Trata-se dos pontos próximos ao litoral, entre eles a capital Florianópolis. Esta lacuna se produziu por falta da execução do quest. ALERS SC 3.3.3 nessas localidades.

Casos de dados duvidosos: O inquiridor não espera a resposta do informante e comenta que o informante não conhece a lexia (415, Maravilha). Não se escuta o informante afirmar conhecer a forma, apesar do inquiridor comentar que o entrevistado a conhece (433, Chapecó). O inquiridor não espera a resposta do informante, apesar de relatar que o entrevistado conhece a lexia (467, Canoinhas). O único dado existente é o relato do inquiridor feito após a entrevista. Nesse relato, afirma-se que o informante conhece a forma (501, Luís Alves). O inquiridor não espera a resposta do informante; contudo comenta que o entrevistado conhece a forma (514, Itajaí).

7 Os comentários metalinguísticos dos informantes

A dimensão diarreferencial é, entre outras funções, considerada pela Dialetoлогия contemporânea uma ferramenta para medir o *status* de uma forma, tanto em seu uso nos âmbitos diatópico e diastrático quanto dialingual, ou seja, nas variedades de uma mesma língua em contato, como o português de substrato açoriano/tropeiro *versus* o português de substrato alemão/italiano/polonês, ou de línguas diferentes, como o português e o alemão. Nesse último aspecto, os comentários metalinguísticos servem para observar a expansão do uso e do conhecimento da forma *galego* para além de regiões de maioria luso-brasileira.

Nas entrevistas do ALERS, a formulação geral partiu da abordagem semasiológica, ou seja, perguntava-se, na maioria dos casos, “*O que vocês entendem por galego?*” ou “*Ele é um galego, vai lá com o galego 'o que significa?*”. Pelo fato das questões envolverem um interesse etnográfico, aplicaram-nas em todo o Estado de Santa Catarina, mesmo em zonas de minoria luso-brasileira.

O inquérito do ALERS tende a ser similar ao modelo francês (tradicional) da Dialetoлогия, ou seja, sem retouque. Pouco se oportunizava ao informante tecer comentários sobre o elemento linguístico indagado, prejudicando, de certa forma, a produtividade da dimensão diarreferencial no *corpus*. Essa influência do método francês é lembrada na introdução do vol. 2 do ALERS – *Cartas Semântico-lexicais* (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 25).

A aplicação de um longo questionário e a inquietação dos informantes são, em parte, fatos que diminuem a predisposição a tecer longos comentários. Apesar dos entraves e do controle rigoroso dos entrevistadores, os informantes, por vezes, conseguiam driblar a postura severa do inquiridor e falar de suas impressões sobre um elemento linguístico, mais abundantes que um simples ‘sim, é isso’.

Reunimos em forma de tabela os dados qualitativos da questão 19 (Quest. 3.3.3 ALERS), organizada por ponto (P), município, símbolo (sím.)³³ cartografado no mapa 5, seguido do comentário metalinguístico. Optamos por não transliterarmos todas as marcas dialetais de cunho

³³ Considerando que o símbolo cheio representa casos de uso ativo da forma *galego* e o símbolo preenchido pela metade para conhecimento passivo. No que concerne à cartografia, utilizamos a fonte de símbolos do método de cartografia pluridimensional e relacional (THUN, 2010).

fonético presentes no *corpus* analisado, pois nosso interesse se centra na variação do conteúdo semântico da forma lexical.

TABELA 1 – Comentários metalinguísticos

Ponto	Município	Sím.	Comentário metalinguístico
409	Abelardo Luz	☐	Inq. Uma pessoa loira, chamam de <i>galego</i> aqui? Info. (mulher). Já ouvi! Inq. É? Um loiro chama de <i>galego</i> aqui? Info. (homem). É!
438	Treze Tilias	●	Inq. <i>Galego</i> , e o que é pra você <i>galego</i> , ‘aquele homem é um <i>galego</i> ’, o que é? Info. Um loiro, né. Inq. Cabelos claros? Info. Cabelos claros! Inq. Se usa aqui a expressão? Info. Usa, <i>galego</i> !
441	Caçador	☐	Inq. Se alguém diz, <i>ele é um galego</i> , o que vocês entendem? Info. (mulher). <i>Galego</i> é um pequeno, né. Inq. Pequeno, né? Info. (mulher). Nãoo! <i>Galego</i> é um loiro! Inq. Mas aqui o povo sabe o que quer dizer <i>galego</i> ? Info. (mulher). É, <i>galego</i> .. Não muito, não se usa muito, muito pouco essa palavra. Inq. A senhora ouviu por aqui? Info. (mulher). Sim, é.
448	Concórdia	●	Info. ‘Oh, que <i>galega</i> bonita ali!’ Inq. <i>Galega</i> é uma loira? Info. É uma loira, é, é, tem muito rapaz que diz isso.
452	Peritiba	☐	Inq. Se dizem, ‘ele é um <i>galego</i> ’, vocês entendem o quê? Info. <i>Galego</i> ? Eu sei o que é uma <i>galega</i> . Inq. O que é uma <i>galega</i> ? Info. <i>Galega</i> é que nem uma loira morena. Ela é pele morena, mas o cabelo dela é loiro. Inq. Mas o povo daqui usa essa palavra? Info. 01. Muito pouco. Info. 02. Muito pouco!
470	Monte Castelo	●	Inq. <i>Galego</i> , o que quer dizer <i>galego</i> ? Info. <i>Galego</i> é um cara loiro, esse é um <i>galego</i> !

471	Papanduva	●	<p>Inq. <i>Galego</i>, o que é um <i>galego</i>? Info. <i>Galego</i> é porque ele é loiro! Inq. Branco? Info. É. Inq. Loiro, é <i>galego</i>? Info. É. Inq. Ela é <i>galega</i>? Info. É, mas eu não uso essa palavra.</p>
473	Mafra	●	<p>Inq. <i>Galego</i>? Info. <i>Galego</i> deve ser uma .. eu digo.. uma pessoa que vem lá de fora, né, talvez é <i>galego</i>, né. Inq. O que você entende por <i>galego</i>? Info. <i>Galego</i> é uma raça, né, uma raça de pessoa. Inq. Ela é <i>galega</i>? Info. Sim. Inq. Por que ela é <i>galega</i>? Info. <i>Galego</i> vem lá de baixo, lá da serra, né (risos). Inq. Alemão é <i>galego</i>? Info. Tem limão <i>galego</i> também. (risos) [incompreensão do informante].</p>
477	Garuva	●	<p>Inq. E <i>galego</i>, o que quer dizer <i>galego</i>? Info. <i>Galego</i> é uma pessoa clara, assim, tipo alemão, polaco.</p>
485	Barra Velha	●	<p>Inq. O que quer dizer <i>galego</i> para vocês? Info. Uma pessoa clara! Inq. Cabelos brancos? Info. É! Inq. Ou a pessoa também de pele branca? Info. É, de pele branca, isso.</p>
486	Lebon Régis	●	<p>Inq. ‘Ele é <i>galego</i>’, o que vocês entendem por aqui quando alguém diz isso? Info. Ele é loiro. Inq. Loiro? Info. Isso, loiro! Inq. Mas o povo usa essa expressão por aqui? Info. Sim, sim!</p>

488	Curitibanos	●	Inq. E se diz 'aquele rapaz, aquele <i>galego</i> , vai chamar aquele <i>galego</i> lá!', o que vocês entendem por <i>galego</i> ? Info. Pessoa bem clara. Inq. Bem clara? Info. É! Inq. Cabelo loiro? Info. Isso!
490	Anita Garibaldi	●	Inq. 'Ele é <i>galego</i> ', o que quer dizer isso, ' <i>ele é um galego</i> '? Info. É uma pessoa loira.
491	Campo Belo do Sul	●	Inq. Se alguém diz, 'ele é um <i>galego</i> ', o que quer dizer isso? Info. É loiro!
495	Otacílio Costa	●	Inq. Se eu digo, 'ele é um <i>galego</i> !' O que você entende por <i>galego</i> , hein? Info. Por <i>galego</i> entendo 'um alemão'!
496	Massaranduba	●	Inq. ' <i>Ele é um galego</i> ', me disseram que ele é um loiro, é? Info. Isso!
497	Benedito Novo	●	Inq. <i>Galego</i> , 'ele é um <i>galego</i> ', o que quer dizer isso? Info. <i>Galego</i> seria um alemão, um loiro.
504	Rio do Campo	●	Inq. E <i>galego</i> , 'ele é <i>galego</i> , vai lá com aquele <i>galego</i> '. O que quer dizer isso pra vocês aqui? Info. Um claro! Inq. Um claro? Info. Isso.
509	Rodeio	●	Inq. <i>Galego</i> , 'ele é <i>galego</i> ', o que vocês entendem se é ' <i>galego</i> '? Info. Se ele é ' <i>galego</i> ', é porque ele é descendente de alemão. Inq. Loiro? Info. Loiro, e é ' <i>galego</i> ', mas é alemão.
511	Blumenau	●	Inq. 'Ele é <i>galego</i> ', o que os senhores entendem, 'vai falar com o <i>galego</i> !', o que vocês entendem? Info. <i>Galego</i> ? Ele é loiro!
512	Gaspar	●	Inq. O que é um <i>galego</i> para vocês? Info. Um <i>galego</i> é tipo um alemão assim, né. Inq. Loiro? Info. Isso, loiro.

519	Ibirama	●	Inq. Ele é <i>galego</i> , o que quer dizer isso? Info. Ele é um loiro! Inq. Loiro! Isso.
523	Rio do Sul	●	Inq. Como se chama o moço loiro de cabelos e claro de tez e de pele? Info. <i>Galego</i> !
536	Ituporanga	●	Inq. Ele é <i>galego</i> , vocês disseram que ele é um loiro, né. Sim ou não? Info. Sim!
537	Presidente Nereu	●	Inq. Ele é um <i>galego</i> , quer dizer o quê, ele é um loiro, né? Info. É, cabelo loiro!
541	Nova Trento	●	Inq. <i>Galego</i> , ele é <i>galego</i> , o que é <i>galego</i> para vocês? Info.01. Ele é <i>galego</i> , branco, loiro! Info.02. Loiro!
545	Governador Celso Ramos	●	Inq. <i>Galego</i> , “vai lá com aquele <i>galego</i> ”, o que quer dizer isso? Info. <i>Galego</i> é um.. um alemão, né.
548	Antônio Carlos	●	Inq. O que se entende aqui, “ele é um <i>galego</i> ”, o que quer dizer isso? Info. 01. Aqui é que ele é um alemão.. ele é um alemão. Info. 02. Loiro, cabelo vermelho!
559	Paulo Lopes	●	Inq. “Ele é <i>galego</i> ”, o que quer dizer isso, “ele é <i>galego</i> ”? Info. 01. É o do cabelo vermelho! Info. 02. Cabelo vermelho!
561	Lages	●	Inq. E se aqui alguém diz, “ah, ele é <i>galego</i> , vai lá dizer pro <i>galego</i> que é pra avisar (...)”. O que o senhor entende? Info. É, cabelo ruivo, né. Um branco, né. Inq. O povo daqui usa a palavra <i>galego</i> ? Info. Sim, um cara bem branco, bem loiro. Inq. Bem loiro? Info. É!

562	São Joaquim	●	Inq. E o <i>galego</i> , “vai lá chamar o <i>galego!</i> ”, o que quer dizer isso? Info. 01. É um bem branco! Inq. Branco ou..ou.. Info. 02. Louro! Louro! Inq. Louro! Info. 02. Louro! Info. 01. Aham, é!
564	Urubici	●	Inq. E “ele é um <i>galego</i> ”, o que os senhores entendem? Info. 01. <i>Galego</i> é um bem branco, né, pessoa bem branca! Inq. Loiro? Info. 02. Loiro, é! Claro!
565	Bom Retiro	●	Inq. Ele é <i>galego</i> , o que quer dizer “ele é <i>galego</i> ”? Info. Ele é claro, né, é alemão!
587	Criciúma	●	Inq. <i>Galego</i> ? Info. <i>Galego</i> é uma pessoa que tem o cabelo branco, loiro, branco.
589	Timbé do Sul	●	Inq. E ele é <i>galego</i> , “vai lá falar com o <i>galego</i> ”, o que quer dizer isso aqui? Info. É um cara de cabelo claro, loiro, né.
593	Araranguá	●	Inq. E pra você o que quer dizer <i>galego</i> ? Info. <i>Galego</i> é uma pessoa clara, pra nós, um pessoa clara, um cabelo louro. Inq. Pessoa que tem o cabelo loiro é um <i>galego</i> ? Info. Loiro. Ele é claro, é um <i>galego</i> . É isso pra nós aqui.
594	Jacinto Machado	●	Inq. <i>Galego</i> é ruivo, né, loiro? Info. É! Sim!
595	Sombrio	●	Inq. E o que se diz aqui por um <i>galego</i> ? Ele é um <i>galego</i> ? A palavra o <i>galego</i> ? Info. 01. É uma pessoa bem lourinha. Info. 02. Louro!
596	Praia Grande	●	Inq. O que você entende por “ele é um <i>galego</i> ”? Info. <i>Galego</i> é um claro, uma pessoa loira, né.

Fonte: Dados do ALERS questão 19, questionário 3.3.3.

Para melhor compreensão da frequência de cada conteúdo semântico da alcunha *galego*, agregamos, na tabela 2, a quantificação dos dados diarreferenciais. A tabela se constitui de três colunas, na primeira com uma descrição breve da carga semântica, na segunda o total de ocorrências, organizadas decrescentemente, e na última o ponto de inquérito do ALERS (SC) onde se registrou o comentário.

TABELA 2 – Quantificação dos comentários metalinguísticos

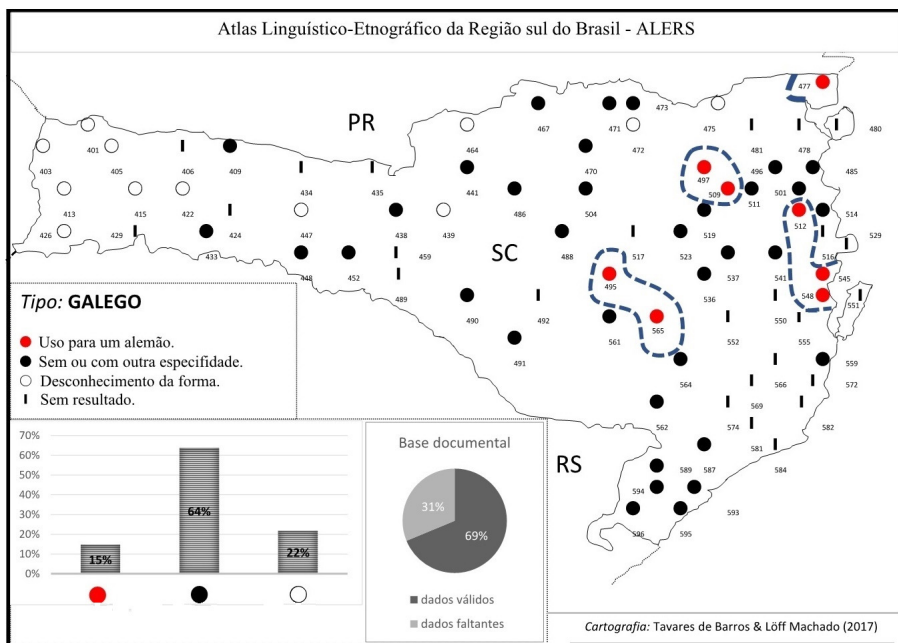
Comentário metalinguístico	Σ	Ponto – ALERS/Santa Catarina
Uma pessoa de cabelos loiros.	30	409, 438, 441, 448, 470, 471, 486, 488, 490, 491, 496, 497, 509, 511, 512, 519, 523, 536, 537, 541, 548, 561, 562, 564, 587, 589, 593, 594, 595, 596.
Uma pessoa de pele (bem) branca, clara.	13	471, 477, 485, 488, 504, 523, 541, 561, 562, 564, 565, 593, 596.
<i>Galego</i> é alguém de origem alemã.	08	477, 495, 497, 509, 512, 545, 548, 565.
Uma pessoa de cabelos avermelhados (ruivo).	04	548, 559, 561, 594.
Uma pessoa de cabelos claros.	04	438, 485, 587, 589.
A palavra é (bastante) usada aqui.	04	438, 486, 561, 593.
A palavra é pouco usada aqui.	02	441, 452.
<i>Galego</i> é alguém de origem polonesa.	01	477.
Uma pessoa pequena.	01	441.
<i>Galego</i> é um “tipo de raça de pessoa”.	01	473.
Só conheço a palavra <i>galega</i> , que é uma moça morena, de pele morena, mas de cabelo loiro.	01	452.
Conheço, mas não uso a palavra.	01	471.
<i>Galego</i> é um forasteiro, alguém de fora.	01	473.
<i>Galego</i> é alguém que veio lá de baixo, da região serrana.	01	473.
<i>Galego</i> é um tipo de limão.	01	473.

Fonte: Dados do ALERS questão 19, questionário 3.3.3.

Apesar de ser a primeira acepção na maioria dos grandes dicionários de língua portuguesa, nenhum dos informantes catarinenses do ALERS afirma usar ou conhecer a forma *galego* para uma pessoa nascida ou que vive na Galiza - Espanha.

Com 30 ocorrências, o uso de *galego* para uma pessoa de cabelos loiros é o mais frequente. Pessoa com pele branca ou de fisionomia clara reuniu 13 comentários. Cabelos claros e avermelhados congregou, cada acepção, 4 ocorrências. Em 08 pontos do ALERS (SC) *galego* é alcunha para um alemão, ou seja, uma pessoa de origem alemã. E apenas 01 para os descendentes de poloneses (popularmente *polacos*³⁴).

MAPA 6 – Uso de galego para denominar os descendentes de alemães



Fonte: Elaborado por F.H. Tavares de Barros e L. Löff Machado.

³⁴ Ver discussão sobre o uso dessa alcunha em Tavares de Barros, Löff Machado e Philippsen (2017).

Em 08 pontos do ALERS (SC), como supracitado, *galego* é alcunha para um alemão, ou seja, uma pessoa de origem alemã. Os descendentes de alemães, por serem um grupo muito representativo no Estado de Santa Catarina, costumam reunir pelo menos uma das acepções relacionadas à fisionomia: cabelo loiro ou ruivo, tez e pele (bem) branca. Como mostra o mapa 6, o uso da forma para o vizinho alemão é registrado desde pontos catarinenses da colônia portuguesa no litoral (477, 545 e 548), até em pontos mais interioranos e próximos do contato com a colônia alemã (497, 509, 512, 495, 565).

8 Por que os *galegos* no Brasil são loiros e brancos? Hipóteses de sua etimologia

Os cabelos, a pele e os olhos claros são características particulares das populações caucasianas. Na maioria dos caucasoides, os cabelos podem “ser loiros (dourados) ou de diferentes tons de ruivo (coloração vermelha); os olhos azuis, cinza, cor de amêndoa ou um indeterminado azul ou cinza-esverdeado”³⁵ (BEALS; HOIJER, 1965, p. 212). As populações caucasianas do noroeste da Europa (nórdicos) possuem uma alta porcentagem de pessoas altas, cabelos claros, olhos azuis e fenótipos claros, em comparado às outras variedades desse tipo racial (BEALS; HOIJER, 1965, p. 216).

Não é difícil escutar dos espanhóis e dos portugueses o imaginário que os *galegos*, e de maneira geral, as populações do norte da Península Ibérica possuem a pele mais clara. Até nas especulações da etimologia do nome Galiza, esse clichê se sobressai. Como exemplo, já havia no séc. VII d.C a hipótese de Isidoro de Sevilha³⁶ (Santo Isidoro, c560-636), segundo a qual *Galiza* (lat. *Gallaecia*) originava do grego *gala* (port. leite), denominação motivada por, aparentemente, os *galegos* terem a pele branca, ou seja, “brancos de corpo e os *galleci* mais que o resto dos hispanos” (CAÑADA, ca. 2003, p. 140). Assim também afirmava o lexicógrafo espanhol (séc. XV) Alfonso de Palencia (1490): “*galeci*, del

³⁵ “Golden, or various shade; the eyes blue, gray, hazel, or an indeterminate blue- or gray-green.” (BEALS; HOIJER, 1965, p. 212, tradução nossa).

³⁶ Isidoro de Sevilha foi um bispo espanhol (600-636) conhecido por sua obra *Etymologiae*, uma obra erudita reunida em 20 livros com um número imenso de étimos (VIARO, 2011, p. 35).

blancor se dizem segund que los galos, por que son más blancos que las otras gentes delas Españas” (NIETO JIMÉNEZ; ALVAR EZQUERRA, 2007, p. 5012).

Como o uso de *galego* em Santa Catarina se encontra principalmente entre as zonas de colonização açoriana e luso-brasileira, se faz necessário compreender na historiografia, nos estudos antropológicos e de geografia humana, a descrição da fisionomia dos portugueses. Principalmente quando se considera que na lexicografia portuguesa se registra o uso de *galego* entre os portugueses do sul (os alentejanos, em particular) para denominar os do norte.³⁷ De acordo com a descrição do respeitado geógrafo português Orlando Ribeiro:

A população portuguesa compõe-se, como a maior parte dos povos da Europa Ocidental, de três elementos: o *mediterrâneo*, largamente preponderante em todo o País, caracteriza-se pelos traços morenos – pele, cabelo, olhos –, estatura meã a baixa, crânio alongado, face média ou estreita, constituindo o tipo mais comum do português; o *alpino* distingue-se do anterior principalmente pelo crânio mais curto e pela face mais larga e a sua influência parece mais sensível no Sul; o *nórdico*, com olhos, pele e cabelos claros e estatura mais elevada: embora bastante generalizada, a sua influência é mais forte em Entre Douro e Minho, onde se encontra excesso significativo (entenda-se: em relação à média do País) de olhos azuis, cabelos loiros, peles rosadas e estaturas mais elevadas. (RIBEIRO, 1987, p. 17).

Segundo a interpretação do geógrafo alemão Hermann Lautensach, os antropólogos portugueses costumam classificar os “tipos raciais” lusitanos em 4 categorias. Três delas (tipo 01, 02 e 04) compartilham características mais mediterrâneas: cabelos pretos (tipo 01), estatura média (tipo 04) e pequena (tipo 01), fisionomia morena (tipos 02 e 04), por vezes muito morena (tipo 04). O tipo racial 01, conhecido como mediterrâneo, constitui maioria da população portuguesa atual “já que tanto a dominação romana como a invasão árabe introduziram sangue do tipo” (LAUTENSACH, 1989, p. 712). Os portugueses mais morenos de “queixo saliente, nariz aquilino encurvado e grandes olhos

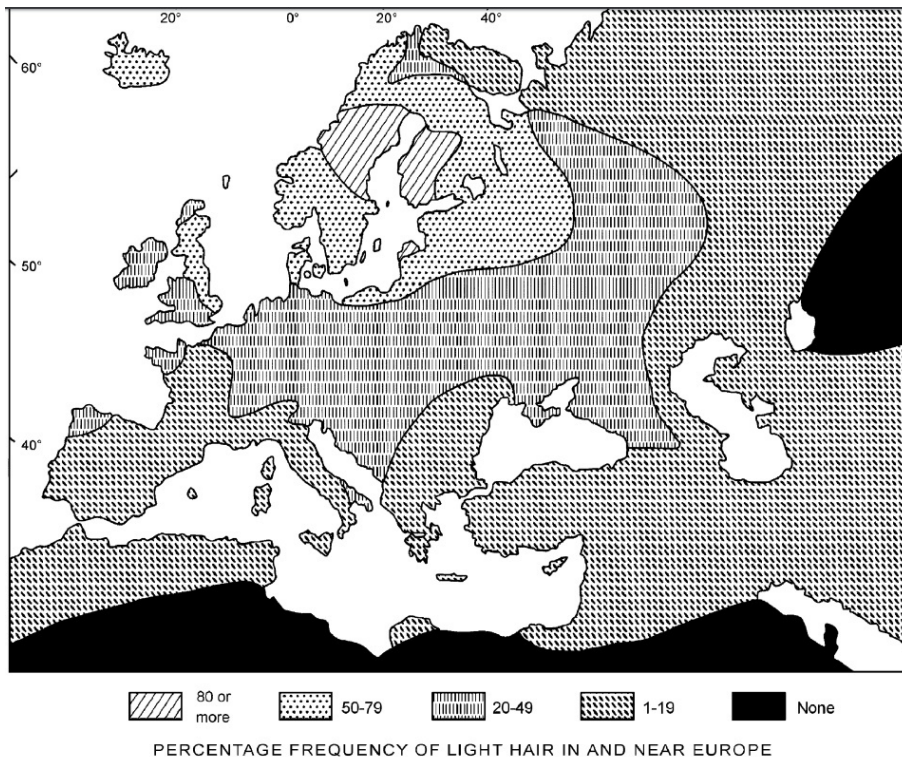
³⁷ Cabe lembrar que parte considerável do norte de Portugal formava o antigo território da Galiza.

em forma de amêndoa” (LAUTENSACH, 1989, p. 712), para Lautensach, estão no Algarve (sul de Portugal), entre a população pescadora e no litoral noroeste. Apenas o tipo 03 possui estatura elevada, tez branco-avermelhada, olhos claros, cabelo louro ou arruivado.

O tipo 03 é classificado por Lautensach (1989, p. 713) como advindo do substrato nórdico.³⁸ O sangue nórdico, segue o autor, “não foi só introduzido pelos suevos e visigodos; existia já anteriormente, pois foram encontrados esqueletos de tipo nórdico nos túmulos de Cascais, de idade lusitano-romana”. De acordo com Lautensach (1989, p. 713), ainda não é certo dizer que “foram os celtas que trouxeram pela primeira vez sangue nórdico para Portugal”. O que afirma o autor é que os de características nórdicas acentuadas estão espalhados entre a gente de fisionomia morena em diversos lugares de Portugal. Contudo, segundo observações próprias desse pesquisador, há uma frequência maior no Minho (norte de Portugal), tanto no litoral Minhoto quanto nos vales do rio Minho, citando, como exemplo, as localidades de Melgaço e Monção. Para Lautensach (1989, p. 713), a fisionomia mais comum entre os portugueses é a denominada tipo misto: que dos traços nórdicos herdamos apenas a cor avermelhada do rosto e a estatura, pelo menos média, sendo as restantes características de origem mais mediterrânea.

³⁸ É importante salientar que o conceito ‘nórdico’ usado na antropologia portuguesa se remete aos povos originários das terras para lá do norte da Península Ibérica (os celtas, suevos etc.), e não particularmente dos países escandinavos.

MAPA 7 – Porcentagem e frequência de cabelos claros na Europa

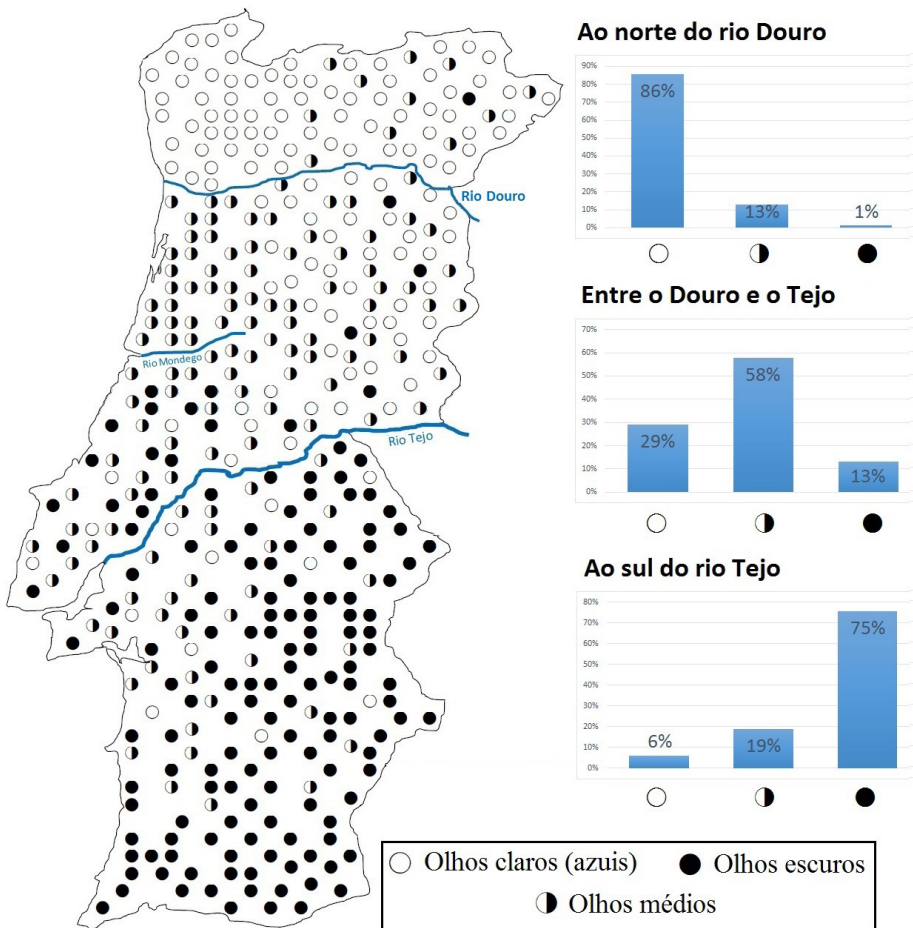


Fonte: Beals e Hoijer (1965, p. 214).

Mais especificamente com relação à lexia *galego*, como já vimos, a lexicografia brasileira costuma apontar duas acepções mais frequentes. A primeira que o uso de *galego* é para designar os portugueses, e a segunda para denominar pessoas de cabelos loiros e pele clara. Esta última acepção, porém, não serve para descrever a primeira, se considerarmos o que dizem Ribeiro (1987) e Lautensach (1989), ou seja, os portugueses possuem características fisionômicas bem contrastantes. Apesar do senso comum brasileiro tratar os europeus como brancos, e, por vezes, loiros e de pele clara, esses traços físicos não retratam por completo a realidade fisionômica dos imigrantes portugueses e de seus descendentes. Já havia uma diversidade de tons de pele, estaturas, olhos, cabelos entre os lusitanos antes da onda imigratória para o Brasil.

O que não podemos responder é se essa percepção interna no grupo imigratório existia e teria, portanto, originado esse conteúdo semântico – pessoa loira e de pele clara – antes de se assentarem no Brasil. Apesar desta se constituir uma hipótese. O que podemos afirmar é que entendê-la como originada na percepção de tons diferentes de pele e cabelo entre os luso-brasileiros e os portugueses é uma interpretação superficial do caso.

MAPA 8 – Distribuição da cor dos olhos em Portugal



Fonte: Adaptado (réplica) de Amorim Girão (1960, p. 236).

Vale ressaltar ainda que, a lexicografia portuguesa não aponta vestígios sobre a segunda aceção, o que não nos auxilia na sustentação dessa hipótese. O que se soma a essa interpretação é que os cabelos loiros na Península Ibérica, não só em Portugal, são uma característica minoritária, e provinda dos povos nórdicos. Além disso, é conhecido o aspecto intrínseco da alcunha em denominar minorias pela maioria. Assim, ser loiro e ter olhos e pele de tons mais claros é, nesse caso, um traço minoritário no contexto ibérico e, hipoteticamente, pode estar relacionado a uma região geográfica. O mapa 7 apresentado pelos antropólogos Beals e Hoiyer (1965, p. 214), por meio de anotações de campo de Frederick Hulse, apontam a região da antiga Galícia como a que possui maior porcentagem de pessoas com cabelos claros na Península Ibérica. A Galiza é cartografada com 20 a 49% da característica citada, em contraste com o restante da Península inserida na menor parcela, de 1 a 19%. A região da Europa com maiores índices de cabelos claros é a Escandinávia.

Como já vimos, uma característica do substrato nórdico é a pigmentação clara dos olhos, em particular os olhos que tendem ao tom azulado. No mapa 8, apresentado pelo conhecido geógrafo português Amorim Girão (1960, p. 236) através das 11.601 anotações do antropólogo Eusébio Tamagnini, se observa uma divisão clara na distribuição da coloração dos olhos em Portugal. O norte lusitano de fenótipo mais nórdico (coloração mais clara) e a parte sul de fenótipo mais mediterrâneo (coloração mais escura). Entre os rios Tejo e Douro há, ainda, uma zona geográfica de transição, na qual a coloração majoritária é média. Com o detalhe que, ao norte e leste do vale do Rio Mondego, há uma preponderância de olhos de cor mediana e clara.

Seriam, portanto, os *galegos*³⁹ os mais loiros na Península Ibérica?⁴⁰ Aparentemente os estudos de antropologia e de geografia humana indicam que sim.

Assim sendo, a questão do conteúdo semântico – pessoa loira e clara – pode ter suas raízes num estágio anterior da língua portuguesa,

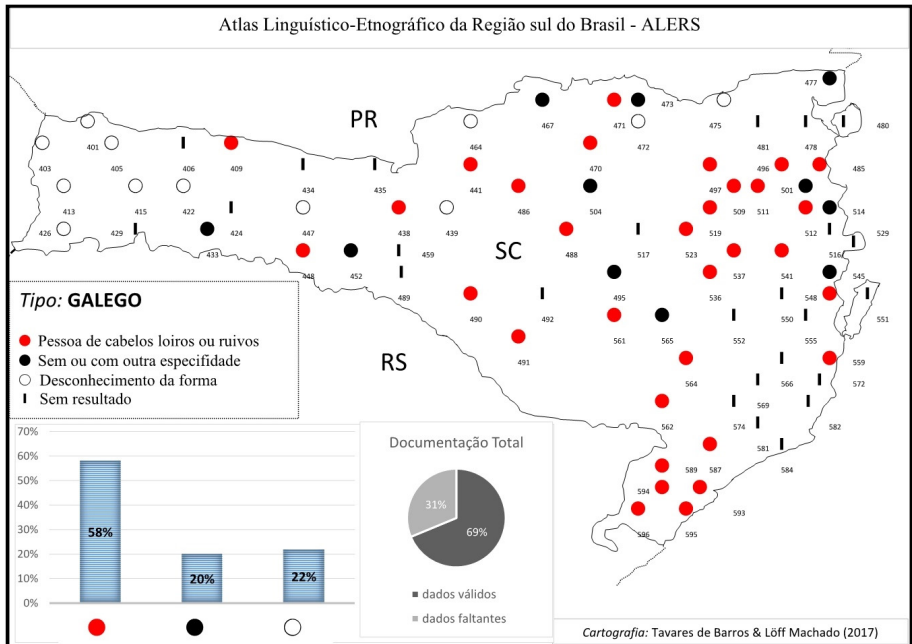
³⁹ Compreendendo o sentido dessa alcunha como aquele que engloba todos os povos que estão acima do Alentejo (norte de Portugal e a Galícia atual).

⁴⁰ Outro aspecto que deve ser tomado em consideração é como os portugueses e os brasileiros consideram uma pessoa loira ou morena, e os graus dessa percepção. Cabe ressaltar que, não encontramos pesquisas sobre esse tema específico.

portanto, anterior às levas de imigração portuguesa ao Brasil. Seria, dessa forma, um caso de arcaísmo semântico uma vez que em Portugal, até onde se sabe, não se conhece e tão pouco se usa esse sentido para a alcunha *galego*. A falta de registros na lexicografia portuguesa, no entanto, exige estudos mais aprofundados para confirmar tal hipótese.

O mapa 9, a seguir, mostra a arealização da acepção “pessoa de cabelos loiros” e “pessoa de cabelos ruivos/ avermelhados”. Resolvemos abstrair as duas acepções no mapa por meio do símbolo hachurado em vermelho. Isso pelo fato que ambas tonalidades de cabelos são por vezes confundidas e tratadas como semelhantes. Eis o caso dos comentários metalinguísticos nos pontos 548, 561 e 594. O símbolo hachurado em preto é empregado tanto para os casos de respostas que não apresentaram uma especificidade semântica, quanto para os que o conteúdo semântico era outro. Como nos mapas 5 e 6, o símbolo vazio representa o desconhecimento da forma por parte do informante e o traço vertical para sem resultados no ponto de inquérito.

Como se pode ver no mapa 9, em Santa Catarina, a carga semântica – pessoa loira ou ruiva – está presente em toda região de ocorrência da forma *galego*. Sem formar, portanto, uma isoglossa específica dentro da diatopia de uso e conhecimento da mesma. Esse sentido corresponde a 58% dos casos registrados para a referida lexia, ou seja, o de maior ocorrência. Portanto, para onde a forma foi difundida se encontra também seu conteúdo semântico majoritário.

MAPA 9 – Uso de *galego* para denominar pessoas loiras ou ruivas

Fonte: Elaborado por Tavares de Barros e Löff Machado.

Considerações finais

Como os dados do ALERS revelaram, o uso da alcunha *galego* parece ser elemento léxico próprio da colônia portuguesa e das regiões luso-brasileiras em Santa Catarina. O seu uso se expandiu tanto da faixa açoriana para o interior catarinense de colonização alemã, italiana e eslava, quanto da faixa luso-brasileira (na rota dos tropeiros) para o interior de substrato linguístico em que o elemento luso é minoritário.

O uso de *galego* para alcunhar os descendentes de alemães foi uma das acepções documentadas (8 ocorrências). Aqui, pode estar relacionada à experiência dos portugueses com os antigos vizinhos na Península Ibérica, os *galegos*. Os *galegos* são, às vezes, loiros, e, por essa percepção, opera-se a generalização “todos os loiros são *galegos*”. No novo contexto, já do outro lado do Atlântico, os loiros, geograficamente mais próximos, são, em sua maioria, os vizinhos teuto-brasileiros. Em

vista disso, o uso de *galego* para denominar os alemães pode aludir uma memória coletiva dos lusitanos cristalizada no emprego da alcunha.

Considerando que os Açores têm nas suas raízes de povoamento (a partir de 1400) diferentes grupos vindos de Portugal continental, existe uma certa probabilidade de que o antropônimo *galego* em Santa Catarina tenha origem desse traslado linguístico⁴¹. Por sua vez, não se pode descartar que o conteúdo semântico “pessoa loira e clara” tenha procedência das relações entre o sul e o norte português, justamente por haver uma diferença significativa na fisionomia advinda dos substratos dos antigos povoadores. Em Portugal os aspectos “alourado” e “arruivado” só aparecem com o denominativo *galego* nas características de alguns frutos e plantas, como o caso do trigo *galego-barbado* e *galego-rapado* (ou *mocho-ruivo*) e das variedades de uva *galego-dourado* e *galego-de-Montemor* (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). Se seria um caso de *relict* semântico relacionado à acepção “pessoa loira e clara” em Santa Catarina, cabe às futuras investigações afirmarem.

Como a alcunha *galego* historicamente é usada no sul de Portugal com ar de zombaria (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72) para se referir aos portugueses do norte, tanto a cor da pele, como também dos cabelos e dos olhos poderiam ter motivado o uso desse apodo, quando as mesmas características fossem motivo de riso e chacota.

A Galiza e os galegos são elementos muito frutíferos na Antroponímia e Toponímia Ibérica e da România Nova. Apesar dos tantos registros encontrados na Lexicografia, é perceptível os mistérios que o apodo *galego* ainda esconde nas manifestações da Lusofonia. Os dados do ALERS somente revelam parcialmente essa multiplicidade de cargas semânticas que a forma denominativa produz. O presente estudo foi uma contribuição para que a Filologia Histórica, a Dialectologia e a Onomástica compreendam melhor a figura folclórica do *galego* na expressão etnográfica luso-brasileira e na cultura portuguesa do Brasil.

⁴¹ Cabe aqui ressaltar que, entre os portugueses assentados por meio da onda imigratória para o litoral de Santa Catarina, não havia apenas açorianos, senão também, em número menor, imigrantes da Madeira e de Portugal continental.

Agradecimentos

Agradecemos ao Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS – Porto Alegre, Brasil) pela confiança em nos ceder os dados do ALERS para esta pesquisa; ao Prof. Dr. Henrique Monteagudo (Real Academia Galega), por suas contribuições da literatura do folclore *galego* português; à Alma Sánchez Núñez, leitora de língua e cultura galega na Universidade de Kiel, pelo auxílio prestado, e à colega Amalia Pérez Valiño pela boa vontade em ajudar; aos colegas Luana Cyntia dos Santos Souza (UFRGS – Porto Alegre), Mario Ruíz Moreno (Universidade de Hamburgo), Selmo Figueiredo Júnior (Universidade de São Paulo), Facundo Reyna Muniain (Universidade de Bremen / Universidade de Kiel) por seus auxílios, a Rebecca Borges e Silva (Universidade de Bremen) e Fabiana Santos Zebner (Universidade de Hanover) pela “sabedoria cearense e pernambucana”; e a Mailson dos Santos Lopes (UFBA), pela colaboração com referências bibliográficas. Também exprimimos nossa gratidão ao Prof. Dr. Harald Thun (CAU, Kiel- Alemanha), pelos comentários e observações metodológicas; à Profª. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte, Brasil), pela atenção e contribuição com referências lexicográficas, e por fim, aos pareceristas anônimos desse trabalho que nos trouxeram importantes apontamentos.

Referências

- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Org.). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis, Ed. UFSC, 2011.
- ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT; Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.
- AMORIM GIRÃO, A. *Geografia de Portugal*. 3. ed. Porto: Portucalense Editora, 1960.
- ASSO, J. P. *Nuevo diccionario etimológico aragonés: voces, frases y modismos usados en el habla de Aragón*. Zaragoza: Gara d’Edicions, 2002.

BARROS, V. F.; GUERREIRO, L. M. *Dicionário de Falares do Alentejo*. Porto: Campo das Letras, 2005.

BARROS, V. F. *Dicionário do falar de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Âncora Editora; Edições Colibri, 2006.

BARROS, V. F. *Dicionário de Falares das Beiras*. Lisboa: Âncora Editora; Edições Colibri, 2010.

BEALS, R. L.; HOIJER, H. *An introduction to Anthropology*. 3 ed. Toronto; Canadá: The Macmillan Company, 1965.

BEIRANTE, M. Â. Onomástica galega em duas cidades do Sul de Portugal: Santarém e Évora. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, n. 6, p. 103-110, 1992. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/6698>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra; Lisboa: Lisboa Colégio das Artes; Pascoal da Sylva, Joseph Antonio da Sylva, Patriarcal Officina da Musica, 1712-1728. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Concordancias>>. Acesso em: 11 set. 2017.

BORBA, F. S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRITO, M. F. A. S. C. P. A alcunha: configuração linguística de um continuum afectivo (observação de uma micro-sociedade de tipo clânico). *Revista Hvmánitas*, Coimbra, v. L, n. 50, Tomo II, p. 835-866, 1998. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas50/48.2_Carvalho_Brito.pdf>. Acesso em: 19 set. 2017.

CABRAL, T. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1972.

CÂMARA; B. A. D. *O “retalho” do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830-1870*. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

CÂMARA CASCUDO, L. *Ensaio da etnografia brasileira* (Pesquisas na cultura popular do Brasil). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

CAÑADA, S. *Gran enciclopédia galega*. Lugo: El Progreso; Diario de Pontevedra, ca. 2003.

CARDOSO, J. *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Coimbra: João Álvares, 1510-1569. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/LerFicha.asp?Edicao=4&Posicao=59671>>. Acesso em: 11 set. 2017.

CARVALHINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de lingu@gem: Revista Eletrônica de Lingüística*, Ano 1, n. 1, 1º Sem. 2007.

CASARES, J. *Diccionario ideológico de la lengua española*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1942.

CASTELEIRO, J. M. (Cord.). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; Editorial Verbo, 2001. 2 v., 3809 p.

CHUCHUY, C.; BOUZO, L. H. *Nuevo Diccionario de Americanismos Tomo II: Nuevo Diccionario de Argentinismos*. Santafe de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993.

CLEROT, L. F. R. *Vocabulário de termos e gíria da Paraíba: estudo de Glotologia e Semântica Paraibana*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1959.

COSTA, J. R. M. *O livro dos provérbios portugueses*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

CRUZ, M. A. A. *Diccionario temático: americanismos*. Léon: Editorial Everest, 1888-1980.

DAL CORNO, G. O. M. Léxico e identidade regional nas comunidades da antiga rota dos tropeiros. In: ENCONTRO DO CELSUL, IX, 2010, Palhoça. *Anais...* Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. p. 1-9.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA (DEL) de la Real Academia Española (RAE). Disponível em: <<http://dle.rae.es/index.html>>. Acesso em: 18 set. 2017.

DICCIONARIO DEL HABLA DE LOS ARGENTINOS. 2. ed. Buenos Aires: Enecé Editores; Academia Argentina de Letras, 2008.

EÇÃ, J. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Gab-Heh; Editorial Enciclopédia Limitada, 1944-1945. v. 12.

ESTRAVÍS, I. A. *Dicionário da língua galega*: Madrid: Alhena Ediciones, 1986. Tomo II.

FERRAZ, L. P. P. “*Deus te leve a Pernambuco*”: antilusitanismo, legislação e estatística na história da imigração portuguesa para Pernambuco (1945-1964). 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

Ferreira, C. et al. (Org.). *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: UFBA/Instituto de Letras; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FILIPAK, F. *Dicionário sociolinguístico paranaense*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

FURLAN, O. A. Aspectos da influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 165-186.

FURLAN, O. A. 250 anos de influência açoriana no português do Brasil. *Revista Ágora*, Florianópolis, v. 13, n. 27, 1998a. Disponível em: <<https://agora.emnuves.com.br/ra/article/view/190/pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

FURLAN, O. A. Influência dos Açores no português do Brasil, 250 anos depois. *Revista Insulana*, Ponta Delgada, Açores, v. LIV, p. 23-51, 1998b.

FURLAN, O. A. O português dos catarinenses de ascendência luso-brasileira comparado com o português europeu. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, BA, n. 5, p.227-253, dez. 1986.

GUIMARÃES DA SILVA, F. A. *Dicionário da ilha: falar e falares da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.

HAENSCH, G.; WERNER, R. *Diccionario del español de Cuba*. Madrid: Editorial Gredos, 2000.

HOLANDA FERREIRA, A. B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Mapas político-administrativos regionais. Base de dados de 2010. Disponível em: <<https://mapas.ibge.gov.br/politico-administrativo/regionais>>. Acesso em: 22 fev. 2018

KREMER, D. Antroponímia e Toponímia: sobre alguns autores de referência e desideratas. *Actas Sarmiento*, p. 719-727, 2006.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Org.). *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2. ed. Porto Alegre; Florianópolis: Editora da UFRGS; Ed. UFSC, 2011.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Maim: TFM, 2000. p. 55-69.

LARA, L. F. *Diccionario del español de México*. México: El Colegio de México; Centro de Estudos Linguísticos y Literarios, D.F, 2010.

LAUTENSACH, H. Geografia da população. In: RIBEIRO, O. A.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. *Geografia de Portugal: o povo português*. Lisboa: Edições Joao Sá da Costa, 1989.

LEITE DE VASCONCELLOS, J. L. *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a idade média até hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

LEITE DE VASCONCELOS, J. L. *Etnografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1958. v. IV.

LEITE DE VASCONCELOS, J. L. *Revista Lusitana*. Porto: Livraria Portucalense, 1890-1892. v. II.

MONES, U. *Nuevo Diccionario de Americanismos Tomo III: Nuevo Diccionario de Uruguayismos*. Santafe de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993.

MORÍNIGO, M. A. *Diccionario del Español de América*. Madrid: Anaya & Mario Muchnik, 1993.

NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1966.

NEVES, A. N. *Diccionario de Americanismos*. Buenos Aires: Editorial Sopena, 1973.

NIETO JIMÉNEZ, L; ALVAR EZQUERRA, M. *Nuevo tesoro lexicográfico del español (s. XIV-1726)*. Madrid: Editorial Arco Libros, 2007. v. 6 G-K.

NUNES, N. N.; KREMER, D. *Antroponímia primitiva da Madeira e repertório onomástico histórico da Madeira século (XV e XVI)*. Tübingen: Niemeyer, 1999.

NUNES, Z. C.; NUNES, R. C. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

OLIVEIRA, Alberto J. *Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 2. ed. Porto Alegre: Editora AGE, 2003.

ORTÊNCIO, W. B. *Dicionário do Brasil central: subsídios à Filologia, linguagem, usos e costumes, folclore, toponímia dos municípios goianos*. São Paulo: Ática, 1983.

PENA, X. A. *et al. Gran diccionario século 21 da lingua galega*. Vigo: Editorial Galaxia, 2005.

PEREIRA, B. *Thesouro da língua portuguesa*. Évora: Tipografia da Academia, 1697. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Concordancias&tipo=formpalavra&palavra=209732>>. Acesso em: 11 set. 2017.

PETRUCCELLI, J. L. (Org.). Auto identificação, identidade étnico-racial e hétero classificação. In: PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA; A. L. (Org.). *Características étnico raciais da população: classificações e identidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 31-50.

PIRES, M. *Pequeno vocabulário mirandês-português*. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, 2004.

PLAGER, F. *Diccionario integral del español en la Argentina*. 1 ed. Buenos Aires: Voz Activa, 2008.

POLANAH, L. O estudo antropológico das alcunhas. *Revista Lusitana* (Nova Série), Universidade do Minho, v. 7, p. 125-145, 1986.

QUESADA PACHEDO, M. A. *Nuevo diccionario de costarrriqueñismos*. Cartago: Editorial Tecnológica de Costa Rica, 1991.

RAMOS, F. M. *Alcunhas alentejanas: estudo etnográfico*. Monsaraz: [s. n.], 1990.

RAMOS, F. M.; SILVA, C. A. da. *Tratado das Alcunhas Alentejanas*. Lisboa: Arte Mágica, 2003.

REYES, J. M.; REYES TABORGA, I. M. *Diccionario de bolivianismos y semántica boliviana*. 1. ed. La Paz: Librería Editorial Juventud, 1982.

RIBEIRO, O. *A formação de Portugal*. 1. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

ROMERO, M. *Diccionario de salvadoreñismos*. 2. ed. El Salvador: Editorial Delgado, 2005.

SARAMAGO, J.; SEGURA, L.; VITORINO, G.; BARROS FERREIRA, M. *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)*. 2012. Disponível em: <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

SERAINE, F. *Dicionário de Termos Populares registrados no Ceará*. [s. l.]: Organização Simões; Editora Rio, 1958.

SILVA NETO, S. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1958.

SIMÕES, G. A. *Dicionário de expressões populares portuguesas: arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares comuns, aportuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem*. Lisboa: Perspectivas e realidades, 1984.

SIMÕES, T. S. B. *Dicionário do falar raiano de Marvão*. 1. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

TABOADA, J. *La descalificación de Galicia en la Literatura y en el pueblo*. Douro Litoral, Porto, v. 6, n. 7-8, p. 105-127, 1955.

TAVARES DE BARROS, F. H.; LÖFF MACHADO, L.; PHILIPPSEN, N. I. Alcinhas e (i)migração no sul da Amazônia Meridional. *Revista Organon*, Porto Alegre, UFRGS, v. 32, p. 1-15, n. 62, 2017.

THUN, H. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, C. (Ed.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.



***Galego* as a nickname in the Portuguese of Santa Catarina: findings from ALERS**

A alcunha *galego* no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS

Fernando Hélio Tavares de Barros

Universidade Christian-Albrechts de Kiel (CAU), Kiel, Schleswig-Holstein / Alemanha
fernando.helio@ufrgs.br

Lucas Löff Machado

Universidade Católica de Eichstätt e Ingolstadt (KU), Eichstätt, Baviera / Alemanha
lucas_loff@hotmail.com

Grasiela Veloso dos Santos Heidmann

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso / Brasil
grasinhavs@hotmail.com

Neusa Inês Philippsen

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT, Campus Sinop), Sinop, Mato
Grosso / Brasil

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil

neinph@yahoo.com.br

Resumo: É conhecida a figura dos *galegos* no folclore luso-brasileiro. A língua através de suas diversas expressões reflete a Galícia e seus habitantes na memória coletiva dos luso-brasileiros, mesmo que de maneira opaca. O objetivo deste estudo é descrever o uso da alcunha *galego* no português falado no Estado de Santa Catarina - SC, no sul do Brasil. A perspectiva da onomástica e da geolinguística delinea as bases teóricas dessa investigação. Por meio dos dados levantados e disponibilizados pelo *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS, foi possível analisar a pergunta “pessoa que tem cabelos loiros e tez clara, dizemos que é?” (Questionário 3.3.3 – ALERS). O

levantamento lexicográfico dessa forma lexical revelou inicialmente uma diversidade de conteúdos semânticos tanto na Península Ibérica quanto na România Nova. O uso de *galego* em SC permeia duas importantes áreas geográficas de assentamento luso: a primeira no litoral, conhecida como zona açoriano-catarinense, marcada pela influência da imigração açoriana e a segunda historicamente descrita como rota de passagem de tropeiros e de influência paulista. Encravadas entre essas duas áreas estão as regiões coloniais, majoritariamente, italiana, alemã e eslava, para onde o uso da forma *galego* foi difundido. A acepção “pessoa de cabelos loiros” foi a de maior frequência. A hipótese é que sua origem seja resultado das diferenças fisionômicas entre as regiões sul e norte de Portugal. A carga semântica também poderia ser reflexo da situação dos *galegos* da Galiza em *status* de minoria e diáspora em Portugal, considerando-se os seus traços físicos como motivação denominativa.

Palavras-chave: *galego*; antroponímia; Santa Catarina/Brasil; léxico; geolinguística.

Abstract: The figure of *galegos* (Galicians) is well-known in Luso-Brazilian folklore. The Portuguese language reflects, although at times opaquely, how Galicia and its inhabitants are collectively perceived by Brazilians. This study aims to describe the use of the nickname *galego* in the Portuguese spoken in the southern Brazilian state of Santa Catarina (SC). Onomastics and geolinguistics will provide the theoretical framework for this study. Through the data surveyed and made available by the *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* it was possible to analyze the question, “What do you call a pale-skinned person with blonde hair?” (question 3.3.3 – ALERS). The lexicographical survey of this term initially revealed a diversity of semantic content, both on the Iberian Peninsula and in New Romania. The use of *galego* in SC is spread across two important geographic areas of lusophone settlement: the first is known as Azorian-Catarinense, where immigrants from the Azores settled in this coastal area leaving a profound impact; the second has been historically under São Paulo’s influence, since it served as a passage for cowboys. The use of the term *galego* was finally spread into the colonial regions (mostly of Italian, Slavonic, and German origins), that developed between both regions. The term was mostly applied with the meaning “blonde-haired person”. Our hypothesis is that such a meaning originated from the different physical features of the inhabitants of southern and northern Portugal. The semantic load may also reflect the minority status of Galicians in Portugal, their physical aspect representing what would have triggered such a denomination.

Keywords: *Galician*; anthroponymy; Santa Catarina/Brazil; lexicon; geolinguistics.

Received on December 6, 2017.

Accepted on February 19, 2018.

1 Introduction

In the quiet city of Barcelos (Portugal), a crime worried its residents. That is until a young Galician, a *galego*, a stranger in the area, was accused and sentenced to be hanged. Before the hanging, the young man asks to appear before the judge who had sentenced him. When he arrived at the judge's house, the poor *galego* pleaded for his innocence, conjuring that the rooster, which was being cooked in the pan at that moment, would rise and crow at the time of his death, thus proving the injustice that was being done. The rooster, a few minutes before the young man's farewell, stood and its thunderous crowing deafened the ears of unbelievers. The mistaken judge stood up and headed to the location of the hanging to correct his error. Luckily, the *galego* had been saved due to a poorly tied knot on the rope.

As one of Portugal's most popular pieces of folklore, the *Rooster of Barcelos*¹ is only one of the many tales in which the *galego* is an element in Lusitanian imagination. Because of its Portuguese origin, Brazil inherited the presence of *galegos* in its popular expression. However, the *galego* figure is still quite unknown in the Luso-Brazilian imagination. To contribute to its ethnographic description, focusing on this article, we present unpublished data from the *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* (Linguistic-Ethnographic Atlas of South Brazil) about the use and knowledge of the nickname *galego* in the linguistic repertoire of Santa Catarina residents.

We begin this text with some notions of anthroponymy and the specific study of nicknames. After, we present the existing bibliographic references about this popular nickname, specifically, in the few records found in linguistic atlases and dictionaries used as reference. Subsequently, we focus on the *corpus*, both quantitative and qualitative, which produced question 19 – Of people with blond hair and fair skin; we say they are – in the *Specific semantic-lexical questionnaire (3.3.3) for Santa Catarina* applied by ALERS (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 53).

¹ The version narrated in the text is one of the existing versions in literature. It was extracted from the official site of the municipality of Barcelos – Portugal. Available on: <<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/lenda-do-galo>>. Viewed on: Nov. 4 2017.

2 Anthroponymy and the study of nicknames

The term anthroponymy (anthroponomastics) was used by the Portuguese philologist José Leite de Vasconcelos, in 1887, in his *Revista Lusitana*. This branch is a subdivision of onomastics, a science that applies to the study of names, from toponymy, onymy, anthroponymy, among others (KREMER, 2006, p. 720). Based on Nunes and Kremer's (1999, p. 5) definition, the three fundamental anthroponym types are forenames, names of origin, and lexical names. Forenames are related to the first name, names of origin are related to the second name (last name, surname). The latter is more comprehensive and, to a certain extent, identifies the individual in society, constituting the basis of family names. Consequently, lexical names refer to names extracted from the common or general lexicon, including nicknames or epithets. For Polanah (1986, p. 142), a nickname is also classified as a last name, "given that it overlaps the personal name". Both name and surname "are two formulas whose purpose is to assign meaning to the individual in two very different moments of their existence: the name prognosticates;² the nickname diagnoses".

In Brazil, the term "apelido"³ is commonly used, meaning "alunha," in reference to nicknames. Nicknames are created for external motivations, related to people's experiences. According to Brito (1998, p. 846), "a nickname, an alter-name intentionally forged for concrete individuals, is inscribed in a discourse of strictness, given that it portrays such individuals faithfully before the group's eyes, and individualizes them, playing its social role exemplarily." Brito also adds that a nickname is a type of "people's baptism," in which the people are the creators and, somehow, seize the power that legitimates a nickname within a social group.

² Carvalinhos (2007, p. 2) highlights that, in the beginning of times, names had a connotative expression that could easily be decoded. In modern times, names are no longer used as prognoses, because of the semantic stripping they underwent throughout the years. Names inspired mostly by means of mass communication (names of soap opera characters) and others are clearly observed in Brazilian population.

³ Ramos (1990, p. 23) identifies synonyms for this lexical item: alias, nickname, byname, cognomen, epithet, handle, moniker, all of these expressions refer to the same concrete and palpable reality that permeates the linguistic and symbolic universe for thousands of speakers who depend on the oral word as a privileged communication instrument."

For the author, when the epithet is approved by the group, it means it reveals the welcoming that makes the individual acceptable within such a group. Nevertheless, contrary to this author's opinion, this is not always true, considering that certain nicknames have their origin, for instance, in embarrassing situations that end up being accepted by the recipient of the nickname. The author also argues that epithets are a type of "identity card" that assign the role of "verbal caricature artists" to the people.

Ramos (1990), in an anthroponymy study for the Alentejo region, points out that fictitious denominations are more likely and more productive in villages, "privileged spaces for nicknames" (RAMOS, 1990, p. 36), given that "they find, in the rural environment, the ideal grounds for proliferation" (RAMOS, 1990, p. 24). Therefore, small communities, villages, less populated towns, are spaces where people are closer, unlike the big metropolises, where the fast-paced life reduces neighborhood relations, and, consequently, there is less personal relationship and less nicknaming.

Leite de Vasconcelos, in his work *Antroponímia Portuguesa* (1928, p.178), points out that many names may have their origins in nicknames, thus revealing the "spirit of commonality", and divided them into three main types: geographic, ethnic-geographic, and personal. Thus, the author presents the following division: nicknames alluding to the person (age, stages of life...), social status, positions, professions, physical and moral qualities, nicknames related to habits, clothing, magical and religious ideas, as well as geographic ideas. In this context, the author mentions a series of names in Portuguese culture that originated from nicknames, such as those indicating family ties, e.g. Sobrinho (nephew), Neto (grandson), Filho (son), Furtado (illegitimate son), among others. This shows that the anthroponymic designation is strongly connected to society's historical-cultural contexts.

Similar to Leite de Vasconcelos (1928), Ramos (1990, p.57) defined a taxonomy for nicknames and divided them into four large classes: Physical (Peg leg, Baldy, Fatso...), Behavioral (Wintertime communist, Pees-softly...), Geographic references (German, Galician, Villager...), and Professional (Cobbler, Brush Frank, Sacristan...). The categories Astronomical, Gastronomical, Impolite, Ornithological, Political, Winery, and Zoomorphic are also added to the division above (RAMOS, 1990, p. 61-72). These divisions by species and taxonomy

help in understanding the origin of nicknames, as well as their linguistic and sociocultural aspects.

Similarly, ethnic-geographic names are clues for understanding individuals' origins, and, therefore, a people's history. Nunes and Kremer (1999, p. 45) provide an example of use for the nickname *galego*, referring primarily to it as an ethnic-geographic designation, and that, secondly, has been used with an expanded significance, such as that of a "very hardworking man" (more specific aspects of this nickname are provided below). The authors also mention nicknames such as *Pole*, *Japanese*, and *German*, among others, to refer to people whose phenotypical characteristics correspond to those of people with such geographic origins or their descendants.

Therefore, in this work, we propose to examine the question: What is the semantic motivation for the nickname *galego* used in Brazil with its most common meaning, i.e. that of a "white and blond person"? Could this be linked to historical-geographic aspects of Portuguese and Galician people's origins, to the physiognomic/phenotypical aspects (Galicians are blond) or metaphorical (contextual extralinguistic factors in Brazil, favor its use and dissemination)?

3 *Galego* in literature, in geolinguistic and lexicographic records

Galego, from the Latin *gallaecus* (CARDOSO, 1510-1569) / *gallaecu* (PENA *et al.*, 2005, p. 625), comes from the choronym *Callaecia/Gallaecia*, which referred to the territory inhabited by the *callaeci/gallaeci* (CAÑADA, ca. 2003, p. 136).

On the Iberian Peninsula and in Latin America, *galego* is a word used for several denominations. We went through peninsular and Latin American lexicography to understand this lexical item's different uses, which sometimes carry neutral attributes and other times carry negative derogatory loads.⁴

⁴ A study on the derogatory nature of the expression *galego* in literature is proved by Taboada (1955). Among the aspects pointed out, the author lists mass Galician emigration to explain this people's defamation in the neighboring territories and overseas. To this factor, he adds the lack of information and ignorance by the accusers, as well as the strong presence of Jewish people on certain Galician borders.

3.1 In Portuguese lexicography

According to Leite de Vasconcelos, Portugal had, since the 13th century, several documents for Portuguese people whose family name was *Gallecus* or *Galego*, “which were sometimes identified as nicknames” (LEITE DE VASCONCELOS, 1958, p. 30). For the author,

Nowadays the nickname *Galego* is easy to find here, and it is attributed to individuals of this type: Tom, Dick and Harry *Galego*, *Galegos*’ children, which are actual examples I know. I also know, in one of our cities, a merchant whose nickname is Galiza. This illustrates the constant presence of Galicians in Portugal, and such examples nearly dispense with more examples, such as Galicians in the Lisbon Inquisition, in the 16th century; a Galician cutter, in the 17th century. Galicians, in addition to other professions, such as merchant, baker, etc., frequently work as water carriers⁵ and servants, in the cities of Lisbon, Porto and others. (...) All of these Galician people who trade, toil, get married and procreate in Portugal, ensured that the name <<Galego>> came up very frequently in our toponymy (LEITE DE VASCONCELOS, 1958, p. 30-31).

In Portugal, as in many places in Brazil, some fruits, vegetables, cereals, and manufactured products have been, and still are, known by their alleged Galician origin or their relation to Galicians. These are the cases of *limão-galego* (lime) (SARAMAGO *et al.*,⁶ 2012, letter 517), *couve-galega*⁷ (collard greens) (SARAMAGO *et al.*, 2012, letter 539), *feijão galego* (cowpea) (ACL⁸ – CASTELEIRO, 2001, p. 1855), *ginja galega* (sour cherry) (BLUTEAU, 1712-1728), *azeitona galega* (olives) (in Beiras – BARROS, 2010, p. 212), *linhaça galega* (linseed) (BLUTEAU, 1712-1728), *marmelo galego* (quince) (BLUTEAU, 1712-

⁵ Water carriers distributed water when there was no piped water supply in large cities. This job required great physical effort from the carriers, given that they needed to carry water barrels on their backs, regardless of how far the client’s houses were.

⁶ *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (2012).

⁷ Also used in Galicia, as well as *azeitona galega* (olive) (ESTRAVÍS, 1986, p. 1345).

⁸ This acronym, created by us, refers to the *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (CASTELEIRO, 2001).

1728), , *trigo galego*⁹ (a reddish type of wheat) (EÇÃ, 1944-1945, p. 53), *macela galega* (chamomile) PEREIRA, 1697), *linho galego* (flaxseed) (BLUTEAU, 1712-1728), *cacete galego*¹⁰ (bread) and grape varieties *galego-de-Montemor*¹¹ (Terrantez) and *galego-dourado*¹² (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). In the Trás-os-Montes and Alto Douro province, *galega* is also a part of the grape bunch¹³ (BARROS, 2006, p. 191).

In Portugal, *galego* is the nickname frequently used by people from Alentejo to refer – in general terms – to northern Portuguese people, especially those who live near Beira (CASTELEIRO, 2001, p. 1855; BARROS; GUERREIRO, 2005, p. 98; SIMÕES, 1984, p. 216). Simões (2016, p. 106) also records the form, with the same meaning, in the Marvão region (East Alentejo). Ramos and Silva (2003, p. 278) recorded the same meaning for the popular use of the name *galego* in 20 Alentejo locations.¹⁴ Leite de Vasconcelos (1958, p. 32) points out that in southern Portugal, people have referred to residents of the Leiria

⁹ Also known as *galego-barbado* (*Triticumvulgare Host.*), a type of soft wheat “of the *ferrugineum* variety, with a fusiform, reddish glabrous hairy ear, and small to medium dark elliptical grains (...). Used in several areas of Beira, Estremadura, Ribatejo, Alentejo and Algarve, producing good flour for bread” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). There is also the soft *galego-rapado wheat* (*Triticumvulgare Host*) of the *miturum* variety “with fusiform, reddish glabrous soft ear, and dark grains (...). It is also known as *mocho-ruivo* and *pelão*, (...) in southern Beira and Alentejo, and at Moncorvo, Vouzela, Miranda-do-Corvo, Tomar and Alenquer.” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹⁰ Type of long, narrow bread sold at stores in Lisbon and throughout Portugal. In Spain, it is known as *barra gallega*.

¹¹ European vine variety (*vitis vinifera Lin.*), “with small lenticular golden round berries; (...). It is a light variety that does not seem to be very widespread” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹² European vine variety (*vitis vinifera Lin.*), “with medium-size, oval-rounded, golden berries; (...). It is the light variety that constitutes the basis of the generous Carcavelos wine” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹³ At Pinelo-Vimioso.

¹⁴ According to the authors, the popular nickname *galego(a)* is the “designation for man and women from the North” (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278). In Montemor-o-Novo an individual was called *galego* because his father was from the Minho region. (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278). In Odemira there was a *galeco* (a corruption of *galego*), because he was born in the North. Another individual was known as *galego maluco* (crazy Galician), in the Redondo area, because he was from the North and acted crazy (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278).

region and upward, using the ironic epithet *Galego*” (emphasis added). In his text, *Gallegos e Ingleses*, published in *Revista Lusitana*, the same linguist reports that “in the Southern part of the kingdom, residents of Northern Mondego are referred to as *gallegos* in a mocking manner” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72. *Our emphasis*).

Father Monte Carmello wrote about the habit of calling people from the North *gallegos* in 1767 “for no reason the Transduriense and Transmontano people are called *galego*” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72).

Other forms documented in the Alentejo by Ramos and Silva (2003, p. 278) are *galhegas* and *galhecas* (at Ajustrel), both motivated by the individuals’ difficulty in expressing themselves. In Évora, a man was called *galego* due to his excessive stuttering (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278).

In Lusitania, it is still a habit to use the word *galega* when referring to good land for sowing – in Beiras – (BARROS, 2010, p. 212), and *galego* for a meal served with no bread on the table (in the Beiras region), the northern wind,¹⁵ also as a derogatory attribute with a rude and course nature (CASTELEIRO, 2001, p. 1855; SIMÕES, 1984, p. 216). This last meaning is most certainly associated with *gallegos* migrating (from Galicia – Spain) to Portugal and their lower social status and stranger condition among the Portuguese.¹⁶ The Galician settlement in Portugal, nevertheless, produced impacts on Portuguese anthroponymy and toponymy.¹⁷

¹⁵ In Marvão (High Alentejo) *galego* refers to “a type of wind that blows from the Marvão towards Valência de Alcântara and that, because it is cool, it helps growing corn during the summer” (SIMÕES, 2016, p.106).

¹⁶ These meanings reveal language uses that often have their origin in territorial battles and disputes. Therefore, “the depreciation of these locations and residents stem from a general cause, because individuals like to stand out from the others, as well as groups like to stand out over other groups” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 70).

¹⁷ Beirante (1992, p.103), in her article *Onomástica galega em duas cidades do Sul de Portugal* (Galician onomastics in two southern Portugal cities) about the *galego* figure in Portuguese toponymy, refers to cases observed in the cities of Évora and Santarém - Alentejo. Exemples include the toponyms: *Vale dos Gallegos*, *Póvoa dos Gallegos*, and *Beco dos Gallegos*. Leite de Vasconcelos (1958, p. 31) mentions the following place designations: *Vilarinho de Gallegos* (Trás-os-Montes), *Ribeira de Gallegos* (Beira Alta), *Quintinha dos Gallegos* (Beira Baixa), *Aldeia Galega da Merceana* (Ribatejo).

In this diaspora context, the expression *galego* is used for delivery boys, porters, “a person who works too hard, performs heavy labor, and who is a slave to work” (CASTELEIRO, 2001, p. 1855). This social and historical load on the *galego* figure is, therefore, the bases for the form *galeguice*, an insult that refers to an “attitude, behavior expressing rudeness, impoliteness, absence of good manners” (CASTELEIRO, 2001, p. 1855). Regarding the alleged sordid aspect of the *galegos*, Camões’ writings in *The Lusiad* “tampoco os detuvo, el temor, oh sórdidos gallegos, duro bando” (Nor wanted fear, withheld the base Galician’s sordid spear¹⁸) (TABOADA, 1955, p. 114).

Some examples of the Portuguese popular sayings also express their despise towards their northern neighbors: “cinquenta *galegos* não fazem um homem” (fifty Galicians do not make a man); “duzentos *galegos* não fazem um homem, senão quando comem” (two hundred Galicians do not make a man, unless they are eating); “guarda-te de cão preso e de moço *galego*” (beware of chained dogs and young Galician men); “quem faz festas a *galego*, mais *galego* é” (those who party with Galicians, are even more Galician, or a man is known by the company he keeps) (COSTA, 1999, p. 232). In Trás-os-Montes, at Moimenta-Vinhais, *galego* has the same meaning as the word *belouro*: “human fecal matter expelled at once” (BARROS, 2006, p. 64). At Terra de Miranda, in Miranda do Douro, *galhega* (in Port. *galega*) is the name given to a “rag doll, lifted on top of tall tree at the village, to advertise the Pauliteiros de Miranda celebration” (PIRES, 2004, p. 283). In Miranda do Douro the ‘*parece que pariu la galhega*’ (it seems the *galhega* has given birth) in reference to a considerable crowd of children or young people” (PIRES, 2004, p. 283). João de Eça (1944-1945, p. 53) also records it in the Alto-Douro region “the expression *parece ter parido a galega* (it seems the *galega* has given birth) is used everywhere, when many people are gathered in a given place”.

3.2 In Spanish and Hispanic American lexicography

In Spanish-speaking areas, several uses are detected. In the Castile, Spain area, *gallego* is the name given to the northwestern wind (CASARES, 1942, p. 522). In Aragon (Spain), *gallego* is the qualifier

¹⁸ Translation available in: <https://www.gutenberg.org/files/32528/32528-h/32528-h.htm#BOOK_VI>.

for “untrue, coward, of little value” (ASSO, 2002, p. 183). In several locations in Latin America, especially in Argentina, Uruguay, and Cuba, *gallego* is the collective nickname for Spanish people (MORÍNIGO, 1993, p. 276-277; PLAGER, 2008, p. 851-852; CRUZ, 1888-1980, p. 274; HAENSCH; WERNER, 2000, p. 271) or their descendants (AAL,¹⁹ 2008, p. 355-356; CHUCHUY; BOUZO, 1993, p. 289). In Mexico, *galego* is someone from Galicia (Spain) as well as everything else related to this area: “*gaita gallega* (Galician harmonica), *la marina gallega* (Galician marina), *mariscos gallegos* (Galician seafood), *campesinos gallegos* (Galician peasants)” (LARA, 2010, p. 835).

In Argentina, being *gallego* means “exaggerating what is being told” (CHUCHUY; BOUZO, 1993, p. 289), in El Salvador, it refers to someone with a stutter (ROMERO, 2005, p. 184), and, in Uruguay, it refers to someone who “has problems understanding or assimilating knowledge” (MONES, 1993, p. 177). In Uruguay, the word *galleguito* refers to a food truck, especially sausage sandwiches (MONES, 1993, p. 177). In Argentina, the expression *gallegada*, either refers to a group of Spanish people, or it is used offensively to characterize something said or done by a not very bright person (PLAGER, 2008, p. 851). The literature on the subject also makes it clear that *galegos* are associated with cowardice, in popular saying, as Taboada (1955, p. 115) points out: “there will always be a *gallego* to blame.”

In Costa Rica, the expression refers to a type of dragonfly (QUESADA PACHEDO, 1991, p. 117) and a type of gecko (MORÍNIGO, 1993, p. 276) “that lives on river banks and swims quickly” (CRUZ, 1888-1980, p. 274). The latter also occurs in Nicaragua (DLE-RAE²⁰). In Cuba and Puerto Rico, it refers to a waterbird (CRUZ, 1888-1980, p. 274; HAENSCH; WERNER, 2000, p.271), in Cuba, to a type of fish²¹ (NEVES, 1973, p.272), and in Mexico, it means laziness and looseness (CRUZ, 1888-1980, p.274). In Cuba the expression ‘*gallego, -a, por los pies*’ (*gallego, -a, feet*) is used to refer to someone who dances badly (HAENSCH and WERNER, 2000, p.271) and, in Bolivia, *gallega* is the

¹⁹ Academia Argentina de Letras – *Diccionario del habla de los argentinos* (2008).

²⁰ *Diccionario de la lengua española* – Real Academia Española (online version).

²¹ “Fish from the gender *Caranx*. Also known as *jurel* or *jurelete*” (NEVES, 1973, p. 272, emphasis added).

person who “cleans out or wins everything from this game opponents” (REYES; REYES TABORGA, 1982, p. 211).

3.3 In Luso-Brazilian lexicography

In the contexts of Portuguese immigration to Brazil, there are records of using the name *galego*, to refer to the Portuguese²² as a group apart from Brazilians,²³ and to establish regional differences (Portugal north x south) among the Portuguese in the diaspora context (CÂMARA, 2012; FERRAZ, 2014).

Records found in Brazilian regional dictionaries and linguistic atlases used as reference provide the following meanings:

01. *Blond or red-haired person:*

“blond or red-haired individual. (general use)”, *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (CLEROT, 1959, p. 53).

“any blond person, especially foreigners”. *Dicionário da Ilha: falar e falares da Ilha de Santa Catarina* (GUIMARÃES DA SILVA, 1994, p. 62).

“blond woman or man, of Portuguese origin. Corresponds to Pole, used in Paraná, and Italian, used in Espírito Santo.” *Dicionário sociolinguístico paranaense* (FILIPAK, 2002, p. 188).

02. *A person with red hair or reddish complexion* (*Atlas Linguístico de Sergipe – ALS – FERREIRA et al.*, 1987, carta 86).

Comments: “He is quite reddish, the color of fire flames” (point 58); “red, with white hair” (point 60).

²² In addition to the word *galego*, the literature records the use of the words *emboaba* and *labrego* to refer to the Portuguese immigrant/settler in colonial Brazil. Some of the derogatory forms used for the Portuguese include: *abacaxi*, *bicudo*, *boaba* or *boava*, *emboada* or *emboava*, *candango*, *caneludo*, *chumbinho*, *cotruco*, *cupé*, *cutruca*, *jaleco*, *japona*, *labrego*, *marabuto*, *marinheiro*, *maroto*, *marreta*, *mascate*, *matruco*, *mondrongo*, *novato*, *parrudo*, *pé-de-chumbo*, *portuga*, *puça*, *sapatão*, *talaveira* (HOLANDA FERREIRA, 1986, p. 829).

²³ In this case, the nickname was used in an anti-Lusitanian context: “*galego*, pé de chumbo, / calcanhar de frigideira / Quem te deu a liberdade / De casar com brasileira?” (FERRAZ, 2014, p. 31).

03. *Foreigner:*

According to Borba (2002, p. 755), the epithet is used for foreigners, “especially for the Portuguese nationality.” In Goiás this is the denomination for any foreigner (ORTÊNCIO, 1983, p. 200). In the *Dicionário de termos populares registrados no Ceará*, *galego* means “foreign individual, not only Portuguese, but also Syrian, Jewish, etc.” (SERAINÉ, 1958, p. 121). Cabral (1972, p. 432) also states that, “denomination given, in southern Ceará, not only to Portuguese people, but to any foreigner”. In Oliveira’s *Dicionário gaúcho* (2003, p. 136) the term *galegada* is the denomination for the Portuguese colony.

04. *Expression for extraordinary events:*

“pop. use Cor., derogatory. ‘Aqui não morreu *galego*’ (No *galego* died here) – nothing out of the ordinary happened here.” *Dicionário de termos populares registrados no Ceará* (SERAINÉ, 1958, p. 122). Antenor Nascentes (1966) also states this. Cabral records the expression ‘morreu *galego*?’ (has a *galego* died?) being a “question asked by someone upset due to a crowd of curious people” (CABRAL, 1972, p. 432).

Câmara Cascudo (1971, p. 113), in the chapter *Presença galega no folclore brasileiro*, (The presence of *Galegos* in Brazilian Folklore) reports on the use of the popular expression “morreu o *galego*” (a *galego* has died) in the Rio Grande do Norte backlands to refer to cloudy, dry days outside the wintertime, when the sun does not come out. The expression has a similar meaning as the expression “*parece que pariu a galhega*” (it seems the *galega* has given birth), recorded in Miranda do Douro, Portugal (PIRES, 2004, p. 283).

05. *Qualified for an abstract noun:* crass, profound (BORBA, 2002, p. 775).06. *Attractive woman:* beautiful *galega* (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 933, ALERS, QSL637, point 144 – Araruna, PR).

07. *Nickname for legalists:*

‘*galego*’ was the epithet given to the legalists, who opposed the ragamuffins during the Farroupilha Revolution in Rio Grande do Sul in 1835. “The same as *absolutista, camelo, caramuru, restaurador corcunda*” (NUNES; NUNES, 1993, p. 202). The same meaning is found in Oliveira (2003, p. 137)

Tavares de Barros, Löff Machado and Philippsen (2017) analyze the use of such an epithet in the names of political candidates during the 2016 municipal elections in Brazil. The corpus consists of data obtained from the Tribunal Superior Eleitoral brasileiro (TSE) (Brazilian Superior Electoral Court), in public domain.²⁴

The collected *galego(a)* forms have different anthroponymy natures. Some of them are related to the person’s profession, work environment, or workplace: This is the case of *galego mototáxi* (Itambé, BA), *galego da farmácia* (Serrinha, BA), *galego borracheiro* (Vitória da Conquista, BA), *galego do pão* (Penedo, AL), *galego da padaria* (São Paulo do Potengi, RN), *galego do leite* (Campina Grande, PB), *galega da verdura* (Porto Real do Colégio, AL), *galega manicure* (Bodocó, PE), *galega do cartório* (Bodocó, PE), *galega do posto* (Simões Filho, BA), *Gil*, *galega da xeróx* (Arcoverde, PE), *Nilzete*, *a galega da feira* (Santo Amaro, BA), *galega do porco* (São Cristóvão, SE), *galego da patrôla* (Cariri do Tocantins, TO), *galego da ambulância* (Porto Ferreira, SP), *Teodolindo*, *galego do chup-chup*²⁵ (Timóteo, MG), *galego da relojoaria* (Januária, MG), *galego da auto ascola* (Santo Antônio do Descoberto, GO), *galego da melancia* (Aragoiânia, GO), *galego mecânico* (Coelho Neto, MA), *galego do peixe* (Sousa, PB), *galego da Lan House* (Água Branca, PB), *galego da castanha* (Serra Branca, PB), *galego da lanchonete* (Icó, CE), *Jotinha*, *galego da funerária* (Bom Jardim, PE), *Zé*, *galego da rodoviária* (Palmares, PE), *galego dos correios* (Jaboatão dos Guararapes, PE), *galego do mercado* (Aracajú, SE), *galego da bicicletaria* (Estância, SE), *galego da polpa* (Mutuípe, BA), *galego do cuscuz* (Feira de Santana, BA).

²⁴ Available on: <<http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>>. Viewed on: Oct. 15 2017.

²⁵ *Chup-chup* (a snow cone) refers to a frozen snack, either milk or fruit juice based. Other regional names in Brasil include *geladinho*, *gelinho*, *dindin*, *sacolé*, among others.

The family ties and association with the most important family clans seem to be one of the motivations for constituting anthroponymic forms. This tradition is typical of small villages, where the elders (parents, grandparents, etc.) usually play the role of referents. This does not include the scenarios where the husband or wife are used as a reference for making up the spouse's nickname.

In Ramos and Silva (2003) this type of nickname is categorized as a referential nickname, considering that it “associates an identification of a subject to a family member’s name or nickname, or reference object, situation, and event (RAMOS; SILVA, 2003, p. 20)

This is the case, therefore of *Meirinha do galego* (São Félix do Coribe, BA), *Fabricio de João de galego* (Jaborandi, BA), *galego Zé da Gina* (Jaguari, BA), *Eliene de galego* (Jitaúna, BA), *galego de Santino* (Rio do Antônio, BA), *Ailda de galego* (Andaraí, BA), *Guilherme de galego* (Nossa Senhora de Lourdes, SE), *galego de Zequinha* (Gararu, SE), *galego de Zeca* (Tacaimbó, PE), *galego de Antônio de Roque* (Jataúba, PE), *galego de Zé Santana* (Nazaré da Mata, PE), *galego de Toinho* (Palmeirina, PE), *galego de Ivo* (Vitória de Santo Antão, PE), *galego de Manoel de Heleno* (Ibimirim, PE), *galego de Zé Rocha* (Chã Grande, PE), *galego de Mané Gildo* (Águas Belas, PE), *Neide de galego* (Tuparetama, PE), *Maria de galego* (Baraúna, RN), *galego de Zé Regis* (Serrinha, RN), *galego de Tiano* (São Tomé, RN), *galego de Venilza* (São Gonçalo do Oeste, RN), *Laercio de galego dos Motores* (João Câmara, RN), *galego de Seu Assis* (Extremoz, RN), *galego de Chiquinho* (Santo Antônio, RN), *galego de Justino* (Campo Grande, RN), *Luis de Zé galego* (Orós, CE), *galego de Gerso* (Itatuba, PB), *Neidinha de Zé galego* (Alagoinha, PB), *galego de Ademar* (Assunção, PB), *galego de Aristides* (Alcantil, PB), *galego de Lô* (Teixeira, PB), *Lô de galego* (Teixeira, PB), *Cí do galego da areia* (Mamanguape, PB), *Sandro de galego da Loto* (Lagoa de Dentro, PB), *galego de Lourdes* (Araçagi, PB), *galego do Miguelzinho* (Alto Alegre do Pindaré, MA), *galego do Edmar* (Itaipava do Grajaú, MA), *galego do Valdomiro* (Cachoeira Dourada, MG), *Marquinho de Zé galego* (Buenópolis, MG), *Zezinho do galego* (Pedregulho, SP), *Fabiana do galego* (Quatis, RJ), *Ailton do galego* (Ivatuba, PR), *galego de Lorim*²⁶ (Cariri do Tocantins, TO), *Valmor do galego* (Rio Crespo,

²⁶ *Lorim* may be a variation of *lourinho* (meaning blond) morpheme alternation that is documented in several areas of spoken Brazilian Portuguese.

RO), *galega de Nilza* (Ribeira do Pombal, BA), *Léo de galega* (Abaré, BA), *galega de Ismar* (Luís Gomes, RN), *galega de Ulissinho* (Parelhas, RN), *galega de João da Água* (Patos, PB), *José Carlos da galega* (São Vicente, SP), *Tuita de galegão* (Nova Floresta, PB), *Mara de galeguinho* (Central, BA), *Alex Filho de galeguinho* (Escada, PE), *galeguinho de André* (Paulistana, PI), *Francisco de galeguinho* (Lastro, PB), *galeguinho de Silvio Bezerra* (Currais Novos, RN).

An example from Itu, São Paulo, stood out in the form of *galego alemão* (German *galego*) (Itu, SP). It could be assumed that the candidate is known in the region by both nicknames (parallel anthroponymy), given that both are used in this context to refer to people with foreign appearance.

Results obtained from this corpus revealed that the Northeast region displays the higher percentage of this nickname's usage, followed by the Southeast and South regions.²⁷ The state of Paraíba stands out, as it has the highest absolute frequency rate of the variant. Except for the state of Goiás, only a few sparse cases were identified in the Midwestern and Northern regions.

Maps 1 and 2, in addition to exhibiting the areas where this lexical item occurs and the heterogeneous nature of the nicknames,²⁸ highlight the main interest points of dialectology and related areas: viewing several language variation phenomena. This is the case of use or absence of definite articles before names. Constructions that establish the family relationships, such as the compound nicknames *Maria de galego* (Maria, *the wife of the *galego*) or *galeguinho de João* (*galeguinho*, *the son of João). In this type of nominal phrase, the preposition *de* (of) is either inflected (*da/do* – of the) or not (*de* – of).

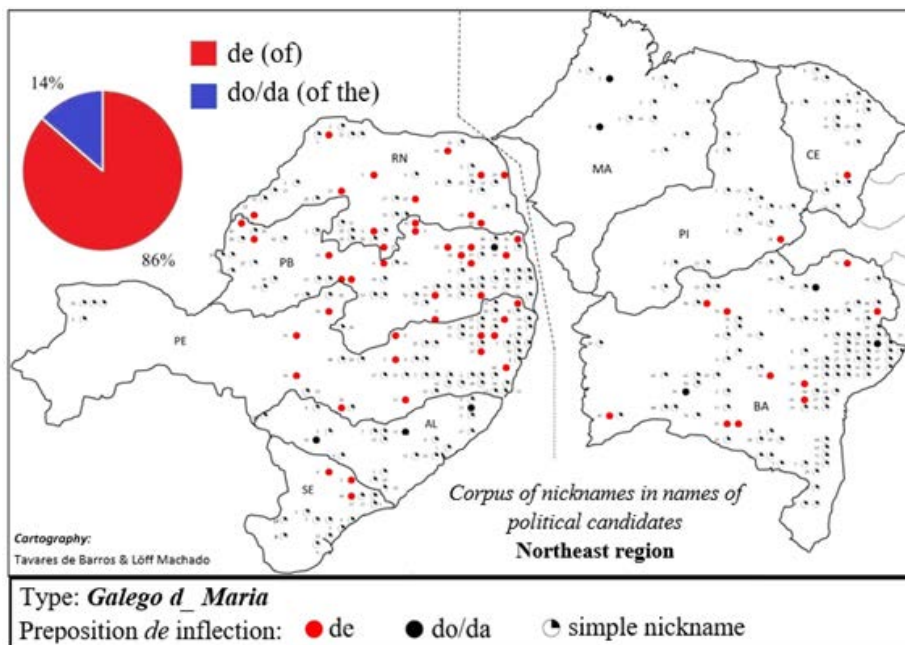
Maps 1 and 2 exhibit, in the Northeast, as well as in the rest of the country, the occurrence of inflection (*da/do*) using the red hatched

²⁷ These data are subsidized by studies such as the Brazilian Institute of Geography and Statistics' (IBGE) (2008 *apud* PETRUCCELLI, 2013) on the Brazilian population's self-classification based on their own phenotype. Among those who classify themselves as 'white', 2.7% spontaneously classified themselves as *galegos* in the data referring to Paraíba (cf. PETRUCCELLI, 2013, p. 41).

²⁸ "Collecting and analyzing the naming from such a wide geographic area is, precisely, an ambitious project. In fact, the attempt to cover a 'cultural area', supposedly uniform, results in a deep heterogeneity, profusely rich with different local distinguishing shades" (RAMOS; SILVA, 2003, p. 5).

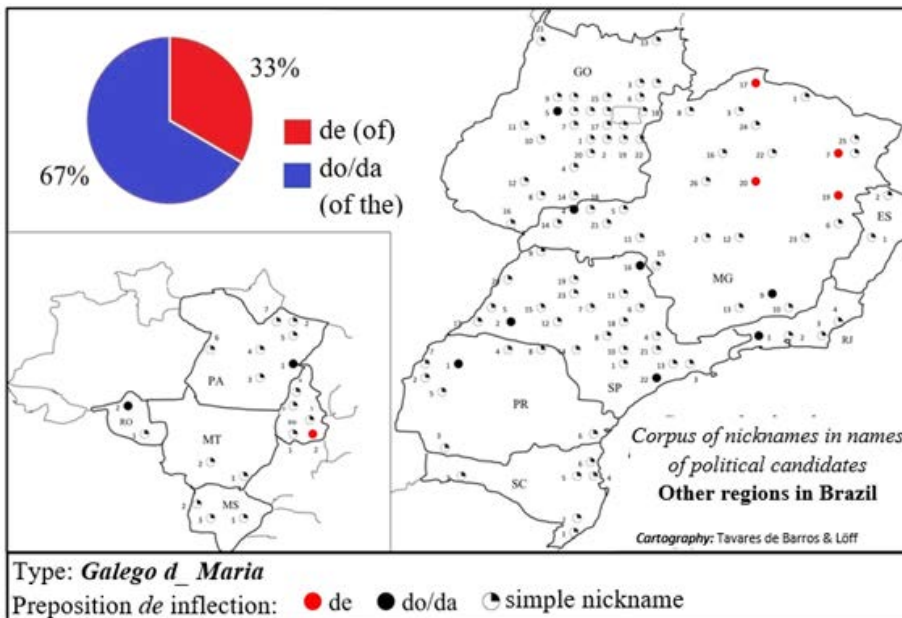
symbol, as well as its absence (de) using the black hatched symbol. The type presented, *galego d_ Maria*, is only one example of compound nickname that may vary in gender. In this type²⁹ *galego d_* lies the abstraction of a series of forms, to which the variant *galega d_* or *___ d_ galega*, *galego d_* or *___ d_ galega*, *galegão d_* or *___ d_ galegão* and *galeguinho d_* or *___ d_ galeguinho* belong. Simple nicknames (*galega*, *galego*, *galegão* or *galeguinho*) were represented in the map with a partially filled in circle.

MAP 1 – Preposition *de* inflection in compound nicknames



Source: Prepared by the authors. Cartographic basis: IBGE (2010).

²⁹ In this study, *type* is understood as a reference to the umbrella form for the variants for the nickname *galego* (*galega*, *galego*, *galeguinho*, and *galegão*).

MAP 2 – Preposition *de* inflection in compound nicknames

Source: Prepared by the authors. Cartographic basis: IBGE (2010).

4 ALERS: historical and methodological aspects

The Linguistic Ethnographic Atlas for the Southern Region of Brazil (*Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul – ALERS*), the first one in Brazil to include three Brazilian states, was based methodologically on traditional Dialectology, focusing on diatopic variation, typically interviewing one informant per point, preferably men, with low educational levels, natives from the area, and with rural origins.

The method employed by ALERS is different from the most modern Dialectology trend: multidimensional and relational. This trend expands its interest zone by including other dimensions. We refer to the following dimensions: diastratic, by recording the speech of young and old people; diasexual, by interviewing men and women; diatopic-kinetic, by interviewing stable and moving informants; diareferential, by treating and controlling the status of linguistic forms, collecting metalinguistic comments; among other dimensions and their parameters.

Although men were the main ALERS informants, many times during the interview, the wife (daughter, wife, mother, or grandmother) is invited to share her opinion or knowledge. However, this difference in linguistic repertoire between men and women was not a methodological criterion (i.e., analysis dimension) addressed in the atlas.

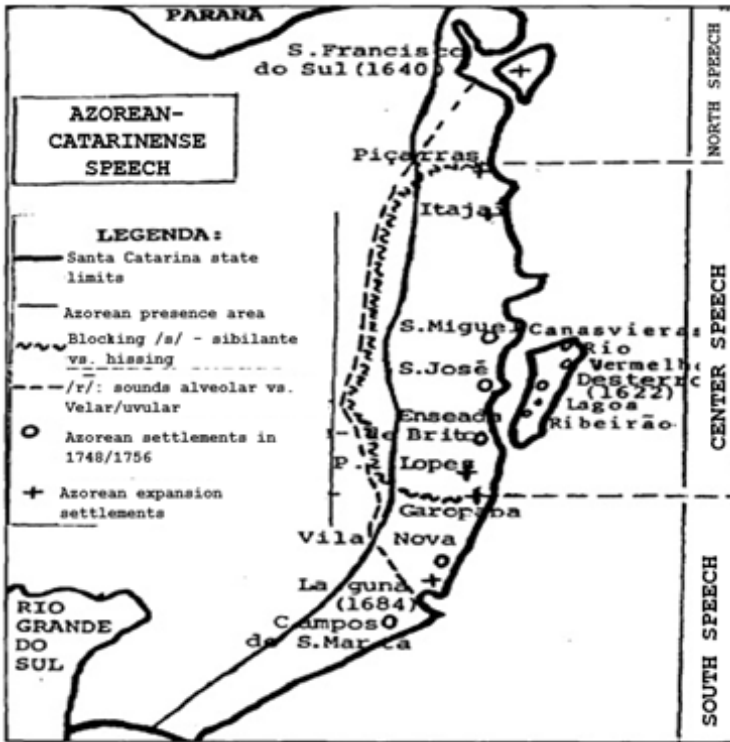
ALERS interviews in Santa Catarina took place between 1989 and 1991. The main interviewers in this state were Prof. Osvaldo Antônio Furlan and Prof. Hilda Gomes Vieira. The network of points in Santa Catarina consists of 80 locations, totaling 80 interviews, one on each point. Question 19 – ‘Of people who have blond hair and light skin we say they are?’ – in the *Questionário semântico-lexical específico (3.3.3) de Santa Catarina* (Santa Catarina specific semantic-lexical questionnaire (3.3.3) applied by ALERS (2011b, p. 53) belongs to an unpublished set of data that were not included in volume 2, *ALERS – Cartas Semântico-Lexicais* (ALERS – Semantic-Lexical Letters) published in 2011 (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011).

5 Brief considerations about the influence of settlers in the catarinense speech

To understand the uses of the nickname in the areas identified by the ALERS data, a brief explanation for some aspects related to these regions speech and its possible influences: coastal area, with a strong Azorean presence, stretching to the ethnic - German, Italian and Slavic - settlement; and the mountain area, with Luso-Brazilian, with heritage from merchant troops from Rio Grande do Sul and São Paulo.

Furlan (1995, p. 165), in studies about the Azorean-catarinense speech, points out that, between the 17th and the 19th centuries, groups of Azoreans were scattered in several points in Brazil. Encouraged by the Portuguese Crown, many immigrants came to Brazil between 1748 and 1756, and 6,071 islanders come to Santa Catarina coast. This area’s population thus increased, considering that it consisted of 4,197 residents, since the mid-17th century, originally from São Vicente (São Paulo). The following is a map that illustrates this occupancy:

MAP 3 – Azorean-catarinense speech



Source: Furlan (1998a, p. 24).

Some linguists devoted themselves to understanding the influence of the Azores in the Portuguese language of some areas in Brazil, especially Santa Catarina and Rio Grande do Sul. However, according to Furlan (1995, p. 165), none of the authors mentioned have attempted to define with better criteria what is understood as “Azorean influence.” Furlan’s studies have taken into account more elaborate criteria ranging from field research to the consideration and comparison between Azorean and Portuguese data, under diachronic, diatopic and diastric perspectives.

The author defends the hypothesis that the current Azorean-Catarinense speech is a chain of several factors, among which: (i) the welding of several ethnic groups coming, during the 17th century, from São Vicente, and, during the 18th century, from the Azores and Madeira, and other smaller groups originally from continental Portugal as well as

other Brazilian areas; (ii) the natural evolution of this welding resulted in a koiné, at this point, the isolation contributed to its maintenance (ethnolinguistic groups formed mostly by people from São Paulo, the Azores, and others); (iii) influence from other Brazilian speeches up to the 1970's, by maritime or port contact with other regions.

Furlan (1995, p. 168) also points to an aspect prior to the arrival of the Azorean in Brazil, namely, the make-up of the Azores island territory. According to the author, the Portuguese were present as settlers in the Azores, especially Algarve and Alentejo. The author also points out the presence of the Flemish in the central area (Terceira, São Jorge, Pico, Faial), and that 90% of those who immigrated to Santa Catarina³⁰ come from this area, whose speech pattern is similar to today's continental speech.

Based on the linguistic aspects analyzed in his study, the author reaches the conclusion that some characteristics that could earlier be considered as being specific of the Azorean-catarinense speech, are actually found in other varieties of Brazilian Portuguese, very distant from this point. The reinforcement of Portuguese types of speech stands out, such as the predominance of the pronoun “tu” and the use of second person singular verbs, stemming from the conservativeness traced back to continental Portugal.

Some phonic aspects are highlighted by the author as also existing in other areas in Brazil, but some of them cannot be clearly determined, such as the palatalization of the /s/ in syllabic coda (1748 Azores' speech) that may also have the same origin as other types of speech, such as those from Rio de Janeiro, Lisbon, etc.

At the lexical level, the possibilities of Azorean influence are more productive; however, “they trace back, with some exceptions, to continental Portugal, and the Azorean influence in SC took place by invigorating the lexicon inherited from such an influence”³¹ (FURLAN, 1998b, p. 35). Therefore, it is clear that the Portuguese influence is

³⁰ Settlement in Santa Catarina took place in the coastal area, along the strip that stretches from Laguna to the Camboriú River, coming from the following points: São Miguel, Terceira, Faial, Graciosa, Pico, São Jorge, and Madeira.

³¹ The author presents the analysis of three lexical items based on ALERS data that cannot be traced to continental Portugal: *chimarrita* (*dança de roda*) (*dance round*), *gueixa* (*potranca*) (*mare*) and *bernúncia* (*bicho-papão*) (*boogie man*), as examples originating in Azorean lexicon that took on other meanings in Brazil.

predominant all over Brazil and that the Azorean group is an addition that is present in this Santa Catarina region.

Altenhofen (2002, p. 122), when dealing with a set of hypothesis about the delimitation of linguistic areas, that portray the diatopic variation of the Portuguese language spoken in southern Brazil, also points towards the activity of merchant troops. This activity enabled the “contact between people from São Paulo and Rio Grande do Sul in two opposite migration flows, and the role of São Paulo merchant troop routes in the cattle trade,” was a possible influence in some areas in southern Brazil. In addition to them, other determinants were listed by Koch (2000, p. 59):

- the presence of Azoreans, invited to go to specific areas, such as east Santa Catarina;
- the existence of political borders (historically oscillating) with Spanish-speaking countries, at the south, and the Portuguese-Spanish contact originating from this condition;
- the existence of significant bilingual areas, originating from the settlement, in the (previous) forest zones, by non-Luso immigrants starting in the 19th century.

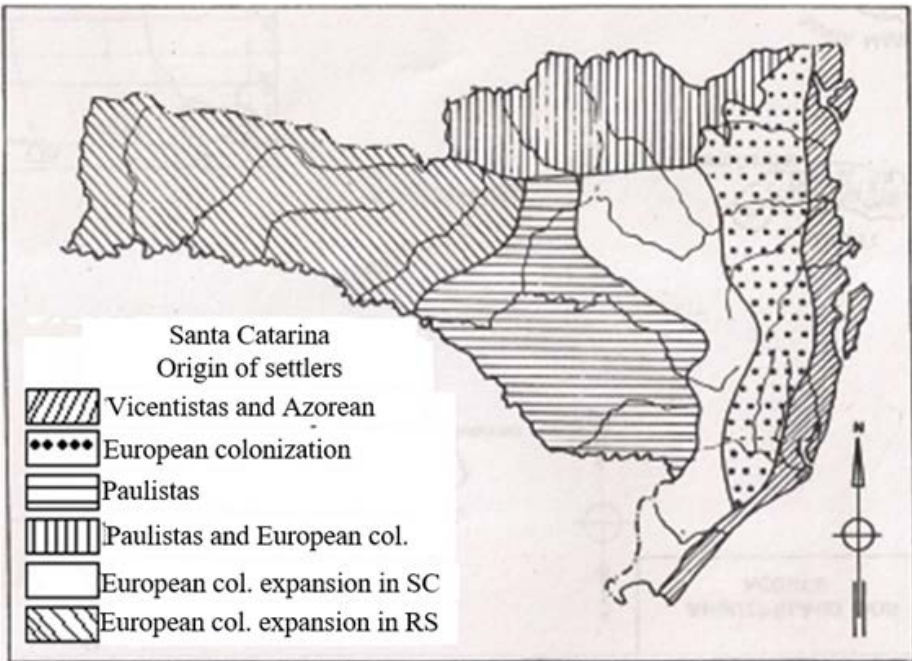
Altenhofen (2002, p. 122) adds to these factors the relevance of internal migrations in the so-called newer areas, starting in the 19th century (topodynamic consideration of variation and change). Nevertheless, the role played by merchant troop routes that also crossed the state of Santa Catarina is also considered here, based on the contact between people from São Paulo and Rio Grande do Sul prior to the arrival of German (1824) and Italian (1875) immigrants to Rio Grande do Sul.

This contact gave origin to commercial routes that followed a path established by Lusitanians in earlier settlements, while driving cattle and transporting goods, and another path through fields, forests, and river margins.³² By analyzing geolinguistic photographs and ALERS data, Altenhofen (2002, p. 129) checks the hypotheses that some isoglosses of

³² Dal Corno (2010) describes that the merchant troop activities “may encompass both cattle driving along the coastal plains up to the plateau pastures for fattening, and the driving of cattle, horses, and mules from Rio Grande do Sul to the Sorocaba fair, in the state of São Paulo, through different routes throughout the years.” (p. 2).

rural Portuguese language from Rio Grande do Sul followed, partially, these older paths. Thus, one of the paths that leads to the fields in Lages, Santa Catarina, is the result of a bifurcation whose origin lies in Rio Grande and Pelotas.

MAP 4 – Origin of Santa Catarina settlers



Source: Furlan (1998b, p. 50).

To represent the reality of this diatopic condition, at the lexical level, Altenhofen (2002, p. 130) mentions the use of the Lusitanized Germanism *chimia* (from dialectal German *Schmier*) to designate “paste made of fruit to be spread on bread.” For the author (ALTENHOFEN, 2002), *chimia* is the predominant variant in Rio Grande do Sul, and its competitor, the Lusitanism *geleia* (*jam*), is found in Luso-Brazilian settlement merchant troop routes.

Other groups make up the Santa Catarina speech and permeate these two aforementioned areas, for which the use of the form *galego* was widespread. The presence of German, Italian and Slavic settlers, as major groups, needs to be acknowledged. Germans first settled in the

state in the São Pedro de Alcântara colony (1829). They were followed by the Italians (1836), in the Nova Itália colony, and by the Slavic settlers, especially Polish (1869), who settled in the Príncipe Dom Pedro colony. Consequently, for these ethnic groups, other settlement phases and colony formation took place throughout the years, and immigrants took over new geographic spaces to make up the territorial scenario in Santa Catarina.

6 Galego and its realization in the state of Santa Catarina

With the assistance of the *Google Maps* digital platform, it was easy to find examples of the use of the popular nickname *galego* and its variants (*galega* and *galegão*) in the Santa Catarina linguistic scenario.

FIGURE 1 – *Galego* in Santa Catarina's linguistic scenario

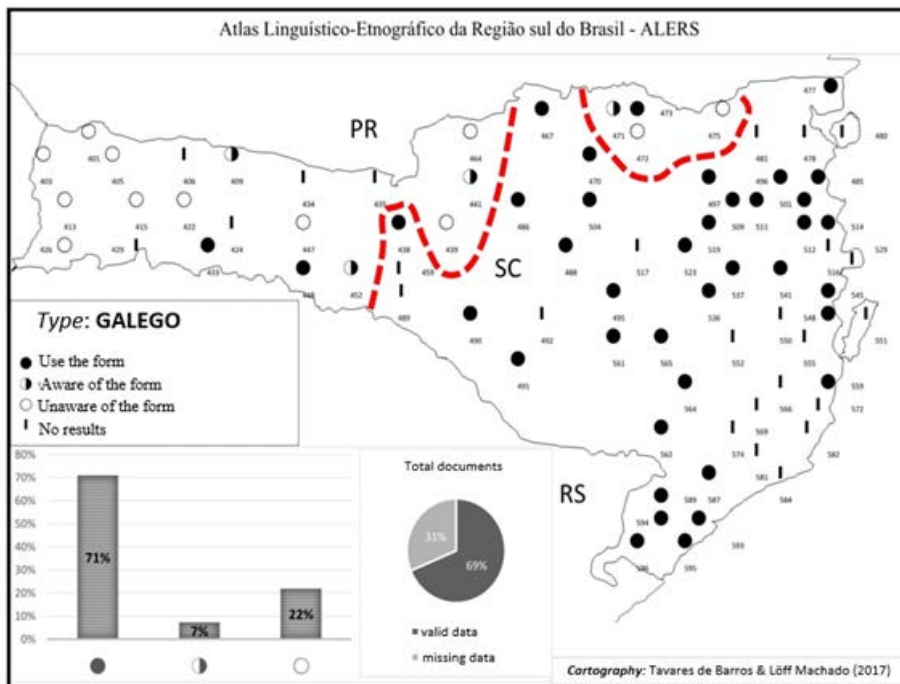


1 – Rua das Flores, Palhoça, SC; 2 – Rua Antônio de Oliveira, Joinville, SC; 3 – Rua Francisco Vahldieck, Blumenau, SC; 4 – Estr. Geral da Prainha, Imaruí, SC; 5 – Rua Santos Saraiva, Florianópolis, SC.

Source: Data extracted from the *Google Maps* platform (<<https://maps.google.br>>)

The use of the nickname with commercial purposes is, in part, a resource that recipients (named by the local population) use to name their establishments and obtain their professional success. Its frequent presence in the linguistic scenario also reveals its current use nature in local popular speech.

In Santa Catarina, the nickname *galego* is known from the coastal area, identified by Furlan (1986), Altenhofen (2002), and Silva Neto (1958), throughout the Azorean influence area, stretching from the Italian, German and Slavic colonization valleys, and stretching up to the upper mountain region, known by its Luso-Brazilian settlement (São Paulo settlers and Bandeirante pioneers) originating in merchant troop routes. Map 5, which presents this diatopic use of *galego*, the red dotted line represents an isogloss that defines the separation between a compact zone of active knowledge of the form (solid symbol) and a zone that oscillates between passive knowledge (partially filled in symbol) and full ignorance of the nickname (empty symbol). This ignorance is more evident in the west of Santa Catarina, an area of Rio Grande settlement, where the ethnic majority consists of German, Italian and Slavic settlers.

MAP 5 – Status degrees of the lexical unit *galego* in the SC ALERS data

Source: Prepared by Tavares de Barros and Löff Machado, with technical comments³³

³³ Galego is documented in 69% of valid data in a total of 100% (corresponding to 80 inquiry points) Map 05 displays a compact area of data without results. These are points close to the coast, including the capital, Florianópolis. This gap is to the non-execution of questionnaire ALERS SC 3.3.3 in these locations. **Questionable data cases:** The inquirer does not wait for the informant's answer and comments that the informant did not know the lexical item (415, Maravilha). We do not hear the informant stating that he knows the form, although the inquired comments that the interviewee knows it (433, Chapecó). The inquirer does not wait for the informant's answer, although he reports that the informant knew the lexical item (467, Canoinhas). The only existing data is the inquirer's report after the interview. This report states that the informant knows the form (501, Luís Alves). The inquirer does not wait for the informant's answer, although he reports that the informant knew the form (514, Itajaí).

7 Informants' metalinguistic comments

The diareferencial dimension, among other functions, is considered by contemporary Dialectology to be a tool for measuring a form's status, both in its use in the diatopic and diastratic fields and in the dialingual field, that is, varieties of a single language in contact, such as the Portuguese with Azorean/merchant troop substrate versus the Portuguese with German/Italian/Polish substrate, or different languages, such as Portuguese and German. In the latter, metalinguistic comments are designed to observe the expansion of the use and knowledge of the form *galego* beyond the areas where the majority is Luso-Brazilian.

In ALERS interviews, the general formulation started with the semasiological approach, which meant the questions, in most cases, were, “*What do you think galego means?*” or “*He is a galego, go with the galego' what does it mean?*” Because these questions involved an ethnographic interest, they were applied in the entire state of Santa Catarina, even in areas where Luso-Brazilians were the minority.

The ALERS inquiry trends to be similar to the French (traditional) dialectology model, that is, with no touch-ups. The informant had little opportunity to make comments about the inquired linguistic element, which somehow affected the diareferencial dimension productivity in the corpus. This influence of the French method is recalled in the introduction to vol. 2 of ALERS – *Cartas Semântico-lexicais (Semantic-lexical letters)* (ALTENHFEN; KLASSMANN, 2011, p. 25).

The application of a long questionnaire and the informants' restlessness are, in part, facts that decrease the willingness to make long comments. Despite the obstacles and the strict control by the interviewers, informants, at times, were able to circumvent the inquirer's stern attitude and talk about their impressions of a linguistic element, going beyond a mere ‘yes, that's it’.

The qualitative data regarding question 19 (Questionnaire 3.3.3 ALERS), were gathered in a table, organized by point (P), city, symbol (sym.)³⁴ recorded in map 5, followed by metalinguistic comments. We chose not to transliterate all dialectal marks of phonetic nature present in the analyzed corpus, as our interest is mainly in the semantic variation of the lexical form.

³⁴ Considering that the solid symbol represents cases of active use of the form *galego* and the partially filled in symbol represents passive knowledge. The symbol source of the multidimensional and relational cartography method was used (THUN, 2010).

TABLE 1 – Metalinguistic comments

Point	City	Sym.	Metalinguistic comment
409	Abelardo Luz	●	Inq. Is a blond person called <i>galego</i> here? Info. (woman) I've heard this! Inq. Have you? Is a blond person called <i>galego</i> here? Info. (man) Yes!
438	Treze Tílias	●	Inq. What does <i>galego</i> mean to you, as in 'that man is a <i>galego</i> ', what does it mean? Info. A blond man, isn't it? Inq. Blond hair? Info. Blond hair! Inq. Is the expression used here? Info. Yes it is, <i>galego</i> !
441	Caçador	●	Inq. When someone says, <i>he is a galego</i> , what do you understand? Info. (woman) <i>Galego</i> is a small person, right? Inq. Small, right? Info. (woman) Nooo! <i>Galego</i> is a blond man! Inq. But, do people know what <i>galego</i> means? Info. (woman) Yes, <i>galego</i> . No, this word is not used very frequently. Inq. Have you heard it around here? Info. (woman) Yes, I have.
448	Concórdia	●	Info. 'Oh, there goes a beautiful <i>galega</i> '! Inq. Is a <i>galega</i> a blond woman? Info. Yes, blond woman, yes, yes, many boys say this.
452	Peritiba	●	Inq. If they say, 'he is a <i>galego</i> ', what do you understand? Info. <i>Galego</i> ? I know what <i>galega</i> means. Inq. What is a <i>galega</i> ? Info. <i>Galega</i> is like a blond-brunette. She has dark skin, but blond hair. Inq. But do people here use this word? Info. 01. Very little. Info. 02. Very little!
470	Monte Castelo	●	Inq. <i>Galego</i> , what does <i>galego</i> mean? Info. <i>Galego</i> is a blond man, that is a <i>galego</i> !

471	Papanduva	●	<p>Inq. <i>Galego</i>, what is a <i>galego</i>? Info. <i>Galego</i> because he is blond! Inq. White? Info. Yes. Inq. Blond, does it mean <i>galego</i>? Info. Yes. Inq. Is she <i>galega</i>? Info. Yes, but I don't use this word.</p>
473	Mafra	●	<p>Inq. <i>Galego</i>? Info. <i>Galego</i> must be a ... I mean ... someone who comes from abroad, right, maybe <i>galego</i>, right? Inq. What do you understand by the word <i>galego</i>? Info. <i>Galego</i> is a race, right, a race of people. Inq. Is she <i>galega</i>? Info. Yes. Inq. Why is she <i>galega</i>? Info. <i>Galego</i> comes from down there, from the mountains, right? (laughter). Inq. Is a German a <i>galego</i>? Info. There is also a <i>galego</i> lime. (laughter) [misunderstanding by the informant].</p>
477	Guaruva	●	<p>Inq. What about <i>galego</i>, what does <i>galego</i> mean? Info. <i>Galego</i> is a fair person, like a German or a Pole.</p>
485	Barra Velha	●	<p>Inq. What does <i>galego</i> mean to you? Info. A fair person! Inq. Fair hair? Info. Yes! Inq. Or does the person have fair skin as well? Info. Yes, fair skin, that's it.</p>
486	Lebon Régis	●	<p>Inq. 'He is a <i>galego</i>', what do you understand around here when someone says this? Info. He is blond. Inq. Blond? Info. Yes, blond! Inq. But, do people use this expression here? Info. Yes, yes!</p>

488	Curitibanos	●	Inq. If someone says ‘that boy, that <i>galego</i> , please call that <i>galego</i> over there!’, what do you understand by <i>galego</i> ? Info. Very fair person. Inq. Very fair? Info. Yes! Inq. Blond hair? Info. Yes!
490	Anita Garibaldi	●	Inq. ‘He is a <i>galego</i> ’, what does it mean, ‘ <i>he is a galego</i> ’? Info. He is a blond person.
491	Campo Belo do Sul	●	Inq. If someone says, ‘he is a <i>galego</i> ’, what does it mean? Info. He is blond!
495	Otacílio Costa	●	Inq. If I say, ‘he is a <i>galego</i> ’! What do you understand by <i>galego</i> ? Info. By <i>galego</i> I understand ‘a German’!
496	Massaranduba	●	Inq. ‘ <i>He is a galego</i> ’, I’ve been told he is a blond, right? Info. Yes!
497	Benedito Novo	●	Inq. <i>Galego</i> , ‘he is a <i>galego</i> ’, what does it mean? Info. <i>Galego</i> would be a German, a blond person.
504	Rio do Campo	●	Inq. What about <i>galego</i> , ‘he is a <i>galego</i> , go with that <i>galego</i> ’. What does that mean for you here? Info. A fair person! Inq. A fair person? Info. Yes.
509	Rodeio	●	Inq. <i>Galego</i> , ‘he is <i>galego</i> ’, what do you understand if someone is ‘ <i>galego</i> ’? Info. If he is ‘ <i>galego</i> ’, he is a descendent of Germans. Inq. Blond? Info. Blond, and he is ‘ <i>galego</i> ’, but he is German.
511	Blumenau	●	Inq. ‘He is <i>galego</i> ’, what do you understand, ‘go talk to the <i>galego</i> !’, what do you understand? Info. <i>Galego</i> ? He is blond!

512	Gaspar	●	Inq. What is a <i>galego</i> to you? Info. A <i>galego</i> is a type of German, like this, right? Inq. Blond? Info. Yes, blond.
519	Ibirama	●	Inq. He is a <i>galego</i> , what does this mean? Info. He is blond! Inq. Blond! Yes.
523	Rio do Sul	●	Inq. What do you call a man who has blond hair and fair skin? Info. <i>Galego</i> !
536	Ituporanga	●	Inq. He is a <i>galego</i> , you said he is blond, right? Yes or no? Info. Yes!
537	Presidente Nereu	●	Inq. He is a <i>galego</i> , what does it mean, that he is blond, right? Info. Yes, blond hair!
541	Nova Trento	●	Inq. <i>Galego</i> , he is <i>galego</i> , what does <i>galego</i> mean to you? Info.01. He is <i>galego</i> , white, blond! Info.02. Blond!
545	Governador Celso Ramos	●	Inq. <i>Galego</i> , “go with that <i>galego</i> ”, what does it mean? Info. <i>Galego</i> is a... a German, right?
548	Antônio Carlos	●	Inq. What do you understand by, “he is <i>galego</i> ”, what does it mean? Info. 01. Here, he is a German... he is a German. Info. 02. Blond, red hair!
559	Paulo Lopes	●	Inq. “He is <i>galego</i> ”, what does that mean, “he is <i>galego</i> ”? Info. 01. He has red hair! Info. 02. Red hair!
561	Lages	●	Inq. What if someone here says, “oh, he is <i>galego</i> , tell the <i>galego</i> to warn (...)”. What do you understand? Info. It’s red hair, right? A white man, right? Inq. Do people here use the word <i>galego</i> ? Info. Yes, a very white, very blond guy. Inq. Very blond? Info. Yes!

562	São Joaquim	●	Inq. And the <i>galego</i> , “go call the <i>galego</i> !”, what does it mean? Info. 01. A very white man! Inq. White or... or... Info. 02. Blond! Blond! Inq. Blond! Info. 02. Blond! Info. 01. Yes, right!
564	Urubici	●	Inq. And “he is a <i>galego</i> ”, what do you understand? Info. 01. <i>Galego</i> is a very white man, right? Very white person! Inq. Blond? Info. 02. Blond, yes! Of course!
565	Bom Retiro	●	Inq. He is <i>galego</i> , what does it mean “he is <i>galego</i> ”? Info. Yes, of course, right? He’s German!
587	Criciúma	●	Inq. <i>Galego</i> ? Info. <i>Galego</i> is someone who has fair, blond, fair hair.
589	Timbé do Sul	●	Inq. And <i>galego</i> , “go talk to the <i>galego</i> ”, what does it mean here? Info. He has light hair, blond, right?
593	Araranguá	●	Inq. And for you, what does <i>galego</i> mean? Info. <i>Galego</i> is a fair person, for us, a fair person, blond hair. Inq. A person who has blond hair is a <i>galego</i> ? Info. Blond. He is fair, he is a <i>galego</i> . This is what it means to us here.
594	Jacinto Machado	●	Inq. <i>Galego</i> means red-haired, right, blond? Info. Yes! Yes!
595	Sombrio	●	Inq. And what does <i>galego</i> mean here? Is he a <i>galego</i> ? The word <i>galego</i> ? Info. 01. It’s a very blond person. Info. 02. Blond!
596	Praia Grande	●	Inq. What do you understand by “he is <i>galego</i> ”? Info. <i>Galego</i> is someone fair-skinned, a blond person, right?

Source: Data from ALERS, question 19, questionnaire 3.3.3.

For a better understanding of the frequency of each semantic content for the nickname *galego*, we added, in table 2, the quantification of diarefrential data. This table consists of three columns, the first with a brief description of the semantic load, the second provides the total number of occurrences, organized in descending order, and the third provides the inquiry point in ALERS (SC) where the comment was recorded.

TABLE 2 – Quantification of metalinguistic comments

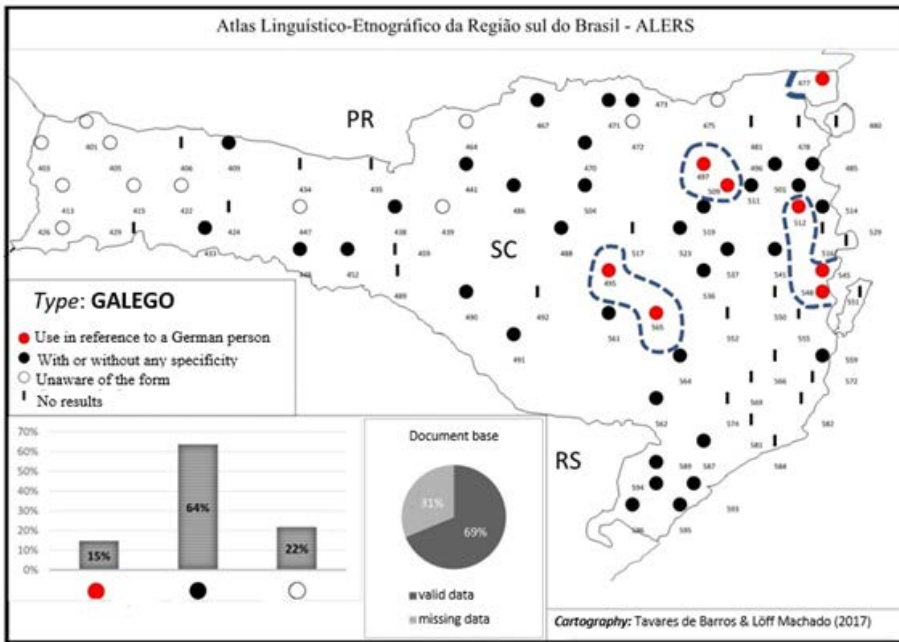
Metalinguistic comment	Σ	Point – ALERS/Santa Catarina
Someone with blond hair.	30	409, 438, 441, 448, 470, 471, 486, 488, 490, 491, 496, 497, 509, 511, 512, 519, 523, 536, 537, 541, 548, 561, 562, 564, 587, 589, 593, 594, 595, 596.
Someone who has (very) fair, white skin.	13	471, 477, 485, 488, 504, 523, 541, 561, 562, 564, 565, 593, 596.
<i>Galego</i> is someone of German origin.	08	477, 495, 497, 509, 512, 545, 548, 565.
Someone with red hair.	04	548, 559, 561, 594.
A fair-haired person.	04	438, 485, 587, 589.
The word is (frequently) used here.	04	438, 486, 561, 593.
The word is not used too frequently here.	02	441, 452.
<i>Galego</i> is someone of Polish origin.	01	477.
A small person.	01	441.
<i>Galego</i> is a “type of people’s race”.	01	473.
I know the word <i>galega</i> , who is a brunette, with dark skin, but blond hair.	01	452.
I know, but I don’t use this word.	01	471.
<i>Galego</i> is a foreigner, an outsider.	01	473.
<i>Galego</i> is someone who comes from down there, from the mountains.	01	473.
<i>Galego</i> is a type of lime.	01	473.

Source: Data from ALERS, question 19, questionnaire 3.3.3.

Although it is the first meaning in most major Portuguese language dictionaries, none of the ALERS informants from Santa Catarina stated that they use or know the form *galego* as referring to someone who is born or who lives in Galicia, Spain.

The expression *galego* was used 30 times to refer to blond-haired people, and this is the most frequent meaning. *Galego* was used 13 times to refer to white-skinned or light-complexion people. *Galego* was used 4 times to mean light red hair. In 08 points of the ALERS (SC) *galego* is the nickname used for a German, that is, a person of German origin. For 01 point, *galego* is the nickname for Polish people (popularly, the *Pole*³⁵).

MAP 6 – Use of the word *galego* to refer to people of German origin



Source: Prepared by F.H. Tavares de Barros and L. Löff Machado.

As mentioned above, in 08 points of the ALERS (SC), *galego* is the nickname for German, that is, a person of German origin. German

³⁵ See the discussion about this nickname in Tavares de Barros, Löff Machado and Philippsen (2017).

descendants, because they are a very significant group in the state of Santa Catarina, frequently have at least one of the meanings related to the physiognomy: blond or red hair, (very) fair complexion, and skin. As shown in map 6, the use of the form for German neighbor is recorded from points in Santa Catarina of the Portuguese on the coast (477, 545 and 548), to countryside points and close to being in contact with the German colony (497, 509, 512, 495, 565).

8 Why are *galegos* in Brazil blond and white? Etymology hypotheses

Light hair, skin and eyes are specific characteristics of Caucasian populations. For most Caucasians, hair may “be flaxen, golden, or various shades of red; the eyes blue, gray, hazel, or an indeterminate blue- or gray-green” (BEALS; HOIJER, 1965, p. 212). Caucasian populations from northwest Europe (Nordic populations) have high percentages of tall, light-haired, blue-eyed people, with light complexions, if compared to other varieties of this racial type (BEALS; HOIJER, 1965, p. 216).

It is not unusual to hear from Spanish or Portuguese people the idea that *galegos*, and the northern Iberian Peninsula populations in general, have lighter skin. This cliché stands out even in speculations about the etymology of the name Galicia. As an example, as early as the 8th century, Isidore of Seville³⁶ (Saint Isidore, c560-636) proposed the hypothesis that *Galiza* (Lat. *Gallaecia*) originated from the Greek expression *gala* (Eng. milk), a denomination motivated, apparently, by the fact that *galegos* have light skin, that is “white in body and the *galleci* even more so than the rest of the Hispanic” (CAÑADA, ca. 2003, p. 140). Spanish lexicographer (15th century) Alfonso de Palencia (1490) also stated that: “*galeci*, del blancor se dizen segund que los galos, por que son más blancos que las otras gentes delas Españas” (NIETO JIMÉNEZ; ALVAR EZQUERRA, 2007, p. 5012).

Considering that the use of *galego* in Santa Catarina takes place mainly in Azorean and Luso-Brazilian colonization zones, understanding the physiognomy description of the Portuguese in historiography, anthropological studies, and human geography. This is especially true if

³⁶ Isidore of Seville was a Spanish bishop (600-636) known by his work *Etymologiae*, an erudite work collected in 20 books with an immense number of etymons (VIARO, 2011, p. 35).

one considers that in Portuguese lexicography the use of *galego* among southern Portuguese (especially the alentejanos) to refer to northern Portuguese.³⁷ According to the renowned Portuguese geographer, Orlando Ribeiro:

The Portuguese population, as most of the Western European peoples, consists of three elements: the *Mediterranean*, widely preponderant in the entire country, characterized by the dark complexion features - skin, hair, eyes - medium to low height, elongated skull, medium-sized our narrow face, constituting the most common Portuguese type; the *Alpine* differs from the previous type especially because of the shortest skull and wider face, and its influence is noticed in southern Portugal; the *Nordic*, with light eyes, skin and hair and tall stature. Although it is widespread the latter has a strong influence in Entre Douro and Minho, where it occurs in significant excessive numbers (if compared to the rest of the country) of blue eyes, blond hair, pinkish complexions and taller statures. (RIBEIRO, 1987, p. 17).

According to the interpretation of German geographer Hermann Lautensach, Portuguese anthropologists usually classify the Lusitanian “racial types” into 4 categories. Three of them (types 01, 02, and 04) share more Mediterranean characteristics (type 01), medium height (type 04) and small (type 01), dark complexion (types 02 and 04), and too dark haired at times (type 04). Racial type 01, known as the Mediterranean, consists of the majority of the current Portuguese population, given that both Roman domination and the Moorish invasion introduced this type of blood” (LAUTENSACH, 1989, p. 712). Darker complexion Portuguese people, with “prominent chins, curved aquiline noses, and large almond-shaped eyes” (LAUTENSACH, 1989, p. 712), for Lautensach, are in the Algarve region (southern Portugal), among anglers and on the northwestern coast. Only type 03 consists of tall, fair-reddish complexion, light eyes and blond- or red-haired people.

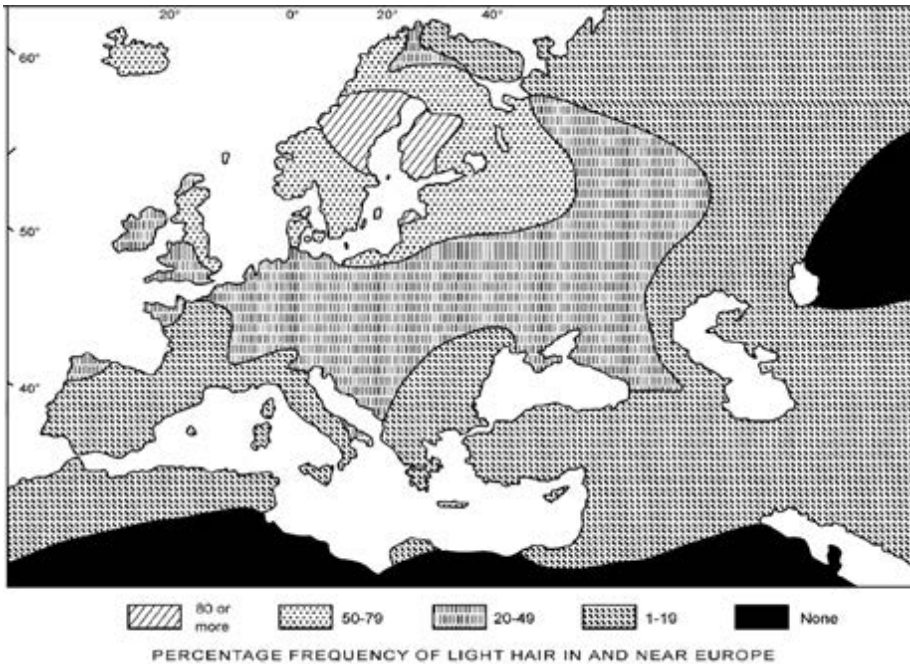
Type 03 is classified by Lautensach (1989, p. 713) as originating from the Nordic substrate.³⁸ Nordic blood, the author argues, “was

³⁷ A considerable part of northern Portugal formed the older Galicia territories.

³⁸ The concept of ‘Nordic’ used in Portuguese anthropology refers to the peoples originating from the areas beyond the northern Iberian Peninsula (the Celts, the Suevi, etc.), and not particularly that of Scandinavian countries.

not introduced, only the Suevi and the Visigoth; it existed previously, considering that Nordic type skeletons were found in graves at Cascais, from the Luso-Roman era”. For Lautensach (1989, p. 713), saying that “the Celts brought the Nordic blood to Portugal for the first time”. The author states that those people with strong Nordic characteristics are mixed with dark complexion in several locations in Portugal. However, according to these researchers’ observations, there is a higher frequency at the Minho region (northern Portugal), both in the Minho coast and in the valleys, listing, as examples, Melgaço and Monção regions. For Lautensach (1989, p. 713), the most common physiognomy among the Portuguese is the mixed type, which inherits the reddish complexion and the structure, at least medium height from the Nordic features, and the remaining features from the Mediterranean origin.

MAP 7 – Percentage and frequency of light color hair in Europe

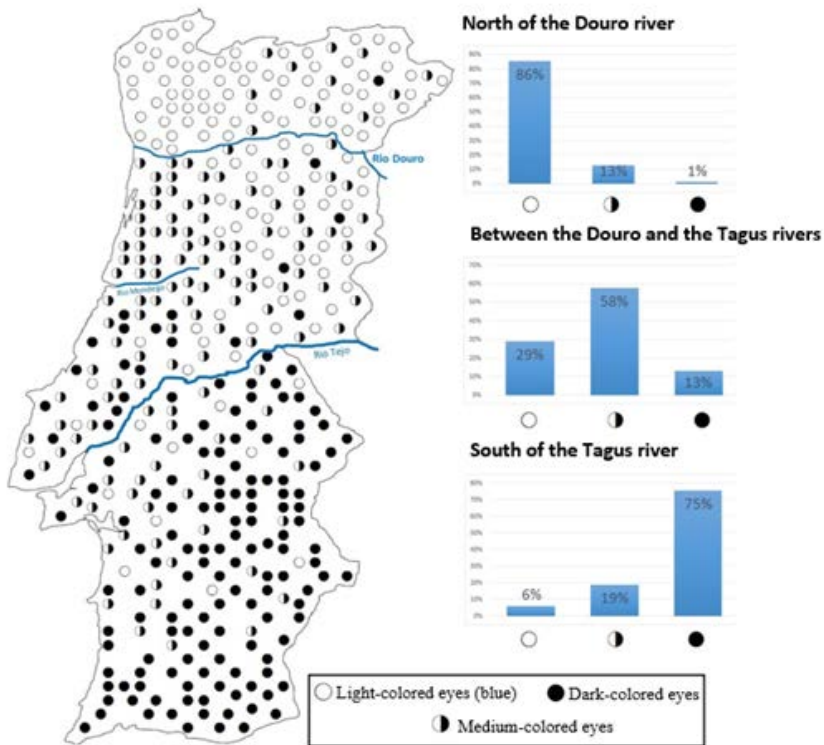


Source: Beals and Hoijer (1965, p. 214).

More specifically, regarding the *galego* lexical item, as seen before, Brazilian lexicography usually points out two meanings with the highest frequency rates. The first meaning is that of *galego* to refer to Portuguese people, and the second meaning is that of *galego* used in reference to blond-haired and fair-skinned people. The latter, however, is not fit to describe the first, if we take into account what Ribeiro (1987) and Lautensach (1989) proposed, that is, Portuguese people have contrasting features. Despite the common sense existing in Brazil that all Europeans are white and, at times, blond, these physical features do not always portray the physiognomic reality of Portuguese immigrants and their descendants. There already was a diversity of skin tones, heights, eye colors, and hair colors among the Lusitanians prior to the immigration wave to Brazil.

However, we are not able to state whether the internal perception existed within the immigrating group and, therefore, originated this semantic content – blond and fair-skinned person – prior to their settlement in Brazil. Although this idea constitutes a hypothesis, we can only state that understanding it has its origins in the perception of different skin and hair colors among Luso-Brazilians and Portuguese is a superficial interpretation of the facts.

MAP 8 – Eye color distribution in Portugal



Source: Adapted (replica) from Amorim Girão (1960, p. 236).

Portuguese lexicography, it should be noted, does not provide any indications of the second meaning, and that leads us to support this hypothesis. Added to this interpretation is the fact that blond hair is a minority feature, inherited from Nordic peoples, in the entire Iberian Peninsula, not only in Portugal. Furthermore, the naming of minorities by majorities is a well-known intrinsic aspect of the nicknaming process. Thus, being blond and having light skin and eyes are minority features within the Iberian context, and, hypothetically, may be associated with a geographic area. Map 7 presented by anthropologists Beals and Hoijer (1965, p. 214), based on Frederick Hulse's field notes, indicate that the old Galicia region had the highest percentage of people with fair hair in the Iberian Peninsula. Galicia is represented on the map as having 20% to

49% of people with such features, in contrast with the remaining portion of the Peninsula, represented as being in the lowest bracket, between 1% and 19%. The European region with the highest light hair occurrence rate is Scandinavia.

As previously discussed, light-eye pigmentation, especially those tending to be blue, is a feature of the Nordic substrate. Map 8, presented by the renowned Portuguese cartographer, Amorim Girão (1960, p. 236), based on the 11,601 annotations made by anthropologist Eusébio Tamagnini, exhibits a clear division in the eye color distribution in Portugal. Northern Portugal has a more Nordic phenotype (lighter color), while southern Portugal has a more Mediterranean phenotype (darker color). Between the rivers Tagus and Douro there is a transition geographic zone, which displays an average color trend. It should be noted that north and east of the Mondego River, a preponderance of medium-colored and light-colored eyes might be observed.

Therefore, would the *galegos*³⁹ be the lightest people on the Iberian Peninsula?⁴⁰ Anthropology and human geography studies apparently indicate so,

Therefore, the semantic content issue - a blond and fair-skinned person - may find its roots in an earlier state of the Portuguese language, thus prior to the Portuguese immigration waves to Brazil. Would this be, therefore, a case of semantic archaism, considering that, in Portugal, as far as it is known, the word *galego* is not known to have this meaning. The absence of records in Portuguese lexicography, however, means that more detailed studies must be conducted in order to confirm such hypothesis.

Map 9 displays the realization of the meanings “blond-haired person” and “red/reddish-haired person”. We chose to extract both meanings from the map by using the same red hatched symbol, considering that both hair shades are, at times, mistaken and treated as similar. This is the case of the metalinguistic comments in points 548, 561, and 594. The black hatched symbol is used both for answers that

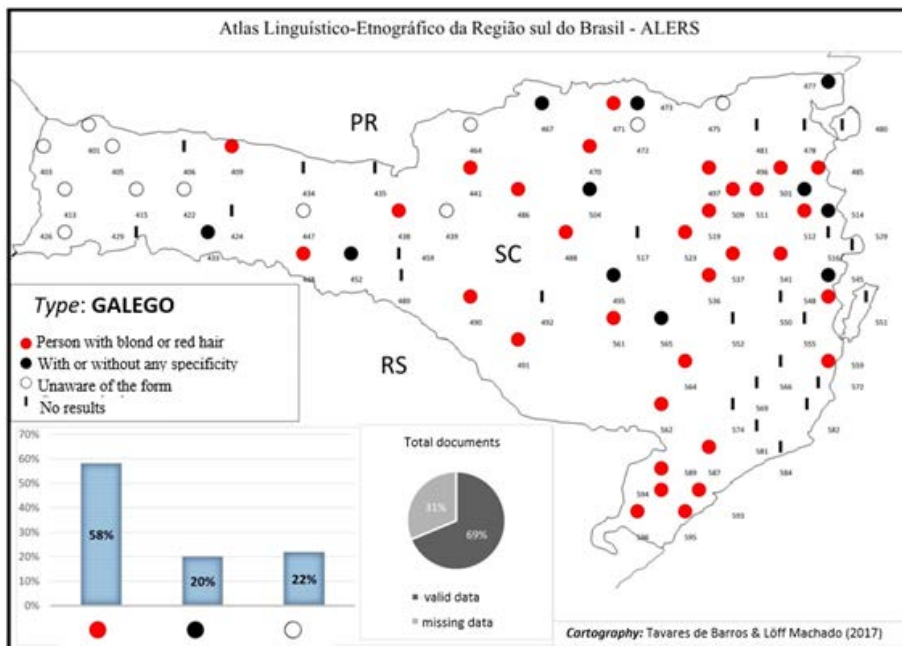
³⁹ If this nickname is viewed as capable of encompassing all peoples located above the Alentejo (northern Portugal and present-day Galicia);

⁴⁰ Another aspect to be taken into account is how Portuguese and Brazilian people classify people as being blond or dark-colored, and the degrees of such perception. Nevertheless, we did not find any studies in this sense.

did not provide a semantic specificity, and for those whose semantic content was different. Similar to maps 5 and 6, the empty symbol mean informants did not know the form, and the vertical trace means there are no results for the inquiry point.

As shown in map 9, in Santa Catarina, the semantic load - blond or red-haired person - is present in the entire area where the form *galego* occurs. Therefore, it does not constitute a specific isogloss within the diatopia of its use and knowledge. This meaning corresponds to 58% of the cases recorded for such a lexical item, that is, the highest occurrence rate. Therefore, the most frequent semantic content is also found in areas to which the form was spread.

MAP 9 – Use of the word *galego* to refer to blond or red haired people



Source: Prepared by Tavares de Barros and Löff Machado.

Final considerations

As revealed by ALERS data, the use of the nickname *galego* appears to be a characteristic lexical element in the Portuguese colony and Luso-Brazilian regions in Santa Catarina. Its use expanded from the Azorean region to the Santa Catarina German-, Italian- and Slavic-colonized countryside, and from the Luso-Brazilian area (on the merchant troop routes) to the countryside where the Lusitanian element is a minority in the linguistic substrate.

The use of *galego* to nickname German descendants was one of the most commonly documented meanings (8 occurrences). Here, this nicknaming may be associated with the Portuguese experiences with their former neighbors in the Iberian Peninsula, the Galicians, or *galegos*. Because Galicians are, at times, blond, this perception may lead to the generalization that “all blond people are *galegos*”. In the new overseas context, blond people, geographically closer, are mostly the German-Brazilian neighbors. Therefore, the use of *galego* to refer to Germans may trace back to a collective memory crystallized in the Lusitanian use of the nickname.

Considering that Azoreans have, in their settlement origins (since 1400), different groups coming from continental Portugal, there is a certain degree of probability that the anthroponym *galego* used in Santa Catarina originated in this linguistic transfer.⁴¹ Nevertheless, the hypothesis that the semantic content “blond and fair-skinned person” has originated in the relations between southern and northern Portugal, precisely because there is a significant physiognomic difference caused by the substrates of earlier settlers, cannot be discarded. In Portugal, “blondish” and “reddish” aspects are only identified by the denomination *galego* if they are characteristics of some fruit and plants, such as *galego-barbado* and *galego-rapado* (or *mocho-ruivo*) wheat and the grape varieties *galego-dourado* and *galego-de-Montemor* (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). Future investigations may determine whether this is a case of semantic *relict* associated with “blond and fair-skinned person” in Santa Catarina.

⁴¹ Among the Portuguese people settled during the immigration wave to Brazil to the Santa Catarina coast, there were not only Azorean, but also immigrant from Madeira and continental Portugal.

Because the nickname *galego* is historically used in southern Portugal in mockery (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72) to refer to northern Portuguese, skin, hair, and eye color could have motivated the use of this epithet, when such features gave rise to laughter and mockery.

Galicia and the Galicians are very fruitful elements in Iberian and New Romanian anthroponymy and toponymy. Despite its many records found in lexicography, the mysteries the epithet *galego* hides in Lusophony are noticeable. ALERS data only reveal part of this multiplicity of semantic loads produced by the denomination. The present study was a contribution to Historical philology, Dialectology, and Onomastics, to allow them to understand better the folkloric figure of the *galego* in Luso-Brazilian ethnographic expression and in Portuguese culture in Brazil.

Acknowledgments

We are thankful to Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS – Porto Alegre, Brazil) for entrusting us with the ALERS data for this research; to Prof. Dr. Henrique Monteagudo (Real Academia Galega), for his contributions from the Galician-Portuguese folklore literature; to Alma Sánchez Núñez, Galician language and culture lecturer at the University of Kiel, for his assistance and to our colleague Amalia Pérez Valiño for her willingness to help; to our colleagues Luana Cyntia dos Santos Souza (UFRGS – Porto Alegre), Mario Ruíz Moreno (University of Hamburg), Selmo Figueiredo Júnior (Universidade de São Paulo), Facundo Reyna Muniain (University of Bremen/University of Kiel) for their assistance, to Rebecca Borges e Silva (University of Bremen) and Fabiana Santos Zebner (University of Hanover) for their “wisdom from Ceará and Pernambuco” and to Mailson dos Santos Lopes (UFBA), for providing us with bibliographic references. We also wish to express our gratitude to Prof. Dr. Harald Thun (CAU, Kiel- Germany), for the comments and methodological notes; to Prof. Dr. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte, Brazil), for her attention and contribution with lexicographic references. Finally, our thanks to the blind reviewers of this work, who provided us with important notes.

References

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Org.). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis, Ed. UFSC, 2011.

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT; Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

AMORIM GIRÃO, A. *Geografia de Portugal*. 3. ed. Porto: Portucalense Editora, 1960.

ASSO, J. P. *Nuevo diccionario etimológico aragonés: voces, frases y modismos usados en el habla de Aragón*. Zaragoza: Gara d'Edizions, 2002.

BARROS, V. F.; GUERREIRO, L. M. *Dicionário de Falares do Alentejo*. Porto: Campo das Letras, 2005.

BARROS, V. F. *Dicionário do falar de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Âncora Editora e Edições Colibri, 2006.

BARROS, V. F. *Dicionário de Falares das Beiras*. Lisboa: Âncora Editora/Edições Colibri, 2010.

BEALS, R. L.; HOIJER, H. *An introduction to Anthropology*. 3 ed. Toronto; Canadá: The Macmillan Company; 1965.

BEIRANTE, M. Â. Onomástica galega em duas cidades do Sul de Portugal: Santarém e Évora. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, n. 6, p. 103-110, 1992. Available at: <https://run.unl.pt/handle/10362/6698>. Retrieved on: Nov. 6 2017.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra; Lisboa: Lisboa Colégio das Artes; Pascoal da Sylva, Joseph Antonio da Sylva, Patriarcal Oficina da Musica, 1712-1728. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Available at: <http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Concordancias>. Retrieved on: Sept. 11 2017.

BORBA, F. S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRITO, M. F. A. S. C. P. A alcunha: configuração linguística de um continuum afectivo (observação de uma micro-sociedade de tipo clânico). *Revista Hvmánitas*, Coimbra, v. L, n. 50, Tomo II, p. 835- 866, 1998. Available at: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas50/48.2_Carvalho_Brito.pdf. Retrieved on: Sept. 19 2017.

CABRAL, T. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1972.

CÂMARA; B. A. D. *O “retalho” do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830-1870*. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

CÂMARA CASCUDO, L. *Ensaio da etnografia brasileira* (Pesquisas na cultura popular do Brasil). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

CAÑADA, S. *Gran enciclopèdia galega*. Lugo: El Progreso; Diario de Pontevedra, ca. 2003.

CARDOSO, J. *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Coimbra: João Álvares, 1510-1569. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Available at: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/LerFicha.asp?Edicao=4&Posicao=59671>>. Retrieved on: Sept. 11 2017.

CARVALHINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de lingu@gem: Revista Eletrônica de Lingüística*, Ano 1, n. 1, 1º Semestre 2007.

CASARES, J. *Diccionario ideológico de la lengua española*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1942.

CASTELEIRO, J. M. (Cord.). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; Editorial Verbo, 2001. 2 v., 3809 p.

CHUCHUY, C.; BOUZO, L. H. *Nuevo Diccionario de Americanismos Tomo II: Nuevo Diccionario de Argentinismos*. Santafe de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993.

CLEROT, L. F. R. *Vocabulário de termos e gíria da Paraíba: estudo de Glotologia e Semântica Paraibana*. Rio de Janeiro: [S. n.], 1959.

COSTA, J. R. M. *O livro dos provérbios portugueses*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

CRUZ, M. A. A. *Diccionario temático: americanismos*. Léon: Editorial Everest, 1888-1980.

DAL CORNO, G. O. M. Léxico e identidade regional nas comunidades da antiga rota dos tropeiros. In: ENCONTRO DO CELSUL, IX, 2010, Palhoça. *Anais...* Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. p. 1-9.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA (DEL) de la Real Academia Española (RAE). Available at: <<http://dle.rae.es/index.html>>. Retrieved on: Sept. 18 2017.

DICCIONARIO DEL HABLA DE LOS ARGENTINOS. 2. ed. Buenos Aires: Enecé Editores; Academia Argentina de Letras, 2008.

EÇÃ, J. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Gab-Heh; Editorial Enciclopédia Limitada, 1944-1945. v. 12.

ESTRAVÍS, I. A. *Dicionário da Língua Galega*: Madrid: Alhena Ediciones, 1986. Tomo II.

FERRAZ, L. P. P. “*Deus te leve a Pernambuco*”: antilusitanismo, legislação e estatística na história da imigração portuguesa para Pernambuco (1945-1964). 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

FERREIRA, C. *et al.* (Org.). *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: UFBA/Instituto de Letras; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FILIPAK, F. *Dicionário sociolinguístico paranaense*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

FURLAN, O. A. Aspectos da influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 165-186.

FURLAN, O. A. 250 anos de influência açoriana no português do Brasil. *Revista Ágora*, Florianópolis, v. 13, n. 27: 1998a. Available at: <<https://agora.emnuves.com.br/ra/article/view/190/pdf>>. Retrieved on: Nov. 19 2017.

FURLAN, O. A. Influência dos Açores no português do Brasil, 250 anos depois. *Revista Insulana*, Ponta Delgada, Açores, v. LIV, p. 23-51, 1998b.

FURLAN, O. A. O português dos catarinenses de ascendência luso-brasileira comparado com o português europeu. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, BA, n. 5, p. 227-253, dez. 1986.

GUIMARÃES DA SILVA, F. A. *Dicionário da ilha: falar e falares da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.

HAENSCH, G.; WERNER, R. *Diccionario del español de Cuba*. Madrid: Editorial Gredos, 2000.

HOLANDA FERREIRA, A. B. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Mapas político-administrativos regionais. Base de dados de 2010. Available at: <<https://mapas.ibge.gov.br/politico-administrativo/regionais>>. Retrieved on: Feb. 22 2018

KREMER, D. Antroponímia e Toponímia: sobre alguns autores de referência e desideratas. *Actas Sarmiento*, p. 719-727, 2006.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Org.). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2. ed. Porto Alegre; Florianópolis: Editora da UFRGS; Ed. UFSC, 2011.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Maim: TFM, 2000. p. 55-69.

LARA, L. F. *Diccionario del español de México*. México: El Colegio de México; Centro de Estudios Linguísticos y Literarios, D.F, 2010.

LAUTENSACH, H. Geografia da população. In: RIBEIRO, O. A.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. *Geografia de Portugal: o povo português*. Lisboa: Edições Joao Sá da Costa, 1989.

LEITE DE VASCONCELLOS, J. L. *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a idade média até hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

LEITE DE VASCONCELOS, J. L. *Etnografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1958. v. IV.

LEITE DE VASCONCELOS, J. L. *Revista Lusitana*. Porto: Livraria Portucalense, 1890-1892. v. II.

MONES, U. *Nuevo Diccionario de Americanismos Tomo III: Nuevo Diccionario de Uruguayismos*. Santafe de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993.

MORÍNIGO, M. A. *Diccionario del Español de América*. Madrid: Anaya & Mario Muchnik, 1993.

NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1966.

NEVES, A. N. *Diccionario de Americanismos*. Buenos Aires: Editorial Sopena, 1973.

NIETO JIMÉNEZ, L; ALVAR EZQUERRA, M. *Nuevo tesoro lexicográfico del español (s. XIV-1726)*. Madrid: Editorial Arco Libros, 2007. v. 6 G-K.

NUNES, N. N.; KREMER, D. *Antroponímia primitiva da Madeira e repertório onomástico histórico da Madeira século (XV e XVI)*. Tübingen: Niemeyer, 1999.

NUNES, Z. C.; NUNES, R. C. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

OLIVEIRA, Alberto J. *Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 2. ed. Porto Alegre: Editora AGE, 2003.

ORTÊNCIO, W. B. *Dicionário do Brasil central: subsídios à Filologia, linguagem, usos e costumes, folclore, toponímia dos municípios goianos*. São Paulo: Ática, 1983.

PENA, X. A. *et al.* *Gran diccionario século 21 da lingua galega*. Vigo: Editorial Galaxia, 2005.

PEREIRA, B. *Thesouro da língua portuguesa*. Évora: Tipografia da Academia, 1697. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Available at: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Concordancias&tipo=formpalavra&palavra=209732>>. Retrieved on: Sept. 11 2017.

PETRUCCELLI, J. L. (Org.). Auto identificação, identidade étnico-racial e hétero classificação. In: PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA; A. L. (Org.). *Características étnico raciais da população: classificações e identidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 31-50.

PIRES, M. *Pequeno vocabulário mirandês-português*. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, 2004.

PLAGER, F. *Diccionario integral del español en la Argentina*. 1 ed. Buenos Aires: Voz Activa, 2008.

POLANAH, L. O estudo antropológico das alcunhas. *Revista Lusitana* (Nova Série), Universidade do Minho, v. 7, p. 125-145, 1986.

QUESADA PACHEDO, M. A. *Nuevo diccionario de costarriqueñismos*. Cartago: Editorial Tecnológica de Costa Rica, 1991.

RAMOS, F. M. *Alcunhas alentejanas: estudo etnográfico*. Monsaraz: [S. n.], 1990.

RAMOS, F. M.; SILVA, C. A. da. *Tratado das Alcunhas Alentejanas*. Lisboa: Arte Mágica, 2003.

REYES, J. M.; REYES TABORGA, I. M. *Diccionario de bolivianismos y semántica boliviana*. 1. ed. La Paz: Librería Editorial Juventud, 1982.

RIBEIRO, O. *A formação de Portugal*. 1. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

ROMERO, M. *Diccionario de salvadoreñismos*. 2. ed. El Salvador: Editorial Delgado, 2005.

SARAMAGO, J.; SEGURA, L.; VITORINO, G.; BARROS FERREIRA, M. *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)*. 2012. Available at: <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>>. Retrieved on: Sept. 18 2017.

SERAINÉ, F. *Dicionário de Termos Populares registrados no Ceará*. [S. l.]: Organização Simões; Editora Rio, 1958.

SILVA NETO, S. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1958.

SIMÕES, G. A. *Dicionário de expressões populares portuguesas: arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares comuns, aportuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem*. Lisboa: Perspectivas e realidades, 1984.

SIMÕES, T. S. B. *Dicionário do falar raiano de Marvão*. 1. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

TABOADA, J. *La descalificación de Galicia en la Literatura y en el pueblo*. Douro Litoral, Porto, v. 6, n. 7-8, p. 105-127, 1955.

TAVARES DE BARROS, F. H.; LÖFF MACHADO, L.; PHILIPPSEN, N. I. Alcinhas e (i)migração no sul da Amazônia Meridional. *Revista Organon*, Porto Alegre, v. 32, p. 1-15, n. 62, 2017.

THUN, H. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, C. (Ed.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.



Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de *Vidas Secas* e de *São Bernardo*

Literary Onomastics in Graciliano Ramos: the names of characters of *Vidas Secas* and *São Bernardo*

Kleber Eckert

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul,
Campus Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil
klebereckert@hotmail.com

Maiquel Röhrig

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul,
Campus Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil
leuqiam@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como tema um estudo interdisciplinar entre a Onomástica – ciência que estuda os nomes próprios – e a Literatura Brasileira, mais especificamente a prosa de Graciliano Ramos, escrita durante a segunda fase do Modernismo brasileiro. O objetivo central é a análise etimológica e simbólica dos nomes dos principais personagens dos romances *Vidas Secas* e *São Bernardo*, a fim de verificar se existe uma relação entre o significado do nome e o comportamento ou as características físicas desses personagens. Para tanto, discutem-se conceitos básicos de Antroponímia, que é o ramo da Onomástica responsável pelo estudo dos nomes próprios de pessoas, bem como questões relativas à Onomástica Literária, que é o campo dedicado à análise dos nomes dos personagens de obras literárias. Apresentam-se as características da segunda fase do Modernismo, mais conhecida como *Romance de 30*, e apresenta-se uma síntese do enredo de cada um dos romances. A análise etimológica dos nomes dos personagens, realizada a partir de dicionários de nomes e sobrenomes, possibilitou que se chegasse à conclusão de que existe, na maioria dos casos, uma estreita relação entre o significado dos nomes e as características dos personagens, o que leva a crer que a escolha dos nomes por parte do autor não foi fortuita e, sim, etimológica e simbolicamente motivada.

Palavras-chave: nomes; Onomástica Literária; *Vidas Secas*; *São Bernardo*; Graciliano Ramos.

Abstract: This paper has as its theme an interdisciplinary study binding Onomastics –the science that studies the proper names – and Brazilian Literature, more specifically Graciliano Ramos’ prose, written during the second phase of Brazilian Modernism. The aim is the etymological and symbolic analysis of the names of the main characters of the novels *Vidas Secas* and *São Bernardo*, in order to verify if there is any relationship between the meaning of a proper name and the behavior or the physical characteristics of the corresponding characters. For this purpose, basic concepts of anthroponomy are discussed, anthroponomy being the branch of Onomastics responsible for the study of proper names of people, as well as issues related to Literary Onomastics, which is the field dedicated to the analysis of the names of characters in literary works. The characteristics of the second phase of Modernism, better known as *Romance de 30*, are presented, as well as a synthesis of the plot of each of the novels. The etymological analysis of the names of the characters, stemming from dictionaries of names and surnames, made it possible to conclude that there is, in most cases, a close relationship between the meaning of the names and the characteristics of the characters. This leads us to believe that the author’s choice of names was not fortuitous, but indeed, etymologically and symbolically motivated.

Keywords: names; Literary Onomastic; *Vidas Secas*; *São Bernardo*; Graciliano Ramos.

Recebido em 28 de novembro de 2017

Aceito em 20 de fevereiro de 2018

1 Considerações iniciais

O tema do presente artigo é a Onomástica Literária com base nos romances *Vidas Secas* (2007) e *São Bernardo* (1995), de Graciliano Ramos. O objetivo consiste em analisar etimológica e simbolicamente os nomes dos personagens principais das obras do autor alagoano, a fim de verificar se os nomes possuem relação com as suas características físicas ou comportamentais. Para tanto, inicialmente discutem-se os conceitos de Onomástica, que é a ciência dos nomes próprios, e, a partir dela, a Antroponímia, que trata dos nomes próprios de pessoa.

Em seguida, apresenta-se um breve histórico acerca da Onomástica Literária, ressaltando sua interdisciplinaridade, com base nas contribuições de Barthes (1972), Machado (2003), Mexias-Simon e Oliveira (2004), Marcato (2009), Santos (2015) e Seide (2016). Após as reflexões do campo da Onomástica, expõem-se as características do Romance de 30 e apresenta-se um breve resumo do enredo de cada um dos romances.

A metodologia baseou-se na leitura atenta dos livros, destacando-se os nomes dos principais personagens e registrando-se suas principais características. Além disso, procedeu-se à análise etimológica e simbólica dos nomes dos personagens, a fim de avaliar se existia uma relação entre o significado do nome e as características dos personagens com base em dicionários de nomes e em obras especializadas, como Guérios (1973), Andrade (1994), Obata (1986) e Oliver (2005). Trata-se, portanto, de uma abordagem qualitativa, a qual tem sido uma tendência nos estudos de Onomástica Literária, de acordo com um levantamento efetuado por Seide (2016, p. 1154).

O estudo da Onomástica Literária é uma área ainda pouco explorada nas pesquisas brasileiras, seja pelo viés da Lexicologia, seja pelos próprios estudos literários. Dessa forma, o presente estudo encontra justificativa. Até onde foi possível saber, não foi localizada, nenhuma publicação que tivesse como enfoque a análise dos nomes dos personagens das obras de Graciliano Ramos. Alguns clássicos da literatura brasileira, no entanto, já foram objeto de estudo na perspectiva da análise do nome próprio, conforme exemplificação a seguir.

Em 2003, Ana Maria Machado publica a obra *Recado ao nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*, na qual a autora examina, exaustivamente, os componentes semânticos, fonéticos e etimológicos dos nomes próprios criados por Guimarães Rosa. Para Machado (2003, p. 23), o que interessa é “estudar a prática do autor, examinar a relação entre o sistema onomástico e a estruturação da narrativa em sua obra. [...] O que propomos é apenas uma leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. Uma leitura não só possível, mas que nos parece indispensável”.

Salgueiro (2006) publica artigo sobre o conto Noite de Almirante, de Machado de Assis, no qual analisa as relações entre os nomes dos personagens e a história da Mitologia grega que trata do personagem Odisseu e, principalmente, sua esposa Penélope, cujo nome rendeu a

variação Genoveva, que protagoniza o referido conto. Salgueiro (2006, p. 7) conclui seu texto afirmando que há um caráter lúdico na relação de Machado de Assis com o modo como nomeia seus personagens, afirmando que “Machado brincou com os brincos, com os verbos, com o título, com os nomes”.

O romance *Dom Casmurro* é analisado à luz da Onomástica por Santos (2015), cujo objetivo é tentar “compreender como a narrativa em primeira pessoa de Bento Santiago vai se construindo e ganhando relevos a partir dos nomes escolhidos por Machado de Assis para cada um de seus personagens” (SANTOS, 2015, p. 11). Outro estudo enfoca a obra *Ubirajara*, de José de Alencar, cujos nomes são analisados por Eckert e Röhrig (2016) a partir de sua etimologia e de suas implicações simbólicas. Para os pesquisadores, o romance em questão pode ser classificado como “um texto meta-antroponímico, pois, além de os personagens apresentarem nomes dados de acordo com as tradições indígenas, o autor nomeia esses personagens com base na etimologia de palavras de origem tupi e ainda acrescenta reflexões acerca dessa nomeação” (ECKERT; RÖHRIG, 2016, p. 187).

Essa relação entre etimologia e Onomástica é reforçada por Viaro (2014) ao explicar que alguns nomes próprios de pessoa passam a ser usados como nomes comuns, enquanto alguns nomes comuns passam a ser usados como nomes próprios. O autor cita que esse trânsito entre os dois tipos de nomes sempre ocorreu e exemplifica: “A tia de Afonso I, primeiro rei de Portugal, se chamava *Urraca*, nome que proveio da denominação de um pássaro, a saber, a pega, o qual, em basco, se diz *urraka* [...]. Inversamente, a pega também é denominada em outras línguas por outros nomes de mulher” (VIARO, 2014, p. 297), o que ele exemplifica com o espanhol *marica* e o francês *margot*.

2 A Onomástica: o estudo dos nomes próprios

De acordo com Correia e Almeida (2012, p. 11), o léxico de uma língua costuma ser definido, por tradição e de forma genérica, “como o conjunto de todas as palavras que dela fazem parte”. É ele é o responsável, consoante Seabra (2006, p. 1953), “por nomear e exprimir o universo de uma sociedade”. A Lexicologia é a ciência que estuda o patrimônio lexical de uma língua, e uma de suas partes é a Onomástica, cujo objeto de estudo é a origem, a formação e os significados dos nomes

próprios, seja de pessoas, seja de lugares. Chega-se, assim, às duas áreas principais de atuação da Onomástica – o estudo dos nomes próprios – a Antroponímia e a Toponímia.

Conforme já mencionado, a Onomástica possui, principalmente, dois grandes campos de investigação: a Antroponímia e a Toponímia. A primeira, também conhecida como Antroponomástica, é a que se ocupa dos nomes próprios de pessoas, isto é, dos antropônimos. A segunda, chamada também de Toponomástica, é a que se refere aos estudos dos nomes de lugar, ou seja, os topônimos. Para Dauzat (1950), essas duas áreas, embora diversas, aproximam-se em alguns aspectos:

Nomes de lugares e nomes de pessoas sempre tiveram entre eles, e ainda têm, relações de interdependência, mais ou menos indicadas conforme as épocas. Cidade ou aldeia, frequentemente chamadas pelo nome de seu fundador ou do possuidor do domínio em torno do qual uma aglomeração se formou mais tarde. Em contrapartida, o indivíduo, ou a família, são frequentemente denominados conforme sua localidade, seu município, sua pátria de origem, de acordo com sua propriedade ou conforme tal particularidade de sua residência (DAUZAT, 1950, p. 4).

As considerações feitas acima podem ser ilustradas com os topônimos *Camargo*, *Novo Cabrais* e *Vila Maria*. Trata-se de três nomes de municípios do Rio Grande do Sul que surgiram a partir do nome ou do sobrenome de seus primeiros habitantes. Da mesma forma, há uma profusão de sobrenomes derivados de nomes de lugar, como nos exemplos a seguir: *Bergamaschi*, da região italiana de Bergamo, na Lombardia; *Schweizer*, proveniente da Suíça; e *Braga*, cidade do norte de Portugal.

A aproximação entre a Antroponímia e a Toponímia também é abordada por Seabra (2006), embora ela o faça numa perspectiva um pouco diferente. Para a pesquisadora,

apesar de se constituírem em campos semânticos de dimensões variáveis da Onomástica – pessoa e lugar – têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no onoma, em uma área de intersecção: o vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo (SEABRA, p. 1954).

Acerca das características do signo onomástico, objeto de estudo da Onomástica, Marcato (2009, p. 18) apresenta e exemplifica os conceitos de opacidade e transparência desse signo. Um signo onomástico transparente verifica-se quando é possível relacionar, por exemplo, o nome a um elemento do vocabulário de uma língua. Quando essa possibilidade inexistente, é porque o signo onomástico surgiu numa época remota, quando no território em que ocorre esse signo falava-se outra língua. Nessa situação, é possível dizer que o signo é opaco.

Na mesma perspectiva, Guérios (1973, p. 16) também discute a opacidade e a transparência do signo onomástico, citando como exemplo de signo opaco o antropônimo *Licurgo*, que atualmente não lembra o primitivo caçador de lobos. Já um exemplo de signo transparente é o topônimo *Bahia*, pois uma localidade que assim se chama pode traduzir, de fato e na atualidade, uma baía. Por fim, Frosi (2015, p. 43) lembra que, muitas vezes, a transparência do signo onomástico dá-se somente no momento de seu nascimento e, com o passar do tempo, ele vai se tornando opaco. Assim, o nome esvazia-se rapidamente de sua significação primitiva, ele se esteriliza a ponto de não mais ser do que uma etiqueta do indivíduo e não é mais compreendida no sentido etimológico (DAUZAT, 1950, p. 10).

É nessa perspectiva que se situa a análise dos nomes dos personagens do presente artigo, uma vez que o objetivo principal é avaliar em que medida o significado etimológico dos nomes dos personagens relaciona-se às suas características físicas e/ou comportamentais. Chega-se, assim, a um tipo de estudo chamado por Marcato (2009, p. 26) de Onomástica Literária e por Seide (2016, p. 1154) de Onomástica Ficcional, a qual pode, inclusive, chegar a criar modas onomásticas, quando nomes literários tornam-se famosos e passam a nomear uma grande quantidade de crianças recém-nascidas.

Essa parte da Onomástica tem por interesse analisar os nomes de personagens de obras literárias, além de haver uma parte que se dedica às obras audiovisuais, como o cinema e a televisão (MARCATO, 2009; SEIDE, 2016). No presente artigo, compreende-se a Onomástica Literária como parte da Onomástica Ficcional, uma vez que essa é mais ampla que aquela, por entender-se, também, que uma das características do texto literário é a ficcionalidade. Dessa forma, reitera-se o objetivo primeiro deste texto, que é a análise de nomes de personagens de obras literárias e o significado desses nomes para a constituição das características dos personagens.

O percurso histórico da disciplina é apresentado por Marcato (2009, p. 25), segundo a qual a Onomástica Literária passou a se desenvolver no início dos anos 80 do século passado na Itália, com estudos que se ocuparam dos nomes de pessoas e de lugares das obras literárias antigas e modernas como, por exemplo, os estudos das obras de Dante, Pirandello, Manzoni, Boccaccio e Petrarca. A autora acrescenta que a Onomástica Literária adquiriu autonomia – libertando-se da literatura ou da crítica literária – e expandiu as suas pesquisas analisando as diferentes funções que o nome exerce numa obra ou no *corpus* onomástico de determinado autor.

A partir da análise de um conjunto de dez artigos recentes que têm como tema a Onomástica Ficcional, Seide (2016, p. 1156) apresenta o caráter interdisciplinar da abordagem dos nomes, dependendo do enfoque que o pesquisador deseja dar a seus estudos. Para a autora, há pesquisas mais voltadas à literatura, nas quais “o estudo dos antropônimos atua como disciplina auxiliar para resolução de problemas concernentes aos estudos literários” (SEIDE, 2016, p. 1156). Por outro lado, há estudos que aliam o âmbito literário com o audiovisual, chegando-se a um diálogo entre estudos literários e semióticos. Numa perspectiva parecida, Santos (2015, p. 12), afirma que a Onomástica Literária desenvolveu-se como uma corrente de pesquisa do nome próprio que recorre a diferentes áreas do saber e que, na literatura, ela amplia os horizontes semânticos do texto.

Escolher o nome dos personagens de uma obra deve ser, por parte do autor, um ato criativo, uma vez que ele pode levar em conta o ambiente em que esses personagens vivem e também o poder evocativo e conotativo que os nomes possuem (MARCATO, 2009, p. 25). Sobre essa escolha, Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 63) esclarecem que “o nome do personagem ganha concretização, se já não a possuía. É um recado do autor aos leitores, traça o caráter dos personagens, é parte da trama, vai transformado-se em signo linguístico pleno, com significante e significado, se não inteligido, pelo menos intuído”. Marcato (2009, p. 25) acrescenta ainda que a criatividade pode manifestar-se também no apelido dos personagens, o qual é, muitas vezes, um elemento com que o autor acrescenta detalhes às características desses.

Acerca da relação entre o autor de uma obra literária e a escolha, por parte dele, dos nomes que dará aos personagens, Machado (2003) afirma que

Quando um autor confere um Nome a um personagem, já tem uma ideia do papel que lhe destina. É claro que o nome pode vir a agir sobre o personagem e mesmo modificá-lo, mas, quando isso ocorre, tal fato só vem confirmar que a coerência interna do texto exige que o Nome signifique. É lícito supor que, em grande parte dos casos, o Nome do personagem é anterior à página escrita. Assim sendo, ele terá forçosamente que desempenhar um papel na produção dessa página, na gênese do texto (MACHADO, 2003, p. 28).

Sobre a importância da análise dos nomes próprios dos personagens das obras literárias, Barthes (1972, p. 58) explica que

o nome próprio dispõe das três propriedades atribuídas pelo narrador à reminiscência: o poder de essencialização (pois designa apenas um referente), o poder de citação (pois é possível evocar sempre que se queira toda essência contida no nome, bastando para tanto que ele seja proferido), o poder de exploração (pois é possível ‘desdobrar’ um nome próprio, tal como se faz com uma lembrança): de certa forma, o nome próprio constitui a forma linguística da reminiscência (BARTHES, 1972, p. 58).

Para Barthes (1972, p. 59), o nome próprio de um personagem é visto como um sinal que se presta a ser explorado e decifrado, é também um convite ao mergulho a fim de encontrar todos os devaneios nele contidos. Esse nome é como se fosse uma flor que deve ser aberta para que se possa sentir o seu perfume. Santos (2015, p. 12) esclarece que Barthes “nos convida a apreciar o nome próprio de uma maneira mais intensa, extraindo dele todos os elementos possíveis que, por vezes, passam despercebidos à superfície” do texto literário.

Um exemplo dessa apreciação pode ser vista em Santos (2015), ao analisar o nome do personagem narrador de *Dom Casmurro* - que se apresenta com três nomes diferentes à medida que envelhece e avança a narrativa. Para a autora, “cada um desses nomes representa as mudanças de comportamento vividas por Bento e, de certa forma, as diferentes caracterizações que o identificam em cada um desses momentos” (SANTOS, 2015, p. 13).

Finalmente, consoante preconizado por Dauzat (1950, p. 09) acerca da importância dos estudos dos nomes próprios para a compreensão de fenômenos linguísticos, a Onomástica Literária caminha no mesmo

sentido. De acordo com Marcato (2009, p. 25), ela assume um valor de documentação e/ou registro de aspectos linguísticos, uma vez que atesta formas, variantes, usos locais que, se não fossem as obras literárias, talvez não ficassem registradas.

3 O Romance de 30

O romance de 30 é o primeiro período da literatura brasileira cujos autores não provêm do centro econômico do país. Enquanto o Barroco desenvolveu-se na Bahia, impulsionado pela riqueza advinda da cana-de-açúcar; o Arcadismo, em Minas Gerais, pelas fortunas provenientes do ouro; o Romantismo e o Realismo, no Rio de Janeiro, em decorrência da instalação da família Real naquela cidade; e o Modernismo, em São Paulo, em virtude da intensa industrialização experimentada pela capital paulista, o Romance de 30 tem seus principais representantes nos extremos Sul e Nordeste do país. Por isso, além da também usual denominação de Segundo Tempo do Modernismo, recebeu a alcunha de romance regionalista, dado o deslocamento em relação ao eixo Rio-São Paulo, centro irradiador da nossa cultura por mais de cem anos.

Os autores mais representativos do período operaram uma revolução no modo como se pensava o Brasil. Desde o Romantismo, a literatura, de alguma maneira, primava pela criação de narrativas nacionais, isto é, textos que apresentavam um espírito nacionalista, em que o país era visto como uma unidade. No Romance de 30, o que se percebe é a região, não apenas no cenário, mas, sobretudo, na linguagem e no conjunto de ideias e valores implicados nas narrativas. O país passa a ser visto, portanto, como uma multiplicidade de vários Brasis.

Segundo Coutinho (1999, p. 275), trata-se de um momento de nossa literatura em que, no plano dos conteúdos, “O quadro predomina sobre o homem, seja o ambiente das zonas rurais, com os seus problemas geográficos e sociais (seca, cangaço, latifúndio, banditismo etc.); seja o urbano e suburbano, a vida de classe média e o proletariado, as lutas de classes”. No que diz respeito à forma, o mesmo autor afirma que o romance do período “Adota, de modo geral, a técnica realista de documental” (COUTINHO, 1999, p. 275).

Dacanal (1982, p. 13-15), por sua vez, identifica sete características fundamentais do romance de 30, três delas ligadas à forma das narrativas e, quatro, ao tratamento dado às temáticas. São elas: respeito

à verossimilhança, linearidade do enredo, linguagem filtrada pelo código culto urbano (apesar de os cenários serem agrários), conteúdo ligado às estruturas históricas (as quais são perfeitamente identificáveis por suas características econômicas e sociais), enredos envolvendo estruturas históricas agrárias, romancistas com perspectiva crítica, conteúdo impregnado do que o autor chama de otimismo em vista do fato de reconhecer que os escritores percebem o mundo de maneira racional e, portanto, ao acreditarem ser possível compreendê-lo, veem a possibilidade de transformá-lo.

Em relação à obra de Graciliano Ramos, Bosi (2006, p. 429) afirma, discordando de Coutinho, que “O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O ‘herói’ é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. [...] Daí parecer precária, se não falsa, a nota de regionalismo que se costuma dar a obras em tudo universais como *São Bernardo* e *Vidas Secas*.” Nesse sentido, a análise dos nomes dos personagens dos romances de Graciliano Ramos e sua relação com suas funções no enredo dos romances também procurará entender de maneira mais profunda a polêmica entre o regional e o universal na obra deste; que é um dos maiores escritores de nossa literatura.

3.1 O enredo dos romances *Vidas Secas* e *São Bernardo*

Vidas Secas foi publicado em 1938, mas alguns de seus capítulos haviam saído em periódicos anos antes, na forma de contos. É o caso, por exemplo, do inesquecível “Baleia”, cuja publicação despertou no autor o interesse em transformar a história daquela família de retirantes em um romance. Essa circunstância, talvez, explique o fato de o livro ser classificado como romance desmontável, isso porque parece ser possível, mantendo-se o primeiro e o último capítulo em seus respectivos lugares, reorganizar os demais quase livremente, sem prejuízo do sentido.

Os personagens de *Vidas Secas* são um pai de família, Fabiano, sua esposa, sinha Vitória,¹ seus dois filhos, o menino mais novo e o menino mais velho, a cachorra Baleia, o soldado amarelo, o patrão, e, ainda pode-se incluir seu Tomás da bolandeira, que, no entanto é apenas mencionado, sem que se dê a ele voz na narrativa, e alguns outros

¹ O nome é grafado originalmente na obra conforme transcrevemos neste artigo: sinha Vitória.

personagens secundários. Quanto à história, trata-se de uma narrativa cíclica que conta a fuga da referida família, que tenta escapar da seca, sua vida como empregados em um sítio que encontraram pelo caminho, e novamente sua fuga, tentando, desta vez, escapar não somente da Seca, mas também das dívidas contraídas com o patrão, que os explorava.

Entre os principais acontecimentos do enredo, há a prisão de Fabiano, injustiçado pelo soldado amarelo, a morte de Baleia, sacrificada por Fabiano por ter contraído uma doença, e a exploração a que o patrão os submete, com indicações de que os ludibriava nas contas, deixando a família endividada.

São Bernardo foi publicado quatro anos antes, em 1934. Diferentemente de *Vidas Secas*, o narrador é em primeira pessoa, consistindo do relato que o protagonista, Paulo Honório, faz de sua vida, marcada, sobretudo, por duas circunstâncias fundamentais: sua luta por ascender socialmente e seu casamento com Madalena. A história gira em torno dessas duas questões, as quais estão no cerne dos problemas existenciais do narrador: o desejo irrefreável de conquistar poder e riqueza; o sentimento de que tudo que conseguira era inútil sem uma mulher ao seu lado; a consequência de que a cobiça o transformara em um homem rude – e a culpa por sua personalidade ter contribuído para o suicídio da mulher que ele amava.

Em torno dessa narrativa em primeira pessoa, giram outros personagens, com destaque, ainda, para Luís Padilha, professor da escola da fazenda de Paulo Honório e uma espécie de confidente de Madalena; Dona Glória, tia de Madalena e seu único vínculo familiar; e a velha Margarida, mulher responsável pela criação de Paulo Honório, já que este fora abandonado por seus pais.

Pode-se dizer que *São Bernardo* e *Vidas Secas* funcionam como obras narradas em perspectivas antitéticas: do patrão e dos trabalhadores, respectivamente. Vê-se, contudo, em ambas, a técnica do contraponto. No romance *São Bernardo*, contrapõe-se à perspectiva de Paulo Honório a visão de Madalena, a qual manifesta simpatia pelo socialismo e, segundo Dacanal (1982, p. 22), é uma personagem profundamente ingênua, incapaz de entender a realidade histórica e, muito menos, os esquemas de dominação e de poder”, os quais são, ao contrário, habilmente manipulados por Paulo Honório. Já em *Vidas Secas*, o narrador assume a perspectiva da família de retirantes, ficando o contraponto na figura do patrão, o qual não recebe nome próprio justamente para enfatizar sua condição de classe.

De modo geral, portanto, as obras apresentam entre si enormes diferenças, do ponto de vista da forma e do conteúdo, mas guardam uma semelhança fundamental: a problemática do choque entre padrões e trabalhadores, entre opressores e oprimidos. Em relação a esta última circunstância, Paulo Honório sinaliza o quanto cada um desses papéis tem regras pré-estabelecidas, de modo que, para sair de sua situação de humilhado, precisa tornar-se um opressor.

4 Análise etimológica e simbólica dos nomes

Fabiano: Quanto à etimologia do nome, Guérios (1973), Obata (1986), Andrade (1994) e Oliver (2005) explicam que Fabiano deriva de Fábio, cuja origem remonta a *faba*, literalmente, fava. O nome surgiu a partir das atividades de cultivo dessa leguminosa. Segundo Oliver (2005, p. 159), “*Fabiano* é a forma relativa do nome, sign. de (pertencente a; da natureza de) Fábio.” O mesmo autor acrescenta que, simbolicamente, a fava representa “a alma aprisionada na matéria” e “simbolizava para os antigos a primeira oferenda dos mortos aos vivos – isto é, a reencarnação materializada no embrião” (OLIVER, 2005, p. 159). Essa interpretação pode ligar-se ao comportamento do personagem, uma vez que ele não consegue revelar o seu “eu” em função de sua dificuldade com a linguagem, tornando-se prisioneiro de sua ignorância. Por outro lado, enquanto nome comum, fabiano é um substantivo masculino que significa “sujeito qualquer, desconhecido; fulano”, utilizada como sinônimo de “joão-ninguém”. Essa significação aproxima-se das características do personagem, cuja situação coloca-o em uma condição tão inferiorizada aos demais a ponto de se considerar mais animal que humano. Fabiano é só mais um retirante atingido pela seca, cujo espaço poderia ser ocupado por qualquer outro e cujo trabalho poderia ser desempenhado por qualquer um. O próprio personagem, em capítulo homônimo, reflete, com as limitações de sua personalidade, acerca de sua condição, perguntando-se se é um homem ou um bicho (RAMOS, 2007, p. 18-19), e vê, nesse dilema, mais vantagens em ser bicho do que em ser humano, posto que os bichos são duros e bravos o bastante para resistir àquela vida.

Sinha Vitória: De acordo com Obata (1986, p. 193), o nome Vitória vem “do latim *Victorius*, ‘vitorioso’. A forma feminina é uma invocação à Virgem Maria, referindo-se à vitória sobre o pecado.” Nesse sentido,

essa qualificação pode relacionar-se ao papel de mãe desempenhado pela personagem. Além disso, a visão que Fabiano tem da esposa nos permite inferir que ele a considera superior em termos de raciocínio e linguagem, o que pode ser percebido no momento em que Fabiano precisa consultá-la antes de, novamente, abandonar tudo e seguir viagem. “Precisava consultar sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações [...]. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele.” (RAMOS, 2007, p. 116). Segundo Guérios (1973) e Andrade (1994), o nome Vitória refere-se à deusa romana das vitórias, o que, de certa maneira, opõe-se à vida da personagem, posto que, ao contrário de vencer, ela se obriga reiteradamente a fugir da seca.

Baleia: O nome da cachorra Baleia remete aos cetáceos, animais que têm três características fundamentais: são os maiores animais do mundo, vivem nos oceanos e alimentam-se abundantemente. Parece claro que a família escolheu esse nome para simbolizar tudo aquilo que lhes faltava e mais necessitavam: comida e água. Também é importante notar que ela, ao contrário dos próprios filhos do casal, tem um nome próprio, enquanto eles são denominados apenas por suas características mais elementares. O capítulo intitulado “Baleia” apresenta o drama de Fabiano, que se vê na obrigação de sacrificar o animal de estimação por este ter contraído uma doença, e opõe as maneiras rudes de Fabiano e sua dificuldade linguística com o delírio da cachorra antes de sua morte. Baleia sonha com um mundo cheio de preás, em que as crianças poderão brincar consigo na lama, e onde um Fabiano enorme lhe oferecerá as mãos para lamber (RAMOS, 2007, p. 91). Um sonho que contempla, portanto, elementos fundamentais e que a humanizam: a brincadeira, o afeto, a abundância de alimento.

Menino Mais Novo e Menino Mais Velho: A falta de nomes próprios dos filhos de Fabiano e sinha Vitória os despersonaliza. A forma de nomeá-los aproxima-se de um simples denominativo, criado a partir de um traço peculiar, no caso, a idade. De acordo com Marcato (2009, p. 89), o apelido carrega consigo certa transparência, o que possibilita a leitura imediata de seu significado, tal como acontece em relação aos dois personagens. Ao contrário de Baleia, os dois meninos não têm uma personalidade marcante e própria - e seu futuro está condicionado, pois farão aquilo que o avô fazia, e que o pai faz atualmente: lutar pela sobrevivência, tangendo o gado em meio à caatinga, sofrendo a

exploração de um patrão e as ofensas de um soldado amarelo. Conforme diz o narrador, reproduzindo o pensamento de Fabiano: “Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.” (RAMOS, 2007, p. 37).

Paulo Honório: Conforme Obata (1986, p. 158), o nome provém da forma latina “*Paulus*, ‘pequeno’, no sentido de ‘humildade’ e não como referência a característica física. Nome utilizado por Saulo de Tarso depois de sua conversão para o cristianismo.” Esse sentido corrobora o que o próprio personagem diz sobre si mesmo, caracterizando-se como um homem de “coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes” (RAMOS, 2007, p. 221). Já o segundo nome, de acordo com Oliver (2005, p. 193), Honório provém “do latim *Honoriu*, do substantivo *honor* (honra, reputação), mais o sufixo *io*, sign. ‘homem honrado; homem de reputação’.” Da mesma forma, Guérios (1973, p. 127) afirma que o nome significa aquele “que tem honra, respeito, estima, glória”. Este segundo nome revela tudo o que o personagem conquistou ao longo da vida, alcançando reputação e até admiração, uma vez que obteve sucesso graças ao seu próprio esforço: sai do nada e alcança o topo da hierarquia sócio-agrícola. No entanto, a presença do sentido do nome Paulo o mantém preso àquilo que ele realmente é do ponto de vista psicoemocional: um homem que, apesar da riqueza e das conquistas, permanece pequeno.

Madalena: Guérios (1973), Andrade (1994) e Oliver (2005) apresentam a origem toponímica do nome, como pessoa proveniente de Magdala, cidade junto ao mar da Galileia. Magdala, por sua vez, vem do hebraico e significa “cidade das torres”. Guérios (1973, p. 149) acrescenta que o nome significa, em hebraico, “a dos cabelos penteados” e que tornou-se comum por causa de “Maria Madalena, a pecadora convertida”. Obata (1986, p. 132) afirma que o nome “foi usado como qualificativo de Maria, a famosa pecadora arrependida, influenciando o significado, hoje, de ‘mulher arrependida’ ou ‘mulher chorosa’”. Essa última interpretação aproxima-se com o que ocorre com a personagem: ela se casa com Paulo Honório e, após conhecê-lo de verdade, arrepende-se a ponto de suicidar-se. Antes, contudo, Madalena passou por um longo processo depressivo, que a aproxima da ideia de “mulher chorosa”.

Margarida: Guérios (1973), Obata (1986) e Andrade (1994) apresentam a origem do nome a partir da forma grega que chegou ao latim como *Margarita*, com o significado de pérola. Segundo eles, o nome também está ligado a uma flor ou a um molusco que possui concha de madrepérola. Oliver (2005, p. 449) vai além, e afirma que é um “nome que os gregos tomaram emprestado ao persa *murvarid, murwari*, e que originalmente significa ‘criatura de luz’.” No romance, Margarida é a mulher que cria Paulo Honório, em vista do fato de ele não ter conhecido os pais. Após enriquecer, Paulo Honório manda buscá-la e constrói uma casa para ela em sua propriedade, a fim de compensá-la pelo que ela lhe dera na infância: “Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. Tem um século, e qualquer dia destes compro-lhe mortalha e mando enterrá-la perto do altar-mor da capela” (RAMOS, 2007, p. 16). A ideia de “criatura de luz” presente no nome associa-se ao momento em que Margarida assume a criação de Paulo Honório, e se opõe à figura do cego, outro personagem a quem Paulo Honório acompanhava quando criança. A longevidade da personagem, de certa forma, liga-se ao simbolismo da pérola, uma joia orgânica de alta durabilidade.

Dona Glória: Conforme Obata (1986, p. 94), o nome vem do latim e quer dizer fama e reputação. Além disso, “é um nome cristão, alusivo à Páscoa da Ressurreição ou Domingo de Glória; uma invocação a Nossa Senhora da Glória”. Oliver (2005, p. 409) destaca que o nome é de origem religiosa e é “emprestado a uma das invocações de Nossa Senhora, geralmente dado às meninas nascidas a 15 de agosto, quando a Virgem é cultuada”. O nome da personagem não se aproxima de nenhuma das três possibilidades de interpretação elencadas acima: a tia de Madalena não goza de fama nem de reputação e tampouco há referência à sua religiosidade e data de nascimento. Portanto, nesse caso, o nome torna-se mera etiqueta.

Luís Padilha: De acordo com Oliver (2005, p. 229), o nome Luís provém “do germânico *Hlodoviko, Ludwig*, de *hlot, hlut* (famoso, ilustre, célebre) e *wig* (batalha), sign. ‘famoso na batalha; guerreiro famoso (ilustre, célebre)’”. Padilha, por sua vez, segundo Guérios (1973, p. 173), é um sobrenome de origem geográfica espanhola, vindo de Padilla – Castela, a velha. Conforme o autor, o sobrenome já era usado no século XVI em Portugal. Como se vê, tanto o nome quanto o sobrenome do personagem

parecem não ter relação com suas características, sendo, portanto, apenas uma etiqueta identificadora, já que Luís Padilha não apresenta nenhuma característica que o ligue à ideia de “homem guerreiro”, muito pelo contrário, ele experimenta uma série de derrotas, vindo a perder, inclusive, sua única propriedade, que herdara dos pais.

5 Considerações finais

O objetivo desse artigo foi atingido, uma vez que se analisaram os nomes dos personagens principais dos romances *Vidas Secas* e *São Bernardo*, e se estabeleceram relações entre a etimologia desses nomes e as atuações dos personagens nas tramas. De posse das características dos personagens e do significado de seus nomes em dicionários específicos, o estudo chegou a algumas conclusões, detalhadas a seguir.

Em primeiro lugar, a maioria dos nomes dos personagens não é usada como meras etiquetas identificadoras, tendo relações com suas características físicas ou comportamentais. Como já evidenciado em estudos sobre outros clássicos da literatura, conforme citado na introdução a respeito de Guimarães Rosa, Machado de Assis e José de Alencar, a constituição dos nomes dos personagens, nas obras de Graciliano Ramos, revela ter sido objeto de reflexão por parte do autor na elaboração dos personagens e sua relação com o enredo. Assim, percebe-se que essa preocupação parece ser uma constante nas obras de alguns dos principais autores da literatura brasileira.

Em segundo lugar, constatou-se a preocupação de Graciliano Ramos com a precisão lexical e, mais especificamente, com o nome próprio, como revelado por Machado (2003, p. 72) ao afirmar que “no caso do romancista alagoano, sua permanente lucidez e seu esforço de consciência o levam a lançar luz sobre o próprio processo” de escolha dos nomes de seus personagens e as implicações dessa escolha. Confirma-se essa ideia no romance *Angústia*, em que o autor, no prefácio da obra, reflete sobre esse processo: “Em duas horas, escrevo uma palavra: Marina. Depois, aproveitando as letras deste nome, arranjo coisas absurdas: ar, mar, rima, arma, ira, amar. Uns vinte nomes” (RAMOS, 1952, p. 06).

Por fim, as reflexões desenvolvidas nesse artigo revelam a possibilidade de fazer pesquisa numa área ainda pouco explorada nos estudos onomásticos brasileiros, que é a análise dos nomes próprios dos personagens de obras literárias. O presente estudo abre portas

para pesquisas futuras, já que a análise dos nomes dos personagens pode ser estendida para obras de outros autores clássicos da literatura brasileira. Abre-se a possibilidade de estudar se a constante verificada até o momento, isto é, a relação que existe entre o significado simbólico e etimológico do nome próprio e o personagem nomeado, mantém-se, incluindo autores da literatura brasileira contemporânea. Além disso, o leque de possibilidades pode ser ampliado incluindo-se, entre os objetos de estudo, outras obras ficcionais, tais como peças de teatro, obras cinematográficas, seriados e telenovelas.

Referências

- ANDRADE, Janete de. *O étimo dos nomes próprios*. São Paulo: Thirê, 1994.
- BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil: relações e perspectivas*. Conclusão. 5. ed. São Paulo: Global, 1999. v. VI.
- DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms*. 4. ed. Paris: Delagrave, 1950.
- ECKERT, Kleber; RÖHRIG, Maiquel. Antroponímia ficcional: o caso de Ubirajara, de José de Alencar. *Revista GTLex*. v. 2 n. 1, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/37831>>. Acesso em: 23 out. 2017.
- FROSI, Vitalina Maria. *Provérbios italianos: pérolas na educação informal dos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 2015.
- GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MARCATO, Carla. *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino, 2009.

MEXIAS-SIMON, Maria Lucia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: HP, 2004.

OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 102. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 64. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. *Nomes não mentem (quase nunca): "Noite de Almirante", de Machado de Assis, à luz da onomástica*. 2006. p. 1-10. Disponível em: <http://www.idelberavelar.com/abralic/txt_10.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

SANTOS, Bárbara da Silva. *Dom Casmurro à luz da onomástica: tramas e tramoias do romance machadiano*. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: Edufu, 2006. p. 1952-1960. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Métodos de pesquisa em antroponomástica. *Domínios de Linguagem*, v. 10, n. 3, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/32482>>. Acesso em: 3 out. 2016.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.



Literary Onomastics in Graciliano Ramos: The Names of Characters in *Vidas Secas* and *São Bernardo*

Onomástica Literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São Bernardo

Kleber Eckert

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS),
Campus Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul / Brasil
klebereckert@hotmail.com

Maiquel Röhrig

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS),
Campus Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul / Brasil
leuqiam@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como tema um estudo interdisciplinar entre a Onomástica – ciência que estuda os nomes próprios – e a Literatura Brasileira, mais especificamente a prosa de Graciliano Ramos, escrita durante a segunda fase do Modernismo brasileiro. O objetivo central é a análise etimológica e simbólica dos nomes dos principais personagens dos romances *Vidas Secas* e *São Bernardo*, a fim de verificar se existe uma relação entre o significado do nome e o comportamento ou as características físicas desses personagens. Para tanto, discutem-se conceitos básicos de Antroponímia, que é o ramo da Onomástica responsável pelo estudo dos nomes próprios de pessoas, bem como questões relativas à Onomástica Literária, que é o campo dedicado à análise dos nomes dos personagens de obras literárias. Apresentam-se as características da segunda fase do Modernismo, mais conhecida como *Romance de 30*, e apresenta-se uma síntese do enredo de cada um dos romances. A análise etimológica dos nomes dos personagens, realizada a partir de dicionários de nomes e sobrenomes, possibilitou que se chegasse à conclusão de que existe, na maioria dos casos, uma estreita relação entre o significado dos nomes e as características dos personagens, o que leva a crer que a escolha dos nomes por parte do autor não foi fortuita e, sim, etimológica e simbolicamente motivada.

Palavras-chave: nomes; Onomástica Literária; *Vidas Secas*; *São Bernardo*; Graciliano Ramos.

Abstract: This paper's main theme focuses on an interdisciplinary study connecting Onomastics (science that studies proper names) and Brazilian Literature, more specifically Graciliano Ramos' prose, written during the second phase of Brazilian Modernism. The aim is to conduct an etymological and symbolic analysis of the names of the main characters of the novels *Vidas Secas* and *São Bernardo* in order to verify if there is any relationship between the meaning of a proper name and the behavior or physical features of the corresponding characters. For this purpose, basic concepts of anthroponomy, the branch of Onomastics responsible for the study of people's proper names, are discussed, together with issues related to Literary Onomastics, the field dedicated to the analysis of characters' names in literary works. The characteristics of the second phase of Modernism, better known as *Romance de 30*, as well as a synthesis of the plot of each of the novels, are presented. The etymological analysis of characters' names, stemming from dictionaries of names and surnames, made it possible to conclude that there is, in most cases, a close relationship between the meaning of the names and the characteristics of the characters. This leads us to believe that the author's choice of names was not fortuitous, but indeed, etymologically and symbolically motivated.

Keywords: names; Literary Onomastics; *Vidas Secas*; *São Bernardo*; Graciliano Ramos.

Received on November 28, 2017

Accepted on February 20, 2018

1 Initial Considerations

This paper's theme focuses on Literary Onomastics, based on the novels *Vidas Secas* and *São Bernardo*, written by Graciliano Ramos. The aim of this study consists of an etymological and symbolic analysis of the names of the main characters of this author from Alagoas, Brazil, in order to verify if the names have any relationship with their behavior or physical features. To accomplish this, we begin by discussing the concepts of Onomastics, the science of proper names, and though this, Anthroponomy, which deals with people's proper names.

Next, a brief history about Literary Onomastics is presented, highlighting its interdisciplinarity, based on contributions from Barthes

(1972), Machado (2003), Mexias-Simon and Oliveira (2004), Marcato (2009), Santos (2015), and Seide (2016). After the reflections on the field of Onomastics, the main features of the *Romance de 30* are described and a brief summary of the plot of each novel is presented.

This study's methodology is based on a careful reading of the works, highlighting the names of the main characters and illustrating their main characteristics. In addition, this study conducted an etymological and symbolic analysis of the characters' names in order to verify if there was any relationship between the meaning of the proper name and the features of the characters based on dictionaries of names and specialized works, such as those from Guérios (1973), Andrade (1994), Obata (1986), and Oliver (2005). This study, therefore, follows a qualitative approach, which has been a tendency in Literary Onomastics studies, according to a survey conducted by Seide (2016).

Literary Onomastics is a field that has received little attention in Brazilian research, be it due to the bias of Lexicology, be it due to the few literary studies on the issue. In this light, the present study finds its justification, as, to the best of our knowledge, no other publication has focused on the names of the characters in the works of Graciliano Ramos. Some classics of Brazilian literature, however, have already been the object of study in the analysis of proper names, as exemplified below.

In 2003, Ana Maria Machado published the book, *Recado ao nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*, in which the author exhaustively examined the semantic, phonetic, and etymological components of the proper names created by Guimarães Rosa. For Machado (2003, p. 23), what is of interest is

to study the author's practice, examine the relationship between the onomastic system and the structuring of the narrative in his work. [...] What we propose is only a reading of Guimarães Rosa in light of the names of his characters. A reading that is not only possible, but also essential.

Salgueiro (2006) published an article about the short story, "Noite de Almirante" (In English: "Night of the Admiral"), de Machado de Assis, in which he analyzes the relationships between the names of the characters and the history of Greek mythology that treats the characters, Odysseus, and his wife, Penelope, whose name yielded the variation of Genoveva, who is the protagonist in the short story mentioned above.

Salgueiro (2006, p. 7) concludes his text affirming that there is a playful nature in the relationship of Machado de Assis with the way in which he names his characters, affirming that “Machado played with earrings, with verbs, with the title, with the names.”

The novel *Dom Casmurro* is analyzed in light of Onomastics by Santos (2015, p. 11), whose objective is to try “to comprehend how Bento Santiago’s narrative in the first person is constructed and gains relevance through the names chosen by Machado de Assis for each one of his characters.” Another study focuses on the work *Ubirajara*, by José de Alencar, whose names are analyzed by Eckert and Röhrig (2016) through its etymology and symbolic implications. For researchers, the novel in question can be classified as

a meta-anthroponymic text, because, in addition to the characters presenting names given according to indigenous traditions, the author names these characters based on the etymology of words from Tupi and even adds reflections concerning this naming process. (ECKERT; RÖHRIG, 2016, p. 187)

This relationship between etymology and Onomastics is reinforced by Viaro (2014) when he explains that some people’s proper names begin to be used as common names, while some common names begin to be used as proper names. The author explains that this movement between the two types of names has always occurred and stresses: “The aunt of Afonso I, the first king of Portugal, was called *Urraca*, a name that stems from the denomination of a bird, that is, “a pega”, which, in Basque, is spoken as *urraka* [...]. Inversely, “a pega” is also denominated in other languages by other women’s names (VIARO, 2014, p. 297), which he exemplifies with the Spanish *marica* and the French *margot*.

2 A Onomastics: the study of proper names

According to Correia and Almeida (2012, p. 11), the lexicon of a language is commonly defined by tradition or in a generic form, “such as the set of all words that they take part in.” The lexicon is responsible, as Seabra (2006, p. 1953) stresses, “to name and express the universe of a society.” Lexicology is the science that studies the lexical heritage of a language, one part of which is Onomastics, whose object of study is the origin, the formation, and the meanings of proper names, be they of

people or places. Hence, we arrive at two of the main areas of Onomastics (the study of proper names): Anthroponymy and Toponymy.

As mentioned above, Onomastics primarily contains two broad fields of investigation: Anthroponymy and Toponymy. The first, also known as Anthroponomastics, is that which includes people's proper names, that is, anthroponyms. The second, also called Toponomastics, is that which refers to the study of the names of places, that is, toponyms. For Dauzat (1950, p. 4), these two areas, though diverse, are close in some aspects:

Names of places and names of people have always had, and still have, a relationship of interdependence between them, more or less indicated according to the time period. City or village, commonly called by the name of its founder or of the owner of the domain around which an agglomeration later formed. By contrast, individuals, or the family, are commonly denominated according to their location, their town, their homeland, according to their property or according to such a particular residence.

The considerations made above can be illustrated with the toponyms *Camargo*, *Novo Cabrais*, and *Vila Maria*. This deals with the three names of the towns of Rio Grande do Sul, which appeared due to the name or surname of the first inhabitants of the regions. Likewise, there is a abundance of surnames derived from the names of places, such as those that follow: *Bergamaschi*, from the Italian region of Bergamo, in Lombardia; *Schweizer*, resulting from Switzerland; and *Braga*, a city in the North of Portugal.

The proximity between the Anthroponym and the Toponym is also addressed by Seabra (2006, p. 1954), although she presents it from a slightly different viewpoint. For this researcher:

although they were constructed in semantic fields of varying dimensions of Onomastics – people and place – they have a relationship of inclusion in common, since one can find in the onoma, in an intersectional area: the vocabulary term when it ceases to have a full use in the language, moving on to the onomastic use, takes on the denominative character – in a deity or anaphoric use – and becomes referenced as a toponym or anthroponym.

As regards the characteristics of the onomastic sign, the object of Onomastics, Marcato (2009, p. 18) presents and highlights the concepts of the opacity and transparency of this sign. One transparent onomastic

sign can be verified when it is possible to relate, for example, the name to an element of the vocabulary of a language. When this possibility is impossible, it is because the onomastic sign appeared in a remote time period, when another language was spoken in the territory in which this sign occurred. In this situation, it is possible to say that the sign is opaque.

In the same vein, Guérios (1973, p. 16) also discusses the opacity and transparency of the onomastic sign, citing the anthroponym *Licurgo* as an example of an opaque sign, which today no longer refers to the primitive wolf hunter. By contrast, the toponym, *Bahia*, is an example of a transparent sign. Finally, Frosi (2015) points out that, many times, the transparency of the onomastic sign is apparent when it is created, but, over time, it becomes opaque. Thus, the name is quickly emptied of its primitive meaning. It becomes so sterilized that it becomes nothing more than an individual's label and is no longer understood in the etymological sense (DAUZAT, 1950, p. 10).

It is from this point of view that we find the analysis of the names of the characters from the present article, given that the core aim is to evaluate to what extent the etymological meaning of the characters' names is related to their behavior and/or physical features. Wethus speaks of a type of study that Marcato (2009, p. 26) calls 'Literary Onomastics' and that Seide (2016, p. 1154) calls 'Fictional Onomastics', which can even create onomastic trends, when literary names become famous and begin to be used as the names of a large quantity of newborn children.

This part of Onomastics is interested in analyzing the names of the characters of literary works, in addition to a part that is dedicated to the audiovisual works, such as cinema and television (MARCATO, 2009; SEIDE, 2016). In the present article, Literary Onomastics is understood as a division of Fictional Onomastics, since this field is broader than that of Literary Onomastics, as well as due to the fact that one of the characteristics of the literary text is its fictionality. In this sense, it is important to reiterate the main goal of this text, which is to analyze the names of characters of literary works and the meaning of these names in the formulation of the features of these characters.

The historical path of this discipline is presented by Marcato (2009), according to which the Literary Onomastics began to be developed in the beginning of the 1980's in Italy, with studies that took on the names of people and places from old and modern literary works, as, for example, in the studies of the works of Dante, Pirandello,

Manzoni, Boccaccio, and Petrarca. The author also adds that the Literary Onomastics acquired autonomy – freeing itself from literary or literary criticism – and expanding into research analyzing the different roles that the name plays in a work or in an onomastic corpus of a given author.

Through the analysis of a set of ten recent articles that use the theme of Fictional Onomastics, Seide (2016, p. 1156) presents the interdisciplinary character of the approach to the names, depending on the focus that the researcher wishes to give to his/her studies. For the author, some studies are more geared toward literature, in which “the study of the anthroponyms acts as an auxiliary discipline for the resolution of problems concerning literary studies.” On the other hand, there are also studies that are connected to the literary environment with audiovisual techniques, creating a dialog between the literary and semiotic studies. In a similar perspective, Santos (2015), affirms that Literary Onomastics was developed as a line of research about proper names that turns to different areas of knowledge and that, in the literature, broadens the semantic horizons of the text.

Choosing the characters’ names in a work should be a creative act by the author, since it can take into account the environment in which these characters live as well as the evocative and connotative power that these name have (MARCATO, 2009). Regarding this choice, Mexias-Simon and Oliveira (2004, p. 63) clarify that

the name of the character takes on a concrete form, if it did not already have it. It is a message from the author to the readers, it traces the character of the characters, it is part of the plot, it begins to transform into a fully linguistic sign, with a significant and a signifier, if not understood, at least sensed. (MARCATO, 2009, p. 25)

The author also adds that the creativity can also appear in the nicknames of the characters, which is often an element with which the author adds details to their features.

As regards the relationship between the author of a literary work and the author’s choice of the names that he/she will give to the characters, Machado (2003, p. 28) affirms that:

When the author gives a Name to a character, he/she already has an idea of the role that the character will play. Of course, the name can begin to act upon the character and even change him/her, but

when this happens, such a fact merely confirms that the internal coherence of the text demands that the Name mean something. It is valid to presume that, in the majority of cases, the Name of the character comes before the written page. As such, it will be forced to play its role in the production of this page, in the genesis of the text.

Regarding the importance of the analysis of proper names of the characters of literary works, Barthes (1972, p. 58) explains that:

The proper name contains the three properties attributed by the narrator to reminiscence: the power of essentialization (as it designates only one referent), the power of citation (as it is always possible, when so desired, to evoke all of the essence contained in the name, by merely uttering it), the power of exploration (as it is possible “to unfold” a proper name, as is done with a memory): to a certain extent, the proper name constitutes the linguistic form of reminiscence.

For Barthes (1972), the proper name of a character is seen as a sign that lends itself to be explored and deciphered, it is also an invitation to dive in in order to discover all of the reverie contained within it. This name is if it were a flower that should be opened so that one can smell its perfume. Santos (2015, p. 12) clarifies that Barthes “invites us to appreciate the proper name intensely, extracting from it all of the possible elements that often go unseen on the surface” of the literary text.

One example of this appreciation can be seen in Santos (2015), upon analyzing the name of the character narrator of *Dom Casmurro* – which appears with three different names as the narrative matures and moves forward. For the author, “each one of these names represents the changes in behavior lived by Bento and, to a certain extent, the different characterizations that identify him in each of these moments” (SANTOS, 2015, p. 13).

Finally, in line with that reported by Dauzat (1950) regarding the importance of these studies of proper names for the comprehension of linguistic phenomena, Literary Onomastics moves in this same direction. According to Marcato (2009), it assumes a value of documentation and/or registration of linguistic aspects, since it attests to forms, variants, local uses that, if it had not been for the literary work, it possibly would not have been registered.

3 *Romance de 30*

Romance de 30 is the first period of Brazilian literature whose authors do not come from the economic center of the country. While the Baroque was developed in Bahia, driven by the riches coming from sugar cane farming; Arcadianism was written in Minas Gerais, due to the fortunes resulting from gold; Romanticism and Realism, in Rio de Janeiro, resulting from the arrival of the Royal family in that city; and Modernism, in São Paulo, due to the intense industrialization happening in the capital city of São Paulo, the literary movement of *Romance de 30* finds its main representatives in the extreme South and Northeast of the country. For this reason, in addition to the common denomination of the Second Phase of Modernism, it also received the nickname of “regionalist novel”, given the displacement of the movement in relation to the Rio-São Paulo axis, the radiating center of our culture for more than 100 years.

The most representative authors of this period produced a revolution in the way people thought in Brazil. Since Romanticism, the literature, in some way, focused on the creation of national narratives, that is, texts that presented a nationalist spirit, in which the country was seen as a whole. In the literary movement of *Romance de 30*, what is seen is the region, not only in the scenery, but predominantly in the language and in the set of ideas and values implied within these narratives. The country begins to be seen, therefore, with a multiplicity of various Brazils.

According to Coutinho (1999, p. 275), the movement treats a moment in our literature, in the realm of contents, “the scenario dominates over man, be it the environment of the rural zones, with their geographic and social problems (drought, *cangaço* (in English: ‘social banditry’), the latifundium, banditry, etc.), be it the urban or suburban, the life of the middle class and the proletariat, the class fight.” As regards the form, the same authors (2004, p. 275) affirm that the novel of this time period “adopts, in general, the realist and documental technique.”

Dacanal (1982, p. 13-15), by contrast, identifies seven fundamental characteristics of the *Romance de 30*, three linked to the form of the narratives and four to the treatment given to the themes. These themes include: respect for verisimilitude, linearity of the plot, language filtered by the urban cult code (although the scenarios are agrarian), content linked to historical structures (which are perfectly identifiable through their economic and social characteristics), plots involving

agrarian historical structures, novelists with a critical outlook, a content that pervades the novel with what the author calls optimism when one recognizes that the writers perceive the world in a rational manner and, therefore, by believing that it is possible to understand it, they see the possibility of transforming it.

As regards the work of Graciliano Ramos, Bosi (2006, p. 429) affirms, in discordance with Coutinho, that

The realism of Graciliano is neither organic nor spontaneous. It is critical. The ‘hero’ is always a problem: he does not accept the world, not the others, not even himself. [...] Thus, it seems precarious, if not false, this air of regionalism that most tend to give to the works as completely universal, as can be seen in *São Bernardo* and *Vidas Secas*.

In this sense, the analysis of the characters’ names from the novels of Graciliano Ramos, and their role in the plots of the novels, will also attempt to achieve a more in-depth understanding of the controversy between the regional and the universal in the works of Graciliano Ramos, one of the most renowned authors in Brazilian literature.

3.1 The plots of the novels *Vidas Secas* and *São Bernardo*

Vidas Secas was published in 1938, but some of its chapters had come out in periodicals years before, in the form of short stories. This is the case with the unforgettable “Baleia”, whose publication awakened in the author the interest in transforming the story of that migrant family into a novel. This circumstance may well explain the fact that the book was classified as a novel that could be dismantled, this because it seems possible, keeping the first and last chapters in their respective places, to reorganize the other chapters freely, without spoiling the overall sense.

The characters of *Vidas Secas* include a father of the family, Fabiano, his wife, Ms. Vitória,¹ their two children (the younger child and the older child), the dog Baleia, the yellow soldier, the boss, and, one can even include Mr. Tomás da bolandeira (In English: *Mr. Thomas of the Sugarcane Grinder*), who, however, is only mentioned in the text, with no narrative given to him, as well as some other secondary characters.

¹ The name is originally written in the novel as we wrote in the Portuguese version of this article: Sinha Vitória.

Regarding the study, this novel deals with a cyclical narrative that tells of the flight of the aforementioned migrant family, which is trying to flee the drought, their life as workers on a small farm that they encountered along the way, and once again their flight, trying, this time, to escape not only the drought, but also the debts contracted with the boss, who exploited them.

Within the main events of the plot, there is the imprisonment of Fabiano, who was wronged by the yellow soldier; the death of Baleia, sacrificed by Fabiano because it had contracted a disease; and the exploitation to which the boss submits them, with indications that he had cheated them in their accounts, putting the family in debt.

São Bernardo was published four years before, in 1934. Different from *Vidas Secas*, the narrative is in the first person, consisting of the life story of the protagonist, Paulo Honório, marked, above all, by two crucial circumstances: his fight for social ascension and his marriage to Madalena. The study revolves around these two questions, which is at the heart of the narrator's own existential problems: the irrepressible desire to become rich and powerful, the feeling that everything he had accomplished was useless without a woman by his side; the consequence that greed would transform him into a rude man; and the guilt felt because his personality had contributed to the suicide of the woman he loved.

Around this first-person narrative revolve other characters, especially Luís Padilha, teacher at the school on Paulo Honório's farm and a sort of confidant to Madalena; Dona Glória, Madalena's aunt and her only family tie; and Margarida, an old woman responsible for Paulo Honório's upbringing, since he had been abandoned by his parents.

One can claim that *São Bernardo* and *Vidas Secas* are works narrated in antithetic perspectives: of the boss and of the employees, respectively. One can see, however, in both, the technique of point and counterpoint. In the novel, *São Bernardo*, Madalena's point of view, which expresses an empathy toward Socialism, runs in direct contrast to Paulo Honório's perspective. According to Dacanal (1982, p. 22), "she is a profoundly naive character, incapable of understanding the historical reality, much less the schemes of domination and power", which, to the contrary, are skillfully manipulated by Paulo Honório. By contrast, in *Vidas Secas*, the narrator assumes the perspective of the migrant family, as compared to the figure of the boss, who does not receive a proper name, precisely to emphasize his class condition.

In general, therefore, these works present differences between them, from the point of view of form and content, but they maintain a fundamental similarity: the issue of the shock between bosses and workers, between the oppressors and the oppressed. As regards the last scenario, Paulo Honório shows how each of these roles has pre-established rules, in such a way that, to get out of their humiliating situation, he needs to become an oppressor.

4 Etymological and symbolic analysis of the names

Fabiano: Regarding the etymology of the name, Guérios (1973), Obata (1986), Andrade (1994), and Oliver (2005) explain that Fabiano derives from Fábio, whose origin dates back to *faba*, literally, ‘bean’. The name arose through the farming activities of this legume. According to Oliver (2005, p. 159), “*Fabiano* is the relative form of the name, sig. (belonging to; of the nature of) Fábio.” The same author adds that, symbolically, the bean represents “the soul trapped in the matter” and “for the older generations, symbolized the first offering of the dead to the living – that is, the materialized reincarnation of the embryo” (OLIVER, 2005, p. 159). This interpretation can be connected to the behavior of the character, since he is unable to reveal his “self” due to his difficulty with the language, making him a prisoner of his own ignorance. On the other hand, as a common name, Fabiano is the male noun that means “any, unknown subject; guy”, used as a synonym for “John Doe”. This meaning is similar to the character’s features, whose situation places him in such an inferior condition to the others to the point of being considered more animal than human. Fabiano is just another migrant affected by the drought, whose space could be occupied by anyone else and whose work could be performed by anyone. The character himself, in a self-titled chapter, within the limitations of his personality, reflects upon his condition, asking himself if he is a man or an animal (RAMOS, 2007, p. 18-19), and he sees, in this dilemma, more advantages as an animal than as a man, given that the animals are tough and brave enough to resist that type of life.

Sinha Vitória: According to Obata (1986, p. 193), the name Vitória comes “from the Latin *Victorius*, ‘victorious’. The feminine form is an invocation to the Virgin Mary, referring to the victory over sin.” In this sense, this qualification can be related to the motherly role performed by

the character. In addition, the view that Fabiano has of his wife allows us to infer that he considers her superior in terms of reasoning and language, which can be perceived when Fabiano needs to consult her before once again abandoning everything and moving on. “I needed to consult *sinha Vitória* to arrange the trip, free us of the troubles [...] It is necessary to abandon those cursed places. *Sinha Vitória* would think like him” (RAMOS, 2007, p. 116). According to Guérios (1973) and Andrade (1994), the name *Vitória* refers to the Roman God of victory, which, to a certain extent, is the opposite of the character’s life, given that, rather than winning, it repeatedly forces her to flee the drought.

Baleia: The name of the dog, *Baleia*, refers to cetaceans, animals that have three essential features: they are the largest animals of the world, they live in the oceans, and they feed themselves abundantly. It seems clear that the family chose this name to symbolize all that they lacked and most needed: food and water. It is also important to note that it, to contrary of the couple’s children, has its own name, while the children are named only by their basic features. The chapter entitled “*Baleia*” presents the drama of Fabiano, who finds himself in the obligation of sacrificing the pet because it had contracted a disease, and contrasts Fabiano’s rude manners and his linguistic difficulty with the delirium of the dog before it dies. *Baleia* dreams about a world full of guinea pigs, where the children can play with him in the mud and where a gigantic Fabiano will offer his hand to be licked (RAMOS, 2007, p. 91). A dream that contemplates, therefore, essential elements and that humanizes: the play, the affection, the abundance of food.

Younger Boy and Older Boy: The lack of proper names for Fabiano and *sinha Vitória*’s children depersonalizes them. The manner of naming them is almost a simple denominational structure, created from a particular trait, in this case, age. According to Marcato (2009), the nickname brings with it a certain transparency, which allows for the immediate comprehension of its meaning, as occurs with regards to these two characters. In contrast to *Baleia*, the two boys do not have a striking personality of their own – and their future is conditioned, as they will do what their grandfather had done, and what the father currently does: fight for survival, herding the cattle in the middle of the Brazilian *Caatinga*, suffering the exploitation of a boss and the offenses of a yellow soldier. As the narrator says, reproducing Fabiano’s thoughts: “The boys were

rough, like their father. When they grow up, they would take care of the head of cattle of an invisible boss, they would be stepped on, mistreated, battered by a yellow soldier” (RAMOS, 2007, p. 37).

Paulo Honório: According to Obata (1986, p. 158), the name comes from the Latin “*Paulus*, ‘small’, in the sense of ‘humility’, not as a reference to the physical feature. It is a name used by Saulo de Tarso after his conversion to Christianity.” This sense corroborates with what the character says about himself, characterizing himself as a man of “boyish heart, gaps in my brain, nerves that are different from those of other men. And with an enormous nose, an enormous mouth, and enormous fingers” (RAMOS, 2007, p. 221). By contrast, the second name, according to Oliver (2005, p. 193), Honório, comes “from the Latin *Honoriu*, from the noun *honor* (honor, reputation), plus the suffix, *io*, sig. ‘honorable man; reputable man’.” Likewise, Guérios (1973, p. 127) affirms that the name means he who “has honor, respect, esteem, glory.” This second name reveals everything that the character accomplished throughout his life, achieving reputation and even admiration, since he was successful due to his own efforts: he comes from nothing and reaches the top of the socio-agricultural hierarchy. However, the presence of the sense of the name, Paulo, keeps him prisoner to the psychosocial point of view: a man that, despite the wealth and achievements, is still small.

Madalena: Guérios (1973), Andrade (1994), and Oliver (2005) present the toponymic origin of the name, as a person from Magdala, city on the coast of Galileia. Magdala, itself, comes from the Hebrew and means “city of towers”. Guérios (1973, p. 149) adds that the name, in Hebrew, means “person with combed hair” and that became common because of “Maria Madalena, the converted sinner”. Obata (1986, p. 2) affirms that the name “was used as a qualifier of Maria, the famous repentant sinner, influencing the meaning, today, of the ‘repentant woman’ or ‘weeping woman’”. This final interpretation is similar to what happens to the character: she marries Paulo Honório and, after truly getting to know him, repents to such an extent that she commits suicide. Before, however, Madalena went through a long process of depression, which brings her closer to the idea of the “weeping woman”.

Margarida: Guérios (1973), Obata (1986), and Andrade (1994) present the origin of the name as coming from the Greek form that arrived in

Latin as *Margarita*, with the meaning of pearl. According to them, the name is also linked to a flower or to a mollusk that has a mother-of-pearl shell. Oliver (2005, p. 449) goes further and affirms that it is a “name that the Greek borrowed from the Persian *murvarid*, *murwari*, and that originally meant ‘creature of light’.” In the novel, Margarida is the woman that brings up Paulo Honório, since he had never met his real parents. After becoming rich, Paulo Honório sends for her and builds a house for her on his property in order to compensate her for what she had given him in his childhood: “It costs me 10,000 reis per week, an amount that is enough to compensate the bit that you gave me. It’s been a century, and one day I will buy you a shroud, and I will have them bury it near the High-Altar of the Chapel” (RAMOS, 2007, p. 16). The idea of the “creature of light” present in the name is associated with the moment in which Margarida assumes the upbringing of Paulo Honório, and opposes herself to the figure of the blind man, another character who Paulo Honório followed as a child. The longevity of the character, to a certain extent, is linked to the symbolism of the pearl, an organic jewel of great durability.

Dona Glória: According to Obata (1986, p. 94), the name comes from Latin and means fame and reputation. In addition, “it is a Christian name, allusive to Easter Resurrection or the Glorious Sunday; an invocation to Our Lady of Glory”. Oliver (2005, p. 409) highlights that the name is of a religious origin and is “lent to one of the invocations of Our Lady, generally given to girls born on the 15th of August, when the Virgin is adored.” The name of the character is not related to any of these three possibilities of interpretation mentioned above: Madalena’s aunt benefits from neither fame nor reputation, and there is also no reference to her religiosity and birth date. Therefore, in this case, the name becomes a mere label.

Luís Padilha: According to Oliver (2005, p. 229), the name Luís comes “from the German *Hlodoviko*, *Ludwig*, from *hlot*, *hlut* (famous, illustrious, renowned) and *wig* (battle), sig. famous in battle; famous warrior (illustrious, renowned)”. Padilha, himself, according to Guérios (1973, p. 173), is a surname of Spanish geographic origin, stemming from Padilla – Castile, the old. According to the author, the surname was already used in the 16th century in Portugal. As can be seen, both the character’s name and the surname seem not to have any relation to his

features, thus being merely an identifying label, since Luís Padilha does not present any feature that would link to the idea of “warrior”, much to the contrary, he goes through a series of defeats, and even loses his only property that he had inherited from his parents.

5 Final considerations

This article’s aim was achieved, since it analyzed the names of the main characters of the novels *Vidas Secas* and *São Bernardo*, and relationships were established between the etymology of these names and the acting of the characters in these plots. Having found the features of the characters and of the meaning of their names in specific dictionaries, this study reached some conclusions, which are detailed below.

First, the majority of the names of the characters are not used as mere identifying labels, as they have relationships with their behavior and physical features. As proven in other studies on literary classics, according to that cited in the introduction regarding Guimarães Rosa, Machado de Assis, and José de Alencar, the creation of characters’ names, in the works of Graciliano Ramos, proved to be the object of reflection by the author in the formulation of the characters and their relationship with the plot. Thus, one can see that this concern seems to be consistent in the works of some of the main authors in Brazilian literature.

Second, this study showed the concern of Graciliano Ramos with the lexical preciseness and, more specifically, with the proper name, as revealed by Machado (2003, p. 72) when she affirms that “in the case of the Alagoan novelist, his constant lucidity and his conscientious effort led him to shed light on the very process” of choosing the names of his characters and the implications of this choice. This idea is confirmed in the novel, *Angústia*, in which the author, in the preface of his work, reflects on this process: “In two hours, I have written one word: Marina. After, taking advantage of the letters of this name, I arrange absurd things: ar (air), mar (sea), rima (rhyme), arma (gun), ira (wrath), amar (love). About 20 names” (RAMOS, 1952, p. 06).

In conclusion, the reflections developed in this article reveal the possibility of doing research in the area that is still relatively unexplored in Brazilian onomastic studies, which is the analysis of the proper names of the characters of literary works. The present study opens doors for future studies, since the analysis of the characters’ names can be extended

to works from other classic authors in Brazilian literature. There is, therefore, the possibility of studying if this finding, that is, the relationship that exists between the symbolic and etymological meaning of the proper name and the named character, is maintained, including the authors of contemporary Brazilian literature. In addition, the range of possibilities can be expanded, including, among the objects of study, theatrical plays, cinematographic works, other fictional works, TV series, and soap operas.

References

- ANDRADE, Janete de. *O étimo dos nomes próprios*. São Paulo: Thirê, 1994.
- BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil: relações e perspectivas*. Conclusão. 5 ed. São Paulo: Global, 1999. V. VI.
- DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms*. 4. ed. Paris: Delagrave, 1950.
- ECKERT, Kleber; RÖHRIG, Maiquel. Antroponímia ficcional: o caso de Ubirajara, de José de Alencar. *Revista GTLex*, [s.l.], v. 2 n. 1, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/37831>>. Acesso em: 23 out. 2017.
- FROSI, Vitalina Maria. *Provérbios italianos: pérolas na educação informal dos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 2015.
- GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MARCATO, Carla. *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino, 2009.

MEXIAS-SIMON, Maria Lucia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: HP, 2004.

OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 102. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 64. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. *Nomes não mentem (quase nunca): "Noite de Almirante", de Machado de Assis, à luz da onomástica*. 2006. p. 1-10. Disponível em: <http://www.idelberavelar.com/abralic/txt_10.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

SANTOS, Bárbara da Silva. *Dom Casmurro à luz da onomástica: tramas e tramoias do romance machadiano*. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: Edufu, 2006. p. 1952-1960. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Métodos de Pesquisa em Antroponomástica. *Domínios de Lingu@gem*, [s.l.], v. 10, n. 3, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/32482>>. Acesso em: 3 out. 2016.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.



Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional

Male Names in X-Son in Brazilian Anthroponymy: a Morphological, Historical and Constructional Approach

Natival Almeida Simões Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia / Brasil
nativallneto@gmail.com

Juliana Soledade

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia / Brasil
Universidade de Brasília, Brasília, DF / Brasil
julisoledade@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, pretendemos fazer uma análise de nomes masculinos terminados em *-son* na lista de aprovados dos vestibulares de 2016 e 2017 da Universidade do Estado da Bahia, como *Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson* e *Esteferson*. Ao todo, foram registrados 96 nomes graficamente diferentes. Esses nomes, quando possível, foram analisados do ponto de vista etimológico, com base em consultas nos dicionários onomásticos de língua portuguesa de Nascentes (1952) e de Machado (1981), além de dicionários de língua inglesa, como os de Arthur (1857) e Reaney e Willson (2006). Foram também utilizados como materiais de análise a *Lista de nomes admitidos em Portugal*, encontrada no site do Instituto dos Registos e do Notariado, de Portugal, e a *Plataforma Nomes no Brasil*, disponível no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Quanto às análises morfológicas aqui empreendidas, utilizamos como aporte teórico-metodológico a Morfologia Construcional, da maneira proposta por Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016) e Rodrigues (2016). Em linhas gerais, o artigo vislumbra observar a trajetória do formativo *-son* na criação de antropônimos no Brasil. Para isso, analisamos o seu estatuto de patronímico no inglês e a sua chegada ao português, como um dos elementos mais recorrentes entre nomes neológicos brasileiros.

Palavras-chave: antropônimos brasileiros; neologismos; mudança morfossemântica.

Abstract: In this paper, we intend to analyze the masculine names ending in -son in the approved list of 2016 and 2017 college entrance exams of the Universidade do Estado da Bahia, such as Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson and Esteferson. In all, 96 different graphical names were registered. These names, when possible, were analyzed from the etymological point of view, based on queries in the Portuguese-language onomastic dictionaries of Nascentes (1952) and Machado (1981), as well as English-language dictionaries such as Arthur (1857) and Reaney and Willson (2006). The List of names accepted in Portugal, found on the website of the Instituto dos Registros e do Notariado, in Portugal, and the Names Platform in Brazil, available on the website of the Brazilian Institute of Geography and Statistics. For the morphological analyzes carried out here, the Constructional Morphology, as proposed by Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016) and Rodrigues (2016), was used as a theoretical-methodological approach. In general terms, the article aims to observe the trajectory of formative -son in the creation of anthroponyms in Brazil. For this, it analyzes its status of patronymic in English and its arrival in Portuguese, as one of the most recurrent elements among Brazilian neological names.

Keywords: Brazilian anthroponyms; neologisms; morphological change.

Recebido em 05 de novembro de 2017

Aceito em 17 de dezembro de 2017

1 Considerações iniciais

A Onomástica é a área da Linguística que se interessa pelos nomes próprios e se divide em duas grandes vertentes de estudo: Toponímia (nomes de lugares) e Antroponímia (nomes de pessoas). No Brasil, Seide (2013) observa que, enquanto os estudos toponímicos estão bastante consolidados, sobretudo do ponto de vista teórico-metodológico, pelo fato de muitos se enquadrarem no projeto *Atlas Toponímico do Brasil*, iniciado pela professora Maria Vicentina do Amaral Dick, os estudos antroponímicos se mostram bastante incipientes, tanto pelo fato de não haver um grande projeto para descrever e/ou mapear os usos de nomes de pessoas no Brasil quanto pelo fato de não haver uma metodologia precisa para essas investigações, além do fato de não se saber o que exatamente podemos concluir dos resultados desses estudos.

Neste trabalho, pretendemos fazer uma análise de nomes masculinos terminados em *-son* na lista de aprovados dos vestibulares

de 2016¹ e 2017² da Universidade do Estado da Bahia, como *Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson e Esteferson*. Ao todo, foram registrados 96 nomes/ graficamente diferentes. Esses nomes, quando possível, foram analisados do ponto de vista etimológico, com base em consultas nos dicionários onomásticos de língua portuguesa, como os de Nascentes (1952) e de Machado (1981), e de língua inglesa, a exemplo de Arthur (1857) e Reaney e Willson (2006). Foram também utilizados como materiais de análise: (i) o site *The Internet Surname Database*;³ (ii) a *Lista de nomes admitidos em Portugal*,⁴ encontrada no site do Instituto dos Registos e do Notariado (IRN), de Portugal; (iii) a Plataforma *Nomes no Brasil*,⁵ que se baseia no Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Quanto às análises morfológicas aqui empreendidas, utilizamos como aporte teórico-metodológico a Morfologia Construcional, da maneira proposta por Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016) e Rodrigues (2016).

De modo geral, o estudo vislumbra observar a trajetória do formativo *-son* na recorrente criação de antropônimos neológicos no Brasil, partindo do seu estatuto original de patronímico no inglês. Feita esta breve apresentação (seção 1), o trabalho divide-se da seguinte maneira: (i) na seção 2, fazemos uma revisão acerca dos estudos onomásticos, no que toca à significação dos nomes próprios; (ii) na seção 3, abordamos os patronímicos em português e o patronímico *-son* em sua trajetória até o português; (iii) na seção 4, são apresentadas as análises dos nomes registrados no *corpus*; (iv) na seção 5, fazemos uma análise dos dados por meio de gráficos; (v) na seção 6, são discutidos os nomes em *-son* na *Lista de Nomes Admitidos e Não Admitidos em Portugal*; (vi) na seção 7, são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

2 Nomes próprios e significação: algumas abordagens

Entre as abordagens existentes acerca dos nomes próprios nos estudos linguísticos, destacamos a de Ullmann (1964), no livro

¹ Lista de aprovados dos vestibulares de 2016.

² Lista de aprovados dos vestibulares de 2017.

³ Site *The Internet Surname Database*.

⁴ Lista de nomes admitidos em Portugal.

⁵ Plataforma *Nomes no Brasil*.

Semântica: uma introdução à ciência do significado. Nesse trabalho, o autor, com base em estudos de J. Stuart Mill (1846), faz um pequeno mapeamento de cinco critérios passíveis de serem utilizados a fim de diferenciar nomes próprios (apelativos) e substantivos comuns. São eles: (i) unicidade; (ii) identificação; (iii) designação contra conotação; (iv) som distintivo; (iv) critérios gramaticais. Desses cinco, o autor considera útil apenas o segundo critério, o de identificação:

A diferença essencial entre substantivos comuns e os nomes próprios reside na sua função: os primeiros são unidades significativas, os segundos simples marcas de identificação. Esse critério pode ser completado pelo factor importante, mas não muito rigoroso, da distinção fonética. Os restantes critérios ou são de alcance limitado ou estão já implícitos na função identificadoras dos nomes (ULLMANN, 1964, p. 160).

É clara a relação entre a postura de Ullmann e a proposta de Mill acerca dessa questão, como se pode ver na citação a seguir:

Nomes próprios não são conotativos; eles denotam o indivíduo que nomeiam; mas eles não indicam ou implicam quaisquer atributos relativos a esses indivíduos. Quando nomeamos uma criança como o nome de Maria, ou um cachorro com o nome de César, esses nomes são simplesmente marcas utilizadas para possibilitar que esses indivíduos possam ser sujeitos do discurso. Pode-se afirmar, de fato, que podemos ter tido motivos para lhes atribuir tais nomes e não outros quaisquer, e isso é verdade; contudo o nome, uma vez atribuído a um indivíduo, torna-se independente das razões que motivaram a nomeação. Um homem pode ter sido nomeado de João porque este era o nome de seu pai e uma cidade pode ter sido nomeada Dartmouth, porque está situada na foz do rio Dart.⁶ (MILL, 1846, p. 21 [Tradução livre])

⁶ “Proper names are not connotative; they denote the individuals who are called by them; but they do not indicate or imply any attributes as belonging to those individuals. When we name a child by the name Mary, or a dog by the name Caesar, these names are simply marks used to enable those individuals to be made subject of discourse. It may be said, indeed, that we must have had some reason for giving them those names rather than any others: and this is true; but the name, once given, becomes independent of the reason. A man may have been named John because that was the name of his

Em concordância com Mill, Ullmann (1964) novamente destaca que os nomes próprios se caracterizam pela sua opacidade semântica, o que ratifica que a sua função é muito mais designativa/identificativa e pouco conotativa/significativa. Nas palavras do autor,

[e]mbora seja bastante fácil distinguir os nomes próprios dos substantivos comuns, a fronteira entre as duas categorias não é de modo algum decisiva. Muitos nomes próprios derivados de substantivos comuns ainda mostram claramente marcas da sua origem: nomes de lugar como *Blackpool* [pântano negro] e *Newcastle* [castelo novo], apelidos como *Smith* [ferreiro] e *Carpenter* [carpinteiro], nomes de pessoas como *Pearl* [pérola] e *Heather* [urze]. Outros, embora menos transparentes, têm, pelo menos algum elemento analisável, como é o caso de diversos nomes de lugar, que terminam em *-caster*, *-cester* e *-chester*, todos derivados, como é do conhecimento geral, do latim *castra* <<acampamento>>. Muitos outros nomes tornam-se inteiramente opacos, embora o etimologista possa reconstruir, ou, pelo menos, conjecturar o seu processo de formação; assim, o nome *Bordeaux*, latim *Burdigala*, foi dividido em dois elementos pré-indoeuropeus: o ibérico **burdo* <<mulo>> (cf. o espanhol *burro* <<burro>> e o francês *bourrique* <<burra>>) e o ligúrio **cala*, **gala*, <<rocha>> (ULLMANN, 1964, p. 160-161, grifos do autor).

No entendimento de Ullmann (1964), quando um nome comum se converte em nome próprio, ele perde a sua motivação. Isso é dizer que uma pessoa que se chama *Brisa*, em nada, remete ao “nome genérico de ventos que sopram à beira-mar, de fraca a moderada intensidade, regulares ou periódicos” (HOUAISS; VILLAR, 2009, verbete ‘brisa’). Entretanto, essa motivação pode ser recuperada em alguns contextos, como observa Soledade (2012) nos casos de ‘uma rosa para professora Rosa’ ou ‘apareceu a Aparecida’. Nos topônimos, podemos observar a recuperação dos significados em textos humorísticos como o “Coisas que só acontecem na Bahia”⁷ que aborda nomes de bairros da cidade de Salvador:

father; a town may have been named Dartmouth, because it is situated at the mouth of the Dart.” (MILL, 1846, p.21)

⁷ Coisas que só acontecem na Bahia.

Ser preso na Liberdade;
Fumar no Campo da Pólvora;
Tomar banho de mar no Rio Vermelho;
Pastor evangélico morar na Capelinha de São Caetano;
Morar no Uruguai e trabalhar em Roma;
Faltar água na Caixa d'água;
Adulto tomar banho na Água de Meninos;
Candomblé no Terreiro de Jesus;
Morrer na sexta e ser enterrado nas Quinta dos Lázarus;
Confusão na Rua do Sossego;
Brigas no Bairro da Paz;
Não encontrar apoio na Rua d'Ajuda [...]

(Autor desconhecido, postagem 'Coisas que só acontecem na Bahia', 11 de fevereiro de 2015).

Sobre a questão da opacidade, Carvalhinhos e Antunes (2007) observam que esse fenômeno ocorre com mais frequência entre os antropônimos, somando a esse processo, a fossilização e a cristalização dos nomes. Na visão das autoras,

[a] opacidade ocorre por dois motivos principais: o primeiro, mais óbvio, é por desconhecimento da língua em questão, o que leva à não decodificação ou não complementação do percurso decodificação daquele nome. No segundo motivo, o tempo e a sobreposição de camadas lingüísticas concorrem para a opacidade do nome: no caso da Europa, por exemplo, existem registros de topônimos pré-romanos, ou classificados pelos especialistas como pré-romanos. Características morfemáticas, muitas vezes, são elementos preciosos de recuperação lingüística [...]. Poder-se-ia dizer, portanto, que sob a casca oca do significante restam vestígios (semas) que, devidamente tratados, podem completar o percurso de decodificação (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007, p. 4).

A recuperação lingüística, destacada por essas autoras, pode ser, em parte, observada em trabalhos tanto de toponímia quanto de antroponímia. Em relação à toponímia, podemos ver a descrição de Gonçalves (2012) do formativo *-lândia*, cujo significado é 'lugar em que se concentra', como em *Disneylândia* e *Cracolândia*. Esse mesmo elemento é observado no trabalho de Sousa (2007), quando menciona o topônimo *Epitaciolândia*, que faz referência ao ex-presidente da República Epitácio Pessoa. Outros sufixos mencionados por Sousa

(2007) remontam ao trabalho de Bragança Jr. (1992), onde se descobre que “-iba, -uba, -tiba e -tuba são provenientes de duas formas distintas do Tupi: -yba e -tyba”⁸ (SOUSA, 2007, p. 22).

A recuperação etimológica permite ao pesquisador de Onomástica a proposição de significados para criações neológicas, certamente não dicionarizadas. Rodrigues (2016) faz isso com alguns antropônimos neológicos brasileiros que usam formativos de origem germânica. No Quadro 1, estão os étimos e os significados de antropônimos tradicionais do fundo germânico, que foram dicionarizados em Machado (1981). Depois disso, seguem as possibilidades de reconstruções com base nas etimologias dos formativos.

QUADRO 1– Etimologia de antropônimos de origem germânica

ADALFREDO: athal, al. mod. edel, <nobre> e frid, al. mod. Friede, <paz>, <pacificador nobre>
ADALBERTO: athal, al. mod. edel, <nobre> e berth, <brilhante>, <guerreirobrilhante>
ARNALDO: Aar, <águia> e wald, <forte, potente> <águia poderosa, forte>

Fonte: Rodrigues (2016, p. 27)

Ederaldo (*Ede-* [do germânico anglo-saxão *ead* <riqueza, bens>] + *-r-* + *-aldo* [do germânico *walt/wald* <forte, poderoso>]), *Ederval* (*Ede-* [do germânico anglo-saxão *ead* <riqueza, bens>] + *-r-* + *-val* [do germânico *walt/wald*; < poderoso; aquele que governa>]), *Valmiro* (*Val-* [do germânico *walt/wald* <poderoso; aquele que governa>], + *-mir(o)* [do germânico *-mir* <afamado, ilustre>]), *Gilsimar* (*Gil-* [prov. do germânico *gisil* <penhor>] + *-si-* + *-mar* [do germânico *-mar* <fama, glória>]), *Francinaldo* (*Franci-* [do germânico *frank* <franco>] + *-n-* + *aldo* [do germânico *hard/hart* <forte, poderoso>]), entre outros (SIMÕES NETO; RODRIGUES, 2017, p. 124).

⁸ Embora Souza (2007) não apresente os sentidos de *-yba* e *-tyba*, Barbosa (1951) apresenta os seguintes significados: “tyba – suf. abundancial; (xe): haver, abundar; multidão: jazida” (p. 154); “yba – pé [de plantas]; haste, caule: bastão de ritmo; cabo [de instrumento]; vergôntea; princípio, origem; guia, arrimo; regente [de canto, dança etc.]; ybá – fruta, fruto (do pé de)” (p. 160).

A questão dos significados nos nomes próprios é discutida por outros autores, como Teixeira (2007), Pinker (2008), Henriques (2011), além da já mencionada Rodrigues (2016). Com perspectivas diferentes, esses autores assumem pontos de vista que divergem do que é proposto por Ullmann (1964).

No trabalho de Teixeira (2007), dentro do paradigma teórico da Linguística Cognitiva, são discutidas as motivações metonímicas e metafóricas em *alcunhas* do Norte de Portugal. Sobre os exemplos de motivação metonímica, o autor observa que há dois mecanismos de atribuição: o físico e o comportamental. Teixeira (2007) explica que

[e]videnciam-se dois tipos de particularidades para a atribuição da alcunha de base metonímica: físicas e comportamentais. Aquelas terão que ser, por norma, permanentes, já que referem uma particularidade cognitivamente saliente e constante: a alcunha “Barbas” só faz sentido se o alcunhado as usa habitualmente e não se apenas por uma vez deixou a barba crescer. O mesmo para “Coxo”, “Narizinho”, “Manco”, “Malota”, “Preto”, “Fininho” e outras de índole física. Diferem as metonímias de base comportamental: também podem assentar em particularidades tidas como permanentes (“Mudo”, “Cabeça-de-vento”, “Gago”, “Pide”, “Poeta” e todas as profissionais), mas em muitos casos alicerçam-se em acontecimentos pontuais que funcionam como marcas de referência identificativa [...] (TEIXEIRA, 2007, p. 211-212).

Em relação às motivações metafóricas, Teixeira (2007) observa que o seu rendimento é bastante menor, uma vez que a metaforização é um processo cognitivo mais complexo que a metonimização, pois, nessa última, a compreensão se faz em seu próprio domínio, ao passo que, nas metáforas, é exigido um mapeamento de domínios diferentes da experiência. Encontram-se entre os exemplos metafóricos: *Baleia* (Motivação: pessoa gorda), *Rato* (Motivação: pessoa muito ativa), *Burro* (Motivação: estúpido, teimoso), *Porca* (Motivação: pessoa pouco asseada), *Pisco* (Motivação: pessoa pequena), *Batata* (Motivação: nariz grande), *Tomate* (Motivação: pessoa corada em excesso), *Cenoura* (Motivação: cabelo ruivo), *Carvalha* (Motivação: Pessoa alta) e *Estaca* (Motivação: pessoa alta e magra).

Os achados de Teixeira (2007) mostram que a opacidade mencionada por Ullmann (1964), e em parte ratificada por Carvalhinhos e Antunes (2007), deve ser modalizada, na medida em que há categorias

de nomes próprios que podem apresentar significativa motivação, indo além de uma simples denotação. Geralmente, na categoria de alcunhas, a conversão do nome comum em nome próprio ainda preserva alguma relação clarividente.

Os mecanismos de metonímia e de metáfora são vistos também nos fenômenos de *antonomásia* e *eponímia*, explicados por Henriques (2012). Quanto à *antonomásia*, o autor define como uma “figura de linguagem”

[...]que consiste em empregar um substantivo comum ou uma expressão substantiva como substituto de um nome próprio, seja nome de pessoa (ANTROPÔNIMO) ou de lugar (TOPÔNIMO). A motivação para que se crie uma alcunha é sempre metafórica ou metonímica, mas as razões para isso nem sempre são conhecidas (HENRIQUES, 2012, p. 106).

Como exemplificação do fenômeno de *antonomásia*, Henriques (2012) menciona:

Rio de Janeiro é a “Cidade Maravilhosa”, e São Paulo é a “Terra da Garoa”. O Japão é o “País do Sol Nascente”, e a praia de Copacabana é a “Princesinha do Mar”. Mas qual é o apelido do estádio cujo nome oficial é Estádio Paulo Machado de Carvalho? Ele fica no bairro do Pacaembu, em São Paulo. Daí, por metonímia, o seu apelido. O nome do estádio é uma homenagem ao “Marechal da Vitória”, chefe da delegação brasileira campeã do mundo de futebol em 1958 e 1962. É um caso muito peculiar, pois tanto como antropônimo como topônimo, Paulo Machado de Carvalho tem antonomásia. Não será estranho imaginar que um dia alguém possa dizer que vai ver um jogo no “Estádio Marechal da Vitória” (HENRIQUES, 2012, p. 107).

A respeito da *eponímia*, Henriques (2012) conceitua como um

[...] fenômeno resultante de uma metonímia que se baseia numa relação de contiguidade entre antropônimos e significações que não tem uma palavra própria para exprimi-las ou para as quais se propõe uma nova denominação. Essa passagem a substantivo comum não caracteriza mudança de classe, mas de *subcategoria* (substantivo próprio > substantivo comum).

Há EPÔNIMOS sincrônicos, os que têm vínculos referenciais ainda muito nítidos com o antropônimo que lhes deu origem (*amélia*, *barbie*, *belzebu*, *camões*, *cupido*, *drácula*, *heman**,

quixote, sansão, tarzã...), e há EPÔNIMOS diacrônicos, os que só podem ser assim identificados mediante uma informação histórica que contextualize sua criação a partir de um antropônimo (*baderna, carrasco, colt, gandula, gari, gilete, judas...*) (HENRIQUES, 2012, p. 109-110).

As histórias por trás dos epônimos diacrônicos estão apresentadas no Imagem 1, extraído de Henriques (2012).

FIGURA 1 – Exemplos de epônimos

Marieta Baderna: dançarina italiana que esteve no Rio de Janeiro em 1851, provocando “um certo *fisson*” e cujos admiradores eram chamados de “os badernas”.

[“baderna” = arruaça, desordem, confusão]

Belchior Nunes Carrasco: Algoz que teria vivido em Lisboa, antes do séc. XV.

[carrasco = indivíduo cruel, tirano]

Samuel Colt: inventor do revólver dessa marca.

[colt = revólver usado nas narrativas do velho oeste]

Bernardo Gandulla: futebolista argentino que atuou num clube do Rio de Janeiro no final da década de 1930 e que tinha o hábito de buscar as bolas que saíam de campo.

[gandula = apanhador de bolas que saem do campo]

Aleixo Gary: incorporador da empresa a cujo cargo esteve o serviço público de limpeza das ruas, no Rio de Janeiro do início do século XX:

[gari = varredor de rua]

King Camp Gillette: inventor e primeiro fabricante dessa lâmina e aparelho de barbear.

[gilete = lâmina de barbear, motorista ruim (barbeiro, navalha)]

Judas Iscariote: discípulo de Jesus Cristo [judas = traidor]

Fonte: HENRIQUES, 2012, p. 110.

É possível perceber, por meio dessas explicações, o percurso metonímico na construção do significado dessas palavras. Seja pelas *epônimas*, seja pelas *antonomásias*, vemos que os limites entre o léxico comum e o léxico onomástico não são tão precisos quanto se pensava anteriormente. Os trabalhos de Henriques (2012) e de Teixeira (2007), de um modo geral, ratificam que a opacidade deve ser questionada, na medida em que a noção de ‘significado’ é mudada. No âmbito das teorias linguísticas de orientação cognitiva, sobretudo na Linguística Cognitiva, o significado não é o significado construído no interior do sistema linguístico, é um significado baseado na experiência, nas formas de se entender e organizar o mundo em que se está envolvido, a partir de uma perspectiva mediada pela história e pela cultura.

Também em uma abordagem cognitiva, o texto de Pinker (2008) discute onde mora o significado das palavras (no mundo exterior ou na mente?). A reflexão do autor começa da seguinte maneira:

Para qualquer um que esteja interessado na língua como janela da mente, o mundo exterior pode parecer um habitat pouco promissor. A palavra *gato*, por exemplo, refere-se ao conjunto de todos os gatos que já existiram ou que vão existir. Mas nenhum mortal pode conhecer todos os gatos, no presente, passado e futuro. Além disso, muitas palavras não têm nenhum referente no mundo, como *unicórnio*, *Eliza Doolittle* e *Coelho da Páscoa*, mas as palavras certamente têm significado para a pessoa que as conhece. Por fim, as pessoas usam palavras com sentidos bem diferentes para se referir à mesma coisa no mundo. O exemplo clássico é *estrela da tarde* e *estrela da manhã*, que no fim das contas são dois nomes para o planeta *Vênus*. Mas certamente eles têm significados diferentes para pessoas que não entendem de astronomia e não têm como saber que se referem ao mesmo corpo celeste. Existe outro exemplo bem conhecido de duas palavras que se referem à mesma coisa no mundo, mas significam coisas diferentes para uma pessoa. As palavras são *Jocasta* e *mãe*, e a pessoa é *Édipo* (PINKER, 2008, p. 323).

No entendimento do autor, não há uma resposta única para essa questão, “porque a divisão de trabalho entre sentido e referência é muito diferente para tipos diferentes de palavras” (PINKER, 2008, p. 324). O autor, então, apresenta três categorias de nomes:

tipos naturais, como *cat* [gato], *water* [água] e *gold* [ouro]; coisas manufaturadas, como *pencil* [lápis], *oatmeal* [farinha de aveia] e *cyclotron* [ciclotron], e nomes próprios, como *Aristotle* [Aristóteles], *Paul McCartney* e *Chicago*. Quais são os papéis do mundo e da mente em se tratando desse tipo de entidade? (PINKER, 2008, p. 325).

Pinker (2008) coloca em confronto as ideias de que o significado de uma palavra possa ser, por um lado, o conjunto de coisas a que ele se refere e, por outro, uma espécie de descrição como uma entrada nos dicionários ou uma fórmula lógico-matemática. A respeito dos nomes próprios, o autor faz uma série de experimentos mentais com base no que se sabe de pessoas ilustres como *Paul McCartney*, *Cícero*, *Aristóteles*, *Sheakespeare*, entre outros, chegando à conclusão de

que o nome não é uma descrição abreviada de coisa nenhuma, mas um *designador rígido*- um termo que designa o mesmo indivíduo em todos os mundos possíveis. Um nome, em outras palavras, refere-se a um indivíduo em todas as circunstâncias imagináveis em que possamos falar racionalmente sobre aquele indivíduo, e que se danem os fatos biográficos. A referência de um nome é fixada quando os pais da pessoa, na prática, dão-no à pessoa que pretendem que carregue o nome, ou no momento, qualquer que seja, em que o nome pega. Ele então continua a indicar aquela pessoa por toda a sua vida, e até depois dela, graças a uma cadeia de transmissão em que uma pessoa que sabe o nome o usa na presença de outra pessoa que pretende usá-lo da mesma maneira (“Vou contar a você sobre um grande filósofo. O nome dele era Aristóteles ...”). Os nomes são, em certo sentido, mais próximos de indicadores como *this* [este] ou *you* [você] que de descrições como “o primeiro presidente dos Estados Unidos” ou “um pequeno mamífero domesticado que tem pêlo macio, garras afiadas e orelhas pontudas”. Quando sabemos um nome, estamos implicitamente indicando alguém, independentemente do que nós – ou qualquer um – saibamos sobre aquela pessoa (PINKER, 2008, p. 328-329).

Essa proposta de Pinker parece se associar, de algum modo, com o entendimento de Fillmore (1971) e Levinson (2007) acerca do que sejam as dêixis sociais, em geral relacionadas a pronomes e formas de tratamento. A dêixis é um fenômeno que permite que os sujeitos estabeleçam um ponto de referência no discurso/texto a partir de relações temporais, espaciais, sociais e discursivas. Ela atua na língua como um tipo de âncora dimensional que exigirá, do receptor da mensagem, certo “esforço” cognitivo para identificação e reconhecimento de elementos situados fora do contexto da enunciação. No caso das dêixis sociais, podemos dizer que se tratam de construções através das quais as identidades sociais emergem no discurso.

Ainda sobre a visão de Pinker (2008), podemos, a partir dela, assumir que o significado de um nome está ligado não só ao seu aspecto designativo, mas também a um conjunto de conceptualizações e categorizações feitas com base nele. Assim, ao ouvir uma frase como ‘Alexandre está vindo me fazer uma visita’, mesmo que o ouvinte não saiba quem seja Alexandre de forma específica, ele pode presumir que se trate de um indivíduo do sexo masculino, além de outras informações sócio-culturais que podem ser inferidas a partir do contexto.

Foi partindo do entendimento de que essas categorizações devem ser levadas em consideração na abordagem semântica dos nomes próprios, que Rodrigues (2016) as incorporou como contraparte das construções antroponímicas brasileiras com formativos de origem germânica. A autora seguiu a perspectiva dos esquemas da Morfologia Construcional (MC), baseando-se nas formulações teóricas de Booij (2010), Soledade (2013) e Gonçalves (2016a).

No âmbito da MC, um esquema morfológico é uma formulação teórica que dá conta do pareamento entre forma, significado e função na formação e interpretação de palavras. No trabalho de Rodrigues (2016), então, são apresentados esquemas como os seguintes:

- (1) [X-aldo/X-naldo/X-valdo]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 39)
- (2) [X-mara(es)]_{NP} ↔ [nome de pessoa do gênero feminino]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 53)
- (3) [ED(i/e)-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 44)

A partir dos exemplos de Rodrigues (2016), a formulação esquemática em (1) permite agrupar e compreender nomes como *Adroaldo, Aguinaldo, Arnaldo, Arquibaldo, Beraldo, Bernaldo, Clodoaldo, Euvaldo, Evaldo, Geraldo, Givaldo, Heraldo, Osvaldo, Reginaldo, Reinaldo, Teobaldo, Ubaldo, Vilibaldo, Vinebaldo e Vivaldo*, todos referentes a indivíduos do sexo masculino. O esquema em (2) instancia *Damares, Edmara, Gilmara, Josimara, Lucimara e Nilmara*, todos referentes a pessoas do sexo feminino. Por fim, no esquema (3), não se faz especificação de sexo, pois o formativo *Ed-*, sobretudo, por se tratar de um formativo que ocupa a margem esquerda dos prenomes, integra tanto nomes masculinos quanto femininos. Exemplos são: *Edclea, Edeilice, Ediana, Edijane, Edileide, Edilene, Edilla, Edineia, Edirlainne, Edjane, Edmara, Edmildes e Edvania, Edemario, Edenildo, Edenilton, Ederaldo, Ederval, Edinaldo, Edmagnó e Edwardes*. Apesar de Rodrigues (2016) não especificar o sexo nesse último esquema, coloca na contraparte semântica a informação de que ele instancia nomes de pessoas. Isso o difere, por exemplo, de esquemas *X-briga, X-lândia e X-ópolis*, que instanciam nomes de lugares.

No que toca à relação entre nome próprio e significado, neste artigo assumiremos a formulação de Rodrigues (2016), entendendo

que, embora essa categoria de nomes não tenha um significado (no seu sentido mais canônico e estrutural), apresenta aspectos de motivação e referencialidade que permitem aos falantes/conceptualizadores, mediante experiência, fazer conjecturas e categorizações.

3. Patronímicos no português e o patronímico *-son* do inglês ao português

A origem da palavra *patronímico* é a forma grega *patrónumikós*, ê, ón (HOUAISS; VILLAR, 2009, verbete ‘patronímico’), com o significado de ‘tirado do nome do pai’. Tradicionalmente, é entendido como um elemento da frase antroponímica que alude à figura do pai ou de ascendente. Patronímicos existiram e existem na história de muitas línguas e, em algumas dessas, a identificação da relação com o pai é marcada por meio de um afixo (sufixo ou prefixo). Na clássica obra *Antroponímia portuguesa*, Leite de Vasconcelos (1928) observa o seguinte a respeito desses elementos nas línguas indo-europeias, dando destaque ao latim e ao português:

Costume muito antigo, nos povos indo-europeus, e noutros, era o de, quando numa narração se mencionava um indivíduo, ou este assinava um documento, indicar seguidamente ao nome d’ele o nome do pai.

(...) A filiação exprimia-se: (1) por um genitivo em *-i*, que era comum a outras relações, e bem assim em *-e* (e *-ae*), *-is*, *-onis* (e *-oni*), *-anis* (e *-ani*); (2) ou por um genitivo com sufixo próprio, isto é, *-az*, *-oz*, *-uz*, e em *-iz* (tornado depois, *-ez*, *-es*, etc.), ainda que nem todos com igual frequência. Aos nomes formados d’este modo, e agregados aos nomes de batismo, como significativos de estirpe paterna, costumam os gramáticos chamar *patronímicos*. Chamam especialmente assim aos que têm sufixos próprios. (VASCONCELOS, 1928, p. 101-102, grifos do autor).

Silva (2012), em sua pesquisa sobre os sobrenomes na antroponímia do português arcaico, faz uma análise de nomes registrados em documentos notariais medievais, apontando uma estrutura recorrente com três elementos na frase antroponímica desse período. Um desses elementos é o patronímico, como podemos ver no Quadro 2, a seguir:

QUADRO 2 – Análise da produtividade da formação de antropônimos portugueses

Antropônimo	1ª Designação (Prenome)	2ª Designação (Patronímico)	3ª Designação (Locativo)	Século/ Região
Pedro Garzia de Uoado, morador en Uoado	Pedro	Garzia	de Uoado	(1269) Coruña
Thareygia Froyaz, filha de Maria Petrez de Oza e Froya Suariz,	Thareygia	Froyaz		(1262) Região Coruña
Berto Nuniz de Castelo pai de Marina Nuniz	Berto	Nuniz	de Castelo	1255 Região Lugo
Johã Paez, bisavô de Pedro Paez d'Arregeyro	Pedro	Paez	d'Arregeyro	1281 Coruña
Afonso Pelaez, fillo de Pay Fagüdez, notario que foi de Santiago	Afonso	Pelaez		(1351)
Afonso Alvarez, fjlho de Alvaro Annes de Vjlarjnho	Afonso	Alvarez		(1484) Douro Litoral
frey Bieyto de Pontevedra	Bieyto		de Pontevedra	(1506) Pontevedra

Fonte: Silva (2012, p. 37).

Podemos perceber a estrutura dos nomes observada por Silva (2012) nos nomes de trovadores galego-portugueses. Eles estão reproduzidos no Quadro 3, a seguir. Seja dado destaque aos patronímicos.

QUADRO 3 – Exemplos de patronímicos em *-es* no galego-português

Nome completo	Patronímico	Significado
Estêvão Fernandes d’Elvas	Fernandes	Filho/Descendente de Fernão
Fernão Gonçalves de Seabra	Gonçalves	Filho/Descendente de Gonçalo
Fernão Rodrigues de Calheiros	Rodrigues	Filho/Descendente de Rodrigo
Fernão Soares de Quihones	Soares	Filho/Descendente de Soeiro
Rui Martins de Ulveira	Martins	Filho/Descendente de Martim
Airas Nunes	Nunes	Filho/Descendente de Nuno
Pero Gomes Barroso	Gomes	Filho/Descendente de Gome
Gil Sanches	Sanches	Filho/Descendente de Sancho
João Lopes de Ulhoa	Lopes	Filho/Descendente de Lobo
João Mendes de Briteiros	Mendes	Filho/Descendente de Mem
João Vasques de Talaveira	Vasques	Filho/Descendente de Vasco

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

No português arcaico, os patronímicos funcionavam como mecanismos de organização de famílias e clãs, e esse significado de ‘filho ou descendente’ ainda era funcional naquela sociedade. A título de exemplo comprovável, a biografia do escrivão *Pero Vaz de Caminha* aponta que o seu pai se chamava *Vasco Fernandes de Caminha*, o que justifica o patronímico *Vaz* (variante de *Vasques*). Estendendo-nos, é admissível que pensemos que o avô de *Pero Vaz de Caminha* se chamava *Fernão*, com base no nome do seu pai. Observemos que os patronímicos não funcionavam exatamente como um sobrenome, apenas marcava famílias e outras organizações por uma perspectiva patriarcal. Porém, ao longo dos tempos, esse elemento se disseminou como um sobrenome comum, tal como se entende atualmente, ou seja, sem nenhuma especificidade semântica. Dessa forma, uma pessoa que tenha o sobrenome *Simões*, hoje em dia, não obrigatoriamente tem um pai/ascendente chamado *Simão*. É nesse sentido que Menon (2013) considera que houve uma perda morfológica, no decorrer da história do português, em relação ao sufixo patronímico *-es*.

A respeito da presença dos patronímicos em outras línguas, Viaro (2013) observa:

[a] esses se acrescentam sobrenomes ingleses e nórdicos terminados em *-son* (*Anderson, Jefferson, Robinson*), nomes irlandeses e escoceses iniciados em *Mac* ou *O'* (*McDonald, McLuhan, McIntosh, McCarthy, McAdam, O'Hara, O'Connor*), nomes eslavos terminados em *-ov, -itch, -ovitch* (*Ivanov, Ivanovitch*), nomes romenos terminados em *-escu* (*Ionescu, Popescu, Ceaușcu*) e alguns sobrenomes italianos terminados em *-ato, -elli, -ella, -ini, -otti, -oni, -utti* (*Francescato, Antonelli, Paolini, Perotti, Zaroni, Stefanutti*) (VIARO, 2013, p. 178, grifos do autor)

Em alguns desses exemplos de outras línguas, observamos o mesmo esvaziamento e opacidade semântica que ocorreu nos patronímicos no português. No *A dictionary of English surnames*, Reaney e Wilson (2006 [1958], p. 8-10) afirmam que, no inglês antigo, patronímicos eram formados adicionando *-ing* ao tema ou *-sunu* ao genitivo do nome de pessoa: *Dudding* ‘filho de Dudda’, *Eadricessunu* ‘filho de Eadric’. O formativo *-sunu* também foi empregado como forma patronímica adjunta *Hering Hussan sunum* (603 d.C.); esse tipo de formação também foi encontrada nos séculos VIII e IX e não era incomum entre nomes femininos: *Godwine Aelfrices Suna*. Ademais, similarmente, esse formativo era também comum entre antropônimos escandinavos *Purfero Rolfes Sune*. Segundo os autores, a significativa frequência de nomes com o formativo *-son* no norte do Reino Unido é comumente atribuído a influência nórdica. Destacam os lexicógrafos que até o século XIII formas descritivas como *Hugo filius cleric*, *Willemus filius fabri* concorriam com as formas em *-son*. A partir do século XIV começam a predominar formações do tipo *Smythson* e *Clerkesonne*, que ainda hoje perduram.

A permanência do formativo *-son* e o seu alomorfe *-sen* no inglês e em línguas nórdicas revela que esse já não mais preserva a associação ao sentido ‘filho de’, mesmo que a palavra *son* ‘filho’ ainda exista como forma livre nessas línguas.

Se analisarmos alguns nomes de alguns ícones da cultura anglofalante perceberemos não só a permanência dos patronímicos formados por esse formativo, como também a falta de correlação semântica, já que o sobrenome revela-se mais como uma herança de família do que como uma relação estritamente patronímica, no sentido de ‘filho de’, como podemos notar no Quadro 4.

QUADRO 4 – Exemplos de patronímicos em *-son/-sen* no inglês

Nome completo	Patronímico	Significado
Emma Watson	Watson	Descendente de Watt
Samuel L. Jackson	Jackson	Descendente de Jack
Britt Robertson	Robertson	Descendente de Robert
Mara Wilson	Wilson	Descendente de William
Thomas Edison	Edison	Descendente de Eda
Flora Robson	Robson	Descendente de Robin
Horatio Nelson	Nelson	Descendente de Nell
Thomas Jefferson	Jefferson	Descendente de Jeffrey
Kelly Clarkson	Clarkson	Descendente de Clark
Pamela Denise Anderson	Anderson	Descendente de Andreas
Cristopher Scott Petersen	Petersen	Descendente de Peter
Scarlett Ingrid Johansson	Johansson	Descendente de Johan
Emil Fredericksen	Fredericksen	Descendente de Frederick
Marc Johnson	Johnson	Descendente de John
Latanya Richardson	Richardson	Descendente de Richard

Fonte: Elaboração dos próprios autores, com base em informações do site *The Internet Surname Database*

A partir do Quadro 4, em primeiro plano, podemos notar a menor frequência de *X-sen*, em relação a *X-son*. Isso, certamente, se deve ao fato de as formações *X-sen* estarem mais associadas às línguas nórdicas, tais como o dinamarquês e o norueguês. Outro ponto importante para analisarmos é que, se consultadas as biografias de algumas dessas pessoas, comprovaremos que, também no inglês, os antropônimos *X-son* se difundiram como sobrenomes comuns, perdendo o estatuto de patronímicos, tal como aconteceu no português, com os *X-es*. Por exemplo, o pai da atriz *Scarlett Johansson* não se chama *Johan*, mas sim *Kartsen Johansson*. Em relação ao pai do ator *Samuel L. Jackson*, esse se chama *Ron*, e não *Jack*. Por fim, o treinador de futebol americano *Chris Petersen* tem como pai *Ron Petersen*, não *Peter*.

No que se refere à adoção do formativo *-son* no português brasileiro, um fato interessante é a mudança de categoria, pois, ao invés de ser aplicado à categoria de sobrenome, passou a ser usado em prenomes (primeiro nome). Isso, segundo Mexias-Simon (2004), se deve ao fato de não existir, no Brasil, o costume de tratar as pessoas pelo sobrenome, como acontece nos Estados Unidos: *Mr. Jackson, Mrs. Wilson*.

Em um trabalho sobre a tradição e criatividade na nomeação de brasileiros, Mexias-Simon (2004) observou as listas de presentes em paróquias de três cidades do interior do Rio de Janeiro, nos anos de 1928, 1938, 1948, 1958, 1968 e 1972. A autora destacou alguns nomes *X-son* já na lista de 1928, casos de *Welson e Nelson*, comentando que esses nomes fugiam ao sistema ortográfico e fonológico brasileiro. Ao longo dos anos, nas listas consultadas, Mexias-Simon (2004) mencionou as seguintes formações *X-son*: (i) *Adirçon, Delço, Uilson* (lista de 1948); (ii) *Danilson, Edimilso* (lista de 1968); e (iii) *Anderson, Robson, Vanderson, Adeilson, Adnilson, Arilson, Ivanilson e Maiélson* (lista de 1972).

A fim de concluirmos essa seção, importa observar que, em termos semânticos e construcionais, tanto os patronímicos *X-es*, do português, quanto os *X-son*, do inglês, passaram por mudanças esquemáticas, quando se comparam o significado original e o estatuto que têm na língua contemporânea. A respeito das construções *X-es*, apresentamos a seguinte formulação:

(4) (A) $[[X_i]_{NP} -es]_{NP} \leftrightarrow [\text{'filho de' } X_i]_{NP}$



(B) $[[X_i]_{NP} -es]_{NP} \leftrightarrow [\text{sobrenome comum originalmente relacionado a } X_i]_{NP}$

No esquema em (4), (A) indica o significado/função original de patronímicos dos nomes *X-es*, ao passo que (B) mostra a sua função como sobrenome no português contemporâneo. Houve, então, uma extensão metonímica de uma função específica da frase antroponímica para uma função um pouco menos específica, pois já não tem a propriedade de indicar filiação ou dinastia.

Referente aos nomes de origem inglesa e nórdica, fenômeno equivalente pode ser observado no esquema em (5), a seguir:

(5) (A) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{'filho de' } X_i]_{NP}$



(B) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{sobrenome comum originalmente relacionado } X_i]_{NP}$

Por sua vez, quando incorporado ao sistema antroponímico brasileiro, observamos um novo deslocamento semântico-funcional, pois é a partir dos sobrenomes da língua inglesa, já esvaziados de seu sentido patronímico que o formativo *-son* será tomado no português para formar prenomes neológicos:

(6) (B) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{sobrenome comum originalmente relacionado } X_i]_{NP}$



(C) $[[X\text{-son}]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa do gênero masculino associado a formativo antroponímico } X]]_{NP}$

Assim, em relação ao esquema em (5), destacamos que o significado inicial de patronímico, em (A), diz respeito à língua de origem, visto que, no Brasil, sequer existiu essa funcionalidade, muito menos por meio desse formativo. Em (B), vemos o estatuto desses elementos como sobrenomes comuns no inglês,⁹ tal como aconteceu nas construções *X-es*, no português. Por fim, em (6), é derivado do esquema de sobrenomes do inglês o esquema formativo de nomes próprios masculinos no português do Brasil. Essa derivação não é um processo direto. Primeiro, ao que parece, alguns dos sobrenomes da língua inglesa já haviam migrado para a posição de prenome, como por exemplo, *Alyson, Edson, Emerson e Nelson*. Por outro lado, mesmo aqueles que eram empregados como sobrenomes nos países anglo-falantes, foram introduzidos no Brasil como prenomes: *Anderson, Erickson, Jamerson, Jakson, Jeferson, Johnson, Robson*.

Importa observar que, quando o patronímico se converteu em sobrenome comum no inglês, o seu aspecto morfológico foi mantido, assim

⁹ Aqui abandonaremos a citação a outras línguas, uma vez que é através da língua inglesa que esse formativo chegará e se difundirá entre os nomes brasileiros.

a categoria da base é sempre um nome próprio masculino. Porém, quando se converteu em prenome no Brasil, isso se perdeu, visto que em nomes como *Nadson*, *Mailson*, *Joedson* e *Jadson*, há a aparente impossibilidade de se propor uma paráfrase como filho de *Nad*, *Mail*, *Joed* e *Jad*.

4 As construções *X-son* no português brasileiro¹⁰

4.1 Construções *X-son* de origem inglesa

É importante ressaltar que compreendemos, neste trabalho, a estruturação do léxico e da morfologia a partir daquilo que se conhece como *Teoria da entrada Plena (Full entry theory)* tal como tem sido defendida por Booij (2010), no âmbito da Morfologia Construcional. Essa teoria admite que o léxico das línguas possui uma estrutura hierarquicamente organizada, em que palavras complexas armazenadas na memória do falante são fontes/modelos para abstração de esquemas que permitem a construção de novas palavras complexas seguindo o mesmo molde. Dessa forma, esquemas abstratos de formação de palavras são adquiridos a partir do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam os padrões de construção que possibilitam a geração de novos itens lexicais.

Assim, percebemos que o sistema antroponímico brasileiro, primeiramente, passou a incorporar alguns sobrenomes de origem inglesa com o formativo *-son* empregando-os como prenomes, para depois usar esses prenomes como modelos para a criação de novos nomes.

Correspondendo a sobrenomes registrados no *Dictionary of surnames* (REANEY; WILLSON, 2006), no *An etymological dictionary of family and Christian names* (ARTHUR, 1857) e no site *Surname Database*, encontramos em nossos dados 16 prenomes, que podem ou não apresentar variação gráfica. Esses prenomes encontram-se bastante difundidos entre a população brasileira como demonstram os dados do IBGE na plataforma *Nomes no Brasil*.¹¹ Sistematizamos esse conjunto na Tabela 1, a seguir:

¹⁰ Embora estejamos partindo de um *corpus* datado e localizado na Bahia, ao verificarmos o uso desses nomes na plataforma *Nomes no Brasil*, a reflexão acerca do uso do nome deixa de ser localizada em um estado e passa a se ter uma visão acerca de seu emprego nacionalmente.

¹¹ No site *Nomes no Brasil*, o IBGE disponibiliza um conjunto de cerca de 130 mil nomes que encontram registro no Brasil, datados entre algumas poucas décadas antes de 1930 e 2010.

TABELA 1 – Anglicismos em *-son* usados no Brasil

Nomes	Surname	Étimo	Primeiros registros documentados nas línguas de origem	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiros registros no Brasil
Abisson ~ Abson	Abson	Ab (possível corruptela de nomes como <i>Abel</i> e <i>Abraham</i>) + <i>-son</i> (DS) ¹²	William <i>Abson</i> (1379) (DS)	226 / 23.892°	1970
Adson	Addison	<i>Addie/Addie</i> (usado tanto como prenome quanto como corruptela de <i>Adam</i>) + <i>-son</i> (DE) ¹³	John <i>Addison</i> (1308); Robert <i>Addison</i> (1498) (DS)	12.453 / 1.439°	1930
Alisson ~ Allisson	Alison	<i>Alice/Aleis</i> + <i>-son</i> ; variante de <i>Allanson</i> (<i>Allan</i> + <i>-son</i>) (DS)	William <i>Alison</i> (por volta de 1248); John <i>Allison</i> (1332) (DS)	95.080 / 405°	1930
Anderson ~ Andeson	Anderson	<i>Andrew</i> + <i>-son</i> (DE)	Henry <i>Androsoun</i> (por volta de 1443); John <i>Andrewson</i> (1444); Robert <i>Androwson</i> , <i>Androsoun</i> (1455, 1482); Thomas <i>Anderson</i> (1471) (DS)	473.250 / 42°	1930
Edson	Edson	Variante de <i>Edeson</i> . <i>Ead/Edd</i> + <i>-son</i> (DS)	William <i>Eddesone</i> (1314); Geoffrey <i>Edessone</i> (1328); William <i>Edison</i> (1394) (DS)	431.543 / 55°	Antes de 1930

¹² A abreviatura ‘DS’ indica que o dicionário *Dictionary of surnames* (REANEY; WILLSON, 2006) foi a fonte da informação.

¹³ A abreviatura ‘DE’ indica que o dicionário etimológico *An etymological dictionary of family and Christian names* (ARTHUR, 1857) foi a fonte da informação.

Emerson	Emerson	<i>Emar</i> (de <i>Ethelmar</i>) + -son (DE) <i>Emery</i> + -son (DS)	William <i>Emeryson</i> (1411); Cuthbert <i>Emerson</i> (1498) (DS)	177.935/ 176°	Antes de 1930
Erickson ~ Herycksson	Erickson	<i>Erick</i> + -son (SDB) ¹⁴	Lawrence <i>Erickson</i> (1613); John <i>Ericsson</i> (1803-1889) (SDB)	4.818 / 2.814°	1960
Harrison	Harrison	<i>Henry</i> + -son (DS)	Henry <i>Hennerissone</i> (1354); Robert <i>Harriesone</i> (1355); John <i>Herryson</i> (1372); William <i>Henryson</i> (1376); John <i>Herryson</i> , <i>Harryson</i> (1445) (DS)	438 / 14.871°	1970
Hudson ~ Rudson	Hudson	<i>Hudd</i> + -son (DS); <i>Hod/Roger</i> + -son (DE)	John <i>Hudson</i> , <i>Hutson</i> (1323) (DS)	23.087/ 937°	Antes de 1930
Jackson ~ Jacson	Jackson ~ Jakson ~ Jacson	<i>Jack</i> (forma afetiva de <i>John</i>) + -son (DE)	Adam <i>Jackessone</i> (1327); Adam <i>Jakson</i> (1353); John <i>Jakeson</i> (1438) (DS)	58.806 / 474°	Antes de 1930
Jefferson	Jefferson	Geoffrey + -son (DS)	Robert <i>Geffreysone</i> (1344); Alice <i>Geffrason</i> (1488); John <i>Jeffrason</i> (1528)	253.819 / 114°	Antes de 1930
Madson	Madison	<i>Matt</i> (corruptela de <i>Mathew</i> ou <i>Matilda</i>) + -son (DE) Variante de <i>Mathieson</i> (<i>Matthew</i> + -son); ou <i>Maddy</i> (forma afetiva de <i>Maud</i>) + -son (DS)	Thomas <i>Madyson</i> (1425); William <i>Maddison</i> (1430); Lancelot <i>Madyson</i> (1532) (DS)	9.168/ 1.791°	1940

¹⁴ A sigla SDB indica que o site *Surname Database* foi a fonte da informação.

Nelson	Nelson	<i>Nell</i> + -son (DS) Variante de <i>Neilson</i> , podendo ser <i>Nell</i> ou <i>Neil</i> + -son (DE)	Robert <i>Nelleson</i> (1324) (DS)	200.581 / 158°	Antes de 1930
Neilson	Neilson	Variante de <i>Nelson</i> , podendo ser <i>Nell</i> ou <i>Neil</i> + -son (DE) <i>Neil</i> + -son (DS)	John <i>Neylson</i> (1510); John <i>Nilsoune</i> (1654) (DS)	5.714 / 2.477°	1940
Nilson	Nilson	Variante de <i>Neilson</i> , logo advém de <i>Neil</i> + -son (DS)	John <i>Neylson</i> (1510); John <i>Nilsoune</i> (1654) (DS)	101.796 / 303°	Antes de 1930
Robson	Robson	<i>Rob</i> (usado tanto como quanto como corruptela de <i>Robert</i>) + -son (DS)	Richard <i>Robson</i> (1379) (DS)	236.282 / 125°	Antes de 1930

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Podemos considerar que esse conjunto de nomes, formados, em geral, na língua inglesa, entre os séculos XIII e XVII, já devem ser considerados como empréstimos no português brasileiro, sobretudo se considerarmos a frequência de uso no Brasil e as datas de primeiros registros, sendo que a maioria se situa por volta da década de 1930, destoando desse conjunto apenas *Abson* e *Harrison*,¹⁵ ambos com primeiro registro na década de 1970.

Sobre o uso desses nomes no Brasil, destacamos que, em sua maioria, são utilizados como nomes de homens. No entanto, *Adison*,¹⁶ *Alisson*¹⁷ e

¹⁵ Acreditamos que a difusão do nome *Harrison* a partir da década de 1970, possa estar relacionada ao sucesso do ator norte-americano *Harrison Ford* que nessa década incorporou o personagem *Han Solo* na série de filmes *Star Wars*.

¹⁶ Exemplos do uso de *Alison* como nome unissex na antroponímia de origem inglesa são a personagem *Addison Montgomery*, interpretada pela atriz Kate Walsh nas séries *Grey's Anatomy* e *Private Practice*, e o cientista da NASA *Addison Bain*.

¹⁷ Exemplos do uso de *Alison* como nome unissex na antroponímia de origem inglesa são o roteirista de cinema estadunidense *Allison Burnett* e a atriz e cantora também estadunidense *Alison Sudol*.

*Madson*¹⁸ (e suas variantes) podem ser encontrados no Brasil, com menor frequência, como registros de pessoas do sexo feminino, fato que também ocorre no inglês.

Do ponto de vista da construção morfológica, demonstraremos que esses nomes, tomados de empréstimo, foram apropriados pelo português brasileiro como modelos para a depreensão de padrões/esquemas que permitiram (e ainda permitem) criar novos nomes (neologismos antroponímicos) com base em processos concatenativos, tomando de empréstimos o sufixo *-son*, e não concatenativos,¹⁹ fazendo recortes sobre os empréstimos para gerar novos formativos, chamados de *splinters*.

4.2 Novas formações *X-son* da antroponímia brasileira

Verificamos, a partir dos nossos dados e dos dicionários consultados, que os nomes formados no inglês possuem uma estrutura mórfica com dois formativos (nome + sufixo *-son*). Os nomes neológicos no português parecem seguir padrão similar, isto é, o sufixo *-son* é incorporado na margem direita do nome, tendo como base um conjunto de fonemas que articulados se estruturam como uma base nominal (*Jad-*, *Jed-*, *Nad-* etc.), em alguns casos a base é realmente uma forma livre na língua (*Gil*) ou uma forma presa recorrente em antropônimos (*Deiv-*, *Gleid-*, *Mart-* etc.). Observemos o conjunto de prenomes dispostos na Tabela 2, a seguir:

¹⁸ Exemplos do uso de *Madison* como nome unissex na antroponímia de origem inglesa são a atriz estadunidense *Madison de la Garza*, irmã da cantora e atriz Demi Lovato, e o jogador de rugby também estadunidense *Madison Hughes*.

¹⁹ Os processos concatenativos são aqueles que se utilizam de elementos de reconhecida natureza morfêmica na língua, já os não concatenativos criam palavras ou formativos a partir de pedaços de palavras que não se reconhecem como morfemas.

TABELA 2 – Brasileirismos [[X] -son]

Nomes	Étimo	Formação	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiro registro
ACKSON	Brasileirismo	Ack + son	167/ 29.529°	1990
AGENSON	Brasileirismo	Agen + son	-	-
ALECSO	Brasileirismo	Alec + son	192 / 26.853°	1970
ALESSON	Brasileirismo	Ale + son	2.449 / 4.480°	1970
DEIVISON ~ DEYVSON	Brasileirismo	Dei(y)vi + son	17.299 / 1.144° 744 / 10.233°	1950 1970
FRENISSON	Brasileirismo	Freni + son	-	-
ERISSON	Brasileirismo	Eri + son	2.581 / 4.310°	1950
EVISSON	Brasileirismo	Evi + son	85/47.124°	1990
GEDSON	Brasileirismo	Ged + son	1.822/5.463°	1950
GILSON ²⁰	Brasileirismo	Gil + son	144.757/210°	Antes de 1930
GLEDSON	Brasileirismo	Gled + son	8.273/1920°	1950
GLEISSON	Brasileirismo	Glei + son	22.022/977°	1950
GLEYDSON	Brasileirismo	Gleyd + son	2.454/4.472°	1960
INGRISSON	Brasileirismo	Ingri + son	41/78.117°	1990
IVISSON	Brasileirismo	Ivi + son	2.050/5.045°	1950
JADSON	Brasileirismo	Jad + son	28.147/840°	1940
JANDESSON	Brasileirismo	Jande + son	125/ 36.063°	1980
JILDSON	Brasileirismo	Jild + son	48/70.377°	-
MARTSON	Brasileirismo	Mart + son	20/130.043°	-
NADSON	Brasileirismo	Nad + son	7.305/2.097°	1950
NAISSON	Brasileirismo	Nai + son	89/45.798°	1990
RADSON	Brasileirismo	Rad + son	641/ 11.392°	1970

²⁰ O nome *Gilson* apresentou-se para nós como um problema de análise, uma vez que é possível encontrar na origem inglesa a forma *Gilson*, proveniente de *Gilles* > *Gilleson* (*escocês*). Contudo, o fone inicial no caso do inglês/escocês será [g], enquanto o nome no Brasil se realiza com [ʒ]. A pergunta que nos cabe é terá o nome sido tomado através da modalidade escrita e daí surgiria a alteração no caráter fônico do nome? Ou será de fato *Gilson* uma formação a partir dos elementos *Gil-* e *-son*, combinados numa estrutura biformativa?

TALISSON ~ THALYSSON	Brasileirismo	Tali + son	11.057 / 1.571° 612 / 11.796°	1970 1980
WADSON	Brasileirismo	Wad + son	3.620/3.401°	1950
WALISSON	Brasileirismo	Wali + son	14.559 / 1.280°	1960
WALESSON	Brasileirismo	Wale + son	351/ 17.495°	1980
WANDESSON	Brasileirismo	Wande + son	309/ 19.183°	1980
WELBSON	Brasileirismo	Welb + son	73/52.737°	1990
WELISON	Brasileirismo	Weli+ son	8.646/1.858°	1960

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Foram levantadas 32 ocorrências de novas construções com o formativo *-son* no português brasileiro (PB). Diferentemente dos nomes tomados de empréstimos, que revelaram a possibilidade de também serem empregados como nomes femininos, os nomes formados no nosso sistema antroponímico revelaram-se basicamente aplicáveis a indivíduos do sexo masculinos, confirmando a nossa teoria de que há um esquema construcional para essas instanciações na organização do nosso léxico onomástico pessoal:

$$[[X\text{-son}]_{\text{NP}} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa do gênero masculino associado a formativo antroponímico X}]_{\text{NP}}$$

Assim, para formar novos nomes de pessoas no Brasil, o falante tem a sua disposição a possibilidade de combinar o sufixo *-son* a um conjunto de fonemas que configurem uma base nominal (mantendo o modelo da construção biformativo mais próximo do original: nomes + suf. *-son*). Por sua vez, a contraparte semântica garantirá que se trata de um nome de pessoa e que esse nome leva, segundo nossos dados, a marca de gênero masculino. Não excluimos, contudo, a possibilidade de que uma ampliação do *corpus* nos permita encontrar novas formações de nomes femininos, tendo como modelos empréstimos como *Adison, Alison, Madison*.

Sobre a datação desses registros, é interessante observarmos que a grande maioria surge após a década de 1950, destacando-se desse grupo apenas *Gilson* (antes de 1930, cf. nota 22) e *Jadson* (1940). Isso significa que o esquema construcional *X-son*, passa, segundo os dados aqui analisados,²¹ a ficar mais produtivo no português brasileiro em meados do século passado.

²¹ A ampliação do *corpus* será fundamental para reflexão acerca das questões de datação.

4.3 As formações de *splinters* com base nos nomes *X-son*

O sentido mais geral do substantivo *splinter* em inglês pode ser descrito como ‘peças/lascas de um material que foi quebrado em pedaços grandes’. Aplicação do termo à morfologia vem claramente de uma extensão de sentido de natureza metafórica, uma vez que palavras são entendidas como materiais que podem ser quebrados. Assim, *splinter* designa o fenômeno que consiste em tomar partes de palavras (não identificadas como morfemas), para, a partir delas, formar outras palavras. Nas palavras de Lehrer (1998), *splinter* é um pedaço, não necessariamente morfêmico, tomado de uma forma modelo, que aparece em novas construções lexicais, como por exemplos: *-gate* (*Watergate*, *irangate* etc.) e *-thon* (*marathon*, *bikathon* etc.).

Gonçalves (2016b, p. 85-92) trata os *splinters* como novos formativos que surgem na língua, categorizando-os, com base em Szymanek (2005), como afixos que, por si sós, se estabelecem nas línguas, pois os falantes começam a percebê-los como tal, a partir de um grupo de palavras existentes (nativas ou estrangeiras).

No léxico comum, há uma série de exemplos desse fenômeno e Gonçalves (2016b) os divide em dois grupos: os não nativos (xenoconstituintes), como *cyber-* (*de cybernetics > ciberataque, ciber café...*); *wiki-* (*de Wikipédia > wikinovela, wikimapia...*); *-tube* (*de youtube > pronótube, brasileirãotube...*); *-búrguer* (*de hamburger > X-búrguer, franbúrguer...*) etc., e os nativos, como *-drasta* (*de madrasta > sogradrasta, tiadrasta...*) *-trocínio* (*de patrocínio > paitrocínio, autotrocínio...*); *caipi-* (*de caipirinha > caipirosca, caipifruta...*); *info-* (*de informática > infopeças, infoprofessor...*) etc. Por esses exemplos, podemos perceber que o ‘pedaço quebrado’ da palavra para se tornar um novo formativo não corresponde a um elemento morfêmico da língua, no entanto, ao assumirem o papel de formativo, passam a compor esquemas construcionais em que se torna previsível tanto o seu comportamento formal quanto semântico. Vejamos, por exemplo, o esquema construcional para as formas em *-nejo*, analisadas por Oliveira (2017), (*de sertanejo > pagonejo, funknejo, forronejo, lambanejo* etc):

[[X-nejo]_s ↔ [gênero musical sertanejo relacionado ao gênero musical X]]_s

Em relação a esse tipo de esquema, ressaltamos que as formas que ocupam a posição em X podem se tratar de formas livres na língua,

como *forró* e *funk*, mas também podem ser truncamentos (reduções) de formas livres como *pago-* (de *pagode*) e *lamba-* (de *lambada*).

A formação de *splinters* é, portanto, um fenômeno recorrente no léxico comum da língua portuguesa e não há motivos para que imaginemos que ele não possa ocorrer também no léxico onomástico.

Em se tratando das instanciações *X-son*, observamos que, no conjunto dos nomes tomados de empréstimo, há nomes que permitiram que os falantes fizessem recortes/quebras não morfêmicas, dando origem a *splinters* (novos formativos) antroponímicos. Trataremos deles a seguir.

4.3.1 As formações *X-elson* e *X-ilson* no PB

Dos nomes tomados de empréstimo dos sobrenomes do inglês, destacam-se, no Brasil, com grande frequência e antiguidade (antes de 1930), os prenomes *Nelson* e *Nilson* (cf. Tabela 1).

Como vimos acerca dos nomes comuns, o *splinter* pode ser destacado a partir de uma única palavra, por exemplo *pirigüete* deu origem a uma série de formações em português com o elemento *-guete* (*vovóguete*, *coroguete*, *amiguete* etc.); ressaltamos que o fator frequência de uso do nome/modelo terá grande relevância nesse processo.

No caso dos prenomes criados no Brasil, os modelos *Nelson*, *Nilson* e *Neilson* (este aparece em 1940 e é bem menos frequente) parecem ter servido como fomentadores para a geração dos *splinters -elson* e *-ilson*, bastante recorrentes entre os nomes inovadores, como demonstra a tabela a seguir:

TABELA 3 – Brasileirismos pelos *splinters X-elson* e *X-ilson*

Nomes	Étimo	Formação	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiro registro
ADELSON	Brasileirismo	Ad + elson	30.498/793°	Antes de 1930
ADEMILSON	Brasileirismo	Adem + ilson	21.675/988°	1930
ADILSON	Brasileirismo	Ad + ilson	155.430/200°	Antes de 1930
ALAILSON	Brasileirismo	Ala + ilson	2.391/4.550°	1950
AMAILSON	Brasileirismo	Ama + ilson	236/23.206°	1970
DEILSON	Brasileirismo	De + ilson	3.479/3.495°	1940
DENILSON	Brasileirismo	Den + ilson	74.473/395°	1930
DIELSON	Brasileirismo	Di + elson	2.704/4.174°	1940

DUILSON	Brasileirismo	Du + ilson	55/63.598°	-
EDIELSON	Brasileirismo	Edi + elson	6.546/2.243°	1940
EDIMILSON	Brasileirismo	Edim + ilson	46.382/572°	Antes de 1930
ELIELSON	Brasileirismo	Elil + elson	14.175/1.313°	1940
GENILSON	Brasileirismo	Gen + ilson	32.977/747°	1930
GIDAELSON	Brasileirismo	Gida + elson	-	-
JOELSON	Brasileirismo	Jo + elson	37.977/666°	1930
JOILSON	Brasileirismo	Jo + ilson	21.080/1.003°	1930
NAILSON	Brasileirismo	Na + ilson	8.063/1.952°	1940
NATAILSON	Brasileirismo	Nata + ilson	112/39.048°	1980
NERILSON	Brasileirismo	Ner + ilson	220/24.414°	1960
RENILSON	Brasileirismo	Ren + ilson	11.297/1.543°	1940
RONIELSON	Brasileirismo	Roni + elson	1.982/5.165°	1970
RONILSON	Brasileirismo	Roni + ilson	15.598/1.225°	1940

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Só nesse nosso *corpus*, bastante limitado quanto ao número de prenomes, encontramos 22 ocorrências de registros em que se apresentam os novos formativos, sendo 7 delas *X-elson* e 15 *X-ilson*.

Figuram nessa tabela nomes que mantêm a organização formal dos nomes, ou seja, temos um conjunto fonológico que desempenha o papel da base e um segundo formativo, que desempenha o papel de afixo.²² Sobre os elementos da margem esquerda, que fazem o papel de base, se é que para nomes próprios esse termo se aplica, percebemos a presença de formas livres (ainda que hipocorísticas) como *Jo* e *Roni*, mas também a presença de formativos que são recorrentes em nomes próprios, sempre ocupando a margem esquerda, como *Ad(i)-*, *Den(i)-*, *Ed(i)-* etc.

Novamente, como ocorreu com os nomes em *X-son*, é o gênero masculino que prevalece, não havendo entre esses dados nenhum prenome também empregado para indivíduos do sexo feminino. Desse modo, o esquema construcional para esses nomes é bastante semelhante ao anterior referente aos prenomes *X-son*, a alteração se dará basicamente na forma do afixo:

²² Sobre os novos formativos desempenharem um papel de afixo, de caráter sufixal, há que se considerar que eles se comportarem como a cabeça lexical da palavra, pois carregam informações de natureza categorial: nome próprio e gênero masculino.

[[X-e/ilson]_{NP} ↔ [nome de pessoa do gênero masculino]]_{NP}

Ressaltamos que a escolha por não estabelecer dois esquemas distintos, um para *X-elson* e outro para *X-ilson*, está relacionada à observação de que *e/i* comumente compõem formativos em que promovem oposição de natureza alomórfica, além disso, não há diferença no comportamento distribucional, nem semântico entre os *splinters*.

Um último aspecto a se destacar é que, diferentemente das construções *X-son* e *X-erson/X-irson*, de que iremos tratar a seguir, os *splinters* acima descritos carregam a tonicidade do vocábulo.²³

É, ainda, importante observar que cinco desses nomes têm seu primeiro registro na década de 1930 e três antes de 1930, o que nos levanta um dado relevante acerca do surgimento da neologia antroponímica no Brasil, demonstrando, por exemplo, que os nomes formados com esses *splinters* têm uma produtividade mais antiga na neologia brasileira que os nomes com o formativo *X-son*.

4.3.2 As formações *X-erson* no PB

Dos nomes tomados de empréstimo do inglês destacam-se, nesse caso, *Anderson*, *Emerson* e *Jeferson*, bastante difundidos no território nacional, desde antes da década de 1930, estando entre os 200 nomes mais populares, com destaque especial para *Anderson* que ocupa a 42ª posição em termos de popularidade no quadro geral de nomes no Brasil, incluindo nomes femininos e masculinos.

Esses nomes constituem-se, pois, modelos ideais para a formação do *splinter* antroponímico *-erson*, no português brasileiro. Esse formativo, segundo nossos dados, parece surgir por volta da década de 1940,²⁴ conforme observamos da Tabela 4 a seguir:

²³ Essa afirmativa está relacionada ao nosso conhecimento acerca da antroponímia brasileira, visto que o IBGE não fornece dados quanto à pronúncia dos nomes.

²⁴ A ampliação do *corpus* poderá confirmar ou recuar essa datação.

TABELA 4 – Brasileirismos pelos *splinters* X-erson e X-irson

Nomes	Étimo	Formação	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiro registro
CLEVERSON ~ KLEVERSON	Brasileirismo	Clev + erson	19.073/1.074° ~ 1.709/5.722°	1940 ~1960
DEIVERSON	Brasileirismo	Deiv + erson	1.192/7.332°	1970
DEMERSON	Brasileirismo	Dem+ erson	1.567/6.070°	1960
DEVERSON	Brasileirismo	Dev + erson	744/10.256°	1970
DJANDERSON	Brasileirismo	Djand + erson	-	-
ENDERSON	Brasileirismo	End + erson	4.570/2.918°	1950
ESTEFERSON	Brasileirismo	Estef + erson	454/14.496°	1970
JAMERSON	Brasileirismo	Jam + -erson	8.794 / 1.839°	1940
JEANDERSON	Brasileirismo	Jeand + erson	4.190/3.079°	1970
JENERSON	Brasileirismo	Jen + erson	244/22.716°	1980
UEVERSON	Brasileirismo	Uev + erson	460/14.346°	1970
VANDERSON ~ WANDERSON	Brasileirismo	Vand + erson	32.539/759° ~ 76.026/386°	1940 ~ 1940
WEBERSON	Brasileirismo	Web + erson	2.893/3.993°	1960
WILKERSON	Brasileirismo	Wilk + erson	412/15.531°	1970
WIVIRSON	Brasileirismo	Wiv + irson	-	-

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Foram encontrados 16 registros com instanciações do esquema *X-erson* e uma instanciação com a variante *-irson*. Como já discutimos acerca das variantes *-elson/-ilson*, não nos parece que o falante crie um novo esquema construcional, mas que apenas faça incidir sobre o esquema uma variação fônica bastante comum no Brasil, sobretudo em contextos pretônicos. Embora, o prenome *Wivirson* ainda não se encontre difundido pelo Brasil segundo os dados do IBGE, isso não significa que não tenhamos registros de outros nomes com *-irson*, pois pudemos encontrar na plataforma *Nomes no Brasil*, por exemplo: *Alirson* (64, desde 1990), *Ivirson* (58 registros, desde 1990), *Elirson* (29 registros), *Leirson* (132, desde 1980), sendo, ao que nos parece, essa a variante mais recente dentre os formativos advindos dos nomes em *X-son*.

Novamente, em nossa análise, acreditamos que prevalece a estruturação biformativa, isto é, o *splinter* é posicionado à margem direita do prenome, enquanto, a margem esquerda será ocupada por uma combinação de fonemas que são formas livres na antroponímia brasileira, como *Jam* (195 registros, variante de *Jan* 2.503 registros) ou que são formas presas recorrentes em outras formações antroponímicas, como *Deiv- Estef- Vand-* etc.

É o gênero masculino que prevalece assim como ocorreu com os nomes em *X-son* e nos nomes *X-e/ilson*, não havendo entre esses dados, conforme se verificou no site *Nomes no Brasil*, nenhum prenome também empregado para pessoas do sexo feminino.

O esquema construcional para esses nomes será semelhante aos anteriores e novamente a alteração se prestará a incidir sobre o aspecto formal do afixo:

$$[[X-i/erson]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa do gênero masculino associado a formativo antroponímico X}]_{NP}]$$

Embora o site do IBGE não forneça informação acerca da pronúncia dos nomes, nosso conhecimento acerca da antroponímia e do sistema fonológico do português nos permite afirmar, com algum grau de certeza, que a tonicidade dos 17 prenomes listados na tabela recai sobre a antepenúltima sílaba, tratando-se, portanto, de nomes proparoxítonos. Também parece ser o caso em *Alirson, Ivirson e Elirson* (encontrado nos dados do IBGE). Apenas no caso de *Leirson* parece ser possível aventar a possibilidade de que a tonicidade recaia sobre a penúltima sílaba [le' ihsõ] ou sobre a antepenúltima [ˈleihsõ]. Assim, é mais provável assumirmos que os *splinters X-erson/X-irson* não carregam a tonicidade do vocábulo, gerando um grupo de prenomes proparoxítonos em português. Esse fenômeno certamente gera um certo grau de estranhamento, uma vez que essa tonicidade sofre, com alguma frequência, processo de redução, na norma popular (*véspera* > *vespra*, *abóbora* > *abobra* etc), norma na qual os prenomes aqui estudados certamente foram criados.

4.3.3 Outras formações derivadas do esquema *X-son* na antroponímia brasileira

Para além das formações antes apresentadas, destacamos 7 ocorrências em que o processo de construção parece não ser tão

regular, ou ao menos, não tão explícito quanto à manutenção do caráter biformativo dos antropônimos neológicos no Brasil. Se formos proceder a segmentação de *Adinailson*, por exemplo, em formativos recorrentes em nomes próprios inovadores brasileiros teríamos *Adi-* + *-na-* + *-ilson*, contudo, temos forte convicção acerca da hipótese de que os nomes criativos são gerados com base na combinação de dois temas, dois nomes ou dois formativos, sendo, portanto, preferencialmente, uma estrutura binária. Desse modo, propomos que a análise dos nomes da Tabela 5 mantenha essa lógica, considerando que, serão adicionados, à margem esquerda, formativos antroponímicos recorrentes no nosso sistema a nomes já construídos anteriormente por processos biformativos. Vejamos o que propusemos:

TABELA 5 – Brasileirismos em –son por outros esquemas formativos

Nomes	Étimo	Formação	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiro registro
ADINAILSON	Brasileirismo	Adi+ nailson (na+ ilson)	138/33.699°	1970
DIOANDSON	Brasileirismo	Dio+ andson (and + son)	-	-
EDJAMILSON	Brasileirismo	Ed+ jamilson (jam + ilson)	-	-
ELIANDSON	Brasileirismo	Eli+ andson (and + son)	29/ 98.692°	.. ²⁵
GILMEIKSON	Brasileirismo	Gil + meikson (meik + son)	-	-
JOADISSON ²⁶	Brasileirismo	Jo + adison (adi+ son)	1.673 / 5.809°	1970
JOEDSON	Brasileirismo	Jo + edson (ed + son)	4.595/2.909°	1950

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Nossa hipótese pode ser reforçada pelo argumento de que é possível encontrar nos dados do IBGE todos os segundos formativos como formas livre, ou seja, prenomes com registros no Brasil: *Nailson*, 8.063; *Andson*, 1.265; *Meikson*, 47; *Jamilson*, 5.261, *Adisson*, 562 e *Edson* 431.543. Por sua vez, os formativos da margem esquerda também

²⁵ Não há informações quanto aos registros durante as décadas, pois o IBGE, para nomes com baixo número de registros, não fornece gráficos e informações referentes à distribuição desses pelas unidades federativas do Brasil.

²⁶ Nos dados do IBGE, só se registra a variante Joadson (sem a grafia do i epentético)..

são elementos de grande recorrência na onomástica pessoal brasileira: *Adi-, Dio-, Ed-, Eli-, Gil-, Jo-*.

Desse modo, fica evidente que não há falta de sistematicidade na formação de antropônimos neológicos, pelo contrário, parece haver um conjunto de esquemas bem estruturados que se organizam em torno de um padrão geral que é o uso de dois formativos que estejam disponíveis no sistema lexical antroponímico.

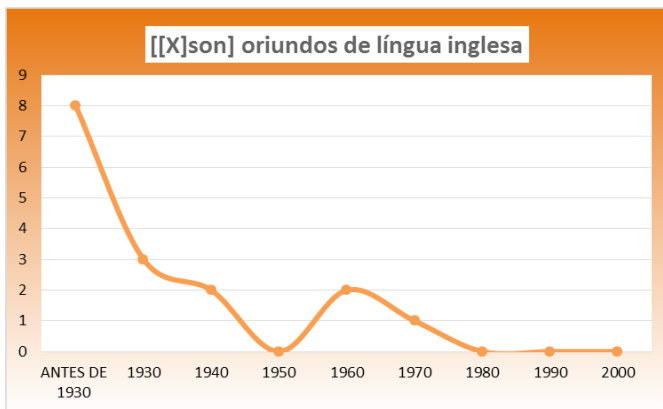
Nesse caso, em vez de se tomar um formativo de caráter sufixal como o *-son* ou um *splinter* de margem direita como *-e/ilson* ou *-i/erson*, o falante toma um nome já construído com um desses elementos e acrescenta, na margem esquerda, um outro formativo antroponímico, mantendo o padrão biformativo, como dito anteriormente.

Trata-se de um processo menos regular do que os anteriores e esse fato parece ser ratificado pela falta de grande recorrência desses nomes no Brasil, segundo os dados do IBGE, destacando-se desse grupo os prenomes *Joadisson* e *Joedon* que parecem refletir de forma mais evidente o caráter composicional desses nomes.

5. As construções *X-son* na antroponímia brasileira: observações em tempo real

Nesta seção, comentaremos os dados analisados neste trabalho, com o intuito de entendermos o processo diacrônico de adoção e implementação das construções derivadas de *X-son* no léxico antroponímico brasileiro. Para isso, utilizaremos as classificações feitas na seção 4 e as esquematizaremos em gráficos e tabelas. Começamos, então, pelos dezesseis nomes advindos de patronímicos da língua inglesa, apresentados no Gráfico 1.

GRÁFICO 1 – [[X]son] oriundos de língua inglesa



Fonte: Elaboração dos próprios autores

O Gráfico 1 mostra que, antes de 1930, oito dos dezesseis nomes já figuravam entre os prenomes de brasileiros. São eles: *Edson*, *Emerson*, *Hudson*, *Jackson*, *Jefferson*, *Nelson*, *Nilson* e *Robson*. Com base nos dados do IBGE, o nome *Emerson*, por exemplo, é verificado em 56 pessoas, nascidas antes de 1930. Com o passar das décadas, considerando-se o aumento populacional, é na passagem da década de 1960 (registro de 2.862 pessoas) para a década de 1970 (registro de 44.890 pessoas) que acontece a maior variação percentual da frequência do nome *Emerson*. Na década de 1990, o nome atinge o seu ápice, com o registro de 50.072 pessoas.

Em se tratando dos *X-son* advindos diretamente da língua inglesa, a partir da década de 1930, o gráfico aponta um declínio na quantidade de elementos importados. Na década de 1930, verificam-se, pela primeira vez, 3 dos 16 nomes encontrados no *corpus*; na década de 1940, 2; na década de 1950, nenhum, na década de 1960, 1; na década de 1970, 2. A partir da década de 1980, não se verificou nenhum nome sendo registrado pela primeira vez. Na Tabela 6, a seguir, fazemos uma esquematização com todos esses nomes, considerando a frequência no período de surgimento, o momento em que os nomes aumentam potencialmente de frequência e a década de ápice.

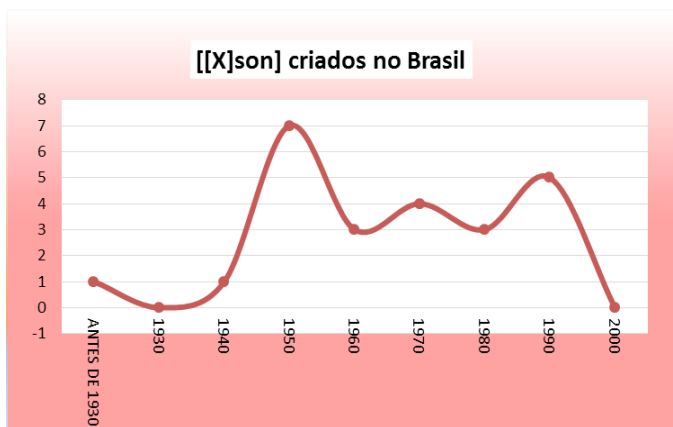
TABELA 6 – Anglicismos em *-son*: questões de frequência

Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
Antes de 1930	Edson	908	Antes de 1930 (908) > 1930 (5.012)	1970 (111.469)
	Emerson	56	1960 (2.852) > 1970 (44.890)	1990 (50.072)
	Hudson	23	1950 (384) > 1960 (1.503)	1990 (7.366)
	Jackson	37	1960 (2.426) > 1970 (7.145)	1990 (20.855)
	Jefferson	21	1950 (451) > 1960 (1.995)	1990 (22.016)
	Nelson	4.024	Antes de 1930 (4.024) > 1930 (15.412)	1950 (45.405)
	Nilson	403	Antes de 1930 (403) > 1930 (2.090)	1970 (27.385)
1930	Robson	55	1940 (489) > 1950 (4.445)	1980 (85.165)
	Adson	30	1930 (30) > 1940 (109)	1990 (3.327)
	Alisson	20	1960 (283) > 1970 (4.191)	1990 (41.453)
1940	Anderson	63	1960 (7.146) > 1970 (75.569)	1980 (180.330)
	Madson	22	1960 (204) > 1970 (834)	1990 (3.334)
1960	Neilson	35	1950 (166) > 1960 (578)	1980 (1.675)
	Erickson	46	1960 (46) > 1970 (189)	1990 (735)
1970	Harrison	52	1960 (52) > 1970 (163)	1990 (539)
	Abson	27	1970 (27) > 1980 (66)	1980 (66)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

O Gráfico 2 apresenta as tendências dos brasileirismos formados com o formativo *-son*, aqueles que não são formados pelos *splinters -e/(i)lson* e *-e/(i)rson*. Considerados 24 nomes nesse grupo, é na década de 1950 que aparecem mais criações de brasileiros, com sete nomes. Esses são: *Deivison*, *Erisson*, *Gledson*, *Gleison*, *Ivison*, *Nadson* e *Wadson*.

GRÁFICO 2 – [[X]son] criados no Brasil



Fonte: Elaboração dos próprios autores

A respeito do *Deivison*, que está nesse primeiro grupo de brasileirismos, podemos ver, com base nos dados do IBGE, que, na década de 1950, são registradas 24 pessoas com esse nome. É na passagem da década de 1960 para a de 1970 que se verifica a maior variação percentual, indo de 85 para 648 registrados. O ápice desse nome acontece na década de 1990, com 6.449 registros. A situação dos outros nomes desse grupo pode ser vista na Tabela 7, a seguir.

TABELA 7 – Brasileirismos em *-son*: questões de frequência

Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
Antes de 1930	Gilson	127	1930 (817) > 1940 (3.793)	1970 (40.780)
1940	Jadson	42	1950 (124) > 1960 (629)	1990 (10.533)
1950	Deivison	24	1960 (85) > 1970 (648)	1990 (6.449)
	Erisson	24	1960 (69) > 1970 (196)	1990 (1.037)
	Gledson	31	1960 (115) > 1970 (1.296)	1980 (3.215)
	Gleison	37	1960 (261) > 1970 (2.418)	1990 (8.256)
	Ivison	66	1970 (140) > 1980 (453)	2000 (651)
	Nadson	31	1970 (450) > 1980 (1.352)	2000 (3.027)
	Wadson	40	1950 (40) > 1960 (147)	1990 (1.171)

1960	Gleydson	23	1960 (23) > 1970 (257)	1980 (807)
	Walisson	37	1960 (37) > 1970 (344)	1990 (6.507)
	Welison	46	1960 (46) > 1970 (288)	1990 (3.710)
1970	Alecson	37	1970 (37) > 1980 (69)	1980 (69)
	Alesson	55	1970 (55) > 1980 (309)	1990 (1.254)
	Radson	69	1970 (69) > 1980 (146)	1990 (207)
	Talisson	30	1970 (30) > 1980 (370)	2000 (6.696)
1980	Jandesson	26	1980 (26) > 1990 (61)	1990 (61)
	Walesson	46	1980 (46) > 1990 (178)	1990 (178)
	Wandesson	40	1980 (40) > 1990 (129)	2000 (132)
1990	Ackson	91	1990 (91) > 2000 (43) ²⁷	1990 (91)
	Evisson	24	1990 (24) > 2000 (36)	2000 (36)
	Ingrisson	32	- ²⁸	1990 (32)
	Naiisson	36	1990 (36) > 2000 (39)	2000 (39)
	Welbson	35	- ²⁹	1990 (35)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

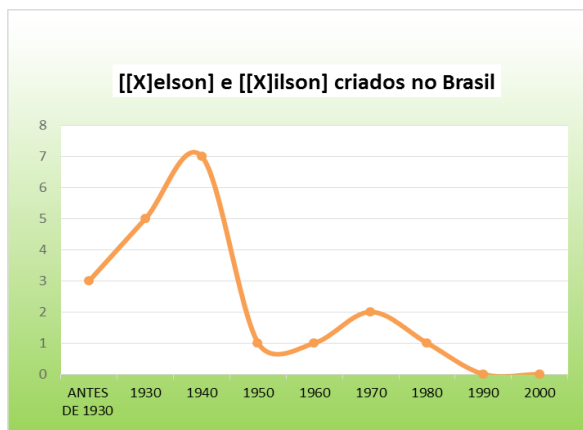
No Gráfico 3, selecionamos as criações brasileiras a partir dos splinters *X-elson* e *X-ilson*, tais como *Ronielson* e *Natailson*. Desse grupo com dezoito nomes, *Adelson*, *Adilson* e *Edimilson* são os únicos com registro significativo antes de 1930. É a década de 1940, com 7 nomes registrados pela primeira vez, a mais produtiva, diferentemente do que aconteceu no Gráfico 2, em que foi a década de 1950 que se destacou em relação a esse aspecto.

²⁷ Notemos que, nesse contexto, houve declínio na frequência.

²⁸ O IBGE só aponta registros significativos na década de 1990, sendo, portanto, o ápice do nome. Nesse sentido, não há como medir o período de tempo em que houve maior variação de quantidade.

²⁹ Ver nota 28.

GRÁFICO 3 – [[X]elson] e [[X]ilson] criados no Brasil



Fonte: Elaboração dos próprios autores

O Gráfico 3 aborda também nomes como *Denilson*. Esse nome aparece significativamente na década de 1930, com 40 registros. Na década de 1940, aparecem 183. Na de 1950, 587. É na passagem dessa última década para a de 1960 que há a maior variação percentual, pois sai de um número de 587 para 7.675 na década de 1960. O ápice desse nome acontece na década de 1990, com 21.018 registros. Observemos a Tabela 8, a seguir.

TABELA 8 – Brasileirismos em *-elson* e *-ilson*: questões de frequência

Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
Antes de 1930	Adelson	98	Antes de 1930 (98) > 1930 (456)	1980 (7.898)
	Adilson	49	Antes de 1930 (49) > 1930 (858)	1970 (50.215)
	Edimilson	51	1930 (51) > 1940 (290)	1970 (14.201)
1930	Ademilson	29	1930 (29) > 1940 (218)	1970 (7.437)
	Denilson	40	1950 (587) > 1960 (7.675)	1990 (21.018)
	Genilson	47	1930 (47) > 1940 (193)	1980 (10.627)
	Joelson	38	1930 (38) > 1940 (240)	1980 (11.577)

1940	Deilson	21	1940 (21) > 1950 (86)	1990 (926)
	Dielson	46	1940 (46) > 1950 (112)	1990 (862)
	Edielson	30	1950 (77) > 1960 (375)	1990 (1.890)
	Elielson	27	1950 (105) > 1960 (565)	1980 (4.579)
	Nailson	26	1940 (26) > 1950 (109)	1990 (2.878)
	Ronilson	58	1950 (160) > 1960 (931)	1990 (4.652)
1950	Alailson	36	1950 (36) > 1960 (124)	1990 (767)
1960	Nerilson	34	1990 (43) > 2000 (22)	1970 (53)
1970	Amailson	23	1990 (89) > 2000 (38)	1990 (89)
	Ronielson	86	1970 (86) > 1980 (354)	1990 (874)
1980	Natailson	27	1990 (48) > 2000 (24)	1990 (48)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

No Gráfico 4, abordamos as formações a partir dos splinters *X-erson* e *X-irson*, como *Cleverson*, *Jamerson* e *Wivirson*.³⁰ Ao todo, 13 nomes geraram informações no site do IBGE. Importa mencionar que, diferentemente do que aconteceu com os esquemas anteriores, as instanciações desse esquema só começam a aparecer na década de 1940, como podemos observar a seguir.

³⁰ Este nome não apresentou registro significativo no site do IBGE, mas, por considerarmos que ele é oriundo desse esquema morfológico, fizemos menção nesse momento.

GRÁFICO 4 – [[X]erson] e [[X]irson] criados no Brasil



Fonte: Elaboração dos próprios autores

A partir dos nossos dados, percebemos que é na década de 1970 que o *splinter X-erson* se torna mais produtivo, registrando-se, pela primeira vez, nomes como *Devererson*, *Esteferson*, *Jeanderson* e *Wilkerson*. Como podemos ver, na Tabela 9, a seguir, todos os nomes cunhados na década de 1970 têm seu ápice de frequência na década de 1990, época em que não se verificou, a partir dos dados, nenhum nome sendo cunhado por esse esquema.

TABELA 9 – Brasileirismos em *-elson* e *-ilson*: questões de frequência

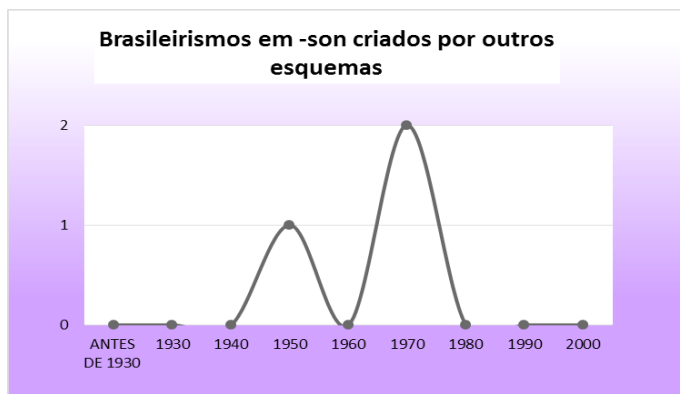
Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
1940	Cleverson	33	1960 (421) > 1970 (3.444)	1980 (7.032)
	Jamerson	22	1960 (193) > 1970 (792)	1990 (3.396)
	Wanderson	33	1960 (677) > 1970 (7.675)	1990 (30.041)
1950	Enderson	32	1960 (81) > 1970 (421)	2000 (1.923)
1960	Weberson	32	1990 (952) > 2000 (415)	1980 (1.067)
	Demerson	20	1990 (643) > 2000 (288)	1990 (643)

1970	Deiverson	57	1970 (57) > 1980 (339)	1990 (546)
	Deverson	62	1970 (66) > 1980 (222)	1990 (306)
	Esteferson	40	1970 (40) > 1980 (105)	1990 (207)
	Jeanderson	148	1970 (148) > 1980 (818)	1990 (1.803)
	Ueverson	36	1970 (36) > 1990 (92)	1990 (205)
	Wilkerson	70	1990 (161) > 2000 (68)	1990 (161)
	1980	Jenerson	45	1980 (45) > 1990 (124)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

O Gráfico 5 aborda formações que entendemos terem sido criadas a partir de outros esquemas que não os anteriores. Esses nomes podem ter sido criados por composição ou afixação de nomes que já se verificavam na antroponímia brasileira. Dos sete nomes que classificamos como ‘outros mecanismos de criação’, três geraram informações no site do IBGE: *Joedson*, *Adinailson* e *Joadisson*. O primeiro a ter registro é *Joedson*, na década de 1950. Na década de 1970, os outros dois aparecem significativamente pela primeira vez. Informações dessa natureza podem ser vistas tanto no Gráfico 5 como na Tabela 10, ambos a seguir.

GRÁFICO 5 – Brasileirismos em -son por outros esquemas



Fonte: Elaboração dos próprios autores

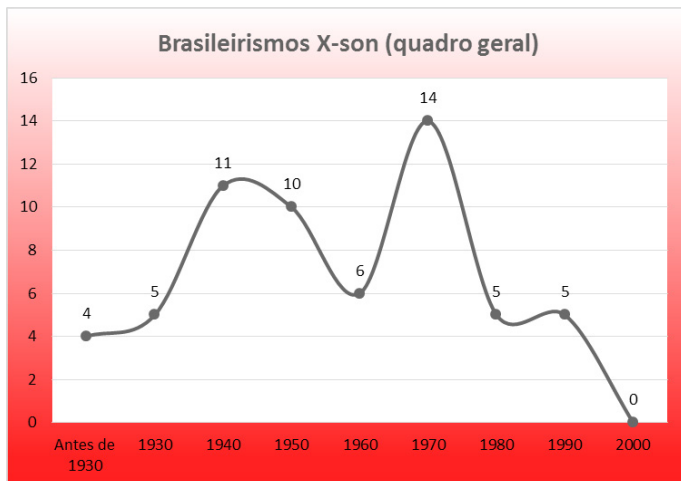
TABELA 10 – Brasileirismos em *-son* por outros esquemas: questões de frequência

Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
1950	Joedson	32	1960 (119) > 1970 (477)	1990 (1.585)
1970	Adinailson	24	1990 (49) > 2000 (24)	1990 (49)
	Joadisson (Joadson)	61	1970 (61) > 1980 (377)	1990 (629)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

Para o Gráfico 6, reunimos todos os dados de brasileirismos considerados nesta seção, sem levarmos em conta as diferentes configurações formativas consideradas, e observamos que, em termos de frequência, há dois fluxos de aumento da produtividade dos neologismos advindos dos modelos tomados de empréstimo no Brasil. O primeiro marco acontece na década de 1940 e o segundo na década de 1970, época mais criativa, por assim dizer. A década de 2000 não apresenta inventividade em nossos dados. Isso talvez se justifique pelo fato de se tratar de uma lista de aprovados em vestibulares de 2016 e 2017. Como a média de idade de conclusão do Ensino Médio por estudantes brasileiros é de 19 anos, podemos pensar que uma boa parte dos aprovados nasceram, pelo menos em 1997 e 1998 (ou antes disso), estando minimamente inscritos, portanto, na década de 1990, conforme o site do IBGE.

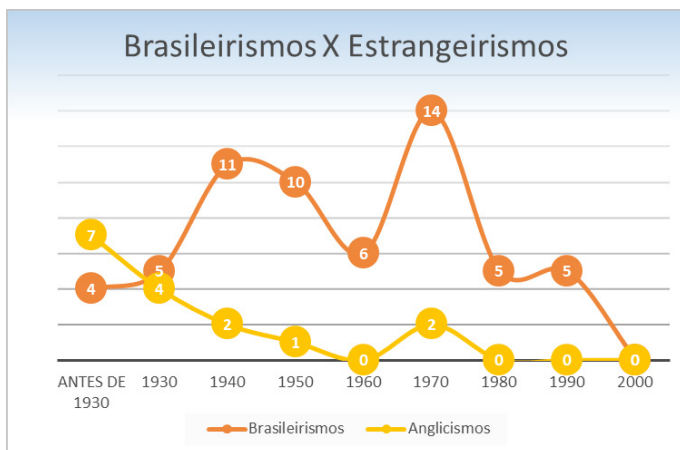
GRÁFICO 6 – Quadro geral de nomes brasileiros X-son



Fonte: Elaboração dos próprios autores

Por último, apresentamos o Gráfico 7, em que comparamos os brasileirismos e os nomes considerados como advindos da língua inglesa, com base nos nossos dados. Notamos que, antes da década de 1930, os nomes oriundos do inglês são mais frequentes que os brasileirismos. Na década de 1930, a diferença a favor dos brasileirismos ainda é pouca. É na década de 1940 que os brasileirismos começam a sobressair: há 11 brasileirismos contra 2 anglicismos. Na década de 1970, novamente, os brasileirismos se destacam mais, com 14 itens contra 2 anglicismos. A partir da década de 1980, não se registra mais importação de anglicismos, ao passo que novos nomes em *-son* continuam sendo criados no Brasil.

GRÁFICO 7 – Quadro comparativo de nomes brasileiros e nomes ingleses X-son



Fonte: Elaboração dos próprios autores

6 As construções X-son na antroponímia portuguesa: efeitos de comparação

Os estudos comparativos acerca da antroponímia de Portugal e do Brasil, tais como os feitos por Castro (2004, 2005), com base nas listas telefônicas das cidades de Lisboa, São Paulo e Rio de Janeiro, apontam que, em termos de frequência, as duas nações apresentam um *ranking* muito parecido de sobrenomes e de prenomes. Isso é dizer que os prenomes já difundidos na tradição antroponímica portuguesa continuam sendo os mais frequentes na antroponímia brasileira.

Ainda que reconheça a marcante criatividade dos brasileiros na atribuição de nomes, Castro (2004) destaca que esse fator não se revelou entre os dados mais recorrentes. Observa também que, tendo o léxico antroponímico brasileiro herdado os elementos da tradição lusitana, o contrário não se verifica de maneira maciça: raríssimos são os elementos característicos da antroponímia brasileira que conseguem penetrar na antroponímia portuguesa. Essas incorporações, em geral, se devem aos produtos tecnológicos e culturais, como as telenovelas, que o Brasil exporta para Portugal e não chegam a ressaltar a tal criatividade.

A fim de observarmos essa questão, colocamos na Tabela 11, os nomes *X-son* que figuram na *Lista de Nomes Admitidos e Não Admitidos em Portugal*. As outras informações constantes são: o *status* de admissão em Portugal, a frequência, a popularidade e o primeiro registro no Brasil, informações extraídas do site do IBGE.

TABELA 11 – Nomes em *-son* na Lista de nomes admitidos e não admitidos em Portugal

Nomes	Admitido em Portugal?	Frequência / popularidade no Brasil (IBGE)	Primeiro registro no Brasil
ADILSON	NÃO	155.430/200°	Antes de 1930
ALISON	NÃO	72.950/405°	1940
ÁLISON	SIM	72.950/405°	1940
ANDERSON	NÃO	473.250/42°	Antes de 1930
DELSON	NÃO	7.024/2.150°	Antes de 1930
DENILSON	NÃO	74.473/395°	1930
DILSON	NÃO	18.462/1.098	Antes de 1930
DOLSON	NÃO	-	-
EDILSON	NÃO	124.272/252°	Antes de 1930
EDISON	NÃO	34.927/715°	Antes de 1930
EDMILSON	NÃO	93.514/322°	Antes de 1930
EDSON	NÃO	431.543/55°	Antes de 1930
ÉLSON	SIM	33.252/740°	Antes de 1930
EMERSON	NÃO	177.935/176°	Antes de 1930
GERSON	SIM	86.856/338°	Antes de 1930
GILESSON	NÃO	-	-
GILSON	NÃO	144.757/210°	Antes de 1930
HÉDISON	NÃO	41/78.072°	-
ILSON	NÃO	14.078/1.321°	Antes de 1930

JAILSON	NÃO	75.353/389°	1930
JASSON	NÃO	1.039/8.095	1930
JEFERSON	NÃO	253.819/114°	Antes de 1930
JERSON	NÃO	17.667/1.127°	Antes de 1930
JILSON	NÃO	6.584/2.234°	1930
JOELSON	NÃO	37.977/666°	1930
KELSON	NÃO	4.840/2.804°	1950
LENILSON	NÃO	11.825/1.479°	1930
LENISON	NÃO	332/18.206°	1960
LIEDSON	NÃO	2.792/4.080°	1970
MISSON	NÃO	-	-
NELSON	SIM	200.581/158°	Antes de 1930
NÉLSON	SIM	200.581/158	Antes de 1930
NILSON	SIM	101.796/303°	1930
ROBINSON	NÃO	3.479/3.496°	1940
ROBSON	NÃO	236.282/125°	Antes de 1930
VÍLSON	SIM	43.319/605°	Antes de 1930
WILSON	SIM	188.800/169°	Antes de 1930

Fonte: Elaboração dos próprios autores

A Tabela 11 mostra que, dos 37 nomes que figuram na lista, 8 são admitidos em Portugal: *Álison*, *Élson*, *Gerson*, *Nelson*, *Nélson*, *Nilson*, *Vilson* e *Wilson*. Entre os 29 não admitidos, importa chamar atenção que, em alguns casos, são variantes gráficas não aceitas *Alison* e *Jerson*. Outro fato é que apenas *Dolson*, *Gillesson* e *Misson* não encontram frequência significativa no Brasil, conforme o site do IBGE. Dos nomes que o site gera informações, apenas a forma *Hédison* (variante gráfica de *Edson*) tem baixa popularidade, certamente pelo fato de haver uma forma consagrada. A recusa ao nome *Edson* e também a *Anderson*, *Edmilson*, *Emerson*, *Gilson*, *Jeferson*, *Joelson*, *Robson*, nomes facilmente encontráveis no Brasil, ratifica a tradicionalidade e o conservadorismo de Portugal. Esse

rigor, ao que parece, vai muito além das práticas de nomeação, estando bastante relacionado ao sentimento de língua (de língua pura, melhor dizendo) que a nação portuguesa tem, e que o Brasil apresenta com maior parcimônia.

7 Considerações finais

Acreditamos que o fenômeno neológico da antroponímia brasileira começa a se generalizar no segundo quartel do século XX. Essa crença se baseia no conhecimento de alguns dados importantes: 1) primeiro, o estudo de *corpora* datados anteriormente a esse momento não revela número significativo de nomes neológicos que nos leve a considerar a relevância do fenômeno nesses períodos; 2) segundo, ao verificarmos alguns nomes de caráter inovador na base de dados do IBGE, como os analisados neste estudo, constatamos que seu surgimento data, frequentemente, a partir da década de 1930.

As motivações para o incremento acentuado da neologia antroponímica ao longo do século XX ainda é um aspecto que demanda maiores investigações, mas aventamos que tenha forte relação com alguns aspectos socioculturais importantes. Em primeiro lugar consideramos que, após a abolição da escravatura, nasce uma massa populacional em busca de uma construção identitária particular, pois não se reconhece na matriz branca opressora que sempre a nomeou, – e que foi responsável pela expropriação de seus nomes originais, de sua cultura e de suas línguas. É assim que, motivados pela busca dessa nova identidade própria, esses brasileiros afrodescendentes vão procurar novas formas de nomeação que os desvinculem do seu passado de submissão à tradição branca cristã.³¹ No mesmo período, instituiu-se a obrigatoriedade do registro de nascimento, em janeiro de 1889, através do Decreto nº. 10.044, e a partir de então, todos os municípios do país deveriam estar dotados de pelo menos um ofício do registro civil, tirando a prerrogativa do batismo e de influência sobre a nomeação das mãos da igreja católica; isso, certamente, possibilitou ao cidadão uma maior liberdade para a escolha do nome com o qual registraria os seus descendentes. Contudo,

³¹ Fenômeno semelhante parece afetar a população afrodescendente norte-americana, como demonstram Lieberson e Mikelson, em seu *artigo Distinctive African American Names: An Experimental, Historical, and Linguistic Analysis of Innovation* (1995).

a difusão de nomes neológicos Brasil afora não poderá também estar desvinculada de fenômenos midiáticos com o surgimento e propagação do rádio entre as décadas de 1920-1950, do cinema entre as décadas de 1930 e 1960 e, depois, o surgimento e a disseminação das televisões nas décadas de 1950-1970.

Em relação aos nomes advindos do inglês, é preciso entender um pouco das relações entre Brasil e Estados Unidos no contexto sócio-histórico-cultural. Segundo Galdioli (2008, p. 76-117), embora o primeiro país latino a ter um diplomata norte-americano tenha sido o Brasil e, embora os Estados Unidos tenham sido os primeiros a reconhecerem a independência do Brasil, em 1824, o relacionamento entre os dois países, durante quase todo o século XIX, foi pouco significativo. Isso se deve não só ao alinhamento político brasileiro à Europa naquele período, mas também ao próprio isolacionismo estadunidense. Uma maior aproximação ocorreu com a Proclamação da República, em 1889, quando o Brasil passou a adotar uma postura de alinhamento à América, como uma alternativa para a inserção internacional do país a partir do próprio continente americano e uma forma de distanciar-se do Império e de tudo que ele representava. Mas é na década de 1930, que essas relações se tornarão mais estreitas, pois a Política da Boa Vizinhança, lançada no governo presidente Roosevelt (1933-1945), sinaliza uma reorientação da política externa norte-americana para a América Latina, tendo como objetivo a disseminação do *American way of life*, reconstruindo a imagem dos EUA, dando-lhes uma roupagem amistosa e usando a cultura³² como um instrumento do poder brando.

Então, certamente, é principalmente através da expansão cultural norte-americana, fortalecida nos anos 30, que os nomes com o formativo *X-son* nos foram apresentados e admirados a ponto de serem integrados ao nosso sistema antroponímico. No caso da influência cultural norte-americana no Brasil, destacam-se a produção musical, difundida pela indústria radiofônica em expansão no país desde a década de 1920, e a indústria cinematográfica.

Durante a década de 1930, a produção cinematográfica norte-americana consumou-se como uma produção industrial em larga escala e esse processo afetou a cultura brasileira de forma significativa.

³² Entendamos aqui *cultura* como propõe Sodré (1981, p. 3), “o conjunto de valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história”.

Segundo Bernardet (1979), a estruturação do mercado exibidor de cinema no país já havia acontecido entre os anos de 1907 e 1910. Mas, a partir dos anos 1930, diversos acordos comerciais estabelecem que os filmes norte-americanos passem a entrar no Brasil isentos de tarifas alfandegárias e, desde então, surgiram também as revistas especializadas em cinema que começam circular pelo país e difundir os mitos e estrelas hollywoodianas, isso significa que o acesso às informações acerca do cinema norte-americano não estava restrita àqueles que de fato tinham condições de frequentar as salas de cinema; também circulavam, através da nossa imprensa, notícias sobre os personagens dos filmes e os atores que os representavam. Desse modo, compreendemos que, desde aquele momento, a produção cinematográfica e a sua propaganda despertavam a admiração dos brasileiros pelos heróis americanos, pelas personagens românticas e pelas estrelas hollywoodianas que aqui ditavam moda.

Assim, também alguns anglicismos antroponímicos passam a ter aceitação entre a população brasileira. Destaque-se, nesse processo, que na tradição linguística inglesa a nomeação do indivíduo, em situações de relativa formalidade, se dá pelo sobrenome, portanto, personagens ou atores identificados como *Mr. Anderson*, *Mr. Jefferson* ou *Mr. Robson* podem ter motivado a tomada desses sobrenomes como prenomes.

Em suma, acreditamos ter apresentado, neste estudo, um entrelaçamento de questões de grande importância para a compreensão do fenômeno neológico no Brasil. Partimos da discussão acerca da significação dos nomes próprios e passamos pela compreensão da formação histórica dos patronímicos em português e dos patronímicos com o sufixo *-son*, abordando o seu deslocamento semântico de ‘filho de’, em sua origem, a ‘nome de pessoa do sexo masculino’, no português brasileiro, trazendo análises com bases em dados estatísticos de uso no Brasil e delas inferindo padrões morfológicos e, daí, chegamos à observação do fenômeno através do fator cronológico. Entendendo o processo de nomeação do indivíduo como um aspecto cultural extremamente relevante, propusemos uma análise dos nomes em *X-son* que são ou não são admitidos em Portugal, promovendo uma inferida comparação entre duas culturas de mesma língua. Por fim, buscamos alinhar todo esse entrelaçamento trazendo uma reflexão acerca da neologia antroponímica no Brasil e de como os anglicismos antroponímicos em *X-son* acabaram por fazer parte do nosso sistema onomástico pessoal.

Concluimos, portanto, que os formativos derivados dos empréstimos em *X-son* do inglês terão papel relevante na organização do sistema antroponímico no Brasil, destacando nesse processo que o *splinter X-(e)ilson* parece ter sido o primeiro a ser incorporado ao nosso quadro onomástico pessoal, segundo os dados aqui analisados. Por fim, ressaltamos que a análise das datações referente aos nomes aqui analisados vem a fortalecer a hipótese de que a neologia antroponímica no Brasil é um fenômeno que começa a se difundir a partir do primeiro quartel do século XX.

Referências

ARTHUR, William. *An Etymological Dictionary of Family and Christian Names With an Essay on their Derivation and Import*. New York: Sheldon. Blakeman, 1857.

BARBOSA, A. Lemos. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951. 202 p.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema brasileiro: propostas para uma história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. Princípios teóricos de Toponímia e Antroponímia: a questão do nome próprio. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XI., 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. v. XI, p. 108-121.

CASTRO, Ivo. A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro: dados paulistas. In: AGRELO, A. I. B. (Org.). *Novi te ex nomine: estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer*. Coruña: Fund. Barrié, 2004. p. 245-256.

CASTRO, Ivo. Mais sobre antroponímia luso-brasileira: dados cariocas. In: MARQUES, Maria Aldina; KOLLER, Erwin (Ed.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Universidade do Minho, 2005. p. 45-52.

COISAS que só acontecem na Bahia. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RIUSpiadasinteligentes/posts/878943255460329>>. Acesso em: 17 out. 2017.

FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. Berkeley: University of California, 1971.

GALDIOLI, Andreza da Silva. *A cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança*. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP, UNICAMP, PUC-SP, São Paulo, 2008.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v.15, n. 1, p.169-199, 2012.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016b.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2011. 231p.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEHRER, Adrienne. Prefix in English word formation. *Folia Linguistica*, Berlim, v. XXIX, n. 1-2, p. 133-148, 1998.

LEVINSON, Stephen C. Dêixis. In: _____. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges, Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIEBERSON, Stanley; MIKELSON, Kelly S. Distinctive African American Names: An Experimental, Historical and Linguistic Analysis of Innovation. In: _____. *American Sociological Review*, v. 60, n 6, p. 928-946, 1995.

LISTA de aprovados dos vestibulares de 2016. disponível em: <<http://www.vestibular.uneb.br/resultadovestibular2016.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2017.

LISTA de aprovados dos vestibulares de 2017. disponível em: <http://www.vestibular.uneb.br/resultado_uneb_2017.2.pdf>. Acesso em: 7 out. 2017.

LISTA DE NOMES admitidos em Portugal. Atualizada em 31 mar. 2017. Disponível em: <http://www.irn.mj.pt/sections/irn/a_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/downloadFile/file/Lista_de_nomes2017-03-31.pdf?nocache=1491571447.75>. Acesso em: 7 out. 2017.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 v. Lisboa: Horizonte; Confluência, 1981.

MENON, Odete Pereira. Sobrenomes no feminino e patronímicos em -ez (-es): perdas morfológicas em português. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v.13, n. especial, p. 65-81, 2013.

MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

MILL, John Stuart. *A system of logic ratiocinative and inductive*. New York: Harper & Brothers, Publishers; Franklin Square, 1846.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952. t. II.

NOMES NO BRASIL. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>. Acesso em: 29 out. 2017.

OLIVEIRA, Ana Cristina Rosito. *As formações X-nejo no português do Brasil: uma análise construcional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PINKER, Steven. O que há num nome? In: _____. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 320-367.

PLATAFORMA Nomes no Brasil. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>. Acesso em: 7 out. 2017.

REANEY, Percy H.; WILSON, Richard Middlewood. *A Dictionary of English Surnames*. 3. ed. London; New York: Routledge, 2006.

RODRIGUES, Leticia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SEIDE, Marcia Sipavicius. Toponomástica e antroponomástica: paradigmas e métodos. *Confluência*, Rio de Janeiro, v. 44/45, p. 165-184, 2013.

SILVA, Irani Sacerdote de Souza. Antroponímia portuguesa: um breve estudo acerca dos sobrenomes no período medieval. *Voos: Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*, Guarapuava, PR, v. 4, n. 1, p. 31-40, 2012.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 2 v., 655f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; RODRIGUES, Leticia Santos. A neologia e os processos genolexicais em antropônimos brasileiros: um breve mapeamento de estudos realizados. *Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos*, Unilab, v. 1, n.2, p. 110-127, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

SOLEDADE, Juliana. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes próprios personativos. In: LOBO, Tânia *et al.* (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 323-336.

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi-EIR-]Nj no português arcaico. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, v. 1, n. especial, 2013.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: Estudo toponímico de acidentes geográficos humanos e físicos do Acre*. 2007. 123f.. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SURNAMEDB. The Internet Surname Database. Disponível em: <<http://www.surnamedb.com>>. Acesso em: 29 out. 2017.

SZYMANEK, Bogdan. The latest trends in English word-formation. In: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R. (Ed.). *The handbook of word-formation*. Netherlands: Springer, 2005. p. 429-448.

TEIXEIRA, José. Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal. *Diacrítica*, Série Ciências da Linguagem, Universidade do Minho, Braga, v. 21, n. 1, p. 207-239, 2007.

THE INTERNET Surname Database. Disponível em: <<http://www.surnamedb.com>>. Acesso em: 15 out. 2017.

ULLMANN, Stephen. Nomes próprios. In: _____. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. p. 148-165.

VASCONCELOS, José Leite de. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VIARO, Mário Eduardo. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 218 p.



Male Names in X-Son in Brazilian Anthroponymy: a Morphological, Historical, and Constructional Approach

Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional

Natal Almeida Simões Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia / Brasil
natalneto@gmail.com

Juliana Soledade

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia / Brasil
Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF / Brasil
julisoledade@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, pretendemos fazer uma análise de nomes masculinos terminados em *-son* na lista de aprovados dos vestibulares de 2016 e 2017 da Universidade do Estado da Bahia, como *Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson* e *Esteferson*. Ao todo, foram registrados 96 nomes graficamente diferentes. Esses nomes, quando possível, foram analisados do ponto de vista etimológico, com base em consultas nos dicionários onomásticos de língua portuguesa de Nascentes (1952) e de Machado (1981), além de dicionários de língua inglesa, como os de Arthur (1857) e Reaney e Willson (2006). Foram também utilizados como materiais de análise a *Lista de nomes admitidos em Portugal*, encontrada no site do Instituto dos Registos e do Notariado, de Portugal, e a *Plataforma Nomes no Brasil*, disponível no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Quanto às análises morfológicas aqui empreendidas, utilizamos como aporte teórico-metodológico a Morfologia Construcional, da maneira proposta por Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016) e Rodrigues (2016). Em linhas gerais, o artigo vislumbra observar a trajetória do formativo *-son* na criação de antropônimos no Brasil. Para isso,

analisamos o seu estatuto de patronímico no inglês e a sua chegada ao português, como um dos elementos mais recorrentes entre nomes neológicos brasileiros.

Palavras-chave: antropônimos brasileiros; neologismos; mudança morfossemântica.

Abstract: In this paper, we intend to analyze the masculine names ending in -son in the approved list of 2016 and 2017 college entrance exams of the Universidade do Estado da Bahia, such as Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson, and Esteferson. In all, 96 different graphic names were registered. These names, when possible, were analyzed from the etymological point of view, based on queries in the Portuguese-language onomastic dictionaries of Nascentes (1952) and Machado (1981), as well as English-language dictionaries such as Arthur (1857) and Reaney & Willson (2006). The List of names accepted in Portugal, found on the website of the *Instituto dos Registos e do Notariado*, in Portugal, and the Names Platform in Brazil, available on the website of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). For the morphological analyzes carried out here, the Constructional Morphology, as proposed by Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016), and Rodrigues (2016), was used as a theoretical-methodological approach. In general terms, the article aims to observe the trajectory of formative -son in the creation of anthroponyms in Brazil. For this, it analyzes its original patronymic status in English and its arrival in Portuguese, as one of the most recurrent elements among Brazilian neological names.

Keywords: Brazilian anthroponyms; neologisms; morphological change.

Received on November 5, 2017.

Accepted on December 17, 2017.

1 Initial considerations

Onomastics is the Linguistic area dedicated to the study of proper names, and it is divided into two large study areas: Toponymy (names of places) and Anthroponymy (names of people). In Brazil, Seide (2013) points out that, while toponymy studies are quite consolidated, especially from the theoretical-methodological standpoint, given that many fit in the project *Atlas Toponímico do Brasil*, (Brazilian Toponymy Atlas), initiated by professor Maria Vicentina do Amaral Dick, anthroponymy studies are rather incipient, both because there are no comprehensive

projects to describe and/or map the use of people's names in Brazil, and because there is no precise methodology for these investigations, as well as because these studies' results' conclusions are not yet known.

In this paper, we intend to analyze male names ending in *-son* present in the list of those approved in college entrance exams in 2016¹ and 2017² at the Universidade do Estado da Bahia, such as *Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson, and Esteferson*. In total, 96 graphically different names have been recorded. Whenever possible, these names were analyzed from an etymological standpoint, based on Portuguese language onomastic dictionaries, such as Nascentes' (1952) and Machado's (1981), and on English language onomastic dictionaries, such as Arthur's (1857) and Reaney and Willson's (2006). Analytical material also included: (i) the site *The Internet Surname Database*;³ (ii) the *Lista de nomes admitidos em Portugal (List of names allowed in Portugal)*,⁴ found at Portugal's *Instituto dos Registos e do Notariado* (IRN – Institute of Notary and Records); and (iii) the platform *Nomes no Brasil (Names of Brazil)*,⁵ based on the *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística's* (IBGE - Brazilian Institute of Geography and Statistics) 2010 census. For the morphological analyzes carried out here, Constructional Morphology, as proposed by Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016), and Rodrigues (2016), was used as a theoretical-methodological approach.

In general terms, the study catches a glimpse of the path traveled by the formative *-son* in the recurrent creation of neologistic anthroponyms in Brazil, based on its original patronymic status in English. After this brief presentation (section 1), the work is divided as follows: (i) in section 2, we review onomastic studies regarding the meaning of proper names; (ii) in section 3, we discuss patronymics in Portuguese and the patronym *-son* in its path until it reaches the Portuguese language; (iii) in section 4, the analysis of names recorded in the corpus are presented; (iv) in section 5, we analyze the data based on charts; (v) in section 6, names ending in *-son* present on the *Lista de Nomes Admitidos e Não Admitidos*

¹ List of those approved in college entrance exams in 2016.

² List of those approved in college entrance exams in 2017.

³ Site *The Internet Surname Database*.

⁴ *Lista de nomes admitidos em Portugal (List of names allowed in Portugal)*.

⁵ Platform *Nomes no Brasil (Names of Brazil)*.

em Portugal (List of names allowed and not allowed in Portugal); (vi) section 7 provides the final considerations and is followed by the list of references.

2 Proper names and signification: some approaches

Among the existing approaches regarding proper names in linguistic studies, we point out Ullmann's 1964 book *Semantics: An Introduction to the Science of Meaning*. In this work, the author, based on J. Stuart Mill's studies (1846), maps five criteria that may be used to establish the difference between proper names (appellative) and common nouns. They are: (i) uniqueness; (ii) identification; (iii) denotation versus connotation; (iv) phonetic distinctiveness; (iv) grammatical criteria. Among these five criteria, the author considers the second criterion, identification, to be useful.

The essential difference between common nouns and proper names lies in their function: the former are meaningful units, the latter mere identification marks. This criterion can be supplemented by the important, but not very precise factor of phonetic distinctiveness. The other criteria are either limited in scope or are already implicit in the identifying functions of names (ULLMANN, 1964, p. 160)

The relation between Ullmann's stance and Mill's proposition towards this issue is clear, as expressed in the quotation below:

Proper names are not connotative; they denote the individuals who are called by them; but they do not indicate or imply any attributes as belonging to those individuals. When we name a child by the name Mary, or a dog by the name Caesar, these names are simply marks used to enable those individuals to be made subject of discourse. It may be said, indeed, that we must have had some reason for giving them those names rather than any others: and this is true; but the name, once given, becomes independent of the reason. A man may have been named John because that was the name of his father; a town may have been named Dartmouth, because it is situated at the mouth of the Dart. (MILL, 1846, p.21)

In agreement with Mill, Ullmann (1964) points out again that proper names are characterized by their semantic opacity, which ratifies that its function is much more that of denotation/identification rather than connotation/signification. In the author's words,

[w]hile it is fairly easy to distinguish between proper names and common nouns, the border-line between the two categories is by no means final. Many proper names derived from common nouns still show clear traces of their origin: place-names like *Blackpool* and *Newcastle*, surnames like *Smith* and *Carpenter*, Christian names like *Pearl* and *Heather*. Others, though less transparent, have at least some analysable elements like the various place-names ending in *-caster*, *-cester* and *-chester*, all derived, as everybody knows, from the Latin *castra* <<camp>>. Many other names have become entirely opaque, though the etymology may reconstruct or at least conjecture their derivation; thus, the name *Bordeaux*, Latin *Burdigala*, has been resolved into two pre-Indo-European elements: the Iberian **burdo* <<mule>> (cf. Spanish *burro* <<donkey>> and the French *bourrique* <<donkey>>) and the Ligurian **cala*, **gala*, <<rock>> (ULLMANN, 1964, p. 160-161, *our emphasis*).

According to Ullmann (1964), when a common noun is converted into a proper name, it loses its motivation. That is to say, if someone is named *Brisa* (Breeze), in no aspect does this refer to “general name for winds that blow on the shore, weak to moderately, regular or frequent” (HOUAISS; VILLAR, 2009, entry for ‘*brisa*’). However, this motivation may be recovered in some contexts, as pointed out by Soledade (2012) in cases such as ‘a rose for the teacher Rose’ or ‘I miss Missy’. In toponyms, it is possible to observe the recovery of meanings in humorous texts, such as “Things that only happen in Bahia” which deals with names of districts in the city of Salvador:

Ser preso na Liberdade (Being arrested in Liberty);
Fumar no Campo da Pólvora (Smoking at the Gunpowder Field);
Tomar banho de mar no Rio Vermelho (Taking a sea bath at Red River);
Pastor evangélico morar na Capelinha de São Caetano (An evangelical preacher living at the Saint Cajetan church);

Morar no Uruguai e trabalhar em Roma (Living in Uruguay and working in Rome);
Faltar água na Caixa d'água (Water shortage at Water Reservoir);
Adulto tomar banho na Água de Meninos (Adults taking baths at Boys' Water);
Candomblé no Terreiro de Jesus (African religion at Jesus' place);
Morrer na sexta e ser enterrado nas Quinta dos Lázaros (Dying on Friday and being buried on Lazaros' Thursday);
Confusão na Rua do Sossego (Disorder at Quiet Street);
Brigas no Bairro da Paz (Fights on the Peace Neighborhood);
Não encontrar apoio na Rua d'Ajuda (Finding no support on Help Street) [...]
 (Unknown author, post, '*Coisas que só acontecem na Bahia*' (Things that only happen in Bahia), February 11, 2015).

About the opaqueness issue, Carvalhinhos and Antunes (2007) point out that this phenomenon occurs more often with anthroponyms, as well as the name fossilization and crystallization processes. According to the authors,

opaqueness occurs for two main reasons: first and foremost, for lack of knowledge about the language in question, which leads to not decoding or not completing the decoding path for such a name. The second reason is time and the overlaying of linguistic layers resulting in a name's opaqueness: in the case of Europe, for instance, there are records of pre-Roman, or classified as such by specialists, toponyms. Morpheme characteristics, many times, are precious linguistic recovery elements [...]. It may be stated, therefore, that, under the significant's hollow shell, there are remains (semes) which, if duly treated, may complete the decoding path (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007, p. 4).

Linguistic recovery pointed out by these authors may be partially observed in toponymy and anthroponymy studies. Regarding toponymy, we may refer to Gonçalves' (2012) description of the formative *-lândia* (-land), meaning a place where to gather, as in *Disneyland* and *Cracolândia* (*Crackland). The same element is observed in Sousa's work (2007), when he mentions the toponym *Epitaciolândia* (*Epitacioland) in reference to former Brazilian president, Epitácio Pessoa. Other suffixes mentioned by Sousa (2007) refer to Bragança Jr.'s work (1992), which reveals that the

suffixes “-iba, -uba, -tiba, and -tuba come from different forms of the Tupi language: -yba and -tyba”⁶ (SOUSA, 2007, p. 22).

The etymological recovery allows the Onomastics researcher to propose meanings for neologistic creations, certainly not yet included in the dictionary. Rodrigues (2016) does the same with some Brazilian neologistic anthroponyms that use formative of Germanic origin. Chart 1 provides the etyma and the meanings for traditional Germanic origin anthroponyms, included in the dictionary by Machado (1981). After that, the reconstruction possibilities, based on the formatives’ etymologies.

CHART 1– Etymology of Germanic origin anthroponyms

ADALFREDO: athal, al. mod. edel, <noble> and frid, al. mod. Friede, <peace>, <noble peacemaker>
ADALBERTO: athal, al. mod. edel, <noble> and bertho, <brilliant>, <brilliant warrior>
ARNALDO: Aar, <eagle> and wald, <strong, powerful> <powerful, strong eagle>

Source: Rodrigues (2016, p. 27)

Ederaldo (*Ede-* [from the Germanic Anglo-Saxon *ead* <riches, goods>] + *-r-* + *-aldo* [from the Germanic *walt/wald* <strong, powerful>]), *Ederval* (*Ede-* [from the Germanic Anglo-Saxon *ead* <riches, goods>] + *-r-* + *-val* [from the Germanic *walt/wald*; <powerful, ruler>]), *Valmiro* (*Val-* [from the Germanic *walt/wald* <powerful, ruler>], + *-mir(o)* [from the Germanic *-mir* <famous, illustrious>]), *Gilsimar* (*Gil-* [prov. from the Germanic *gisil* <pawn>] + *-si-* + *-mar* [from the Germanic *-mar* <fame, glory>]), *Francinaldo* (*Franci-* [from the Germanic *frank* <frank>] + *-n-* + *aldo* [from the Germanic *hard/hart* <strong, pwerveol>]), among others (SIMÕES NETO; RODRIGUES, 2017, p. 124).

Other authors such as Teixeira (2007), Pinker (2008), Henriques (2011), as well as the aforementioned Rodrigues (2016) also discuss

⁶ Although Souza (2007) does not provide the meanings of -yba and -tyba, Barbosa (1951) provides both meanings: “tyba – abundandial suffix; (xe): to have; to abound; crowd: deposit” (p. 154); “yba – tree [plants]; rod, stalk: rhythm baton; handle [instrument]; sprig; beginning, origin; guide, support; conductor [singing, dancing, etc.]; ybá – fruit (from the tree)” (p. 160).

the issue of meanings. With different perspectives, these authors have viewpoints that differ from that proposed by Ullmann (1964).

Teixeira's work (2007), within Cognitive Linguistics theoretical paradigm, discusses the metonymical and metaphorical motivations for nicknames in North Portugal. The author points out, regarding the metonymical motivation examples, that there are two nickname assigning mechanisms: physical and behavioral. Teixeira (2007) explains that

[t]wo types of specificities are evident in assigning metonymy-based nicknames: physical and behavioral. The former must be, as a norm, permanent, given that they refer to a cognitively prominent and constant specificity: the nickname "Barbas" (Beard) only makes sense if the recipient usually has a beard, rather than only once grew a beard. The same applies to "Coxo" (lame), "Narizinho" (nose), "Manco" (limp), "Malota" (hunchback), "Preto" (black), "Fininho" (thin) and other physical characteristics. Behavior-based metonymies are different: they may also rely on specificities considered as being permanent ("Mudo" (mute), "Cabeça-de-vento" (scatterbrain), "Gago" (stutter), "Pide" (police officer), "Poeta" (poet) and all professional nicknames), but, in many cases, they are based on specific events that operate as identification reference marks [...] (TEIXEIRA, 2007, p. 211-212).

Teixeira (2007) also points out that metaphorical motivations are far less productive, considering that the metaphor is a more complex cognitive process than metonymy, considering that the latter requires the understanding to occur within itself, whereas, in metaphors, a mapping of different experience domains is required. Metaphorical examples include: *Baleia* (Whale – motivation: being fat), *Rato* (Rat – motivation: being too active), *Burro* (Donkey – motivation: being stupid, stubborn), *Porca* (Pig – motivation: not being clean or neat), *Pisco* (Wink – motivation: being small), *Batata* (Potato – motivation: being big), *Tomate* (Tomato – motivation: being too big), *Cenoura* (Carrot – motivation: being red-haired), *Carvalha* (Oak – motivation: being too tall), and *Estaca* (Stake – motivation: being too tall and thin).

Teixeira's (2007) findings show that the opaqueness mentioned by Ullmann (1964), partially ratified by Carvalhinhos and Antunes (2007), must be modalized, considering that some proper name categories may exhibit significant motivation, going beyond mere denotation. In general,

for the nickname category, conversion of a common name into a proper name still preserves some clairvoyant relationship.

Metonymy and metaphor mechanisms are also observed in *antonomasia* and *eponymy* phenomena, explained by Henriques (2012). The author defines *antonomasia* as a “figure of speech”

[...]which consists of employing a common noun or a substantive expression as the replacement for a proper name, whether for a person (ANTHROPONYM) or for a place (TOPONYM). A nickname is always created based on metaphorical or metonymical reasons, but such reasons are not always known (HENRIQUES, 2012, p. 106).

As examples of the *antonomasia* phenomenon, Henriques (2012) mentions:

Rio de Janeiro is the “Wonderful city”, and São Paulo is the “Rain land”. Japan is the “Land of the rising sun”, and Copacabana beach is the “Sea princess”. However, what is the nickname for the stadium whose official name is Paulo Machado de Carvalho? Because it is located in the Pacaembu neighborhood, in São Paulo, its nickname is Pacaembu. The stadium is named after the “Victory Marshall”, head of the Brazilian soccer team commission that was twice world champion, in 1958 and 1962. This is a very peculiar case, given that both as an anthroponym and as a toponym, Paulo Machado de Carvalho is an example of *antonomasia*. I would not be odd to imagine that some day people could say they are going to watch a game at the “Marechal da Vitória Stadium” (HENRIQUES, 2012, p. 107).

Henriques (2012) defines *eponymy* as a

[...] phenomenon resulting from a metonymy based on a contiguity relation between anthroponyms and meanings that cannot be expressed by a given word, or for which a new denomination is proposed. This change into a common noun does not characterize a change in class, but rather in subcategory (proper name > common noun).

There are synchronous eponyms, the ones with very clear reference ties to the anthroponym that originated them (Amelia (for a perfect housewife), Barbie, Beelzebub, Camões (for a poet), Cupid, Dracula, He-Man, Quixote, Samson, Tarzan, etc.), and

there are diachronic eponyms, the ones that may only be identified as such based on historical information that contextualize their creation from an anthroponym (baderna (mess), carrasco (executioner), colt, gandula (ball boy), gari (street sweeper), gilete (razor), judas...) (HENRIQUES, 2012, p. 109-110).

The histories behind the diachronic eponyms are presented in Figure 1, extracted from Henriques (2012).

FIGURE 1 – Examples of eponyms

Marieta Baderna: Italian dancer who was in Rio de Janeiro in 1851, causing a certain mess, and whose admirers were called the “badernas”.

[“baderna” = mess, disorder, confusion]

Belchior Nunes Carrasco: Executioner who would have lived in Lisbon, before the 15th century.

[carrasco = cruel individual, tyrant]

Samuel Colt: inventor of this brand of revolver.

[colt = revolver used in western narratives]

Bernardo Gandulla: Argentine soccer player who played in a club in Rio de Janeiro at the end of the 1930s and who had the habit of picking up balls out-of-bounds.

[gandula = ball boy]

Aleixo Gary: corporate owner of the company to whom the public street cleaning service in Rio de Janeiro provided services, in early 20th century:

[gari = street sweeper]

King Camp Gillette: inventor and first manufacturer of this razor and shaving device.

[gilete = razor, bad driver]

Judas Iscariote: disciple of Jesus Christ [judas = traitor]

Source: Henriques (2012, p. 110).

These explanations reveal the metonymical path traveled in building these words’ meanings. *Eponyms* or *antonomasia* reveal that the limits between the common lexicon and the onomastic lexicon are not as precise as previously thought. The works of Henriques (2012) and Teixeira (2007), in general, ratify the idea that opaqueness must be questioned, as the notion of ‘meaning’ is altered. In cognitive linguistic theories, especially in Cognitive Linguistics, the meaning is not only the meaning built within the linguistic system, it is a meaning based on experience, on the forms of understanding and organizing the world in which one is engaged, based on a perspective mediated by history and culture.

Also in a cognitive approach, Pinker's text (2008) discusses where the meaning of words lies (in the external world or within the mind?). The author's reflections start as follows:

For anyone interested in language as a window into the mind, the external world might seem to be an unpromising habitat. The word *cat*, for example, refers to the set of all the cats that have ever lived or will ever live. But no mortal can be acquainted with all cats, past, present and future. Also, many words don't have any referent in the world at all, such as *unicorn*, *Eliza Doolittle*, and the *Easter Bunny*, but the words are certainly meaningful to the person who knows them. Finally, people can use words with very different meanings to refer to the same thing in the world. The textbook example is the *Evening Star* and the *Morning Star*, which turned out to be two names for the planet *Venus*. But they certainly have different meanings to people who are innocent of astronomy and have no way of knowing they refer to the same heavenly body. There is another well-known example of two words that refer to the same thing in the world, but mean different things to a person. The words are *Jocasta* and *Mom*, and the person is *Oedipus* (PINKER, 2008, p. 323).

As the author sees it, there is no single answer for this question, "because the division of labor between sense and reference is very different for different kinds of words" (PINKER, 2008, p. 324). The author, therefore, presents three name categories:

natural kinds, like *cat*, *water* and *gold*; artifacts, like *pencil*, *oatmeal*, and *cyclotron*, and proper names, like *Aristotle*, *Paul McCartney*, and *Chicago*. What are the roles of the world and the mind when it comes to these kinds of entities? (PINKER, 2008, p. 325).

Pinker (2008) contrasts the ideas that a word meaning may be, on the one hand, the set of things to which it refers, and, on the other hand, a kind of description, such as a dictionary entry or a logical-mathematical formula. Regarding proper names, the author conducts a series of mental experiments based on what is known about famous people, such as *Paul McCartney*, *Cicero*, *Aristotle*, *Shakespeare*, among others, concluding that

the name is not a brief description of anything, but a *rigid designator* – a term that designates the same individual in all possible worlds. In other words, a name refers to an individual in all imaginable circumstances in which we may talk rationally about such an individual, with no concern for biographical facts. A name's reference is fixed when the person's parents, in effect, point to the little person whom they intend to bear the name, or at whatever later moment a name for the person sticks. It then continues to point to that person throughout his life and beyond, thanks to a chain of transmission in which a person who knows the name uses it in the presence of another person who intends to use it in the same way ("I'm going to tell you about a great philosopher. His name was Aristotle..."); Names are, in a sense, closer to indicators such as this or you than to descriptions like "the first president of the United States" or "a small domesticated mammal that has soft fur, sharp claws, and pointed ears". When we know a name, we are implicitly pointing to someone, regardless of what we, or anyone else, know about that person (PINKER, 2008, p. 328-329).

Pinker's proposition seems to be associated, somehow, with Fillmore's (1971) and Levinson's (2007) understanding of what social deixises, usually related to pronouns and forms of address, are. Deixis is a phenomenon that allows subjects to establish a reference point in the speech/text, based on time, space, social, and discourse relations. In language, it operates as a kind of dimensional anchor, which requires a certain cognitive "effort" from the recipient of the message in identifying and recognizing elements located outside the enunciation context. It may be stated that social deixises are constructions through which social identities emerge in discourse.

Pinker's point of view also allows us to assume that a name's meaning is linked both to its designation aspect and to a set of concepts and categories established based on such an aspect. Therefore, when we hear the sentence 'Alexander is coming for a visit', even if the listeners do not know who Alexander is specifically, they may assume that he is a male individual, and may infer other sociocultural information from the context.

Based on the understanding that these categorizations must be taken into account for the semantic approach to proper names, Rodrigues (2016) incorporated them as counterpart for the Brazilian anthroponymy

constructions with formatives of German origin. The author adopted the perspective of Constructional Morphology (CM) schemes, based on Booij's (2010), Soledade's (2013), and Gonçalves' (2016a) theoretical formulations.

In the CM field, a morphological scheme is a theoretical formulation that accounts for the pairing of form, meaning and function in word formation and interpretation. Rodrigues' (2016) work, therefore, presents schemes such as the following:

- (1) [X-aldo/X-naldo/X-valdo]_{NP} ↔ [male name]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 39)
- (2) [X-mara(es)]_{NP} ↔ [female name]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 53)
- (3) [ED(i/e)-X]_{NP} ↔ [person's name]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 44)

Based on Rodrigues' (2016) examples, the schematic formulation provided in (1) allows one to group and understand names, such as *Adroaldo*, *Aguinaldo*, *Arnaldo*, *Arquibaldo*, *Beraldo*, *Bernaldo*, *Clodoaldo*, *Euvaldo*, *Evaldo*, *Geraldo*, *Giraldo*, *Heraldo*, *Ovaldo*, *Reginaldo*, *Reinaldo*, *Teobaldo*, *Ubaldo*, *Vilibaldo*, *Vinebaldo*, and *Vivaldo*, all referring to male individuals. The scheme in (2) instantiates the names *Damares*, *Edmara*, *Gilmara*, *Josimara*, *Lucimara*, and *Nilmara*, all referring to females. Finally, in scheme (3), gender is not specified, given that the formative *Ed-*, primarily for being a formative that occupies the left end of forenames, integrates both male and female names. Examples include: *Edclea*, *Edeilice*, *Ediana*, *Edijane*, *Edileide*, *Edilene*, *Edilla*, *Edineia*, *Edirlainne*, *Edjane*, *Edmara*, *Edmildes*, *Edvania*, *Edemario*, *Edenildo*, *Edenilton*, *Ederaldo*, *Ederval*, *Edinaldo*, *Edmagnó*, and *Edwardes*. Although Rodrigues (2016) does not specify gender in this final scheme, she places at the semantic counterpart the information that it instantiates people's names. This fact sets this scheme apart from schemes such as *X-briga*, *X-lândia*, and *X-ópolis*, which instantiate place-names.

This article adopts Rodrigues (2016) proposition regarding the relation between proper name and meaning, understanding that, although this category of names does not have a meaning (in its most canonical and structural sense), it displays motivation and referentiality aspects that allow speakers/conceptualizers, to make conjectures and categorizations, based on experience.

3. Patronymics in Portuguese and the patronymic *-son* from English to Portuguese

The word *patronymic* stems from the Greek form *patrónumikós*, *ê, ón* (HOUAISS; VILLAR, 2009, entry ‘patronymic’), meaning ‘extracted from the father’s name’. Traditionally, they are understood as elements in the anthroponymic phrase that allude to the figure of the father or the ascendant. Patronymics have existed and exist in the history of many languages and, in some of them, the relation with the father is identified by using an affix (suffix or prefix). In this classic work *Antroponímia portuguesa*, Leite de Vasconcelos (1928) makes the following observations regarding these elements in Indo-European languages, highlighting Latin and Portuguese:

Indo-European peoples, and among others, had the very old habit of mentioning an individual in a narrative, or having an individual sign a document, and, immediately after that, mentioning his father’s name.

(...) Filiation was expressed: (1) by a genitive in -i, which was common in other relationships, as well as in -e (and -ae), -is, -onis (and -oni), -anis (and -ani); (2) or by a genitive with its own suffix, that is, -az, -oz, -uz, and -iz (later changed into, -ez, -es, etc.), albeit at different frequency rates. Names formed as such, and added to their baptism names, as signifiers of paternal lineage, are usually called patronymics by grammarians. This is what they call especially those with their own suffixes. (VASCONCELOS, 1928, p. 101-102, our emphasis)

In his research about surnames in anthroponymy in archaic Portuguese, Silva (2012) analyzes names recorded in medieval notary documents, indicating a recurring structure with three elements in this period’s anthroponymic phrases. One of these elements is the *patronymic*, as observed in Chart 2 below:

CHART 2 – Productivity analysis of the formation of Portuguese anthroponyms

Anthroponym	1st Designation (Forename)	2nd Designation (Patronymic)	3rd Designation (Locative)	Century/ Region
Pedro Garzia de Uoado, resident in Uoado	Pedro	Garzia	de Uoado	(1269) Coruña
Thareygia Froyaz, daughter of Maria Petrez de Oza and Froya Suariz	Thareygia	Froyaz		(1262) Região Coruña
Berto Nuniz de Castelo father of Marina Nuniz	Berto	Nuniz	de Castelo	1255 Região Lugo
Johã Paez, great- grandfather of Pedro Paez d'Arregeyro	Pedro	Paez	d'Arregeyro	1281 Coruña
Afonso Pelaez, son of Pay Fagüdez, notary of Santiago	Afonso	Pelaez		(1351)
Afomso Alvarez, son of Aluaro Annes de Vjlarjnho	Afomso	Alvarez		(1484) Douro Litoral
Frey Bieyto de Pontevedra	Bieyto		de Pontevedra	(1506) Pontevedra

Source: Silva (2012, p. 37).

The name structures pointed out by Silva (2012) is identified in Portuguese-Galician troubadour names. They are reproduced in Chart 3 below. Patronymics must be highlighted.

CHART 3 – Examples of patronymics in *-es* in Galician-Portuguese

Full Name	Patronymic	Meaning
Estêvão Fernandes d'Elvas	Fernandes	Son/Descendant of Fernão
Fernão Gonçalves de Seabra	Gonçalves	Son/Descendant of Gonçalo
Fernão Rodrigues de Calheiros	Rodrigues	Son/Descendant of Rodrigo
Fernão Soares de Quihones	Soares	Son/Descendant of Soeiro
Rui Martins de Ulveira	Martins	Son/Descendant of Martim
Airas Nunes	Nunes	Son/Descendant of Nuno
Pero Gomes Barroso	Gomes	Son/Descendant of Gome
Gil Sanches	Sanches	Son/Descendant of Sancho
João Lopes de Ulhoa	Lopes	Son/Descendant of Lobo
João Mendes de Briteiros	Mendes	Son/Descendant of Mem
João Vasques de Talaveira	Vasques	Son/Descendant of Vasco

Source: Prepared by the authors.

In archaic Portuguese, patronymics would operate as family and clan organization mechanisms, and the meaning of ‘son or descendant’ was still functional in that society. As a verifiable example, fleet secretary *Pero Vaz de Caminha*’s letter indicates his father was named *Vasco Fernandes de Caminha*, which explains the patronymic *Vaz* (a variant of *Vasques*). It is also admissible that we assume *Pero Vaz de Caminha*’s grandfather was named *Fernão*, based on his father’s name. Patronymics did not operate exactly as surnames, but they identified families and other organizations from a patriarchal perspective. However, throughout the centuries, this element was disseminated as a common surname, as it is understood nowadays, that is, with no semantic specificity. Therefore, someone who has the surname *Simões*, nowadays, does not necessarily have a father/ascendant named *Simão*. In this sense, Menon (2013) considers there has been a morphological loss, throughout the history of the Portuguese language, regarding the patronymic suffix *-es*.

Regarding the existence of patronymics in other languages, Viaro (2013) points out:

[t]o these we add English and Nordic surnames ending in *-son* (*Anderson, Jefferson, Robinson*), Irish and Scottish names starting in *Mac* or *O'* (*McDonald, McLuhan, McIntosh, McCarthy, McAdam, O'Hara, O'Connor*), Slavic names ending in *-ov, -itch, -ovitch* (*Ivanov, Ivanovitch*), Romanian names ending in *-escu* (*Ionescu, Popescu, Ceaușcu*), and some Italian surnames ending in *-ato, -elli, -ella, -ini, -otti, -oni, -utti* (*Francescato, Antonelli, Paolini, Perotti, Zanoni, Stefanutti*) (VIARO, 2013, p. 178, author's emphasis)

Some of these examples in other languages display the same emptying and semantic opaqueness that may be identified in Portuguese patronymics. In *A dictionary of English surnames*, Reaney and Wilson (2006 [1958], p. 8-10) stated that, in old English, patronymics were formed by adding *-ing* to the theme or *-sunu* to the person's name genitive: *Dudding* 'son of Dudda', *Eadricessunu* 'son of Eadric'. The formative *-sunu* was also used as an adjunct patronymic form *Hering Hussan sunum* (603 A.D.); this type of formation was also found in the 8th and 9th centuries, and was not uncommon among female names: *Godwine Aelfrices Suna*. Furthermore, similarly, this formative was also common among Scandinavian anthroponyms *Purfero Rolfes Sune*. According to the authors, the significant frequency of names with the formative *-son* in northern United Kingdom is commonly attributed to the Nordic influence. Lexicographers point out that, up to the 8th century, descriptive forms such as *Hugo filius cleric*, *Willemus filius fabri* competed with the forms ending in *-son*. After the 14th century, formations, such as *Smythson* and *Clerksonne* became predominant, and remain even today.

The permanence of the formative *-son* and its allomorph *-sen*, in English and in Nordic languages reveals that it no longer maintains the association with the sense 'son of', even if the word *son* still exists as a free form in these languages.

If we analyze some names of English-speaking culture icons, we realize patronymics with this formative have remained, as well as the lack of a semantic correlation, given the surname is more of a family heritage than it is a strictly patronymic relationship, in the sense of 'son of', as shown in Chart 4.

CHART 4 – Examples of patronymics ending in *-son/-sen* in English

Full Name	Patronymic	Meaning
Emma Watson	Watson	Descendant of Watt
Samuel L. Jackson	Jackson	Descendant of Jack
Britt Robertson	Robertson	Descendant of Robert
Mara Wilson	Wilson	Descendant of William
Thomas Edison	Edison	Descendant of Eda
Flora Robson	Robson	Descendant of Robin
Horatio Nelson	Nelson	Descendant of Nell
Thomas Jefferson	Jefferson	Descendant of Jeffrey
Kelly Clarkson	Clarkson	Descendant of Clark
Pamela Denise Anderson	Anderson	Descendant of Andreas
Cristopher Scott Petersen	Petersen	Descendant of Peter
Scarlett Ingrid Johansson	Johansson	Descendant of Johan
Emil Fredericksen	Fredericksen	Descendant of Frederick
Marc Johnson	Johnson	Descendant of John
Latanya Richardson	Richardson	Descendant of Richard

Source: Prepared by the authors, based on information from the site *The Internet Surname Database*

Chart 4 foregrounds the lower frequency of *X-sen*, when compared to *X-son*. This is certainly due to the formations *X-sen* being more often associated with Nordic languages, such as Danish and Norwegian. Another important aspect to be considered is that, upon referring to some of these people's, we establish that, also in English, the anthroponyms *X-son* have spread as common surnames, having lost their patronymic status, similarly to what occurred in Portuguese with the patronymics *X-es*. For example, actress *Scarlett Johansson's* father is not named *Johan*, but *Kartsen Johansson*. Actor *Samuel L. Jackson's* is named *Ron*, not *Jack*. Finally, football coach *Chris Petersen's* father is *Ron Petersen*, not Peter.

In Brazilian Portuguese, the adoption of the formative *-son* reveals an interesting change in category, considering that, instead of being applied to the surname category, it has been used in forenames (first names). According to Mexias-Simon (2004), this occurs because, in Brazil, people do not usually address each other by their surnames, as they do in the United States: *Mr. Jackson, Mrs. Wilson*.

In her work about tradition and creativity in naming Brazilians, Mexias-Simon (2004) analyzed the lists of those present in parishes in three cities in the state of Rio de Janeiro, in the years 1928, 1938, 1948, 1958, 1968, and 1972. The author highlighted some *X-son* names included in the 1928 list, as were the cases of *Welson and Nelson*, and pointed out that these names differed from the Brazilian orthographical and phonological systems. Throughout the years, the lists reviewed by Mexias-Simon (2004) exhibited the following *X-son* formations: (i) *Adirçon, Delço, Uilson* (1948 list); (ii) *Danilson, Edimilso* (1968 list); and (iii) *Anderson, Robson, Vanderson, Adeilson, Adnilson, Arilson, Ivanilson and Maiélson* (1972 list).

To complete this section, we must notice that, in semantic and constructional terms, both patronymics in *X-es*, from the Portuguese, and patronymics in *X-son*, from the English, underwent schematic changes, if their original meaning is compared to the status they have in contemporary language. Regarding the *X-es* constructions, we present the following formulation:

(4) (A) $[[X_i]_{NP} - es]_{NP} \leftrightarrow [‘son\ of’\ X_i]_{NP}$



(B) $[[X_i]_{NP} - es]_{NP} \leftrightarrow [common\ surname\ originally\ related\ to\ X_i]_{NP}$

In the scheme in scheme (4), (A) indicates the original meaning/function of patronymics *X-es* names, whereas (B) shows their function as surname in contemporary Portuguese. There has been, therefore, a metonymical extension of a specific function of the anthroponymic phrase to a somewhat less specific function, given that it no longer indicates filiation or dynasty.

An equivalent phenomenon may be observed for English and Nordic origin names, as shown in scheme (5) below:

(5) (A) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{'son of' } X_i]_{NP}$



(B) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{common surname originally related to } X_i]_{NP}$

Nevertheless, when it is incorporated into the Brazilian anthroponymic system, it exhibits a new semantic-functional displacement, considering that the formative *-son* is taken in Portuguese, to form neologistic forenames, from English surnames, devoid their patronymic sense.

(6) (B) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{common surname originally related to } X_i]_{NP}$



(C) $[[X\text{-son}]_{NP} \leftrightarrow [\text{male name associated with an anthroponymic formative } X]]_{NP}$

Therefore, the scheme in (5) reveals that the original patronymic sense, in (A), refers to the language of origin, given that, in Brazil, this functionality did not even exist, let alone by means of this formative. Scheme (B) shows these elements' statuses as common surnames in English,⁷ similar to what happened with the *X-es* constructions, in Portuguese. Finally, scheme (6) reveals the formative for proper male names in Brazil stems from the English surname scheme. This derivation is not a direct process. Apparently, some of the English language surnames had already migrated to the forename position, such as, for instance, *Alyson*, *Edson*, *Emerson*, and *Nelson*. Nevertheless, even those employed as surnames in English-speaking countries were introduced in Brazil as forenames: *Anderson*, *Erickson*, *Jamerson*, *Jakson*, *Jeferson*, *Johnson*, *Robson*.

It is important to notice that, when the patronym was converted into a common surname in English, its morphological aspect was preserved, therefore the base category is always a proper male name.

⁷ At this point, we will no longer refer to other languages, given that this formative comes to and spreads among Brazilian names through the English language.

However, when it became a forename in Brazil, this was lost, considering that, in names such as *Nadson*, *Mailson*, *Joedson*, and *Jadson*, there is the apparent impossibility of proposing a paraphrase as son of *Nad*, *Mail*, *Joed*, and *Jad*.

4 *X-son* constructions in Brazilian Portuguese⁸

4.1 English origin *X-son* constructions

An important part of this work is our understanding of lexicon and morphology being structured based on what is known as *Full entry theory* as proposed by Booij (2010), in the field of Constructional Morphology. This theory admits that the lexicon of languages has a hierarchically organized structure, in which complex words stored in the speaker's memory are source/models for abstracting schemes that enable the construction of new complex words according to the same mold. Therefore, abstract word formation schemes are acquired based on knowledge and mental storage of a set of complex words that instantiate the construction patterns that enable generating new lexical items.

Thus, we realize the Brazilian anthroponymic system, at first, incorporated some surnames of English origin with the formative *-son*, using them as forenames, and later used these forenames as models to create new names.

Corresponding to surnames recorded in the *Dictionary of surnames* (REANEY; WILLSON, 2006), in *An etymological dictionary of family and Christian names* (ARTHUR, 1857) and on the site, *Surname Database*, sixteen forenames were identified in our databases, which may or may not exhibit graphical variations. These forenames are quite widespread among the Brazilian population, as shown by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) data on the platform *Nomes no Brasil*.⁹ This set has been organized in Table 1 below:

⁸ Although we are based on a *corpus* that is dated and located in Bahia, when we investigate the use of these names on the platform *Nomes no Brasil*, the studies about the name use is no longer located in a single state and provides a glimpse of its use at a national level.

⁹ On the site *Nomes no Brasil*, IBGE provides a set of approximately 130 thousand names that have been recorded in Brazil, dated between a few decades before 1930 and 2010.

TABLE 1 – Anglicisms ending in *-son* used in Brazil

Names	Surname	Etymon	First records documented in the languages of origin	Frequency / popularity (IBGE)	First records in Brazil
Abisson ~ Abson	Abson	Ab (possible corruption of names such as <i>Abel</i> or <i>Abraham</i>) + -son (DS) ¹⁰	William <i>Abson</i> (1379) (DS)	226 / 23.892 nd	1970
Adson	Addison	<i>Addie/Addie</i> + -son; variant of <i>Allanson</i> (<i>Allan</i> + son) (DE) ¹¹	John <i>Addisone</i> (1308); Robert <i>Addeson</i> (1498) (DS)	12.453 / 1.439 th	1930
Alisson ~ Allisson	Alison	<i>Alice/Aleis</i> (used both as a name and as a corruption of names such as <i>Adam</i>) + -son (DS)	William <i>Alisun</i> (circa 1248); John <i>Allison</i> (1332) (DS)	95.080 / 405 th	1930
Anderson ~ Andeson	Anderson	<i>Andrew</i> + -son (DE)	Henry <i>Androsoun</i> (circa 1443); John <i>Andrewson</i> (1444); Robert <i>Androwson</i> , <i>Androsoun</i> (1455, 1482); Thomas <i>Anderson</i> (1471) (DS)	473.250 / 42 nd	1930

¹⁰ The acronym ‘DS’ indicates the *Dictionary of surnames* (REANEY; WILLSON, 2006) was the source of information.

¹¹ The acronym ‘DE’ indicates that *An etymological dictionary of family and Christian names* (ARTHUR, 1857) was the source of information.

Edson	Edson	Variant of <i>Edeson. Ead/Edd</i> + -son (DS)	William <i>Eddesone</i> (1314); Geoffrey <i>Edessone</i> (1328); William <i>Edison</i> (1394) (DS)	431.543/ 55 th	Before 1930
Emerson	Emerson	<i>Emar</i> (from <i>Ethelmar</i>) + -son (DE) <i>Emery</i> + -son (DS)	William <i>Emeryson</i> (1411); Cuthbert <i>Emerson</i> (1498) (DS)	177.935/ 176 th	Before 1930
Erickson ~ Herycksson	Erickson	<i>Erick</i> + -son (SDB) ¹²	Lawrence <i>Erickson</i> (1613); John <i>Ericsson</i> (1803-1889) (SDB)	4.818 / 2.814 th	1960
Harrison	Harrison	<i>Henry</i> + -son (DS)	Henry <i>Hennerissone</i> (1354); Robert <i>Harrisesone</i> (1355); John <i>Herryson</i> (1372); William <i>Henryson</i> (1376); John <i>Herryson</i> , <i>Harryson</i> (1445) (DS)	438 / 14.871 st	1970
Hudson ~ Rudson	Hudson	Hudd + -son (DS); <i>Hod/Roger</i> + -son (DE)	John <i>Hudson</i> , <i>Hutson</i> (1323) (DS)	23.087/ 937 th	Before 1930
Jackson ~ Jacson	Jackson ~ Jakson ~ Jacson	<i>Jack</i> (a nickname for <i>John</i>) + -son (DE)	Adam <i>Jackessone</i> (1327); Adam <i>Jakson</i> (1353); John <i>Jakeson</i> (1438) (DS)	58.806 / 474 th	Before 1930

¹² The acronym SDB indicates the site *Surname Database* was the source of information.

Jefferson	Jefferson	Geoffrey + -son (DS)	Robert <i>Geffreysone</i> (1344); Alice <i>Geffrason</i> (1488); John <i>Jeffrason</i> (1528)	253.819 / 114 th	Before 1930
Madson	Madison	<i>Matt</i> (corruption of <i>Mathew</i> or <i>Matilda</i>) + -son (DE) Variant of <i>Mathieson</i> (<i>Matthew</i> + -son); or <i>Maddy</i> (nickname for <i>Maud</i>) + -son (DS)	Thomas <i>Madyson</i> (1425); William <i>Maddison</i> (1430); Lancelot <i>Madyson</i> (1532) (DS)	9.168 / 1.791 st	1940
Nelson	Nelson	<i>Nell</i> + -son (DS) Variant of <i>Neilson</i> , which could be <i>Nell</i> or <i>Neil</i> + -son (DE)	Robert <i>Nelleson</i> (1324) (DS)	200.581 / 158 th	Before 1930
Neilson	Neilson	Variant of <i>Nelson</i> , which could be <i>Nell</i> ou <i>Neil</i> + -son (DE) <i>Neil</i> + -son (DS)	John <i>Neylson</i> (1510); John <i>Nilsoune</i> (1654) (DS)	5.714 / 2.477 th	1940
Nilson	Nilson	Variant of <i>Neilson</i> , therefore originating from <i>Neil</i> + -son (DS)	John <i>Neylson</i> (1510); John <i>Nilsoune</i> (1654) (DS)	101.796 / 303 rd	Before 1930
Robson	Robson	<i>Rob</i> (used both as and as a corruption of <i>Robert</i>) + -son (DS)	Richard <i>Robson</i> (1379) (DS)	236.282 / 125 th	Before 1930

Source: Prepared by the authors.

This set of names, usually formed in the English language between the 18th and the 19th centuries, may be considered to be loanwords in Brazilian Portuguese, especially if we consider how often they are used in Brazil and the dates for their first records. The majority of such records are dated as of the 1930s, with the exception of the names *Abson* and *Harrison*,¹³ whose first record dates as of the 1970s.

These names are most frequently used in Brazil as male names. However, the names, *Adison*,¹⁴ *Alisson*,¹⁵ and *Madson*¹⁶ (and their variants) may have been infrequent in Brazil, with records of females having these names, as it also occurs in English.

From the morphological construction standpoint, we will demonstrate that these names, loanwords, were appropriated by Brazilian Portuguese as models for extracting patterns/schemes that have enabled (and still do) creating new names (anthroponymic neologisms) based on concatenation processes, borrowing the suffix *-son*, and on non-concatenation processes,¹⁷ performing cutouts on the loanwords to create new formatives, called *splinters*.

4.2 New *X-son* formations in Brazilian anthroponymy

We verified, based on our data and on the dictionaries used as reference, that names formed in English have a morphic structure with two formatives (name + suffix *-son*). Neologicistic names in Portuguese seem to adopt a similar pattern, that is, the suffix *-son* is incorporated

¹³ The popularity of the name *Harrison* after the 1970's is believed to be associated with North-American actor *Harrison Ford*'s success, as he played the role of *Han Solo* in the *Star Wars* franchise.

¹⁴ Examples of use of the name *Alison* for both genders in English anthroponymy include the character *Addison Montgomery*, played by actress Kate Walsh in the series *Grey's Anatomy* and *Private Practice*, and NASA scientist *Addison Bain*.

¹⁵ Examples of use of the name *Alison* for both genders in English anthroponymy include North-American screenwriter *Allison Burnett*, and North-American actress-singer *Alison Sudol*.

¹⁶ Examples of use of the name *Madison* for both genders in English anthroponymy include North-American actress *Madison de la Garza*, actress-singer Demi Lovato's sister, and North-American rugby player *Madison Hughes*.

¹⁷ Concatenation processes are those that use recognizedly morphemic nature elements in the language, whereas non-concatenation processes create words or formatives based on parts of words that are not recognized as morphemes.

to the right end of the name, having as a base a set of phonemes that, articulated, are structured as a nominal base (*Jad-*, *Jed-*, *Nad-* etc.), in some cases the base is actually a free form existing in the language (*Gil*) or a bound form recurring in anthroponyms (*Deiv-*, *Gleid-*, *Mart-* etc.). The set of forenames is provided in Table 2 below:

TABLE 2 – Brazilianisms [[X] -son]

Names	Etymon	Formatio	Frequency / popularity (IBGE)	First records
ACKSON	Brazilianism	Ack + son	167/ 29.529 th	1990
AGENSON	Brazilianism	Agen + son	-	-
ALECSO	Brazilianism	Alec + son	192 / 26.853 rd	1970
ALESSO	Brazilianism	Ale + son	2.449 / 4.480 th	1970
DEIVSON ~ DEYVSON	Brazilianism	Dei(y)vi + son	17.299 / 1.144 th 744 / 10.233 rd	1950 1970
FRENISSO	Brazilianism	Freni + son	-	-
ERISSO	Brazilianism	Eri + son	2.581 / 4.310 th	1950
EVISSO	Brazilianism	Evi + son	85/47.124 th	1990
GEDSON	Brazilianism	Ged + son	1.822/5.463 rd	1950
GILSON ¹⁸	Brazilianism	Gil + son	144.757/210 th	Before 1930
GLEDSON	Brazilianism	Gled + son	8.273/1920 th	1950
GLEISSO	Brazilianism	Glei + son	22.022/977 th	1950
GLEYDSON	Brazilianism	Gleyd + son	2.454/4.472 nd	1960
INGRISSO	Brazilianism	Ingri + son	41/78.117 th	1990
IVISSO	Brazilianism	Ivi + son	2.050/5.045 th	1950
JADSON	Brazilianism	Jad + son	28.147/840 th	1940
JANDESSO	Brazilianism	Jande + son	125/ 36.063 rd	1980

¹⁸ The name *Gilson* was a problem for our analysis, given that the form *Gilson* may be found in the English origin, originating from *Gilles* > *Gilleson* (*Scottish*). However, the initial phoneme in the case of English/Scottish will be [g], whereas in Brazil the name is performed with a [ʒ]. The question we should ask is: has the name been borrowed through the written modality, thereby resulting in an alteration of the phonic nature of the name? Or is *Gilson* in fact a formation based on the elements *Gil-* and *-son*, combined in a biformative structure?

JILDSON	Brazilianism	Jild + son	48/70.377 th	-
MARTSON	Brazilianism	Mart + son	20/130.043 rd	-
NADSON	Brazilianism	Nad + son	7.305/2.097 th	1950
NAISSON	Brazilianism	Nai + son	89/45.798 th	1990
RADSON	Brazilianism	Rad + son	641/ 11.392 nd	1970
TALISSON ~ THALYSSON	Brazilianism	Tali + son	11.057 / 1.571 st 612 / 11.796 th	1970 1980
WADSON	Brazilianism	Wad + son	3.620/3.401 st	1950
WALISSON	Brazilianism	Wali + son	14.559 / 1.280 th	1960
WALESSON	Brazilianism	Wale + son	351/ 17.495 th	1980
WANDESSON	Brazilianism	Wande + son	309/ 19.183 rd	1980
WELBSON	Brazilianism	Welb + son	73/52.737 th	1990
WELISON	Brazilianism	Weli+ son	8.646/1.858 th	1960

Source: Prepared by the authors.

Thirty-two occurrences of new constructions with the formative *-son* were identified in Brazilian Portuguese (BP). Unlike loanwords, which revealed the possibility of also being used as female names, those names formed in accordance with our anthroponymic system revealed themselves as being basically applicable to male individuals, confirming our theory that there a construction scheme for such instantiations in organizing our personal onomastic lexicon:

[[X-son]_{NP} ↔ [male name associated with anthroponymic formative X]_{NP}

Therefore, to form new proper names in Brazil, the speaker is provided with the possibility of combining the suffix *-son* with a set of phonemes that configure a nominal base (preserving the biformative construction model that is the closest to the original: names + suff. *-son*). The semantic counterpart, however, will ensure that it is a proper name and that such a name has, according to our data, the gender mark for male names. The possibility, nevertheless, is not excluded that a corpus expansion allows us to find new female name formations, having as models loanwords such as *Adison*, *Alison*, *Madison*.

Most of these records are dated as of after the 1950s, with the exception of *Gilson* (before 1930s, cf. note 22) and *Jadson* (1940s).

This means that the construction scheme *X-son*, becomes, according to the data analyzed here,¹⁹ more productive in Brazilian Portuguese during the last century.

4.3 Formations of splinters based on *X-son* names

In its broader sense, the word ‘splinter’ means ‘parts/chips of a given material that has been broken into large pieces’. Application of this word to the field of morphology is clearly a metaphorical extension of the meaning, considering that words are understood as materials that may be broken. Therefore, the word ‘splinter’ refers to the phenomenon consisting of taking parts of words (not identified as morphemes), to form new words based on them. As Lehrer (1998) defines it, a splinter is a piece, not necessarily morphemic, taken from a model form, which appears in new lexical constructions, for example: *-gate* (*Watergate*, *Irangate* etc.) and *-thon* (*marathon*, *bikeathon* etc.).

Gonçalves (2016b, p. 85-92) views splinters as being new formatives that appear in language, categorizing them, based on Szymanek (2005), as affixes that establish themselves in languages on their own, given that speakers start to perceive them as such, based on a group of existing words (native or foreign).

A series of examples for this phenomenon exists in common lexicon, and Gonçalves (2016b) divides them into two groups: the non-native (xeno-constituents), such as *ciber-* (from *cybernetics* > *ciberataque* (*cyberattack*), *ciber café*...); *wiki-* (from *Wikipédia* > *wikinovela* (*wikisoap*), *wikimapia*...); *-tube* (de *youtube* > *pornótube* (*porntube*), *brasilerãotube* (*soccer championship on Youtube*)...); *-burguer* (from *hamburger* > *X-búrguer* (*cheeseburger*), *franburguer* (*chickenburger*)...) etc., and the native, such as *-drasta* (from *madrasta* (*stepmother*) > *sogradastra* (*step mother-in-law*), *tiadrasta* (*stepaunt*)...) *-trocinio* (from *patrocínio* (*funding*) > *paitrocínio* (*funded by the parents*), *autotrocínio* (*funded by oneself*)...); *caipi-* (from *caipirinha* (*drink prepared with cachaça*) > *caipirosca* (*drink prepared with vodka*), *caipifruta* (*drink prepared with fruit*)...); *info-* (de *informática* (*computers*) > *infopeças* (*parts for computers*), *infoprofessor* (*computer instructor*)...) etc. Based on these examples, it is clear that the word’s ‘broken piece’ to become

¹⁹ A *corpus* expansion will be essential for studies about date issues.

a new formative does not correspond to a morphemic element in the language. However, as it takes on the formative role, it becomes part of constructional schemes in which both their formal and their semantic behavior becomes predictable. See, for example, the constructional scheme proposed for the forms in *-nejo*, as analyzed by Oliveira (2017), (from *sertanejo* (a style of country music) > *pagonejo*, *funknejo*, *forronejo*, *lambanejo* etc.):

[[X-nejo]_s ↔ [musical genre ‘*sertanejo*’ related to the musical gender X]_s]

Regarding this type of scheme, the forms that occupy the position in X (musical genders) may be free forms in the language, such as *fórró* and *funk*, but may also be truncations (reductions) of free forms, such as *pago-* (from *pagode*) and *lamba-* (from *lambada*).

The formation of splinters is, therefore, a recurring phenomenon in the common lexicon of the Portuguese language, and there are no reasons to imagine that it may not happen in the onomastic lexicon.

Regarding *X-son* instantiations, we identified that, in the set of borrowed names, some names allowed the speakers to make cutouts/morpheme breaks, resulting in anthroponymic splinters (new formatives). They will be discussed in the following sections.

4.3.1 The formations *X-elson* and *X-ilson* in BP

From the names borrowed from surnames in English, the forenames Nelson and Nilson stand out in Brazil, given their frequent and early occurrences (before 1930), (cf. Table 1).

As seen regarding common nouns, the splinter may be cut out from a single word, for instance, the word ‘*pirigüete*’ (meaning a ‘party girl’) originated a series of formations in Portuguese with the element *-guete* (*vovóguete* (meaning an old floozy), *corogüete* (meaning an older floozy), *amigüete* (meaning a friend who is a party girl), etc.). The frequency of use of name/model will be very relevant in this process.

For the forenames created in Brazil, the models *Nelson*, *Nilson*, and *Neilson* (the latter having been recorded in 1940 and being less frequent) seem to have operated as stimuli for the generation of the splinters *-elson* and *-ilson*, quite recurrent among innovative names, as shown on the table below:

TABLE 3 – Brazilianisms using splinters *X-elson* and *X-ilson*

Names	Etymon	Formation	Frequency / popularity (IBGE)	First records
ADELSON	Brazilianism	Ad + elson	30.498/793 rd	Before 1930
ADEMILSON	Brazilianism	Adem + ilson	21.675/988 th	1930
ADILSON	Brazilianism	Ad + ilson	155.430/200 th	Before 1930
ALAILSON	Brazilianism	Ala + ilson	2.391/4.550 th	1950
AMAILSON	Brazilianism	Ama + ilson	236/23.206 th	1970
DEILSON	Brazilianism	De + ilson	3.479/3.495 th	1940
DENILSON	Brazilianism	Den + ilson	74.473/395 th	1930
DIELSON	Brazilianism	Di + elson	2.704/4.174 th	1940
DUILSON	Brazilianism	Du + ilson	55/63.598 th	-
EDIELSON	Brazilianism	Edi + elson	6.546/2.243 rd	1940
EDIMILSON	Brazilianism	Edim + ilson	46.382/572 nd	Before 1930
ELIELSON	Brazilianism	Elil + elson	14.175/1.313 rd	1940
GENILSON	Brazilianism	Gen + ilson	32.977/747 th	1930
GIDAELSON	Brazilianism	Gida + elson	-	-
JOELSON	Brazilianism	Jo + elson	37.977/666 th	1930
JOILSON	Brazilianism	Jo + ilson	21.080/1.003 rd	1930
NAILSON	Brazilianism	Na + ilson	8.063/1.952 nd	1940
NATAILSON	Brazilianism	Nata + ilson	112/39.048 th	1980
NERILSON	Brazilianism	Ner + ilson	220/24.414 th	1960
RENILSON	Brazilianism	Ren + ilson	11.297/1.543 rd	1940
RONIELSON	Brazilianism	Roni + elson	1.982/5.165 th	1970
RONILSON	Brazilianism	Roni + ilson	15.598/1.225 th	1940

Source: Prepared by the authors.

Although our corpus is quite limited in terms of number of forenames, in it alone we detected 22 occurrences of records in which the new formatives are present, 7 of which were *X-elson*, while the remaining 15 were *X-ilson*.

This table includes names that maintain their formal organization, that is, there is a phonological set playing the role of base, and a second

formative, playing the role of affix.²⁰ If the term ‘base’ may be applied to proper names, we have identified, among elements on the left end playing the role of base, the presence of free forms (albeit hypocoristic), such as *Jo* and *Roni*, as well as the presence of recurring formatives from proper names, always occupying the left end, such as *Ad(i)-*, *Den(i)-*, *Ed(i)-* etc.

Again, as it was the case of names in *X-son*, the masculine gender prevails, and these data do not include any forenames that are also used for females. Therefore, the constructional scheme for these names is quite similar to the previous one, regarding names forenames in *X-son*, and the alteration will take place basically at the affix form:

$$[[X-e/ilson]_{NP} \leftrightarrow [\text{male name}]_{NP}]_{NP}$$

The decision not to define two separate schemes, one for *X-elson* and another one for *X-ilson*, is related to the observation that e/i usually make up formatives in which they promote allomorphic opposition. Furthermore, there is no difference in their distributional or semantic behavior among the splinters.

The last aspect to be brought up is that, unlike the *X-son* and *X-erson/X-irson* constructions, which we will address next, the splinters described above carry the words’ stress.²¹

It is also important to notice that five of these names had first been recorded during the 1930s, and three of them before the 1930s, which brings up interesting data about the birth of anthroponymy neology in Brazil, demonstrating, for instance, that names formed by these splinters have been productive for longer in Brazilian neology than names with the formative *X-son*.

4.3.2 *X-erson* formations in BP

Among the names borrowed from the English language, the names *Anderson*, *Emerson*, and *Jeferson*, stand out, given that they are quite widespread in the country, since before the 1930s, and are among

²⁰ New formatives play the role of an affix, of suffixal nature, and they behave as the word’s lexical head, considering that they carrying information of categorical nature: proper name, masculine gender.

²¹ This statement is related to our knowledge about Brazilian anthroponymy, considering that IBGE does not provide data as to the pronunciation of names.

the 200 most popular names, especially the name *Anderson*, which ranks as the 42nd most popular name in the general table of names in Brazil, including female and male names.

These names constitute, therefore, ideal models to form the anthroponymic splinter *-erson*, in Brazilian Portuguese. This formative, according to our data, seems to have been first recorded around the 1940s,²² as shown in Table 4 below:

TABLE 4 – Brazilianisms created with the splinters *X-erson* and *X-irson*

Names	Etymon	Formation	Frequency / popularity (IBGE)	First records
CLEVERSON ~ KLEVERSON	Brazilianism	Clev + erson	19.073/1.074 th ~ 1.709/5.722 nd	1940 ~1960
DEIVERSON	Brazilianism	Deiv + erson	1.192/7.332 nd	1970
DEMERSON	Brazilianism	Dem+ erson	1.567/6.070 th	1960
DEVERSON	Brazilianism	Dev + erson	744/10.256 th	1970
DJANDERSON	Brazilianism	Djand + erson	-	-
ENDERSON	Brazilianism	End + erson	4.570/2.918 th	1950
ESTEFERSON	Brazilianism	Estef + erson	454/14.496 th	1970
JAMERSON	Brazilianism	Jam + -erson	8.794 / 1.839 th	1940
JEANDERSON	Brazilianism	Jeand + erson	4.190/3.079 th	1970
JENERSON	Brazilianism	Jen + erson	244/22.716 th	1980
UEVERSON	Brazilianism	Uev + erson	460/14.346 th	1970
VANDERSON ~ WANDERSON	Brazilianism	Vand + erson	32.539/759 th ~ 76.026/386 th	1940 ~ 1940
WEBERSON	Brazilianism	Web + erson	2.893/3.993 rd	1960
WILKERSON	Brazilianism	Wilk + erson	412/15.531 st	1970
WIVIRSON	Brazilianism	Wiv + irson	-	-

Source: Prepared by the authors.

Sixteen records were found with instantiations of the *X-erson* scheme, and one instantiation was found with the variant *-irson*. As discussed about the variants *-elson/-ilson*, the speaker does not seem

²² An extended *corpus* may confirm or reject this dates.

to create a new constructional scheme, but imposes upon the scheme a phonic variation quite common in Brazil, especially in pre-stressed contexts. Although the forename *Wivirson* is not yet widespread in Brazil, according to IBGE data, this does not mean we do not have records of other names ending in *-irson*, considering that we could find, on the platform *Nomes no Brasil*, names such as: *Alirson* (64, since 1990s), *Ivirson* (58 records, since 1990s), *Elirson* (29 records), *Leirson* (132, since 1980s). Among the formatives originating from the name *X-son*, the latter seems to be the most recent.

Once again, in this analysis, we believe the biformative structure prevails, that is, the splinter is placed on the right edge of the forename, whereas the left margin will be occupied by a combination of phonemes that are free forms in Brazilian anthroponymy, such as *Jam* (195 records, variant of *Jan*, 2503 records), or that are recurring bound forms in other anthroponymic formations, such as *Deiv-*, *Estef-*, *Vand-*, etc.

The masculine gender prevails, as it was the case with names ending in *X-son* and with names ending in *X-e/ilson*. There are no data, as verified on the site *Nomes no Brasil*, indicating any forenames as such being used for females.

The constructional scheme for these names will be similar to the previous ones and, again, the alteration will affect the formal aspect of the affix:

$$[[X-i/erson]NP \leftrightarrow [\text{male name associated to anthroponymic formative X}] NP$$

Although the IBGE site does not provide information about the pronunciation of names, our knowledge about the Portuguese language anthroponymy and phonological system allows us to state, with some degree of certainty, that the stress of the 17 forenames listed on the table falls on the antepenultimate syllable, making them proparoxytone names. This also seems to be the case in *Alirson*, *Ivirson*, and *Elirson* (found in IBGE data). Only for the name *Leirson* does it seem possible to assume the stress would fall either on the penultimate syllable [le'ihso] or on the antepenultimate syllable [ˈleihsõ]. Therefore, it is more likely we will assume the splinters *X-erson/X-irson* do not carry the word stress, generating a group of proparoxytone forenames in Portuguese. This phenomenon certainly causes some strangeness, considering that

this stress undergoes, quite often, a reduction process, in popular norm (*vêspera (eve) > vespra, abóbora (pumpkin) > abobra* etc.), in which the forenames studied here have been created.

4.3.3 Other formations stemming from the *X-son* scheme in Brazilian anthroponymy

In addition to the formations presented above, seven occurrences stand out in which the construction process does not seem to be as regular, or, at least, not as apparent, as the maintenance of the biformative nature of neologistic anthroponyms in Brazil. If we divide the name *Adinailson*, for instance, into recurring formatives in innovative Brazilian names, we have *Adi-* + *-na-* + *-ilson*. However, we strongly believe in the hypothesis that creative names are generated based on the combination of two themes, two names or two formatives, being, therefore, preferably a binary structure. Therefore, we propose that the analysis of the names in Table 5, maintains this logic, considering that recurring anthroponymic formatives in our name system, previously constructed by biformative processes, will be added to the left end. This is our proposition:

TABLE 5 – Brazilianisms in – son via other formative schemes

Names	Etymon	Formation	Frequency / popularity (IBGE)	First records
ADINAILSON	Brazilianism	Adi+ nailson (na+ ilson)	138/33.699 th	1970
DIOANDSON	Brazilianism	Dio+ andson (and + son)	-	-
EDJAMILSON	Brazilianism	Ed+ jamilson (jam + ilson)	-	-
ELIANDSON	Brazilianism	Eli + andson (and + son)	29/ 98.692 nd	– ²³
GILMEIKSON	Brazilianism	Gil + meikson (meik + son)	-	-
JOADISSON ²⁴	Brazilianism	Jo + adison (adi+ son)	1.673 / 5.809 th	1970
JOEDSON	Brazilianism	Jo + edson (ed + son)	4.595/2.909 th	1950

Source: Prepared by the authors.

²³ There is no information regarding the records throughout the decades, given that IBGE does not provide charts and information for names whose number of records is low, regarding their distribution by Brazilian state.

²⁴ IBGE data only exhibits the record for the variant Joadson (not spelling the epenthetic i).

Our hypothesis may be reinforced by the argument that it is possible to find, in IBGE data, all second formatives as free forms, that is, forenames with records in Brazil: *Nailson*, 8.063; *Andson*, 1265; *Meikson*, 47; *Jamilson*, 5261, *Adisson*, 562, and *Edson*, 431543. Formatives on the left end, nevertheless, are highly recurring elements in Brazilian personal onomastic: *Adi-*, *Dio-*, *Ed-*, *Eli-*, *Gil-*, *Jo-*.

Therefore, it is evident that there is no system in the formation of neologistic anthroponyms, but there seems to be a set of well-structured schemes that organize around a general pattern, which is the use of two formatives that are available in the anthroponymic lexical system.

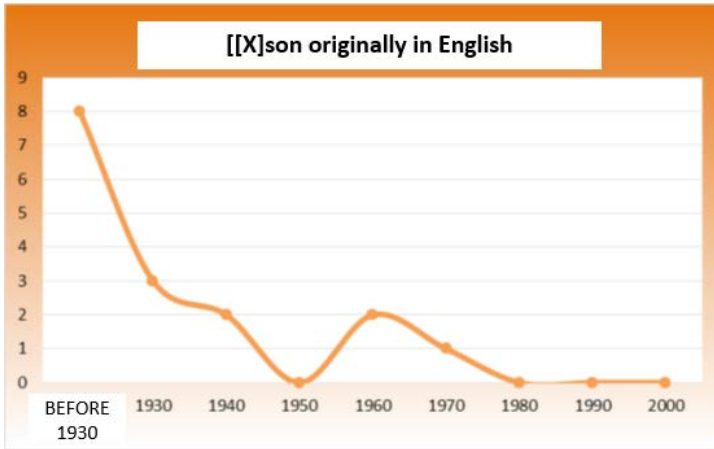
In this case, rather than forming a formative of suffixal nature with the ending *-son* or a right-end splinter, such as *-e/ilson* or *-i/erson*, the speaker takes a name previously formed with one of these elements and adds, on the left end, another anthroponymic formative, maintaining the biformative pattern, as stated above.

This process is less regular than the previous ones, and this fact seems to be ratified by the absence of high recurrence of these names in Brazil, according to IBGE data. Within this group, the names *Joadisson* and *Joedson* stand out, as they seem to reflect in a more evident manner the compositional nature of these names.

5. *X-son* constructions in Brazilian anthroponymy: real time observations

In this section, we will comment on the data analyzed in this work, to understand the diachronic process of adopting and implementing *X-son* constructions in the Brazilian anthroponymic lexicon. For such, we will use the classification provided in section 4, organized as graphs and tables. Let us start with the sixteen names stemming from patronymics from the English language, provided in Graph 1.

GRAPH 1 – [[X]son] stemming from the English language



Source: Prepared by the authors

Graph 1 shows that, prior to the 1930s, eight of the sixteen names had already been recorded among Brazilian forenames. They are: *Edson*, *Emerson*, *Hudson*, *Jackson*, *Jefferson*, *Nelson*, *Nilson*, and *Robson*. Based on IBGE data, the name *Emerson*, for instance, had been recorded 56 times, for people born before the 1930s. Throughout the decades, considering the populational growth, the highest percentage variation in frequency rate for the name Emerson takes place at the turn of the 1960s (2,862 people recorded) to the 1970s (44,890 people recorded). In the 1990s, the name reaches its peak number of records, at 50,072 people.

For *X-son* coming directly from the English language, after the 1930s, the graph exhibits a decrease in the number of imported elements. In the 1930s, 3 of the 16 names found in the corpus are seen for the first time; in the 1940s, 2; in the 1950s, none, in the 1960s, 1; in the 1970s, 2. After the 1980s, no new names have been recorded for the first time. Table 6 below provides a scheme containing all of these names, considering their frequency when they first appeared, the time when the frequency rate increases exponentially, and the decade when the numbers peak.

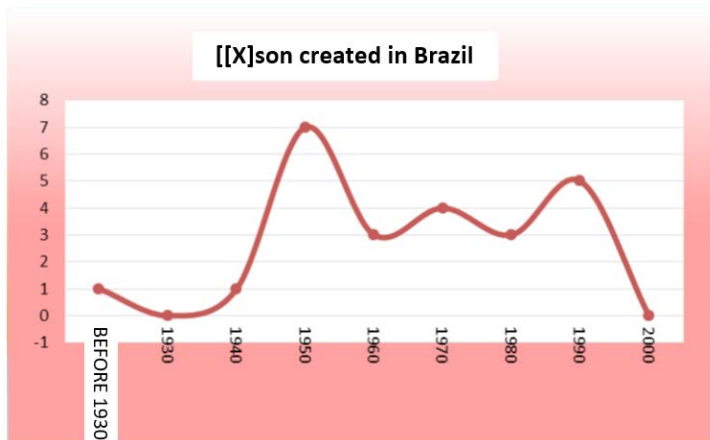
TABLE 6 – Anglicisms in *-son*: frequency issues

Date first recorded	Name	Frequency when first recorded	Period with greater frequency percentage variation	Frequency peak
Before 1930	Edson	908	Before 1930 (908) > 1930 (5.012)	1970 (111.469)
	Emerson	56	1960 (2.852) > 1970 (44.890)	1990 (50.072)
	Hudson	23	1950 (384) > 1960 (1.503)	1990 (7.366)
	Jackson	37	1960 (2.426) > 1970 (7.145)	1990 (20.855)
	Jefferson	21	1950 (451) > 1960 (1.995)	1990 (22.016)
	Nelson	4.024	Before 1930 (4.024) > 1930 (15.412)	1950 (45.405)
	Nilson	403	Before 1930 (403) > 1930 (2.090)	1970 (27.385)
1930	Robson	55	1940 (489) > 1950 (4.445)	1980 (85.165)
	Adson	30	1930 (30) > 1940 (109)	1990 (3.327)
	Alisson	20	1960 (283) > 1970 (4.191)	1990 (41.453)
1940	Anderson	63	1960 (7.146) > 1970 (75.569)	1980 (180.330)
	Madson	22	1960 (204) > 1970 (834)	1990 (3.334)
1960	Neilson	35	1950 (166) > 1960 (578)	1980 (1.675)
	Erickson	46	1960 (46) > 1970 (189)	1990 (735)
1970	Harrison	52	1960 (52) > 1970 (163)	1990 (539)
	Abson	27	1970 (27) > 1980 (66)	1980 (66)

Source: Prepared by the authors

Graph 2 presents trends in Brazilianisms formed with the formative *-son*, those formed by the splinters *-e/ (i)lson* and *-e/(i)rson*. Considering 24 names for this group, the 1950s are the decade when the highest number of Brazilian creations appear, in a total of seven names. They are: *Deivison*, *Erisson*, *Gledson*, *Gleison*, *Ivison*, *Nadson*, and *Wadson*.

GRAPHS 2 – [[X]son] created in Brazil



Source: Prepared by the authors

IBGE data show that, in the 1950s, there were 24 records of people with the name Deivison, included in this first group of Brazilianisms. The highest percentage variation occurs in the turn of the 1960s to the 1970s, with an increase from 85 to 648 records. This name occurrence rate peaks in the 1990s, with a total of 6,449 records. The situation of other names in this group may be seen in Table 7, below.

TABLE 7 – Brazilianisms in *-son*: frequency issues

Date first recorded	Name	Frequency when first recorded	Period with greater frequency percentage variation	Frequency peak
Before 1930	Gilson	127	1930 (817) > 1940 (3.793)	1970 (40.780)
1940	Jadson	42	1950 (124) > 1960 (629)	1990 (10.533)
1950	Deivison	24	1960 (85) > 1970 (648)	1990 (6.449)
	Erisson	24	1960 (69) > 1970 (196)	1990 (1.037)
	Gledson	31	1960 (115) > 1970 (1.296)	1980 (3.215)
	Gleison	37	1960 (261) > 1970 (2.418)	1990 (8.256)
	Ivison	66	1970 (140) > 1980 (453)	2000 (651)
	Nadson	31	1970 (450) > 1980 (1.352)	2000 (3.027)
	Wadson	40	1950 (40) > 1960 (147)	1990 (1.171)

1960	Gleydson	23	1960 (23) > 1970 (257)	1980 (807)
	Walisson	37	1960 (37) > 1970 (344)	1990 (6.507)
	Welison	46	1960 (46) > 1970 (288)	1990 (3.710)
1970	Alecson	37	1970 (37) > 1980 (69)	1980 (69)
	Alesson	55	1970 (55) > 1980 (309)	1990 (1.254)
	Radson	69	1970 (69) > 1980 (146)	1990 (207)
	Talisson	30	1970 (30) > 1980 (370)	2000 (6.696)
1980	Jandesson	26	1980 (26) > 1990 (61)	1990 (61)
	Walesson	46	1980 (46) > 1990 (178)	1990 (178)
	Wandesson	40	1980 (40) > 1990 (129)	2000 (132)
1990	Ackson	91	1990 (91) > 2000 (43) ²⁵	1990 (91)
	Evisson	24	1990 (24) > 2000 (36)	2000 (36)
	Ingrisson	32	- ²⁶	1990 (32)
	Naiisson	36	1990 (36) > 2000 (39)	2000 (39)
	Welbson	35	- ²⁷	1990 (35)

Source: Prepared by the authors

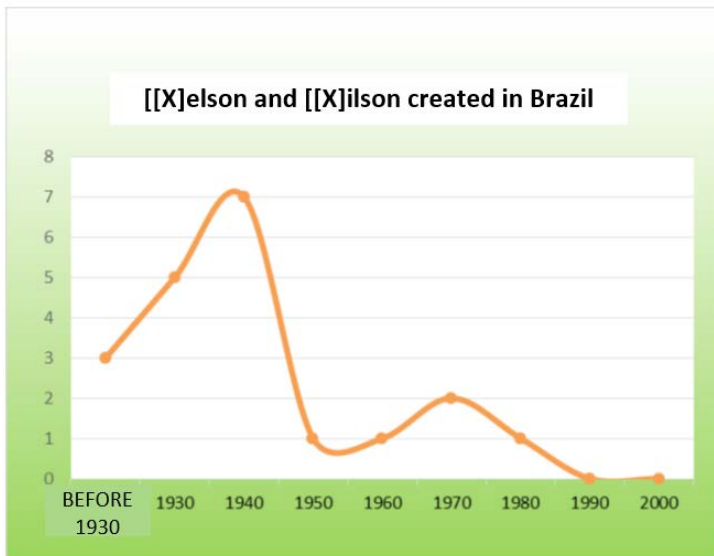
In Graph 3, we selected Brazilian creations based on the splinters *X-elson* and *X-ilson*, such as *Ronielson* and *Natailson*. Within this group of eighteen names, *Adelson*, *Adilson*, and *Edimilson* are the only ones with significant records before the 1930s. The 1940s, with a total of 7 names recorded for the first time, is the most productive decade, differently from what is shown in Graph 2, in which the 1950s were the most prominent decade in this regard.

²⁵ Note that, in this context, there was a decline in frequency.

²⁶ The IBGE only points out significant records in the 1990s, thus being the apex of the name. In this sense, there is no way to measure the time period in which the quantity variation was greater.

²⁷ See note 26.

GRAPH 3 – [[X]elson] and [[X]ilson] created in Brazil



Source: Prepared by the authors

Graph 3 also deals with names such as *Denilson*. This name has significant occurrences in the 1930s, with a total of 40 records. In the 1940s, there are 183 records. In the 1950s, 587. The highest percentage variation takes place in the turn of the 1960s, with an increase from 587 to 7,675 in the 1960s. This name occurrence rate peaks in the 1990s, with a total of 21,018 records. Let us analyze Table 8 below:

TABLE 8 – Brazilianisms in *-elson* and *-ilson*: frequency issues

Date first recorded	Name	Frequency when first recorded	Period with greater frequency percentage variation	Frequency peak
Before 1930	Adelson	98	Before 1930 (98) > 1930 (456)	1980 (7.898)
	Adilson	49	Before 1930 (49) > 1930 (858)	1970 (50.215)
	Edimilson	51	1930 (51) > 1940 (290)	1970 (14.201)
1930	Ademilson	29	1930 (29) > 1940 (218)	1970 (7.437)
	Denilson	40	1950 (587) > 1960 (7.675)	1990 (21.018)
	Genilson	47	1930 (47) > 1940 (193)	1980 (10.627)
	Joelson	38	1930 (38) > 1940 (240)	1980 (11.577)
1940	Deilson	21	1940 (21) > 1950 (86)	1990 (926)
	Dielson	46	1940 (46) > 1950 (112)	1990 (862)
	Edielson	30	1950 (77) > 1960 (375)	1990 (1.890)
	Elielson	27	1950 (105) > 1960 (565)	1980 (4.579)
	Nailson	26	1940 (26) > 1950 (109)	1990 (2.878)
	Ronilson	58	1950 (160) > 1960 (931)	1990 (4.652)
1950	Alailson	36	1950 (36) > 1960 (124)	1990 (767)
1960	Nerilson	34	1990 (43) > 2000 (22)	1970 (53)
1970	Amailson	23	1990 (89) > 2000 (38)	1990 (89)
	Ronielson	86	1970 (86) > 1980 (354)	1990 (874)
1980	Natailson	27	1990 (48) > 2000 (24)	1990 (48)

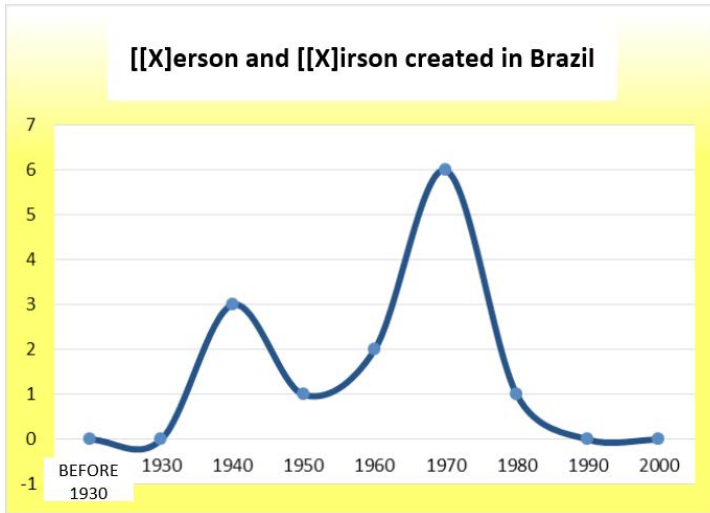
Source: Prepared by the authors

Graph 4 deals with the formations based on the splinters *X-erson* and *X-irson*, such as *Cleverson*, *Jamerson*, and *Wivirson*.²⁸ Search on the IBGE site produced results for 13 names. It should be mentioned that,

²⁸ Significant records for this name were not detected in the IBGE site. However, because we consider it to have its origin in this morphological scheme, we mentioned it in this graph.

unlike the previous schemes, instantiations in this scheme only appear in the 1940s, as shown below.

GRAPH 4 – [[X]erson] and [[X]irson] created in Brazil



Source: Prepared by the authors

Our data show us that, during the 1970s, the splinter *X-erson* becomes more productive, and the first records of names such as *Deverson*, *Esteferson*, *Jeanderson*, and *Wilkerson* are identified. As shown in Table 9 below, all names created during the 1970s have their peak frequency in the 1990s, a decade when no records were identified of names created based on this scheme.

TABLE 9 – Brazilianisms in *-elson* and *-ilson*: frequency issues

Date first recorded	Name	Frequency when first recorded	Period with greater frequency percentage variation	Frequency peak
1940	Cleverson	33	1960 (421) > 1970 (3.444)	1980 (7.032)
	Jamerson	22	1960 (193) > 1970 (792)	1990 (3.396)
	Wanderson	33	1960 (677) > 1970 (7.675)	1990 (30.041)
1950	Enderson	32	1960 (81) > 1970 (421)	2000 (1.923)

1960	Weberson	32	1990 (952) > 2000 (415)	1980 (1.067)
	Demerson	20	1990 (643) > 2000 (288)	1990 (643)
1970	Deiverson	57	1970 (57) > 1980 (339)	1990 (546)
	Deverson	62	1970 (66) > 1980 (222)	1990 (306)
	Esteferson	40	1970 (40) > 1980 (105)	1990 (207)
	Jeanderson	148	1970 (148) > 1980 (818)	1990 (1.803)
	Ueverson	36	1970 (36) > 1990 (92)	1990 (205)
	Wilkerson	70	1990 (161) > 2000 (68)	1990 (161)
1980	Jenerson	45	1980 (45) > 1990 (124)	1990 (124)

Source: Prepared by the authors

Graph 5 addresses the formations we understand as being created based on other schemes, different from the schemes above. These names may have been created by composition of affixation of names that have been previously recorded in Brazilian anthroponymy. Of the seven names classified as having ‘other creation mechanisms’, three produced results when searched on the IBGE site: *Joedson*, *Adinailson*, and *Joadisson*. The first name recorded is *Joedson*, in the 1950s. In the 1970s, the other two names appear significantly for the first time. Information of this nature may be seen in Graph 5 and in Table 10 below:

GRAPH 5 – Brazilianisms in -son based on other schemes



Source: Prepared by the authors

TABLE 10 – Brazilianisms in -son based on other schemes: frequency issues

Date first recorded	Name	Frequency when first recorded	Period with greater frequency percentage variation	Frequency peak
1950	Joedson	32	1960 (119) > 1970 (477)	1990 (1.585)
1970	Adinailson	24	1990 (49) > 2000 (24)	1990 (49)
	Joadisson (Joadson)	61	1970 (61) > 1980 (377)	1990 (629)

Source: Prepared by the authors

To prepare Graph 6, we collected the data about Brazilianisms considered in this section, but we disregarded the different formative configurations considered. We concluded that, in terms of frequency, there are two increase flows in the production of neologisms stemming from models borrowed in Brazil. The first milestone is observed in the 1940s, and the second one, in the 1970s, the most creative time, so to speak. There are no records of creations during the 2000s in our data. This may be explained by the fact that it is a list of people approved in

the entrance exams in the years 2016 and 2017. Because the average high school graduation age for Brazilian students is 19 years old, we may consider that a large part of those approved were born, at least in 1997 and 1998 (or before that), and are included in the 1990s, in accordance with the IBGE site.

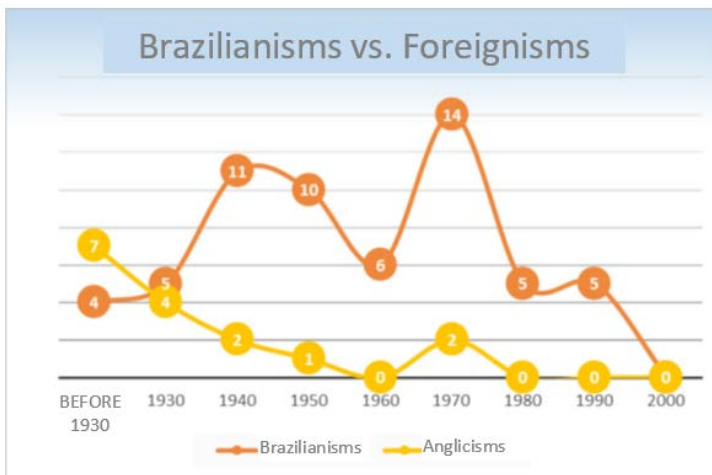
GRAPH 6 – General chart of Brazilian X-son names



Source: Prepared by the authors

Finally, we present Graph 7, in which we compare Brazilianisms and names considered to have been borrowed from the English language, based on our data. We noticed that, before the 1930s, names borrowed from the English language are more frequent than Brazilianisms. In the 1930s, the difference in favor of Brazilianisms is still little. In the 1940s, Brazilianisms start to stand out: there are 11 Brazilianisms against 2 Anglicisms. During the 1970s, once again, Brazilianisms stand out, with 14 items against 2 Anglicisms. After the 1980s there are no longer records of Anglicisms being imported, while new names ending in *-son* are still created in Brazil.

GRAPH 7 – Comparative chart with Brazilian names and English names X-son



Source: Prepared by the authors

6 *X-son* constructions in Portuguese anthroponymy: comparison results

Comparative studies about anthroponymy in Portugal and Brazil, such as the ones developed by Castro (2004, 2005), based on phone books for the cities of Lisbon, São Paulo and Rio de Janeiro, indicate that, in terms of frequency, both countries have very similar surname and forename rankings. This means that the forenames that are widespread in the Portuguese anthroponymic tradition are still those with the highest frequency in Brazilian anthroponymy.

Despite acknowledging the striking Brazilian creativity for name creation, Castro (2004) points out that this factor did not stand out among the most recurrent data. Castro also points out that, considering that the Brazilian anthroponymic lexicon inherited Portuguese tradition elements, the opposite is not noticeable in a solid manner: characteristic Brazilian anthroponymy elements very seldom find their way into Portuguese anthroponymy. These incorporations, in general are due to technological and cultural products, such as the soap operas Brazil exports to Portugal, and do not emphasize such creativity.

To review this issue, we listed in Table 11, the *X-son* names present in the *Lista de Nomes Admitidos e Não Admitidos em Portugal* (List of names allowed and not allowed in Portugal) Other information present include: the permission status in Portugal, frequency, popularity, first record in Brazil, and information extracted from the IBGE site.

TABLE 11 – *X-son* names in the *Lista de Nomes Admitidos e Não Admitidos em Portugal* (List of names allowed and not allowed in Portugal)

Names	Admitted in Portugal?	Frequency / popularity in Brazil (IBGE)	First records in Brazil
ADILSON	NO	155.430/200 th	Before 1930
ALISON	NO	72.950/405 th	1940
ÁLISON	YES	72.950/405th	1940
ANDERSON	NO	473.250/42 nd	Before 1930
DELSON	NO	7.024/2.150 th	Before 1930
DENILSON	NO	74.473/395 th	1930
DILSON	NO	18.462/1.098 th	Before 1930
DOLSON	NO	-	-
EDILSON	NO	124.272/252 nd	Before 1930
EDISON	NO	34.927/715 th	Before 1930
EDMILSON	NO	93.514/322 nd	Before 1930
EDSON	NO	431.543/55 th	Before 1930
ÉLSON	YES	33.252/740th	Before 1930
EMERSON	NO	177.935/176 th	Before 1930
GERSON	YES	86.856/338th	Before 1930
GILESSON	NO	-	-
GILSON	NO	144.757/210 th	Before 1930
HÉDISON	NO	41/78.072 nd	-
ILSON	NO	14.078/1.321 th	Before 1930

JAILSON	NO	75.353/389 th	1930
JASSON	NO	1.039/8.095 th	1930
JEFERSON	NO	253.819/114 th	Before 1930
JERSON	NO	17.667/1.127 th	Before 1930
JILSON	NO	6.584/2.234 th	1930
JOELSON	NO	37.977/666 th	1930
KELSON	NO	4.840/2.804 th	1950
LENILSON	NO	11.825/1.479 th	1930
LENISON	NO	332/18.206 th	1960
LIEDSON	NO	2.792/4.080 th	1970
MISSON	NO	-	-
NELSON	YES	200.581/158 th	Before 1930
NÉLSON	YES	200.581/158 th	Before 1930
NILSON	YES	101.796/303 rd	1930
ROBINSON	NO	3.479/3.496 th	1940
ROBSON	NO	236.282/125 th	Before 1930
VÍLSON	YES	43.319/605 th	Before 1930
WILSON	YES	188.800/169 th	Before 1930

Source: Prepared by the authors

Table 11 shows that, of the 37 names present in the list, 8 are allowed in Portugal: *Álison*, *Élson*, *Gerson*, *Nelson*, *Nélson*, *Nilson*, *Vilson*, and *Wilson*. It should be noted that, among the 29 names not allowed, some names are spelling variants that are not allowed, such as *Alison* and *Jerson*. Another important fact is that only the names *Dolson*, *Gilesson*, and *Misson* do not have significant frequency rates in Brazil, according to the IBGE site. Among the names whose search on the site yield results, only the form *Hédison* (spelling variant for *Edson*) has low popularity, certainly because there is a preferred form. The refusal to accept the name *Edson* as well as *Anderson*, *Edmilson*, *Emerson*, *Gilson*, *Jeferson*, *Joelson*, *Robson*, easily found names in Brazil, upholds

Portugal traditionalism and conservativeness. This strictness, it seems, goes beyond naming practices, and are quite associated with the feeling of a language (a pure language, in fact) Portugal has, and is not as noticeable in Brazil.

7 Final considerations

We believe the Brazilian anthroponymy neologistic phenomenon began to become generalized in the second quarter of the 20th century. This belief is based on knowledge of some important data: 1) firstly, the study of corpora with dates earlier than this period does not reveal a significant number of neologistic names that warrants considering the relevance of the phenomenon during these periods; 2) secondly, when we checked some innovative names in IBGE database, such as those names analyzed in this study, we identify they were first recorded, in general, after the 1930s.

Motivations for the accentuated increase in anthroponymic neologisms throughout the 20th century have yet to be properly investigated, but our hypothesis is that it is strongly linked to some important sociocultural aspects. First, we consider that, after the end of slavery, a populational mass is generated in search of their own identity construction, because they do not recognize themselves in the white oppressor matrix that had always named them, and that was responsible for expropriating their original names, their culture, and their languages. Thus, motivated by the search for their new own identity, these Brazilian Afro-descendants seek new naming forms that disassociated them from their past of submission to the white, Christian tradition.²⁹ The mandatory birth certificate was instituted during the same period, in January 1889, by Ordinance No. 10044, and, from then on, all cities in the country were supposed to be provided with at least one civil registrar office, removing from the Catholic Church's hands the prerogative to baptize and influence the choice of names. This certainly allowed citizens to have greater freedom in choosing the names to be used to register their descendants. Nevertheless, the popularity of neologistic names

²⁹ A similar phenomenon seems to affect the African-American population, as demonstrated by Lieberman and Mikelson, in their article "Distinctive African American Names: An Experimental, Historical, and Linguistic Analysis of Innovation" (1995).

in Brazil cannot be disassociated from media phenomena such as the emergence and expansion of the radio, between the 1920s and 1950s, of the movies, between the 1930s and 1960s and, after that, the emergence and popularization of television between 1950s and 1970s.

In analyzing names borrowed from English, the relations between Brazil and the United States, in a social, historical, and cultural context, must be understood. According to Galdioli (2008, p. 76-117), although Brazil was the first country in Latin America to have a North-American diplomat, and although the United States was the first country to acknowledge the Brazilian independence in 1824, the relationship between the two countries, during most of the 19th century was not very significant. This is a consequence not only of the Brazilian political alignment with Europe in the period, as well as of the North-American isolationism. The two countries became closer after Brazil became a Republic, in 1889, and adopted a posture is closer alignment with America, as an alternative to the country's international insertion from the American continent, and as a way to distance from the Empire and all it represented. However, during the 1930s this relationship becomes a closer one, because the Good Neighbor Policy, launched during President Roosevelt's term (1933-1945), indicates a new orientation of the North-American foreign policy for Latin America, designed to disseminate the 'American way of life', reconstructing the USA image with a friendly approach and using culture³⁰ as an instrument of soft power.

Therefore, the North-American cultural expansion, strengthened during the 30s, is certainly the primary reason why *X-son* formatives were introduced to us and admired to the point they were integrated to our anthroponymic system. North-American cultural influence in Brazil takes place mostly by means of the musical production, disseminated by the radio industry, in expansion in the country since the 1920s, and the movie industry.

During the 1930s, the North-American movie production established itself as large-scale industrial production, and this process affected Brazilian culture significantly. According to Bernardet (1979), the movie exhibition industry had been structured, in the country, between the years 1907 and 1910. However, after the 1930s, several commercial

³⁰ For our purposes here, 'culture' must be understood, as proposed by Sodré (1981, p. 3), as "the set of material and spiritual values created by mankind, in the course of its history."

agreements define that North-American movies enter Brazil free of duties and, since then, magazines specialized in movies were created and distributed throughout the country, popularizing Hollywood stars and legends. This means that access to information about North-American movies was not limited to those who could be in movie theaters, but also that news about movie characters and the actors who played them were also conveyed by our press. Therefore, we understand that, from that moment on, movie production and its advertisement aroused the admiration of Brazilian people for American heroes, romantic characters, and Hollywood stars, who set trends here.

Thus, some anthroponymic Anglicisms become accepted by the Brazilian population. An important aspect in this process is the English tradition to refer to an individual, in relative formality situations, by the surname. Therefore, characters or actors identified as *Mr. Anderson*, *Mr. Jefferson*, or *Mr. Robson* may have motivated the use of these surnames as forenames.

In short, we believe we have presented, in this study, an interweaving of highly important questions for understanding the neologistic phenomenon in Brazil. Our point of departure is the discussion about the meaning of proper names, followed by the understanding of the historical formation of patronymics in Portuguese and patronymics with the suffix *-son*, addressing its semantic displacement from 'son of', in its origin, to 'male name', in Brazilian Portuguese, providing analyses based on statistic data for its use in Brazil, and inferring morphological patterns from them. Finally, we observed the phenomenon from a chronological standpoint. Understanding the individual naming process as an extremely relevant cultural aspect, we proposed an analysis of *X-son* name that are or are not allowed in Portugal, promoting an inferred comparison between two cultures with the same language. Finally, we attempted to baste all this interweaving by proposing a consideration about anthroponymic neology in Brazil, and about how anthroponymic Anglicisms in *X-son* ended part being part of our personal onomastic system.

We concluded, thus, that formatives stemming from loanwords in *X-son* from the English language will play a relevant role in organizing the anthroponymic system in Brazil, pointing out that, in this process, the splinter *X-(e)ilson* seems to have been the first one to be incorporated to our personal onomastic scenario, as shown by the data analyzed here. Finally, we point out that analysis of dates referring to the names analyzed

here strengthens the hypothesis that the anthroponymic neology, in Brazil, is a phenomenon that became widespread during the first quarter of the 20th century.

References

ARTHUR, William. *An Etymological Dictionary of Family and Christian Names With an Essay on their Derivation and Import*. New York: Sheldon. Blakeman, 1857.

BARBOSA, A. Lemos. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951. 202 p.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema brasileiro: propostas para uma história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. Princípios teóricos de Toponímia e Antroponímia: a questão do nome próprio. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XI., 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. v. XI, p. 108-121.

CASTRO, Ivo. A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro: dados paulistas. In: AGRELO, A. I. B. (Org.). *Novi te ex nomine: estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer*. Coruña: Fund. Barrié, 2004. p. 245-256.

CASTRO, Ivo. Mais sobre antroponímia luso-brasileira: dados cariocas. In: MARQUES, Maria Aldina; KOLLER, Erwin (Ed.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Universidade do Minho, 2005. p. 45-52.

COISAS que só acontecem na Bahia. Available at: <<https://www.facebook.com/RIUSpiadasinteligentes/posts/878943255460329>>. Retrieved on: 17 out. 2017.

FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. Berkeley: University of California, 1971.

GALDIOLI, Andreza da Silva. *A cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança*. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP, UNICAMP, PUC-SP, São Paulo, 2008.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v.15, n. 1, p.169-199, 2012. Doi: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2012v15n1p169>

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016b.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2011. 231p.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEHRER, Adrienne. Prefix in English word formation. *Folia Linguistica*, Berlim, v. XXIX, n. 1-2, p. 133-148, 1998.

LEVINSON, Stephen C. Dêixis. In: _____. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges, Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIEBERSON, Stanley; MIKELSON, Kelly S. Distinctive African American Names: An Experimental, Historical and Linguistic Analysis of Innovation. In: _____. *American Sociological Review*, v. 60, n 6, p. 928-946, 1995. Doi: <https://doi.org/10.2307/2096433>

LISTA de aprovados dos vestibulares de 2016. Available at: <<http://www.vestibular.uneb.br/resultadovestibular2016.pdf>>. Retrieved on: 7 out. 2017.

LISTA de aprovados dos vestibulares de 2017. Disponível em: <http://www.vestibular.uneb.br/resultado_uneb_2017.2.pdf>. Acesso em: 7 out. 2017.

LISTA DE NOMES admitidos em Portugal. Atualizada em 31 mar. 2017. Available at: <http://www.irn.mj.pt/sections/irn/a_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/downloadFile/file/Lista_de_nomes2017-03-31.pdf?nocache=1491571447.75>. Retrieved on: 7 out. 2017.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 v. Lisboa: Horizonte; Confluência, 1981.

MENON, Odete Pereira. Sobrenomes no feminino e patronímicos em –ez (–es): perdas morfológicas em português. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v.13, n. especial, p. 65-81, 2013.

MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

MILL, John Stuart. *A system of logic ratiocinative and inductive*. New York: Harper & Brothers, Publishers; Franklin Square, 1846.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952. t. II.

NOMES NO BRASIL. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>. Acesso em: 29 out. 2017.

OLIVEIRA, Ana Cristina Rosito. *As formações X-nejo no português do Brasil: uma análise construcional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PINKER, Steven. O que há num nome? In: _____. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 320- 367.

PLATAFORMA Nomes no Brasil. Available at: <[https://censo2010. ibge.gov.br/nomes/#/search](https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search)>. Retrieved on: 7 out. 2017.

REANEY, Percy H.; WILSON, Richard Middlewood. *A Dictionary of English Surnames*. 3. ed. London; New York: Routledge, 2006.

RODRIGUES, Leticia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SEIDE, Marcia Sipavicius. Toponomástica e antroponomástica: paradigmas e métodos. *Confluência*, Rio de Janeiro, v. 44/45, p. 165-184, 2013.

SILVA, Irani Sacerdote de Souza. Antroponímia portuguesa: um breve estudo acerca dos sobrenomes no período medieval. *Voos: Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*, Guarapuava, PR, v. 4, n. 1, p. 31-40, 2012.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 2 v., 655f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; RODRIGUES, Letícia Santos. A neologia e os processos genolexicais em antropônimos brasileiros: um breve mapeamento de estudos realizados. *Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos*, Redenção, CE, v. 1, n.2, p. 110-127, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

SOLEDADE, Juliana. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes próprios personativos. In: LOBO, Tânia *et al.* (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 323-336.

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi-EIR-]Nj no português arcaico. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, v. 1, n. especial, 2013.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: Estudo toponímico de acidentes geográficos humanos e físicos do Acre*. 2007. 123f.. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SURNAMEDB. The Internet Surname Database. Available at: <<http://www.surnamedb.com>>. Retrieved on: 29 out. 2017.

SZYMANEK, Bogdan. The latest trends in English word-formation. In: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R. (Ed.). *The handbook of word-formation*. Netherlands: Springer, 2005. p. 429-448. Doi: <https://doi.org/10.1007/1-4020-3596-9>

TEIXEIRA, José. Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal. *Diacrítica*, Série Ciências da Linguagem, Universidade do Minho, Braga, v. 21, n. 1, p. 207-239, 2007.

THE INTERNET Surname Database. Available at: <<http://www.surnamedb.com>>. Retrieved on: 15 out. 2017.

ULLMANN, Stephen. Nomes próprios. In: _____. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. p. 148-165.

VASCONCELOS, José Leite de. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VIARO, Mário Eduardo. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 218 p.